RB136,531

*Presented to the*
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO
*by*

Dr. Antonio Gomes

Da Rocha Madahil

Digitized by the Internet Archive
in 2012 with funding from
University of Toronto

http://archive.org/details/memoriasparahist02soar

# MEMORIAS
## PARA A HISTORIA
## DE
# PORTUGAL,
## QUE COMPREHENDEM O GOVERNO
## DELREY
# D. JOAÕ O I.

# MEMORIAS
PARA A HISTORIA
# DE PORTUGAL,
QUE COMPREHENDEM O GOVERNO
DELREY
# D. JOAÕ O I.
*DO ANNO DE MIL E TREZENTOS E OITENTA e tres, até o anno de mil e quatrocentos e trinta e tres.*

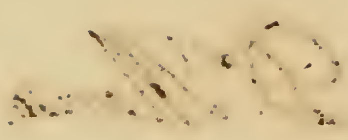
DEDICADAS A ELREY
# D. JOAÕ O V.
NOSSO SENHOR,
APPROVADAS PELA ACADEMIA REAL
da Hiſtoria Portugueza.

*ESCRITAS PELO ACADEMICO*
JOSEPH SOARES DA SYLVA.

TOMO SEGUNDO.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de JOSEPH ANTONIO DA SYLVA,
Impreſſor da Academia Real.

M. DCC. XXXI.
*Com todas as licenças neceſſarias.*



# INDEX
## DOS CAPITULOS, QUE CONTÉM este ſegundo tomo.


| | |
|---|---|
| CAPITULO CIII. | *EM que ſe faz memoria das Feſtas publicas, que houve, e trazem os Eſcritores, no reynado delRey D. Joaõ o I. pag.* 524. |
| CAP. CIV. | *Das obras publicas, que ElRey fez, Tribunaes, que erigio, e Religioens, que aceitou, pag.* 531. |
| CAP. CV. | *Em que ſe continûa a meſma materia, pag.* 536. |
| CAP. CVI. | *De algumas merces, e as mais principaes, que fez ElRey a muitas Igrejas, como tambem a varias peſſoas, durante o ſeu reynado, pag.* 543. |
| CAP. CVII. | *Sobre a meſma materia, pag.* 547. |
| CAP. CVIII. | *Dos Officiaes da Caſa delRey, e tambem de alguns Officios do Reyno, pag.* 553. |
| CAP. CIX. | *Dos Officiaes da Caſa da Rainha, e das criadas della, pag.* 558. |
| CAP. CX. | *Dos Confeſſores delRey, de que ſe acha noticia, e tambem dos da Rainha, pag.* 561. |
| CAP. CXI. | *Sobre a meſma materia, pag.* 566. |


CAP.

| | |
|---|---|
| CAP. CXII. | *Em que se traz a vida do Arcebispo de Braga D. Lourenço, pag. 569.* |
| CAP. CXIII. | *Em que summariamente se contém a vida do Cardeal D. João Affonso d'Azambuja, pag. 581.* |
| CAP. CXIV. | *Em que se falla na vida do Doutor João das Regras, e com especialidade no seu nascimento, e appellido, como cousa até aqui ignorada, ou controvertida, pag. 587.* |
| CAP. CXV. | *Em que se começa a vida do grande Condestavel Nuno Alvares Pereira, e nella especialmente se trata do preclaro da sua ascendencia, pag. 597.* |
| CAP. CXVI. | *Em que se trata do Priorado do Crato com o titulo do Hospital, pag. 609.* |
| CAP. CXVII. | *Em que se continûa a mesma materia, e se trata de Rhodes, e Malta, pag. 616.* |
| CAP. CXVIII. | *Em que se acaba o que toca ao Prior do Crato, até chegar a seu filho Nuno Alvares Pereira, pag. 621.* |
| CAP. CXIX. | *Dos que forão Condestaveis depois de Nuno Alvares, até o presente, e do que toca a esta dignidade, e ceremonias com que se confere, pag. 624.* |
| CAP. CXX. | *Do nascimento, e creação de Nuno Alvares, e como entrou no serviço delRey D. Fernando, e foy armado* |

Cavalleiro

*Cavalleiro pela Rainha D. Leonor, pag. 630.*

CAP. CXXI. *Como o Prior tratou de casar seu filho Nuno Alvares, e com quem; e o mais, que se passou até a sua morte, pag. 634.*

CAP. CXXII. *Como pela morte do Prior lhe succedeo no cargo seu filho Pedro Alvares Pereira, e sendo este Fronteiro do Alentejo, como o acompanhou Nuno Alvares; e de algumas acçoens suas de grande valor, e esforço, pag. 640.*

CAP. CXXIII. *Como Nuno Alvares veyo para o serviço do Mestre, e como no caminho o quiz prender a Rainha, e o que passou com sua mãy Eyria Gonçalves, quando veyo a Lisboa; e como o Mestre o fez do seu Conselho, e a inveja, que veyo a contrahir por estes, e outros favores, pag. 645.*

CAP. CXXIV. *De outras acçoens valerosas de Nuno Alvares no serviço do Mestre, pag. 648.*

CAP. CXXV. *Como o Mestre continuou em prevenirse para o sitio de Lisboa, que proximamente esperava; e como mandou Nuno Alvares governar a Provincia do Alentejo, pag. 650.*

CAP. CXXVI. *Como Nuno Alvares sahio de Lisboa,*

*boa, e passou à Outra Banda, pag. 654.*

CAP. CXXVII. *Como Nuno Alvares continuou a sua jornada até Montemôr o Novo, e outras Praças, e o que passou com os companheiros, quando duvidarão de entrar na primeira batalha, pag. 657.*

CAP. XXVIII. *Como Nuno Alvares marchou embusca dos Castelhanos, com os quaes veyo a encontrarse no sitio chamado dos* Atoleiros, *aonde se deu a primeira batalha, em que aquelles ficarão vencidos, pag. 662.*

CAP. CXXIX. *Como Nunes Alvares participou ao Mestre a noticia da vitoria, e como sahindo de Fronteira, foy sobre Monforte, e cobrou Arronches, e Alegrete, e outras terras; e da romaria, que fez a Nossa Senhora do Assumar, e do gosto que houve em Lisboa com estas noticias, pag. 667.*

CAP. CXXX. *Como Nuno Alvares, sendo chamado do Mestre para vir nas Galés do Porto, se deteve em Coimbra, aonde escapou de huma traição; e do mais que passou na jornada, pag. 669.*

CAP. CXXXI. *Como Nuno Alvares foy commettido com offertas de dinheiro por parte delRey de Castella, e o que obrou nisto,*

| | |
|---|---|
| | *nisto, e juntamente do encontro, que teve com os Castelhanos, aos quaes desbaratou, e tomou as prezas, pag. 672.* |
| CAP. CXXXII. | *Do mais, que obrou Nuno Alvares na Provincia do Alentejo, pag. 674.* |
| CAP. CXXXIII. | *Em que se continuaõ as acçoens de Nuno Alvares, pag. 677.* |
| CAP. CXXXIV. | *Como Nuno Alvares foy sobre a Villa de Almada, e a entrou, e saqueou, sem embargo da opposiçaõ do inimigo, pag. 682.* |
| CAP. CXXXV. | *Como Nuno Alvares, depois que El-Rey de Castella levantou o sitio de Lisboa, veyo fallar ao Mestre, e o que passou com elle, pag. 684.* |
| CAP. CXXXVI. | *Como Nuno Alvares tornou para o Alentejo, e cobrou a Villa de Portel, e o mais que nisto houve, pag. 687.* |
| CAP. CXXXVII. | *Como Nuno Alvares partio para Elvas, e mandou sahir da Cidade algumas pessoas em que teve sospeita, e como depois foy sobre Villa-Viçosa, pag. 691.* |
| CAP. CXXXVIII. | *Como Nuno Alvares veyo às Cortes de Coimbra, e dahi foy ao Porto; e naõ podendo fazerse o que ElRey lhe mandara, partio em romaria a Santiago de Galliza; e da pratica, que fez aos seus antes de partirem; e* |


* *como*

como de caminho cobrou alguns lugares, que estavão por Castella, pag. 694.

CAP. CXXXIX. Como o Condestavel continuando a sua jornada, teve ordem delRey para que voltasse a Braga, aonde se lhe rendeo o Castello, e depois o de Ponte de Lima; e como se achou na batalha de Aljubarrota, e depois indo para o Alentejo, fez huma entrada em Castella, pag. 699.

CAP. CXL. Em que se continûa a mesma materia, pag. 702.

CAP. CXLI. Em que se prosegue o mesmo, e se refere o grande perigo em que se vio o Condestavel, e a milagrosa vitoria, que alcançou, pag. 706.

CAP. CXLII. Como o Condestavel teve ordem delRey para o ir ajudar no sitio de Chaves; e do mais que obrou depois delle, não só em acçoens de valor; mas de Christandade, pag. 710.

CAP. CXLIII. Em que se continuaõ as acçoens do Condestavel, pag. 714.

CAP. CXLIV. Como o Condestavel repartio as terras, que ElRey lhe havia dado pelos Cavalheros, que com elle tinhaõ servido; e do que passou com ElRey, quando depois quiz tirarlhas, pag. 716.

CAP. CXLV. Como o Condestavel, depois que se

avistou

aviſtou com ElRey, puxando pelas ſuas gentes para entrar em Caſtella, ſoube, que os Caſtelhanos o haviaõ feito no Alentejo; e do mais, que depois diſto houve, pag. 725.

CAP. CXLVI. Como eſtando o Condeſtavel em Montemôr, o chamou ſegunda vez ElRey para o cerco de Tuy; e como ao meſmo tempo foy chamado de outras partes, e o que obrou neſta conſternaçaõ, e da carta, que eſcreveo ao Infante D. Diniz, pag. 733.

CAP. CXLVII. Do que obrou o Condeſtavel, depois que ſe apartou delRey, e das merces que eſte lhe fez, até caſar com ſua filha D. Brites ſeu filho natural D. Affonſo, pag. 737.

CAP. CXLVIII. Como eſtando o Condeſtavel em Villa-Viçoſa, ſoube da morte de ſua filha, e o que obrou depois diſto, até que ſe recolheo no Convento do Carmo, pag. 739.

CAP. CXLIX. Da vida, que o Condeſtavel fez depois de recolhido até ſua morte, pag. 742.

CAP. CL. Das fundaçoens do Condeſtavel, pag. 748.

CAP. CLI. Em que ſe continûa a meſma materia das ſuas fundaçoens, pag. 751.

CAP. CLII. Em que ſe referem outras acçoens heroicas da ſua vida, com a ſupplica

*para a sua Beatificação, pag. 755.*

CAP. CLIII. *Em que além do caracter do Condestavel, se refere o seu casamento, e filhos, que teve, com as copias de algumas cartas suas, pag. 761.*

CAP. CLIV. *De algumas acçoens famosas em armas de Vassallos Portuguezes, durante a guerra de Castella, e de algumas entradas, que naquelle Reyno se fizerão, pag. 764.*

CAP. CLV. *Sobre a mesma materia, pag. 770.*

CAP. CLVI. *Como Vasco Porcalho, depois que tornou para Villa-Viçosa, prendeo aleivosamente a Alvaro Gonçalves, e entregou a Praça a ElRey de Castella; e como depois Pedro Rodrigues combateo os Castelhanos, e livrou das suas mãos a Alvaro Gonçalves, pag. 775.*

CAP. CLVII. *Como depois disto livrou tambem Pedro Rodrigues a Alvaro Gonçalves, de que o prendesse Vasco Porcalho, e de outros successos mais entre estes dous Cabos, pag. 784.*

CAP. CLVIII. *Como Payo Rodrigues Marinho prendeo a Gil Fernandes d'Elvas, e da entrada, que este fez em Castella, com outros successos mais, pag. 790.*

CAP. CLIX. *Em que se trata assim da qualidade, e casamentos do Conde D. Pedro de Menezes,*

*Menèzes, Capitaõ, e Governador da Cidade de Ceuta, como das suas primeiras acçoens no dito governo, pag. 797.*

CAP. CLX. *Como o Conde se acautelou para outra sahida, e como fez cortar todas as arvores, que cercavaõ a Praça, e dos mais combates, que depois houve, pag. 802.*

CAP. CLXI. *Em que se continuaõ os assaltos, e sortidas da Praça, pag. 806.*

CAP. CLXII. *Em que se continûa a mesma materia, pag. 814.*

CAP. CLXIII. *Em que se prosegue o mesmo, p. 818.*

CAP. CLXIV. *Sobre a mesma materia, pag. 821.*

CAP. CLXV. *Em que se continûa a mesma, pag. 826.*

CAP. CLXVI. *Como se deu principio ao sitio de Ceuta, e as cousas que nelle houve, pag. 830.*

CAP. CLXVII. *Em que se continûa a mesma materia, pag. 834.*

CAP. CLXVIII. *Do que passou o Conde com os Mouros depois de retirados, pag. 838.*

CAP. CLXIX. *Em que se prosegue a mesma materia, até os Mouros levantarem o sitio, e chegarem os Infantes, pag. 844.*

CAP. CLXX. *Como os Infantes foraõ com o Conde para a Cidade, e o que depois obraraõ, pag. 851.*

CAP. CLXXI. *Como o Conde D. Pedro teve noticia*

de

*de que ElRey de Granada queria vir em pessoa sobre Ceuta, e porque naõ teve effeito esta resoluçaõ, pag.* 853.

CAP. CLXXII. *Como com a morte delRey de Granada se desvaneceraõ os seus intentos, e do choque, que houve com os Mouros, que vieraõ sobre a Praça, como tambem do recado, que o Conde mandou a Zalá Benzalá, e da sua primeira vinda a Lisboa, pag.* 856.

CAP. CLXXIII. *Como outra vez os Mouros vieraõ sobre Ceuta, e se retiraraõ com perda, pag.* 863.

CAP. CLXXIV. *De outros encontros mais, que houve com os Mouros, e do successo delles, pag.* 866.

CAP. CLXXV. *Em que se continûa a mesma materia, pag.* 872.

CAP. CLXXVI. *Em que se refere o mais, que houve nestes annos até a morte delRey; e como o Conde tornou a Lisboa, e ficou governando seu filho D. Duarte, pag.* 877.

CAP. CLXXVII. *Do que obrou D. Duarte em Ceuta, depois da morte delRey, e até a vinda de seu pay, pag.* 882.

CAP. CLXXVIII. *De alguns successos, que houve em Ceuta, depois que o Conde se recolheo a ella, pag.* 884.

CAP.

CAP. CLXXIX. *Em que se continûa a mesma materia, pag. 887.*

CAP. CLXXX. *Do mais que succedeo até a morte do Conde, pag. 894.*

CAP. CLXXXI. *Das cousas pertencentes ao mar, no governo do Conde D. Pedro, pag. 899.*

CAP. CLXXXII. *Em que se continûa a mesma materia, pag. 903.*

CAP. CLXXXIII. *Em que se prosegue a mesma materia, e successos do mar, pag. 908.*

CAP. CLXXXIV. *Em que se continûa a mesma materia, pag. 912.*

CAP. CLXXXV. *Em que se dá fim a esta materia, e se trata da má visinhança, que nos faziaõ os Castelhanos, e se nomeaõ alguns Portuguezes, que militaraõ em Ceuta, pag. 917.*

CAP. CLXXXVI. *Das primeiras Embaixadas a Inglaterra, pag. 921.*

CAP. CLXXXVII. *De outras Embaixadas mais a varios Principes, e algumas, que se mandaraõ a ElRey, pag. 929.*

CAP. CLXXXVIII. *Em que se coutinûa a mesma materia, pag. 935.*

CAP. CLXXXIX. *Em que se prosegue, e se dá fim à mesma materia, pag. 940.*

CAP. CXC. *Das tregoas, e pazes que houve com Castella, e as que se quebraraõ, pag. 947.*

CAP.

CAP. CXCI. *Em que se prosegue a mesma materia, pag. 952.*

CAP. CXCII. *Em que se continûa, e se dá fim à mesma materia das pazes com Castella, e se faz mençaõ da liga com Inglaterra, pag. 957.*

CaP. CXCIII. *Do que pertence às Cortes, pag. 965.*

CAP. CXCIV. *Como depois, que o Duque de Lancastre voltou para Inglaterra, deixando ajustada a paz com Castella, estabeleceo ElRey de Portugal algumas Leys, e o mais que obrou durante esta tregoa, pag. 967.*

CAP. CXCV. *Do castigo, que ElRey deu a Fernando Affonso, seu Camerista, por continuar no trato com huma Dama do Paço, depois de repetidos avisos, pag. 971.*

CAP. CXCVI. *Das Cortes, que ElRey de Castella fez em Guadalaxara, e o que se tratou nellas, pag. 973.*

CAP. CXCVII. *Da morte delRey de Castella, e de algumas cousas mais até a nova tregoa com Portugal, pag. 975.*

CAP. CXCVIII. *Como depois da tregoa com Castella, e ajustadas as differenças com o Condestavel, cuidou ElRey de Portugal outra vez no governo do Reyno, e como reformou a Casa Real, pag. 978.*

ERRA-

# MEMORIAS DELREY
# DOM JOAÕ O I.
## LIVRO II.
### INTRODUCÇAÕ.

TENDO acabado o primeiro volume das Memorias para a vida do grande Monarcha ElRey D. Joaõ o I. que me foraõ encarregadas ; e parecendo competente o corpo delle, até o fim das vidas dos Infantes ſeus filhos, me foy preciſo darlho com as Memorias dellas, e paſſar a eſcrever neſte ſegundo tomo, o que já naõ cabia no primeiro,

nem no primeiro livro, excedendo nesta parte o que determina o Systema, e aquella ordem, que por esta causa naõ tinha lugar nelle; e assim continuando a dos capitulos, paginas, e numeros, que justamente se seguem, e juntamente se mandaõ, referirey agora o que expoem este mesmo capitulo.

## CAPITULO CIII.

*Em que se faz memoria das Festas publicas, que houve, e trazem os Escritores no reynado delRey D. João o I.*

Festas na Cidade do Porto, depois da acclamaçaõ delRey.

582 QUando ElRey, depois de acclamado em Coimbra, foy para o Porto, aonde nunca tinha ido, os moradores o esperaraõ com grande alvoroço, mandando o Governador, e Senado, que no dia da sua entrada se naõ trabalhasse, e se abstivessem todos dos seus officios, que ainda sem este preceito os deixariaõ, levados da grande ancia, e desejo de vello. Por ordem dos mesmos, todas as naos, que na Barra se viaõ, tremolavaõ flamulas, e galhardetes, bandeiras, e estandartes, e armados de flores, e ramos, naõ só os barcos, que alli havia, mas os bateis, e lanchas, com pendoens levantados, discorriaõ o rio, suavizando os ares com o sonoro ruido das trombetas, e vestidos de branco os Remeiros, se coroavaõ de flores. Naõ estava menos vistosa a terra, que o mar, porque naõ só as portas das casas, mas as

ruas

ruas eſtavaõ cobertas de flores, e hervas cheiroſas, tecidas eſtas com ramos, de tal ſorte, que competindo cada morador com o que lhe ficava viſinho, até quando ſe igualavaõ, ſe excediaõ. Cobriaõ-ſe as paredes de tapeçarias, e armavaõ-ſe as janellas de cortinas. Nellas ſe viaõ Damas, e Senhoras, que a todo o cuſto veſtidas, e toucadas, faziaõ ſenaõ mayor, com melhores accidentes a ſua fermoſura. Paſſeava as ruas toda a Nobreza da Cidade, com galas de grande preço, e trazendo taõ compoſtos os corpos, ainda o eſtavaõ muito mais os animos. Era taõ grande o concurſo do Povo, que huns aos outros ſe atropellavaõ, para ſer cada hum o primeiro, que podeſſe ver a ElRey; mas de tal modo concorriaõ, que naõ chegava a ſer confuſaõ a meſma deſordem. Em muitas partes havia muſicas, e danças, e todo o genero de jogos, e artificios, que até no commum naõ perdiaõ a ſingularidade. A' porta por onde ElRey havia de entrar, que era a de Miragaya, depois que eſte atraveſſou o rio em huma Falua, e em diverſos bateis a ſua comitiva, o eſtava eſperando veſtido de Pontifical o Biſpo D. Joaõ, com o Cabido, e Clero, e juntamente o Senado da Camera, com veſtidos todos de guarniçoens de ouro, e prata. O delRey com ſer taõ cuſtoſo, ainda o fazia de mayor preço a Mageſtade da peſſoa. Todos os criados, e Fidalgos, que o acompanhavaõ, ſe competiaõ na grandeza das galas, e em fim tudo o que ſe via, era magnificencia. Chegando ElRey à porta, o Vereador mais antigo, com a attençaõ, e reſpeito devido, e coſtumado, lhe offereceo as chaves da Cidade, e pondolhe

nas mãos a vara, que trazia nas suas, como entaõ se praticava, lhe disse: *Tomay, Senhor, esta insignia, pela qual nos sogeitamos ao vosso dominio, e vos fazemos pleito homenagem de vos servir com vidas, e fazendas.* ElRey tendo sempre na maõ a vara, lhes agradeceo o obsequio, e lhes ratificou a observancia dos seus privilegios, reconhecendo-os por leaes Vassallos, e segurandolhes o premio de tantos serviços. Entaõ lhe beijaraõ a maõ todos, e com repetidas acclamaçoens, e vivas, foy conduzido aos Paços da Cidade, com grande vagar, e pausa, porque o concurso da gente, com obsequiosa ousadia naõ só o detinha, mas o embaraçava, sendo a primeira vez, que até a desattençaõ foy plausibilidade. As mulheres, que das janellas o viaõ, naõ só o acclamavaõ com vozes, mas o cobriaõ com flores, que dellas lhe lançavaõ, borrifadas assim com as aguas de cheiro, com que as diffundiaõ, como com as lagrimas, que destilavaõ os olhos com a alegria dos coraçoens. Chegando ElRey ao Paço, o foy ver D. Leonor de Alvim, mulher do Condestavel, a qual residia naquella Cidade, e elle a recebeo com a estimaçaõ, e agrado, que merecia a sua pessoa, e a de seu marido; e além das singulares honras, que lhe fez, lhe mandou a casa huma doaçaõ de varias terras, e jurisdicçoens, que constaõ do primeiro livro da sua Chancellaria. Na noite daquelle dia, e nas dos dous seguintes se fizeraõ fogos, e pozeraõ luminarias, e nestes, e em muitos outros, se repetiraõ os applausos, e continuaraõ as Festas, havendo assim de pé, como de cavallo, todas as que até alli se haviaõ praticado, e lhes ensinara ainda mais o amor, do que a arte.

Che-

583 Chegada a diſpenſaçaõ de Roma, e trazida a Infanta D. Filippa à Cidade do Porto, ſe deſtinou o dia da Purificaçaõ de Noſſa Senhora, 2. de Fevereiro de 1387. que entaõ ſe contavaõ 1425. da Era de Ceſar, para ſe celebrarem as vodas delRey, que entaõ tinha vinte e nove annos, e a Rainha vinte e oito; e aſſim tanto que eſte chegou de Guimaraens, aonde eſtava, os recebeo o Biſpo D. Joaõ, terceiro do nome, (que he ſó o que lhe dá o Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha, no ſeu Catalogo dos Biſpos do Porto, cap. 22. pag. 201.) e naõ D. Rodrigo, (como erradamente dizem muitos Authores) com a ſolemnidade, que cabia no lugar, e no tempo; e naõ tendo ElRey muito, pelo que havia miſter para os negocios da guerra, que taõ proximamente eſperava, determinou fazer dalli a doze dias a ſua entrada publica à Sé da meſma Cidade, para o que eſcreveo às peſſoas, a quem tocava acompanharemno neſta funçaõ, que eſtiveſſem prevenidas, e ſe diſpuzeſſe tudo o que era neceſſario para poder fazella; e da meſma ſorte deu logo conta às Cameras, e Magiſtrados das Cidades, e Villas dos ſeus Dominios, e tambem aos Biſpos, e Cabidos, para que nellas ſe feſtejaſſe, como deviaõ, taõ ſolemne acto; e aſſim meſmo ordenou logo a Caſa da Rainha, com os Officiaes, que ſe diraõ, com os delRey, nos capitulos 108. e 109.

Feſtas com que ſe celebraraõ as vodas delRey na meſma Cidade.

584 No dia deſtinado para funçaõ taõ celebre, que era huma quinta feira, 14. de Fevereiro do meſmo anno de 1387. ſahiraõ os Reys do Paço cuſtoſamente veſtidos, e coroados, fazendo-os ainda mais

ricos,

ricos, veſtidos, e Coroas, as muitas, e precioſas pedras de que huns ſe cobriaõ, e outras ſe eſmaltavaõ. Vinhaõ ambos montados em dous cavallos brancos; com precioſos jaezes; o em que hia a Rainha, levava de redea o Arcebiſpo de Braga, atraz da qual hiaõ a pé as Donas de Honor, e Damas, como entaõ ſe coſtumava, e a ElRey acompanhavaõ por ſua ordem todos os ſeus criados; precedendo a toda eſta comitiva trombetas, e atabales, e outros inſtrumentos, que confundiaõ ſuavemente os ouvidos, como igualmente deleitavaõ os olhos a variedade das galas, e o concerto das ruas. O concurſo da gente era tanto, que a penas podia paſſar o acompanhamento; e como era taõ perto dos Paços à Sé, ainda o fazia parecer mais numeroſo o breve do caminho. A' porta deſta, reveſtido em Pontifical, eſtava o Biſpo D. Joaõ com todo o Cabido, os quaes, debaixo de hum cuſtoſo Pallio, conduziraõ os Reys até a Capella môr, aonde dando eſtes a Deos as devidas graças, ſe cantou o *Te Deum*, e depois houve Miſſa, e Sermaõ, a que elles aſſiſtiraõ; e acabado tudo, voltaraõ outra vez com o meſmo acompanhamento, com que vieraõ, entre repetidas acclamaçoens, e vivas de todo o Povo, que naõ ſabia como dignamente podeſſe expreſſar o ſeu goſto, que juſtamente lhe perſuadia aquella celebridade; e aſſim muita parte delle ſe dividia em feſtivos bandos, e com danças, e muſicas hiaõ com vozes harmonicas, bem que rudes, exprimindo a ſua voluntaria, e preciſa alegria.

585 Chegando ElRey ao Paço, eſtavaõ as meſas poſtas,

poſtas, naõ ſó a em que eſtes haviaõ de comer, mas os convidados, porque ElRey quiz, que à ſua viſta comeſſem tambem com elle todas as peſſoas de diſtinçaõ, que o tinhaõ acompanhado; e aſſim houve huma grande profuſaõ de manjares em todas as meſas, ſervindo de Meſtre-Sala na delRey o meſmo Condeſtavel. O Duque de Lancaſtre, pay da Rainha, com a occaſiaõ, que ſe lhe offereceo de fazer huma entrada em Caſtella, naõ pode acharſe neſtas vodas, e como elle com eſta occupaçaõ ficou impedido, naõ pode vir a ellas a Duqueza, e aſſim naõ viraõ as Feſtas, que por eſpaço de quinze dias ſe fizeraõ naquella Cidade, aſſim de Juſtas, e Torneyos, como de todo o genero de divertimentos, que podiaõ caber na rudeza daquelles ſeculos, como já haviaõ feito nas que acabaõ de referirſe.

586 E porque ſe veja a fórma em que entaõ eraõ recebidos os Reys, indo a qualquer Cidade, ponhò neſte lugar a copia do aſſento, que ſe tomou na Camera de Lisboa, e he o ſeguinte. Como os Reys eraõ recebidos quando vinhaõ às Cidades.

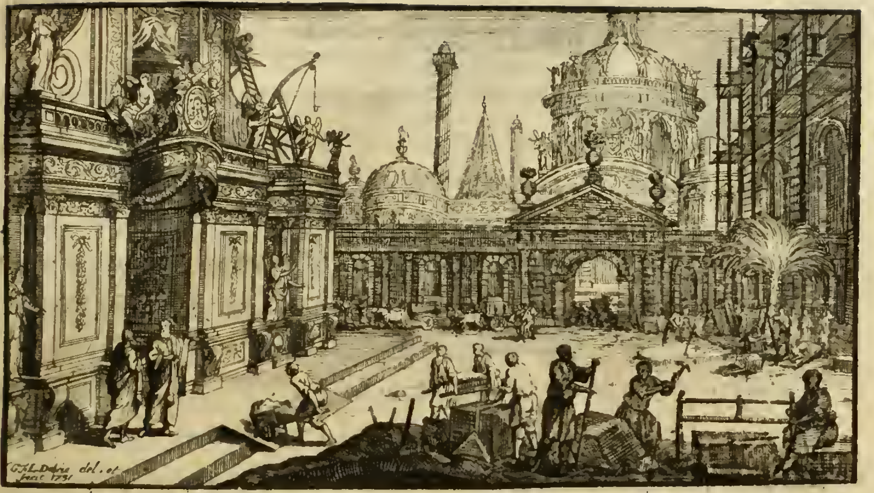
587 *Quando acontecer pelos annos, e tempos de vir ElRey à Cidade, ſerá recebibo pelos tres Vereadores, e Procurador, com ſuas varas, e o Eſcrivaõ da Camera com elles ſem vara, a ſaber; o Procurador diante, deſpejandolhe o caminho, e o Eſcrivaõ da Camera atraz delles, e aſſim os Juizes, e Almotaceis, Fidalgos, e Cavalleiros, e Povo, ſahiráõ com elles até Alvallade o pequeno, ou até o meyo de Alvallade o grande, e a cerca delRey ſe deſceráõ, e leixaráõ as varas, e os tres Vereadores, e Procurador, e Eſcrivaõ da Camera lhe iraõ beijar as mãos, primeiro aquelle dos Vereadores,*

*Vereadores, que ſahir por ſortes, e dos outros os que poderem, ſem outra mais arenga, e cerimonia; e deſta maneira quando vier por mar à Ribeira ſerá recebido ao caes, ſem outra ponte, ſalvo ſe ElRey o mandar.*

588 *E toda eſta regra, e ordenança ſe guardará à Rainha, ou Principe herdeiro, da primeira vez, que entrar na Cidade, ſalvo mandando ElRey o contrario, &c.*

589 Depois de tomada Ceuta, em todas as terras por onde ElRey paſſou, quando ſe recolheo para o Reyno, principalmente em Evora aonde ſe deteve, lhe foraõ feitas notaveis Feſtas, que ſummariamente ſe referem nos lugares em que ſe falla neſta jornada, como tambem ſe dizem nos a que tocaõ, as demonſtraçoens feſtivas, que ſe ſeguiraõ a alguns dos ſeus triunfos, e vitorias.

MEMO-



# MEMORIAS,
## EM QUE SE REFEREM AS FABRICAS
### Sagradas, e profanas, que foraõ fundaçaõ delRey.

## CAPITULO CIV.

*Das obras publicas, que ElRey fez, Tribunaes, que erigio, e Religioens, que aceitou.*

590 VENCIDA a celebre batalha de Aljubarrota, em acçaõ de graças da vitoria, mandou ElRey fazer nova Igreja a Nossa Senhora da Oliveira de Guimaraens, como consta do letreiro, que está defóra da porta principal da dita Igreja, e diz o seguinte, (como nesta mesma fórma o transcreve Gaspar Esta-

Nova Igreja de Nossa Senhora da Oliveira de Guimaraens.

ço nas *Antiguidades de Portugal*, pag. 178.) *Era de* M. CCCC XXV. *annos, ſeis dias do mes de Maio, foy começada eſta obra, por mandado delRey D. Joam, dado pela graça de Deos a eſte Reyno de Portugal. Eſte Rey Dom Joam houve batalha real com ElRey Dom Joam de Caſtella nos campos de Algibarrota, e foy della vencedor. E à honra da vittoria que lhe deu Santa Maria, mandou fazer eſta obra.* ( A Era acima reſponde ao anno de 1387.) Durou ella alguns annos, porque ſe moſtra em outro letreiro, que traz o meſmo Author, a pag. 182. que a Igreja fora Sagrada no anno de 1401: porque diz o que ſe ſegue: *Era de mil, e* CCCC XXXIX *annos*: XXIII *dias do mes de Janeiro : dia de Santo Ileſonſo : foi ſagrada eſta Egreſa : por mandado do mui nobre Rey don Johan de Portugal : e da mui nobre Rainha : dona Felipa ſua molher: filha del Duque de Lancaſtre : e : ſagroa o biſpo do Porto don Johan dazanbuia : eſta obra fez Johan Garcia meſtre.* Saõ palavras formaes de huma, e outra Inſcripçaõ, e verdadeiramente dignas de reparo, na variedade dos eſtylos, ou da ſua Ortografia, pois ſendo eſcrita a ſegunda quaſi quatorze annos depois da primeira, e como aſſim, devendo ſer mais apurada, ou polida, ſe experimenta o contrario; o que ſe póde attribuir mais à rudeza de quem a eſcreveo, que à do tempo em que ſe eſcreveo. Da fundaçaõ deſta Igreja trata tambem o Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha, no ſeu Catalogo dos Biſpos do Porto, parte ſegunda, pag. 217. e o Author da Corografia Portugueza, na ſua primeira parte, quando eſcreve da Villa de Guimaraens, na qual mandou tambem ElRey fazer algumas Torres,

em

em que se gravaraõ as suas Armas; como refere o mesmo Estaço, a pag. 186. e em fim esta Igreja de Nossa Senhora de Guimaraens permaneceo assim até o anno de 1670. em que ElRey D. Pedro o II. a mandou reedificar de fabrica moderna, como ao presente se acha.

591 Além desta obra, ou antes que lhe désse principio, começou ElRey a delinear, e a dispor a principal da sua grandeza, e da sua gratidaõ, que he a celebre Igreja, e Mosteiro de Nossa Senhora da Vitoria na Villa da Batalha, que veyo a tomar o nome da que ElRey D. Joaõ teve com o de Castella nos campos de Aljubarrota, cuja famosa obra he, e tem sido assumpto das bem aparadas pennas dos nossos Escritores, principalmente do Padre Fr. Luiz de Sousa, na primeira parte da Historia de S. Domingos, e do Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes, no fim da vida delRey D. Joaõ o I. aonde diffusa, e concisamente se competem ambos na elegancia, individuaçaõ, e clareza com que a descrevem, aos quaes me refiro, e remetto os Leitores, por naõ fazer menos plausivel, ou menos estimavel esta magnifica, e sumptuosa fabrica, com o grosseiro das minhas expressoens; e só direy de mais, que foy Mestre della hum Irlandez, que entaõ vivia em Vianna de Caminha, e se chamava David Aquete, como traz Fr. Antonio de Madureira, Frade Dominico, e insigne Genealogico, em humas Memorias suas.

A Igreja, e Mosteiro da Batalha.

592 Fundou tambem, ou renovou ElRey, em desempenho da sua promessa, e da sua generosidade a

A Igreja de Noſſa Senhora da Eſcada.

Igreja de Noſſa Senhora da Eſcada, junto à de S. Domingos de Lisboa, de que era devotiſſimo, continuando ao meſmo tempo, além de outras Caſas de devoçaõ, eſtes tres Sagrados padroens da ſua religiaõ, e da ſua piedade, em premio da qual, parece, que milagroſamente contribuhia mais alta Providencia, pois quando as deſpezas da guerra tinhaõ conſumido os erarios, ſe viaõ em tantos edificios Sacros renaſcer os theſouros.

Doaçoens, que ElRey faz aos Frades Dominicos.

593 Mas antes que paſſe a outras fabricas ſuas, me he preciſo dizer as muitas, e grandes doaçoens, que ElRey fez aos Frades Dominicos. Deulhe primeiramente o ſumptuoſo Convento da Batalha, em que ſe falla acima, à inſtancia de Fr. Lourenço Lamprea, ſeu Confeſſor, e do Doutor Joaõ das Regras, como elle meſmo declara em huma verba do ſeu teſtamento, que tranſcreve Fr. Luiz de Souſa na ſua Hiſtoria de S. Domingos, primeira parte, liv. 6. cap. 12. aonde tambem traz a copia da doaçaõ do dito Convento, feita no Porto, em 4. de Abril da Era de 1426. que reſponde ao anno de 1388. Depois deſta, fez El-Rey outra doaçaõ aos meſmos Religioſos, a rogos de Fr. Vicente de Lisboa, Provincial, que tinha ſido da Provincia de Heſpanha, e tambem ſeu Confeſſor, e do meſmo Joaõ das Regras, que foy a dos ſeus Paços, e a Quinta de Bemfica, para ſe fundar nella outro Moſteiro, como conſta de outra copia, que traz o meſmo Author, na ſegunda parte da meſma Hiſtoria, liv. 2. cap. 2. a qual doaçaõ foy feita em 22. de Mayo da Era de 1437. que vem a ſer o anno de 1399. e ſe guarda no

Archivo

Archivo do dito Convento; aonde tambem ſe acha gravada em huma pedra, que eſtá na parede da caſa da Portaria, a memoria deſte beneficio; havendo antes dado favor, e ajuda a D. Joaõ Eſteves da Azambuja, entaõ Biſpo do Porto, para a fundaçaõ do Moſteiro do Salvador em Lisboa, que he de Freiras Dominicas, dandolhe juntamente o Padroado da dita Igreja, que até alli era da Coroa, como ſe moſtra na Proviſaõ deſta merce, que traslada o meſmo Eſcritor, na meſma ſegunda parte da ſua Hiſtoria, liv. 1. cap. 3. a qual ſe fez em Leiria no primeiro de Julho da Era de 1429: que he o meſmo, que o anno de 1391. e do que toca à fundaçaõ deſte Moſteiro do Salvador, trato mais largamente na vida deſte Prelado, cap. 113. num. *672.*

594 Deu mais ElRey aos Frades Dominicos para ſua habitaçaõ aquella Meſquita de Ceuta, em que elle ſe recolheo, logo que ganhou a Cidade, na qual depois de purificada, fundaraõ os ditos Padres o Moſteiro de S. Jorge, como infere o meſmo Fr. Luiz de Souſa das palavras do Chroniſta, a pag. 114. da ſegunda parte da ſua Hiſtoria, aonde tambem declara o nome de alguns Religioſos, que lá ficaraõ, e eraõ dos que tinhaõ ido com ElRey na meſma Armada, todos ſogeitos de grande graduaçaõ, e que haviaõ occupado os principaes cargos da Ordem; a qual permaneceo naquella Cidade cento e ſeſſenta annos, até o de 1575. em que ElRey D. Sebaſtiaõ mandou paſſar para o Convento da Santiſſima Trindade de Tangere, os Religioſos de S. Jorge de Ceuta, vindo entaõ aquelles para o que eſtes largaraõ, o que ſe fez com effeito, e igual-

igualmente deixaraõ as Casas, como já no anno de 1546. havia pertendido ElRey D. Joaõ o III. e se tinha assentado em hum Capitulo geral da mesma Ordem, celebrado em Roma no dito anno.

595 Deu tambem ElRey o seu beneplacito para a fundaçaõ do Convento de S. Domingos de Villa-Real, por Provisaõ sua, passada em Almeirim, aos 20. de Novembro do anno de 1421. que vem a ser a Era de 1459. a qual traz copiada o mesmo Author, no fim do cap. 16. da segunda parte da sua mesma Historia; sendo taõ grande a devoçaõ delRey para com este Habito, que o fez repetir taõ generosos actos de piedade.

---

## CAPITULO CV.

*Em que se continûa a mesma materia.*

596 ALém destas Sagradas fabricas, fez ElRey outras sumptuosas obras; comprou às Freiras de Odivellas por oito mil livras, estando avaliada em sete mil, a terra em que se fundou o Convento da Carnota, junto de Alemquer, a qual deu aos Religiosos de S. Francisco para este mesmo fim, no anno de 1408. como diz Fr. Manoel da Esperança, na sua Historia Serafica, liv. 1. cap. 11. parte segunda, pag. 543. E quando veyo da conquista de Ceuta, deu ao dito Convento doze columnas de Jaspe, que de lá trouxe, e saõ as que estaõ, com outras, sustentando os arcos do Claustro, como diz o mesmo Historiador, a pag. 546.

Dá aos Religiosos de S. Francisco a terra em que se funda o Convento da Carnota.

Dalhe mais doze columnas de Jaspe.

546. o qual diz tambem, que elle naõ ſó confirmara aos ditos Religioſos todas as graças, e privilegios, que lhes haviaõ concedido os Reys ſeus predeceſſores, mas que lhes concedera outras muitas de novo: e ainda que eſte meſmo Eſcritor, fundado em huma Eſcritura daquelle tempo, na qual ſe moſtra, que corriaõ nelle humas *Livras* pequenas, ou *Livrinhas*, das quaes tres e meya faziaõ hum real, infere, e entende, que eraõ de menos valor as que ElRey deu pela compra da terra da Carnota, iſto, com licença de Author taõ famigerado, he huma illaçaõ com grande incoherencia, porque o correrem entaõ eſſas *Livras* pequenas, naõ tira que tambem correſſem as mayores, como he certo que corriaõ, conforme os Eſcritores todos, que trataõ das moedas daquelle tempo, e ſegundo os Documentos daquelles annos; as quaes valiaõ cada huma trinta e ſeis reis, ainda as de menos pezo, como diz Manoel Severim de Faria, nas Noticias de Portugal, a pag. 192. porque ElRey até às que diminuhio o pezo, naõ abateo o valor; quanto mais, que eſte abatimento de humas, e diminuiçaõ de outras, foy no mayor aperto da guerra, e naõ no tempo em que havendo ceſſado eſta, e ſendo já morto ElRey D. Henrique, ſe tratava com mais firmes eſperanças a paz, e podia mais livremente cuidar ElRey em continuar as ſuas acçoens generoſas, e magnificas, que tinha exercitado; e naõ he de crer, que quando obrava tantas, ſó concorreſſe com a quantia de dous mil, duzentos, oitenta e ſeis reis, para comprar aquellas terras, nem que ellas cuſtaſſem taõ pouco, ſendo taes, que Duarte Nunes de Leaõ,

Confirmalhe os ſeus privilegios, e lhe dá outros de novo.

Leaõ, na Chronica do meſmo Rey, a pag. 399. diz dellas eſtas formaes palavras: *Obra delRey D. Joaõ foy tambem o Moſteiro da Carnota, termo de Alemquer, da Ordem de Saõ Franciſco, para o que comprou às Freiras de Odivelas aquella grande, e antiquiſſima Mata de Arvores Silveſtres, que parece começou com o meſmo Mundo.* Do que tambem ſe colhe, que foy fundaçaõ ſua eſta Igreja, e Moſteiro, ainda que nos ſeus principios, taõ limitados, pois por lhe dar ſó o chaõ, naõ diſſera eſte Eſcritor, que fora obra ſua.

Funda o Convento de S. Franciſco de Leiria, e o de Penhalonga de Frades Jeronymos.

597 Fundou mais ElRey o Convento de S. Franciſco de Leiria, e o de Penhalonga da Ordem de S. Jeronymo; e eſte foy o primeiro, que deſta Religiaõ houve neſte Reyno, como diz o meſmo Duarte Nunes, na Chronica citada.

Admitte no Reyno os Frades Loyos.

598 Admittio tambem nelle os Conegos Seculares de S. Joaõ Euangeliſta, chamados commummente de Santo Eloy, ou Loyos, que o Padre Fr. Antonio da Purificaçaõ, na primeira parte da ſua Chronica Auguſtiniana, a pag. 62. verſ. quer que aſſim ſe chamaſſem da Ermida de Santo Elegio, que ElRey lhes dera para ſua primeira Caſa, que outros dizem fora merce do Infante D. Pedro; o certo he, que eſta fundaçaõ foy no anno de 1420. e no tempo delRey, como trazem todos os Hiſtoriadores.

Edifica o Convento de Santa Clara do Porto.

599 Edificou o Convento de Santa Clara do Porto, dentro na Cidade, para onde ſe trasladaraõ as Freiras de *Entre ambos os Rios*, por Breve do Papa Joaõ XXII. impetrado pelo Meſtre Fr. Joaõ Xira, Confeſſor delRey, a cuja inſtancia (lembrado tambem da

reco-

recomendaçaõ, que a Rainha ſua mulher lhe fizera, antes da ſua morte) ſe reſolveo a fundallo, e nelle lançou a primeira pedra aos 8. de Março do anno de 1416. (que entaõ ſe contava pela Era de 1454.) e depois delle os Infantes, e o Biſpo, que entaõ era D. Fernando da Guerra, havendo antes huma Prociſſaõ ſolemne, que ElRey acompanhou, e depois Miſſa, e Sermaõ, a que aſſiſtio, dita huma pelo Biſpo de Marrocos, e prégado outro pelo de Mayorga, como tudo conſta da Carta delRey, paſſada ao dito Moſteiro para ſeu titulo, e feita em Cintra, aos 20. de Mayo do dito anno, que traz copiada o Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha, na ſegunda parte do Catalogo dos Biſpos do Porto, a pag. 240. & ſeqq.

600 Confirmou a Carta delRey D. Fernando para a fundaçaõ do Convento de *Santa Clara de Porto Alegre*; como diz Fr. Manoel da Eſperança na ſua Hiſtoria Serafica, parte ſegunda, liv. 10. cap. 14. pag. 385. Confirma a fundaçaõ de Santa Clara de Porto Alegre.

601 Quando ſe perdeo o Cartorio do Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra, com a inundaçaõ, que houve em 14. de Junho de 1411. hum Domingo de tarde, dia do Corpo de Deos naquelle Convento, ElRey lho mandou reformar à ſua cuſta, ordenando lhe déſſem todo o credito como aos originaes, e lhe confirmou ao Moſteiro todas as merces, que lhe tinhaõ feito os Reys ſeus anteceſſores, como ſe lê na Chronica dos Conegos Regrantes, liv. 9. pag. 247. Reforma o Cartorio de Santa Cruz de Coimbra, e lhe confirma todas as merces.

602 Fez tambem a Capella môr da Sé Oriental de Lisboa, e naõ a podendo deixar acabada em vida, Faz a Capella môr da Sé Oriental de Lisboa.

antes da ſua morte, deu ao Cabido a importancia da obra, como ſe diz no capitulo em que ſe trata da ſua morte, e ſepultura, e refere na ſua vida Duarte Nunes a pag. 397. Ruy de Pina na delRey D. Duarte, e outros Authores.

603 Além deſtas obras Sagradas, fez outras ainda que profanas, naõ menos magnificas, e mageſtoſas, quaes foraõ os quatro Palacios de Lisboa, Santarem, Cintra, e Almeirim, que ainda permanecem, como mudos teſtemunhos da ſua grandeza; e fóra deſtas, fez outras Caſas de campo, que por menores naõ individuaõ os Eſcritores; e que he ſem duvida haviaõ de correſponder ao ſeu grande animo, do qual foy tambem parto a *Rua Nova*, que fez no Porto, obra taõ nobre, e de que ElRey tanto ſe pagava, que lhe naõ chamava ſenaõ a ſua *Rua fermoſa*; como diz o Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha no Catalogo dos Biſpos do Porto, parte primeira, pag. 17. referindo-ſe a muitas Eſcrituras antigas, em que aſſim ſe nomea.

Faz quatro Palacios.

Fez a Rua Nova do Porto.

604 Inſtituhio o Tribunal da Relaçaõ, elegendo para Regedor huma peſſoa taõ egregia, como D. Fernando da Guerra, que havia ſido Biſpo do Porto, e Chanceller mór, e depois Arcebiſpo de Braga, e era biſneto delRey D. Pedro, e de D. Ignez de Caſtro, porque ſeu pay D. Pedro da Guerra, era filho do Infante D. Joaõ, e como tal ſobrinho delRey; e como eſte os Paços em que entaõ vivia, eraõ os do Limoeiro, ahi meſmo quiz, que foſſe a Caſa deſte grande Tribunal, em que elle aſſiſtia muitas vezes.

Inſtitue o Tribunal da Relaçaõ.

605 Erigio em Metropolitana a Sé de Lisboa, por

Faz Metropolitana a Sé de Lisboa.

por Bulla de Bonifácio IX. paſſada no anno de 1390. como diz o Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha no ſobredito Catalogo, parte ſegunda, pag. 218. referindo-ſe a Auberto Mireus, e Duarte Nunes, o que tambem diz Fernaõ Lopes, na Chronica deſte Rey, a pag. 333. da ſua ſegunda parte; a quem ſeguem mais alguns Hiſtoriadores, ainda que outros querem, que eſta erecçaõ naõ foſſe no anno de Chriſto de 1390. ſenaõ no de 1393. que reſponde à Era de Ceſar de 1431. o que he mais veroſimel, pois o anno de 90. foy o ſegundo do Pontificado de Bonifacio IX. em que ElRey impetrou o Breve, que havia tantos procurava, para ſer diſpenſado da ſua Profiſſaõ, e illegitimidade, e poder conſervar a Coroa, como dizem ſem heſitaçaõ todos os Eſcritores; e neſta ſupplica he tambem ſem duvida, que naõ entrou eſta graça, pois naõ era ainda tempo de pertendella; quanto mais, que com a meſma Bulla ſe convence eſte engano, pois nella ſe naõ falla em tal erecçaõ, que ou foy no anno de 1393. como dizem alguns, ou depois de paſſado o de 96. que ainda, que o naõ digaõ, preciſamente ſe infere, pois neſte ſe tomou Badajoz aos Caſtelhanos, e os Authores todos, que fallaõ neſte Arcebiſpado de Lisboa, lhe fazem ſuffraganeo o Biſpado de Badajoz, e os de Evora, e Sylves, e mal podia ſerlhe ſogeito, o que ainda ſe achava em outro dominio, como tambem antes pertencia ao de Merida, e depois ao de Braga o Biſpado de Lisboa. Foy pois o ſeu primeiro Arcebiſpo D. Joaõ Eſcudeiro, que já era Biſpo da meſma Dioceſi, o qual pelo ſeu grande valor foy tambem chamado Cavalleiro, ſendo

nelle igual o esforço à doutrina; naõ menos famoſo pelas armas, que pelas letras. Era natural de Lisboa, e filho de pays nobres, e eſtá ſepultado na ſua meſma Cathedral, na Capella de S. Sebaſtiaõ, com o ſeguinte Epitafio, que tranſcreve o Padre Antonio Carvalho, no terceiro tomo da Corografia Portugueza: *Aqui jaz D. Joaõ, primeiro Arcebiſpo de Lisboa, paſſou a 30. de Mayo, era de 1440. governou eſta Igreja 18. annos, e dez mezes, ſendo Summos Pontifices Urbano VI. e Bonifacio IX. Rey de Portugal Dom Joaõ o primeiro de boa memoria.* Com o qual fica em mayor duvida o anno da erecçaõ deſte Arcebiſpado, pois ſendo o primeiro Arcebiſpo de Lisboa D. Joaõ Eſcudeiro, e morrendo eſte no anno de 1402. que he o que reſponde à Era de 1440. havendo governado a Igreja quaſi dezanove annos, veyo a entrar nella no de 1383. e naõ podia ſer com Bulla de Bonifacio IX. que ſobio ao Summo Pontificado no anno de 1389. com que havendo taõ ſolidos fundamentos para ſe entender, que eſta erecçaõ foy depois do anno de 96. ou pouco antes, venho a perſuadirme haver algum engano no ſeu Epitafio, ou na copia delle.

MEMO-

G. F. L. Debrie, inv. et fecit 173

# MEMORIAS,
## EM QUE SE TRATA DE VARIAS doaçoens delRey.

### CAPITULO CVI.

*De algumas merces, e as mais principaes, que fez ElRey a muitas Igrejas, como tambem a varias pessoas, durante o seu reynado.*

606 GANHADA a famosa vitoria nos campos de Aljubarrota por ElRey D. Joaõ o I. de Portugal, começou este logo a usar da sua natural liberalidade, gratificando a Deos, e aos homens taõ continuados beneficios, e soccorros; e assim repartio pelas Igrejas principaes do Reyno os despojos da vitoria: deu

O que ElRey dá ao Mosteiro de Alcobaça.

deu ao Mosteiro de Alcobaça huma notavel Cruz de cristal, com dous castiçaes do mesmo, que eraõ da Capella delRey; outra Cruz de metal dourada; hum grande livro escrito em pergaminho, e encadernado em pasta, chapeada de bronze, e abertas nas chapas as Armas Reaes de Castella, e Leaõ, o qual continha os primeiros livros da Biblia até os Profetas menores; e na ultima folha delle diz o Padre Fr. Manoel dos Santos, na sua Alcobaça Illustrada, e tambem na oitava parte da Monarchia Lusitana, aonde a transcreve tambem na ultima folha, que está huma Memoria, que relata isto mesmo; como tambem refere, que o outro livro, em que se continuavaõ os da Biblia, até o do Apocalypse, e que era irmaõ deste, o levara o Condestavel; e se assim foy, deviaõ de dividirse estes corpos, sem attenderse à alma delles, porque de outra sorte mal podia permittir ElRey, nem o Condestavel, que se separasse huma indivisa, e taõ Sagrada obra. Deu mais ElRey a este Mosteiro huma grande quantidade de armas daquelle tempo, assim offensivas, como defensivas, e nove mulas para o serviço da Casa. Deulhe tres grandes caldeiras para o mesmo serviço, e a mayor dellas he a que está no Claustro, e em que se falla no cap. 255. num. 1424. e 1425.

*Monarch. Lusit. oitav. part. pag. 789.*

O que dá a Nossa Senhora da Oliveira de Guimaraens.

607 Quando entaõ foy em romaria a Nossa Senhora da Oliveira de Guimaraens, se mandou pezar a prata, assim mesmo armado, e a deu toda de offerta à Senhora, como dizem os mais dos Escritores, que delle trataõ, da qual se fizeraõ as peças, que refere Gaspar Estaço, no cap. 48. das *Antiguidades de Portugal*,

*gal*, a pag. 178. ainda que o Padre Antonio Carvalho, refutando a Eſtaço neſta parte, dizendo o contrario, vem a dizer o meſmo, a pag. 32. do primeiro tomo da *Corografia Portugueza*, a quem ſegue Fr. Domingos Teixeira, na *Vida do Condeſtavel*, e outros muitos Authores; porque eſtes ſe fundaõ em que as peças, que diz Eſtaço, principalmente o Preſepio, e os Anjos, já eſtavaõ feitas, e foraõ tomadas na tenda delRey de Caſtella, e eraõ das com que a ſua Real Capella ſe adornava, e que de alguns Anjos, que ſe deſmancharaõ, he que ſe fizeraõ as do ſerviço da Igreja, que baſtantemente ſe diſtinguem no feitio dellas, inferindo daqui, que ou ElRey ſe naõ pezara a prata, ou a naõ dera para eſta obra; argumento, que em ſi meſmo ſe convence, porque negando os meyos, vay dar no meſmo fim, confeſſando, que ElRey a dera, ou feita, ou por fazer; e ſendo ella tanta, como todos referem, bem podia ſer equivalente pezo ao corpo delRey, e às armas brancas de que ſe veſtia, como todos dizem: quanto mais, que quem acabava de dar huma batalha, para que puxara todas as forças do Reyno, ainda que poucas, e em que tinha feito tantas deſpezas, naõ podia ajuntar, nem poderia deſcobrir tanta prata, que fizeſſe ſemelhante equilibrio; e aſſim com dar a que tomara, ſatisfazia à gratidaõ, e à promeſſa, e ſer eſta, ou aquella prata, naõ contradiz, nem encontra a aſſerſaõ dos Hiſtoriadores, que dizem, que elle ſe pezara armado, primeiro que a déſſe, nem diminue o credito de Author taõ ingenuo como Eſtaço, o fazerem-ſe as peças, ou eſtarem já feitas, quando El-

Rey

Rey as deu à Senhora , pois he certo que as dera.

608 Deu à mesma Igreja varios ornamentos ricos, e concedeo aos Conegos da sua Collegiada o foro de seus Capellaens, e ao Prior, Cabido, e seus familiares outras merces, que constaõ de huma Carta sua, feita em Guimaraens aos 7. de Novembro da Era de 1423. que refere este mesmo Author , a pag. 179.

609 Depois disto, sendo ElRey mordido de hum cão damnado , prometteo à mesma Senhora da Oliveira, se o livrasse daquelle perigo, fazerlhe segunda romaria, com a mesma offerta de prata, que com effeito cumprio, tanto que a Senhora o livrou.

610 Antes da sua primeira entrada em Castella, fez outra vez a mesma romaria, e postas sobre o Altar da Senhora as suas armas, lhe votou o valor dellas, que arbitrado em dez marcos de prata, lhe satisfez logo, e com excesso mandando darlhe onze; e quando voltou para Portugal, foy de caminho dar as graças à Senhora, e sempre a pé, ainda na distancia de trinta, e quarenta legoas, como foraõ as primeiras romarias.

611 Naõ tendo lugar de ir visitar a Senhora antes da jornada de Ceuta, assim que chegou della, foy logo gratificarlhe com obsequios, e dadivas, taõ continuos beneficios, que todos confessavaõ dever ao seu efficaz patrocinio, e em cuja attençaõ, e reconhecimento, nunca consentio, nem ainda no mayor aperto, que se tomassem bestas, ou carros do serviço da Igreja, nem se prendessem para a guerra as pessoas, que diziaõ respeito ao mesmo serviço, conservandolhe sempre

pre os ſeus grandes privilegios, até na mayor neceſſidade.

612 Com outras muitas Igrejas exercitou ElRey a ſua devoçaõ, e a ſua munificencia em todo o diſcurſo da ſua vida, na qual foy ſempre o ſeu primeiro objecto a virtude da religiaõ.

---

## CAPITULO CVII.

*Sobre a meſma materia.*

613 LOgo depois da batalha de Aljubarrota, começou tambem ElRey a uſar da ſua generoſidade com os que o ajudaraõ a ganhalla, premiando a todos, ſenaõ conforme os ſeus merecimentos, ſegundo a ſua poſſibilidade; e para ſupprir eſta, tomou o arbitrio de repartir por eſtes os bens confiſcados; e como entre todos os ſeus Vaſſallos era o mais benemerito o grande Condeſtavel, foy com elle mais liberal o ſeu agradecimento, e aſſim lhe fez a doaçaõ, que vay copiada a Documentos, num. 28. e foy a mais ampla, que até aquelles tempos ſe tinha viſto, a qual tambem refere Fernaõ Lopes, no cap. 52. da ſegunda parte da vida deſte Principe.

Merces que ElRey fez a peſſoas particulares.

A Nuno Alvares Pereira.

614 Além deſta doaçaõ, lhe fez outras, com a meſma largueza, que conſtaõ dos livros da ſua Chancellaria, aonde eu as lî, e lhe confirmou todas as merces, que lhe tinha feito, como ſe vê na Carta de Confirmaçaõ a Documentos, num. 29. e tambem pontual-

mente observou a palavra, que lhe dera, de naõ fazer em sua vida outro Conde, quando lhe deu o titulo de Ourem, e assim para elle poder dotar o de Barcellos a sua filha D. Brites, quando casou com D. Affonso, filho natural delRey, foy necessario, que elle lho pedisse, e este o dispensasse, como se diz no dito casamento, cap. 46. num. 301. Fello tambem seu Mordomo môr, e do seu Conselho, que hoje chamamos de Estado, e lhe deu pleno, e absoluto poder na Provincia do Alentejo, e Reyno do Algarve, para premiar, e castigar como lhe parecesse, independente dos avisos da Corte, de cujo superior, e com razaõ cargo singularissimo, se escusou elle mesmo, querendo antes ceder daquella authoridade, que ou pôr em perigo a justiça, ou grangear com ella tantas inimizades, quantas póde temer quem sempre sabe usalla.

A Joaõ Rodrigues de Sá.

615 Como ElRey olhava para os grandes serviços, naõ podia esquecerse dos de Joaõ Rodrigues de Sá, fazendolhe as merces, que se referem no cap. 229. num. 1278. e que depois confirmou a seu filho, como consta da Carta de doaçaõ, que vay junta a Documentos, num. 30.

Ao Doutor Joaõ das Regras.

616 Ao Doutor Joaõ das Regras fez ElRey repetidas merces, que constaõ das muitas doaçoens, e Cartas, que se achaõ registradas nos livros da sua Chancellaria, que estaõ na Torre do Tombo; todas bem merecidas de hum Vassallo, que com as suas letras, e conselho, lhe soube ajudar a pôr na cabeça a Coroa, e que igualmente concorreo depois para a poder segurar, e reger.

Ao

617 Ao Conde D. Pedro de Menezes, Governador de Ceuta, quando no anno de 1424. veyo a Lisboa, além das muitas, e particulares honras, que lhe fez, lhe deu o titulo de Villa-Real, e às pessoas, que o acompanharaõ, despachou conforme mereciaõ; sendo tal a sua magnanimidade, que naõ só perdoava, mas premiava até aos que lhe eraõ mais ingratos, e menos leaes, como fez tantas vezes ao Prior do Crato, Alvaro Gonçalves Camelo, cujas merces saõ sem numero nos livros da mesma Chancellaria.

Ao Conde D. Pedro de Menezes.

Ao Prior do Crato.

618 As muitas, e varias, que estes contém, sendo cinco, naõ podem resumirse, nem contarse, nem ainda só as principaes, (como fez do primeiro o Chronista Fr. Manoel dos Santos, na sua oitava parte da Monarchia Lusitana, por todo o cap. 15. do liv. 23. aonde os curiosos as podem ver, como tambem nos capitulos 23. 26. 28. 32. 34. 35. 36. e 44. do mesmo livro, em que as refere todas) basta dizer, que em todo o seu reynado, e desde que foy eleito Defensor do Reyno, naõ deixou de fazellas, e de exercitar o seu liberal, e generoso animo, e assim no saque das terras, que conquistava, eraõ sempre dos seus Soldados todos os bens, que havia nellas, naõ deixando para si mais, que a gloria da mesma conquista; e no do Castello de Ceuta ainda fez mais, que o deu todo, sendo importantissimo, a Joaõ Vasques de Almada, e aos que o acompanharaõ, quando nelle arvorou a bandeira, que ElRey lhe mandou levar para este mesmo effeito.

Merce notavel a Joaõ Vasques de Almada.

619 Mas antes que passe a outras acçoens da sua generosidade, já que acima falley em merces feitas à

A outros Fidalgos, a quem se argue a infidelidade.

ingratos, naõ posso deixar de dizer, que naõ foraõ poucas as que elle fez a Joaõ Affonso Pimentel, a Joaõ Rodrigues Pacheco, e muitas mais a Martim Vasques da Cunha, e a seus irmãos, pois só a este se achaõ treze, ou quatorze Cartas de doaçoens, registradas nos ditos livros, como eu vî, e entre as quaes ha algumas importantes, como saõ as das Villas de Linhares, Souzel, Val de Bésteiros, Arganil, Valdigem, Sultea, Penalva, Lafoens, Catam, Mondim, Torre da Lousa, Lanhoso, das terras do Sul, e de Gulfar, dos direitos de Pinhel, e Penamacor, e outras muitas Torres, Morgados, Quintas, e jurisdicçoens, que nas Cartas se referem; e se depois lhe pedio, ou comprou algumas terras, (de que procedeo a sua queixa) o mesmo fez ao Condestavel, e mais o enfado deste, quando muito, fazia-o deixar a Patria, mas nunca a fidelidade.

Varias merces a outros Fidalgos.

620 Fez tambem a Pedro Lourenço de Tavora, Ruy Lourenço de Tavora, Martim Vasques de Castellobranco, Mem Rodrigues de Vasconcellos, Ruy Mendes de Vasconcellos, e a Joaõ Rodrigues Pereira, repetidas merces, que estaõ no mesmo registro, e a outros Fidalgos, que singularizando-se no serviço, se aventajaraõ nos premios, dos quaes por serem muitos, se naõ dizem os nomes, e poderáõ acharse no discurso destas Memorias.

A Martim Affonso de Mello.

621 A Martim Affonso de Mello, além de varias doaçoens, que se achaõ tambem registradas, com a Alcaidaria môr de Evora; deu inteiramente os bens, que vagaraõ pela ausencia de Joaõ Fernandes Pacheco, como já lhe havia dado os de Diogo Gomes de Avreu.

Deu

622 Deu mais o titulo de Condes, ( naõ fallando nos de Duques, que conferio aos Infantes, e nos tres Condados, que deu ao Condestavel ) a seu filho D. Affonso o de Barcellos, e a seus netos D. Affonso, e D. Fernando, o de Ourem, e de Arrayolos, que eraõ os mesmos, que o Condestavel tinha, e havia renunciado.

Dá titulos de Condes, e Duques, e a quem.

623 Naõ mostrou ElRey menos reconhecimento, e grandeza com as pessoas Ecclesiasticas, que com as seculares, ( começando no Arcebispo de Braga D. Lourenço, e D. Fernando da Guerra, que tambem o foy depois ) dandolhes rendas, indultos, e dignidades, conforme a sua graduaçaõ, e merecimentos; e assim tambem com as Cidades, e Villas, que se mostraraõ mais firmes na sua defensa, e na sua fidelidade, especialmente com Lisboa, e Porto, que no seu serviço foraõ as mais constantes; e assim saõ infinitas as Cartas de merces, e privilegios, que concedeo a huma, e outra Cidade, estendendolhes os seus termos, e ampliandolhes as suas jurisdicçoens.

Grandeza de que usa com os Ecclesiasticos, e com muitas Cidades, &c.

624 Com a sua Casa, e familia naõ foy menos liberal, nem menos attento, amparando algumas pessoas della, naõ só com o que podia darlhes como Rey, sem mais custo, que o do seu beneplacito, como eraõ officios, e cargos, que sempre haviaõ de proverse, mas até à custa do seu thesouro, como fez a varias criadas da Rainha, quaes foraõ Beringueira Pereira, que casou com Affonso Vasques Correa, e Brites Pereira com Martim Vasques de Resende, dando a cada huma em dote, além das galas, e joyas, mil dobras cruzadas, que faziaõ cincoenta mil livras, tendo cincoenta livras

Dotes que fez a varias criadas da Rainha.

livras cada dobra. E como ElRey era o meſmo, que lhes buſcava os maridos, para que foſſem mais competentes às ſuas peſſoas, caſou tambem a D. Filippa Coutinha com Luiz de Ataide de Souſa, Eſcudeiro da Caſa do Infante D. Duarte, e lhe dotou duas mil e quinhentas coroas de ouro, e que em quanto as naõ recebeſſe, cobraria no Almoxarifado de Villa-Real hum conto de livras cada anno, como conſta da Carta de merce, que eu tenho, paſſada em Cintra aos 17. de Junho de 1429. annos. Caſou mais a D. Filippa da Cunha com Leonel de Lima, criado do meſmo Infante, com tres mil e quinhentas coroas de dote, e que em quanto ſe lhe naõ deſſem, teria hum conto, duzentas, oitenta e tres mil, trezentas, vinte e tres livras de tença cada anno, no Almoxarifado de Ponte de Lima, como ſe moſtra na Carta feita em Almeirim aos 13. de Abril de 1432. que eu tambem tenho, ambas extrahidas do Cartorio do Senado da Camera deſta Cidade, e que ſe naõ ajuntaõ, por naõ ſer neceſſario.

625 Caſou a D. Catharina de Souſa com Joaõ Freire de Andrade, dandolhe para o ſeu dote quatro mil dobras de ouro, como ſe acha no terceiro livro do Regiſtro, ou Chancellaria deſte meſmo Rey, que eu lî, e ſe guarda na Torre do Tombo.

626 Caſou em fim a D. Thereſa Vaſques Coutinho com D. Martinho de Menezes, e pelos ſerviços que eſte lhe tinha feito, lhes deu a Villa de Cantanhede, com ſuas juriſdicçoens, e rendas; naõ ſendo menos as merces, que fez a ſeu pay o Conde D. Gonçalo Telles de Menezes, bem merecidas pela ſua fidelidade.

MEMO-

Quillard invenit. — de Rochefort sculpsit. 1732.

# MEMORIAS,
## EM QUE SE DIZ OS EMPREGOS da Caſa Real, quem os tinha, e quaes eraõ.

## CAPITULO CVIII.

### *Dos Officiaes da Caſa delRey, e tambem de alguns Officios do Reyno.*

627 DEPOIS que ElRey D. Joaõ o I. foy acclamado nas Cortes de Coimbra, fez os Officiaes da Caſa, que ſe ſeguem, (que os que nomeou quando eleito Defenſor, e Regente do Reyno, vaõ eſcritos no cap. 33. num. 235.) e que foraõ ſuccedendo em todo o ſeu reynado. Fez Condeſtavel, e ſeu Mordomo môr

Officios da Caſa Real.

môr a Nuno Alvares Pereira; Marichal a Alvaro Pereira, e por ſua morte a Alvaro Gonçalves Camelo, o qual paſſando-ſe depois a Caſtella, teve eſte cargo Gonçalo Vaſques Coutinho; Camereiro môr a Joaõ Rodrigues de Sá, Alcaide môr do Porto, Officio, que ſe continuou nos ſeus deſcendentes, ainda que naõ ſey porque cauſa ſe acha na Igreja Parochial da Villa de Oliveira do Conde, na Capella môr da parte do Evangelho, hum tumulo de pedra levantado, e com figuras de relevo, feito no anno de 1440. que tem o ſeguinte Epitafio: *Aqui jaz Fernaõ Gomes de Goes, Camareiro mor que foy do muy nobre Rey D. Joham de Portugal, o qual o dito Senhor Rey fez Cavaleiro o dia que filhou Ceita aos Mouros.* Eſtribeiro môr a Garcia Affonſo; Apoſentador môr a Payo, ou Diogo Lourenço; Porteiro môr a Lourenço Annes; Falcoeiro môr a Joaõ Gonçalves; Meirinho môr a Joaõ Freire de Andrade; Alferes môr a Gil Vaſques da Cunha, e antes o havia ſido Joaõ Gomes da Sylva, que paſſou para Copeiro môr; e quando ſe tomou Ceuta, o foy Diogo de Ceabra. Monteiro môr, que antigamente tambem ſe chamava Caçador môr, a Lopo Vaſques de Caſtellobranco, Alcaide môr de Moura; Repoſteiro môr a Pedro Lourenço de Tavora; Guarda môr a Joaõ Fernandes Pacheco, e depois que eſte ſe paſſou a Caſtella, a Martim Affonſo de Mello; Capitaõ môr do mar, que correſponde a General da Armada, a Affonſo Furtado de Mendoça; Almirante a Manoel Peſſanha, filho de Lançarote Peſſanha, que mataraõ em Béja, e depois delle a ſeu irmaõ Carlos Peſſanha, por cuja renuncia

entrou

entrou a ſervir eſte cargo, ſeu genro o Conde de Vianna D. Pedro de Menezes, Capitaõ môr de Ceuta; Anadel môr dos Béſteiros a Eſtevaõ Vaſques Filippe, e Martim Fernandes de Freitas; Meirinhos môres de Entre Douro e Minho, e Traz os Montes a Ruy Mendes de Vaſconcellos, e Nuno Viegas o Moço; Meſtre-Sala a Luiz Alvares Paes, e depois delle a Egas Coelho; Veadores da Caſa a Fernando Alvares de Almeida, Commendador de Jurumenha, e a Joaõ Gonçalves, e Diniz Annes; Védores da Fazenda a Joaõ Gil, Martim da Maya, Pedro Annes Lobato, (que tambem foy Regedor da Caſa do Civel, como entaõ ſe chamava a da Supplicaçaõ) Gonçalo Pires Malafaya, e Pedro Gonçalves Malafaya, Joaõ Affonſo, Alvaro Gonçalves de Freitas, e Alvaro Gonçalves da Maya; Contador da Fazenda a Joaõ Affonſo de Alemquer, que na auſencia dos Védores, fazia as ſuas vezes, e depois teve o meſmo lugar; Theſoureiro môr a Lourenço Martins, Alcaide môr de Leiria, (de donde o foy tambem Joaõ Affonſo) e depois delle a Ruy Pires de Caſtro, Joaõ de Serpa, Joaõ Luiz Gomes, e Vaſco Martins de Albergaria; Chanceller môr a Lourenço Annes Fogaça, que eſtava por Embaixador em Inglaterra, e em quanto naõ vinha, ao Doutor Joaõ das Regras; e depois deſtes a Joaõ Pires de Alpraõ, ou Alporaõ, a Gil Martins, e Alvaro Gonçalves, e a outros que ſem o ſerem, tiveraõ eſte caracter; Eſcrivaõ da Puridade a Affonſo Martins, Abbade que foy de Pombeiro, e depois a Gonçalo Lourenço de Gomide, que já o era no anno de 1388. e o foy ainda na tomada de

Ceuta, depois do qual, conforme o Arcebiſpo D. Jorge de Almeida, o foy ſeu filho Joaõ Gonçalves de Gomide, e Ruy Galvaõ, irmaõ de D. Joaõ Galvaõ Biſpo de Coimbra, e eleito Arcebiſpo de Lisboa; Coudel mór a Alvaro Annes Cernache, e depois a Gonçalo Rodrigues Camelo; Contador mór ao meſmo Gonçalo Rodrigues, e depois a Gonçalo Caldeira; Alcaide mór de Lisboa ao ſobredito Lourenço Annes Fogaça, a Affonſo Annes Nogueira, a Antaõ Vaſques, e Eſtevaõ Vaſques de Goes; Eſcrivaõ da Chancellaria a Gonçalo Pires; Eſcrivaõ das Moradias a Bernardim de Barbuda; Eſcrivaõ da Camera a Gonçalo Caldeira; Eſcrivaõ dos Maravedis a Pedro Annes; Mantieiro a Fernando Rebello, que por morte da mulher ſe meteo depois na Religiaõ de S. Franciſco; Moços da Camera a Fernando Affonſo, Eſtevaõ Martins, Rodrigo Affonſo de Mello, e Diogo Gonçalves de Macedo; Corregedor da Corte a Gil Annes, que o era quando foy a prizaõ de Fernando Affonſo, que ElRey mandou queimar; Corregedor de Lisboa a Joaõ Affonſo, que tambem o era quando ſe poz a Ley de que ſe naõ podeſſem levar armas, nem mantimentos a terra de Mouros, com cujo titulo ſó de Corregedor acho tambem a Joaõ Mendes; Theſoureiro da Moeda a Lopo Eſteves, e a Ruy Pires do Alandroal; Sacador mór do Reyno, que era o meſmo, que Executor, a Pedro Martins; Sacador das Dividas delRey a Gil Vaſques, e Joaõ Eſteves; e Sacador mór de Lisboa a Joaõ Pires; Conſervador dos Eſtudos de Lisboa (que he o meſmo, que Conſervador da Univerſidade) a André Eſteves; e

Adminiſ-

Adminiſtrador de certas rendas, que ElRey deu aos ſeus Lentes, e Bedel, a Gonçalo Eſteves Tavares, que em outra Memoria ſe diz fora Ayo delRey; Meſtre das obras da Cidade, e tambem Eſcrîvaõ das delRey, a Joaõ Lourenço; naõ fallando em Eſmoler môr, que o era de propriedade o Dom Abbade de Alcobaça; aſſim mais proveo outros Officios; o que tudo conſta dos livros da Chancellaria do meſmo Monarcha, e das ſuas Chronicas, principalmente de Fernaõ Lopes, e Duarte Nunes; como tambem além dos Alcaides môres, que ficaõ referidos, o foraõ de Alemquer Gonçalo Nunes; de Loulé Joaõ Gonçalves Vieira; de Lanhoſo Martim Fernandes Teixeira; de Trancoſo Martim Fernandes de Freitas; e da Lourinhãa o Arcebiſpo D. Lourenço, com outros muitos, que ſe naõ referem.

628 Tambem por huma Carta delRey, que ſe acha regiſtrada a fol. 49. verſ. do ſegundo livro da ſua Chancellaria, conſta, que fora ſeu Amo Pedro Lourenço, porque elle aſſim meſmo o declara, nomeando-o nella *Pedro Lourenço noſſo Amo.* E por Documento authentico da Caſa de Bragança conſta, que o fora tambem Gomes Pires.

629 Em outra Memoria da Torre do Tombo ſe faz mençaõ de Fernaõ Gonçalves, e Ignez Rodrigues, como Amos delRey, e que nos bens dos ditos ſucceda Fernando Affonſo Colaço.

630 O Author da Nobiliarchia Portugueza, a pag. 316. diz, que Joaõ Alvares de Pina fora colaço delRey, o que póde ſer equivocaçaõ com Joaõ Alvares Colaço, filho de Maria Vaſques, mulher de Diogo

Alvares, a qual como ElRey diz em hum teſtamento ſeu, feito em Alcouchete no ultimo de Agoſto da Era de 1437. Tabelliaõ Joaõ Bernardes, foy Ama dos Infantes ſeus filhos.

631 Tambem o Reverendo Padre Joaõ Colt, Academico do numero da Hiſtoria Real Portugueza, no ſeu Catalogo dos Biſpos de Viſeu, diz que o Biſpo D. Joaõ Homem fora Padrinho do Infante D. Henrique. E eſtes ſaõ os Officios, merces, e occupaçoens, que pude averiguar houvera ſem duvida na Caſa delRey, e no Reyno. Os Officiaes da Caſa da Rainha ſaõ os ſeguintes, como tambem os criados, e criadas.

## CAPITULO CIX.

*Dos Officiaes da Caſa da Rainha, e das criadas della.*

Officiaes da Caſa da Rainha.

632 MOrdomo môr D. Lopo Dias de Souſa, Meſtre da Ordem de Chriſto; Védor da Fazenda Lourenço Annes Fogaça; Veadores da Caſa Diogo Alvares, e Affonſo Martins, que depois foy decimonono Prior do Convento de Santa Cruz de Coimbra, e era irmaõ do Prior antecedente D. Vaſco Martins, filhos ambos de Martim Affonſo de Souſa, Senhor de Bayaõ; Procurador da meſma Caſa Alvaro Mendes; Ouvidores, Gil Martins, Alvaro Rodrigues, e Rodrigo Alvares; e ſó ao Chanceller naõ pude achar o nome; Copeiro môr Gonçalo Vaſques Coutinho, e nos ſeus impedimentos ſervia por elle Rodri-

go

go Annes criado delRey; Repoſteiro môr Fernaõ Lopes de Avreu; Eſcrivaõ da Puridade Vaſco Martins; e Eſcrivaõ da Cozinha Fernando Vaz. Aſſim tambem ſe proveraõ os outros Officios menores, como Diſpenſeiro, (que antigamente ſe dizia *Uchaõ*) Mantieiro, e os mais, em peſſoas, que as Chronicas naõ nomeaõ, e que deve ſupporſe ſeriaõ capazes deſtas occupaçoens. Foy Camereira môr, e Aya da Rainha, huma Senhora principal da Provincia da Beira, chamada D. Brites Gonçalves de Moura, mulher que fora de Vaſco Fernandes Coutinho, Senhor do Couto de Leomil, Matrona de grande talento, e authoridade, que com o ſeu conſelho perſuadio a ſeu filho Gonçalo Vaſques, entaõ Alcaide môr de Trancoſo, a ſeguir as partes delRey, ainda quando Meſtre. Damas, ou Donzellas, como naquelle tempo ſe chamavaõ, foraõ duas filhas ſuas, irmãas do dito Gonçalo Vaſques, cujos nomes eraõ D. Thereſa Vaſques Coutinho, que depois foy mulher de D. Martinho de Menezes, filho do Conde de Neiva D. Gonçalo, irmaõ da Rainha D. Leonor, e D. Leonor Vaſques Coutinho, que depois tambem caſou com D. Fernando Senhor de Bragança, filho do Infante D. Joaõ. D. Berengueira Pereira, filha de Ruy Pereira, que morreo no combate da Armada, tio do Condeſtavel, com a qual caſou depois Affonſo Vaſques Correa; D. Brites Pereira, filha do Marichal Alvaro Pereira, irmaõ do meſmo Condeſtavel, que depois tambem teve por marido a Martim Vaſques de Reſende; e ſua irmãa D. Leonor Pereira, de quem o foy tambem Gomes Freire de Andrade, como

Sua Camereira môr.

Damas.

de

de muitos fica tambem dito no cap. 107. num. 624.

Donas de Honor.

Donas de Honor D. Brites de Castro, filha do Conde D. Alvaro Pires de Castro, que pouco tempo antes havia sido casada com D. Pedro Nunes de Lara, Conde de Mayorga, que morreo na batalha de Aljubarrota. Assim tambem se nomearaõ outras Senhoras para o mesmo exercicio, e outras de menos esféra para o de menor graduaçaõ, que tambem nos naõ dizem as Historias; e ElRey entaõ, conforme o estylo, e possibilidade daquelles tempos, consignou à Rainha as rendas necessarias para a sustentaçaõ da sua Casa, como póde verse em Fernaõ Lopes, a pag. 287. da sua segunda parte, e em Duarte Nunes, a pag. 244. O Reverendo Padre Joaõ Colt, quando no Catalogo dos Bispos de Viseu falla em D. Gonçalo Pinheiro, diz que Affonso Fernandes seu avô, fora Secretario da Rainha D. Filippa; da qual, quando veyo para Portugal, o era hum Fidalgo Inglez, chamado Thomás Elim Paim; cujo filho Duarte Paim foy depois Commendador da Ordem de Santiago, e casou no Reyno com Antonia Dias d'Arca, filha mais velha de Jacome Bruges, Capitaõ Donatario da Ilha Terceira, sobre a qual Capitanîa houve pleito, e tambem seu filho Diogo Paim com os seus possuidores, e em fim veyo a perdella, por se naõ achar a doaçaõ de seu sogro.

Outros criados, e criadas.

633 Em huma Memoria antiga manuscrita, e sem mais fé, que a sua antiguidade, achey tambem varios criados, e criadas da Casa Real, com as suas moradias, e juntamente os que pertenciaõ à Guarda delRey, com outras curiosidades mais, que podem verse a Documentos, num. 31.

CA-

## CAPITULO CX.

*Dos Confessores delRey, de que se acha noticia, e tambem dos da Rainha.*

634 O Primeiro Confessor delRey, de que se acha noticia, foy o que teve depois de acclamado, do qual faz mençaõ Fr. Manoel da Esperança, no livro decimo da segunda parte da Historia Serafica, cap. 23. pag. 415. aonde diz, que o fora pelos annos de Christo de 1386. o Padre Fr. Fernando de Astorga, Ministro Provincial da Religiaõ Franciscana, que no seu tempo dividira a Provincia de Portugal da de Castella, sogeito de grandes letras, e virtudes, e que já havia sido Confessor delRey D. Fernando, e de ambos valîdo; como tambem foy do mesmo Rey D. Joaõ, D. Fr. Rodrigo, Bispo de Ciudad Rodrigo, (da Ordem Serafica) que passando a Portugal, se singularizou tanto no serviço delRey, que este lhe fez as merces, que refere Jorge Cardoso, no Commentario ao dia 23. de Janeiro, pag. 233. e este he o mesmo, que assinou tambem o acto da acclamaçaõ delRey nas Cortes de Coimbra, de donde erradamente o quizeraõ fazer Bispo alguns Escritores, como mostra o mesmo Author, e me persuado ser o mesmo Fr. Rodrigo de Cintra, de que se trata no cap. 232.

635 Depois destes, diz o mesmo Fr. Manoel da Esperança, a pag. 560. cap. 17. da mesma segunda parte

parte, liv. 11. que o fora tambem Fr. Affonso de Alpraõ, ou Alporaõ, Religioso seu, Mestre na Sagrada Theologia, Ministro Provincial, Commissario, e Vigario Geral neste Reyno, e depois no anno de 1413. Inquisidor Geral de ambos os Reynos, Portugal, e Algarve, à instancia delRey, por Bulla do Papa Joaõ XXIII. passada em Roma no primeiro de Junho do dito anno.

636 O mesmo Author no dito livro, e parte, cap. 19. pag. 564. e nas seguintes, mostra com evidencia como o Padre Fr. Joaõ Xira fora da sua Ordem, (ainda que Fr. Luiz de Sousa quer, que seja da sua) e Confessor delRey, a quem acompanhou na jornada de Ceuta, e foy o que em Lagos declarou do Pulpito abaixo a direcçaõ daquella viagem, e o mesmo, que, depois de ganhada taõ importante Praça, prégou tambem na sua solemnidade, com a mesma elegancia, e energia com que o fizera em Lagos. Foy Fr. Joaõ Xira grande Letrado, e de talento taõ conhecido, que naõ só era Prégador, e Confessor delRey, mas do seu Conselho, e com quem elle communicava os negocios de mayor ponderaçaõ. Morreo no anno de 1426. pois consta por Documentos de toda a legalidade, que vivia ainda no de 1425. e que no de 1427. era já falecido.

637 Este Author no mesmo livro, e parte, cap. 43. pag. 634. mostra tambem com clareza, e verdade, ser Confessor delRey no anno de 1428. o Padre Mestre Francisco, como consta de huma Carta do mesmo Principe, que elle tambem refere; e por esta conta devia

devia ſucceder ao Padre Fr. Joaõ Xira, o que melhor póde verſe no Author allegado.

638 Eſte meſmo diz tambem, que fora Confeſſor delRey, e ſeu Capellaõ môr D. Fr. Lourenço, Biſpo de Mayorga, ao qual pelos ſeus muitos ſerviços, e merecimentos fez ElRey Abbade Commendatario de S. Joaõ da Alpendorada, como póde verſe no liv. 12. da meſma ſegunda parte, cap. 17. pag. 685. e 686. o que tambem ſe declara em hum quadro dos que ſe achaõ no Antecoro do Convento de S. Franciſco deſta Cidade de Lisboa Occidental, que eu vî, e em que eſtá o retrato deſte Prelado.

639 E por acabar com os Confeſſores, que pertencem a eſta Religiaõ Sagrada, e o foraõ deſte grande Monarcha, direy o que traz eſte Eſcritor na meſma ſegunda parte, liv. 11. cap. 17. pag. 561. aonde diz, que tambem o fora da Rainha D. Filippa Fr. Aimaro, ou Fr. Aidemaro, a quem o Papa Joaõ XXIII. no meſmo anno de 1413. em que nomeou para Inquiſidor Geral a Fr. Affonſo de Alpraõ, Confeſſor delRey, fez Biſpo de Marrocos, por contemplaçaõ de huma, e outra Mageſtade; e ao qual depois promoveo o meſmo Rey para o Biſpado de Ceuta, que novamente ſe erigio, e confirmou pelo Papa Martinho V. como conſta da Bulla paſſada em Roma aos 5. de Março de 1421. (em que ſe falla na tomada de Ceuta, cap. 308. num. 1699.) e de que trata eſte Hiſtoriador, a pag. 596. do cap. 30. do meſmo livro, e no duodecimo, cap. 19. pag. 691. falla tambem mais largamente do Biſpo Fr. Aimaro; o qual, conforme Fr. Leaõ de San-

to Thomás, no ſegundo tomo da Benedictina Luſitana, trat. 1. part. 1. cap. 10. §. 1. pag. 73. foy tambem Abbade Commendatario do Moſteiro de Pombeiro.

640 No *Theatrum Baſilicæ Piſanæ*, impreſſo em Roma, por diligencia de Joſeph Martinio, na Officina de Antonio de Rubeis, anno de 1705. a pag. 156. ſe diz, que no dito Concilio de Piſa aſſinara tambem o Confeſſor delRey D. Joaõ o I. o qual era Frade Menor, ainda que lhe naõ traz o nome na ſua ſubſcripçaõ; mas pelo tempo della ſe póde entender, que era Fr. Joaõ de Alpraõ, que naquelles annos occupava eſte cargo, e a ſua capacidade o fazia digno de ſe lhe encarregar aquell e miniſterio.

641 Em huma Memoria, que me deu o Reverendiſſimo Padre D. Manoel Caetano de Souſa, acho tambem, que fora Confeſſor delRey o Padre Fr. Joaõ Dias, mas naõ ſe diz o anno, nem a Religiaõ.

642 Gomes Annes de Azurara na Hiſtoria de Ceuta, a pag. 24. diz, que foraõ Confeſſores delRey, ambos ao meſmo tempo, o Meſtre Fr. Joaõ Xira, de que acima ſe trata, e D. Fr. Vaſco Pereira.

643 No teſtamento, que ElRey fez em Cintra, aos 4. de Outubro da Era de 1426. que eu vî, nomea elle por ſeu Confeſſor a Fr. Lourenço Lamprea, ſem dizer de que Ordem; porém Fr. Luiz de Souſa, na Hiſtoria de S. Domingos, part. 1. liv. 6. cap. 12. fol. 326. verſ. aonde traz a verba do meſmo teſtamento, em que aſſim o declara, perſuade, que elle era da ſua Religiaõ.

644 Eſte meſmo Author na ſegunda parte, liv. 2.

cap.

cap. 1. e 4. diz, que fora Confeſſor delRey o Meſtre Fr. Vicente de Lisboa, Provincial de todos os Conventos Dominicos de Portugal, e Caſtella, que eraõ entaõ huma ſó Provincia, e Inquiſidor Geral de toda Heſpanha; o qual foy depois mandado a Roma a negocios de ſumma importancia do Reyno, e cheyo de annos, e merecimentos morreo no caminho, no anno de 1405. como conſta do Epitafio, que ſe acha na ſua ſepultura do Convento de Bemfica, e traslada o meſmo Author no livro citado a fol. 65. para onde, por ordem do meſmo Rey, ſe transferiraõ os oſſos com toda a devida pompa.

645 O Padre Fr. Antonio da Purificaçaõ, na Chronica dos Eremitas de Santo Agoſtinho, part. 2. liv. 7. tit. 4. fol. 246. diz, que ElRey D. Joaõ tivera dous Confeſſores da ſua Religiaõ, hum delles Fr. Alvaro de Lisboa, filho do Convento de Noſſa Senhora da Graça deſta Cidade, que depois fora tambem ſeu Capellaõ môr, e tanto do ſeu Real agrado, que até lhe dera hum quarto no ſeu meſmo Palacio, para o communicar de mais perto, e mais vezes, chegando algumas a pollo comſigo à meſa, com outros favores eſpeciaes, de que ſe fazia digno o ſeu grande talento, como ElRey meſmo confeſſou, na carta que eſcreveo a ſeu favor ao Papa Martinho V. para haver de concederlhe os frutos do Moſteiro de Pedrozo, como ſeu Abbade Commendatario; a qual póde verſe no tratado, que eſte meſmo Author compoz de *Viris illuſtribus*, liv. 2. cap. 4. a que elle ſe refere; e foy feita em Almeirim, aos 5. de Janeiro do anno de 1429.

 O ſe-

646 O ſegundo Confeſſor, que ſuccedeo a Fr. Alvaro de Lisboa, (conforme o meſmo Hiſtoriador no lugar referido, fol. 247.) foy o Meſtre Fr. Joaõ de Santo Thomás, que por ſua morte ficou no meſmo cargo, que depois exercitou tambem com ElRey D. Duarte, o qual pelas ſuas grandes letras era chamado o ſegundo Santo Agoſtinho, como traz o Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha, no cap. 28. do Catalogo dos Biſpos do Porto, a pag. 250.

---

## CAPITULO CXI.

*Sobre a meſma materia.*

647 QUando ElRey ſe acclamou, fez ſeu Capellaõ môr a Martim Gonçalves, de que ha memorias na Torre do Tombo. No anno de 1407. e 411. ſe achaõ tambem memorias de ſer Capellaõ môr delRey, Joaõ Lourenço, que ainda o era no de 1417. como conſta de hum contrato de caſamento de Joaõ Freire de Andrade, com D. Catharina de Souſa, feito em Aldea Gallega, aos 10. de Março do dito anno, a que reſponde a Era de 1455. o qual eu lî, e ſe guarda na Torre do Tombo, no primeiro livro da Chancellaria do dito Rey, fol. 194. aonde ſe declara, que elle os recebera ſendo Capellaõ môr.

648 No anno de 1415. quando ElRey tomou Ceuta, ſervio de Capellaõ môr Affonſo Annes, (ou foſſe porque Joaõ Lourenço eſtiveſſe impedido, ou fi-

caſſe

casse em Lisboa ) e foy o que disse a primeira Missa na Mesquita principal dos Mouros, quando se consagrou à Virgem da Assumpçaõ, no dia da sua Festa, em cuja celebridade prégou o Mestre Fr. Joaõ Xira, como fica dito; o que assim mesmo affirma Fr. Manoel da Esperança, liv. 11. part. 2. cap. 19. pag. 566. e Gomes Annes de Azurara, na Historia de Ceuta, cap. 94. pag. 259. o qual a pag. 203. diz tambem, que Martim Paes era Capellaõ môr do Infante D. Henrique.

649 O mesmo Fr. Manoel da Esperança, a pag. 686. do liv. 12. cap. 17. diz, que tambem fora Capellaõ môr delRey, D. Fr. Lourenço, Bispo de Mayorga, como se refere no cap. 110. dos Confessores; e no 19. do mesmo livro, pag. 691. diz, que tambem o fora Fr. Aimaro, Confessor da Rainha D. Filippa, de que se tem tratado; o que assim mesmo diz o Author da Benedictina Lusitana, tom. 2. trat. 1. part. 1. cap. 10. pag. 73.

650 O Padre Fr. Antonio da Purificaçaõ na Chronica Augustiniana, part. 2. liv. 7. tit. 4. fol. 246. diz, que o Mestre Fr. Alvaro de Lisboa fora Capellaõ môr, do qual trata largamente no lugar referido; em que tambem diz, que fora Confessor delRey, como fica tocado. No mesmo lugar, a fol. 248. diz o mesmo Author, que fora depois deste tambem Capellaõ môr Fr. Agostinho de Santa Monica, Inglez de naçaõ, o qual algum tempo havia sido Confessor da Rainha D. Filippa, e seu Esmoler môr.

651 Em huma Memoria antiga acho tambem, que fora Capellaõ môr desta Senhora o Bispo D. Lo-

po,

po, Prior de Folques, o qual era natural de Eſtremoz, e de nobreza conhecida; porém naõ ſe diz o Biſpado.

652 Outras muitas occupaçoens, e provimentos poderia haver na Caſa Real, de que naõ achey noticia, como aſſim meſmo em outras materias, pois eu naõ podia ver tudo o que eſtá eſcrito neſta; e algumas noticias achey tambem com tanta confuſaõ, e taõ pouca certeza, que naõ devem referirſe, nem tal vez merecem credito, ou ſeja pelos Authores, que as relataraõ, ou pelos lugares donde ſe extrahiraõ; e aſſim me reſolvi a naõ as pôr neſtas Memorias, quando em todas as que trato nellas, procurey ſempre ſeparar o verdadeiro do falſo, e indagar, naõ podendo o verdadeiro, ao menos o veroſimel.

MEMO-

# MEMORIAS,
## PARA AS VIDAS DOS VAROENS ILLUSTRES em letras, que concorreraõ no reynado delRey.

---

### CAPITULO CXII.

*Em que se traz a vida do Arcebispo de Braga D. Lourenço.*

653

O Primeiro Ministro do Despacho, que fez ElRey, depois de eleito Defensor do Reyno, foy D. Lourenço Arcebispo de Braga, de quem os nossos Escritores ignoraraõ a ascendencia, e tambem o appellido, e até o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha se queixa da mesma falta, quando lhe escreve

Primeiro Ministro do Despacho, que fez ElRey.

*Histor. de Brag.* part. 2. cap. 47. pag. 193.
*Agiol. Lusit.* pag. 533. & seqq. *no dia 4. de Junho, e no seu Commentario.*

Quem era o Arcebispo D. Lourenço.

ve a vida, na sua Historia de Braga; porém Jorge Cardoso no dia 4. de Junho do Agiologio Lusitano, e com mais clareza no Commentario do mesmo dia, diz, que se chamara D. Lourenço Vicente, e antes de Sacerdote, Lançarote Vicente, e que era natural da Lourinhãa, da mais principal gente daquella Villa, cujo senhorio teve de juro, e herdade, por merce do mesmo Rey; e ainda que tambem lhe naõ nomea os pays, affirma, que na Igreja Matriz della, aonde se sepultaraõ, tem tumulos levantados, e com brazoens de Nobreza, e que delles procedem os Viegas de Tristaõ Vaz o Velho, de que ainda entaõ havia illustre descendencia; o que naõ confere com o que traz o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, de que sua mãy se enterrara no adro da Igreja de Santiago de Torres Vedras, referindo-se a huma verba do testamento do filho, que na verdade desejara ver, pois naõ sey como nelle falla em sua mãy, sem lhe dar o nome, e que passe em silencio tambem o de seu pay, dizendo o de seus avós. Ambos saõ Escritores de grande nota, porém hum delles certamente se engana, se já naõ he, que de Santiago se trasladaraõ depois os seus ossos para a Parochia de Nossa Senhora da Annunciaçaõ da Lourinhãa.

*Histor. de Brag. loco citato.*

Inclinaçaõ que tem às letras, e como as aprende.

654 Desde a sua puericia foy taõ inclinado a todo o genero de letras, que para melhor aprendellas deixou a Patria, e passando a França, estudou alguns annos nas Universidades de Mompelher, Tolosa, e Pariz, que entaõ eraõ as mais celebres do Mundo; e sabendo, que em Bolonha tinha Cadeira o famoso Jurisconsulto Baldo, partio para Italia, só por ser seu discipulo,

He discipulo de Baldo.

pulo, ( que com taes dous Miniſtros começou o ſeu governo ElRey D. Joaõ o I. hum diſcipulo de Baldo, outro de Bartholo, o Arcebiſpo D. Lourenço, e o Doutor Joaõ das Regras ) e com tal Meſtre ſe fez conſummada a ſua erudiçaõ, aſſim nas letras Divinas, como nas humanas.

655 Com a bem merecida fama do mayor Letrado, voltou para Portugal no tempo delRey D. Fernando, e teve logo huma Conezia de Lisboa; e conhecido melhor o ſeu grande talento, o fez ElRey naõ ſó Deſembargador, mas ſeu Védor da Fazenda, Biſpo do Porto, e Arcebiſpo de Braga, aonde exercitando todas as obrigaçoens de bom Prelado, veyo a grangear tantos, e taõ poderoſos inimigos, que o chegaraõ a malquiſtar com o dito Rey, e naõ ſey ſe com o meſmo Pontifice Gregorio XI. que o tinha feito Arcebiſpo, o qual à inſtancia delRey, e eſte à de ſeus Miniſtros, mandou ( ainda que involuntariamente ) devaçar do ſeu procedimento, nomeando por ſeus Viſitadores, e Juizes, a D. Pedro Tenorio, Biſpo de Coimbra, que depois foy Arcebiſpo de Toledo, e a Vaſco Domingues, ou Rodrigues, ( que com eſta variedade o acho eſcrito ) Chantre de Braga, aos quaes deu poderes para eleger terceiro, como fizeraõ na peſſoa de D. Martinho, Biſpo entaõ de Sylves, notoriamente inimigo de D. Lourenço, por ſer elle primeiro nomeado pelo Cabido de Braga para ſeu Arcebiſpo, o que naõ quiz confirmar o meſmo Pontifice.

Vem para Lisboa, e lugares que occupa.

Inimigos que grangea, e porque.

Faz ElRey, que o Papa mande devaçar delle.

Quem ſaõ ſeus Juizes.

656 Deu o Arcebiſpo a todos tres de ſoſpeitos; principalmente a D. Martinho, porém por mais, que

insistio, offereceo, e allegou, assim sobre as suspeiçoens, como na defeza da sua causa, a nada lhe differirão, e com effeito o sentenciarão por indigno do lugar, que occupava, e o privarão delle, confiscandolhe todos seus bens, e rendas, e mandandolhe, que logo sahisse das terras do Arcebispado, sem embargo das censuras, que elle lhes poz; e assim tomou posse da Cidade, e do governo della o Meirinho môr Lopo Gomes, por parte delRey, com que o Arcebispo por evitár mayores insultos, e para justificar a sua causa, se passou a Roma, em tempo que já governava a Igreja de Deos Urbano VI. que dandolhe por seu Juiz a D. João, Cardeal de Santa Sabina, com outros companheiros, igualmente doutos, examinada com toda a attenção a sentença, foy revogada inteiramente por elles, como injusta, e nulla, e julgado o Arcebispo não só por innocente, mas pelo Prelado mais benemerito da Igreja; o que assim se acordou, e proferio na presença do Papa, aos 14. de Fevereiro de 1379.

Passa a Roma, aonde se revoga a sentença, e por quem.

657 Com este bom despacho voltou para Portugal o Arcebispo, e ainda que até do mesmo Pontifice trouxe cartas de recomendação para ElRey, não pode appresentar a dita sentença ( por este lho impedir ) senão no anno de 1381. a qual foy summamente estimada de todo o Povo, e de muita parte da Nobreza da Diocesi de Braga, aonde então sendo presentes o seu Cabido, os Prelados das Religioens, e outras pessoas graves, que devião assistir neste acto, para que se fez Synodo, foy lida, e publicada, permittindo-o em fim ElRey pelas repetidas instancias, reprehensoens, e

Vem para Portugal appresentar a que traz, e quando o fez.

censuras

censuras do Summo Pastor, que veyo a usar de todo o seu poder para o obrigar a taõ justa permissaõ, e devida obediencia, que ainda naõ teve o seu inteiro cumprimento, senaõ no anno seguinte, quando lhe restituhio a posse da dita Cidade, merce, que quando o fora, bem pagá ficara com o beneficio, que lhe devia ElRey, (se soubera aproveitarse delle) de lhe aconselhar, e persuadir, que reconhecesse a Urbano VI. por verdadeiro Pontifice, no tempo em que o scisma, que entaõ havia, tinha feito allucinar a outros muitos Monarchas, como fez em fim ao mesmo D. Fernando; que inclinando primeiro à parte de Urbano, pelas razoens, e rogos do Arcebispo, e do Doutor Joaõ das Regras, que ambos foraõ sempre do mesmo parecer, veyo ultimamente a dar obediencia a Clemente VII. por conselho dos Letrados, que consultou nesta materia, que he só a desculpa, que póde ter em seguir as suas partes. Cujo reconhecimento até confessa o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha (que todos os outros Escritores nenhum o duvîda) na segunda parte da sua Historia Ecclesiastica de Lisboa, cap. 105. num. 3. e 4. quando escreve a vida do Arcebispo D. Martinho; certamente esquecido do que havia dito na do Arcebispo D. Lourenço, na segunda parte da Historia Ecclesiastica de Braga, cap. 49. num. 2. affirmando, e encarecendo tanto esta acçaõ do Arcebispo, que chega a dizer, que este até fizera com que ElRey D. Fernando naõ admittisse a neutralidade, que lhe propunha Henrique II. de Castella, para naõ seguir a nenhum dos dous, e que assim resolutamente dera logo obedien-

Persuade a ElRey a seguir as partes de Urbano VI. e sem effeito.

cia a Urbano, e mandara que em todo o ſeu Reyno ſe lhe déſſe, ( ſem ao menos dizer, que deixara de darlha ) o que he tanto ao contrario, como ſe póde ver quando trato do meſmo D. Martinho, no cap. 23. num. 173.

Como procede no ſerviço delRey, e na batalha de Aljubarrota.

658 No ſerviço delRey D. Joaõ o I. obrou com tanto acerto, e zelo o Arcebiſpo D. Lourenço, como ſe moſtra em todas as acçoens da ſua vida, no diſcurſo deſtas Memorias; e como as que mais ſe recomendaõ às noſſas, ſaõ as da celebre batalha de Aljubarrota, ainda que ſeja anticipando a ordem dos ſucceſſos, referirey agora como procedeo nella, por acabar com a narraçaõ da ſua vida, em que até a morte naõ foy menos zeloſo do ſerviço de Deos.

659 Confeſſado, e commungado ElRey D. Joaõ, por maõ do Arcebiſpo, communicou eſte a todo o Exercito as Indulgencias concedidas por Urbano, aos que pelejaſſem contra os ſciſmaticos, ( quaes entaõ ſe reputavaõ os Caſtelhanos, por obedecerem ao Anti-Papa Clemente ) e lhes recomendou, que em todo o tempo da batalha ſe naõ eſqueceſſem de repetir as vezes, que podeſſem aquellas palavras, que foraõ principio da noſſa Redempçaõ, referidas pela Aguia dos Euangeliſtas, S. Joaõ: *Et Verbum caro factum eſt.* Sobre as quaes alguns, ou por ignorancia, ou por galantaria, lhe diſſeraõ: *Caro feito he eſte*; ao que elle lhes reſpondeo logo: *Caro he, mas Deos volo tornará hoje bem barato.*

Dito galante, e ſua reposta.

Como entrou na batalha o Arcebiſpo.

660 Começada a batalha, entrou nella o Arcebiſpo, veſtido o Rochete ſobre a Cota de Armas, ( anti-

ga

ga veſtidura dos Cavalleiros nas batalhas, e nos torneyos) e no Elmo, em lugar de plumas, huma Imagem de Noſſa Senhora da Nazareth. Diante de ſi levava a Cruz Primacial, imitando niſto a D. Gonçalo Pereira, ſeu predeceſſor, que na inſigne batalha do Salado, lhe precedia arvorado o Santo Lenho de Portel. Com taõ Sagrada inſignia dava esforço, e animo aos Portuguezes, como terror, e eſpanto aos inimigos, contra os quaes obrou D. Lourenço tantas proezas, em quanto durou o conflicto, que ſaõ mais para admirarſe, que para rèferirſe, e para ſe conſervarem nas memorias da poſteridade, parece que foy preciſo ſerem rubricadas com o ſeu meſmo ſangue, porque atrevido hum Soldado, lhe deu na face direita hum ſacrilego golpe, que para naõ ter lugar de conhecer, que o dera, ao meſmo tempo recebeo delle outro, que lhe tirou a vida.

Proeza que obra.

Fere-o hum Soldado, a quem elle mata.

661 Ganhada eſta vitoria pelos Portuguezes, para a qual concorreo o Arcebiſpo, como Paſtor, e Soldado, como Prelado, e Capitaõ, banhado ainda em ſangue, foy logo dar as graças à meſma Senhora, de quem trazia a Imagem, e a quem deſde menino devia beneficios, porque perdendo o ſentido de ouvir, por cauſa de huma pancada, que recebera na cabeça, a meſma Senhora lho reſtituhio milagroſamente, aſſim como entaõ o ſarou da ferida, de que ſe curou lá meſmo na ſua Caſa, mais por milagre ſeu, que por effeito da arte.

Foy logo dar as graças à Senhora da Nazareth.

662 Em quanto alli aſſiſtio, concorreo com groſſas eſmolas para as obras da Igreja, e eſcreveo aquella celebre

*Fernaõ Lopes Chronica delRey D. Joaõ, no fim da primeira parte. Faria Europ. Portug. tom. 2. part. 3. cap. 1. num. 137. pag. 313. Cunha Historia de Braga, segunda parte, cap. 49. pag. 204. num. 9.*

celebre carta, que trazem copiada muitos Historiadores, e melhor que todos o Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha, a qual me pareceo preciſo, que eu tambem a transcreveſſe neſtas Memorias, eſcrita a D. Fr. Joaõ de Ornellas, D. Abbade de Alcobaça, (com quem já eſtava reconciliado, depois que eſte conheceo, e confeſſou o ſeu erro, nas partes que primeiro ſeguia delRey de Caſtella, e tambem depois que os pleitos, que entre ambos corriaõ, eraõ ſó com amor das juriſdicçoens, e naõ em odio das peſſoas) a qual na ſua mais rigoroſa fraſe, e eſtylo antigo, he a ſeguinte.

Carta do Arcebiſpo D. Lourenço.

663 *Dom Abbade ſenhor, e amigo, deſna oitra ſomana ca Deos andou commoſco, e vimos a Deos per nos, e eſcontra os ciſmaticos, nom hei mais ſabido de vos. Aprouve a Deos, e a Santa Maria ſa Madre cas ribeiradas do ſangre do meu gilvás ſeiom ia vedadas, e ios meſtres vom de bem pera milhor, e eu o ſento bem em mim, ca ſi vier caizo ia darei, e levarei oitra pela meſma reqeſta; e crede vos bom amigo, ca qem eſta peſpegou ca nom a levou em xebres, nem irâ contar em Caſtela ó ſoalheiro o cruzamento da minha cara. Hontẽ oive letra, e meſſage de Condeſtabre, e me fas a ſaber ca o Rei de Caſtela ſivera em Santarem como home treſvalido, e maldizia ſeu viver, e puxava pelas barbas: e aboſé, bom amigo, milhor he ca o faga el, ca nom fagermolo nos, co home cas ſuas barbas arrepela má lavor faria das alheas: Tamem anhadia ca el ſi ya embarcar na frota ca iazia ſobre Lisboa pera nom levar caminho de terra: Sor os ventos lhe figeſſem per aigoa o ca qa lhe figemos per terra, de bõ fadairo nos livrariom: mas aſſi, ou aſſi, de feiçom vai el hoſpedado, ca nom tornarâ tam aginha a oivir as campas*

*pas do voſſo moſteiro. Jam Vas d'Almada, e Antom Vaſqes ſeu irmom ſiverom aqi Domingo em ſembra com Mem Rodriges, e ſi vom a Lisboa pera aver algum geito de empecer aos Caſtelaõs ca iazem na frota, mas eu lhes dixe, ca nom hiom elos de qa enxotados de geito ca eſperaſſem oitro rexoxó. Bem me dixerom da fadiga ca tomaſtes em trager tam toſtemente a voſſo moſteiro os fidalgos ca morrerom na lida; ſuas almas ſeiom em folgança, ca padecerom morte per bem de ſeu reino. qando eu vinha para qa afadigado pelo ſangre ca nom qeria eſtar vos dixe eu ca ſendo crianço viera oitra vegada per eſtas partes, e ca cobrara o oivir ca per hua porrada ſi eſcandaleſcera. Agora Deos loivado, per apraſmo da Virgẽ eſteve logo a correnteza. Pus eu em mentes de lhe amanhar o telhado per baixo do laſtro da madeira, ſeia voſſa mercê de ma dardes das voſſas coitadas per hu milhor ſi puder aver, e no ca eu vos for preſtadio ſẽpre ſerei a voſſo mandar. Feita foy a XXVI de Agoſto era* M.C.C.C.C.XX.iiij.

*Voſſo amigo Dom Loirenço Arcebiſpo Primás.*

664 Reſtituído o Arcebiſpo à ſua Dioceſi, continuou na reforma dos ſeus ſubditos, e como Paſtor vigilante, acodia a todas as faltas das ſuas ovelhas; reparou muitos edificios Sagrados, e a outros enriqueceo; *Souſa Hiſtoria de S. Domingos*, part. 1. liv. 4. cap. 14. fol. 225. verſ. e até em Guimaraens com a ſua diligencia, e com a ſua liberalidade ſe trasladou o Convento de S. Domingos para o ſitio em que hoje eſtá, fazendo-ſe à ſua cuſta o Coro, e Sacriſtia, e muita parte da Igreja; e aſſim he contado deſtes Religioſos por hum dos ſeus mayores Bemfeitores.

665 Com eſtas repetidas obras de piedade, e religiaõ

ligiaõ continuou, e consummou a vida, emendando no fim della até os defeitos mais leves, em que poderia ter incorrido quando moço, e como homem. Seis annos antes da sua morte no de 1391. aos 8. de Agosto fez em Braga o seu testamento, e nelle instituhio no Claustro da sua Cathedral huma Capella, dedicada aos Sagrados mysterios da Expectaçaõ, e Assumpçaõ de Nossa Senhora, e aos invictos Martyres S. Lourenço, e S. Vicente, seus especiaes Patronos, a qual enriqueceo com custosas peças de prata, e preciosos ornamentos, e dotou tambem de grandes rendas, com certo numero de Capellaens, assim para dizerem as Missas, como para rezarem no Coro, e por esta causa se chamou dalli por diante esta Capella de D. Lourenço, sendo até alli chamada dos Reys, por nella estarem sepultados o Conde D. Henrique, e sua mulher D. Tareja, como referem o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, na segunda parte da Historia de Braga, cap. 50. pag. 206. num. 3. e Jorge Cardoso, no terceiro tomo do seu Agiologio, pag. 534. no dia 4. de Junho, e seu Commentario.

Seu testamento, e Capella que institue.

666 No meyo della mandou collocar hum tumulo de pedra, e em cima a sua figura de vulto, vestida em Pontifical; e estando esta acabada com todo o primor da Escultura, vendo que lhe faltava o sinal da ferida, que levara no rosto, pedio huma boa espada, e com a sua maõ lho fez da mesma parte, que elle o tinha, dizendo: *Agora sim, que está ao natural.*

Notavel acçaõ sua.

667 Finalmente, depois de governar vinte e quatro annos o seu Arcebispado, como consta do seu Epitafio,

tafio, que diz: *Aqui jaz D. Lourenço, natural da Lourinhãa, Arcebiſpo de Braga, a que foy promovido na era de* 1411. *e morreo na era de* 1435. que reſponde ao anno de 1397. deixou eſta vida mortal para lograr a eterna, como perſuade a boa diſpoſiçaõ da ſua morte, e a rara inteireza do ſeu cadaver, quando no dia 4. de Junho do anno de 1663. duzentos ſeſſenta e ſeis depois do ſeu falecimento, foy achado incorrupto, e aſſim tambem as Veſtes Sacerdotaes, naõ havendo nelle ſinal algum de mortalidade, mais que o de ter fechados os olhos, e a boca, pois todas as partes daquelle veneravel corpo (que até na cor, principalmente o roſto, naõ parecia inanimado) ſe acharaõ flexiveis, e palpaveis, a cuja maravilha concorreo tanta gente, que o Cabido com attençaõ reverente o collocou na meſma Capella em outro tumulo de criſtalinos eſpelhos, aonde ſe póde ver ſem o perigo de que a meſma devoçaõ poſſa occaſionar alguma irreverencia.

Seu Epitafio.

Como, e quando foy achado incorrupto o ſeu corpo.

Veneraçaõ com que ſe acha.

668 Aqui ſe experimentaõ repetidos milagres em muitos dos que recorrem à ſua interceſſaõ, para ſerem evidentes os indicios da ſua Santidade; e porque até depois de morto, e de quaſi tres ſeculos moſtraſſe ao Mundo o quanto ſabia ajudar as armas Portuguezas, como fizera em vida, quando ſe achou, e deſcobrio o ſeu corpo, que foy no dia, e anno referidos, era o tempo em que as armas Caſtelhanas hiaõ com grandes progreſſos contra as noſſas, e D. Joaõ de Auſtria com a tomada de Evora, ſe ſuppunha ſenhor de todo o Alentejo; mas aos 8. do meſmo mez mudou a fortuna de tal ſorte a ſcena, ou para dizer melhor,

Milagres que faz.

Obſervaçaõ muy digna de memoria.

foraõ taõ efficazes para com Deos os rogos deſte Varaõ inſigne, que todo aquelle poderoſo Exercito ſe vio desbaratado, D. Joaõ de Auſtria fogido, e o ſitio do Canal por eſta vitoria famoſo; e aos 25. do dito mez de Junho, ficou Evora recuperada, amedrentada Heſpanha, e Portugal invencivel.

Dito notavel delRey, quando ſoube da ſua morte.

669 Com razaõ diſſe pois ElRey D. Joaõ o I. quando lhe deraõ a nova da morte deſte grande homem, *que perdera hum dos olhos da cara*, ſendo elle hum, e outro o Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira, o qual por ſer o principal, e mais nobre inſtrumento das glorias Luſitanas, merecia juſtamente eſta regia expreſſaõ. Mas deixando o que lhe toca para as Memorias da ſua vida, darey fim às do Arcebiſpo D. Lourenço, com o ſegundo Epitafio da ſua nova ſepultura, que lhe deſtinou o Cabido, e he o que ſe ſegue:

Seu novo Epitafio.

*D. O. M.*
*D. Laurentius Archiepiſcopus*
*Brachar. Hiſpaniar. Prim.* LXXXVI.
*Sepultus anno Dni.* M.CCC.LXXXXVII.

*Tranſlatus è medio ſacelli integer, & incorruptus die 4 Junii 1663.*

CAPI-

## CAPITULO CXIII.

*Em que summariamente se contém a vida do Cardeal D. Joaõ Affonso da Azambuja.*

670 O Segundo Miniſtro, que eſcolheo para o ſeu Conſelho eſte famoſo Principe, foy Joaõ Affonſo da Azambuja, ou Joaõ da Azambuja, de donde era natural, e por iſſo tal vez aſſim cognominado, a quem outros tambem chamaõ Joaõ Eſteves, com o meſmo appellido, e tambem ſem elle, pois de todos eſtes modos o nomeaõ os Eſcritores, o qual depois, conhecido o ſeu grande talento, e iguaes merecimentos, foy Biſpo do Algarve, do Porto, e de Coimbra, Arcebiſpo de Lisboa, e ultimamente Cardeal do Titulo de S. Pedro ad Vincula, e de Santa Eudoxia, feito pelo Papa Joaõ XXIII. aos 3. de Junho, (que outros dizem aos 6. e tambem de Julho) do anno de 1411. Era elle filho de Affonſo Eſteves Cavalleiro, Repoſteiro môr delRey D. Pedro, (como diz Manoel Severim de Faria, nas *Noticias de Portugal*, Diſcurſo 8. §. 6. pag. 263. e o Licenciado Jorge Cardoſo, no dia 23. de Janeiro, e no ſeu Commentario) Senhor de Salvaterra de Magos, na Eſtremadura, irmaõ de Joaõ Eſteves, Alcaide môr de Lisboa, que commummente ſe chamava o *Privado*, pelo grande valimento, que teve com os Reys D. Pedro, e D. Fernando, como conſta das Chronicas de hum, e outro Rey, e

Joaõ Affonſo da Azambuja, ſegundo Miniſtro do Deſpacho.

Talento, e dignidades que teve.

De quem era filho.

de muitos Documentos, e Efcrituras daquelles tempos, o qual foy Fundador da Capella na Igreja do Salvador defta Cidade de Lisboa Oriental, em que elle, e feu irmaõ depois fe fepultaraõ, e o mefmo Joaõ Efteves, ou Joaõ Affonfo, como direy logo; e os ditos feus pay, e tio, já tinhaõ fido criados delRey D. Pedro, e com grande eftimaçaõ, como tambem o foraõ feus afcendentes, delRey D. Diniz, defde cujo tempo contava Joaõ Affonfo avós de conhecida nobreza, naõ fó continuada, mas crefcida nos fucceffores da dita Capella, e Morgado, entroncado depois no illuftre appellido de Noronhas; como tudo referem muitos Efcritores, e entre elles mais largamente, e com mayor individuaçaõ, pelo que toca à vida defte Prelado, Fr. Luiz de Soufa, na fegunda parte da Hiftoria de S. Domingos, liv. 1. cap. 3. até 8. de cuja afcendencia trata tambem Gafpar Alvares Loufada nos feus manufcritos, que eu vî nos proprios originaes.

Capella que fundou.

671 Outros Authores, porém, o fazem filho de Affonfo Efteves da Azambuja, que dizem fora Repofteiro mór delRey D. Joaõ o I. e o Arcebifpo D. Rodrigo da Cunha lhe dá por pay a Eftevaõ Annes da Azambuja, Capitaõ de huma Galé com o Conde D. Affonfo Tello de Menezes, na Armada, que fe perdeo em Sevilha, no anno de 1381. como fe póde ver no Catalogo dos Bifpos do Porto, a pag. 214. parte fegunda, cap. 23. aonde lhe efcreve a vida, como Bifpo daquella Cidade; em quem tambem falla, ainda que concifo, com a erudiçaõ, que coftuma, o Reverendiffimo Padre D. Manoel Caetano de Soufa, Cenfor da

Outras opinioens fobre quem era feu pay.

Real

Real Academia, no ſeu Catalogo Hiſtorico dos Papas, e Cardeaes Portuguezes; e no Catalogo Chronologico dos Biſpos de Coimbra o Beneficiado Franciſco Leitaõ Ferreira, Academico Real, aonde com vaſtas, e bem ajuſtadas noticias refere, e confere tudo o que póde tocarlhe, como faz em todos os Biſpos, de que eſcreve neſte meſmo Catalogo.

*672* Creou-ſe o dito Joaõ Affonſo deſde pequeno com o Meſtre de Aviz, a quem ſempre mereceo grande affecto, e depois de Rey, o conſtituhio em igual obrigaçaõ, nos relevantes ſerviços com que ſoube deſempenharſe da em que o tinhaõ poſto tantos Reaes favores, e beneficios; aſſim nos Tratados de tregoas, e pazes, que concluhio varias vezes com os Reys de Caſtella, como em outros naõ menos importantes miniſterios; o que generoſamente confeſſa o meſmo Monarcha, na Proviſaõ, que lhe paſſou em Leiria, no primeiro de Julho da Era de 1429. que reſponde ao anno de Chriſto de 1391. para o Padroado da ſobredita Capella, quando elle alli meſmo fundou o Moſteiro do Salvador de Religioſas Dominicas, que hoje exiſte, pois diz nella o que ſe ſegue: *E nós vendo o que nos aſſim dizia, e pedia D. Joam Biſpo do Porto, do noſſo Conſelho, e conſiderando os muytos eſtremados ſerviços, que nós, e eſtes Reynos recebemos do dito Biſpo, e eſpecialmente como duas vezes, pondo ſeu corpo em aventura, foy por noſſo Embaxador à Corte de Roma aderenſar noſſos feitos, e negocios que nos muyto cumpriaõ, e os aderenſou ſegundo a nós fazia miſter, e outro ſi del entendemos receber ao diante, &c.* Cuja faculdade foy tambem confirmada

Sua creaçaõ.

Miniſterios em que ſervio a ElRey.

Proviſaõ deſte em que acredita os ſeus ſerviços.

da por Bonifacio IX. por Breve ſeu, expedido no ſegundo anno do ſeu Pontificado, que Fr. Luiz de Souſa traz junto à dita Proviſaõ, a fol. 7. do capitulo terceiro do primeiro livro da meſma ſegunda parte.

673 Depois da fundaçaõ do Convento, que foy no anno de 1392. tomando fórma de Religiaõ aquelle Recolhimento, que até entaõ era de Beatas, foy terceira vez a Italia o Biſpo D. Joaõ, para aſſiſtir no Concilio de Piſa, como Embaixador do meſmo Principe, em que ſe achou no anno de 1409. quando nelle aos 26. de Junho ſe deu ſentença diffinitiva contra Gregorio XII. e Benedicto XIII. e concluido o Concilio, partio a viſitar os lugares Santos de Jeruſalem, de donde voltando a Italia, authorizou com melhor fabrica a ſepultura de S. Domingos em Bolonha; e em Roma edificou hum Moſteiro de Monges de S. Jeronymo, cujas memorias conſtaõ do ſeu meſmo Epitafio, que ſe tranſcreve a diante.

Vay ao Concilio de Piſa o Biſpo D. Joaõ, e a Jeruſalem.

Obras que fez.

674 Vindo para Lisboa, fez caminho por Flandes, para viſitar a Duqueza de Borgonha, mas adoecendo em Bruges, deu a alma a ſeu Creador em 23. de Janeiro de 1415. conforme Chacon, e Onuphrio Panvino, no livro primeiro dos Cardeaes, a quem ſegue Fr. Luiz de Souſa, o que tambem confirmaõ as Memorias da meſma Sé de Lisboa Oriental; ainda que no dito Epitafio, e no que depois ſe lhe poz na parede do Coro da Igreja do Salvador, para onde ultimamente ſe lhe trasladaraõ os oſſos, ſe diz que morrera no anno de 1413. e no meſmo letreiro ſe lhe dá o nome de D. Joaõ Eſteves Privado, que elle nunca teve, nem ſe

Volta para Lisboa; e morre no caminho.

Variedade dos Authores no anno, e dia da ſua morte.

ſe acha em outra alguma Memoria, ou Documento, ſemelhante appellido, ou antonomaſia, (ſalvo ſe tambem ſe lhe attribue eſte pelo valimento delRey D. Joaõ o I.) que ſó ſe dava a ſeu tio, o valîdo dos Reys D. Pedro, e D. Fernando, como adverte Jorge Cardoſo no Commentario ao dia 23. letra C.

675 Chegando a Lisboa os ſeus oſſos, duvidaraõ as Freiras do Salvador (em attençaõ aos muitos beneficios, que lhe deviaõ) ſepultallos no lugar, que elle lhes deſtinava no ſeu teſtamento, que era conforme à ſua rara humildade; e aſſim os receberaõ primeiro na Igreja, dahi os paſſaraõ ao Coro de cima, aonde eſtiveraõ como em depoſito alguns annos, e dahi os tornaraõ para a Igreja, e os collocaraõ na Capella môr da parte do Euangelho; mas porque ainda peregrinaſſem como quando animados, depois de quaſi duzentos annos, no de 1608. vieraõ outra vez ſolemnemente para o Coro, aonde exiſtem com toda a decencia, e em huma pedra no meyo do azulejo da parede, entre hum, e outro Coro, ſe lê o Epitafio, em que acima ſe falla, o qual fielmente copiado na meſma fórma em que ſe acha eſcrito, com pouca differença do primeiro, diz o ſeguinte: *Neſte Coro de ſima eſtá ſepultado D. Joaõ Eſteves Privado ſegundo Arcebiſpo de Lisboa, Cardeal da S. Igreja Romana do titulo de S. Pedro ad Vincula, de S. Eudoxia, fundador deſte Moſteiro, e Padroeiro delle, que em Bolonha ſolennizou a ſepultura de S. Domingos; em Roma o Moſteiro de S. Heronymo, e neſta Cidade eſte Moſteiro, em que ſe mandou ſepultar. Faleceo no anno de 1413. aos 13. de Janeiro.* O que naõ confere com o que trazem Fr.

Aonde, e como foy ſepultado.

Seu Epitafio.

Fr. Luiz de Sousa, e Manoel Severim nos lugares citados, pelo que toca ao dia, e anno, em que tambem differem entre si, e algum entre si mesmo, pois dizendo Fr. Luiz de Sousa, no cap. 8. a fol. 16. vers. que elle morrera a 23. de Janeiro de 1415. e tambem Jorge Cardoso nas notas ao mesmo dia 23. diz Manoel Severim no §. 6. do Discurso oitavo, a pag. 264. que fora a 23. de Janeiro de 1413. e logo mais abaixo referindo-se ao livro dos Anniversarios, diz tambem, que fora a sua morte a 22. de Janeiro de 1415. e o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha, depois de seguir no lugar referido, que elle falecera no dito anno de 1415. nas addiçoens à mesma vida, convem no de 1413. como diz o Epitafio, ao qual refuta Jorge Cardoso nas notas do dito dia, a pag. 233. referindo-se a Chacon, e Panvino; e he muito de reparar, que estando este Epitafio em huma Igreja desta Cidade, e assistindo nella os mesmos Escritores, que o transcrevem, nenhum delles tivesse a curiosidade de o ler, porque se a caso o vissem, naõ se trasladariaõ huns aos outros, e lhe trocariaõ todos o dia, que nelle se acha da sua morte aos 13. de Janeiro, dizendo sem discrepancia aos 23. porque ainda que este numero seja o mais certo, isso naõ tirava o copiallo verdadeiramente como elle he; repetindo-se assim a multiplicada implicancia, e contradicçaõ destes numeros, que como saõ de Algarismo, póde supporse se errariaõ na Imprensa, ou na copia; como certamente se errou no mesmo lugar de Severim, e de outros o numero do nome do Pontifice, que o creou Cardeal, pois se acha escrito, que fora o Papa Joaõ

Quem foy o Pontifice, que lhe deu o Capello.

Joaõ XXII. havendo efte falecido em 4. de Dezembro de 1334. fetenta e fete annos antes, que tiveffe o Capello; fem que falve efta duvida, a variedade com que fe contaõ os Pontifices do nome de Joaõ, porque Guilielmo Burio, na ferie Chronologica delles, a que intitula, *Romanorum Pontificum brevis notitia*, e no Elencho da mefma noticia, fect. 25. que pondera efta mefma variedade, ajufta o numero certo de vinte e tres Pontifices defte nome; e fendo efte o ultimo delles, claro eftá, que foy Joaõ XXIII. o que lhe deu a Purpura.

---

## CAPITULO CXIV.

*Em que fe falla na vida do Doutor Joaõ das Regras, e com efpecialidade no feu nafcimento, e appellido, como coufa até aqui ignorada, ou controvertida.*

676 O Terceiro Miniftro do feu Confelho, de que fez eleiçaõ efte Principe, e com a qual acabou de juftificar o feu grande juizo, foy o Doutor Joaõ das Regras, (e naõ de Aregas, como quer Fr. Luiz de Soufa, pelo que logo moftrarey) infigne Jurifconfulto, como difcipulo do famofo Bartholo, e digno difcipulo de hum taõ grande Meftre, o qual veyo de Bolonha a Portugal no anno de 1382. governando ElRey D. Fernando, que já entaõ fazia delle a eftimaçaõ, que merecia o feu grande talento; e agora o Meftre o fez feu Chanceller môr, em lugar de Al-

O Doutor Joaõ das Regras, terceiro Miniftro do Defpacho.

varo Paes, que ficou do seu Conselho, e com os lugares, que se deviaõ à sua grande capacidade, e zelo, que mostrou na sua acclamaçaõ, e por cuja attençaõ tal vez, puxaria para o seu serviço com mayor vontade, ao mesmo Joaõ das Regras, seu filho, ou enteado; e como esta novidade naõ ley, que até aqui a tocasse nenhum Escritor, direy os fundamentos, que tenho para dizello, e saõ os seguintes.

Documentos por onde se mostra quem foy o Doutor Joaõ das Regras.

677 No Cartorio da Freguesia da Magdalena desta Cidade, entre outros Documentos authenticos, e pergaminhos antigos, e originaes, que eu vî, e me participou o Academico Manoel Moreira de Sousa, se acha hum testamento com a mesma authoridade, e antiguidade, que diz assim: *Testamento de Gonçalo Esteves, natural de Sintra, cazado com Anes Vasques, filha de Fernando Anes, escrito por Lourenço Peres seu Tio, a rogo do Testador; sendo testemunhas Lourenço Anes, Estevaõ Gomes, Estevaõ Rodrigues Raçoeiro de Saõ Mamede, e Vicente Lourenço, &c. Foy Tabelliaõ Martim . . . .* (que as letras do appellido se achaõ apagadas) *aos* 20. *de Dezembro, da era de* 1388.

678 Sobre este testamento houve depois litigio, e quizeraõ annullallo, para o que foraõ perguntadas as testemunhas, e depuzeraõ em Cintra da sua legalidade, que se confirmou entaõ por sentença de Vasco Martim, Juiz dos Testamentos, aos 14. de Julho de 1389. Escrivaõ Pedro Fernandes.

679 Neste Processo jurou a mesma Annes Vasques, intitulando-se mulher de Gonçalo Esteves em outro tempo, e entaõ de Lourenço da Matta.

Manda

680 Manda pois o dito Teſtador, que na Igreja da Magdalena o enterrem com ſeu padre, e madre, e alli haja Capella perpetua por ſi, e os ditos ſeus pays, para o que obriga a ſua quinta, e herdade de Cintra. Manda, que do rendimento deſtas propriedades ſe dem ſeis libras cada anno à Igreja de S. Martinho da meſma Villa, para tres Anniverſarios, em dia de Natal, Reſurreiçaõ, e Paſchoa do Eſpirito Santo. Manda, que ſe ajuſtem as contas, que tem com ElRey; deixa legados a *Silveſtre* ſua filha, e a *Joaõſinho* ſeu neto. Nomea Teſtamenteiros Pedro Eſteves, ſeu irmaõ; Fernando Annes, ſeu ſogro; e Joanne Annes, ſeu ſobrinho; e manda que partaõ com Annes Vaſques ſua mulher, bem, e fielmente, e que do reſtante cumpraõ ſeu teſtamento.

681 Eſte *Joaõſinho* veyo a ſer o Doutor Joaõ das Regras, ou Joaõ Affonſo das Regras, como ſe infere do modo com que nelle falla tambem ſua mãy Silveſtre Eſteves, no ſeu teſtamento, e codicillo, feitos em Lisboa pelo Tabelliaõ Gonçalo Martins: o teſtamento aos 9. de Junho da Era de 1428. ſendo teſtemunhas Martim Affonſo, Sobre-Juiz delRey na Caſa do Civel, (ſaõ formaes palavras delle) Lopo Affonſo, Joaõ Pereira, Lourenço Peres, (homens de Alvaro Paes) Rodrigo Eſteves, Gonçalo Annes, e Joaõ Mattheus, homens de Diogo Alvares. E o codicillo tres dias depois, no dito mez, e Era, ſendo teſtemunhas Domingue Annes de Béja, Joaõ Gomes Marinheiro, Lopo Affonſo, Joaõ Pereira, homens de Alvaro Paes; Vicente Eſteves, e Fernando Annes, Tabelliaõ que alli

aſſignou como teſtemunha; e depois o approvou o meſmo Tabelliaõ Gonçalo Martins, nas caſas de morada della Teſtadora.

682 Neſte teſtamento ſe intitula ella mulher de Alvaro Paes, Védor môr da Chancellaria delRey D. Fernando, e inſtitue herdeiro ao Doutor Joaõ Affonſo ſeu filho; Teſtamenteiros o dito Joaõ Affonſo, e Alvaro Paes ſeu marido, aos quaes deixa *ſendos marcos de prata*, e roga *ao Doutor Joam das Regas ſeu filho*, tome por Capellaõ da Capella de ſeus avós a Sancho Martim, Prior de Pereira, criado de Alvaro Paes, e della. Manda-ſe enterrar na Magdalena com ſeu padre, e madre; diſpoem de cinco mil libras em varios legados, a mayor parte a criados pobres, e conhecidos; e deſtes legados, e da fórma delles (principalmente naquelles tempos) ſe póde inferir a nobreza da Teſtadora, que baſtantemente a inſinuava na de ſeu marido Alvaro Paes, que ainda ſendo ſegundo, naõ deixa de acreditar o primeiro, que ſuppoſto ella o naõ nomea, o perſuade, quando diz = *Mando que dem a pobres pelas almas de meus maridos, e daquelles de que algum encarrego ouve, quinhentas libras* = Ficando aſſim em duvida, de qual delles era filho o Doutor Joaõ Affonſo das Regras, pois ſua mãy no dito teſtamento, ainda nas clauſulas, que ſe dirigem a ambos, naõ nomea Alvaro Paes como pay delle, mas como ſeu marido; nem tambem nos conſta o tempo, que foy caſada com qualquer delles, pois aſſim facilmente ſe ſoubera qual delles fora o pay.

683 E ſer o dito Joaõ Affonſo o Doutor Joaõ das Regras,

Regras, ſe prova com os meſmos Documentos, aſſim porque a dita Inſtituidora uſa de ambos os nomes no teſtamento, e codicillo, nomeando hum ſó filho, pois na inſtituiçaõ diz : *Ao Doutor Joam Affonſo meu filho*; como porque ſe foraõ dous, haviaõ de ſer ambos inſtituidos, aſſim como ambos eraõ gravados, conforme a Direito.

684 E ainda que no teſtamento de ſeu avô Gonçalo Eſteves ſe nomea ſua mãy *Silveſtre Eſteves*, e ella no ſeu ſe chame *Sentil Eſteves*, e tambem no codicillo; naõ faz iſſo duvida para que ſeja a meſma, pois os nomes ſó differem nos accidentes, e naõ na ſubſtancia, porque *Sentil*, e *Silveſtre* he o meſmo nome, como ſe moſtra neſtes meſmos, e na meſma peſſoa, por hum teſtamento de Gonçalo Gonçalves Camelo, que ſe acha no dito Cartorio da Magdalena, eſcrito pelo Tabelliaõ Pedro Gonçalves, aos 18. de Mayo de 1451. no qual diz o dito Teſtador = *Mando enterrar meu corpo na Igreja da Madanella, em a Capella onde jas Silveſtre Eſteves, Madre que foy do Doutor Joam das Regas* = E tambem por huma Verba, que ſe acha na Carta de Viſitas, que fizeraõ na dita Igreja Affonſo Annes, Chantre da Sé de Lisboa, e Joaõ d'Elvas, Vigario Geral de D. Pedro de Noronha, Arcebiſpo da meſma Cidade, que diz = *Item achamos que na dita Igreja havia outra Capella de Sentil Eſteves, Madre do Doutor Joam das Regas, e que fora mandado na Viſitaçom do anno paſſado, ao dito Prior, e Racoeiros, que ſoubeſſem preſto a quem pertencia a adminiſtraçom della, e que elles procuraraõ a D. Affonſo de Caſcaes para lhe preguntarem pelos bens da dita*

Capella

*Capella*, *&c.* ꞊ Do que tudo ſe prova ſer *Sentil*, e *Silveſtre* o meſmo nome, e a meſma peſſoa, e ſer eſta a mãy do Doutor Joaõ das Regras, que em o ſer ſua, deixa abonada a nobreza de ſeu pay, ainda que naõ foſſe o dito Alvaro Paes, ſeu ſegundo marido. E por acabar com o que pertence a eſta Capella.

685 Sobre os ſeus rendimentos houve muitas demandas, e principalmente contra Marinha Martim, mulher de Joaõ Coelho de Cintra, que queriaõ poſſuir eſtes bens a titulo de parenteſco, de que foraõ excluidos pelo Prior da meſma Igreja da Magdalena, de que ha inſtrumento publico, feito pelo Tabelliaõ Pero Peres, ſendo Juiz Gonçalo Annes, Vigario Geral do Cabido Sedevacante, em 9. de Julho de 1440. da Era de Ceſar. Mas já hoje naõ ha noticias de tal Capella, que com as obras da Igreja ſe desfez, a qual tinha a invocaçaõ de Santa Clara, e nella eſtavaõ ſepultados os ditos Gonçalo Eſteves, e *Sentil*, ou *Silveſtre* ſua filha.

686 E pelo que toca ao nome do neto, naõ póde fazer equivocaçaõ, ou duvida acharſe neſtes, e outros Documentos, *Regas*, e naõ *Regras*, no appellido deſte famoſo homem; porque além de que nas Eſcrituras antigas ſe dizia huma, e outra couſa no meſmo ſignificado; o meſmo Fr. Luiz de Souſa, que he ſó o que impugna, e condemna chamarſe Joaõ das Regras, (tal vez, que perſuadido do engano de algumas peſſoas, que ſeguiaõ eſta opiniaõ, como eu lî, em cartas originaes de algumas dellas, que a elle lhe eſcreveraõ, quaes foraõ Fernando Alvares, e Antonio Tavares) he o que tambem parece, que o comprova, com a Carta

Carta de doaçaõ do ſitio de Bemfica, que ElRey D. Joaõ o I. deu aos Religioſos de S. Domingos, para a fundaçaõ do ſeu Convento; e com a memoria, que nelle ſe guarda deſta grande merce, eſcrita huma em vulgar, outra em Latim, que elle meſmo tranſcreve, e eu vî nos ſeus originaes, aonde ſe lê em huma *Joaõ das Regras*, e em outra: *Joannes de Regulis*; (como tambem ſe acha na pedra, que eſtá em huma parede da caſa da Portaria do dito Moſteiro) aquella feita em Lisboa, aos 22. de Mayo da Era de 1437. e eſta aos 29. do dito mez, e Era; que correſponde ao anno de Chriſto de 1399. o que aſſim ſe confirma com outra Carta delRey D. Duarte, paſſada em Lisboa aos 17. de Junho de 1437. ſobre outras merces feitas a eſte Convento, na qual da meſma ſorte ſe nomea *Joam das Regras*; como eu tambem lî no ſeu meſmo original, hum, e outro de letra antiga, em pergaminho, e com ſellos pendentes, os quaes eſtaõ no Cartorio do meſmo Convento, de donde os Religioſos delle mos participaraõ; e em muitos Documentos da Torre do Tombo, que me foraõ preſentes, principalmente nas Cartas, e doaçoens, que ElRey D. Joaõ lhe fez, ſe acha igualmente o nome de *Joaõ das Regras, e das Regas*, (ainda que eſte mais vezes) por ſer o meſmo, com o qual o trazem tambem todos os Eſcritores da vida deſte Principe, deſde Fernaõ Lopes, até Manoel de Faria; quanto mais, que em Author grave, que ſegue diverſa opiniaõ, lî eu no ſeu original, *Joaõ de Regas*, e ſendo o *de* o meſmo, que *das*, iſſo meſmo he dizer *Joam das Regas*. E ſe no tumulo deſte Miniſ-

tro,

tro, que eſtá na Igreja de S. Domingos de Bemfica; aonde foy ſepultado, e he huma grande caixa de marmore, com o corpo de vulto em cima, a qual primeiro ſe collocou no meyo da Igreja, e depois a mudaraõ para a entrada da porta à maõ direita, aonde hoje ſe conſerva, eſtá com o nome de *Joam daregas*, como eu ſou teſtemunha, ſeria ou por eſta equivocaçaõ, ou por falta da letra *S* no *das*, para dizer *das Regas*; ou por ſóbra da meſma letra, para encher o circulo, ou orla deſte Mauſoleo, o qual ſe vê inteiramente occupado com o ſeguinte Epitafio = *Aqui jas Joam daregas Cavaleiro Doutor em Leys, privado dELRey D. Joam, fundador deſte Moſteiro, finou tres dias do mes de Mayo, era de* 1422 = Cujas letras ſaõ gravadas, e abertas na meſma pedra, como melhor póde lerſe em Fr. Luiz de Souſa, que deſcreve miudamente eſta ſepultura, e tranſcreve o ſeu Epitafio, como eſtá referido: O qual tambem lhe daria o fundamento para entender, que *Joaõ daregas* era o ſeu verdadeiro nome, ou appellido, (deduzindo-o entaõ, ou naturalizando-o em *Aregas*, ou *Arega* terra do Alentejo, taõ pouco conhecida, como a razaõ dos que para lá o conduzem) naõ o ſendo, ſenaõ *Joaõ das Regras*, como ſe tem moſtrado; e era tambem eſtylo nos antigos darem aos Letrados os ſobrenomes da ſua profiſſaõ; e aſſim he de crer, que delle tomaria o da ſua Faculdade, tendo lido *de Regulis juris*; o que aſſim meſmo ſe perſuade, e exemplifica com muitos Documentos da Torre do Tombo, que eu lî, em que alguns homens de Letras, ſe chamavaõ Fulanos das Leys; como ſe vê no primei-

ro

ro livro da Chancellaria delRey D. Fernando, a fol. 13. aonde diz = *Carta de Doaçaõ da terra de Povos, feita em Coimbra a 20. de Junho da era de 1405. ao Meſtre Joaõ das Leys.* E tambem no ſegundo livro do meſmo Rey, a pag. 3. e com peſſoa do ſeu meſmo nome, dizendo = *C. de Aprezentaçaõ da Igreja de Santa Mària de Guimarães, pela Rainha Dona Leonor a Joaõ Affonſo das Regas, Doutor em Leys, Clerigo* = a qual foy paſſada em Lisboa aos 7. de Dezembro da Era de 1421. o que baſtantemente comprova, e verifica, que por eſte principio ſe poderia tambem chamar *Joaõ das Regras.*

687 Foy elle caſado com D. Leonor da Cunha, filha herdeira de Martim Vaſques da Cunha, e de ſua mulher D. Conſtança, filha baſtarda delRey D. Henrique de Caſtella, aonde por eſte caſamento foy Conde de Valença do Campo, e progenitor de Caſas illuſtriſſimas o dito Martim Vaſques. E como eſte, por paſſar a ſervir em Reyno inimigo, tinha perdido os bens, que deixara em Portugal, ElRey D. Joaõ, dandolhe hum caſtigo, que podera ſer premio, fez merce delles a ſua filha para eſtes deſpoſorios, com outras mais, que fez a ſeu marido, o Doutor Joaõ das Regras; de cujo matrimonio ſó naſceo huma filha, que ſe chamou D. Branca da Cunha, que caſou com ſeu tio D. Affonſo, chamado de Caſcaes, que era filho baſtardo do meſmo Infante D. Joaõ, e neto delRey D. Pedro, e de D. Ignez de Caſtro; os quaes tiveraõ tambem huma ſó filha, por nome D. Iſabel, que foy mulher de D. Alvaro de Caſtro, pri-

Com quem caſou o Doutor Joaõ das Regras.

meiro Conde de Monſanto, por merce delRey D. Affonſo V. de quem foy Camereiro môr, Alcaide môr de Lisboa, e Senhor de muitas terras, e de quem procede a illuſtriſſima Caſa dos Marquezes de Caſcaes. O caſamento do Doutor Joaõ das Regras foy feito no mez de Agoſto do anno de 1389.

*de Rochefort f. Lisboa. 1731.*

G.F.L. Debrie f. 1732.

# MEMORIAS,

## PARA AS VIDAS DOS VAROENS ILLUSTRES EM ARMAS; que concorrerаõ no dito reynado.

## CAPITULO CXV.

*Em que começa a vida do grande Condestavel Nuno Alvares Pereira, e nella especialmente se trata do preclaro da sua ascendencia.*

688 ANTES de referir as inclytas proezas do grande Nuno Alvares Pereira, Condeſtavel de Portugal, Conde de Ourem, ( e depois de Arrayolos, e Barcellos ) com todas as terras, com que poſſuhia eſte Condado Joaõ Fernandes Andeiro, e outras muitas, que lhe deu mais ElRey D. Joaõ, ( como ſe po-

Doação delRey ao Condestavel.

dem ver na Carta de doação dellas, feita em Santarem aos 20. de Agosto da Era de 1423. que responde ao anno de Christo de 1385. da qual se trata no cap. 107. num. 613.) com a singularidade da promessa com que lhe fez merce deste Titulo, e foy, de que em sua vida não faria outro Conde, palavra, que observou tão pontualmente, que para fazer Conde de Barcellos a seu filho D. Affonso, quando o casou com a filha do mesmo Condestavel (à qual elle dotou esta Villa, e com o mesmo Titulo) lho pedio este por merce, dispensando na sua promessa; como tambem se diz no mesmo capitulo num. 614. premios, com outros muitos, que lhe deu depois, todos merecidos dos seus grandes serviços.

689 Antes de referir, pois, os heroicos feitos deste Varão famoso, direy summariamente quaes forão seus illustres progenitores, ou quaes forão as antigas raizes deste excelso tronco de quasi todos os Reys, e Principes de Europa, que escrevo, ajustandome com os Nobiliarios de melhor nota, principalmente com o Conde D. Pedro, quando trata destes ascendentes, (em tudo o que não tem contradicção notoria) como tambem se acha em alguns dos que traz na sua Chronica Augustiniana o Padre Fr. Antonio da Purificação, que he o que mais largamente falla nesta illustre ascendencia.

*Chronic. August.* part. 2. liv. 6. tit. 6. §. 2. fol. 186.

Origem do Condestavel.

*Baudrand in verb. Scandia, & Scania cum Strabone, Grotio, Hoffmano, Stephano, Plinio, Cluverio, & aliis.*

690 Foy elle produzido na famosa Roma, e plantado pelos Godos, e Longobardos, depois que huns deixando a Scania, Provincia de Scandia, ou Scandinavia, região amplissima, que contém os Reynos

nos de Suecia, e Noruega, e divididos em Ostro-Godos, e Viso-Godos, (isto he, Godos Orientaes, e Godos Occidentaes) occuparaõ aquelles a Scythia, destruhiraõ a Mysia, entraraõ na Thracia, e discorreraõ por Macedonia, e Illyrico, e outras Provincias; e estes invadiraõ Italia, e conquistaraõ Hespanha. E depois que outros, sahindo da Germania, e entrando na Italia, dominaraõ a Gallia Citerior, aonde residiraõ, até que foraõ vencidos por Carlos Magno, como tambem aquelles se conservaraõ em Hespanha, depois que nella começou a sua Monarchia, pelo casamento de Athaulfo, irmaõ de Alarico, com Placidia, filha do Emperador Theodosio o Grande, e primeiro do nome; até que vencido, ou morto pelos Mouros ElRey D. Rodrigo, o ultimo dos Godos, se restaurou a mesma Monarchia pelas unicas reliquias destes, em D. Pelayo; ainda que Garibay, citando a outros Authores, nega que este Principe descendesse dos Godos, e o faz descendente de Tubal, por ser filho de Favila, ou Fruela, (que he o mesmo nome, como se lê no Conde D. Pedro no seu Nobiliario, e em Alvaro Ferreira de Vera, nas suas Notas, ainda que Lavanha nas suas, julga ser erro dos copiadores o Fruela, e só admitte o Favila) Duque, ou Governador, e Capitaõ General de Cantabria, (que com todos estes titulos o nomeaõ variamente os Escritores) o qual foy tambem Capitaõ das Guardas de Witiza, de cuja ira fogindo, escarmentado na morte de seu pay, (ao qual matou com as suas proprias mãos este tyranno Principe) lhe foy preciso retirarse a Cantabria, aonde foy taõ bem recebido, como

*Garib.* liv. 8. cap. 50. pag. 383.

*Nobiliario do Conde D. Pedro*, plana 2. *Vera*, e *Lavanha nas Notas a esta plana. Monarch. Lusit.* part. 2. liv. 6. cap. 29. *Luc Tudens. Histor. de Hespanha. Moral.* liv. 12. cap. 64. *Isid. Pacen. in Chron. Carril.* liv. 2. e 3. e outros.

como mereciaõ as memorias de ſeu pay D. Favila, e de ſeu avô Chindaſuindo, ou Chindo, ou Chindaſuntho, que de toda a ſorte ſe acha eſcrito; e de donde, depois de morto Witizá, veyo ſervir a ElRey D. Rodrigo ſeu primo, e lhe aſſiſtio na batalha de Guadalete, cuja perda levou comſigo a da Monarchia.

691 Deſte D. Pelayo, (commummente chamado o Infante) e da Rainha D. Gaudioſa, tambem Senhora illuſtriſſima de Cantabria, foy filho D. Favila, ou D. Fruela, (como dizem os meſmos Hiſtoriadores, e com cujo nome ſe corrobora o do avô) que reynou pouco mais de dous annos, e morreo ſem ſucceſſaõ.

*Carrilho, Garibay, Mariana, todos os Authores Caſtelhanos, e muitos Portuguezes, e ultimamente o Padre Bonucci no ſeu Epitome Chronologico.*

692 A eſte ſe ſeguio D. Affonſo o Catholico, cognome, que mereceo pela ſua muita religiaõ, e Chriſtandade, e lhe foy dado pelo Papa Zacharias I. no anno de 745. ſendo antes ſó concedido a ElRey Recaredo, (de quem elle deſcendia) no anno de 589. por Pelagio II. ou como outros querem, por S. Gregorio Magno, no de 590. pouco depois de aſſumpto ao ſeu Pontificado, o qual ſe confirmou tambem no terceiro Concilio Toledano, (quando ſe reduzio à Igreja Catholica toda a naçaõ dos Godos) e depois ſe concedeo a ElRey D. Affonſo III. pelo Papa Joaõ VIII. no anno de 880. e ultimamente pelo Pontifice Alexandre VI. no de 1496. a ElRey D. Fernando V. fazendolho hereditario em ſeus ſucceſſores.

693 Eſte D. Affonſo I. chamado o Catholico, era filho de D. Pedro, Duque, ou Governador de Cantabria, ou de huma das quatro partes, em que ella ſe

ſe divide, a qual governava no tempo, em que foy acclamado Rey o Infante D. Pelayo, como diz Alvaro Ferreira de Vera, nas meſmas Notas, aonde ſe lê tambem, que elle tivera outro filho, que depois fora Duque de Cantabria, e pay de D. Bermudo, ou D. Vermui, (que he o meſmo nome, como dizem Lavanha, e Garibay) oitavo Rey de Oviedo nas Aſturias, communmente chamado o Diacono, por haver tido primeiro Ordens Sacras; e aſſim o Conde D. Pedro o nomea D. Vermui, e o traz por filho de D. Fruela; ao qual Alvaro Ferreira faz tambem pay de D. Rodrigo Frojaz, primeiro Conde de Caſtella.

*Vera*, na plana 2. col. 610. e 611.

*Lavanha*, na plana 3. col. 404. letra B.

*Garibay na vida deſte Principe.*

*Conde D. Pedro*, pag. 3. tit. 3.

*Vera*, plana 2. col. 610.

694 Depois de D. Affonſo I. reynou ſeu filho D. Fruela, (que conforme Garibay, e outros Authores, foy o primeiro deſte nome, dando o de Favila ao filho de D. Pelayo) o qual foy pay delRey D. Affonſo o Caſto, e do Conde D. Romaõ, (que muitos Eſcritores equivocaõ com o Conde D. Ramon, que floreceo mais de tres ſeculos depois delle, e foy caſado com D. Urraca Affonſo, filha de D. Affonſo VI. Rey de Leaõ) de quem foy filha D. Joanna Romanes, mulher do Conde D. Mendo, que ſegundo alguns, foy irmaõ de Deſiderio, ultimo Rey dos Longobardos em Italia, e delles foy filho o Conde D. Fruela, ou D. Frojaz Mendes, que de ſua mulher D. Griſodora, ou Grinivera, filha do Conde D. Alvaro de Aſturias, teve ao Conde D. Bermudo, ou D. Vermui Frojaz, que foy caſado com ſua tia D. Aldonça Rodrigues, filha do Conde de Monteroſo D. Rodrigo Ramires, ou Romanes, e foraõ pays do Conde D. Fruela, ou D. Frojaz Vermuis,

*Garib.* liv. 9. cap. 8. pag. 412.

ou Bermudes, que casou com D. Sancha Rodrigues, dos quaes nasceo o grande Heroe D. Rodrigo Frojaz de Trastamara, que sendo-o, naõ se quiz chamar Conde, (o qual titulo antigamente se tomava pelas terras, que recebiaõ dos Reys, a que se chamavaõ Condados, e elle era Senhor de Trastamara, e outras muitas terras) e foy chamado o Bom, por quem, e pelo Cid, costumava dizer ElRey D. Fernando o Magno, que podia haver mayores Principes no Mundo, mas naõ que tivessem semelhantes Vassallos, como os dous que elle tinha, e ambos do mesmo nome, hum o Conde D. Rodrigo Frojaz, e outro, D. Rodrigo Dias de Bivar, cognominado o Cid, ambos celebres na batalha delRey D. Sancho, prezo este pelo primeiro, (com cuja acçaõ coroou as da sua vida, que alli mesmo perdeo) e solto, depois de o entregar a seu irmaõ ElRey D. Garcia, por descuido dos que o guardavaõ, passando este de vencedor a vencido, prezo tambem depois pelo segundo.

*Nobiliario do Conde D. Pedro*, tit. 7. pag. 45. num. 5.

*Vera*, plana 49. e 117.

695 Deste D. Rodrigo Frojaz, que foy casado com huma filha de D. Gonçalo Trastamires da Maya, e de sua mulher D. Mecia Rodrigues, bisneta de Laim Calvo, e prima terceira do mesmo Cid, de quem descende toda a Nobreza da mayor parte de Hespanha, como tambem do dito D. Gonçalo, por ser neto do Infante D. Alboazar Ramires, tambem chamado o Cid, e bisneto delRey D. Ramiro II. de Leaõ, que se fez celebre com a morte de Alboazar Abbucadam, ainda que podera infamarse com o roubo da mulher, que o mesmo Alboazar lhe havia feito, para satisfazerse do

de

de ſua irmãa, como tudo refere o Conde D. Pedro, com mais certeza, que a de dar por mulher a eſte meſmo D. Rodrigo Frojaz a filha de Gonçalo Mendes da Maya (ou de Amaya) o Lidador, ou Batalhador, como ſe cognominava, pela grande inclinaçaõ, que tinha à guerra, (pois *Lid* em Caſtelhano tambem ſe toma por batalha) florecendo eſte mais de hum ſeculo depois delle, o qual era ſobrinho de ſua mulher, por ſer neto deſta D. Gonçalo Traſtamires da Maya, filho de ſeu filho D. Mem Gonçalves da Maya, conforme o meſmo Conde.

*Conde D. Pedro*, tit. 21. pag. 111. & ſeqq.

*Idem* tit. 21. pag. 117. & ſeqq.

*696* Deſte D. Rodrigo, e de ſua mulher, (que naõ nomea Alvaro Ferreira quando falla neſte caſamento, e moſtra a implicancia do que lhe dá o Conde D. Pedro, o que tambem adverte Fr. Antonio Brandaõ, e outros Authores) naſceo D. Frojaz Vermuis de Traſtamara, que de D. Elvira Gonçalves, filha de D. Gonçalo Munhós, e neta do Conde D. Pedro de Palença, teve a D. Rodrigo Frojaz de Traſtamara, do meſmo nome, que o avô, cujo valor para ſer conhecido, naõ ha miſter as proezas do ſitio de Sevilha, em que o Conde D. Pedro diz, que elle ſe achara, e em que tambem ſe equivocou, ſendo eſte tantos annos depois no de 1248. como dizem todos os Hiſtoriadores, que o referem, e vivendo eſte D. Rodrigo no tempo delRey D. Affonſo Henriques, pois he certo, que era contemporaneo, e conſogro de Egas Moniz ſeu Ayo, como ſe verá logo.

*Vera no lugar citado.*

*Monarch. Luſit.* part. 3. liv. 10. cap. 4.

*Conde D. Pedro*, tit. 7. pag. 50.

*Vera*, na plana 49. e outros Authores.

*697* Foy D. Rodrigo Frojaz de Traſtamara caſado com D. Urraca Rodrigues de Caſtro, filha de Ro-

*Conde D. Pedro*, tit. 7. pag. 54.

drigo Fernandes de Caſtro, e de ſua mulher a Condeſſa D. Eſtavaina, ou Eſtefania Peres, e delles naſceo D. Gonçalo Rodrigues Frojaz, chamado da Palmeira, por ſer Senhor deſte Couto, que lhe deu ElRey D. Sancho I. de Portugal, quando elle ſe paſſou a eſte Reyno, porque ElRey D. Fernando II. de Leaõ lhe queria dar a morte, em caſtigo da que elle dera a D. Fernando Gutterres, que o havia deſmentido, na porfia, que ambos tiveraõ ſobre os deſpojos da batalha de Xeres, que repartia D. Alvaro Pires de Caſtro, (de quem era Vaſſallo) ſobrinho deſte D. Gonçalo Rodrigues, por ſer filho de D. Pedro Fernandes o Caſtelhano, ſeu primo, como diz o Conde D. Pedro quando falla neſte ſucceſſo. Caſou no Reyno D. Gonçalo a primeira vez com D. Froile, ou Fruela Affonſo, filha do Conde D. Affonſo de Cellanova, prima co-irmãa de D. Sancho Nunes Barboſa, que foy caſado com Tareja Affonſo, filha baſtarda delRey D. Affonſo Henriques, como dizem o Conde D. Pedro, o Marquez de Montebello, e outros Eſcritores, ainda que Fr. Antonio Brandaõ na terceira parte da Monarchia Luſitana diz, que naõ era filha, ſenaõ irmãa, e o demoſtra quaſi evidentemente, a qual tambem ſe chamava Tareja. Morta eſta, caſou ſegunda vez o dito D. Gonçalo com D. Urraca Viegas, filha do grande Egas Moniz, (Ayo delRey D. Affonſo Henriques) e de ſua ſegunda mulher D. Tareja Affonſo, filha do Conde D. Affonſo de Aſturias, que fundou o Convento de Salceda da Ordem de Ciſter, como diz o Conde D. Pedro, ſuppoſto que Fr. Antonio Brandaõ naõ quer que o fundaſſe

*Idem ibidem, e tambem Vera, Brandaõ, Garibay, Mariana, e outros, e aſſim meſmo no que abaixo ſe refere em outros muitos lugares.*

*Conde D. Pedro ibid.*

*Monarch. Luſit.* part. 3. liv. 8. cap. 27. col. 53. verſ.

*Conde D. Pedro,* tit. 24. pag. 144. num. 9.
*Idem ibid.*
*Monarch. Luſit. loco citato,* pag. 52. verſ.

daſſe ſenaõ a meſma D. Tareja ſua filha, que póde ſer o acabaſſe, havendo-o começado ſeu pay o Conde D. Affonſo. Eſta D. Urraca Viegas foy primeiro caſada com o Conde D. Vaſco Sanches, como diz o Conde D. Pedro, e eſta foy a que tambem fundou o Moſteiro de Tujaens, que refere o meſmo Author.

*Conde D. Pedro*, tit 22. plana 140. num. 7. e tit. 36. pag. 188. num. 10.

698 Deſte D. Gonçalo Rodrigues Frojaz, e de ſua primeira mulher D. Fruela, naſceo Ruy Gonçalves Pereira, appellido que tomou do lugar deſte nome, (de que tambem foy o primeiro Senhor) e que ſe continuou nos ſeus deſcendentes, do qual (como dizem alguns Eſcritores) tiveraõ principio as Armas dos Pereiras, que ſaõ em campo vermelho huma Cruz de prata florîda, e vaſia, entre dous cotos de azas de Anjos, com alluſiva reflexaõ ao ſucceſſo milagroſo da Cruz, que appareceo naquelle lugar ſobre huma Pereira, quando Affonſo I. Rey de Leaõ, ainda que com inferior poder, eſtava para dar batalha ao Rey Mouro na conquiſta de Galliza, de quem com taõ feliz annuncio alcançou huma inſigne vitoria. Foy eſte Ruy Gonçalves Pereira, aquelle, que já de vinte annos ſe tinha achado com ſeu pay em muitas batalhas, por quem ſe dizia, que nunca em taes annos ſe vira tal valor; o qual foy caſado com D Ignez Sanches, a quem no Caſtello de Lanhoſo poz fogo, e queimou com o adultero, e tudo o mais, que dentro ſe achava; e depois caſou com D. Sancha Henriques Portocarreiro, filha de D. Henrique Fernandes Magro, Senhor de Portocarreiro, e de ſua mulher D. Oroana Raymondo Portocarreiro, os quaes tiveraõ a D. Pedro Rodrigues Pereira,

Armas dos Pereiras.

Succeſſo milagroſo.

*Conde D. Pedro*, tit. 7. pag. 55. num. 12.
*Idem*, plana 56.

*Idem ibid.* num. 14. reira, que venceo, e matou valerosamente a seu primo D. Pedro Poyares, e outros muitos Cavalleiros, que o seguiaõ, e casou com D. Estafania, ou Estevaina Hermiges Teixeira, filha de Hermigio Mendes Teixeira, e de D. Maria Paes, filha de D. Payo Novaes, e de D. Mayor Soares, e neto de D. Pedro Novaes o Velho, que no serviço delRey de Leaõ fez celebre o seu cativeiro no poder dos Mouros pelo modo do seu resgate.

*Conde D.Pedro*, tit. 65. plana 355. e 356.

699 Este D. Pedro Rodrigues Pereira teve da dita sua mulher ao Conde D. Gonçalo Pereira, (famoso pela sua liberalidade) que casou a primeira vez com D. Urraca Vasques Pimentel, filha de D. Vasco Martins Pimentel, Meirinho môr, e grande Senhor neste Reyno, (e tambem no de Castella, para onde passou desgostado com ElRey D. Affonso III. e morreo no serviço de seu sogro ElRey D. Affonso o Sabio) e de sua mulher D. Maria Annes, filha de Joaõ Martins de Fornelos, e de D. Urraca Fafes, cujo appellido naõ he menos celebre pelo illustre, que pelo antigo; e dos ditos D. Gonçalo, e D. Urraca nasceo D. Gonçalo Pereira, (naõ fallando em seu filho segundo, D. Vasco Pereira, de quem descende a Casa da Feira, e a dos Senhores de Riba de Visella, hoje extinctas, nem em sua filha D. Maria Gonçalves Pereira) o qual foy Arcebispo de Lisboa, e depois de Braga, em quem concorreraõ além do esclarecido sangue, todas as virtudes, e letras, que poderaõ constituhir os seus grandes merecimentos; do qual certamente escrevera as suas acçoens famosas na paz, e na guerra, Prelado, e Capitaõ, como

*Idem*, tit. 7. plana 57. num. 5. e tit. 35. plana 183. num. 2.

como fiz ao Arcebiſpo D. Lourenço, ſenaõ pertenceraõ eſtas aos reynados dos Reys D. Diniz, e D. Affonſo IV. e as quaes ſe podem ver (ainda que ſummariamente) na Hiſtoria de Braga, eſcrita pelo Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha, e em Fr. Franciſco Brandaõ, na ſexta parte da Monarchia Luſitana.

*Hiſtoria de Braga*, part. 2. cap. 42.
*Monarch. Luſit.* part. 6. liv. 19. cap. 32. & ſeqq.

700 Eſte D. Gonçalo Pereira, eſtudando em Salamanca, teve ahi de huma Senhora, chamada D. Tareja Pires Villarinha, filha de Pedro Gonçalves Villarinho, (ou Vallarinho, como diz o Marquez de Montebello, nas Notas ao Conde D. Pedro, allegando o ſeu meſmo original, quando trata deſte appellido, na peſſoa de Gonçalo Martins Vallarinhos, da Familia dos Valles, nas terras de Valdevez, de que tambem foy chamado; e do qual, ainda que elles o naõ declarem, perſuade, até o Patronimico, que quando naõ foſſe filho, ſeria deſcendente o dito Pedro Gonçalves de Villarinhos) e de ſua mulher D. Aldonça da Sylva, huma, e outro das mais illuſtres Familias naõ ſó de Salamanca, mas de Heſpanha, a Alvaro Gonçalves Pereira, que foy Prior do Crato (da qual dignidade tratarey logo) da Ordem Militar de S. Joaõ da Rhodes, aonde entrou a ſervir de pouca idade, e obrou tantas proezas, que em premio dos ſeus grandes ſerviços, o proveo o Graõ Meſtre neſte honroſo cargo, em que foy eleito por morte do Prior D. Eſtevaõ Vaſques Pimentel, tendo ſó dezoito annos, como diz o Conde D. Pedro, e no qual ſe portou com igual grandeza, que piedade, e foy para a Ordem de grande conveniencia, e credito, nas muitas obras Sagradas, e profanas, com que naõ

*Conde D. Pedro*, tit. 7. plana 57. & 58.
*Montebello*, na plana 365.
*Conde D. Pedro*, tit. 7. plana 58. num. 19.

ſó

só a augmentou, mas a ennobreceo; e por se fazer mais raro o seu merecimento em ser multiplicado, naõ se fez só famoso no serviço de Portugal, mas no de Castella, (naõ fallando na celebre batalha do Salado, e cerco de Aljezira) quando ElRey D. Pedro o pedio para se servir delle, a seu avô ElRey D. Affonso IV. nas vistas, que ambos tiveraõ em Ciudad Rodrigo. Este foy o que defendendo a Cidade do Porto pelo mesmo Rey D. Affonso, na guerra com seu filho o Infante D. Pedro, a qual ainda entaõ naõ era toda murada, poz as Bandeiras por muralhas, que em fim bastaraõ a guardalla dezaseis dias, até a entregar a seu verdadeiro Senhor, de quem a recebera, e a quem depois fez o mayor serviço, sendo o instrumento da sua reconciliaçaõ com o mesmo Infante; e em fim na paz, e na guerra, foraõ sempre as suas acçoens igualmente heroicas, e recomendaveis.

*Idem ibid.* plana 58. e 59.

*Idem ibid.*

701 Disse acima neste honroso cargo de Prior do Crato, porque este, assim antes, como depois, andou sempre nas primeiras pessoas, e em muitas Reaes, como foraõ o Infante D. Luiz, filho delRey D. Manoel; seu filho natural D. Antonio; o Cardeal Archiduque Alberto, sobrinho de Filippe II. Victor Amadeo, Principe de Piamonte, depois duodecimo Duque de Saboya; o Cardeal Infante D. Fernando, até os ultimos annos do governo de Castella; e para Portugal, basta dizerse, que o he hoje o Serenissimo Senhor Infante D. Francisco, irmaõ delRey D. Joaõ o V. nosso Senhor.

Pessoas principaes, que em Portugal foraõ Priores do Crato.

CAPI-

## CAPITULO CXVI.

*Em que ſe trata do Priorado do Crato, com o titulo do Hoſpital.*

702 ESte meſmo Priorado do Crato era tambem chamado do *Hoſpital*, e aſſim com eſte titulo trazem as Chronicas antigas ao dito Alvaro Gonçalves Pereira, e a ſeu filho Pedro Alvares Pereira, que por ſua morte lhe ſuccedeo neſta dignidade, e depois foy em Caſtella Meſtre de Calatrava, e morreo na batalha de Aljubarrota, ſeguindo as partes daquelle Reyno.

Eſte Priorado ſe chama tambem do Hoſpital, e porque.

703 Mas para dar a razaõ porque aſſim ſe chamava, referirey brevemente, pela parte, que me toca do Prior do *Hoſpital*, tudo o que pude conferir, e ajuſtar do que pertence a eſta Ordem de *S. Joaõ de Jeruſalem*, e hoje de *Malta*, de cuja Religiaõ he o Priorado do *Crato*, da qual naõ ſó tocarey a ſua primeira origem, mas até as cauſas mais remotas della, fundado nas opinioens mais provaveis dos Authores allegados na margem, que em todo, ou em parte trataõ deſta materia, eſpecialmente os principaes deſta Hiſtoria; quaes ſaõ: Jacome Boſio na *Hiſtoria da Sagrada Religiaõ de S. Joaõ de Jeruſalem*; Jacome Vitrineo, Ricardo de S. German, e Guilherme, Arcebiſpo de Tyro, na *Hiſtoria da Terra Santa*; o Abbade Bernardo Juſtiniano, na *Hiſtoria das Ordens Militares*; Joaõ Antonio Viperano, na *Hiſ-*

*Boſio, Vitrineo, S. German, Guilherme, Juſtiniano, Viperano, Marullo, Geſta Dei per Francos, Bzovio, Wion, Hermes, Soranſo, Micheli, Volaterrano, Caſſanco, Merennio, Raynaldo, Guarino, Palmerio, Genebrardo, Gualtero, Aretino, Sabelico, Baronio, Ilheſcas, Pineda, Platina, Rades, Sandoval, Mendo, Mazzella, Mariz, Martines de la Puente, Garibay, Mariana, Faria, Zurita, Brandaõ, Mexia, Carrilho, Polidoro Virgilio, D. Franciſco de Eſcanno,* e outros que elle allega.

*toria*

*toria de Malta*; Jeronymo Marullo, nas *Vidas dos Graõ Meſtres*; e o livro, que ſe intitula: *Geſta Dei per Francos*, que com toda a individuaçaõ, e clareza, diz tudo o que toca a eſta Religiaõ. E começando pelo ſeu exordio, e conforme os ſeus Eſtatutos antigos, que admittem a opiniaõ de alguns deſtes Eſcritores, a que tambem ſe refere D. Fernando de Eſcanno, no ſeu *Propugnaculum Hieroſolymitanum*, *Diſcept.* 1. que cita muitos delles. Teve principio o *Hoſpital de S. Joaõ Bautiſta de Jeruſalem*, depois da morte de Alexandre Magno, quando ſendo deſtruida por Antiocho eſta Cidade, (depois por tantos titulos Santa) o fortiſſimo Capitaõ Judas Machabeo naõ ſó expulſou della as barbaras profanas gentes, que a dominavaõ, mas reſtituhio ao Povo Hebreo a ſua liberdade, e o devido culto ao verdadeiro Deos; e continuando felizmente a guerra contra a gentilidade viſinha, em que morreraõ muitos dos Hebreos, quando voltou para a Cidade, pia, e generoſamente deputou huma caſa, em que naõ ſó ſe curaſſem os feridos, e enfermos, mas ſe oraſſe pelos que antes morreraõ, e que depois morreſſem na dita guerra.

Quando teve principio o Hoſpital de S. Joaõ, e por quem.

704 Paſſados alguns annos, e ſendo já morto Judas, erigio neſta caſa hum novo Hoſpital com mais capacidade, e com a meſma applicaçaõ, o famoſo Capitaõ, e Profeta Joaõ Hircano, o qual durando até o Naſcimento de Chriſto, ſe póde crer piamente, que eſte Divino Senhor o illuſtraria, e ſantificaria muitas vezes com a ſua preſença, e contacto, como lugar taõ proprio da ſua aſſiſtencia.

Joaõ Hircano funda outro de novo, e quando.

Depois

705 Depois da ſua Paixaõ Sagrada, ſendo outra vez deſtruida a Cidade de Jeruſalem por Veſpaſiano, e Tito, foy com ella demolido o dito Hoſpital, cujas ruinas ſe augmentaraõ com as da Cidade, quando terceira vez foy poſta por terra pelo Emperador Elio Adriano, que fundando-a de novo, lhe deu o ſeu primeiro nome de *Elia*, e a reſtituhio aos Catholicos, no qual tempo, e com eſta occaſiaõ, ſe renovou de todas as partes da Chriſtandade a devoçaõ de ſe viſitarem eſtes Santos Lugares; e vindo entre taõ grande numero de Peregrinos hum Cavalhero Francez, natural de Toloſa, chamado Gerardo, igualmente illuſtre, que virtuoſo, e esforçado, foy o primeiro mobil, e o principal inſtrumento de ſe fazer no meſmo ſitio hum novo, e mayor Hoſpital, como ſe dirá a diante, depois que referir quando, e quaes foraõ os primeiros Peregrinos, ou devotos, que em Jeruſalem edificaraõ Templo com os ritos da Igreja Romana, pois ſaõ os meſmos, que tambem concorreraõ para a fabrica do dito Hoſpital.

Funda Gerardo outro mayor, e todos no meſmo ſitio do primeiro.

Quando em Jeruſalem houve Templo com ritos da Igreja Romana.

706 Pelos annos de 1048. começaraõ alguns Mercadores Italianos, naturaes de Amalfi, Cidade do Reyno de Napoles, a contratar nos portos de Soria, e Egypto; e ſendo gratas as ſuas mercadorias àquelles moradores, tiveraõ livremente entrada naquellas terras, de donde communicando-ſe com a Cidade de Jeruſalem, e indo a ella muitas vezes, deſejaraõ, inſpirados de Deos, que nella ſe edificaſſe algum Templo, em que ſe celebraſſem os Officios Divinos ao uſo da Igreja Romana, pois até entaõ os que ſe celebravaõ,

*Boſio*, part. 1. liv. 1. pag. 3. & ſeqq.

eraõ conforme o rito da Igreja Grega; e juntamente se fizesse huma casa para sua habitaçaõ, e dos Peregrinos, que vinhaõ a ver, e adorar os Sacrosantos Lugares. Para este fim recorreraõ ao Calyfa do Egypto, que ou pela sua natural inclinaçaõ, e conhecimento, que delles tinha de mais annos atraz, desde que elles se fizeraõ celebres pela introducçaõ dos seus generos no Oriente, ou pela persuasaõ de algum dos seus valîdos, lhes veyo a conceder sitio capaz para huma, e outra fabrica, o qual era visinho do em que se fundara o Templo de Salamaõ; e assim nelle fizeraõ huma Igreja em honra da Virgem Maria, e trocando a applicaçaõ das casas, que erigiaõ para sua morada, edificaraõ junto a ella hum Recolhimento, ou Mosteiro para viverem Monges, e se accommodarem Peregrinos.

*Justiniano*, cap. 21. pag. 209.

707 Estando consummada a obra, a instancias suas vieraõ da sua Patria, ou como outros dizem, do Monte Cassino hum Abbade, e alguns Monges da Ordem de S. Bento, aos quaes deraõ a administraçaõ, e governo desta Igreja, e Mosteiro, com a obrigaçaõ de recolherem nelle todos os passageiros Catholicos, que alli chegassem, para o que lhes consignaraõ as rendas necessarias; e porque os Fundadores eraõ Italianos, lhe deraõ o nome de *Santa Maria dos Latinos*, para se distinguir das Igrejas dos Gregos, e mais naçoens, que viviaõ em Jerusalem.

708 Divulgando-se a fama desta Santa obra, e do commodo que tinhaõ os Peregrinos, concorreo tanto numero delles, que naõ só por naõ caberem naquelle Recolhimento, mas por naõ estarem juntos homens, e mulheres

mulheres ( muitas dellas illuſtres ) ſe reſolveraõ os meſmos Mercadores a fundar outro ſó para eſtas, que com effeito fizeraõ, em louvor de *Santa Maria Magdalena*, de que tomou o nome; e elegeraõ para a ſua adminiſtraçaõ algumas mulheres virtuoſas, que nelle reſidiaõ, e exercitavaõ eſtes continuos actos de caridade, ſendo primeiro Recolhimento, e depois Moſteiro da meſma Ordem Benedictina, ſogeito tambem ao ſeu D. Abbade, e com conſignaçaõ baſtante para haver de ſuſtentarſe.

709 Naõ baſtando porém ambos, para caberem nelles o grande numero de Peregrinos, que de toda a parte concorriaõ, determinaraõ eſtes verdadeiramente pios, e generoſos homens ( ajudados, ou movidos do Francez Gerardo, e tal vez com lembrança, ou à imitaçaõ dos ſeus dous primeiros Fundadores Judas Machabeo, e Joaõ Hircano ) fazer hum novo Hoſpital com capacidade naõ ſó para os Peregrinos, mas para os enfermos, debaixo da invocaçaõ, e titulo de *S. Joaõ Bautiſta*, opiniaõ muito mais provavel, e commua, que a que ſegue, que elle ſe fundara com o nome de *S. Joaõ Eſmoler*, Patriarcha de Alexandria, no tempo do Emperador Focas; o que aſſim demoſtra o meſmo Boſio, com a circunſtancia de ſer aquelle lugar o em que coſtumava fazer ſempre oraçaõ Zacharias, pay do meſmo Santo. *Boſio*, part. 1. liv. 1. pag. 5.

710 Eſte Hoſpital, aſſiſtido ſempre dos bens, que lhe deixaraõ os ſeus Fundadores, e das eſmolas dos Fieis, e devotos, ſe conſervou com a meſma applicaçaõ, e exercicio para que foy inſtituído, até que ſendo

ganhada aos Infieis a Cidade de Jerusalem, depois de trinta e nove dias de sitio, aos 15. de Julho do anno de 1099. em huma sesta feira, e à hora de Noa (dia, e hora com estas circunstancias, ainda mais memoraveis) por Godfredo de Bulhaõ, quarto Duque de Lorena, e sendo entaõ Reytor, ou Administrador do dito Hospital o mesmo Gerardo, (o qual com os seus companheiros naõ concorreraõ pouco para esta conquista) indo visitar este Hospital o Duque Godfredo, e constandolhe da summa piedade, que nelle se exercitava, lhe applicou do seu Patrimonio sufficientes rendas, como se mostra na doaçaõ dellas, que traz copiada Bosio, na qual se vê claramente como a sua instituiçaõ èra *de S. Joaõ Bautista*, e naõ de *S. Joaõ Esmoler*; o que se confirma com a Bulla de Paschoal II. dirigida ao devoto Gerardo, quando o constitue Cabeça, e Administrador deste Hospital, que entaõ tomou debaixo da protecçaõ Apostolica, isentando-o da subordinaçaõ do Mosteiro de *Santa Maria dos Latinos*, a que estava sogeito, e incorporado nos da Ordem de S. Bento, desde o principio da sua fundaçaõ; com outras muitas isençoens, e graças, que constaõ da mesma Bulla, a qual foy passada em Benevento aos 15. de Fevereiro de 1113. como tambem diz Bosio, dando além destas, outras razoens concludentes a favor desta opiniaõ, que tambem seguem Scipiaõ Mazzella, Bernardo Justiniano, e outros.

*Idem ibidem*, pag. 7.

*Idem*, part. 1. liv. 1. pag. 8. e 9.

*Idem ibid. cum Mazzella, & Justiniano, & aliis.*

711 Depois de Rey de Jerusalem, deu a este Hospital o mesmo Godfredo todos os bens, que se achavaõ vagos sem herdeiros legitimos, e lhe fez outras muitas

muitas merces, que ainda continuara, a naõ lhe interromper a morte o curso da sua liberalidade, aos 18. de Julho do anno seguinte de 1100. logrando só hum anno o titulo de Rey, dentro do qual nunca quiz coroarse, parecendolhe indigno a hum Catholico cingir a cabeça com Coroa de ouro na mesma Cidade, em que ao Salvador do Mundo lha pozeraõ de espinhos. E porque as virtudes deste grande Principe o fazem merecedor dos mayores elogios, e elle foy sepultado na Igreja em que estava o Sepulchro do Senhor, no monte Golgota, aonde Santa Elena, mãy do Emperador Constantino Magno, mandou edificar hum magnifico Templo, em desaggravo das estatuas fabulosas, que nelle erigio o Emperador Adriano, quando reedificou Jerusalem, chamandolhe *Elia Capitolina*; porey aqui o Epitafio da sua sepultura, que traz Ferreol Locro, e transcreve Carrilho, e he o que se segue: *Hic jacet inclytus Dux GODEFROY, Duc de Buillon, qui totam istam terram acquisivit cultui Christiano; cujus anima regnat cum Christo. Amen.* E nesta pia asseveraçaõ lhe faz mayor elogio, que Morlano, que lhe traz o seguinte:

*Bosio ibidem.*

Acçaõ digna de louvor.

*Carrilho, Ann. Chron. in ann.* 1100.

*Blut. na palav. Golgota. Carr. ibidem.*

*Ferr. Locrus, Chronic. Belg. in ann.* 1100. pag. 251.
*Carr. ibid.*

*Morlan. apud Carr. ibidem.*

*Ægypti terror, Arabum fuga, Perfidiæ horror;*
*Rex licet electus, Rex noluit intitulari;*
*Nec diademari, sed sub Christo famulari;*
*Cujus erat cura Sion, sua reddere jura:*
*Mirificum Sydus, Dux hic récubat Godefridus:*
*Catholiceque sequi Sacra dogmata juris, & æqui;*
*Sic est cum superis potuit diadema mereri.*
*Militiæ speculum, populi vigor, anchora Cleri.*

CAPI-

## CAPITULO CXVII.

*Em que se continûa a mesma materia, e se trata de Rhodes, e Malta.*

712 DEpois de Godfredo, sobio ao Throno seu irmaõ Balduino, que confirmou, e continuou as merces, e esmolas ao mesmo Hospital, como dalli por diante fizeraõ todos os Principes Catholicos.

713 Morto em fim o seu Administrador, e Fundador Gerardo, no anno de 1118. em que morreo tambem o Papa Paschoal, lhe succedeo no cargo Fr. Raymundo de Podio, tambem Francez, e Religioso da sua Ordem, da nobilissima Familia dos Senhores de *Pui*, que he o mesmo, que *Podio*; o qual foy o primeiro, que se intitulou Graõ Mestre, e deu a fórma, e instituhio a Regra desta Religiaõ, no Capitulo Geral, que congregou em Jerusalem, por votos conformes dos que nelle se acharaõ, todos da mesma Ordem, e tambem se determinou, que a Cruz branca, que traziaõ no peito, fosse de fórma octogona, como ainda hoje se usa, e que assim a trouxessem nos Mantos; o que tudo com outras cousas mais, que constaõ da sua vida, approvaraõ, e confirmaraõ depois muitos Pontifices, especialmente os quatro, que se seguiraõ a Paschoal, todos segundos do nome, quaes foraõ Gelasio, Calixto, Honorio, e Innocencio, e este lhes concedeo tambem a Ordem da Cavallaria para poderem militar

militar contra os Infieis, depois que os ſeus anteceſſores lhes deraõ a Regra de Santo Agoſtinho, que hoje ſeguem, em lugar da de S. Bento, que até alli obſervavaõ; e como daqui por diante, ſem embargo de ſe occuparem na guerra, naõ deixavaõ de ſe exercitar na hoſpitalidade, ſe lhes deu o nome de Cavalleiros *Hoſpitaleiros*, ou *Hoſpitalarios*, o qual titulo conſervaraõ até o anno de 1309. em que ſendo Graõ Meſtre Fr. Folco de Villareto, ſe ſenhorearaõ da Ilha de Rhodes (com faculdade do Emperador Andronico, que della lhes deu a inveſtidura, que depois lhes confirmou Clemente V.) de donde tomaraõ o nome, chamando-ſe Cavalleiros de *S. Joaõ de Rhodes*, a qual poſſuhiraõ duzentos e treze annos, até o de 1522. em que eſta celebre Ilha adjacente à Aſia, foy tomada por Solimaõ II. com o poder de duzentos mil combatentes, e ſitio de mais de cinco mezes, ſendo entaõ ſeu Graõ Meſtre Fr. Filippe de Villiers Islleadam, Francez de naſcimento, e homem de valor conhecido, que bem moſtrou na defenſa della, até a ſua entrega, depois da qual ſe embarcou com os poucos Cavalleiros, que ficaraõ deſta vigoroſa reſiſtencia, e partio para Roma a ſolicitar a protecçaõ do Papa Adriano VI. e por morte deſte, o patrocinio de Clemente VII. filho, que fora da ſua meſma Religiaõ, (como diz Fr. Jeronymo Marullo) *Marul. vit. de Gran Meſtr.* pag. 713. o qual pode conſeguir do Emperador Carlos V. que lhes déſſe a Ilha de *Malta*, de que em fim tomaraõ a inveſtidura em 25. de Abril de 1530. e eſta foy a ſua ſegunda, e ultima tranſmigraçaõ, havendo ſido a primeira para *Ptolemayda*, ou *Acre*, Cidade de Fenicia, *Baudrand in verb. Ptolemays.* aonde

aonde no Convento de *S. Joaõ* refidiraõ os ditos Cavalleiros, que hoje exiftem em *Malta*, tendo entrada em Portugal efta Ordem (que fe conferva no Priorado do *Crato*, como fica dito) no anno de 1130. doze annos depois, que havia começado a ter fórma de Religiaõ, pois foy no de 1118. e onze, que fe havia inftituído a dos *Templarios*, que foy no de 1119. e depois tomou fórma, e Regra, que lhe fez S. Bernardo, no de 1128. approvada pelo Bifpo de Albano, Legado do Papa Honorio II.

714 Eftas duas Religioens, começando quafi ao mefmo tempo, e com a mefma fortuna, tiveraõ taõ diverfo fim, como fe fabe; huma, que foy a dos *Templarios*, extincta com tanta injuria, e ignominia fua; e outra, que he a de *Malta*, permanecendo com tanta gloria, e fama, naõ fó fua, mas de toda a Chriftandade; e porque naõ haja circunftancia, que naõ deva ponderarfe, florecendo igualmente ambas os primeiros dous feculos, no fim do fegundo acabou taõ fatal, e infelicemente aquella, para ficar mais famofa efta, naõ fó com a muita parte das fuas rendas, que lhe dotou o mefmo Pontifice, mas por fe extinguir no mefmo anno, em que os Cavalleiros de *S. Joaõ* tomaraõ *Rhodes*, como dizem Gualtero, Palmerio, Genebrardo, e quafi todos os Authores, que trataõ do augmento de huma, e da ruina de outra; e ainda que alguns delles a anticipaõ hum anno, ou dous, he porque contaõ o em que começaraõ a prenderfe os *Templarios*, e naõ o em que acabaraõ de caftigarfe, que foy o de 1309. ainda que o Abbade Juftiniano continûa efta extinçaõ até o de

*Gualter. Palmer. Genebrard. e outros.*

de 1313. em que vem a consummalla com o ultimo supplicio na pessoa do seu Graõ Mestre Fr. Jacome de Molay, natural de Borgonha.

715 E coroando o que pertence a *Rhodes* com o que toca a Portugal, direy ultimamente: que tambem foy eleito com geral approvaçaõ de todos, no anno de 1194. por seu Graõ Mestre (naõ fallando em Fr. Luiz Mendes de Vasconcellos, Fidalgo Portuguez, que só o foy hum anno, no de 1622. em que tambem morreo, nem em D. Antonio Manoel de Vilhena, que hoje dignamente occupa aquelle cargo) Fr. Pedro Affonso, como o nomeaõ os nossos Escritores, ou só Fr. Affonso, como o trazem os Estrangeiros, que foy undecimo Mestre, e filho natural delRey D. Affonso Henriques, como até confessa o Abbade Justiniano, ainda que erradamente Bosio, e Marullo o fazem filho delRey D. Affonso III. o que era impossivel, pois este nasceo tres annos depois da sua morte, no de 1210. nem tambem foy filho, como outros querem, do Conde D. Henrique, porque entaõ naõ se intitulara *Petrus proles Regis*, como elle se assignava, e refere o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha. Fez este Graõ Mestre algumas Leys justas, mas como eraõ severas, foraõ logo desobedecidas; e querendo elle antes perder o lugar, que arriscar o respeito, cedeo, e renunciou o Mestrado no anno de 1196. em que voltou para Portugal, e morreo em Santarem no de 1207. como consta da sua sepultura, que está na Igreja de S. Joaõ de Alporaõ da dita Villa, Commenda da mesma Ordem, à parte esquerda da Capella môr, aonde se lê o

*Justinian. Bos. e Marul.*

*Histor. de Lisb.* part. 2. e 3. num. 3.

seguinte Epitafio, que transcreve Bosio: *In Æra de 1245. Kalendis Martii obiit Frater Alphonsus Magister Hospitalis Jerusalem*; e logo estes Versos:

*Quisquis ades, qui morte cadis, perlege, plora,*
*Sum quod eris, fueram quod es, pro me precor, ora.*

716 Restame tambem agora dizer, já que falley em Malta, que he esta huma Ilha de Africa, (ainda que pequena, famosa) no mar Mediterraneo, a qual dista da Syria, que lhe fica ao Nascente, seiscentas legoas, e do Estreito de Gibraltar ao Poente quasi quinhentas, conforme Baudrand, e os Geografos antigos; ainda que estas distancias, depois das observaçoens, que se tem feito em França, na Academia Real das Sciencias, saõ muito menores, supponda menos comprido o mar Mediterraneo. O mesmo Baudrand dá a esta Ilha de comprimento vinte e cinco mil passos, e quinze mil de largura; e diz, que fica distante do Promontorio Pachino de Sicilia para o Meyo dia, sessenta mil; e Manoel Pimentel lhe dá vinte e duas milhas Italianas modernas de comprido, e doze de largo, com sessenta de circumferencia, que fazem vinte das nossas, tendo cada huma tres mil passos Geometricos, e cada milha mil. He celebre esta Ilha até desde o tempo da sua gentilidade, pela santificar S. Paulo com as suas pizadas, quando obrigado de huma grande tormenta, veyo a arribar, e desembarcar nella, eximindo-a com a sua bençaõ de bichos venenosos, em memoria, ou recompensa da vibora, que naquelle sitio lhe mordeo huma maõ, sem lhe imprimir o veneno.

*Baudrand in verbo Melita*, pag. 425.

*Arte de Navegar*, pag. 553.

717 Ultimamente direy, que nesta Ilha naõ te-

ve

ve igual succesſo, que em Rhodes, o meſmo Solimaõ, quando no anno de 1565. a ſitiou com trinta mil combatentes, porque depois de quatro mezes de vigoroſa oppugnaçaõ, e valeroſa defenſa, levantou o ſitio com perda, confuſaõ, e deſordem.

---

## CAPITULO CXVIII.

*Em que ſe acaba o que toca ao Prior do Crato, até chegar a ſeu filho Nuno Alvares Pereira.*

718 PAſſando a outra materia, e proſeguindo o que falta, e me pertence da vida, ou peſſoa do Prior do Crato, Alvaro Gonçalves Pereira, foy elle pelas ſuas muitas partes eſtimado de tres Monarchas Portuguezes, D. Affonſo IV. D. Pedro, e D. Fernando; e com o primeiro ſe achou na milagroſa batalha do Salado.

719 Teve de varias mulheres trinta e dous filhos, muitos delles Progenitores de illuſtriſſimas Familias, dos quaes ainda eraõ vivos vinte, ao tempo da ſua morte, dez filhos, e dez filhas, que refere, e nomea Alvaro Ferreira de Vera, nas Notas ao Conde D. Pedro, achando-ſe à ſua cabeceira dezoito, como diz Fernaõ Lopes, e a Chronica antiga do *Condeſtabre*. Deſtes era trigeſimo Nuno Alvares, ao qual houve de huma Senhora naõ ſó de ſangue illuſtre, mas Real, como affirma Rodrigo Mendes Sylva na ſua vida, referindo-ſe a Aro, e Argote de Molina, e outros Nobiliarios,

*Vera*, na plana 58.
*Chron. delRey D. Joaõ o I.* part. 1. cap. 36.
*Vida do Condeſtabre*, cap. 6.

*Aro, e Argote de Mol. apud Mendes Sylva na vida do Condeſtavel*, a fol. 4.

liarios, a qual se chamava Eyria Gonçalves do Carvalhal, filha de Alvaro Gil do Carvalhal, dos Senhores de Evora Monte, (que outros querem, mas com menos fundamentos, se chamasse Pedro Gonçalves do Carvalhal, Alcaide mór de Almada) descendentes de D. Bermudo II. de Leaõ, como consta naõ só destes Escritores, mas tambem de hum Privilegio de Henrique IV. de Castella, concedido à sua Casa, no anno de 1454. em que assim se declara, e o traz o mesmo Rodrigo Mendes no lugar citado.

*Idem ibidem.*

Covilheiras, que cousa era antigamente.

*Liv.* 18. cap. 40. pag. 175.

720 Desta Senhora, pois, que desprezando as estimaçoens da Corte, devidas à sua pessoa, e à privança da Infanta D. Brites, filha delRey D. Fernando, (depois Rainha de Castella) de quem era Covilheira, (que val o mesmo, que Cubicularia, e eraõ as que antigamente tinhaõ entradas livres nas cameras dos Reys, e das Rainhas, e Infantes, e tratavaõ dos vestidos, e adornos das suas pessoas, como refere Fr. Francisco Brandaõ, na sexta parte da Monarchia Lusitana, aonde tambem refuta o chamarlhe Argote de Molina, e outros, Camereira mór, sendo occupaçaõ distincta, e que entaõ servia Maria Affonso, mulher de Vasco Martins de Mello, como se diz na Chronica delRey D. Fernando, que cita o mesmo Author) se retirou a melhor vida, fazendo-a em quanto lhe durou esta, por espaço de quarenta annos, taõ austera, que parecia Monastica; nasceo no de 1360. aos 24. de Junho este invicto Heroe, que sendo o que se tem visto pelos seus Progenitores, naõ he menos em quantó aos seus descendentes, os quaes, se se houvessem de escrever todos,

dos, faltaria antes o papel, que a materia, antes o tempo, que o assumpto, porque saõ tantos, e taõ dilatados os ramos desta excelsa Arvore, que comprehende os mais dos Reys, e Principes da Europa, em que se contaõ muitos Emperadores, e Emperatrizes, com quasi toda a Nobreza desta, se a mais pequena, a mais illustre, e famosa das quatro partes do Mundo; de cuja descendencia tem escrito muitos Historiadores, e Genealogicos, porém melhor que todos, com a sua rara intelligencia nesta materia, o Secretario de Estado Joseph de Faria, na Genealogia da Serenissima, e hoje Real Casa de Bragança, de que eu vì hum grande volume de folio, que sem estar acabado, conta nelle, até aquelle tempo, tres mil, duzentas, setenta e oito pessoas da primeira grandeza, no qual, e no Indice delle se vê, naõ só com individuaçaõ, e clareza, mas tambem com admiraçaõ, e respeito, que naõ ha Soberano, ou Grande, que com mais, ou menos participaçaõ desta origem, naõ possa ter a gloria de ser felice producçaõ deste famoso tronco, que em o ser desta grande Casa, tem o seu mayor credito, pois naõ se póde dizer mais de quem era Nuno Alvares Pereira, que dizerse, que procede delle ElRey nosso Senhor.

721 Mas para coroar, e confirmar este discurso, porey aqui o Epitafio de seu avô o Arcebispo D. Gonçalo Pereira, que está na sua sepultura, na Capella, que elle mesmo erigio, e edificou à sua custa, na Sé de Braga, nomeando para Administrador della ao Deaõ da mesma Sé, e aos que lhe succedessem, sendo Portuguezes; e assim o Deaõ D. Carlos lhe fez pôr este Epitafio,

tafio, como huma, e outra cousa traz no fim da sua vida o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, que o transcreveo, e he o seguinte:

*Histor. de Brag. part. 2. cap. 43. pag. 189.*

*Aqui jaz o Arcebispo Dom Gonçalo Pereira, Avô do Condestabre de Portugal Nuno Alvares Pereira, do qual procede o Emperador Carlos V. e em todos os Reynos de Christãos da Europa, ou os Reys, ou as Rainhas delles, ou ambos. E éste letreiro se pôs em Março de 1537. sendo Administrador da sua Capella D. Carlos, Deaõ desta Sê.*

Origem da dignidade de Condestavel em Portugal.

722 E dando fim a este capitulo com o que toca à dignidade de Condestavel, ainda que esta fosse creada por ElRey D. Fernando no anno de 1382. sendo o primeiro D. Alvaro Pires de Castro, Conde de Arrayolos; com tudo, por ser o segundo Nuno Alvares Pereira, por merce delRey D. Joaõ, no mesmo anno em que foy acclamado, e por ser este conhecido, ainda mais, que pelo nome, pelo Titulo, direy delle alguma cousa, e primeiro os que depois lhe succederaõ.

---

## CAPITULO CXIX.

*Dos que foraõ Condestaveis depois de Nuno Alvares até o presente, e do que toca a esta dignidade, e ceremonias com que se confere.*

Quaes foraõ os que a tiveraõ depois de Nuno Alvares.

723 POr morte do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, lhe succedeo no Officio o Infante D. Joaõ, filho do mesmo Rey; e morto elle, o Senhor

nhor D. Pedro, Meſtre de Aviz, filho do Infante D. Pedro; depois o Infante D. Fernando, filho delRey D. Duarte, e pay delRey D. Manoel; a que ſe ſeguio D. Joaõ, Marquez de Montemôr, filho do Duque D. Fernando, primeiro do nome, e ſegundo Duque de Bragança, que exercitou eſte poſto, acompanhando a ElRey D. Affonſo V. na guerra de Caſtella; faltando o Marquez, foy Condeſtavel o meſmo Rey D. Manoel, ſendo Duque de Béja; e depois de Rey, deu eſte lugar a D. Affonſo, filho natural do Duque de Viſeu, ſeu irmaõ; ſeguio-ſelhe o Infante D. Luiz, filho delRey; depois o Senhor D. Duarte, Duque de Guimaraens, filho do Infante D. Duarte, e ſobrinho do Infante D. Luiz; e por ſua morte o Duque de Bragança D. Joaõ, a quem deu de juro, e herdade eſte Titulo para a ſua Caſa ElRey D. Filippe II. de Caſtella, quando governou eſte Reyno; e morrendo o Duque, herdou eſte cargo ſeu filho D. Theodoſio; como tambem depois deſte, o Senhor D. Joaõ, oitavo Duque de Bragança, ſegundo do nome, e quarto entre os Reys de Portugal, em cuja felice acclamaçaõ fez o Officio de Condeſtavel, por merce ſua, D. Franciſco de Mello, terceiro Marquez de Ferreira, e tambem depois no juramento do Principe D. Theodoſio; e quando faltando eſte, ſe jurou o Principe D. Affonſo, ſendo morto o Marquez, teve eſte exercicio ſeu meſmo irmaõ o Senhor Infante D. Pedro; e no juramento deſte para Regente do Reyno, como tambem no de ſua filha a Princeza D. Iſabel, ſervio eſta occupaçaõ D. Nuno Alvares Pereira de Mello, primeiro Duque do Cadaval,

(que

( que até no nome foy digno deſcendente de hum taõ grande Heroe ) e para em fim ſe acreditar eſta dignidade pela da mayor graduaçaõ , e grandeza ( ſe ainda o neceſſita , depois de a exercer o Senhor Rey D. Pedro , que Deos haja ) a exercitou o Sereniſſimo Senhor D. Franciſco , no juramento , e acclamaçaõ de ſeu irmaõ ElRey noſſo Senhor , que Deos guarde.

Creaçaõ do meſmo cargo em Caſtella.

724 No meſmo anno de 1382. inſtituîo tambem ElRey D. Joaõ o I. de Caſtella o Officio de Condeſtavel , na peſſoa de D. Affonſo de Aragaõ , Marquez de Vilhena , Conde de Denia , e de Ribagorça , filho do Infante D. Pedro , e neto delRey D. Jayme o II. de Aragaõ , como diz Salazar de Mendoça , na *Origem das dignidades de Caſtella* , quando trata deſta ; o que tambem confirma , além de outros Authores , outro Salazar , D. Luiz Salazar de Caſtro , no *Memorial do Duque de Frias* , Condeſtavel de Caſtella , no qual , referindo as palavras da ſua inſtituiçaõ , ſe moſtra , que o fim , e a cauſa de ſe crear eſte novo Officio , foy a guerra de Portugal , para que logo foy nomeado o dito Condeſtavel , com todas as preeminencias devidas a taõ ſuperior poſto , deſtinado ſó para o governo das armas ; o que tambem conſta das meſmas palavras, com que lhe foy feita eſta merce , e conferido eſte cargo , que por ſerem largas , as naõ refiro como eſtaõ no original , o que ſó farey das delRey D. Diniz no Regimento para os Officiaes de guerra, as quaes andaõ copiadas na Nobiliarchia Portugueza , e ſaõ as ſeguintes.

*Liv.* 3. cap. 19.

*Memor. do Duque de Frias.*

Fim para que foy creado.

*Nob. Portug.* cap. 11. pag. 119.

725 *O Condeſtabre he o melhor officio, e de mayor honra , e eſtado que ha na Oſte , tirando aquelle que he Senhor della;*

*della; porque segundo he geral, e antiga usança da Guerra, a elle pertence ir na vanguarda, e ter o Regimento della; se outro Senhor de mayor estado hi nom for; e ainda a elle pertence a governaçom nas mayores, e mays assinadas cousas que na oste ajam de ser feitas.* Porém hoje esta superioridade naõ anda annexa a esta occupaçaõ, porque a concedem os Reys aos Generaes, e Governadores das armas, como lhes parece.

*726* Em todos os Reynos onde se exercita este cargo, andou sempre nas primeiras pessoas, e em muitas Reaes, como foraõ em Castella, além das referidas, o Infante D. Manoel, irmaõ delRey D. Affonso o Sabio; o Infante D. Joaõ, filho do mesmo Rey; e depois seu bisneto D. Carlos de Lacerda, Conde de Angulema; como tambem o Principe D. Joaõ, filho de Henrique II. e herdeiro do Reyno. No de Aragaõ foy o seu primeiro Condestavel D. Martinho, filho delRey D. Pedro IV. No de Navarra foy tambem primeiro Mossem Pierres de Peralta, neto delRey Carlos II. Em França da mesma sorte se achaõ muitos exemplos, como se podem ver em Fr. Jeronymo Roman, e outros Authores; e entre os Emperadores Gregos, diz Zurita, que fora Condestavel Roger de Brindes, Catalaõ, com titulo de *Cesar*.

**Pessoas em que andou este cargo em varios Reynos.**

*727* Correspondia este Officio ao de Dictador, que era entre os Romanos o cargo mais supremo; e para em tudo ser igual ao de Condestavel, tambem se creava nas urgencias da guerra, como se fez com Lucio Quincio Cincinato, contra os Sabinos, que tinhaõ cercado ao Consul Minucio; com Mamerco Emilio,

contra os Vejentes, e Fidenates; com Cayo Marcio Rutilio, contra os Hetruscos, e Tarquinienses; com Marco Furio Camilo, contra os Faliscos, e Capenatos; com Quinto Fabio, contra os Sâmnites; com Cornelio Sulpicio contra os Gallos; e com outros, em outras muitas occasioens, que refere Tito Livio.

728 Das ceremonias com que se confere esta dignidade, trata largamente o mesmo Salazar de Mendoça, no lugar citado, e nelle refere as muitas prerogativas, e excellencias deste grande cargo, que tambem se achaõ em Fernaõ Mexia, no seu Nobiliario; e em Manoel Severim de Faria, nas *Noticias de Portugal*; em Ambrosio de Morales, e outros muitos Authores, principalmente em D. Fernando Alvia de Castro, no seu *Panegyrico Genealogico, e Moral*, aonde trata com grande individuaçaõ esta materia, e tambem Garibay, no seu *Compendio Historial de Hespanha*, liv. 15. cap. 53.

*Salaz.* liv. 3. cap. 20.

*Mex. Nob.* cap. 80. *Severim, Noticias de Portugal*, Differt. 2. §. 2. *Morales, Alvia, Garibay, e outros.*

729 Mas por dizer alguma cousa da etymologia deste nome: *Condestavel*, he o mesmo que *Comes stabilis*, Conde, ou companheiro, que está sempre ao lado do Rey, ou como outros dizem, companheiro, ou Conde estabelecido especialmente para as cousas militares, que saõ as que lhe tocaõ. Budeo escreve: *Constabularius*; Cassaneo: *Connestabilis*; a quem seguem Petreyo, Brissonio, e Cujacio. O Cardeal Pedro Bembo, na sua Historia Latina, lhe chama: *Centurio Militum*; Pontano, na de Napoles: *Magnus Magister Militum.* Finalmente com qualquer nome com que o tragaõ os Escritores, he o cargo superior da milicia, cuja primeira

Sua definiçaõ.

*Salaz.* liv. 3. cap. 19. *com Budeo, Cassaneo, Petreyo, Brissonio, Cujacio, Bembo, e Pontano.*

meira origem, como dizem Paulo Emilio, e Papirio Maſſon, foy a do poſto, que hoje correſponde a Eſtribeiro môr, que na lingua Latina nem ainda nas letras ſe diſtingue, ou diverſifica, porque da meſma ſorte ſe chamavaõ eſtes *Comes ſtabuli*, que *Comeſtabilis*, ou *Conneſtabilis*, como diz Du Cange ſobre a meſma palavra, o qual largamente trata da ſua derivaçaõ, e antiguidade, ſendo eſte Officio praticado deſde o tempo dos Godos, e referido em varios lugares do Codice Theodoſiano, além dos muitos, e graves Authores, que cita o meſmo Du Cange ſobre eſta materia, que ſe podem ver nelle. *Paulo Emilio, e Papirio Maſſon apud Salazar.* *Du Cange in Gloſſario.*

730 O certo he, que eſte Officio he o meſmo, que teve *Céler*, Capitaõ da Guarda de Romulo, primeiro Rey de Roma, conforme Tito Livio, e outros, cujos Soldados ſe chamavaõ *Céleres*, ou pelo nome do Capitaõ, ou por ſer a companhia de cavallos ligeiros; e aſſim os Capitaens, que depois ſe ſeguiraõ, ſe chamaraõ *Tribuni Celerum*, que era o meſmo que *Tribuni Militum*; naõ ſendo novo o nome de *Tribunos*, ou *Condeſtaveis* para huma, e outra occupaçaõ, pois no meſmo Codice Theodoſiano ſe acha igualmente, e no meſmo ſentido *Comes ſtabuli*, que *Tribunus ſtabuli*; o que tambem ſe lê em Procopio, Ammiano Marcellino, Gregorio Turunenſe, e outros; e aſſim diz Marbodo: *Factus eſt ut à Rege flagitantibus cunctis Tribunus militum crearetur, qui nunc more noſtro Comes ſtabuli nuncupatur.* *Livius, & alii.*

## CAPITULO CXX.

*Do nascimento, e creaçaõ de Nuno Alvares, e como entrou no serviço delRey D. Fernando, e foy armado Cavalleiro pela Rainha D. Leonor.*

731 DEpois de escrever quem era Nuno Alvares Pereira pelos seus ascendentes, e descendentes, he preciso, que diga tambem quem foy pelas suas acçoens; e como as que obrou no serviço delRey D. Joaõ, se iraõ vendo no discurso das suas Memorias, (menos as que vaõ escritas nas da sua vida, como particulares, e especialmente suas) as que foraõ anteriores a este serviço, no delRey D. Fernando, he razaõ, que se escrevaõ, ainda que naõ sejaõ todas, no presente capitulo.

Quando nasceo Nuno Alvares.

*Chron. delRey D. Joaõ o I.* pag. 410.

732 Nasceo Nuno Alvares Pereira, como fica dito, aos 24. de Junho do anno de Christo de 1360. o que persuade Fernaõ Lopes no cap. 193. da sua primeira parte, a pag. 410. quando traz a idade, que tinha, quando em Coimbra o Mestre de Aviz foy acclamado Rey; pois dizendo, que a sua era entaõ de vinte e quatro annos, nove mezes, e doze dias, sendo esta acclamaçaõ aos 6. de Abril de 1385. e ficando sem duvida os annos, e os mezes, tambem o ficaõ os dias, e o do seu nascimento aos 24. de Junho, e naõ aos 25. como diz o Chronista Fr. Manoel dos Santos, na oitava parte da Monarchia Lusitana, liv. 23. cap. 3. pag.

pag. 432. pois de nenhuma ſorte ſe póde contar o dia 6. que naõ eſtava completo, nem tambem por inteiro o dia 24. em que naſcera; e aſſim tomando rigoroſamente de hum, e outro, aquella parte, que naturalmente podia tocarlhe, vem a ajuſtar os doze, que lhe dá Fernaõ Lopes, em cujas palavras ſe funda eſte Author; e quando aſſim ſe naõ reparta, ſempre ou o dia do naſcimento, ou o da acclamaçaõ naõ deve contarſe, como imperfeitos, ou ſómente inchoados, e contra toda a regra, e eſtylo da Arithmetica em ſemelhantes contas, que ſó podiaõ aſſim ajuſtarſe, ſe o mez de Junho foſſe de trinta e hum dias, e naõ de trinta, como ſó tem, privando-o juntamente da circunſtancia glorioſa de naſcer em tal dia. Naſceo pois com grande proporçaõ, e myſterio no dia do mayor dos naſcidos, o mayor Heroe daquelles ſeculos. Sobre a ſua Patria differem os Eſcritores, e como ſobre a de Homero contenderaõ ſete Cidades, contendem tambem duas, Elvas, e Portalegre; tendo per ſi a primeira, dizerſe o fora tambem de ſua mãy Eyria Gonçalves do Carvalhal.

733 Creou-ſe deſde a primeira infancia na quinta do *Bom Jardim*, (aonde alguns Hiſtoriadores querem, que naſceſſe) a qual eſtá ſituada no lugar de Cernache, que por eſta cauſa ſe chama *Cernache do Bom Jardim*, junto à Certãa, onde ainda ſe moſtraõ os veſtigios deſta quinta, que era de ſeus pays, e nella faziaõ a ſua mayor aſſiſtencia. Aqui (depois de legitimado por ElRey D. Pedro, no primeiro anno da ſua idade) teve a doutrina, e educaçaõ, que podia eſperarſe da grande — Sua creaçaõ.

capacidade

capacidade de huns, e da boa indole de outro, até que chegando eſte aos treze annos, e querendo aquelles darlhe vida competente ao ſeu genio, e qualidade, vindo o Prior à Corte, o offereceo a ElRey D. Fernando para ſe ſervir delle; e ſendo do agrado delRey eſta offerta, voltou o Prior a ſua caſa, e logo tratou de o mandar para a delRey; e fiando do talento de Martim Gonçalves do Carvalhal, ſeu tio, irmaõ de ſua mãy, naõ ſó a ſua aſſiſtencia, mas a ſua direcçaõ, lho entregou, recomendandolho com mais eſpecialidade, por ſer hum filho de tanta expectaçaõ, que ou pela Sciencia da Aſtrologia, que huns dizem que tinha, ou pela do Meſtre Thomás, Aſtrologo inſigne, que aſſiſtia em ſua caſa, como dizem outros, (o que he mais provavel) entendia o Prior, que ſeria famoſo eſte filho nos feitos militares, ainda que primeiro ſe perſuadiſſe, que ſeu irmaõ Pedro Alvares era em quem ſe havia de cumprir o vaticinio; para que até neſta circunſtancia concorreſſe eſte grande Heroe, Nuno Alvares Pereira, com o mayor Monarcha, ElRey D. Joaõ o I. quando ſeu pay ElRey D. Pedro teve igual auſpicio naquelle ſonho, e com a meſma equivocaçaõ.

Manda-o ſeu pay de idade de treze annos para ſervir a ElRey D. Fernando.

Vaticinios da ſua heroicidade.

Como ſe parecem com os que teve ElRey D. Pedro com ſeu filho D. Joaõ.

734 Paſſando depois a Santarem, aonde entaõ eſtava a Corte, o meſmo Prior D. Alvaro Gonçalves levou comſigo a ſeu filho Diogo Alvares Pereira, e outros Cavalleiros da ſua Ordem, para tambem ſervirem a ElRey na guerra, que entaõ tinha com o de Caſtella; e como neſte tempo vieſſe eſte ao ſitio de Lisboa, e paſſaſſe com o Exercito junto a Santarem, diſſe o Prior aos ſeus, que ſahiſſem a deſcobrir a campanha,

panha, e obſervar as gentes, que levava o inimigo; e para enſayar, e experimentar ſeus filhos, principalmente a Nuno Alvares, que era o mais moço delles, o mandou com ſeu irmaõ, e os outros companheiros, o que elle executou logo com igual goſto, que promptidaõ.

735 Sahiraõ todos fóra da Villa, e depois de obſervar o numero, e marcha dos Caſtelhanos, ſe recolheraõ outra vez, e Nuno Alvares com ſeu irmaõ chegaraõ ao Paço, a tempo que ElRey, e a Rainha eſtavaõ à meſa; mas ſabendo quem eraõ, os mandaraõ entrar, e lhes perguntaraõ pelo que haviaõ viſto, ao que reſpondeo Nuno Alvares: *Que era muita gente, mas muy mal ordenada, e que lhe parecia, que com muito menos poderia vencerſe, com melhor diſciplina.* Diſſe iſto com tal deſembaraço, que a Rainha, como mulher de bom goſto, o teve de o ouvir, e de o querer para ſeu Eſcudeiro; e aſſim diſſe a ElRey, *que ella meſma o havia armar Cavalleiro, pela ſua propria maõ*; e deſejando fazello alli logo, e naõ havendo armas, que lhe ſerviſſem, por ſer ainda pequeno, lembrada de que o Meſtre de Aviz, que quaſi da meſma idade as veſtio em ſemelhante acto, poderia tellas, lhas mandou pedir, e com ellas foy armado; tomando-as aſſim Nuno Alvares da maõ da meſma Rainha, que depois lhe havia de oppor as ſuas contra aquelle Principe, e ſendo eſtas daquelle meſmo Principe, a quem depois com ellas havia Nuno Alvares de defenderlhe o Reyno contra a meſma Rainha.

Sahe Nuno Alvares a explorar o inimigo.

Deſembaraço da ſua repoſta a ElRey.

Goſta a Rainha de ouvillo, e o arma Cavalleiro com as armas do Meſtre de Aviz.

736 Deſde entaõ ficou Nuno Alvares por Eſcudeiro

Deixa-o dentro do Paço.

deiro, e morador na Casa Real, assistido sempre de seu ayo, e tio Martim Gonçalves, que depois fez bem notorio o seu valor, e talento; e ElRey continuando ao Prior as merces, e favores, lha fez tambem de aceitar no seu serviço ao outro filho, Diogo Alvares Pereira.

Aceita ElRey tambem a seu irmaõ Diogo Alvares.

---

## CAPITULO CXXI.

*Como o Prior tratou de casar seu filho Nuno Alvares, e com quem; e o mais, que se passou até a sua morte.*

737 CHegando Nuno Alvares à idade de dezaseis annos, e meyo, e parecendolhe a seu pay, que era a que bastava para tratar de casallo, se resolveo a fazello em Entre Douro e Minho, com huma Senhora de illustre sangue, e iguaes virtudes, e naõ menos dotada da fortuna, que da natureza, a qual se chamava D. Leonor de Alvim, e era viuva de Vasco Gonçalves Barroso, Fidalgo ainda seu parente, que morreo sem successaõ, e que naõ podia tella, pois unidas as vontades de ambos, para naõ violarem a castidade, nem ainda no decente thalamo, naõ foy elle seu marido mais, que no nome, como ella mesma confessou depois nas segundas vodas, até as quaes lhe fez observar o segredo a sua grande modestia, de cujá verdade naõ he pequeno testemunho a opiniaõ de Santo, que elle ainda conserva, e a quem como tal se venera no Mosteiro de Refoyos de Basto, aonde foy sepultado

Cuida o pay em casallo, e com quem.

Como esta Senhora ainda estava donzella nas segundas vodas, e quem foy o primeiro marido.

Aonde foy sepultado.

do; e depois transferido para a Capella môr por Balthasar de Campos Furtado, sendo Administrador perpetuo deste Convento o Padre Fr. Diogo de Murcia, que succedeo ao seu Abbade Commendatario D. Duarte, filho natural delRey D. Joaõ o III. o qual depois foy tambem Arcebispo de Braga; o que tudo se acha naõ só em alguns Historiadores, que o trazem, mas nas Memorias manuscritas, que se guardaõ no Archivo da Casa de Bragança, aonde eu mesmo o lî.

738 Era D. Leonor de Alvim filha de Joaõ Pires de Alvim, e de D. Branca Pires Coelho, neta de Martim Pires de Alvim, e de D. Margarida Pires Ribeira, bisneta de Pedro Soares de Alvim, (que o Conde D. Pedro chama da Pousada, por ser honra sua esta aldea da terra de Basto) e de D. Maria Esteves, terceira neta de D. Soeiro Raymondo de Riba de Visella, e de D. Urraca Viegas, ou Vasques, quarta neta de D. Reymaõ Paes de Riba de Visella, que teve o seu solar junto a este rio, e de D. Dordia Affonso, quinta neta de D. Payo Pires Guimaraens, e de D. Elvira Fernandes, e sexta neta de D. Pedro Framariz, que teve o solar em huma quinta sua entre Braga, e Viana, que assim se chamava, como diz o Marquez de Montebello, nas Notas ao Conde D. Pedro, que no seu Nobiliario trata largamente desta Familia em muitas partes delle, e em cuja ascendencia se vê ser igualmente illustre esta Senhora por pay, e por mãy, nos quaes os Alvins, e os Coelhos mostraõ a sua antiga, e conhecida nobreza; de que escrevem todos os Genealogicos, e com mais

*Montcb.* na plan. 276.
*Conde D. Pedro*, tit. 36. & 45. e outros.

individuaçaõ o mesmo Conde, que pelo que toca ao appellido de *Alvim*, se póde ver no tit. 45. aonde se mostra, que esta Senhora D. Leonor de Alvim, por seu pay era legitima descendente deste appellido, que teve o seu assento, e solar nos lugares, e terras referidas, em que se achavaõ sitas todas as suas heranças, e fazendas, naõ havendo outra Familia deste mesmo appellido, com que se podesse equivocar esta verdade; e por sua mãy era tambem dos Coelhos de Pedro Coelho, (o da morte de D. Ignez de Castro) cujo irmaõ Joaõ Coelho, foy casado com D. Joanna Pires de Alvim, irmãa de Joaõ Pires de Alvim, os quaes sendo ambos filhos de Martim Pires de Alvim, casaraõ a troco com outros dous irmãos, o dito Joaõ Coelho, e D. Branca Pires Coelho, filhos ambos de Estevaõ Coelho, de quem falla o Conde D. Pedro, no tit. 36. aonde se vê ser elle quarto neto de D. Egas Moniz, Ayo que foy delRey D. Affonso Henriques.

*Conde D. Pedro*, tit. 36.

739 Foy esta Senhora, entre outras acçoens heroicas da sua vida, insigne Bemfeitora do Mosteiro das Religiosas Dominicas de Villanova do Porto, ao qual doou a sua quinta da Remeda, ou Reboreda, e nelle se mandou enterrar junto da sepultura de D. Maria Mendes Petite, Fundadora, e Padroeira deste Convento, a qual o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, e outros Escritores fazem avó de D. Leonor de Alvim, do que duvîda Fr. Francisco Brandaõ, mostrando, que o naõ fora senaõ Margarida Pires Ribeira, que na verdade o he; mas entendo, que foy causa desta equivocaçaõ, o ser depois casada com seu avô Martim Pires, sendo já viuvo

*Cunha, Catalago dos Bispos do Porto*, part. 2. cap. 19. pag. 177.
*Monarch. Lusit.* part. 6. liv. 18. cap. 33. pag. 137.

viuvo de ſua primeira mulher, como diz o meſmo Author, e referem todos os livros de Familias; e eſta Senhora D. Leonor de Alvim morreo no fim do anno de 1387. ou no principio do de 1388. quando ſe fizeraõ as Cortes de Braga.

740 Em quanto ao que tambem diz eſte Author, que o Nobiliario do Conde D. Pedro nega, que o pay deſta Senhora Joaõ Pires de Alvim, tiveſſe ſucceſſaõ de ſua mulher D. Branca Pires Coelho, aſſim o da Impreſſaõ de Madrid, que eu tenho, como o da de Roma, dizem o contrario, pois o trazem, e nomeaõ com filhos; e Lavanha nas ſuas Notas declara por filha ſua a D. Leonor de Alvim; e he muito, que ſe foſſe erro de copiadores, ou lhe fizeſſem eſte additamento, como diz Brandaõ, o naõ advertiſſem (como fazem a outros) quatro Authores taõ graves, como os que o notaraõ.

*Idem ibid.*

*Conde D. Pedro*, tit. 45. plan. 279. letr. A.

*Lavanha, nas Notas a eſta plana.*

741 Reſoluto o Prior a fazer eſte caſamento, o mandou propor a eſta Senhora por Joaõ Fernandes, Commendador da Flor da Roſa, a que ella reſpondeo: *Que o diſſeſſem a ElRey, e que ſe foſſe do ſeu agrado, que tambem o ſeria do ſeu.* Com eſta alegre noticia voltou Joaõ Fernandes, e participando-a o Prior a ElRey, elle a eſtimou muito, e aſſim lho mandou inſinuar logo por carta ſua, com cuja approvaçaõ ficou o caſamento ajuſtado; e como atè entaõ o Prior naõ tinha dado conta ao filho da ſua reſoluçaõ, lha declarou hum dia, moſtrandolhe as grandes conveniencias, que trazia comſigo taõ acertada eſcolha; e querendo ſaber a ſua vontade, Nuno Alvares, que por ſua natureza era

Como ſe tratou o caſamento de Nuno Alvares.

Dalhe o pay conta delle.

modestissimo, ouvindo semelhante pratica, e attendendo a quem lha dizia, o pejo natural, e o respeito paterno fizeraõ a primeira expressaõ do seu animo no rubor do semblante; e sendo esta proposta taõ alheya da sua intensaõ, pois até alli todo o seu cuidado eraõ os exercicios militares, fingidos, ou verdadeiros, no campo, ou na campanha, na caça, e na guerra, lendo para isto os livros de Cavallarias, com os quaes elle se dispunha a seguir em tudo as pizadas de D. Galás, o qual pela sua continencia (como fingem aquelles livros) acabara taõ grandes feitos de armas, ainda foy mayor a sua perturbaçaõ, e assim pedio tempo a seu pay para haver de resolverse. Entre tanto se naõ descuidou este de communicar com sua mulher Eyria Gonçalves, o que havia passado com o filho, pedindolhe o persuadisse a tomar estado, e darlhe esse gosto; e naõ bastando ao reduzir os rogos de sua mãy, concorreraõ tambem os dos parentes, e amigos, principalmente os de Alvaro Pereira seu tio, que depois foy Marichal do Reyno, e os de Alvaro Gil de Carvalho, que com elle tinha particular amisade; e assim a taõ repetidas, e efficazes instancias veyo Nuno Alvares a condescender com o gosto de seus pays, que para elle era a persuasaõ mais activa, e a mais racionavel.

Sua reposta.

Cede em fim aos rogos da mãy, e dos parentes.

742 Com esta certeza se deu ordem a conduzir da sua terra D. Leonor de Alvim, que chegando a Villanova da Rainha, aonde os Reys estavaõ, foy delles recebida com summo agrado, e naõ menos do Prior, e seu filho, observando igualmente a attençaõ, que

Chega D. Leonor, e he recebida dos Reys com muito agrado.

que a decencia; e como elles ſe achavaõ com parenteſco dentro do quarto grao, e haviaõ tido diſpenſaçaõ de Urbano VI. por ſe ter perdido a primeira de Gregorio XI. como ſe declara na meſma Bulla, paſſada em Genova aos 6. das Calendas de Outubro, e noveno anno do ſeu Pontificado, que vem a ſer aos 26. de Setembro de 1387. ( como tambem diz o Chroniſta Fr. Manoel dos Santos, na oitava parte da Monarchia Luſitana, liv. 23. cap. 3. pag. 434. ainda que Fr. Franciſco Brandaõ na ſexta parte da dita Monarchia, liv. 18. cap. 33. pag. 138. a traga a 26. de Novembro do dito anno, em que certamente ſe equivôca, o que he de crer foy erro da Impreſſaõ, ou da copia, a qual veyo dirigida ao Arcebiſpo de Braga, e ſe guarda no Cartorio do Convento do Carmo de Lisboa, a que tambem ſe refere hum, e outro Eſcritor, dizendo eſte, que a vira no meſmo Cartorio) ſe deu logo ordem a celebrarſe as vodas, depois das quaes partiraõ com o Prior para a ſua quinta do *Bom Jardim*, lugar do meſmo Priorado do Crato, aonde eſtiveraõ alguns dias; e paſſados elles, foraõ de todo para Entre Douro e Minho, e alli viveraõ exemplarmente tres annos, e tiveraõ tres filhos, dous, que logo morreraõ depois de naſcidos, e bautizados, e huma filha, que foy a Condeſſa de Barcellos D. Brites Pereira, de quem ſe trata no cap. 46. num. 301.

Diſpenſaõ-ſe para caſarem.

Vaõ viver a Entre Douro e Minho.

Filhos que tiveraõ.

743 Pouco depois de paſſado eſte tempo, eſtando o Prior na Amieira, veyo a falecer cheyo de annos, e merecimentos, achando-ſe na ſua morte nove filhas, e nove filhos, ( de que era hum delles Nuno Alvares) que

Morte do Prior.

que tambem lhe aſſiſtiraõ às ſuas Exequias, ( como entaõ ſe fazia ) depois das quaes foy levado para a Igreja da Flor da Roſa, aonde tinha o ſeu jazigo, e de que era Fundador, e Padroeiro.

Sua ſepultura.

---

## CAPITULO CXXII.

*Como pela morte do Prior lhe ſuccedeo no cargo ſeu filho Pedro Alvares Pereira; e ſendo eſte Fronteiro do Alentejo, como o acompanhou Nuno Alvares, e de algumas acçoens ſuas de grande valor, e esforço.*

744 MOrto D. Fr. Alvaro Gonçalves Pereira, lhe ſuccedeo no cargo de Prior do Crato, ſeu filho D. Pedro Alvares Pereira, por merce delRey D. Fernando, ainda que o pertendia o Commendador de Poyares, D. Fr. Alvaro Gonçalves Camelo, que depois o teve; e fazendo ElRey Fronteiros mõres das Provincias, ( que entaõ era o meſmo, que hoje Generaes, ou Governadores das armas ) nomeou para o Alentejo ao Prior Pedro Alvares, o qual levou comſigo a Nuno Alvares, ſeu irmaõ, que em todas as occaſioens militares, que houve, ſe portou com grande diſtinçaõ, e ſingular esforço, ( como ſe póde ver na vida delRey ) naõ ſó no Alentejo, mas em Lisboa, de cujas acçoens heroicas, baſta dizer por todas, a que obrou, quando depois de pôr em fogida os Caſtelhanos, que haviaõ ſaltado em terra, e vendo, que os ſoccorriaõ

Succedelhe no cargo ſeu filho Pedro Alvares.

Fronteiros mõres; o que entaõ eraõ.

He Fronteiro do Alentejo Pedro Alvares, e leva comſigo a Nuno Alvares.

Acçaõ valeroſa deſte, e perigo em que ſe vio, e quem o livrou.

riaõ outros da mesma Armada, os esperou junto a Santos o Velho, e tendo com elles huma breve escaramuça, foy deixado dos seus, que receando o poder do inimigo, naõ só do que já viaõ, ( pois sendo elles só cincoenta e quatro, eraõ os Castelhanos duzentos e cincoenta ) mas do que esperavaõ, se pozeraõ todos em retirada, ficando só Nuno Alvares, sem mais companhia, que a do seu animo, e sem mais soccorro, que o do seu braço, defendendo-se, e offendendo muito tempo, até que cahido, e morto o cavallo, o fora tambem elle, ou ao menos prezo, se lhe naõ acodiraõ logo Diogo Alvares, e Fernaõ Pereira seus irmãos, Pedro Affonso do Casal, seu cunhado, e outros amigos, sendo o primeiro, que chegou a elle, e lhe cortou o loro, por onde tinha preza huma perna debaixo do cavallo, hum Clerigo, chamado Vasco Annes do Couto, em cuja casa elle pousava, e vinha em sua companhia, ( ao qual elle naõ só agradeceo, mas premiou este serviço, como taõ relevante, em tudo o que pode caber na sua pessoa ) e vendo-se já livre de taõ grande embaraço, se levantou, e tomando huma de tantas lanças, que eraõ já despojos na campanha, tornou com o mesmo valor a ferir nos inimigos, ajudado entaõ dos que o soccorreraõ, e tambem dos que o deixaraõ, que invejosos, ou envergonhados, quizeraõ desmentir, ou emendar a primeira com esta segunda acçaõ; e assim juntos todos, carregaraõ de sorte aos Castelhanos, que deixando alguns mortos, e prizioneiros, precipitadamente se meteraõ nas lanchas, e foraõ para as naos, recolhendo-se Nuno Alvares para Lisboa só com a per-

da

da de nove cavallos, e com alguns ſoldados feridos; tendo entaõ ſó de idade vinte e hum annos.

745 Igual esforço havia moſtrado Nuno Alvares, ſenaõ na execuçaõ, no intento, quando naõ tendo forças, com que ſe oppor ao Meſtre de Santiago D. Fernando de Ançores, depois que eſte foy ſoccorrido com mayor poder pelo Infante D. Joaõ, quiz reduzir a batalha a hum deſafio particular; e ſabendo, que Joaõ de Ançores, filho do dito Meſtre, era hum dos valeroſos ſoldados do ſeu tempo, o deſafiou corpo a corpo, determinando o numero dos companheiros de cada hum, que haviaõ de ſer nove, ſendo os ſeus Martim Annes de Barbuda, Gonçalo Annes de Avreu, ambos de igual valor, que nobreza, e Affonſo Pires, Vaſco Fernandes, e Vaſco Martins do Oiteiro, ſeus criados, com outros quatro mais, que naõ dizem as Hiſtorias; e aceitando Joaõ de Ançores o deſafio, e nomeados tambem os companheiros, naõ chegou a ter effeito, porque ſabendo-o ſeu irmaõ o Prior, o fez preſente a ElRey, que logo lhe mandou, que o naõ conſentiſſe; e por mais inſtancias, que lhe fez Nuno Alvares, que até fez empenhar niſto o Conde de Cambridge, nunca pode alcançar a licença delRey, com a juſta attençaõ de naõ querer arriſcar huma vida taõ importante, e de tantas eſperanças, como era a de Nuno Alvares.

746 Naõ he menos digna de admiraçaõ, e memoria, a acçaõ, que obrou Nuno Alvares, ſendo de vinte e tres annos, quando ſendo convidado para jantar em huma das meſas, que no dia dos deſpoſorios delRey de Caſtella com a Infanta D. Brites, e na preſença

Outra acçaõ ſua notavel.

ſença de ambos ſe tinhaõ poſto para os Fidalgos, que lhes aſſiſtiaõ; e vendo que lhe tinhaõ tomado o lugar, que lhe tocava, e o de ſeu irmaõ Fernaõ Pereira, ſe chegou junto à meſa, e com arrebatado impulſo a deitou por terra; e feito iſto, ſahiraõ ambos com todo o vagar, e ſocego pela porta fóra, deixando a ElRey juſtamente admirado de ſemelhante reſoluçaõ; e perguntando a cauſa deſte exceſſo, entendeo quando o ſoube, que fora juſtificada, ou ao menos quiz moſtrar, que aſſim o entendera, pois o naõ caſtigara; que quando os delictos naõ podem ter caſtigo, ſó ſe conſerva o reſpeito do Principe na diſſimulaçaõ.

747 Da meſma uſou tambem a Rainha D. Leonor, quando ſendo chamado por ordem ſua Nuno Alvares, para ſe achar nas Exequias delRey D. Fernando, e dandolhe caſas junto a Palacio para ſua aſſiſtencia, e dos que o acompanhavaõ, intentou depois tirarlhas para as dar a outrem; e vendo que elle o duvidava, mandou, que o Corregedor da Corte Gil Annes com os ſeus officiaes fizeſſem eſte deſpejo; e ſabendo-o Nuno Alvares, quiz primeiro reduzir ao Corregedor com Outra igual ſua. razoens ſuaves, allegando a muita, que tinha para naõ largar as caſas, ſendo as meſmas, que lhe dera a Rainha; e naõ baſtando a perſuadillo, antes irritando novamente a Nuno Alvares, com a violencia, e com o modo, puxou eſte pela eſpada, e com alguns dos ſeus, foy levando o Corregedor, e todos os mais até às portas do Paço, aonde ſe retiraraõ, achando ſó refugio naquelle ſagrado; e ſobindo o Corregedor a fallar à Rainha, lhe deu conta do ſucceſſo, encarecendo ainda

mais o valor, que o atrevimento, do que naõ goſtou a Rainha, mas como a occaſiaõ, e o tempo lhe naõ permittiaõ outra demonſtraçaõ, diſſimulou a offenſa.

748 Na morte do Conde Joaõ Fernandes Andeiro, cooperou Nuno Alvares com o conſelho; e vendo que ſe differia a execuçaõ, ſe deſpedio do Meſtre, e foy com ſeu irmaõ Pedro Alvares para Santarem (como ſe diz no cap. 16. num. 146.) aonde ſabendo naõ ſó da morte do Conde, mas da eleiçaõ do Meſtre, fez toda a diligencia por attrahir o irmaõ a que vieſſe com elle para o ſeu ſerviço, o que naõ pode conſeguir, duvidando eſte, e naõ ſem fundamentos, dos poucos, que tinha ſemelhante empreza; e aſſim ſó pode reduzir ao outro irmaõ Diogo Alvares, o qual tambem pela meſma razaõ o deixou no caminho, e voltou para a Villa.

O que obra quando ſabe da eleiçaõ do Meſtre.

749 Mas antes, que ſaya deſta, naõ poſſo deixar de referir o que paſſou Nuno Alvares com hum Eſpadeiro della, (que ſe chamava Joaõ de Guimaraens, e eſtá enterrado no Convento do Carmo de Lisboa) ao qual mandando concertar huma eſpada para trazer comſigo, e querendo pagarlha, lhe diſſe eſte: *Senhor, naõ quero por horas paga do meu trabalho, deixai-a para quando por aqui tornares feito Conde de Ourem*; e por mais inſtancias, que lhe fez Nuno Alvares, nunca o pode obrigar a aceitalla; o que lhe naõ foy de pouca utilidade na ſatisfaçaõ da obra, quando depois ſe verificaraõ as ſuas palavras, como ſe moſtra no cap. 264. num. 1474.

Notavel prognoſtico de hum Eſpadeiro.

CAPI-

## CAPITULO CXXIII.

*Como Nuno Alvares veyo para o ſerviço do Meſtre, e como no caminho o quiz prender a Rainha; e o que paſſou com ſua māy Eyria Gonçalves quando veyo a Lisboa; e como o Meſtre o fez do ſeu Conſelho; e a inveja, que veyo a contrahir por eſtes, e outros favores.*

750 CONtinuando Nuno Alvares o caminho para Lisboa, acompanhado dos ſeus eſcudeiros, e criados, e ſabendo-o a Rainha, que eſtava em Alemquer, determinou prendello; e mandando a eſte effeito a gente neceſſaria, ſe naõ pode lograr, por haver já paſſado; do que elle depois naõ menos ſe admirou, que a Rainha o ſentio, pois parece prevîa o muito, que lhe importava reter a ſua peſſoa.

Pertende a Rainha prender a Nuno Alvares.

751 Livre deſte embaraço, chegou em fim a Lisboa Nuno Alvares, e buſcando ao Meſtre, foy delle recebido com ſingular eſtimaçaõ, e agrado, que antes lhe perſuadia o fatidico alvoroço com que o eſperava, eſtimulado dos eccos da ſua fama, que já em taõ poucos annos animavaõ as ſuas grandes acçoens.

Chega em fim a Liſboa, e como o recebe o Meſtre.

752 Neſte meſmo tempo aſſiſtia em Portalegre Eyria Gonçalves ſua māy, e tendo noticia da ſua reſoluçaõ, a tomou de vir a Lisboa a diſſuadillo della, apontandolhe as difficuldades, que certamente ſe repreſentavaõ, para ſe levar ao fim empreza taõ difficil; porém elle de tal modo ſoube desfazellas, ou disfarçal-

Vem a Lisboa Eyria Gonçalves, e o que paſſa com o filho.

las, que ella naõ ſó ſe deu por convencida, e ſatisfeita nas ſuas razoens, e duvidas, mas lhe permittio, e approvou a meſma reſoluçaõ, que até alli condemnara, chegando a pedirlhe, e mandarlhe naõ deſiſtiſſe della, e para prova mayor do ſeu beneplacito, lhe prometteo mandar tambem para o ſerviço do Meſtre a ſeu filho Fernaõ Pereira, como logo mandou, de cujo conſentimento, e conſelho fez a eſtimaçaõ, que devia Nuno Alvares, como tambem da companhia do irmaõ, que eſperava, e que tanto deſempenhou a ſua expectaçaõ.

Manda Fernaõ Pereira para o ſerviço do Meſtre.

753 Creſcendo no Meſtre cada vez mais a obrigaçaõ, e o empenho, em que o hia pondo a peſſoa de Nuno Alvares, com taõ repetidas finezas; e experimentando no ſeu talento igual capacidade, que no ſeu valor, o fez do ſeu Conſelho, que elle logo começou a exercitar no ſerviço do Meſtre, porque havendo quem duvidando da ſua conſervaçaõ, lhe diſſeſſe: *Que ſe retiraſſe a Inglaterra, de donde poderia trazer forças baſtantes a ſe oppor ao formidavel poder de Caſtella, e fazerſe ſenhor de Portugal*; (como ſe foſſe mais facil, ou mais juſto o conquiſtar, que o defender) Nuno Alvares, ſeguindo o parecer contrario, (de que tambem eraõ Ruy Pereira, o Doutor Joaõ das Regras, Alvaro Paes, Alvaro Vaſques de Goes, e o Doutor Martim Affonſo) moſtrou com tal acordo, e deſembaraço, com tanta clareza, e efficacia, os poucos fundamentos deſte voto, que o Meſtre em fim veyo a ſeguir o ſeu, como taõ conforme à ſua inclinaçaõ; e porque ſempre eſtes ſe dirigiaõ ao juſto, e racionavel, e como taes ſe ajuſtavaõ

Faz eſte do ſeu Conſelho a Nuno Alvares.

Seu primeiro voto.

ao genio do Meſtre, quaſi ſempre os ſeguia, e gratificava; e ſendo por eſta cauſa tratado com mayor diſtinçaõ, começou a inveja a introduzirſe nos animos dos outros, e até dos ſeus mayores confidentes, que rompendo os eſtreitos vinculos da amizade, e do parenteſco, conſpiraraõ todos contra elle, principalmente Ruy Pereira ſeu tio, Alvaro Vaſques, e o Doutor Joaõ das Regras; e aſſentaraõ uniformemente de ſe opporem, e contradizerem tudo o que elle diſſeſſe, por mais acertado, que foſſe, querendo antes padecer a nota de parciaes, que ſofrer a pena de invejoſos; porém ſabendo-o Nuno Alvares, o guardou comſigo, até que chegando a occaſiaõ de votar, em huma materia, que ElRey lhes propoz, elle o fez com o acerto, que coſtumava; e ſeguindo-ſe os outros, o contradiſſeraõ com tanta força, que Nuno Alvares mudamente lhes reſpondeo com hum riſo modeſto, que deu occaſiaõ a perguntarlhe ElRey a cauſa delle; e como lhe conſtaſſe, ſe houve com elles com tal prudencia, e modo, que ſoube advertirlhes o erro, e accuſarlhes a intençaõ, com palavras taõ ſuaves, e perſuaſivas, que fazendo impreſſaõ nos animos de todos, mudaraõ de parecer, e dalli por diante ſó ſeguiraõ, como no principio, o que lhe dictava a razaõ.

Segue-o quaſi ſempre o Meſtre, e o que obra a inveja nos outros.

Prudencia de Nuno Alvares, e muito mayor do Meſtre.

CAPI-

## CAPITULO CXXIV.

*De outras acçoens valerosas de Nuno Alvares no serviço do Mestre.*

Faz Nuno Alvares, que se entregue ao Mestre o Castello de Lisboa.

754 DEpois de eleito o Mestre por Defensor do Reyno, e estando senhor da Cidade de Lisboa, lhe faltava o Castello, que novamente se achava presidiado pela Rainha; e sendo difficil a sua expugnação, lhe facilitou a entrega Nuno Alvares, como se vê no cap. 199. num. 1105.

755 Da mesma sorte com o seu valor, e industria o fez acclamar Rey, lhe defendeo, e conquistou Praças, lhe venceo batalhas, e lhe segurou o Reyno, como largamente se mostra no discurso das suas Memorias, naõ fallando na celebre batalha de Aljubarrota, em que Nuño Alvares se singularizou tanto, como nella se refere.

Como se oppoem ao Conde de Arrayolos.

756 Quando o Mestre duvidava da fidelidade do Conde de Arrayolos D. Alvaro Pires de Castro, e este lhe encarecia o poder do inimigo, notavel foy a resoluçaõ de Nuno Alvares com que se lhe oppoz, e advertio na presença do Mestre, o que a naõ ser nella, podera passar a mayor excesso.

757 Naõ foy bastante o do grande numero de Castelhanos, que passavaõ de mil, e vinhaõ a dispor o sitio de Lisboa, para fazer a Nuno Alvares apressar, ou suspender a marcha, que trazia de Cintra, quando lhe

lhe disseraõ, que tinhaõ chegado a Alemquer, antes fazendo alto no mesmo caminho, os esperou muitas horas, com taõ desigual poder, que sendo os outros mil cavallos, os com que elle sahio, naõ chegavaõ a cincoenta.

Como espera aos Castelhanos.

758 No desafio, que o Conde de Mayorga D. Pedro Nunes de Lara mandou propor ao Mestre, deu a reposta Nuno Alvares taõ ajustada ao seu respeito, como ao seu valor; e sem faltar a ambos, acodio de sorte pelo seu, que se o Mestre lho consentira, elle entaõ pessoalmente lho mostrara; e assim mesmo em outras occasioens, que podem verse nos lugares a que tocaõ.

Como responde ao Conde de Mayorga.

759 Em fim, estando o Mestre prevenindo-se para o sitio, que em Lisboa esperava, soube, que no Alentejo se lhe haviaõ entregues algumas Praças, e que El-Rey de Castella com esta noticia mandava parte do seu Exercito a recuperar humas, e segurar as outras; e sendolhe preciso mandar quem se lhe oppuzesse, e dividir as poucas forças, que tinha, depois de varias contradicçoens, e disputas, se resolveo a nomear Nuno Alvares, com o mando supremo daquella Provincia; como se dirá no capitulo seguinte.

Levantaõ-se no Alentejo algumas Praças a favor do Mestre.

He Nuno Alvares nomeado Governador das armas do Alentejo.

## CAPITULO CXXV.

*Como o Mestre continuou em prevenirse para o sitio de Lisboa, que proximamente esperava; e como mandou Nuno Alvares governar a Provincia do Alentejo.*

Manda ElRey de Castella gente sobre esta Provincia.

760 EStando o Mestre em Lisboa, como fica dito, e tendo as noticias do Alentejo, que deixo referidas, soube, que ElRey de Castella quando lhas participaraõ, ordenara logo ao Almirante Fernaõ Sanches de Tovar, que depois que aprestasse, e expedisse a Armada, viesse para Alcantara, e se incorporasse com Diogo Gomes Barroso, Mestre desta Ordem; com D. Joaõ Affonso de Gusmaõ, Conde de Niebla, com D. Pedro Alvares Pereira, Prior de S. Joaõ, e com outros Senhores, e juntos todos, fossem combater, e castigar as Praças, que se lhe haviaõ rebellado; e que depois de taladas as campanhas daquella Provincia, se viessem unir com elle para o sitio de Lisboa, que era o principal objecto da sua hostilidade; e como a primeira ordem já era execuçaõ, e o Almirante com os outros Cabos haviaõ estado cinco dias sobre Portalegre, e feito naquelles contornos consideraveis damnos, em que hiaõ continuando, pediraõ os seus moradores instantemente ao Mestre lhes valesse, e mandasse algum Capitaõ a quem seguissem, e debaixo do seu mando militassem, para haver de expulsar da Provincia taõ cruel inimigo.

Pedem os seus moradores soccorro ao Mestre, e Cabo que os defenda.

Vio-se

761 Vio-ſe o Meſtre obrigado a dividir as ſuas forças, que ainda unidas, naõ eraõ baſtantes a ſe opporem às de Caſtella; e aſſim ſe lhe dobravaõ os cuidados ao meſmo paſſo, que os perigos, mas com tal ſerenidade de animo, que nem ainda ſe viaõ transluzir no ſemblante. Varios foraõ os Capitaens, que ſe lhe propuzeraõ, e que ſe regeitaraõ, como foy D. Alvaro Pires de Caſtro, por ſer parcial da Rainha, e outros por outras cauſas; e aſſim o Meſtre ſe reſolveo a eſcolher Nuno Alvares, ainda que o Doutor Joaõ das Regras empenhou toda a ſua eloquencia em contradizer eſta eleiçaõ, com o pretexto *dos ſeus poucos annos, e iguaes experiencias, neceſſitando-ſe para eſte cargo de hum homem naõ ſó provecto na idade, mas pratico na milicia, e que além diſto tinha Nuno Alvares ſeus irmãos no Exercito Caſtelhano, e poderia ſer de prejuizo ao noſſo, governallo quem preciſamente havia de pelejar contra o ſeu proprio ſangue.* Mas naõ baſtando as ſuas razoens, e as dos outros, que as ſeguiraõ, e apoyaraõ, para diſſuadir ao Meſtre da ſua primeira reſoluçaõ, declarou a Nuno Alvares por Governador das armas do Alentejo, com mando ſuperior ſobre os outros Cabos, e com authoridade independente para caſtigar, e premiar a quem o mereceſſe; e para dar, e repartir por quem bem o ſerviſſe, os bens, que ſe confiſcaſſem; e com eſta Patente lhe deu tambem cartas para todos os Governadores das Praças, que eſtavaõ por elle naquella Provincia, para que lhe obedeceſſem, e obſervaſſem as ſuas ordens, como ſe elle meſmo fora o que as proferiſſe.

Propoem-ſe alguns ao Meſtre, e eſcolhe a Nuno Alvares contra o voto de muitos.

Patente, e juriſdicçoens que leva.

762 Nuno Alvares lhe agradeceo taõ repetidas

honras, e favores, protestando saber merecerlhas sempre no seu serviço; e logo começou a disporse, e prepararse para a jornada, e pedio ao Mestre lhe deixasse levar comsigo até quarenta pessoas, das que elle escolhesse, naõ só de conhecida distinçaõ pelo sangue, mas pelo valor, o que o Mestre lhe concedeo; e destes eraõ alguns os seguintes: Joaõ Vaz, ou Joaõ Vasques de Almada, (como commummente se acha escrito, até nos Documentos da Torre do Tombo) pay de Alvaro Vaz de Almada, Conde de Abranches, chamado o Hercules do seu tempo, de cujo valor foy testemunha toda Europa; Vasco Leitaõ, neto de Estevaõ Gonçalves Leitaõ, Mestre da Ordem de Christo; Pedro Annes Lobato, que foy depois Regedor da Casa da Supplicaçaõ; o Almirante Manoel Pessanha; D. Estevaõ Gomes; Ruy Cravo; Affonso Pires da Charneca; Antaõ Vasques de Almada; Alvaro do Rego; Joaõ Alvares; Diogo Lopes Lobo; Joaõ Fernandes d'Arca; Lopo Rõis Pessanha, ou Façanha; Diogo Soares; Joaõ Lobato; Estevaõ Annes Barbudeta, ou Barberreta; Lopo Affonso d'Agua; Lourenço Affonso seu irmaõ; Lourenço Martins Pratas; Diogo Duraens; Diogo Diniz, filho de Domingos de Santarem, e outros, de que se naõ sabem os nomes.

*Pessoas particulares, que o acompanhaõ.*

763 Além destes, se achavaõ em Lisboa muitos homens honrados de Evora, e de Béja, que vieraõ buscar o asylo do Mestre, os quaes todos acompanharaõ a Nuno Alvares, que com elles, e com duzentos Soldados mais, partio para o Alentejo, havendo antes ordenado a sua Bandeira (debaixo da qual militou sempre,

*Outras mais da mesma Provincia.*

*Como ordena a sua Bandeira.*

pre, e ſempre venceo) muy conforme à ſua Chriſtandade; porque tinha primoroſamente pintada em campo branco huma Cruz vermelha; e na parte ſuperior do braço direito a imagem de Chriſto crucificado, entre a de ſua Mãy Santiſſima, e a do Euangeliſta S. Joaõ; e na do braço eſquerdo a da meſma Virgem Maria, com o Menino Jeſus nos braços; correſpondidas humas, e outras pela parte inferior, com as imagens de S. Jorge, e de Santiago o Mayor, ambos de joelhos, e com as mãos erguidas, como que oravaõ a Chriſto, e Maria, pelo bom ſucceſſo das ſuas armas. Nos quatro cantos ſe viaõ em quatro Eſcudos as da ſua Familia, que tendo por diviza a meſma da Bandeira, até a formavaõ das ſuas meſmas cores, ainda que trocadas, por ſer huma Cruz branca em campo vermelho; e havendo igualmente diſpoſto tudo o que lhe pertencia, e de que neceſſitava para a ſua jornada, com a primeira ordem do Meſtre, ſe poz a caminho; e como eſtas, e outras ſemelhantes acçoens de Nuno Alvares, ſaõ eſpecialmente ſuas, ſem ſerem por direcçaõ, ou em companhia do Meſtre, nem quando depois Rey, me pareceo ſeparallas de todas as outras, que ſe referem no livro das guerras, (aonde ſe póde entender, que pertencem) e pollas à parte, como faço neſtas Memorias para a ſua vida.

## CAPITULO CXXVI.

*Como Nuno Alvares sahio de Lisboa, e passou à Outra Banda.*

Sahe Nuno Alvares de Lisboa.

764 SAhio em fim de Lisboa Nuno Alvares, e passando a Almada, foy por terra a Coina, Villa dalli tres legoas, tambem com porto de mar, aonde em huma Galé o veyo ver o Mestre no dia seguinte, e comeo com elle; e depois que jantaraõ, sahiraõ ao terreiro da Villa, aonde, na presença de todos, lhe encomendou novamente o Mestre os companheiros, que levava, e a elles o Capitaõ a quem obedeciåõ; e depois de lhes fazer repetidas honras, e especiaes merces, se despedio delles com ternuras, e affectos, principalmente de Nuno Alvares, a quem amava como elle merecia; e voltando para Lisboa, foraõ elles para Setuval, Villa principal do Reyno, que neutral no partido, que havia de seguir, os naõ quiz receber; e assim foy preciso a Nuno Alvares alojarse fóra della; mas por naõ perder a occasiaõ de experimentar a gente, que levava, lhe figurou, *como ElRey de Castella, se tivesse noticia da sua marcha, poderia mandar de Santarem aonde estava, alguns destacamentos, que facilmente transportaria pelo Tejo em barcos, e sem que a elles lhes constasse, os poderiaõ colher no caminho; e que assim lhe parecia precisa toda a vigilancia, e cautela, para o que seria necessario ter sempre sentinellas ao largo, principalmente de noite, para descobrirem à campanha, quando naõ com os olhos,* com

Vay o Mestre vello a Coina, e janta com elle.

O que mais alli obra.

Vem para Lisboa, e Nuno Alvares vay para Setuval, que o naõ recebe.

Industria de Nuno Alvares para experimentar os seus Soldados.

*com os ouvidos, senaõ pelos objectos, pelo ruido*; e sendo approvado por todos este discurso, se nomearaõ algumas pessoas para esta incumbencia, entre as quaes foy huma dellas Lourenço Fernandes de Béja, escudeiro de Nuno Alvares, ao qual disse à parte, que *a certas horas viesse correndo, e gritando, que se prevenissem, porque elle descobrira huns fogos, que lhe pareciaõ serem do inimigo*; e fazendo-o assim Lourenço Fernandes, Nuno Alvares mandou logo tocar a rebate, e montou a cavallo, como tambem os seus; e caminhando todos perto de huma legoa sem descobrirem cousa alguma, disse entaõ aquelle: *que sem duvida seriaõ Almocreves, que costumavaõ passar por aquelle sitio.* Com o que se voltaraõ para o em que estavaõ, em quanto naõ proseguiraõ a sua jornada; e Nuno Alvares ficou com grande gosto de ver o com que todos o acompanharaõ, sem que algum lhe faltasse.

765 Depois disto, no dia seguinte chamou Nuno Alvares aos companheiros, e lhes disse: *Que ainda que o Mestre lho naõ ordenara, elle naõ havia de resolverse a operaçaõ alguma sem o seu parecer, e beneplacito, do qual só fiava os acertos desta campanha, mas que bem sabiaõ, que querer ouvir, e consultar a todos, era cousa naõ só impraticavel, mas perigosa, consistindo quasi sempre no segredo o bom successo das emprezas militares; e naõ sendo possivel conservarse entre tantos; além da precisa demora, que havia de levar o ouvir tantos votos, a qual às vezes naõ he menos prejudicial a estas mesmas emprezas; e que assim lhe parecia, que elles entre si escolhessem as pessoas de cada Provincia, ou de cada Cidade, que julgassem mais capazes de* Falla de Nuno Alvares aos companheiros.

*conferir*

*conferir com elle, às quaes desde logo dava a sua approvação, que era só o que lhe tocava, e naõ a escolha dellas; e muito menos entendendo elle, que em todos os que o acompanhavaõ, havia merecimentos para os elegerem, e capacidade para o aconselharem.*

766 Elles entaõ depois de agradecerem a Nuno Alvares o favor, que lhes fazia, e a attençaõ com que os tratava, elegeraõ os de Lisboa a Joaõ Vasques de Almada, Affonso Pires da Charneca, Vasco Leitaõ, e Pedro Annes Lobato; os de Evora a Diogo Lopes Lobo, Joaõ Fernandes d'Arca, e Lopo Rodrigues Pessanha; e assim outros das outras partes.

Eleiçaõ que se faz delles.

767 Entaõ nomeou tambem Nuno Alvares os Officiaes, naõ só da sua Casa, mas do Exercito, cujos nomes naõ trazem as Historias; e só se diz o de Affonso Gil seu escudeiro, ao qual fez seu Alferes, e lhe entregou a sua Bandeira; e tambem desde entaõ lhe chamaraõ todos *Senhor*, o que até alli se naõ praticava senaõ com os Reys, e Condes, por ser Titulo de tanta graduaçaõ, e grandeza naquelles tempos, como póde verse nos capitulos 3. e 4. em que largamente se pondera.

Faz Nuno Alvares os Officiaes de sua Casa, e do Exercito.

Daõlhe o titulo de *Senhor.*

768 Na mesma occasiaõ fez tambem Prégador, e Capellaõ da sua Capella, na qual todos os dias ouvia duas Missas; que taõ germanado trouxe sempre este invicto Capitaõ com o serviço de Deos o do seu Principe.

CAPI-

## CAPITULO CXXVII.

*Como Nuno Alvares continuou a sua jornada até Montemôr o Novo, e outras Praças; e o que passou com os companheiros, quando duvidaraõ de entrar na primeira batalha.*

769 ORdenadas estas cousas, partio Nuno Alvares para Montemôr o Novo, onde se dilatou hum dia para fallar com os principaes da terra, que ainda naõ haviaõ tomado partido; e com razoens taõ efficazes os soube persuadir, e affeiçoar ao do Mestre, que todos uniformemente o seguiraõ. Dalli foy para Evora, aonde o receberaõ com o grande affecto com que o desejavaõ, e naquella Cidade assentou a Praça de Armas, e della, e para ella convocou a gente de toda a Provincia, que se achava à devoçaõ do Mestre, a qual, ou vacilante, ou temerosa, se naõ resolveo a buscallo, e só lhe vieraõ trinta cavallos, com que prefez duzentos e cincoenta, e alguns Infantes, com que inteirou o numero de mil, em que entravaõ os Bésteiros.

Vay a Montemôr o Novo, e o reduz ao serviço do Mestre.

Passa a Evora, e alli faz Praça de Armas.

Numero do seu Exercito.

770 Com estes partio logo para Estremoz, e se alojou no arrabalde, deixando escrito novamente a Elvas, e Béja, que o soccorressem com mais gente, que com effeito lhe mandaraõ, ainda que pouca, com que pode fazer trezentos cavallos, cem Bésteiros, e poucos mais de mil Infantes. Aqui achou a noticia de que

Augmenta-se com mais gente.

que os Caſtelhanos eſtavaõ no Crato, Villa de ſua obediencia, e que determinavaõ ir cercar Fronteira; e ainda que o partido era taõ deſigual, por conſtar o Exercito inimigo de muito mayor numero de Infantaria, e de mil cavallos eſcolhidos, em que entravaõ Cabos taõ grandes, e peſſoas taõ principaes, como o Almirante Fernaõ Sanches de Tovar; o Prior de S. Joaõ, D. Pedro Alvares Pereira; o Conde de Niebla, D. Joaõ Affonſo de Guſmaõ; o Meſtre de Alcantara Diogo Gomes Barroſo, nos quaes ſe tem fallado, e além deſtes, D. Martim Neto, Cavalleiro da meſma Ordem; Pedro Gonçalves de Sevilha, Adiantado môr de Andaluzia; Pedro Ponce, Senhor de Marchena; Garcia Gonçalves de Grijalva; Garci Fernandes de Villa-Garcia; Martim Annes de Barbuda; Joaõ Rodrigues da Caſtanheda; Alvaro Pires de Guſmaõ; e outros muitos Soldados, de igual esféra, que valor, aſſim Caſtelhanos, como Portuguezes, nem por iſſo deixou Nuno Alvares de buſcar toda a occaſiaõ de acometellos, que como no peito deſte grande Heroe nunca teve lugar o medo, a meſma deſigualdade do poder lhe ſervia de eſtimulo para ſeguir as emprezas; e como eſta era a primeira, que intentava, e de que dependia o credito das ſuas acçoens, deſejava porſe em campo com os inimigos, para mais cedo conſeguir eſta gloria; mas como a batalha naõ podia darſe ſem os votos dos companheiros, lhes fallou deſta ſorte: *O Meſtre meu Senhor, me manda a eſta Provincia para a defender das hoſtilidades, que padece, taõ graves, como ſabidas; e para poder fazello, me deu huns taes companheiros, como*

Numero do Exercito inimigo, com os nomes das peſſoas principaes delle.

Buſca-os Nuno Alvares ſem embargo da deſigualdade.

Propoem aos companheiros o darlhes batalha.

*como os que aqui trago, nos quaes o zelo da Patria, e o amor do Mestre lhes pulsaõ tanto nos peitos, como o esforço, e brio de que se animaõ. Temos chegado à occasiaõ, que pertendiamos; estamos na visinhança do inimigo, cujas armas, ainda que mais poderosas, saõ menos justificadas: naõ percamos huma, nem fujamos da outra, pois o nosso receyo lhe augmentará, senaõ as forças, a confiança, para que com mais ousadia continue nas violencias, e extorçoens de que se queixaõ os Povos, e para que pedem remedio, ficando este quasi sem esperança, estabelecido no nosso temor o seu atrevimento; e com mayor razaõ sendo esta a primeira occasiaõ de encontrarnos, da qual depende naõ só o seu conceito, mas os nossos successos; naõ desconfiemos deste, e fiados na justiça da causa, vamos darlhe a batalha; que as vitorias mais se conseguem pelo valor, que pelo numero dos combatentes; e eu espero em Deos, que por hum, e por outra a alcancemos agora.*

771 Ouviraõ todos esta proposta com pouca satisfaçaõ, parecendolhes a empreza, naõ só ardua, mas perigosa, à vista de taõ superiores forças, e de tal qualidade, com Capitaens taõ illustres, e taõ esforçados, como se tem dito; e assim lhe responderaõ: *Que este negocio pedia mais maduro conselho, que elles o tomariaõ, e lhe dariaõ reposta.* Nuno Alvares naõ gostou de lha differirem, assim por naõ dilatar a execuçaõ do combate, como porque entendeo, que esta demora era nascida da pouca vontade, que tinhaõ de o dar; mas como naõ podia deixar de esperalla, foy nelle prudencia a dissimulaçaõ. Ao outro dia se ajuntaraõ todos, e lhe disseraõ: *Que elles haviaõ considerado nesta materia, e acha-* Sua reposta.

*vaõ, que a sua resoluçaõ era precipitada; que o Mestre seu Senhor, naõ os mandara expor a hum perigo evidente, pois o buscallo, sendo taõ infallivel, parece que era contra o seu mesmo designio; porque desbaratado esse pequeno soccorro, ficava toda a Provincia sem esperança de outro, sacrificada ao rigor dos contrarios; que ninguem ignorava o grande excesso, e qualidade das suas forças, e tambem, que naquelle Exercito vinhaõ dous irmãos seus; e que se com elles combatesse, poderia, sem que elle o esperasse, esfriarlhe o ardor da peleja, o mesmo ardor do sangue, e ser mais efficaz o vigor da natureza, que o impulso do braço; e que assim naõ se podiaõ accommodar ao seu parecer, nem darem tal batalha.*

772 Nuno Alvares quando isto ouvio, concebeo naõ menos ira, que sentimento, mas disfarçando huma, o outro, lhes disse estas palavras: *Naõ esperava eu por certo, de animos valerosos, e nobres como os vossos, que admittissem hum tal receyo, que parece covardia, e tambem ingratidaõ; pois compadecendo se tanto o Mestre das vossas oppressoens, que chegou a cortar pelos seus interesses, e diminuir as suas forças por augmentar as vossas, tirando da sua companhia este poder com que me manda à vossa defensa, ao mesmo tempo, em que tanto necessita della no sitio de Lisboa, que todas as horas espera, anteponhais vós a vossa conveniencia, e segurança à sua, ou para dizer melhor, à vossa mesma, sendo taõ falsa, e mentirosa a que vós suppondes, e pertendeis agora. Cuidava eu, que vòs mesmos fosseis o que me provocasseis para a batalha, quando eu o duvidasse, pois della póde só resultar a vossa utilidade. Se o numero dos inimigos vos intimida, lembraivos de quantos successos vedes ao contrario, vencendo muitas vezes os menos aos mais,*

Palavras de Nuno Alvares depois de ouvir as suas.

*mais, (como em Portugal se tem visto) ou pelo justificado da causa, ou pela desordem na multidaõ. Se temeis, que o amor do sangue me suspenda o braço para fazer vertello, eu já naõ o conheço como proprio, depois que elle faltando a si mesmo, se fez estranho; e para prova do que vos digo, eu serey o primeiro, que o derrame à custa do meu, para o vosso desengano, e para o vosso exemplo. Mas se com tudo isto vos resolveis a naõ entrar comigo na batalha, podeis irvos para vossas casas, que eu com esses poucos Portuguezes, que ficarem, à manhãa, querendo Deos, heide dalla.*

773 Foraõ estas palavras proferidas com tal actividade, que aquelles mesmos, que até alli se oppozeraõ a esta resoluçaõ, concebendo dellas novos espiritos, lhe disseraõ logo: *Que estavaõ promptos para acompanhallo, e darem com elle as vidas no serviço do Mestre.* Elle entaõ para lhes confirmar, e se certificar das suas vontades, lhes disse: *Ora, amigos, eu vos pesso, que os que quizerdes seguirme, passeis destoutra parte deste regato,* (junto do qual estavaõ) *e os que o repugnarem, fiquem da outra.* Elles lhes responderaõ: *que todos o passariaõ*; mas alguns bem mostravaõ, que o diziaõ forçados, como Estevaõ Annes o Moço, e Mendo Affonso de Béja, que se naõ poderaõ ter, que naõ dissessem andando: *Lá vamos, e lá ficaremos.* Nuno Alvares fez, que os naõ ouvira, e se recolheo a casa a dispor para o outro dia o atacar o inimigo; e estando nesta deliberaçaõ, lhe veyo pela meya noite dar aviso Alvaro Gonçalves Coitado, que Gil Fernandes, e Martim Gonçalves, ficavaõ para montar a cavallo, e recolherse a Elvas, por se naõ acharem no conflicto; e elle se ergueo,

Sua efficacia.

Fazlhe nova experiencia.

Prepara-se para a batalha.

Novo receyo de alguns.

Como Nuno Alvares o remedea.

guco, e os foy buſcar logo, e com tal ſuavidade os advertio, e reprehendeo, que elles naõ ſó ficaraõ no ſerviço do Meſtre, mas nelle deraõ depois repetidas provas do ſeu valor, e da ſua fidelidade.

## CAPITULO CXXVIII.

*Como Nuno Alvares marchou em buſca dos Caſtelhanos, com os quaes veyo a encontrarſe no ſitio chamado dos* Atoleiros, *aonde ſe deu a primeira batalha, em que aquelles ficaraõ vencidos.*

774 ALegre Nuno Alvares com a certeza de que os companheiros naõ duvidavaõ ſeguillo, ordenou o ſeu pequeno Exercito, na melhor fórma, que pode, e veyo marchando para Fronteira, que era dalli quatro legoas, para onde tinha aviſo, que os Caſtelhanos partiaõ, os quaes tendo noticia da ſua reſolução, deixaraõ de ir ſobre eſta Praça, e vieraõ a encontrarſe com elle, mandando diante a fallarlhe hum moço, que fora ſeu criado, e entaõ o era de ſeu irmaõ Pedro Alvares, ao qual chamavaõ Ruy Gonçalves, e chegando a aviſtarſe, Nuno Alvares o recebeo com o agrado, que pedia o conhecimento da ſua Caſa, e lhe perguntou *o que queria, e aonde ficava o Exercito Caſtelhano, e ſe ſeus irmãos vinhaõ nelle*; e dizendolhe Ruy Gonçalves, *que ſeu irmaõ Pedro Alvares o mandava alli, para da ſua parte lhe inſinuar o grande ſentimento com que ficava, de ver o perigo a que o expunha a ſua temeridade, e o precipicio*

Marcha Nuno Alvares contra os Caſtelhanos.

Vem eſtes a buſcallo, e mandaõlhe primeiro hum recado.

Como Nuno Alvares o recebe.

O que contém.

*precipicio a que o induzia a sua inconsideraçaõ, seguindo hum partido, que naõ podia ter subsistencia, por falta naõ só de justiça, mas de meyos; e que assim lhe pedia pelo que o amava, que deixasse de proseguir naquelle desacordo: que cahisse em si, e viesse para elle.* Nuno Alvares sem alteraçaõ, e com desaffogo, lhe respondeo em poucas palavras: *Que sentia, que elle lhe quizesse dar hum conselho de que necessitava, pois era certo, que brevemente se havia de arrepender do que tinha tomado; e que elle em pessoa lhe iria logo dar esta mesma reposta, e aos mais, que com elle se achavaõ.* Ruy Gonçalves ouvindo-a, partio logo a todo o galope do cavallo, e chegou ao Exercito, que a esperava bem differente; mas tanto, que a souberaõ, se começaraõ a preparar para a batalha, que já viaõ inexcusavel; e avisinhando-se ambos os campos, Nuno Alvares fez alto em hum sitio, a que chamavaõ dos *Atoleiros*, (por ella desde entaõ memoravel) e formou a pouca gente, que trazia, como lhe dava lugar o terreno, guarnecendo, e fortificando os lados com os homens de armas, e a vanguarda, e retaguarda com os Bésteiros, que mandou desmontar, como entaõ se costumava; e concertado assim o seu pequeno campo, o andou correndo todo, e animando com brandas, e efficazes palavras, lembrandolhe especialmente quatro cousas: *A primeira, fundar em Deos, e em sua Mãy Santissima as suas esperanças, e fiar da sua Providencia lhes daria vitoria, como em causa taõ justa. A segunda, que elles vinhaõ alli para se defenderem, e aos seus, da violencia, que lhes faziaõ os Castelhanos, contra todo o direito, e razaõ. A terceira, que pelejavaõ por hum Senhor taõ benig-*

Sua reposta.

Preparaõ-se os Castelhanos.

Fórma do Exercito Portuguez.

Falla Nuno Alvares aos seus.

*no, e generoso, como o Mestre de Aviz, que saberia premiarlhes todo aquelle serviço, de que igualmente se fazia merecedor, como taõ benemerito. E a quarta, que formassem, e fingissem nos seus discursos todos os trabalhos, e perigos, que traz comsigo huma batalha; e assentassem no seu coraçaõ de os sofrer, e tolerar com valor, e constancia, como quem eraõ, naõ só por honrados, mas por Portuguezes.*

775 Ditas estas palavras, que de todos foraõ ouvidas com attençaõ, e alegria, como os inimigos estavaõ já perto, desceo Nuno Alvares da mulla em que andava, e se poz na frente dos seus Soldados, com a sua Bandeira, como lhes segurara; e primeiro que tudo, ajoelhou diante della, e fez oraçaõ com as mãos levantadas às Imagens, que nella se viaõ, qual outro Judas Macabeo antes de entrar nas batalhas; o que à sua imitaçaõ fizeraõ todos no lugar em que se achavaõ, pondo-se de joelhos, e levantando as mãos, acçaõ, que a muitos provocou a lagrimas; e feito isto, beijando a terra, se levantou, e pondo o capacete, tomou a lança, que lhe trazia o pagem, e disse para os seus: *Amigos, aqui estou no lugar, que me toca, e que vos disse; naõ duvideis, que cumpra o mais, que vos prometti; que eu de vós naõ duvido, que hajais de obrar como me segurastes, e me ajudeis a ganhar esta vitoria, como espero em Deos.*

Poem-se de joelhos diante da sua Bandeira.

Fazem o mesmo todos.

Levanta-se beijando a terra, e toma as suas armas.

776 Os Castelhanos, que vinhaõ com intento de pelejar a pé, vendo os Portuguezes tambem desmontados, mudaraõ de parecer, e com acertado juizo, fiando-se em que tendo tanta, e taõ boa Cavallaria, aos primeiros repeloens, que nos désse, principalmente sendo nós taõ poucos, ficariamos desfeitos, mandaraõ outra

Montaõ outra vez os Castelhanos.

Acometem aos nossos.

Como estes os esperaõ.

outra vez montar os seus Soldados; e tomando estes as lanças sobre os braços com intrepida, e impetuosa violencia nos acometeraõ, dizendo todos: *Castella, e Santiago*; como os Portuguezes: *Portugal, e S. Jorge*; os quaes abaixando as suas, e sustentando nellas a furia dos cavallos, muitos delles cahiraõ logo mortos, e outros feridos das settas, e dos dardos, que por cima dos homens de armas despediaõ os Besteiros, e assim se descompozeraõ, e inquietaraõ de sorte, que lançaraõ de si aos que nelles vinhaõ, o que tambem succedeo aos que se lhes seguiraõ, ficando mortos neste primeiro encontro quarenta homens, e nos outros setenta, sem que dos Portuguezes houvesse ainda morto, nem ferido.

Successos da batalha.

Nuno Alvares vendo, que Deos o ajudava, e que os Castelhanos já desfaleciaõ, os carregou com mais força; e ainda que elles fizeraõ tudo quanto estava nelles por se reunirem, e nos rebaterem, como em alguns com a desordem se havia introduzido o medo, vieraõ em fim a ceder, e retirarse com precipitaçaõ, e desacordo, fogindo huns para o Crato, outros para Monforte, e assim para as mais Praças, que estavaõ por Castella, sendo os primeiros, que deraõ este exemplo, o Conde de Niebla, o Prior do Crato, o Almirante, Martim Annes de Barbuda, que se intitulava Mestre de Aviz, e outros Capitaens deste lote.

Retira-se o inimigo.

Mortos, e feridos, que houve da sua parte.

Ficaraõ mortos o Mestre de Alcantara; o Claveiro da Ordem, Ruy Gonçalves; Fr. Gonçalo d'Eça, Commendador de Ferreira; Fr. Joaõ de Leiim de Belvar, e outros Freires; Pedro Gonçalves de Sevilha, Adiantado de Andaluzia, e outros Fidalgos. Foraõ feridos o Almirante,

mirante,

mirante, o Prior de S. Joaõ, Garcia Gonçalves de Grijalva, e outros.

Nuno Alvares depois de ſeguir o alcance, vay para Fronteira.

777 Nuno Alvares, depois de ſeguir o inimigo mais de huma legoa, dando a Deos as devidas graças, voltou para os ſeus; e ſendo já noite, foy dormir à Villa de Fronteira, aonde tambem lhas deraõ de a livrar do imminente perigo, a que eſtavaõ expoſtos os ſeus moradores, ſem terem quem os defendeſſe. Foy eſte feliz ſucceſſo em huma quarta feira de Trevas, que entaõ cahio em Abril do meſmo anno de 1384. o qual alguns Eſcritores, com paixaõ, ou por erro, querem attribuhir à má fórma, e diſpoſiçaõ dos Caſtelhanos, o ſe naõ póde ſuppor de Soldados taõ perîtos, e praticos, como bem moſtraraõ no diſcurſo, que fizeraõ, ainda que naõ tiveſſe o fim, que pertenderaõ. Outros Authores padecem tambem o meſmo, e peor engano, dizendo, que os que ſahiraõ da batalha, e ſe retiraraõ depois della perdida, ſe incorporaraõ outra vez, e foraõ buſcar os noſſos, que naõ ſe atreveraõ a eſperallos; como ſe foſſe mais facil pelejar com hum Exercito formado, e vitorioſo, que com o meſmo já roto, e desbaratado; ou ſe eſte, que quando unido, naõ pode ſofrer a furia dos Portuguezes, depois de deſordenado, tiveſſe actividade para ſe lhe oppor, e os atemorizar. Eu para a deciſaõ deſta duvida, naõ quero mais prova, que as meſmas palavras do Almirante de Caſtella, que referem muitos Hiſtoriadores, o qual dizendolhe alguns dos ſeus, que tornaſſe à batalha, lhes reſpondeo: *Homem morto naõ cobra ſoldo; ande a Bandeira, e vamos; que Exercito, que huma vez ſe desbarata, mal torna a ordenarſe.*

Quando ſe deu eſta batalha.

Reſponde-ſe ao que trazem ſobre ella alguns Authores Caſtelhanos.

Palavras do Almirante.

CAPI-

## CAPITULO CXXIX.

*Como Nuno Alvares participou ao Mestre a noticia da vitoria, e como sahindo de Fronteira, foy sobre Monforte, e cobrou Arronches, e Alegrete, e outras terras; e da romaria, que fez a Nossa Senhora do Assumar, e do gosto, que houve em Lisboa com estas noticias.*

778 NUno Alvares, alcançada a vitoria, participou logo a noticia della ao Mestre, que a estimou com igual gosto ao sentimento, que quando a soube, teve ElRey de Castella; e ao outro dia sahio de Fronteira, e foy sobre Monforte, aonde se havia retirado Martim Annes de Barbuda; mas como este tinha comsigo os Cavalleiros da sua Ordem, e a Villa, além destes, tinha trezentos homens de presidio, com hum Castello fortissimo, e toda a gente delle à sua obediencia, desistio Nuno Alvares do intento de combatella, assim por naõ perder inutilmente o tempo, como por naõ ter instrumentos de expugnaçaõ; e depois de gastar o dia em algumas escaramuças, no seguinte, que era sesta feira Santa, foy elle a pé, e descalço, com todos os seus criados, a Nossa Senhora do Assumar, que era dalli huma legoa, aonde depois de dar a Deos, e à Virgem Santissima as graças daquelle beneficio, exercitou naõ só os actos de devoçaõ, e piedade, que podem supporse, mas tambem os da sua humildade, e virtude, sendo elle o primeiro, que começou a alim-

Participa Nuno Alvares esta noticia ao Mestre, que a estima, como ElRey de Castella a sente.

Vay em romaria à Nossa Senhora do Assumar, aonde exercita heroicos actos de piedade.

par aquella Sagrada Caſa da Mãy de Deos, em que ſe venerava huma Imagem ſua milagroſiſſima, e que os Caſtelhanos haviaõ profanado, fazendo-a cavalhariça; acçaõ naõ ſó indigna de Catholicos, mas até de Barbaros; e aſſim juſto foy, que a meſma Imagem offendida foſſe a primeira, que ſe viſſe gratificada, ſendo eſte piedoſo Capitaõ o primeiro inſtrumento do ſeu deſaggravo, como lá o foy no monte Siaõ de ſemelhante injuria Judas Machabeo.

Entrega-ſelhe Arronches.

779 Aqui teve recado de alguns Portuguezes, que eſtavaõ em Arronches, para que foſſe tomar entrega da Villa, e que entaõ poderia combater o Caſtello, que eſtava preſidiado pelos Caſtelhanos; e entrando logo nella, ſe diſpoz o rendello, o que com effeito ſe conſeguio, queimando-ſelhe as portas, e ficou prizioneira toda a guarniçaõ, que conſtava de huma companhia de trinta Soldados, e com elles Affonſo Sanches, e Gonçalo Sanches, que prendeo, e levou comſigo Gil Fernandes para Elvas, quando tornou com as gentes daquella Praça; e deſta tiraraõ os Portuguezes armas, e cavallos, e outros deſpojos naõ menos importantes.

Faz o meſmo Alegrete.

780 De Alegrete teve tambem Nuno Alvares o meſmo aviſo, de que todos eſtavaõ promptos para lhe dar a Villa, e acclamar o Meſtre, e que aſſim mandaſſe quem em ſeu nome tomaſſe poſſe della; e elle enviou logo hum valeroſo Cavalleiro da meſma, que entaõ aſſiſtia em Portalegre, e ſe chamava Martim Affonſo de Aramenha, ao qual foy entregue, e a ficou governando.

781 Concluîdas eſtas couſas com tanta felicidade, teve

teve Nuno Alvares a Paſchoa em Arronches, aonde deixou ſeu tio Martim Gonçalves do Carvalhal, e dando licença a alguns Soldados para irem para ſuas caſas, eſtando porém promptos para marcharem ao primeiro aviſo, que elle lhes mandaſſe, aquartelou os outros, e elle partio para Eſtremoz, e dahi para Evora, e Montemôr, aonde deſcançou alguns dias do trabalho dos paſſados, com permiſſaõ do Meſtre, que depois de render a Deos as graças por tantas merces, e favores, com publicas demonſtraçoens, e agradecimentos, era todo o ſeu emprego, e cuidado, prevenirſe para o ſitio de Lisboa, que taõ formidavel, e proximo eſperava.

Aquartela-ſe o Exercito, e Nuno Alvares paſſa a Montemôr.

---

## CAPITULO CXXX.

*Como Nuno Alvares, ſendo chamado pelo Meſtre para vir nas Galés do Porto, ſe deteve em Coimbra, aonde eſcapou de huma traiçaõ; e do mais que paſſou na jornada.*

782 ACHava-ſe Nuno Alvares em Evora, como no coraçaõ da Provincia, para dalli communicar os eſpiritos às partes, que os neceſſitaſſem, quando o Meſtre vendo, que tardavaõ as Naos, e Galés do Porto, lhe eſcreveo para que vieſſe nellas; e elle ſabendo, que alli vinhaõ ſeu tio Ruy Pereira, o Conde de D. Gonçalo, e outros Fidalgos, lhes mandou pedir quizeſſem eſperallo, que elle ficava de caminho, para

Eſcrevelhe o Meſtre para que venha nas Galés do Porto, e porque naõ vem nellas.

 os

os ir buſcar; porém elles com eſte aviſo apreſſaraõ a partida, antes que elle chegaſſe, tal vez por naõ quererem fazello participante da gloria, que ſuppunhaõ haviaõ de alcançar no combate da Armada Caſtelhana, ou porque o Meſtre naõ entendeſſe, que a expediçaõ da ſua ſe devera a elle; e aſſim ſem lhe darem parte ſahiraõ logo, e elle na fé de que o eſperavaõ, veyo de Evora com duzentas lanças, e ſem fazer mais demora, que a preciſa, chegou a Coimbra, aonde ſoube que a Armada tinha ſahido do Porto, e eſtava em Buarcos; entaõ eſcreveo ſegunda vez aos Cabos della, que por ſerviço do Meſtre eſperaſſem por elle; porém eſte aviſo teve o meſmo effeito, que o primeiro, porque elles deſattendendo a ambos, ſe fizeraõ à véla, e Nuno Alvares ao meſmo paſſo, que queixoſo, ficou deſenganado.

783 Achava-ſe neſte tempo em Coimbra a Condeſſa de Cea, mulher do Conde D. Henrique Manoel, que tinha o Caſtello de Cintra por ElRey de Caſtella, aonde eſtava, quando Nuno Alvares correo o termo deſta Villa, para trazer mantimentos para Liſboa, a qual deſde entaõ concebeo contra elle hum taõ grande odio, que aſſim por eſte, como pelo amor da Rainha, e por fazer algum ſerviço a ElRey, determinou prendello; e ajuntando todos os ſeus parentes, e criados, e todas as peſſoas, que huns, e outros poderaõ convocar, que certamente eraõ muitas, quiz pôr em execuçaõ eſte deſignio; porém ſendo deſcoberto antes, quizeraõ as gentes de Nuno Alvares tomar vingança deſta nova offenſa, inſultando a caſa da Con-

Intenta a Condeſſa de Cea prendello em Coimbra, e elle podendo vingarſe, o naõ conſentio.

deſſa,

deſſa, que era a ſua principal Authora, e elle lho naõ conſentio, e aſſim ſe livraraõ ambos de hum, e outro perigo; e por atalhar ſegundo, ſe reſolveo Nuno Alvares a voltar para Evora, mas vendo-ſe ſem dinheiro para ſatisfazer, e prevenir os gaſtos da aſſiſtencia, e da jornada, depois de vender a ſua prata, pedio empreſtado algum, com que acodio a ambas; e querendo antes de partir, ver ſe podia fazer algum ſerviço ao Meſtre, foy fallar a Gonçalo Mendes de Vaſconcellos, Alcaide môr do Caſtello, para haver de o reduzir ao meſmo ſerviço, o que naõ teve effeito, e eſte entaõ, no meſmo poſtigo da porta em que foy a conferencia, diſſe para os ſeus, depois que ſe deſpedio Nuno Alvares, mas de modo, que ainda elle o ouviſſe: *Que ſe admirava muito de que taõ poucos homens, e taõ mal armados, intentaſſem defender Portugal de hum Rey taõ poderoſo como o de Caſtella, ſalvo foſſe ſe Deos os amparaſſe.*

Volta para Evora, e o que antes diſſo obra.

784 Nuno Alvares ſahio em fim de Coimbra, e veyo a Thomar, e dahi chegou a Torres Novas, aonde eſtavaõ Gonçalo Vaſques de Azevedo (de quem era muito amigo) para a meſma diligencia de Gonçalo Mendes, que teve o meſmo effeito, e quaſi a meſma repoſta, porque eſte lhe diſſe: *Que naõ via caminho algum por onde chegaſſe taõ temeraria empreza ao fim, que ſe deſejava*; dando niſto a entender, que ſe o houveſſe, naõ duvidaria ſeguillo; e com iſto ſe deſpediraõ ambos, e Nuno Alvares voltou para Thomar.

CAPI-

## CAPITULO CXXXI.

*Como Nuno Alvares foy commettido com offertas de dinheiro por parte delRey de Castella, e o que obrou nisto; e juntamente do encontro, que teve com os Castelhanos, aos quaes desbaratou, e tomou as prezas.*

785 A Necessidade de dinheiro, em que estava Nuno Alvares, era a todos notoria, e querendo valerse della Gonçalo Vasques de Azevedo, escreveo a ElRey de Castella: *Que lhe parecia acertado; que elle o mandasse tentar com alguma offerta grande de dinheiro da sua parte, que na occasiaõ presente poderia ser a tentaçaõ mais forte*; e ElRey lhe respondeo: *Que naõ julgava conveniente, que da sua parte se lhe fizesse a offerta, porque se a naõ aceitasse, como suppunha, poderia jactarse della; o que para elle era cousa indecorosa; e que assim melhor seria, que elle per si, ou por outrem lha insinuasse primeiro, e que se elle a admittisse, entaõ poderia declárarse, e que de tudo o que houvesse, esperava aviso seu, de quem fiava o bom successo desta diligencia.* Gonçalo Vasques, com esta reposta delRey, fallou logo a hum Judeo rico, chamado D. David, que era irmaõ da mulher de D. Judas, Thesoureiro, que havia sido delRey D. Fernando, e tinhaõ vindo com a Rainha D. Leonor, o qual por ordem sua foy a Thomar, aonde estava Nuno Alvares, e como de si, lhe disse: *Que elle com a noticia da sua necessidade, lhe vinha alli offerecer todo o dinheiro,* que

Offerece-se dinheiro a Nuno Alvares por parte delRey de Castella, que elle naõ aceita.

*que tinha, que eraõ mil dobras, que comsigo trazia, porque ainda que pertenciaõ a ElRey de Castella, suppunha, que lhe naõ estranharia esta acçaõ, nem elle deixaria de merecerlha algum dia no seu serviço.* Nuno Alvares ouvindo o Judeo, lhe naõ deu reposta; e conhecendo o impulso desta insinuaçaõ, a propoz aos seus, para ver os animos, que mostravaõ, e alguns houve, que *lhe aconselharaõ as tomasse, já que lhas offereciaõ, e remediasse com ellas o aperto em que estava, e que depois quando podesse, as satisfaria*; porém elle, com fidelidade sempre incontrastavel, lhes respondeo: *Que naõ era licito, que recebesse premio de quem elle o naõ havia merecido; e que se se soubesse, que aceitava offertas, que bem se conhecia eraõ com permissaõ delRey de Castella, ficaria a sua fé sospeitosa, e poderia dizerse algum dia, com apparencias de verdade, que houvera hum, em que elle faltara à sua obrigaçaõ*; e assim chamando logo a D. David, lhe disse: *Que lhe agradecia muito aquella attençaõ, mas que elle por horas ainda podia remediarse sem se valer delle*; com que o Judeo se foy, naõ só desenganado, mas confuso.

786 Depois disto, sahio Nuno Alvares de Thomar, e chegou a Punhete, de donde passou para o Alentejo; e sabendo, que no Crato se achavaõ alguns Castelhanos para conduzirem varias peças de alfayas, e roupas, que tinhaõ roubado; e outros tambem em Castello de Vide, se resolveo a ir esperar huns, e outros em lugar retirado, e perto da estrada, que precisamente haviaõ de tomar ambos, e ahi esteve dous dias, tendo sempre sentinellas avançadas para lhe darem aviso; e tendo-o hum dia de que ao longe se divisava muita

Vay Nuno Alvares para o Alentejo, e toma aos Castelhanos a preza, que levavaõ.

muita poeira, e grande tropel de gente de pé, e de cavallo, se levantou da mesa, (em que entaõ estava) e mandou montar aos seus; mas como o caminho era muito declive, foy preciso desmontarem até se porem na estrada, aonde postos outra vez a cavallo, avistaraõ os Castelhanos, aos quaes logo investiraõ, porém elles, que traziaõ oitenta Cavallos, e cem Infantes, em que entravaõ alguns Bésteiros, fóra os Almocreves, e todos armados, se resistiraõ algum tempo, mas em fim os desbarataraõ, ficando oitenta e seis delles, entre mortos, e prizioneiros, e escondendo-se os outros entre os mattos, aonde naõ poderaõ acharse, e assim se recolheo Nuno Alvares a Evora, com todas as bestas de carga, em que vinha muito dinheiro, e peças de ouro, e prata, e alfayas de preço, que tudo repartio pelos seus Soldados.

---

## CAPITULO CXXXII.

### *Do mais, que obrou Nuno Alvares na Provincia do Alentejo.*

787 GAnhada, e repartida a preza, poucos dias descançou em Evora Nuno Alvares, quando soube, que Gonçalo Rodrigues de Sousa, para verificar a desconfiança, que delle se tivera no Porto para a entrega das Galés, havia tomado publicamente a voz de Castella, e dado ordem a hum escudeiro seu, que por elle governava o Castello de Monsarás, de que

Toma o partido de Castella Gonçalo Rodrigues de Sousa, e entrega Monsarás.

que era Alcaide môr, para que arvoraſſe Bandeira por ElRey, a quem logo ſeguira, cuja noticia foy de grande ſentimento para Nuno Alvares, que cuidando logo em recuperar a Villa, como taõ importante pelo ſitio, e viſinhança da raya; e ſabendo, que no Caſtelló naõ ficara mais, que o dito Alcaide com a ſua familia, e poucas peſſoas mais, encomendou a hum ſeu eſcudeiro, de quem muito ſe fiava, que com doze homens, que o acompanhaſſem, foſſe ſecretamente emboſcarſe em huns pardieiros, que ficavaõ junto do Caſtello, e que elle da outra parte deitaria cinco, ou ſeis vacas, como que andavaõ deſgarradas, porque lhe parecia, que o Alcaide, vendo-as neſta fórma, naõ deixaria de ſahir fóra para as meter dentro, e que a eſte fim naõ fecharia as portas, o que ſe aſſim ſuccedeſſe, como ſuppunha, êlles com a preſſa, que lhes foſſe poſſivel, entraſſem no Caſtello, e fechando-as ſobre ſi, ſe ſenhoreaſſem delle, como com effeito fizeraõ, correſpondendo o ſucceſſo à premeditaçaõ; o que vendo Nuno Alvares, que de mais longe dava calor a eſta empreza, entrou a celebrar o triunfo, de que deu conta ao Meſtre; e deixando no Caſtello a guarniçaõ neceſſaria, voltou para Evora, dando primeiro liberdade à mulher, e familia do Alcaide, com a ſua natural benignidade.

Recupera-a Nuno Alvares, e como.

788 Depois diſto, chegaraõ a Badajoz, hum esforçado Capitaõ Caſtelhano, chamado Joaõ Rodrigues da Caſtanheda, com trezentas lanças, e Garcia Fernandes, Commendador de Santiago, com quaſi outras tantas, ambos com intento de buſcarem a Nuno

Chegaõ a Badajoz dous Capitaens Caſtelhanos, que buſcaõ a Nuno Alvares.

Passa este para Elvas.

Recado, que lhe mandaõ.

Sua reposta.

no Alvares; o que sendolhe presente, sahio logo de Evora, e passou para Elvas, para ficar mais perto; e elles com esta noticia lhes mandaraõ dizer por hum Trombeta: *Que bem sabia elle como ElRey seu Senhor, o era de Portugal; e que assim naõ quizesse continuar como os mais no crime de rebelliaõ; que viesse para o seu serviço, aonde teria os premios, que lhe eraõ devidos; e que quando naõ quizesse fazer o que só lhe convinha, que elles ao outro dia o iriaõ buscar, e sustentariaõ no campo o direito delRey:* Nuno Alvares recebeo o Trombeta com alegria, e affabilidade, e o mandou agasalhar com grandeza; e depois lhe respondeo: *Que dissesse àquelles Cavalheros, que se enganavaõ no direito, que suppunhaõ, porque ElRey se privara delle, ainda que o tivesse, quando quebrantou as condiçoens com que o adquirira, taõ solemnemente juradas como elles sabiaõ; e que assim a quem elles deviaõ persuadir, e aconselhar, era a ElRey, para que desistisse desta injusta empreza, taõ alhea da razaõ, da justiça, e da Christandade, que era só o que devia fazer, e lhe era conveniente; e que a elle sempre o seria ter taõ grandes hospedes, pelos quaes esperava quando lhe diziaõ.*

Sahe Nuno Alvares de Elvas, e vay para o Guadiana.

789 Foy-se o Trombeta logo ao romper do dia com esta reposta, e Nuno Alvares pouco depois delle sahio de Elvas, com quatrocentas lanças, e alguns Bésteiros, e foy marchando para o Guadiana, com intento de passallo, e ir buscar os Castelhanos, antes que elles sahissem de Badajoz, os quaes, ouvido primeiro o recado do Trombeta, o tiveraõ por loucura, ou por engano, da parte de quem o mandava, ou de quem o trazia, e assim o receberaõ com desprezo, e riso; mas vendo-o

vendo-o depois verificado, montaraõ a toda a preſſa, e vieraõ impedirlhe a paſſagem do rio; porém Nuno Alvares, vencida eſta oppoſiçaõ, ſe formou da outra parte em batalha, aonde houve huma bem renhida eſcaramuça; e ainda que os inimigos traziaõ quinhentos homens de armas, e trezentos Ginetes, com muita Infantaria, por ſe lhe unirem as gentes de Badajoz, com tudo ſe viraõ obrigados a ceder o campo, e recolherſe à Cidade, fechando ſobre ſi as portas, e deixando vinte prizioneiros, indo muitos feridos. Nuno Alvares os ſeguio até quaſi os muros da Praça, e à viſta da qual ſe deteve largo eſpaço; e vendo que naõ ſahiaõ della, ſe veyo retirando com ſocego, e ordem, outra vez para Elvas.

Diſputaõlhe os Caſtelhanos o paſſo; porém ficaõ vencidos, e Nuno Alvares volta para Elvas.

---

## CAPITULO CXXXIII.

*Em que ſe continuaõ as acçoens de Nuno Alvares.*

790 SEntido, e indignado cada vez mais ElRey de Caſtella, determinou vingarſe de Nuno Alvares, e tirar da Provincia do Alentejo aquelle obſtaculo de todas as ſuas operaçoens, para o que, vendo taõ mal ſuccedidos os encontros paſſados, quiz de huma vez empenhar o ſeu poder em deſvanecello, ou anniquilallo; e fiando do conhecido valor, e grandes experiencias de Pedro Sarmento o effeito deſte deſignio, lhe deu ordem, para que do Exercito tiraſſe toda a gente, que lhe pareceſſe neceſſaria para buſcar a Nuno

Manda ElRey a Pedro Sarmento com grande poder contra Nuno Alvares.

Alvares, a quem, ou prendesse, ou matasse. Elle entaõ escolheo seiscentas lanças, e com o Prior do Crato, que se offereceo para acompanhallo, foraõ para esta Villa, para se incorporarem com a gente, que nella tinhaõ; e juntos todos, partiraõ a encontrarse com Nuno Alvares, que com esta noticia sahio de Elvas a toda a pressa, e fez a primeira marcha de sete legoas, com intento de chegar no outro dia à ponte do *Sor*, para impedir o passo aos Castelhanos, contendendo com elles, antes de chegarem ao Crato, e engrossarem mais o seu partido; mas chegando a Aviz, soube, que elles haviaõ passado no dia antecedente, com que lhe foy preciso tomar outro caminho, e seguir o de Evora.

O que este obra com esta noticia.

791 Chegando Nuno Alvares a esta Cidade, teve segundo aviso do Mestre, em que lhe confirmava o primeiro, e lhe dava individual relaçaõ do numero, e qualidade da gente, que trazia o inimigo, a qual constava de duas mil e quinhentas lanças, seiscentos Ginetes, e muitos mais Infantes, e Bésteiros; e entre elles pessoas de grande distinçaõ, como (além de Pedro Sarmento, e o Prior do Crato) Joaõ Rodrigues da Castanheda, o Mestre de Alcantara D. Gonçalo Nunes de Gusmaõ, que succedeo a Diogo Gomes Barroso, morto na batalha dos Atoleiros, Martin Annes de Barbuda, que tambem depois succedeo a este, o Conde de Niebla, e outros muitos Fidalgos, que todos se achavaõ no Crato dispondo esta entrada naquella Provincia; na qual Nuno Alvares com grande trabalho pode só ajuntar quinhentas e trinta lanças, e cinco mil Infantes, e Bésteiros, com que logo partio a esperallos.

Dalha tambem o Mestre.

Numero do Exercito inimigo.

Numero do nosso.

Os

792 Os Castelhanos sahiraõ do Crato, e discorrendo a Provincia, chegaraõ a Arrayolos, que lhes foy entregue por Gonçalo Mendes de Oliveira, parente da Rainha. Dalli mandou Pedro Sarmento huma carta a Nuno Alvares, naõ só descortez, mas injuriosa, e juntamente huma espada, dizendolhe: *Que até lhe queria dar as armas para o desafio a que o chamava.* Nuno Alvares recebeo huma, e outra, e dando ordem para que agasalhassem o mensageiro com benignidade, e grandeza, ao outro dia depois de ouvir Missa, o chamou, e com rosto sereno lhe disse: *Cavalleiro amigo, idevos com Deos, e dizey a meu amigo Pedro Sarmento, que fico entregue da sua carta, e prompto para entrar no campo, a todas as horas, que me procurar nelle, na fórma, que me avisa.* Com que o portador justamente admirado de huma tal tranquillidade de animo, se foy da sua presença; e dando o recado a Pedro Sarmento, este se poz a caminho com toda a sua gente, para buscar a Nuno Alvares, que tendo disto aviso a tempo, que estava para se pôr à mesa, o deixou de fazer, e ordenou logo o sahirlhe ao encontro, e assim os seus Soldados, comendo de pé alguma cousa, se pozeraõ com elle em marcha; e chegando aonde chamaõ a quinta da Oliveira, (Cabeça do seu illustre Morgado deste appellido, que anda hoje na varonîa dos Saldanhas) pouco mais de huma legoa da Cidade de Evora, fez alto para esperar ao inimigo, e alli esteve todo o dia sem comer, mais que hum pouco de paõ, e beber huma gota de vinho, que lhe deu hum Soldado, porque a pressa com que sahio, na consideraçaõ de achar logo os Castelhanos,

Sahem os Castelhanos do Crato, e tomaõ Arrayolos.

Carta de Pedro Sarmento para Nuno Alvares.

Sua reposta.

Manda Pedro Sarmento em busca de Nuno Alvares.

Sahe este a encontralo.

nos, lhe naõ deu lugar a trazer provimento; mas ſem embargo diſto, ao outro dia continuou a marcha outra legoa, até que aviſtando-os, ſe formou em batalha, o que elles tambem fizeraõ; e como tantos mais em numero, ſe formaraõ de ſorte, que quaſi nos cercaraõ, impedindonos naõ ſó o ſoccorro, mas o regreſſo para Evora. Mas com todo eſte exceſſo naõ ſe atreveraõ a romper a batalha, antes mandaraõ tentar a Nuno Alvares, por Garcia Gonçalves de Ferreira, Marichal de Caſtella, o qual lhe diſſe: *Que bem via a deſigualdade de hum, e outro poder, e o perigo evidente de querer competillo; que advertiſſe, que eſtava cercado, e ſem eſperança alguma de ſoccorro, ſem ter de donde, nem por onde lhe vieſſe; que naõ quizeſſe infamar o ſeu valor, e o ſeu juizo, com huma taõ conhecida temeridade; que tomaſſe o partido, que devia tomar, que era o ſerviço delRey, o qual era taõ benigno, que ſempre eſtimaria eſta acçaõ como voluntaria; e que em fim quem alli o mandava, lhe deſejava tanto a vida, que por eſte meyo queria conſervarlha, e tendo na ſua maõ a vitoria, naõ queria uſar della, ſe elle ſe houveſſe de reduzir a deixar a batalha.* Nuno Alvares lhe reſpondeo: *Que eraõ eſcuſadas com elle taõ repetidas diligencias, pois naõ aceitando elle eſte partido, quando ſe lhe propoz no principio, naõ o havia de admittir no fim; porque elle naõ era homem, que mudaſſe da reſoluçaõ, que huma vez tomara com maduro conſelho, como neſta fizera; e que aſſim trataſſem elles de cumprir a ſua palavra na execuçaõ do deſafio, para que o tinhaõ chamado, pois de o naõ fazer aſſim, ſempre ſe lhes ſeguia, ou a infamia da ſua pouca fé, ou do ſeu muito medo; e que pois elles eſtavaõ montados, e os ſeus a pé, que*

Formaõ-ſe em batalha.

Mandaõ hum recado a Nuno Alvares.

Sua repoſta.

*que elles deviaõ ser os que o buscassem, e senaõ que se pozessem tambem a pé, que elle os buscaria.* Com esta reposta de Nuno Alvares se desenganaraõ os Castelhanos, e naõ repetiraõ as instancias, nem se resolveraõ a atacallo, antes ficando na mesma suspensaõ, se deixaraõ estar até a noite, e entaõ pouco a pouco foraõ desfilando, e se formaraõ outra vez em sitio mais distante; e Nuno Alvares vendo pela manhãa a sua retirada, (ou fosse affectada, ou verdadeira) e havendo cumprido com tudo, e muito mais do que era obrigado, estando no campo dous dias, e huma noite, esperando-os, e com taõ pouco, ou nenhum mantimento, se resolveo a vir buscallo a Evora, para poder tornar à campanha; e assim sendo já alta noite, levantou o seu campo, e sendo esta escura, e tempestuosa, fez com que alguns dos seus errassem o caminho, e fossem dar nas mãos dos inimigos.

O que com ella obraõ os Castelhanos.

Retira-se Nuno Alvares obrigado da fome.

793 Ao outro dia, querendo Nuno Alvares tornar a buscallos, soube como elles na mesma noite tinhaõ tomado a estrada de Vianna, cuja campanha roubaraõ, e destruhiraõ, e depois passaraõ para Arrayolos, de donde foraõ alguns para o Crato; e Pedro Sarmento, e Joaõ Rodrigues da Castanheda, com setecentas lanças vieraõ para o sitio de Lisboa, aonde naõ foraõ bem recebidos delRey, por naõ pelejarem com Nuno Alvares, havendo-o desafiado; e com mayor razaõ, quando este veyo buscallos com taõ inferior partido; porém elles se desculparaõ com a retirada de Nuno Alvares, e com outros apparentes pretextos, que naõ bastaraõ a sanear este escrupulo.

Retiraõ-se os inimigos, e vem para o sitio de Lisboa, aonde saõ mal recebidos delRey.

CAPI-

## CAPITULO CXXXIV.

*Como Nuno Alvares foy sobre a Villa de Almada, e a entrou, e saqueou, sem embargo da opposição do inimigo.*

Vay Nuno Alvares sobre Almada.

794 ENfadado, e raivoso Nuno Alvares, de que os Castelhanos o tivessem todo aquelle tempo no campo, sem chegarem às mãos, cuidou em vingarse desta imaginada offensa, e tambem da padecida nos roubos, e extorsoens, que haviaõ feito naquellas visinhanças; e sabendo, que Pedro Sarmento ficara em Lisboa, e que Joaõ Rodrigues da Castanheda, com alguns dos seus, passara para Almada, tomou a resoluçaõ de ir sobre esta Villa; e como por todas as partes, por onde havia caminho para ella, havia tambem espias, que os descobrissem, buscou Nuno Alvares o menos trilhado; e caminhando toda a noite com os que o acompanhavaõ, (que além dos Infantes, e Bésteiros, seriaõ trezentas lanças) deu huma manhãa sobre a Villa; e ainda que chegando mais tarde do que desejava, achou a mais da gente levantada, e capitaneando-a Joaõ Rodrigues, que mal vestido acodio ao rebate, se lhe disputou a entrada muito tempo, com vigorosa defensa, foraõ em fim desbaratados os Castelhanos, e postos em fogida, ficando alguns mortos, e outros feridos, e Nuno Alvares entrou na Villa, e se fez senhor della, (excepto o Castello, a que elles se recolheraõ)

Toma-a por assalto.

colheraõ ) a qual foy ſaqueada, principalmente as caſas em que eſtavaõ Caſtelhanos, e a de Pedro Sarmento, tomandolhes logo armas, e cavallos, e mais beſtas de carga, que tambem ſerviraõ para conduzir os deſpojos, que depois repartio pelos ſeus Soldados, fazendo reſenha delles em hum monte viſinho do mar, aonde fizeraõ alto, à viſta do inimigo, e ao ſom de caixas, e trombetas, com todas as demonſtraçoens de alegria, que podem imaginarſe, as quaes percebendoſe do modo, que o permittia a diſtancia, no campo, que formava o ſitio de Lisboa, e naõ ſe penetrando o motivo, deu occaſiaõ a diverſos diſcurſos; e ElRey neſta meſma indifferença, mandou chamar a Pedro Sarmento, e lhe perguntou: *Se entendia o que aquillo foſſe?* E elle lhe reſpondeo: *Que lhe parecia ſer Nuno Alvares Pereira.* Ao que ElRey tornou, dizendo: *He boa repoſta eſſa! Sois vós Fronteiro daquelle lugar, e atreve-ſe hum eſcudeiro de cinco rocins a vir inquietallo, e injuriarvos a vós?* Elle entaõ lhe diſſe: *Iſſo vos parece Senhor? Pois agradecey a Deos, e a eſte rio, que ſe interpoem entre vós, e elle, que ſe iſſo naõ fora, cá tambem vos viria buſcar.* Entaõ ElRey lhe mandou, que partiſſe logo para Almada em huma Galé, levando nas outras a gente neceſſaria; mas como eſtas naõ eſtavaõ aparelhadas, naõ poderaõ acompanhar a de Pedro Sarmento, que chegou primeiro; e deſembarcando em Caſſilhas, começou logo a dizer em altas vozes: *Caſtilla, Caſtilla*; e mandando buſcar hum cavallo dos ſeus, lhe diſſeraõ: *Que Nuno Alvares os levara todos, e tudo o mais, que alli tinhaõ, e que naõ fora pouco o deixarlhes as vidas.* Com que

O que obra depois diſſo.

O que paſſa ElRey com Pedro Sarmento.

O que ſuccede a eſte na ida de Almada.

lhe foy preciso tornar para onde viera, tendo segundo desengano os seus ameaços.

795 Nuno Alvares, feito o que fica dito, partio para Coina, aonde jantou, e à noite foy dormir a Palmela, e alli mandou accender luminarias, e fachos, para dar algum alento aos sitiados, que interpretando, como na verdade eraõ, estas linguas de fogo, lhe responderaõ com outras, em que naõ só mostraraõ, que as entendiaõ, mas que as estimavaõ.

Nuno Alvares accende fogos em Palmela para animar Lisboa.

## CAPITULO CXXXV.

*Como Nuno Alvares, depois que ElRey de Castella levantou o sitio de Lisboa, veyo fallar ao Mestre, e o que passou com elle.*

Vem para esta Nuno Alvares, depois de levantado o sitio.

796 ESTANDO ainda Nuno Alvares em Palmela, soube, que ElRey de Castella havia levantado o sitio de Lisboa, e partira para Santarem, e com esta noticia determinou vir fallar ao Mestre; mas como a Armada Castelhana tinha ficado da mesma sorte sobre a Cidade, impedindo a passagem do rio, para que naõ fosse descoberta a sua, mandou ter prompto hum batel na ponta do Montijo, aonde foy embarcar pela meya noite, e trazendo comsigo hum escudeiro seu, de quem mais se fiava, chamado Vasco Martins de Outeiro, ao entrar no batel, lhe disse este: *Senhor, eu vos peço por merce, que naõ vades a Lisboa, porque presago o coraçaõ, naõ sey, que me adivinha, corroborando o sonho desta*

O que passa com hum escudeiro seu ao embarcarse.

*desta noite, que me representava, que vós, e todos os que aqui vamos, eramos tomados dos inimigos.* Nuno Alvares lhe respondeo: *Amigo, eu vos agradeço o conselho, mas Deos o fará melhor do que vós o dizeis; e para que o naõ vejais, deixaivos ficar, e os mais, que quizerem, que eu irey só exposto a esse perigo.* E dito isto se meteo no batel, e querendo entrar com elle, (vencido já o receyo) Vasco Martins, elle o naõ consentio, e o deixou em terra, duas vezes sentido, porque ficara, e pelo que dissera.

797 Nuno Alvares entaõ, para mostrar melhor como desprezava aquelle aviso, ou desattendia àquella advertencia, podendo vir por fóra da Armada inimiga, mandou remar por entre ella, e quando passou, fez tocar as trombetas, a cujo ruido se alvoroçaraõ os Castelhanos; e tocando arma, perguntaraõ: *Quem era, que hia naquelle batel?* E sendolhe respondido: *Que Nuno Alvares*; como isto era já em mayor distancia, e naõ podiaõ colhello, deixaraõ de seguillo.

Atravessa o batel pelo meyo da Armada inimiga.

798 Chegando Nuno Alvares felizmente a Lisboa, desembarcou ante manhãa com os que o acompanhavaõ, trazendolhe o pagem a espada, que era a que lhe mandara Pedro Sarmento; e assim foraõ todos em romaria a Nossa Senhora da Escada, junto ao Convento de S. Domingos, aonde ouviraõ Missa, e depois disto, foraõ ver o Mestre, que tendo esta noticia, desceo à porta do Paço a esperallo; e em o vendo, lhe lançou os braços, e lhe fez todas aquellas demonstraçoens de estimaçaõ, e agrado, que pedia o merecimento de hum, e a gratidaõ do outro; porém Nuno Alvares se poz de joelhos, para lhe beijar a maõ, que elle naõ

Chega Nuno Alvares à Lisboa, e o que obra.

Honras, que lhe faz o Mestre.

consentio, antes lhe mandou, que se levantasse, o que este naõ fez; e continuando nesta precisa fiel desobediencia, repetio as instancias, como tambem o Mestre, competindo-se igualmente ambos nesta generosa porfia, até que vendo este, que eraõ sem fruto os rogos, e os preceitos, e que naõ havia outro meyo de fazer levantar a Nuno Alvares, que renderse à sua persuasaõ, ainda que involuntariamente, lhe deu a maõ, para que lha beijasse, com que satisfeitos o affecto, e a obrigaçaõ, se acabou a contenda; e entaõ sobiraõ ambos para huma casa, aonde estiveraõ largo tempo fallando, e depois se recolheraõ, ficando elle assistindo no Paço, todos os dias, que em Lisboa esteve; porque o Mestre para o communicar mais vezes, e de mais perto, lhe mandou logo prevenir hum quarto, tratando com elle naquelle tempo todos os negocios da conjuntura presente, em que seguio, como sempre, o seu parecer.

Contenda generosa de ambos.

Fica alojado no Paço.

799 Entaõ deu Nuno Alvares ao Mestre a noticia, que tivera por Pedro Annes Lobato, quando veyo a Lisboa, com a da tomada de Monsarás, o qual, tratando com alguns Fidalgos Portuguezes, nos dias, que aqui se deteve, achara nelles vehementes indicios da sua infidelidade; e assim por esta causa aconselhou ao Mestre, que tomasse a todos juramento da sua vassallagem, como elle fez, e se refere no cap. 234. num. 1306. para que este novo reconhecimento, ou servisse de freyo à sua precipitaçaõ, ou fizesse a sua culpa menos justificada.

Noticias, e conselhos, que Nuno Alvares dá ao Mestre.

800 Tambem entaõ lhe communicou o pensamento

mento em que eſtava de ſahir ao encontro a ElRey de Caſtella, quando partiſſe de Santarem, por ſe aproveitar de occaſiaõ taõ opportuna, como a que lhe offerecia o tempo, contendendo com hum Exercito, ſobre diminuto, fogitivo, e como fogitivo, deſgraçado. O Meſtre naõ ſó lhe approvou o intento, mas ſe offereceo para acompanhallo; e aſſim logo diſpozeraõ a ſua execuçaõ, que naõ chegou a lograrſe, por ElRey ſahir mais cedo de Santarem, do que ambos imaginaraõ, além do tempo, que haviaõ miſter quando ſe preveniraõ; com que deſvanecida eſta empreza, e ajuſtadas as couſas mais preciſas, que ſe lhe offereceraõ, ſe foy em fim Nuno Alvares para Evora.

Intenta eſperar a ElRey, e porque naõ teve effeito.

Torna Nuno Alvares para Evora.

## CAPITULO CXXXVI.

*Como Nuno Alvares tornou para o Alentejo, e cobrou a Villa de Portel, e o mais que niſto houve.*

801 ENtre os lugares, que eſtavaõ por ElRey, era hum delles a Villa de Portel, de que era Alcaide môr Fernaõ Gonçalves de Souſa, caſado com D. Thereſa de Moura, Aya que fora da Rainha D. Brites, e tanto ſua ſervidora, e affeiçoada, que por lhe fazer eſte ſerviço, perſuadio ao marido a tomar a ſua voz. Tinha a Villa, além da guarniçaõ ordinaria, cento e vinte lanças Caſtelhanas, de que era Capitaõ D. Garcia Alvares, (ou Fernandes) Senhor de Villa Garcia, Meſtre que depois foy de Santiago; mas naõ ſe

Cobra a Villa de Portel, e como.

ſe dando por ſeguro Fernaõ Gonçalves com eſte preſidio, e temendo-ſe dos moradores da Villa, lhes tomou a todos as armas, e as guardou no Caſtello. Neſte tempo ſuccedeo, que hum dia os moradores de Evora levaraõ algum gado das viſinhanças de Portel; e ſahindo a tirarlho D. Garcia com a ſua gente, quiz que tambem a outra o acompanhaſſe, mas achando-ſe deſarmada, naõ ſe pode valer mais, que de pedras; o que viſto por elle, diſſe ao Alcaide môr: *Que lhe parecia violencia, e injuſtiça, privar aquelles homens das ſuas armas, ſem ter cauſa para iſſo, impoſſibilitando-os tambem, naõ ſó de ſe defenderem, mas de o ajudarem, como na occaſiaõ preſente, em que as haviaõ miſter; e que aſſim lhe pedia lhas concedeſſe.* Com que pela ſua interceſſaõ lhes foraõ reſtituîdas.

802 Havia neſta Villa hum Clerigo, chamado Joaõ Mattheus, o qual deſejava muito poder entregalla ao Meſtre; e cuidando como poria em pratica eſte ſeu penſamento, o teve de fazer chaves para algumas portas, por onde lhe déſſe entrada. Para eſte fim tomando em cera o molde das fechaduras, partio occultamente para Evora; e buſcando a Nuno Alvares, lhe communicou eſte ſeu deſignio, que elle lhe agradeceo, e eſtimou; e aſſim deu logo ordem para ſe fazerem as chaves, com as quaes tornou o Clerigo para Portel, deixando ajuſtado com Nuno Alvares a fórma da entrepreza, para o dia, que elle lhe aviſaſſe, como com effeito fez, depois que ſe ſegurou da vontade de Joaõ Longo, (que ſeguia tambem o partido do Meſtre) a quem tocava a guarda de huma porta; e para que

Nuno

Nuno Alvares vieſſe com mais ſegurança, e naõ foſſe a tempo, que a ronda Caſtelhana chegaſſe a deſcobrir, ou render a meſma ſentinella, lhe deu ſinal certo para entrar ſem receyo, ſenaõ houveſſe até entaõ novidade.

803 Diſpoſto iſto aſſim, ſahio huma tarde de Evora Nuno Alvares, e ſe encaminhou para Evora-Monte, de donde atraveſſando as eſtradas, ſempre por fóra dellas, chegou à Torre dos Coelheiros, tres legoas de Portel, e alli deſcançaraõ hum pouco, até que ſendo horas de outra vez marcharem, partiraõ para a Villa, medindo-as de ſorte, que podeſſem chegar a ella antes de amanhecer, como com effeito fizeraõ; e entaõ poſtos a pé, e armados, foraõ andando para a parte, que ſe tinha ajuſtado; e ainda que Joaõ Mattheus ſe naõ deſcuidou de abrir as portas, com a cautela neceſſaria, foraõ com tudo ſentidos ao entrar Nuno Alvares; e como os Caſtelhanos começaraõ a bradar: *Armas, armas, Caſtilla, Caſtilla*; mandou eſte tambem tocar as trombetas, que ouvidas por Fernaõ Gonçalves, ſe retirou com os ſeus ao Caſtello, deſcompoſtos, e mal veſtidos, como lhes permittira a preſſa, e o ſuſto, deixando os mais delles as armas, e cavallos, e tudo quanto tinhaõ de ſeu, pois a penas tiveraõ tempo de ſe ſalvar a ſi.

804 Entrada, e ſaqueada a Villa, mandou Nuno Alvares dizer a Fernaõ Gonçalves: *Que lhe entregaſſe o Caſtello.* E elle pedindo tempo para reſolverſe, chegou a noite, e depois de cearem os noſſos Soldados, ſem ordem de Nuno Alvares, foraõ todos combater o Caſtello, e lhe quizeraõ queimar as portas, o que executariaõ,

cutariaõ, se elle lho naõ impedisse, até saber a reposta de Fernaõ Gonçalves, que lhe mandou pedir quizesse fallarlhe, e elle o fez com a segurança necessaria, assim para saber o que elle lhe queria, como para ver se o podia reduzir a tornar outra vez ao serviço do Mestre, e entaõ lhe disse: *Que se admirava muito de hum Fidalgo como elle, de tanto entendimento, e Senhor de tantas terras como era, as deixasse todas por servir a ElRey; e o que mais he, que faltasse à sua obrigaçaõ, e lhe entregasse Portel; porém que se elle quizesse sanear esta offensa, e emendar este erro, tornando ao serviço do Mestre, que elle se obrigava a pollo na sua graça, e restituirlhe as suas terras, com outras mayores merces, que certamente podia delle esperar.* Fernaõ Gonçalves lhe respondeo: *Que bem sabia Deos o arrependimento, que tinha do que havia obrado, mas que já era sem remedio, porque nesta mudança faria segunda culpa, ou ao menos confessaria a primeira; e que assim lhe rogava fizesse com elle algum partido honesto, com que se desculpasse a entrega do Castello.* Nuno Alvares lhe respondeo: *Que se aconselhasse com D. Garcia, e os outros companheiros, e que conforme o que pedissem, assim saberia elle o que podia concederlhes.* Entaõ tornou para o Castello Fernaõ Gonçalves, e ao outro dia lhe mandou dizer: *Que os deixasse ir livres para Castella, com todos os seus bens, e lhe restituisse os que se haviaõ tomado, e que lhe entregaria o Castello.* No que Nuno Alvares conveyo, e lhes foy dado tudo, com que se foraõ, levando a escolta necessaria até se porem na raya; e Fernaõ Gonçalves, quando sahio da Villa, mandou tocar as trombetas, e foy com sua mulher bailhando, e cantando

Pactos com que se entrega a Villa.

tando o ſeguinte: *Pois Maria bailhou, tome o que ganhou; melhor era Portel, e Villa-Ruiva, que naõ Safra, e Segura, tome o que ganhou.* E com eſta cantiga deu a entender, que a mulher o fizera ſeguir o partido contrario, perdendo o que tinha em Portugal, com a eſperança do que lhe promettiaõ em Caſtella; ſuccedendolhe a Fernaõ Gonçalves, o que a Gonçalo Vaſques de Azevedo, que pela mulher obrou o que naõ devia, ſeguindo da meſma ſorte a Bandeira inimiga.

Galante modo com que ſahe della Fernaõ Gonçalves.

---

## CAPITULO CXXXVII.

*Como Nuno Alvares partio para Elvas, e mandou ſahir da Cidade algumas peſſoas em que teve ſoſpeita; e como depois foy ſobre Villa Viçoſa.*

805 EStando em Evora Nuno Alvares, teve aviſo de Elvas, como algumas peſſoas principaes da Cidade, affectas a ElRey de Caſtella, pertendiaõ entregarlha; e com eſta noticia partio a toda a preſſa com a gente, que lhe pareceo neceſſaria, para lhe pôr o remedio, que foſſe conveniente. Hia com elle ſeu irmaõ Fernaõ Pereira, e levava veſtidas as armas, e cingida a eſpada de D. Garcia, Meſtre de Santiago, que ſe achava em Portel, ao tempo da ſua entrega, o qual havia tambem jurado as condiçoens com que ſe fizera, ſendo huma dellas, reſtituirſe inteiramente tudo o que ſe havia tomado, o que Fernaõ Pereira naõ cumprio neſta parte, eſcondendo as taes armas, e

Vay Nuno Alvares à Elvas com a noticia de querer entregarſe.

Reprehende seu irmaõ Fernaõ Pereira, e porque.

espada, que levava; no que reparando Nuno Alvares, o reprehendeo severamente, e lhe temeo, ou vaticinou o castigo, que depois se verificou no sitio de Villa-Viçosa, para escarmento de Capitaens, e Principes, que juraõ o que naõ cumprem, nem tal vez tem tençaõ de cumprir quando o juraõ.

Faz sahir de Elvas algumas pessoas.

806 Chegado Nuno Alvares a Elvas, e certificado do seu receyo, mandou da parte do Mestre, a Gil Fernandes, a Martim Rodrigues, e outros principaes da Cidade, que fossem assistirlhe no sitio de Torres Vedras, em que entaõ se achava, o que elles sentiraõ muito, ou por se descobrir a sua inclinaçaõ, ou por se duvidar da sua fidelidade. O Mestre quando os vio, os recebeo com agrado, e Gil Fernandes lhe disse: *Que mal correspondia a esta demonstraçaõ, a de os mandar sahir de Elvas, como se fossem traidores.* E da mesma sorte se queixaraõ todos; e elle para apasiguallos, lhes respondeo: *Que a causa de chamallos naõ fora a desconfiança, que suppunhaõ, antes por estar certo de que eraõ taõ leaes, os queria comsigo, e lhes faria sempre as merces de que eraõ merecedores.* Com isto se satisfizeraõ, e assistiraõ ao Mestre todo o tempo, que durou o sitio; e Nuno Alvares segurando com a sua ausencia o temor da Praça, tornou para Evora a cuidar noutra empreza.

Vay sobre Villa-Viçosa.

807 Foy esta a de Villa-Viçosa, cujo estimulo se escreve com variedade, porque huns dizem, que sabendo, que o Commendador Vasco Porcalho, que a governava, tinha naquelle dia certas vodas, entendeo, que este divertimento lhe poderia occasionar algum descuido, que lhe facilitasse a entrepreza; outros que fora

fora chamado de alguns, com quem tinha communicaçaõ, e intelligencia; e outros, (e he o mais verosimil) que Vasco Porcalho fingio algumas cartas em que o chamavaõ, cuja ficçaõ verificou depois o successo. Mas fosse qual fosse a causa, Nuno Alvares foy huma noite sobre Villa-Viçosa, e mandou diante a seu irmaõ Fernaõ Pereira, com Alvaro Coitado, e outros, para ver se podiaõ ganhar huma porta, que lhe pareceo mais facil de entrarse; mas chegando a ella Fernaõ Pereira, lhe deitaraõ de cima huma grande pedra, que dandolhe na cabeça, o deixou morto em terra; e o mesmo succedeo a Vicente Esteves seu escudeiro; e Alvaro Coitado, se escapou de morto, foy ferido, e prezo, e levados todos para dentro da Praça; e chegando Nuno Alvares, e vendo frustrado à custa de huma tal vida, o seu designio, ficou com dous sentimentos, ambos igualmente justos, hum de se desvanecer a empreza, outro de lhe morrer seu irmaõ, moço de vinte e quatro annos, muy valeroso, e com taõ grandes forças, como corpo, cujo pezar lhe aggravava a consideraçaõ, que fazia da causa da sua morte, em quebrantar o juramento. Elle entaõ mandou pedir o seu cadaver a Vasco Porcalho, que logo lhe remetteo, e se enterrou no Mosteiro de S. Francisco de Estremoz; e elle ficou em Borba, aonde ajuntando mais alguma gente, e mandando vir de Elvas huma peça de bater, (que se chamava *Trom*, como se diz no cap. 254. num. 1414. e taõ poucos annos antes inventada, como se refere no cap. 237. num. 1318.) tornou para Villa-Viçosa com intento de expugnalla, mas sendo

Mataõ a Fernaõ Pereira.

Desvanece-se a empreza.

Intenta-a segunda vez; e tambem se desvanece.

tambem infrutuoſo o trabalho pela grande defenſa da Praça, que ſe achava inteiramente municionada, ſe retirou a Eſtremoz ſegunda vez deſenganado. E já que falley em Artilharia, naõ poſſo deixar de dizer, que o primeiro, que a uſou no mar, foy Joaõ Gonçalves Zarco, ainda que naõ teve occaſiaõ de combater com ella; e aſſim o primeiro tambem, que a exercitou no ſitio de Lisboa, foy Joaõ Rodrigues de Sá; porém ainda entaõ naõ tinha a proporçaõ devida, que depois lhe aperfeiçoou a Arte; tirava ballas de pedra, e até os noſſos tempos ſe conſervava huma deſtas peças na Torre de S. Juliaõ da Barra.

Quem foy o primeiro, que uſou Artilharia no mar; e o primeiro, que a exercitou no ſitio de Lisboa.

## CAPITULO CXXXVIII.

*Como Nuno Alvares veyo às Cortes de Coimbra, e dahi foy ao Porto; e naõ podendo fazerſe o que ElRey lhe mandara, partio em romaria a Santiago de Galliza; e da pratica, que fez aos ſeus antes de partirem; e como de caminho cobrou alguns lugares, que eſtavaõ por Caſtella.*

808 ACabadas as Cortes de Coimbra, e eſtando o Meſtre (agora já Rey, e Nuno Alvares Condeſtavel) para paſſar ao Porto, teve aviſo de Liſboa, que a Armada de Caſtella vinha chegando toda; e como podia ſer neceſſaria a ſua preſença neſta conjuntura, mandou ordens ao Porto, que levou o Condeſtavel, para lá ſe preparar a Armada, que havia de

combater

combater com a Caſtelhana; e chegando a eſta Cidade, achou nella ſua mulher, e filha, que tinhaõ ficado detidas em Guimaraens, por ordem de Caſtella, as quaes furtivamente trouxe comſigo hum Fidalgo ſeu parente, chamado Gonçalo Pires Coelho, que eſtando no Caſtello da dita Villa, teve occaſiaõ de as tirar delle, e trazellas ao Porto.

Vay Nuno Alvares ao Porto, e acha lá ſua mulher, e filha.

809 Grande goſto recebeo o Condeſtavel com a ſua viſta, mas naõ baſtou eſte acaſo, a fazello eſquecer da diligencia a que ElRey o mandara; e aſſim chamou logo os principaes da Cidade, e praticos no mar, e lhes perguntou o caminho, e modo, que podia ter mais prompto aquella expediçaõ? Mas ponderados os poucos meyos, que havia para ella, ſe aſſentou na ſua impoſſibilidade, com que deſvanecida eſta operaçaõ, e dilatada a que ſe eſperava delRey de Caſtella, quiz o Condeſtavel aproveitar eſte intervallo de tempo, na romaria de Santiago de Galliza, e ver ſe de caminho podia cobrar algumas terras, que haviaõ tomado a voz Caſtelhana, ou ao menos montar os ſeus Soldados, a que faltavaõ cavallos, reprezando alguns, dos muitos, que havia por aquellas partes.

Deſvanecida a expediçaõ a que fora, vay a Santiago de Galliza, e o que no caminho obra.

810 Determinado em fim o Condeſtavel, com beneplacito delRey, a fazer eſta jornada, chamou todos os ſeus Soldados ao Moſteiro de S. Domingos, e lhes diſſe: *Que elle eſtava deliberado a ir com elles a parte, aonde ſem perigo lhes ſobejaria tudo; que por horas lhes naõ podia pagar mais, que hum mez; mas que em vindo, lhes ſatisfaria o tempo, que lhes deveſſe; que lhes encomendava muito aſſim a confiança em Deos, como a conformidade com*

Pratica, que faz aos ſeus.

*os companheiros, porque esta justa uniaõ os faria vencer os mayores inimigos; que nas terras destes naõ tomassem mais, que os mantimentos de que necessitassem, e as bestas, que os conduzissem; como tambem os cavallos, que lhes bastassem para as suas remontas; e que com esta advertencia se preparassem logo para esta jornada, que entendia ser do agrado de Deos, e delRey.*

811 A estas razoens do Condestavel assentiraõ todos, e com alegres semblantes se dispozeraõ para acompanhallo, sem que atè alli soubessem a parte para onde hiaõ, ou a direcçaõ, que levavaõ. Sahiraõ em fim do Porto huma tarde, indo só cento e cincoenta delles montados, e os outros a pé, por naõ haver cavallos para todos; e estando já fóra da Cidade, na porta desta, a que chamaõ do Olival, cahio de repente morta a mulla, que trazia a cama do Condestavel, o que sendo visto por alguns, causou tal pavor em todos, que introduzido até nos coraçoens dos mais animosos, começaraõ a ter por infeliz annuncio da jornada, aquelle successo, que logo participaraõ ao Condestavel, com os protestos da futura desgraça, que elle com heroica, e Catholica confiança desprezou, e venceo, continuando o caminho, e desattendendo aos rogos, e instancias dos companheiros. E porque melhor se verificasse a razaõ do seu desprezo, naquelle mesmo dia, e naquelle mesmo lugar, em que morreo a mulla, o demonio se apoderou de hum homem, e fallando pela sua boca, entre outras cousas, que disse, foy: *Que elle matara aquella mulla, para ver se atemorizado com este successo o Condestavel, desistia da jornada;*

Sahe do Porto, e despreza com valor Christaõ hum notavel acaso.

Effeitos do successo, e como se soube, que o demonio fora Author delle.

*da; da qual já eſtava inferindo ac acçoens admiraveis, que para mayor confuſaõ ſua, havia de obrar nella.*

812 Foy o Condeſtavel dormir naquella noite a Leſſa, e ſahindo ao outro dia daquelle lugar, ſe lhe aggregaraõ, dos que ſerviaõ em Caſtella, quarenta homens de armas bem montados, e outros muitos a pé, aos quaes recebeo; naõ ſó com agrado, mas com agradecimento, que igualmente experimentaraõ todos os mais, que depois vieraõ, de ſorte, que antes de oito legoas de marcha, ſe achava já com quatrocentos cavallos. Foy entaõ a ſua primeira empreza combater o Caſtello de Neiva, (hum dos cinco Julgados de Barcellos) o qual ſobre ſer forte, o defendia hum genro de Lopo Gomes de Lyra, homem de valor, e experiencias; mas ſendo mortalmente ferido com huma ſetta, ſe deu a partido o Caſtello, no qual eſtava a mulher do dito Alcaide mór, que pedindo ao Condeſtavel naõ ſó o ſeguro da ſua vida, mas o da ſua honra, elle a mandou com toda a ſegurança, e reſguardo para Ponte de Lima, aonde eſtava ſeu pay; e entaõ ſaqueado o Caſtello, ficou nelle Pedro Affonſo do Caſal, com o preſidio neceſſario.

Continûa a marcha, e ſe lhe ajunta mais gente.

Toma o Caſtello de Neiva.

813 No dia ſeguinte teve o meſmo ſucceſſo por força de armas o Caſtello de Vianna, aonde eſtava por Alcaide mór Vaſco Lourenço de Lyra, irmaõ do dito Lopo Gomes de Lyra, o qual ſe defendeo valeroſamente, durando muito tempo, e com o meſmo tezaõ o combate, até que ſe deu a partido, ſahindo elle, e os outros com todos ſeus bens, no que conveyo o Condeſtavel,

E tambem o de Vianna, à cuſta de algumas vidas; principalmente de hum notavel homem chamado o *Frizus*.

Condeſtavel, que neſſe dia foy dormir dentro delle, e Vaſco Lourenço foy tambem para Ponte de Lima, aonde ſeu irmaõ eſtava, que entaõ o mandou para o Caſtello, que tambem tinha em Braga, por ElRey de Caſtella; cuſtando ao Condeſtavel o de Vianna, entre outras, a vida de hum eſcudeiro, por alcunha o *Frizus*, (ou *Friz*, como traz Duarte Nunes) o qual era entaõ o homem do mayor corpo, e das mayores forças, que havia, naõ ſó neſte Reyno, mas em toda Heſpanha, e tinha ſido criado delRey D. Fernando; cuja perda foy de grande ſentimento para o Condeſtavel.

Rendem-ſelhe Villanova de Cerveira, e Caminha.

814 Paſſados tres dias, que eſte havia tomado, e preſidiado Vianna, recomendando aos moradores a ſua fidelidade, ſeguio outra vez o caminho de Galliza, para cumprir a ſua romaria, quando os moradores de Villanova de Cerveira, e os de Caminha, receando o meſmo ſucceſſo, que o de Neiva, e Vianna, lhe mandaraõ offerecer a entrega, ſem embargo de eſtarem dominados pelo governo Caſtelhano, como tambem a diante fez Monçaõ; e o Condeſtavel agradecendo a todos eſte ſeu bom animo, mandou logo tomar poſſe deſtas Villas, e Caſtellos; e deixandolhes as guarniçoens ordinarias, continuou a ſua jornada, em que obrou o que ſe dirá no ſeguinte capitulo.

E tambem Monçaõ.

CAPI-

## CAPITULO CXXXIX.

*Como o Condestavel, continuando a sua jornada, teve ordem delRey, para que voltasse a Braga, aonde se lhe rendeo o Castello, e depois o de Ponte de Lima; e como se achou na batalha de Aljubarrota; e depois, indo para o Alentejo, fez huma entrada em Castella.*

815 CONtinuando o Condestavel o caminho de Santiago, teve nelle ordem delRey, para que viesse a Braga, aonde necessitava da sua pessoa, que em fim lhe pode com a sua diligencia fazer entregar o Castello, como tambem depois foy hum dos primeiros, que entraraõ em Ponte de Lima; e seguras estas duas terras, passou com ElRey para Guimaraens, de donde com a noticia da vinda do inimigo, chegou ao Porto, para ordenar a gente necessaria para ir esperallo; e tornando a Coimbra, vieraõ a Penella, e Thomar, que tinhaõ a sua voz, e depois passaraõ por junto a Torres Novas, e Santarem, que tinhaõ a de Castella; e na Golegãa formaraõ o seu pequeno Exercito em batalha, cuja vanguarda trazia o Condestavel, e passando em fim o Tejo, marcharaõ até Alemquer, e se alojaraõ junto à sua ribeira, por estar a Villa pelo inimigo; dalli foy o Condestavel à sua Provincia do Alentejo a conduzir a gente, que nella tinha, e ElRey depois foy esperallo a Abrantes, de donde já unidos, vieraõ outra vez a Thomar, e depois a Ourem, e

He chamado delRey, a quem segue até a batalha de Aljubarrota.

Porto de Moz, pelo caminho de Leiria, a encontrarſe com os Caſtelhanos, que reſolutos a aceitar a batalha, a deraõ junto a Aljubarrota, de que lhe ficou o nome, na qual obrou o Condeſtavel as heroicas acçoens, que ſe podem vèr nos lugares a que tocaõ, quando ſe referem os ſucceſſos deſta batalha, nos capitulos 254. e 255.

816 Vencida ella, e diſpoſtas todas as couſas, que pertenciaõ a hum Capitaõ, naõ ſó experto, e valeroſo, mas prudente, e Catholico, partio o Condeſtavel (agora já Conde de Ourem) para Alentejo; e ou foſſe, que ElRey aſſim lho ordenaſſe, ao que repugna o perdaõ, que depois lhe pedio de obrar iſto ſem ſua ordem; ou que o inimigo nos fizeſſe nova hoſtilidade, ou porque eſtando elle taõ quebrantado, era militar politica aproveitarſe das ſuas poucas forças, determinou fazer huma entrada em Caſtella, para a qual de Evora, aonde reſidia, mandou por toda a Provincia ajuntar a gente, a que déſſe lugar a conjuntura, e a preſſa; e em fim ainda pode levar mil Cavallos, e dous mil Infantes, (que alguns querem ſobir a mayor numero, mas ſempre inferior ao que tinha o inimigo) com os quaes ſe poz em marcha, mandando primeiro aviſo aos Caſtelhanos, como coſtumava, os quaes, como tiveraõ lugar de prevenirſe, puxaraõ por toda a gente, que alli tinhaõ, que era muita, e alguma principal, que havia ficado naquella Fronteira, quando foy da batalha, a qual naõ menos devia pelejar pela ſua honra, que pela ſua vingança.

Determina entrar em Caſtella.

Gente, que leva.

Manda aviſar o inimigo.

817 As peſſoas de mayor diſtinçaõ, que alli eſtavaõ

Peſſoas principaes, que eſte tinha.

vaõ da parte de Castella, e com quem depois contendeo o Condestavel, eraõ D. Joaõ Affonso de Gusmaõ, Conde de Niebla; D. Gastaõ de Lacerda, Conde de Medina Celi; D. Pedro Nunes (ou Moniz, ou Munhoz) de Godoy, Mestre de Santiago; D. Martim Annes de Barbuda, Mestre de Alcantara; Fernaõ Gonçalves de Sousa, Senhor de Segura, e Safra; e Gonçalo Rodrigues de Sousa, todos tres Portuguezes; D. Gonçalo Nunes de Gusmaõ, agora Mestre de Calatrava, que se lhes havia unido com as gentes, que trouxera comsigo, que só estas bastavaõ a exceder o numero dos nossos; D. Pedro Ponce de Leaõ, Senhor de Marchena; D. Affonso Fernandes de Cordova, Senhor de Aguilar; Diogo Fernandes, e Gonçalo Fernandes seus irmãos; Martim Fernandes Portocarreiro; e os Vinte e Quatro de Sevilha, que com o Pendaõ da Cidade andaraõ apregoando a guerra, e a batalha, mandando a todas as pessoas, capazes de tomar armas, que sahissem a ella, como tambem se fez por toda a Andaluzia, e Mancha de Aragaõ, e por todas as partes, de donde podiaõ tirar gente.

818 Como os Fidalgos moradores nesta Provincia se queixaraõ, de que ElRey de Castella os naõ chamasse quando foy da batalha; sabendo isto hum escudeiro, chamado Joaõ Carrasco, lhes disse: *Vós Senhores, sentis, e formais queixa de que ElRey vos naõ chamasse para aquella batalha, entendendo, que se nella estivereis, elle a naõ perderia, pois ahi tendes agora a occasiaõ de mostrar o vosso valor, e satisfazer o vosso desejo, e mais he só contra o Conde de Ourem, que vos provoca, e*

Palavras celebres de hum seu escudeiro.

 *chama;*

*chama; mas lembraivos de que outros como vós naõ poderaõ conseguir o vencello, do que eu sou testemunha.* A isto respondeo o Conde de Niebla com alguma arrogancia, que depois bem à custa do seu proprio escarmento, reconheceo ser verdade o desengano.

---

## CAPITULO CXL.

*Em que se continûa a mesma materia.*

819 COmo o Condestavel se naõ descuidava, nem temia, sahio em fim de Estremoz com o seu Exercito, e marchou até Elvas, de donde passando livremente o Guadiana, a 2. de Outubro do anno de 1385. entrou em Castella pela parte de Badajoz; e correndo a campanha, saqueou alguns lugares, com pouca resistencia, sendolhe fausto annuncio desta entrada (como em Ourem o Corvo) hum Javali, que se levantou no seu campo, e que logo mataraõ os nossos Soldados.

Entra em Castella o Condestavel.

Feliz annuncio desta entrada.

820 A fórma, que o Condestavel levava na sua marcha, era ir na vanguarda, como sempre fazia, trazendolhe a Bandeira Diogo Gil seu Alferes; e na retaguarda o Prior D. Alvaro Gonçalves Camelo, guarnecidas as alas por Gonçalo Annes de Avreu, e Martim Affonso de Mello, dando a cada hum a gente necessaria, conforme a que entaõ tinha. Junto a Aldea da Parra, estando alojado o Condestavel, pertendeo o Mestre de Alcantara, que sahio da Villa da Feira com trezentos

Fórma da marcha.

He acometido duas vezes do Mestre de Alcantara, mas sem fruto.

trezentos Cavallos, colhello descuidado, porém sendo sentido, e acometendo-o o Condestavel, com os que achou mais promptos, se poz em retirada, valendo-se do abrigo de huma serra visinha; e vendo, que o Condestavel, junto o seu poder todo, proseguia a marcha, e que a elle se lhe tinha unido mais gente, intentou segunda vez descompollo, picandolhe a retaguarda; mas sendo outra vez acometido, e rechaçado, se tornou a valer do amparo da mesma serra, com que o Condestavel pode sem embaraço ir marchando até Safra, e outros lugares, que achou desamparados, e tambem Villa-Garcia, que era de D. Gonçalo Fernandes, que depois foy Mestre de Santiago, sem embargo de ter hum Castello forte, e defensavel. Nelle se acharaõ importantes despojos, porque os moradores da Villa, quando logo fogiraõ, deixaraõ alli todo o movel precioso; o que tudo, como sempre, repartio o Condestavel pelos seus Soldados, reservando só para a sua cozinha huma grande caldeira, que alli foy achada, e que depois de passarem dezaseis annos, soube casualmente, que era da Confraria de S. Pedro da mesma Villa; e assim lha mandou restituir logo, e levar desde Portel, aonde entaõ a tinha.

Saquea o Condestavel alguns lugares.

Acçaõ religiosa do Condestavel.

821 Estando o Condestavel em Villa-Garcia, lhe trouxe hum Trombeta dos inimigos varios recados de todos aquelles Fidalgos, que alli andavaõ, e que acima se referem, desafiando-o em nome de cada hum delles; e dandolhe em sinal do mesmo desafio, huma vara da parte de cada hum, as quaes todas com semblante socegado, e risonho, recebeo o Condestavel, e lhes mandou

He desafiado pelos inimigos.

Notavel reposta sua.

mandou agradecer a lisonja, que nisto lhe faziaõ, mandandolhes até os instrumentos do seu castigo; e ao portador deu cem dobras de ouro, em alviçaras de novas taõ alegres, como lhe trazia; o qual partio logo com a reposta, de que se admiraraõ todos, e muito mais do desaffogo com que ouvira os recados, mostrando, que naõ havia accidente, que podesse alterar o seu imperturbavel animo.

822 Com a certeza de que o Condestavel os esperava, se preveniraõ logo os Castelhanos; e elle, que sem novos estimulos determinava buscallos, deixando Villa-Garcia, se poz no mesmo dia em marcha para a parte por onde elles vinhaõ; e como naõ estavaõ longe, deixou de ir a Nossa Senhora da Guadalupe, como desejava; e em fim entre Magazella, e Villanova da Serea, teve terceiro encontro com o Mestre de Alcantara, e com o mesmo successo, que os primeiros. Dalli partio para Valverde, duas legoas distante de Merida, vindolhe sempre seguindo, e observando a marcha o dito Mestre, já com muita mais gente, mas com a mesma indifferença. Sendo já quasi noite, se alojou o Condestavel junto ao Guadiana, aonde soube por algumas linguas, que tomaraõ os seus, que no dia seguinte se ajuntava hum numeroso Exercito (que todos os Historiadores affirmaõ, que era muito mayor, que o de Aljubarrota) para vir buscallo; e com esta noticia animou a sua gente, e a dispoz para a peleja; e pouco depois lhe veyo dizer hum escudeiro seu, chamado Affonso Peres, por alcunha o Negro: *Que os Castelhanos erаõ tantos como as hervas do campo, e juntamente,*

Marcha, e tem terceiro encontro com o Mestre de Alcantara, com o mesmo successo.

Numero do Exercito inimigo.

Como o refere ao Condestavel hum escudeiro seu.

*mente, que já nós tinhamos perdido parte do gado, que lhe haviamos tomado.* E elle ſem alteraçaõ alguma, lhe reſpondeo: *Que eſtimara, que alli eſtiveſſe todo o poder de Caſtella, para ſer mais glorioſo o ſeu triunfo; e que ſe nos levaraõ o gado, que em parte eſtavamos de lhe tomar outro.* Tanta era a conſtancia deſte Varaõ inſigne, até nos mayores, e mais urgentes perigos.

Sua repoſta.

823 Sendo com tudo taõ formidavel o poder do inimigo, naõ ſe atreveo eſte a acometer o Condeſtavel na campanha; e aſſim paſſando junto a elle já perto da noite, tomou o caminho de Valverde, e foy ganharlhe o porto do Guadiana, que elle preciſamente havia de buſcar; e ainda que o Condeſtavel entendeo o ſeu deſignio, proſeguio a marcha; e chegando ao porto, vio, que huma grande parte do Exercito contrario havia paſſado o vao, e o eſperava da outra margem do rio, e que a outra eſtava formada deſta; e ſendo tantos os Caſtelhanos, que tinhaõ paſſado, que os que dizem menos, affirmaõ, que eraõ dez mil, eraõ tantos os que ficaraõ, que cercados os noſſos, os comparaõ os Eſcritores a huma pequena eira em hum dilatado campo. Aqui foy renhidiſſima contenda, porque de todos os lados ſe viaõ combatidos os noſſos, que à cuſta de muitas feridas de ambas as partes, fizeraõ abrir caminho aos inimigos para chegarem ao porto, e paſſarem o rio, o que executaraõ com tal ordem, e ſegurança, como ſe de tantos naõ foſſem acometidos. Ao ſahir em terra, foy mais duro o combate, porque ſendo tantos, e eſtando deſcançados, fizeraõ huma oppoſiçaõ taõ vigoroſa, que podera contraſtar

Ganha o inimigo o porto do Guadiana.

Paſſaõ-no os noſſos à cuſta de muito ſangue.

He mayor a peleja da outra parte do rio.

traſtar com mayor poder, quanto mais com o noſſo. Porém, ou foſſe, que o inimigo naõ podeſſe aturar a força das noſſas armas, que miniſtrava a razaõ, mais que o braço; ou que o ſeu intento naõ foſſe empenharſe neſta batalha, eſcarmentando em outras, e ſó quizeſſe conſummir pouco a pouco taõ limitado Exercito, para que depois tomaſſe livremente a ultima vingança nas ſuas reliquias, pode em fim o Condeſtavel paſſar o vao com todos os ſeus, e com tudo o que trazia, e havia tomado, e ſem mais perda, que a de alguns Soldados de inferior condiçaõ.

---

## CAPITULO CXLI.

*Em que ſe proſegue o meſmo, e ſe refere o grande perigo em que ſe vio o Condeſtavel, e a milagroſa vitoria, que alcançou.*

824 POſto da outra parte do rio aquelle pequeno corpo de gente, que trazia o Condeſtavel, e havendo-o paſſado todo o Exercito contrario, vendo formado o noſſo, por cautela, ou por induſtria, ſe retirou a hum alto; e ſendo deſalojado delle pelo Condeſtavel, buſcou ſegundo, e terceiro, em que foy mais ſanguinolenta a diſputa, mas naõ menos glorioſa. Ainda naõ eſtava vencida eſta terceira oppoſiçaõ, quando o Condeſtavel ſoube, que tinha, que vencer outra, porque atacada a noſſa retaguarda pelo inimigo, eſtava em conhecido aperto, e acodindo a eſte, foy

Buſca o inimigo huns altos, e he deſalojado delles.

foy taõ a tempo o ſoccorro, que a pode livrar delle; e voltando ao ſeu lugar, lhe diſſe, naõ ſey ſe por galantaria, Gil Fernandes de Elvas, que capitaneava a gente deſta Cidade, e ficara com os outros ſuſtentando o furor do inimigo: *Por certo, Senhor, que já vós tardaveis, e ſe foſſe mais tempo, tal vez, que nos naõ achaſſeis.* Naõ lhe reſpondeo o Condeſtavel, nem teve lugar diſſo, porque os Caſtelhanos juntos já, e unidos, ſe lhe pozeraõ diante em hum monte viſinho para provocallo; e inveſtindo-os elle, foy cuſtoſo o conflicto até do proprio ſangue, que derramado de huma ferida em hum pé, ainda que ligeira, ſervio ſó de rubricar o triunfo.

He ferido o Condeſtavel.

825 Mas naõ ceſſando o trabalho, nem o cuidado, lhe deu outro mayor a retaguarda, que poſta em ſegundo, e mais evidente perigo, o obrigou a ir outra vez a ſoccorrella, e juntamente confortar aos ſeus, em taõ repetidas oppreſſoens, e fadigas; e eſtando-os animando, naõ menos com a voz, que com o exemplo, deſappareceo dentre elles, para ſer ainda mayor, e quaſi irremediavel a ſua afflicçaõ.

Deſapparece dentre os ſeus.

826 Os Soldados, vendo-ſe ſem o Condeſtavel, e por conſequencia ſem Capitaõ, nem amparo, no meyo de tantos perigos, fizeraõ diligencia por achallo; e ſendo hum dos que o buſcavaõ Ruy Gonçalves, o vio eſtar entre dous penedos, orando ao Ceo de joelhos, e com as mãos erguidas, e os olhos levantados, e fitos no meſmo Ceo, (de que lhe póde Jonathas ſervir de exemplar no perigo, e na acçaõ, ainda que naõ na cauſa) e vendo-o neſta fórma, ficou naõ ſó admirado, mas indifferente, ſobre haver de chamallo; mas

He achado orando ao Ceo.

ſendo cada vez mayor a neceſſidade, ſe reſolveo a fazello; e elle com ſemblante placido, e ſereno, lhe reſpondeo: *Ruy Gonçalves, ainda naõ he tempo, eſperay hum pouco, que heide acabar de orar.* Entaõ ſe affaſtou Ruy Gonçalves, e eſtando com o criado, que lhe trazia o cavallo, chegou tambem à meſma diligencia Gonçalo Annes de Avreu, e vendo-o eſtar da meſma ſorte, lhe diſſe: *Deixay, Senhor, o orar para outro dia, e vinde acodir à voſſa gente, que eſtá ſem a voſſa preſença quaſi desbaratada.* A eſta ſegunda inſtancia voltou o Condeſtavel o roſto com o meſmo ſocego, e proferio ſómente eſtas palavras: *Ainda naõ he tempo, amigo.* Eſte ſucceſſo baſtava ſó para Elogio deſte grande Heroe, e para prova, naõ ſó da ſua conſtancia, mas da ſua virtude, que bem verificou depois o exito do conflicto; no qual dizem alguns Eſcritores, que elle fizera voto de edificar o Templo do Carmo, ainda que outros querem, que foſſe na batalha de Aljubarrota; o certo he, que ambas as occaſioens foraõ de grande aperto.

Notavel repoſta ſua.

Outra ſemelhante.

Quando votou o Condeſtavel a obra do Carmo.

827 Depois diſto, orando hum breve eſpaço, ſe levantou o Condeſtavel, e com deſuſada alegria veyo para os ſeus, que com a ſua viſta tambem a cobraraõ, e os novos eſpiritos de que neceſſitavaõ; e continuando o combate, mandou entaõ avançar a ſua vanguarda contra huma Bandeira mayor, e mais alta, que os inimigos tinhaõ, a qual era do Meſtre de Santiago; e ſem embargo da ventagem do ſitio, em que eſte ſe achava, e do grande poder, que trazia, ſe contendeo de ſorte, que o Meſtre foy morto, (cuja cabeça veyo para Portugal) e os ſeus vencidos, e muitos delles mortos,

Torna para os ſeus.

Renova-ſe o combate, e he morto o Meſtre de Santiago, e outros Senhores.

mortos ; e alguns , pessoas de grande distinçaõ.

828 O Conde de Niebla , que estava da outra parte , vendo rendida aquella Bandeira , e querendo seguir o conselho do Mestre de Alcantara , passando a soccorrella , tomou antes o de hum criado , que lhe advertio se naõ fiasse delle , porque era Portuguez , e podia entregallo ; e assim tratou de retirarse , e à sua imitaçaõ os outros Fidalgos , com que retirados os principaes Senhores , que alli vinhaõ , foy facil descomporse taõ numerosos corpos de gente , como alli se achavaõ.

Retiraõ-se os Castelhanos.

829 O Condestavel vendo-os desordenados , os carregou com mayor força , até que postos em declarada fuga , fora sem duvida panico o terror , se se naõ conhecera superior o impulso. Elle entaõ lhes foy seguindo o alcance em quanto durou o dia , havendo dous , que durava a contenda ; e voltando outra vez para o lugar do combate , dormio alli aquella noite , e pela manhãa tomou o caminho de Portugal ; e passando por Merida , aonde se haviaõ refugiado muitos dos fogidos , sahiraõ alguns delles a observarlhe a marcha ; mas sendo carregados pelos nossos, tornaraõ para a Cidade , como tambem fizeraõ em Badajoz ; com que assim facilmente pode passar o rio , e chegar a Elvas , ( de donde havia dezoito dias , que sahira ) conduzindo a grande preza de gados , que trazia , muitos cavallos , e mullas , ( com alguns prizioneiros ) além de outros despojos , que todos deixou aos seus Soldados , como sempre fazia.

Segue-os o Condestavel.

Volta para Portugal , e chega a Elvas.

830 Chegando a Elvas , mandou logo o Condes-

Dà conta a ElRey do successo, que lhe faz merce do Condado de Barcellos.

tavel dar conta a ElRey da vitoria, que alcançara, e pedirlhe perdaõ do excesso, que commettera, entrando em Castella sem sua ordem; e elle naõ só lhe desculpou a temeridade, mas lha agradeceo com o Condado de Barcellos, de que lhe fez merce, com todos os seus direitos, e Senhorios, premios todos devidos, a tantos, e taõ altos merecimentos, como os deste insigne Heroe, que de tal sorte era o terror de Castella, que achando-se na occasiaõ desta entrada Fernaõ Gonçalves de Sousa, em que antes se tem fallado, quando se tomou Portel; e sendo perguntado como lhe fora com o Condestavel, respondeo, alludindo ao Mestre de Santiago: *Muito bem, fomoslhe sacrificar aquelle cordeiro, e tornamos para casa.*

Dito galante de hum Cavalhero.

---

## CAPITULO CXLII.

*Como o Condestavel teve ordem delRey, para o ir ajudar no sitio de Chaves, e do mais, que obrou depois delle, naõ só em acçoens de valor, mas de Christandade.*

§ 31 DEpois que o Condestavel fez aquella taõ famosa entrada no paiz inimigo, teve ordem delRey para que o fosse ajudar no sitio de Chaves, o que elle cumprio logo, passando ao Porto, e ajuntando toda a gente, que pode, como se diz no cap. 266. num. 1483. com a qual soccorreo a ElRey, de modo, que tomada a Villa, este lhe fez merce della. Depois partio para Bragança, que tinha por Castella Joaõ Affonso

Vay o Condestavel ajudar ElRey no sitio de Chaves.

Ganha a Villa, e vay para Bragança a ver se podia render o seu Alcaide mór, mas sem effeito.

fonſo Pimentel, ſeu Alcaide môr, e cunhado da Rainha D. Leonor, por caſar com ſua irmãa D. Joanna, ao qual mandou dizer o Condeſtavel, que tinha que fallarlhe, e que aſſim nomeaſſe ſitio, em que com a ſegurança neceſſaria podeſſem aviſtarſe; e ajuſtados na fórma, e lugar da conferencia, foy a materia della perſuadillo a entregar a ElRey aquella Praça, propondolhe as razoens de juſtiça, e de conveniencia, que eſte tinha, e que elle podia ter; porém foraõ debalde todas as inſtancias, porque elle ſempre eſteve firme em defendella, com que deſenganado o Condeſtavel, e naõ tendo ordem, nem meyos para haver de ſitialla, voltou para o ſeu campo, e delle foy em romaria a Noſſa Senhora do Aſinhoſo, obrando primeiro huma acçaõ muy digna da ſua Chriſtandade, e que ha tempos tinha premeditado, pois ſabendo, que os mais dos ſeus Soldados traziaõ comſigo concubinas, lhes mandou, debaixo de graves penas, as tiraſſem logo da ſua companhia; mas como os delinquentes deſta taõ grave culpa eraõ muitos, e os mais principaes, cuſtou tanto ao Condeſtavel reduzillos a largallas, que dizia elle: *Que antes contendera em huma batalha com os ſeus inimigos, do que diſputara neſta materia com os ſeus companheiros, pois lhe parecia mais facil vencer os primeiros, que os ſegundos.* E com razaõ mais, que provavel, evidente, porque lá contendia com os affectos do odio, e aqui com os do amor, tanto mais poderoſos, imitando niſto o grande Scipiaõ no ſitio de Carthago, ainda que com cauſa mais nobre, pois o ſeu fim ſó era evitar por todos os caminhos as offenſas de Deos.

Acçaõ do Condeſtavel muy digna de louvor.

Dito ſeu.

Naõ

832 Naõ contente o ſeu zelo com tirar aquelle eſcandalo, pode fazer naõ ſó com o ſeu exemplo, mas com o ſeu conſelho, que ElRey mandaſſe o meſmo em todo o ſeu Exercito; (ainda que eſta acçaõ, quer o Padre Antonio de Vaſconcellos, na ſua Anacephaleoſes, pag. 145. a obraſſe ElRey antes da batalha de Aljubarrota) e além diſto, prohibio tambem debaixo de varias penas, aſſim o jogo de dados, como outros abuſos, que entaõ ſe praticavaõ; ſendo o Condeſtavel o primeiro inſtrumento de ſe atalharem os vicios, e emendarem os coſtumes, em hum, e outro campo, como ElRey meſmo dizia muitas vezes, fallando neſta materia.

He cauſa de que ElRey obre o meſmo.

833 Quando o Condeſtavel partio diante para o Porto, os Capitaens, que depois o ſeguiraõ, fizeraõ no caminho por onde paſſaraõ algumas extorſoens, e violencias, que vindo à noticia do Condeſtavel, e ſendo verdadeiras, reprehendeo, e caſtigou a todos os culpados, principalmente a Antaõ Vaſques de Almada, que naõ ſó tomou a hum pobre homem o vinho da ſua adega, mas tambem o deſcompoz; e ainda que elle era peſſoa grave, e muito da ſua eſtimaçaõ, ſendo mais poderoſa a juſtiça, que a amiſade, fez, que pelos ſeus bens ſe lhe ſatisfizeſſe o que ſe lhe tomara, e brandamente o advertio deſte exceſſo, em que elle moſtrou tanta impaciencia, que na ſua meſma preſença lhe diſſe algumas palavras menos attentas, que o Condeſtavel ouvio com grande conſtancia de animo, diſſimulando antes a deſattençaõ, que a injuſtiça; e Antaõ Vaſques ſe foy logo para Chaves, aonde eſtava ElRey,

Caſtiga as culpas dos ſeus.

Impaciencia de alguns, e ſeu ſofrimento.

Rey, e a culpa, que era ſua, e dos outros companheiros, que com elle foraõ, attribuîraõ ao meſmo Condeſtavel; e de tal ſorte ſouberaõ ſuggerilla a ElRey, que o deixaraõ com alguma indifferença; e quando o vio, lhe moſtrou algum deſagrado: porém certificando-ſe da verdade, ſervio eſta impoſtura de lhe grangear mayor eſtimaçaõ.

Malquiſtaõ no com ElRey.

Conhecê eſte a verdade.

834 Tambem pertence a eſte lugar, para prova aſſim da conſtancia, que em todas as occaſioens moſtrava, como da regularidade, com que em todo o ſeu Exercito fazia obſervar a militar diſciplina, o que lhe ſuccedeo, quando ElRey o mandou diante, na entrada, que fez em Caſtella, contra o ſeu conſelho, e juntamente a Martim Vaſques, a Gonçalo Vaſques, e ao Meſtre da Ordem de Chriſto, que com elle andavaõ mal avindos, os quaes adiantando-ſe tal vez por lhe uſurpar alguma gloria, tomaraõ hum lugarejo, que acharaõ ſem defenſa, junto a S. Felices; e querendo fazer o meſmo a eſte, ſe reſiſtio de modo, que o naõ poderaõ levar, antes lhes reſpondeo o que o governava, que ſó ſe entregaria ao Condeſtavel, como fez com effeito, ſendo os meyos, que buſcavaõ para lhe tirar a fama, os meſmos com que lha adquiriaõ, e igualmente ao ſeu animo, que imperturbavel a todas as injurias, naõ podiaõ porlhe nota na ſua honra, ou no ſeu valor; o que neſta meſma occaſiaõ praticou com eſtes Fidalgos, moſtrandolhes ſem alteraçaõ o ſemblante; e o que mais he, quando depois, deſcoberto o odio deſtes, e outros Cavalheros, conſpiraraõ todos para matallo; e convidando-o para eſte fim o Meſtre D. Lopo Dias

Provas da ſua conſtancia.

de

de Sousa, com o pretexto de ir cear com elle a sua casa; o Condestavel, ainda que sabedor deste intento, aceitou o convite, e provocando-o à mesa Joaõ Fernandes Pacheco, com palavras menos decorosas, as soube disfarçar de maneira, que com igual confusaõ, que injuria delles, naõ poderaõ pôr em execuçaõ taõ injusto designio, que por nenhum principio lhes merecia o Condestavel, e muito menos por lhes haver dado a Martim Vasques, e Joaõ Fernandes as vidas, quando nos campos de Vallariça, estando ambos sobre huma ribanceira, se desmoronou inteiramente esta, e cahindo elles no rio, sem duvida padeceraõ o ultimo naufragio, se o Condestavel naõ fosse o primeiro instrumento do seu soccorro.

---

## CAPITULO CXLIII.

*Em que se continuaõ as acçoens do Condestavel.*

835 DEpois que o Condestavel tomou entrega de S. Felices, como fica dito, passou a Fonte-Guinaldo, quatro legoas distante de Ciudad Rodrigo; e sabendo, que entre os despojos, que se tiraraõ, hum escudeiro seu, chamado Gonçalo Gil de Veiros, sacrilegamente atrevido roubara de huma Igreja hum Caliz, o mandou prender logo, e tambem o queimariaõ, se junto já da mesma fogueira, naõ fossem tantas as instancias, que com elle se fizeraõ, que houve em fim de perdoarlhe a vida, porém tirando-o

E da sua Christandade.

do-o

do-o naõ ſó da ſua companhia, mas do ſeu ſerviço.

836 Indo depois ao lugar da Revoreda, foy tal a tormenta, que lhe ſobreveyo de noite, que arrancadas as eſtacas, que ſuſtentavaõ a tenda do Condeſtavel, aquella meſma fabrica, que lhe ſervia de abrigo à vida contra as inclemencias do tempo, lhe faltou pouco a lhe ſervir de campa, na morte, que lhe miniſtrava eſſa meſma inclemencia. Serenada com o dia a tempeſtade, mandou o Condeſtavel forragear as ſuas tropas, nos campos de Valderenho, que ferteis naõ ſó de herva, mas de vinho, deraõ aſſim para os cavallos, como para os Soldados igual paſto, que provimento; e de caminho conduziraõ muita parte dos gados, que criava aquelle terreno.

Tormenta notavel, que padece.

Faz o Condeſtavel huma grande preza.

837 Junto a Valderenho eſtá o Caſtello de Santinhanes, Commenda da Ordem de Alcantara, que tinha o ſeu Alcaide môr Rodrigo Annes, que antes de paſſar para Meſtre della Martim Annes de Barbuda, e de ſervirem ambos aos Caſtelhanos, havia militado com o Condeſtavel, e pouſado ſempre com hum eſcudeiro ſeu, e da ſua mayor confiança por nome Affonſo Pires; eſte, ſendo hum dos que foraõ à forragem, e ſabendo-o Rodrigo Annes, lhe mandou pedir debaixo da ſua fé, e palavra, lhe quizeſſe ir fallar, pois elle naõ podia vir buſcallo, nem deixar o Caſtello; e fiando-ſe Affonſo Pires na ſua amiſade, e antigo conhecimento, e naõ lhe parecendo, que acçaõ taõ abominavel podia caber em coraçaõ humano, quanto mais no peito de hum Cavalhero, de hum amigo, e de hum camarada, ſem mais reſguardo, que a ſua fidelidade,

Acçaõ indigna de Rodrigo Annes.

partio para Santinhanes, aonde em chegando, foy prezo; e para ser mais culpavel a aleivosia do Author deste delicto, constandolhe, que o Mestre Martim Annes lhe queria mal, por algumas razoens, que com elle tivera, sendo Commendador de Pedroso, lhe quiz fazer a lisonja de mandarlho, como com effeito fez, e que sem duvida lhe custaria a vida, se o Condestavel naõ escrevera logo ao Mestre, pedindolhe a sua liberdade, que este generosamente lhe deu, sem embargo das razoens da sua queixa.

E generosa de Martim Annes de Barbuda.

---

## CAPITULO CXLIV.

*Como o Condestavel repartio as terras, que ElRey lhe havia dado, pelos Cavalheros, que com elle tinhaõ servido; e do que passou com ElRey, quando depois quiz tomarlhas.*

Feita a tregoa com Castella, reparte o Condestavel as suas terras.

838 Ajustada a tregoa de quinze annos com ElRey D. Henrique, no de 1393. e parecendolhe ao Condestavel, que como taõ prolongada, se podia chamar Paz, e que esta naõ deixaria de ser duravel, visto o estado em que se achava Castella, com hum Rey menino, e com o Reyno exhausto, cuidou em descançar dos trabalhos passados, e em agradecer aos que nelles o acompanharaõ, o serviço, que lhe fizeraõ, e tambem a ElRey; e entendendo, que este levaria em gosto, que elle, pelo que lhe tocava, obrasse semelhante gratificaçaõ, chamou hum dia as pessoas principaes,

principaes, que com elle serviaõ; e depois de lhes significar o seu reconhecimento, começou a repartir por todos elles huma parte das terras, e rendas, que tinha, e de que ElRey lhe havia feito merce; e assim deu a seu tio Martim Gonçalves do Carvalhal, a Villa de Evora-Monte, com todos seus rendimentos; a Diogo Gil de Ayraõ, seu Alferes, a Villa de Monte-Alegre, com terras de Barroso; a Vasco Machado, que fora seu Pagem, a Villa de Chaves, tambem com as suas rendas; a Joaõ Gonçalves, seu Meirinho môr, a do Arco de Baulhe, com certas quintas mais; a Alvaro Pereira, a Villa de Alemquer; a Mem Rodrigues, a do Rabaçal; a Gonçalo Annes de Avreu, a de Alter do Chaõ, com seu Castello, e rendas; a Rodrigo Affonso de Coimbra, as de Villa-Alva, e Villa-Ruiva; a Lopo Gonçalves, as rendas da Alcaidaria môr de Estremoz, (que o Castello naõ era seu) com outras mais da mesma Villa; a Fernaõ Domingues, seu Thesoureiro, as de Villar de Frades, com parte das de Portel; a Lourenço Annes Azeiteiro, as de Montemôr o Novo; a Pedro Annes Lobato, as de Almada; a Pedro Affonso do Casal, as de Porto de Moz, e de Riomayor; a Joaõ Gonçalves da Ramada, as de Borba; a Rodrigo Alvares Pimentel, as de Monsarás; a Affonso Esteves Perdigaõ, as da Vidigueira; a Alvaro Pires, que fora seu Veador, certas rendas das terras de Basto, e da Pena; a Gil Vasques Fayaõ, as de Barcellos; a Joaõ Affonso, seu Contador, que depois foy Védor da Fazenda delRey, a Barca de Sacavem; a Estevaõ Annes Barberreta, que depois servio de Contador em Lisboa, o Reguengo de Alviel-

 la;

la; e a Martim Gonçalves Alcaforado, as terras de Baltar, que ſaõ Entre Douro e Minho; e todas eſtas, e outras, que os Hiſtoriadores naõ referem, além de outras merces, e donativos a peſſoas de menor graduaçaõ, deu o Condeſtavel com a obrigaçaõ, e encargo de ter cada huma dellas certo numero de tropas, conforme a ſua capacidade, que a todo o tempo, que fóſſem neceſſarias a ElRey, eſtiveſſem promptas a marcharem com a primeira ordem, para o que os moradores de cada Villa deſtas obedeceriaõ ao ſeu Donatario, como a ſeu Senhor, dos quaes os conſtituhia vaſſallos. E ainda que a grande importancia deſtas terras, e rendas diminuiſſem tanto as de que elle neceſſitava para ſuſtentar a ſua Caſa, com a decencia, que lhe era devida, com tudo, as deu de boa vontade, por deixar pagos de alguma ſorte taõ relevantes ſerviços, como lhe haviaõ feito aquellas peſſoas, e muito mais a ElRey, que nelles era o mais intereſſado.

Condiçoens com que as reparte.

839 Foy eſta acçaõ ſummamente louvada, naõ ſó dos meſmos, que receberaõ eſtas merces, mas de todos os que livres de qualquer paixaõ, ou affecto, a viraõ, e ouviraõ, conhecendo da ſynceridade do animo do Condeſtavel, que para obralla, o naõ eſtimulara a vaidade de a obrar, ſenaõ pelo aſſim entender. Mas ſe de huns foy bem aceita eſta generoſidade, porque a viaõ com olhos deſapaixonados, nos que a olhavaõ com viſta ainda mais cega da inveja, que do odio, deu motivo a interpretarſe com fins muito deſiguaes à candidez do ſeu genio, e à pureza da ſua fidelidade; e como os ſeus emulos acharaõ fundamento, ainda que

Como na Corte ſe tomou eſta acçaõ, e como ſe repreſentou a ElRey.

taõ

taõ debil, para levantarem a fabrica da ſua detracçaõ, principalmente o Prior D. Alvaro Gonçalves Camelo, e o Doutor Joaõ das Regras, ſuggeriraõ a ElRey: *Que eſta liberalidade fora deſobediencia, e ambiçaõ eſte deſintereſſe, accuſando ao Condeſtavel de querer competir com a meſma Mageſtade, e arrogarſe a ſua regalia, à qual ſó tocava fazer ſemelhantes merces; e que além diſto, ſe ElRey lhe toleraſſe eſta independencia, naõ ſó elle ficaria abſoluto, mas arbitro das ſuas Leys; e quando depois quizeſſe ſogeitallo a ellas, naõ ſeria poſſivel, tendo elle antes conciliado os animos de tantos Vaſſallos; e que ainda que iſto naõ ſuccedeſſe, nem o Condeſtavel degeneraſſe do ſeu naſcimento, e da ſua obrigaçaõ, que ElRey ſe achava já com tres filhos legitimos, e em veſperas de outro, e com eſperanças de muitos mais; e que ſe houveſſe hum Vaſſallo taõ poderoſo como eſte, era certo, que excederia notoriamente aos Infantes ſeus filhos, em poder, e authoridade, o que ſeria couſa naõ ſó injurioſa, mas injuſta; e que aſſim devia elle cobrar naõ ſó do Condeſtavel, mas dos outros Fidalgos, as terras, que lhes dera, promettendolhes outra remuneraçaõ mais ſuave, e menos arriſcada; e finalmente, que aos Reys era licito derogar no tempo da paz as merces, que fizeraõ no aperto da guerra; e que ainda ſem occaſiaõ taõ juſtificada, nem pretexto taõ verdadeiro, tinha elle o exemplo em ElRey D. Diniz, que ſendo de vinte e dous annos, no de 1283. a 26. de Dezembro, por conſelho dos ſeus Miniſtros, revogara todas as merces, que havia feito deſde o de 79. em que começara a reynar, de idade de dezoito annos, que elle tinha por taõ maduros, e capazes, que naõ quiz admittir no governo a companhia da Rainha ſua mãy, e com tudo iſto, chegara a*

*dizer*

*dizer, quando fez esta revogação, que se elle ignorante, ou enganado dera aos seus Vassallos o que não podia, nem devia darlhes, que tambem não estava obrigado a conservarlhes o mesmo, que lhes dera; e que assim sem outra recompensa se fizera restituir de tudo, imitando, ou seguindo o dictame do grande Agesilao, Rey dos Lacedemonios, que instado de huma pessoa, a quem havia feito certa promessa, para que lha cumprisse, lhe respondeo: O que injustamente se promette, justamente se nega; e que assim fora nelle proverbio praticado, que justamente se tirava o que injustamente se concedia.*

840 Fizeraõ estas razoens, senaõ impressaõ, harmonia no animo delRey; e ainda que reconhecia, que estes exemplos naõ eraõ proprios para o caso presente, pois elle fizera aquellas merces em justa remuneraçaõ de tantos serviços, e assim naõ podiaõ chamarse inofficiosas; com tudo, violentando nesta parte o seu genio, e só attendendo à conservaçaõ de seus filhos, ficandolhe taõ pouco com que lhes pôr Casa, tomou o expediente de pedir aos seus Vassallos as terras, que lhes havia dado, pelos meyos de venda; e antes de pôr em pratica este arbitrio, o communicou a alguns de sua mayor confiança, os quaes com a sua approvaçaõ confirmaraõ a obediencia, e tambem a lisonja; e ElRey achando assim dispostos os animos dos primeiros, sem perder tempo, fez convocar a Nobreza, em que entrava o Condestavel, (que sem demora se poz logo a caminho) e lhes propoz a todos a sua deliberaçaõ; e como o lisongear, e naõ contradizer aos Principes, he vicio connatural nos homens, quasi todos seguiraõ o voto

Resoluçaõ, que este toma.

Sua proposta.

voto dos primeiros, menos o Condeſtavel, que opponondo-ſe conſtante a taõ impropria acçaõ, (e a unica, que ſe pode condemnar neſte Monarcha) lhe reſpondeo com valor, mas ſempre com humildade, com reſoluçaõ, mas ſempre com reſpeito: *Que aquellas terras, e rendas, que elle lhe dera, foraõ naõ ſó effeito da ſua grandeza, mas recompenſa dos ſeus ſerviços, que eraõ tantos, e taõ notorios, que faziaõ bem aceita de todos, e quaſi preciſa a ſua meſma generoſidade; que elle nunca pertendera, nem pedira aquellas merces, pois ſempre o ſervira com igual esforço, que deſintereſſe; mas que depois de as poſſuir, parecia injuſtiça havellas de largar; que as que repartira pelos ſeus Soldados, naõ reflectiaõ ſó na grandeza delle, mas tambem na ſua, pois conſtava ao Mundo, que havia hum Vaſſallo ſeu, que com o que elle lhe dera, ſabia premiar aos que taõ bem o ſerviraõ, e para que o ſerviſſem, nas condiçoens com que lhas conferira; e que aſſim, nem elle podia dar as que poſſuhia, pois dellas neceſſitava, nem as que tinha dado, pois já naõ eraõ ſuas; e que quando podeſſe largar algumas, nunca ſeria a titulo de venda, por naõ fazer huma infamia, ainda que forçado, o que naõ eſperava, e muito menos, que elle, tomandolhas, obraſſe huma injuſtiça; que conſideraſſe melhor neſta materia, que era mais importante para a ſua reputaçaõ, que para a ſua fazenda; e que advertiſſe, que o com que ſe retribue aos Vaſſallos benemeritos, naõ he prodigalidade, he uſura, pois ſempre eſtes depois o vem a diſpender no ſerviço dos meſmos Principes.*

Oppoem-ſelhe o Condeſtavel.

Suas razoens.

841 Naõ ſe moſtrou ElRey ſatisfeito das razoens do Condeſtavel; e vendo eſte, que ſe lhe repetiaõ as inſtancias, fomentadas pelos ſeus inimigos, por naõ

Naõ ſe ſatisfaz ElRey dellas.

arriſcar

arriscar com ElRey, já empenhado neste arbitrio, ou a sua obediencia, ou a sua authoridade, passou logo a Estremoz, para tomar com mais assento a resoluçaõ, que fosse mais conveniente neste taõ arduo, e perigoso empenho. ElRey entre tanto, pondo em execuçaõ o seu designio, comprou a Martim Vasques dà Cunha, a Lopo Vasques seu irmaõ, a Joaõ Fernandes Pacheco, a Egas Coelho, e outros Fidalgos algumas terras, que lhes havia dado, as quaes elles lhe venderaõ sem repugnancia, ou porque já determinavaõ fazer o que depois obraraõ, ou porque este procedimento lhes deu motivo a tomarem a resoluçaõ de passar a Castella, aonde foraõ tambem recebidos, e tambem pagos, como se mostra nas muitas merces, que tiveraõ, e titulos, que lograraõ, sendo alguns delles, progenitores de taõ illustres Casas, como ainda se reconhecem.

Retira-se o Condestavel.

Executa ElRey o seu designio.

842 Chegado a Estremoz o Condestavel, chamou logo a todos os seus amigos, e criados, e lhes deu conta do que com ElRey passara: *E que nisto naõ podia obedecerlhe pelas mesmas razoens, que a elle lhe dissera; e que assim se resolvia a ir viver a outro Reyno, em que naõ faltasse ao serviço delRey seu Senhor; do que lhes dava parte, para que se quizessem acompanhallo, o fizessem, ou syncerامente lhe dissessem, que naõ podiaõ fazello, porque de qualquer sorte sempre lhe teria o mesmo amor, e em qualquer parte conservaria a mesma amisade, que sempre com elles tivera.* Ditas estas razoens, foy em todos igual o sentimento da sua queixa, que a constancia da sua fidelidade, para promptamente se offerecerem todos a seguillo, naõ só a viver, mas a morrer com elle, se fosse necessario;

Propoem o Condestavel aos seus o sahir do Reyno.

Como estes o recebem.

ceſſario; o que o Condeſtavel lhes agradeceo com palavras carinhoſas, e cortezes, como lhe merecia a ſua reſignaçaõ, e a ſua obediencia; e em fim de tantos como eraõ, ſó ſe eſcuſou de o acompanhar Antaõ Martins, a quem impediaõ negocios importantes, que deixava pendentes. Entaõ o Condeſtavel repartio com elles o dinheiro com que ſe achava, para ſe prevenirem para jornada taõ incerta, e larga, e elle foy para Portel a fazer o meſmo. Diſpoem-ſe a jornada.

843 Eſtando ainda neſta Villa, e tendo ElRey noticia da ſua deliberaçaõ na Cidade do Porto, aonde entaõ reſidia, como com elle era mais poderoſa a razaõ, que a tenacidade, deſattendendo aos pretextos politicos, com que lhe ſuggeriaõ, como injuria da Mageſtade, o ceder, e rogar a hum Vaſſallo, mandou logo fallarlhe da ſua parte por Ruy Lourenço, Deaõ de Coimbra; (e com eſta acçaõ deſculpou a paſſada, em que bem podera, ou os que o aconſelharaõ, pois ſeguiaõ o exemplo delRey D. Diniz, imitallo tambem em exceptuar ao Condeſtavel daquella geral revogaçaõ, aſſim como elle o fez a Domingos Annes Jardo, ſeu Chanceller môr) mas naõ podendo eſte diſſuadillo da jornada, repetio ElRey as meſmas diligencias por Fernaõ Rodrigues de Siqueira, Meſtre de Aviz, que trouxe a meſma repoſta, que Ruy Lourenço; e em fim mandou ElRey terceira vez fazerlhe novas, e mais apertadas inſtancias, pelo Biſpo de Evora D. Joaõ, ſogeito de grande talento, e authoridade, o qual o mais, que pode alcançar delle, foy o dizerlhe: *Que cuidaria neſta materia, e aviſaria a ElRey.* Cuja repoſta

Manda ElRey fallarlhe, e para que.

Repete ſegunda, e terceira vez as inſtancias.

posta lhe levaraõ depois seu tio Martim Gonçalves do Carvalhal, e Lopo Gonçalves de Estremoz, os quaes foraõ recebidos delRey com todas as demonstraçoens de carinho, que podiaõ caber nelle; e finalmente se ajustaraõ estas differenças, tomando ElRey para si todos os Vassallos, assim do Condestavel, como dos outros Fidalgos; e mandando, que dalli por diante ninguem podesse tellos, senaõ elle; e que aquelles fossem obrigados a ter sempre prompto o mesmo numero de tropas, que se havia estipulado, só com a differença de serem estas pagas à custa da fazenda Real; e que das terras, que o Condestavel havia repartido, as que eraõ de juro, e herdade, lhe ficassem como dantes as tinha; e que as outras as comprasse ElRey pelo seu justo preço, ficando este sempre obrigado à satisfaçaõ dos serviços dos mesmos Fidalgos, aos quaes entre tanto consignou moradias, e tenças proporcionadas às suas qualidades; e desta sorte se veyo a concluir, e compor (naõ sey se muito a gosto dos emulos do Condestavel) hum negocio taõ importante, e de tantas consequencias, cujo fim trazia discursivos, e suspensos todos os que sabiaõ do empenho delRey.

Ajustaõ-se as differenças, e como.

CAPI-

## CAPITULO CXLV.

*Como o Condeſtavel, depois que ſe aviſtou com ElRey, e puxou pelas ſuas gentes para entrarem em Caſtella, ſoube, que os Caſtelhanos o haviaõ feito no Alentejo, e do mais, que depois diſto houve.*

844 TOmada Badajoz por entrepreza, a fim de que ElRey de Caſtella cumpriſſe as condiçoens da tregoa; e naõ o fazendo eſte, antes rompendo a guerra, chamou ElRey de Portugal os Cabos, e peſſoas principaes do ſeu Exercito, de que ſe eſcuſaraõ muitas, que delle eſtavaõ queixoſas; e podendo ſer o Condeſtavel o primeiro, que deixaſſe de vir por eſta cauſa, ainda que no principio ſe eſcuſou como os outros, veyo em fim com todos os ſeus, e unido com os delRey em Coimbra, (depois de lhe fallar em Santarem, e receber delle inexplicaveis honras) eſtando para ſe fazer huma entrada em Caſtella, ſoube o Condeſtavel, que o Meſtre de Santiago a havia feito no Alentejo, com grande damno da Provincia, neſta ſua auſencia; e indo para acodirlhe, já naõ chegou a tempo; mas depois que ElRey tornou para Coimbra, ajuntando elle ſetecentos Cavallos, e alguma Infantaria, e unido com o Meſtre de Aviz, entraraõ no paiz inimigo, ſem embargo de ſer já no mez de Dezembro, e chegaraõ até a Villa de Caceres, cujo arrabalde deſtruiraõ, e ſaquearaõ, como tambem toda aquella

Vem o Condeſtavel a Santarem chamado delRey.

Entra o inimigo no Alentejo.

Quer acodirlhe o Condeſtavel, mas naõ pode.

Entra no paiz inimigo.

campanha, e todas as mais, que couberaõ no largo espaço de dezasete legoas, que andaraõ pela terra dentro, de que trouxeraõ hum grande numero de gados, e prizioneiros; e queixando-se ao Condestavel o Mestre de Santiago, de que fizera aquella invasaõ, estando elle desprevenido, se lhe respondeo com o seu mesmo exemplo, e com mayor razaõ, havendo-se entre ambos ajustado, de que reciprocamente se naõ faria hostilidade alguma, sem preceder aviso, e sendo elle o primeiro, que faltou a este ajuste.

Caso notavel no sacco de huma Igreja.

845 No sacco de hum destes lugares succedeo, que excedendo alguns Soldados as ordens do Condestavel, em privilegiar delle os lugares Sagrados, roubaraõ huma Igreja, e entre o que della tiraraõ, foy huma caldeira grande, a cuja argola atou hum delles o seu cavallo; mas Deos para mostrar, que se offendia de semelhantes roubos, permittio, que aquelle se espantasse, e arrastrando a caldeira, fizesse tal estrondo, que amedrentados delle os outros cavallos, fogissem todos, e alguns se perdessem. Em fim, recolhida a preza, foy o Mestre para Aviz, e o Condestavel para Portalegre.

Adoece o Condestavel.

846 Passando depois a Evora, foy Deos servido darlhe huma tal dor, que lhe durou tres mezes, sem poder dar hum passo, e huma tal melancolia, que o tinha como frenetico, e fóra de si; e por mais, que mudou de terras, e de curas, naõ a teve senaõ depois delles. Sendo já no de Junho, e achando-se o Condestavel totalmente melhorado, determinou fazer outra entrada em Castella, para o que chamou a Evora todos

Melhora, e faz em Castella outra entrada.

os

os Cabos, e pessoas principaes, naõ só do Alentejo, mas tambem do Algarve, e da Estremadura, em que vinhaõ o Mestre de Santiago Mem Rodrigues de Vasconcellos; D. Lourenço Esteves de Goes, Tenente da Ordem do Hospital, de que depois foy Prior; o Almirante, e outros; e andando nestas diligencias, soube com certeza, que o Mestre de Santiago de Castella fazia as mesmas para vir buscallo, para o que tinha juntas, e promptas duas mil Lanças, oitocentos Ginetes, e hum grande numero de Infantes, e Besteiros; e com esta noticia lhe escreveo logo a carta seguinte, que vay fielmente copiada do seu original.

Pessoas principaes, que o acompanhaõ.

Poder do inimigo.

847 *Sñor amigo, nuno Alves pereira, Comde de barcelos, e de Ourem, e darrayolos, e Comdestabre por meu Sñor elrey de portugal, e seu mordomo mor, me embio emcomemdar á bosa grasa. fagobos saver q́ a mi foi dito q́ bos temdes feito jumtamento de bosas gemtes p.ª me bir buscar, e fager mal, e dano em esta terra de meu Sñor elrey, de cuja goarda eu tenho carrego. e save Ds̃. q́ me prougue, e me pras serdes asi prestes como digem q́ somdes, porq́ dis ha q́ esta mesma bomtade tinha eu de bos ir buscar hú quer q́ fosseis, e fuy torvado por ser doemte algú tempo; e porq́ a Ds̃ grasas eu som ja em bom pomto de minha saude, e muito prestes para ir asi da bomtade como das gemtes, que ja comigo som jumtas, e perque otro si esta terra he ora muito quemte, e por bos escuzar do trabalho bos rogo quamto poso, q́ bos sofrades, e nom curedes de bir travalhar, porq́ a Ds̃ pragemdo, eu emtemdo de ser hú bos fordes, taõ toste, e mais cedo do q́ bos podeis bir; e por bos em tanto abisardes de alguãs cousas se bos para esto mais comprem, bo lo fago saver. escrita*

Carta do Condestavel para o Mestre de Santiago.

*crita em ebora desesete dis do mes de junho, mil, e quatro centos, e tantos anos.*

848 O Mestre de Santiago, lida a carta, naõ respondeo por letra, e a reposta, que de palavra deu ao portador, foy: *Que podia vir o Conde quando quizesse.* E conforme este aviso, naõ satisfeito com a gente, que tinha, puxou por outra da Andaluzia, e chamou tambem ao Mestre de Alcantara, a D. Pedro Ponce de Leaõ, a D. Alvaro Pires de Gusmaõ, a Martim Fernandes Portocarreiro, e outros Fidalgos, que as Chronicas naõ dizem, prevenindo-se para este encontro com todas as forças. O Condestavel, unidas as suas em Estremoz, partio para Castella, e junto a Badajoz passou mostra à gente, que levava, e achou mil e oitocentas Lanças, duzentos Ginetes, trezentos Bésteiros, e cinco mil Infantes; e ordenando a marcha como em paiz inimigo, tomou para si a vanguarda, com dous mil e quinhentos homens, acompanhado de D. Lourenço Esteves; deu a retaguarda a Mem Rodrigues, com outros tantos; a ala direita a Martim Affonso de Mello, com mil; e com outros mil a esquerda ao Almirante; deixando a Gonçalo Annes de Avreu com trezentos Cavallos, para descobrir a campanha, e acodir aonde fosse necessario.

Sua reposta.

Puxa este por mais gente.

Numero, e fórma da do Condestavel.

849 Desta sorte foraõ marchando até Villalva, legoa e meya do Castello da Feira, aonde estava aquartelado o inimigo, havendo tido antes varias escaramuças, e feito grandes hostilidades, principalmente neste lugar, que era de Gomes Soares, filho do Mestre de Santiago, aonde logo se alojou o Condestavel, ao qual no

Avista-se o inimigo.

no meſmo dia mandou por hum Trombeta hum recado o dito Meſtre, e os outros Fidalgos, que com elle eſtavaõ, propondolhe o retirarſe, ou pelejar no dia ſeguinte; e como eſte era Domingo, e da Santiſſima Trindade, e o Condeſtavel naõ coſtumava dar batalhas em dias Santos, lhes mandou dizer, que na ſegunda feira ſem falta eſtaria com elles, cuja repoſta lhes levou o meſmo Trombeta, (a quem agaſalhou, e premiou como ſempre fazia) em companhia de hum eſcudeiro ſeu, de quem muito ſe fiava, chamado Joaõ Eſteves Correa, para mais lhe ſegurar o deſejo, que tinha de ſe encontrar com elles, (além de lhes obſervar as forças) o que tambem certificou ao Meſtre por carta ſua, queixando-ſe delle pela entrada, que primeiro fizera; e elle lhe reſpondeo da ſua letra, e tratando ao portador com toda a eſtimaçaõ, e dandolhe huma roupa ſua (que elle aceitou com a condiçaõ de o levar aſſim em goſto o Condeſtavel) o deſpedio, e elle partio logo para o noſſo campo, e deu conta de tudo o que paſſara, e do que o Meſtre em particular lhe diſſera: (o que tambem referia na carta) *Que elle naõ fora culpado na invaſaõ do Alentejo, porque ElRey ſeu Senhor o violentara, para que a fizeſſe, com a cominaçaõ de hum ſevero caſtigo, quando a retardaſſe; e tambem, que o ſeu deſejo naõ era dar batalha, ainda que o moſtraſſe; e que aſſim ſe o Condeſtavel quizeſſe ſuſpendella, ou evitalla, que elle lhe promettia fazer com que ElRey lhe concedeſſe huma tregoa taõ larga, que pareceſſe paz, e taõ firme, que naõ déſſe occaſiaõ a ſe tornar à guerra.*

Recado, que eſte manda ao Condeſtavel.

Sua repoſta, e carta.

Outra do Meſtre de Santiago.

Sua materia.

850 O Condeſtavel ouvido o recado, e lida a

carta,

carta, consultou com os seus o que havia de responderlhe, e assentando todos, que aquillo era estratagema para escusárse de vir às mãos sem descredito seu, se deliberou a ir buscar os Castelhanos na manhãa da segunda feira, mas que fosse no seu mesmo alojamento; porém como este era no alto de huma serra, parou o Condestavel ao pé della, esperando, que elles a descessem, e nesta suspensaõ esteve até o outro dia, em que vendo, que taõ fóra estavaõ de baixalla, que antes nella se haviaõ intrinxeirado, buscou-os pela outra parte, para o que rodeou mais de huma legoa, aonde junto ao Castello da Feira lhes presentou outra vez a batalha, e sendo tambem sem fruto, ainda que entaõ houve algumas escaramuças, em que Martim Affonso de Mello se portou com o valor costumado, naõ chegaraõ a descer os Castelhanos, e nisto se gastou o dia. Com que desenganado o Condestavel, na quarta feira de manhãa marchou para junto da serra, e estando ao pé della, mandou desmontar a Cavallaria para sobilla; mas sendo quasi inaccessivel, e estando elles fortificados de maneira, que seria naõ só imprudencia, mas temeridade o atacallos, lhes mandou novo recado, desafiando-os para o conflicto, a que respondeo o Mestre de Santiago: *Pedindolhe que os deixasse, e se satisfizesse com a gloria, que já tinha adquirido com tanta afronta sua; e que lhe mandasse huma pessoa capaz de conferir com ella certa materia a ambos importante.* E o Condestavel deu esta commissaõ a Fernaõ Domingues seu criado, a quem o Mestre novamente propoz, e prometteo debaixo de juramento o ajuste da paz, em que havia fallado;

Busca o Condestavel o inimigo, que recusa a batalha.

Nova reposta do Mestre.

lado; e como eſte tambem informou, como teſtemunha de viſta, da fórma, e ſitio em que o inimigo eſtava, pareceo a todos ſe deixaſſe a empreza; e o Condeſtavel, por ver ſe ainda os eſtimulava, e por lhes caſtigar os inſultos paſſados, à ſua meſma viſta ſaqueou, e deſtruhio os lugares viſinhos, e o meſmo fez a Safra, que era do Meſtre, por cuja cauſa os noſſos lhe pozeraõ fogo; mas nem eſtas ardentes luminarias do noſſo triunfo, foraõ baſtantes a inflammarlhe os animos; e o mais, que entaõ fizeraõ, foy, mandar duzentos Cavallos a obſervarnos a marcha, contra os quaes correo Gonçalo Annes de Avreu, mais de huma legoa, e os deixou eſcarmentados para ſemelhante ſegunda curioſidade; e ainda que Author moderno conte o conflicto daquelle dia na ſobida da ſerra, e diga que nelle houvera muitos mortos, e feridos, os Authores antigos, e o principal delles, que he Fernaõ Lopes, naõ diz, que pelejaraõ, e ſó refere o que deixo eſcrito; com que me perſuado, que eſta equivocaçaõ procede das eſcaramuças, que houve na terça feira com os que deſceraõ o monte, quando os noſſos mudaraõ o campo.

Naõ ſe pode reduzir à peleja, e o Condeſtavel ſe retira deſtruindo os lugares viſinhos.

851 De Safra partio o Condeſtavel para Burguilhos, lugar murado com quatrocentos viſinhos, para o qual tinha o inimigo deſtacado ſetecentos Cavallos, com muita Infantaria, temendo, que o combateſſem; porém como a quinta feira ſeguinte era dia do Corpo de Deos, e nelle o Condeſtavel naõ havia de empunhar as armas, aſſentou o ſeu campo à viſta do lugar, e alli meſmo celebrou a Feſta, e fez a Prociſſaõ, com aſſombro dos Caſtelhanos, e edificaçaõ de todos. Acabada

De Safra vay a Burguilhos, aonde no ſeu meſmo campo celebra a Feſta do Corpo de Deos.

bada a ſolemnidade, ſe recolhia de cobrir a forragem Martim Affonſo de Mello, trazendo comſigo huma grande preza de gados, e tambem de cavallos, que tirara de huma eſcaramuça, que tivera com humas tropas de Sevilha, que no caminho caſualmente lhe ſahiraõ ao encontro, quando tendo diſto noticia os de Burguilhos, a toda a preſſa ajuntaraõ as forças, que tinhaõ, e vieraõ combatello; e ainda que Martim Affonſo trazia ſeiſcentos Cavallos, o numero dos do inimigo era taõ ſuperior, que foy preciſo ao Condeſtavel (como iſto era perto do ſeu campo) puxar pelos que achou mais promptos para vir ajudallo, travando-ſe entaõ huma contenda taõ pezada, que cuſtou a muitos a vida, de huma, e de outra parte, ficando tambem feridos da noſſa Gonçalo Annes de Avreu, e Gomes Garcia de Foyos.

Encontro rijo com o inimigo.

Marcha do Condeſtavel.

852 Dalli paſſou o Condeſtavel a Xerez dos Cavalleiros, aonde o tinha vindo eſperar o inimigo com todo o ſeu poder; mas, ou foſſe por eſcarmentado do primeiro encontro, ou receoſo do ſegundo, lhe naõ diſputou o paſſo, com que pode chegar a Villanova de Barca-Rota ſem oppoſiçaõ, e dahi, entre Villa-Nova, e Olivença, irſe aviſinhando à Raya, aonde lhe diſſeraõ, que o inimigo havia de buſcallo; e com eſta noticia o eſperou tres dias ſem querer paſſalla; mas ſendo falſa a nova, e naõ apparecendo eſte; atraveſſou o Condeſtavel o Guadiana ſem algum embaraço, conduzindo muitos prizioneiros, e innumeravel preza de gados, mullas, e cavallos, que havia tomado, e ſe recolheo à ſua Provincia, depois de gaſtar quinze dias de tempo,

Recolhe-ſe à ſua Provincia com grande preza.

tempo, e andar vinte legoas de terra no paiz contrario; e chegando a Villa-Viçosa, aonde estava sua mãy, e sua filha, se deteve alguns dias, e ahi repartio igualmente com os seus Soldados todos èstes despojos, reservando só para si os que podiaõ servir para a guerra; e passando por Evora, foy para Montemôr, a descançar algum tempo de tanto trabalho.

---

## CAPITULO CXLVI.

*Como estando o Condestavel em Montemôr, o chamou segunda vez ElRey para o cerco de Tuy, e como ao mesmo tempo foy chamado de outras partes, e o que obrou nesta consternaçaõ; e da carta, que escreveo ao Infante D. Diniz.*

853 ESTando ElRey segunda vez no cerco de Tuy, e tendo noticia, que o de Castella vinha em pessoa soccorrer os sitiados, para o que de todas as partes convocava gente, puxou por mais algumas suas, e mandou recado ao Condestavel, que se achava em Montemôr, para que com as que tivesse lhe naõ faltasse; e elle passando a Evora a ajuntallas, lhe avisou da Beira Gonçalo Vasques Coutinho, que governava a Provincia, que nella havia entrado o Infante D. Diniz, e feito grandes assolaçoens, a que elle naõ podia opporse, pelo pouco poder, que tinha, e que assim quizesse soccorrello; ao mesmo tempo soube, que no Alentejo se temia a entrada do Mestre de Santiago, e

He chamado o Condestavel de varias partes.

em Lisboa a invasaõ da Armada de Castella, chamando-o tambem de huma, e de outra parte; e sendo tantas, e taõ distantes as que necessitavaõ de prompto

Affliçaõ em que se vê.

soccorro, se vio o Condestavel em grande consternaçaõ, pois naõ sendo possivel acodir a todas, nem tendo forças com que poder dividirse, até perigava o soccorro na sua indifferença. Nesta consultou logo os

Consulta os seus.

seus, em cujos animos naõ encontrou menores motivos para o seu cuidado, e para a sua affliçaõ; porque achou os menos principaes com mayor irresoluçaõ do que elle, dizendo: *Que naõ era razaõ, que arriscassem tantas vezes as vidas sem premio, nem agradecimento del-Rey; e o que mais era, sem lhe pagarem os seus soldos.* E como o Condestavel naõ tinha dinheiro para satisfazerlhos, ainda se vio em mayor oppressaõ; e desaffogando esta pena com Martim Affonso de Mello, lhe disse este: *Que elle o acompanharia com os seus Soldados, e lhes pagaria da sua propria fazenda, se necessario fosse.* O que o Condestavel estimou muito, e compondo os seus com huma pequena paga, que pode haver, e darlhes, partio logo com vinte Cavallos para o Crato, aonde esperou pelos outros, acompanhado já de Martim Affonso com todos os seus. Aqui achou o Condestavel ao Prior D. Alvaro Gonçalves Camelo, que havia fogido da prizaõ de Coimbra, e contra o parecer de Martim Affonso, que lhe conhecia o genio, o levou comsigo para o reconciliar com ElRey, como depois fez.

Sua reposta.

Nova oppressaõ do Condestavel.

Como lhe vale Martim Affonso de Mello.

Sahe em fim com as suas gentes.

854 Unidos em fim todos, como o Condestavel entendeo, que a primeira parte a que devia acodir, era

era à Provincia da Beira, que inteiramente hia devastando o Infante D. Diniz, passou a Castello-Branco, aonde soube, que este se achava na Covilhãa, dalli sete legoas, e que havia escrito muitas cartas circulares a varias pessoas, dizendolhes: *Que a Rainha D. Brites havia renunciado nelle o direito do Reyno, e que assim vinha a tomar posse delle; e que achando-se reconhecido pela mayor parte da Nobreza, esperava que os outros seguissem o seu exemplo; o que elle saberia premiar com demonstração igual ao seu merecimento, e fidelidade.* Mas como todas estas diligencias tinhaõ sido inuteis, porque nenhum Portuguez o havia seguido; e para fazer outras, naõ tinha já tempo com a visinhança do Condestavel, se achava indifferente no que obraria, quando este lhe escreveo a carta seguinte, tambem trasladada fielmente do seu original.

Chega a Castello-Branco, e sabe que na Covilhãa estava o Infante D. Diniz, a quem escreve.

855 *Sñor. Nuno Alvès pereira, Comde de Barcellos, e de Ourem, e darrayolos, Comdestabre per meu Sñor elrey de portugal, e seu mordomo mor, me emcomendo em bosa grasa, e mercê, e bos fago saver q́ a mi me hee dito q́ bos somdes bindo com muntas gemtes ao reyno de meu Sñor elrey, e fageis em elle guerra, mal, e dano; e ainda ho peor hee q́ por hú bimdes, bos chamais rey de portugal, do q́ me munto marabilho, e pareceme q́ se do boso conselho soo tal nome tomastes q́ ho dibereis melhor de cuydar, e se bolo outrem comselhou, emtemdo q́ bos nom comselhou berdadeiramente, porq́ p.ª homé do boso estado hee cousa fea, e bergonhosa; e porem eu semtimdo munto estas cousas q́ som comtra o serbiso de meu Sñor elrey, som bimdo a esta terra por bo las comtrariar co ajuda de Ds; e oje este dia da feitura desta carta chegnei*

Carta do Condestavel para o Infante.

*guei aqui a castelobranco, e embiobolo a diger, p.ª seredes dello certo, e rogobos e pesobos, q̃ nom ãjais por nojo hũ pouco bos deter, porq̃ Dˢ. queremdo eu serei cõbosco daqui a tres dis pouco mdys, ou menos. &c.*

Naõ chega a darse, porque este se retirou.

856 Esta carta lhe levava hum criado do Condestavel, porém naõ chegou a darlha, porque o Infante, naõ querendo esperallo, tomou a resoluçaõ de retirarse, muito contra o gosto, e parecer dos Fidalgos Portuguezes, que até alli o trouxeraõ, e só por conselho dos Castelhanos, que o acompanhavaõ, e que em outras occasioens haviaõ pelejado com elle, e este escarmento lhes fazia agora dar aquelle voto; com que desembaraçado o Condestavel desta primeira, e mayor opposiçaõ, foy para a Guarda a descançar alguns dias de taõ violenta marcha, como haviaõ trazido; e mandando outra vez a Martim Affonso para o Alentejo, aonde o inimigo naõ entrara, como se dissera; e sendo em Lisboa já menos o receyo da Armada, se resolvia a partir para Tuy, aonde ElRey o chamava; mas sabendo, que se tomara a Cidade, e que ElRey estava na do Porto, o foy ver de Viseu aonde tinha chegado, e delle foy recebido com as mayores honras, que se podem fazer a hum Vassallo.

Volta outra vez Martim Affonso para o Alentejo, e o Condestavel intenta ir a Tuy, e em fim se avista com ElRey no Porto.

CAPI-

## CAPITULO CXLVII.

*Do que obrou o Condeſtavel, depois que ſe apartou delRey; e das merces, que eſte lhe fez, até caſar com ſua filha D. Brites ſeu filho natural D. Affonſo.*

857 DEſpedido delRey o Condeſtavel, partio para Evora, deixando em Viſeu as ſuas gentes, que depois lhe foy preciſo puxallas a Portel, para ſoccorrer Moura, que Alvaro Gonçalves de Moura, ſeu Alcaide mór, queria entregar a ElRey de Caſtella, de quem a diligencia, e induſtria do Condeſtavel pode, naõ ſó remir a Praça, mas ganhar o Governador, que arrependido do ſeu delicto, e ficando outra vez nella, ſoube deſempenhar a confiança, que delle ſe fizera, na fidelidade com que depois diſto ſervio a ElRey.

Rime o Condeſtavel a Villa de Moura, e ganha para ElRey o Governador della.

858 Eſtando eſte no Porto, e o Condeſtavel em Evora, ſe propozeraõ novas tregoas por parte de Caſtella; e ajuſtados os conferentes, ſendo o primeiro, e principal da noſſa o Condeſtavel, foy chamado para eſte miniſterio, que exercitou com grande acerto todo o tempo, que durou eſta pratica, até que deſvanecida, ſe retirou para a ſua Provincia, aonde manejando os negocios Politicos, como havia feito em Lisboa, ſendo Conſelheiro de Eſtado, deu de todos taõ boa conta, como dos Militares; e tanto fiava ElRey do ſeu juizo, prudencia, e capacidade, que o fez Governador, e Regedor

He o Condeſtavel conferente nas tregoas de Caſtella.

Fallo ElRey Governador abſoluto do Alentejo, e Algarve.

Regedor das Juſtiças do Alentejo, e Algarve, com pleno, e abſoluto poder para o caſtigo, e premio, independente de todo o recurſo à meſma Mageſtade, de cuja ſuperior occupaçaõ ſe eſcuſou depois elle meſmo, vendo que naõ podia obrar com a inteireza, e rectidaõ do ſeu genio, e que lhe era preciſo, ou fazer declinar a vara da Juſtiça, ou contrahir inimigos, mais invenciveis, que os com que elle até alli contendera; e como eſtes eraõ os ſeus meſmos parciaes, amigos, e parentes, e alguns chegaraõ a merecer a protecçaõ Real, naõ pode admittir eſtas limitaçoens (ou para dizer melhor, eſtas derogaçoens) a ſua equidade; e aſſim com beneplacito delRey, deixando o cargo, ſe retirou a viver com algum ocio, mas ſempre virtuoſo, em Montemôr o Novo, aonde padeceo huma grave, e perigoſa doença, de que ainda mal convalecido, veyo a Leiria, aſſiſtir às Cortes, que alli ſe fizeraõ, para o juramento do Infante D. Duarte, como herdeiro do Reyno, por haver falecido em Braga o Infante D. Affonſo, que era o mais velho, como ſe refere no cap. 45. num. 292. em cujo acto exerceo o Officio de Condeſtavel; e depois ajuſtado o caſamento de ſua filha D. Brites, com D. Affonſo, filho natural delRey, (de que ſe trata no cap. 46.) paſſou para o Alentejo, aonde em fabricas Sagradas, e em obras meritorias gaſtava todo o tempo, que lhe deixava livre o ſerviço delRey.

Eſcuſa-ſe do cargo.

Adoece gravemente em Montemôr o Novo. Mal convalecido vay aſſiſtir no juramento do Infante D. Duarte.

Ajuſta-ſe o caſamento de ſua filha com D. Affonſo, filho natural delRey; e torna para Alentejo.

CAPI-

## CAPITULO CXLVIII.

*Como estando o Condestavel em Villa-Viçosa, soube da morte de sua filha; e o que obrou depois disto, até que se recolheo no Convento do Carmo.*

859 ESTando o Condestavel em Villa-Viçosa, occupado na fabrica do famoso Templo da Conceiçaõ daquella Villa, teve aviso da intempestiva morte de sua filha, a Condessa D. Brites, que falecera em Chaves, para onde elle partio logo, acompanhado de parentes, e amigos, a consolar a saudade da filha com a presença dos netos, portando-se em todo o tempo, depois desta noticia, com taõ igual valor, que o que era constancia, parecia insensibilidade, se já naõ era, que para sentir mais a dor do golpe, desmentia a dor.

Tem aviso da morte da filha, e o que nisto obra.

860 Daqui dispoz a trasladaçaõ daquelle illustre cadaver, que achou decentemente depositado, em quanto se naõ transferia para a sepultura, que esta Senhora em vida havia escolhido, e ordenado em Villa do Conde, (como se diz no cap. 47.) para onde entaõ foy conduzida, sendo taõ grave, numeroso, e luzido o grande concurso deste funesto espectaculo, que igualmente persuadia a admiraçaõ, que a lastima, e a piedade; sendo tambem os ultimos actos desta, as solemnes Exequias, que se lhe fizeraõ, a que assistio com a mesma inteireza o mesmo Condestavel.

Dispoem a trasladaçaõ do cadaver, e para onde.

861 Depois disto, como este trazia impressas na lembrança, estas, ainda que mortaes, vivas imagens do desengano, voltou para Villa-Viçosa, deliberado, como com effeito fez, a largar de todo a Corte, e viver retirado nas suas terras, utilizando o ocio em viver para si, o que em fim conseguio com permissaõ delRey; até que chamado deste a Montemôr o Novo, para lhe communicar a jornada de Ceuta, e approvada por elle, lhe foy preciso deixar o seu socego, e vir outra vez à Corte, (como tambem fez, dous annos depois de vestir o Habito, quando se cuidou no soccorro desta Praça, que em fim naõ foy necessario) a dar calor a esta expediçaõ, que na verdade naõ deveo pouco à diligencia, e actividade com que soube dispolla, e naõ menos o bom successo della, ao seu valor, e esforço, como tambem a segurança, e defensa da Praça, ao seu juizo, e conselho; e exercitando estes, igualmente, que aquelles, em todas as operaçoens desta empreza, com aquelle acordo, e acerto, que podia esperarse das suas muitas experiencias, das quaes bem desejou ElRey fiar o governo de Praça taõ importante, porém os seus annos, e achaques, e já entaõ os seus santos intentos lho naõ permittiraõ; e assim veyo com ElRey até Lagos, e dahi o acompanhou a Evora, aonde despedido delle, tornou a ir descançar no seu primeiro retiro; mas naõ satisfeito ainda nelle o seu animo, sentindo cada vez mais debeis as forças, attenuadas com tantas marciaes fadigas, se resolveo a deixar totalmente o Mundo, e recolherse no Convento do Carmo, que elle fundara, e no qual havia feito para si huma

Retira-se às suas terras.

He chamado para a jornada de Ceuta, que fomenta, e a executa.

Volta com ElRey, e outra vez se retira.

huma cella taõ apertada, como a vida a que elle ſe diſpunha; e tomada em fim eſta reſoluçaõ, e havida licença delRey, a quem entaõ fazia menos falta a ſua peſſoa, eſtando o Reyno em paz, executou eſte ſanto deſignio, aos 15. de Agoſto do anno de 1423. (por naõ perder os fauſtos auſpicios de taõ Sagrado dia) tendo ſeſſenta e tres de idade, e cincoenta e hum dias.

Recolhe-ſe no Convento do Carmo, e de que idade.

862 Antes de tomar o Habito, repartio os ſeus bens na fórma ſeguinte. A ſua neta a Infanta D. Iſabel, mulher do Infante D. Joaõ, deu as terras da Louſada, Paiva, e Tendaens, a Villa de Almada, e as rendas de Loulé. A D. Affonſo ſeu neto, e Conde de Ourem, todas as rendas, e terras, que tinha na Eſtremadura, e em Lisboa, e ſeu termo, e os ſeus Paços deſta Cidade. A ſeu neto D. Fernando, Conde de Arrayolos, todas as que poſſuhia no Alentejo. Outras, que havia empreſtado a algumas peſſoas, lhas deixou em ſuas vidas, e que por ſuas mortes vieſſem a ſeus netos, conforme as Provincias em que foſſem ſituadas. Todo o ouro, prata, joyas, e dinheiro, todas as armas, roupas, veſtidos, e moveis, repartio por eſcudeiros, e Cavalleiros da ſua obrigaçaõ, e deu aos pobres todo o paõ, e azeite com que ſe achava. Fez quitas a todos os ſeus Rendeiros, e Almoxarifes, e a todas as peſſoas, que lhe deviaõ alguma couſa. Em fim, de tal ſorte deu o que tinha, que quando foy para o Convento, naõ levava comſigo mais, que o veſtido, que trazia ſobre ſi, o qual lhe durou em quanto elle viveo. Era tal o deſprezo, que fazia do Mundo, e de todos ſeus bens, e honras, que ſe recolheo com tençaõ de obſervar ſem-

Diſpoſiçoens, que fez antes.

Propositos com que entra.

pre tres cousas: porse em parte aonde os de fóra o naõ communicassem, ou tal vez sahir do Reyno a peregrinar nos estranhos; naõ se chamar, nem consentir, que lhe dessem mais nome, que o de Nuno; e pedir esmola para sustentarse. Porém sabido isto pelo Infante D. Duarte, o foy buscar logo, (alguns dizem, que com ElRey seu pay) e com preceitos, e rogos o persuadio a desistir deste intento, no que elle conveyo, (excepto em deixar de chamarse Nuno de Santa Maria, como se vê nas suas cartas, escritas a diante, no cap. 153.) assim por darlhe gosto, como por fazer a Deos mayor sacrificio nesta sua obediencia. Entaõ o Infante, vendo que elle ficava sem renda alguma, fez com que ElRey lhe consignasse a que fosse bastante para o seu sustento, e dos que com elle estavaõ, e vieraõ seguindo o seu exemplo, da qual elle tambem gastava a mayor parte com pobres, sendo em tudo, e a todos hum perfeito modelo da vida mais perfeita.

Acçoens delRey, e do Infante D. Duarte.

## CAPITULO CXLIX.

*Da vida, que o Condestavel fez depois de recolhido até sua morte.*

O que obra depois de tomar o Habito.

863 TAnto que o Condestavel vestio o Habito, começou, (naõ digo bem) continuou nos exemplares exercicios, que já tinha, fazendo-os agora mais publicos as precisas occasioens de manifestallos; e sendo a principal, e primeira base de toda a virtude, a humildade,

humildade, elle até quiz exercitar eſta na meſma Religiaõ, naõ ſó nos actos mais abatidos da Communidade, mas em naõ querer ordenarſe de Sacerdote, julgando-ſe ſempre indigno de taõ alto caracter. Aqui eraõ cada vez mais aſperas as diſciplinas, mais rigoroſos os cilicios, mais frequentes os jejuns, mais fervoroſa a caridade, e a oraçaõ mais continua. Neſta obſervante Religioſa vida permaneceo oito annos, e ſetenta e cinco dias, até o anno de 1431. em que no primeiro de Novembro, depois de recebidos Catholicamente os Sacramentos, deu a alma a ſeu Creador, como dizem os mais, e melhores Authores, e ſe acha eſcrito no livro dos Obitos dos Religioſos deſta Provincia; e ſe lê, em quanto ao anno, na Inſcripçaõ de hum painel antiquiſſimo com o ſeu retrato, o qual eſtá no Capitulo do meſmo Convento do Carmo de Liſboa; morrendo por eſtas contas de ſetenta e hum annos, quatro mezes, e ſete dias, ſendo tambem o de Todos os Santos, em que elle faleceo, feliz preſagio da ſua bemaventurada morte, como já havia ſido fauſto annuncio de huma ajuſtada vida o dia do Bautiſta, em que elle naſcera; e ditoſo o auſpicio de a fazer mais juſta o da Aſſumpçaõ de Noſſa Senhora, em que veſtio o Habito, a qual dizem lhe apparecera, e fallara naquella ultima hora. E ainda que no tempo, que o trouxe, e em que o tomou, diffiraõ os Eſcritores, querendo alguns, que foſſe no anno de 1422. e com ſeſſenta e dous de idade, que tambem lhe daõ os que affirmaõ o tomara no de 1423. a opiniaõ de huns, e outros he muito menos ſolida, porque ſendo certo, que em

Sua vida.

Sua morte.

*Livro dos Obitos, fol. 1.*

Idade de que morreo, e em que dia.

Quando naſceo, e quando veſtio o Habito.

Apparecelhe na hora da morte Noſſa Senhora.

Quando se celebrou em Lisboa o primeiro Capitulo Provincial da Ordem do Carmo.

em 6. de Julho deste ultimo anno, a instancias do Condestavel, se celebrou em Lisboa no novo Convento o Capitulo Provincial da Ordem do Carmo, em que foy Presidente, e da qual era já Vigario geral o Doutor Fr. Affonso de Alfama, (que alguns, mas com menos fundamentos, chamaõ Fr. Affonso Leitaõ) por nomeaçaõ do Reverendissimo Fr. Joaõ Gros, Geral de toda ella; no qual Capitulo foy eleito Provincial o mesmo Fr. Affonso, e foy o primeiro desta Provincia; e sendo tambem sem duvida, que aos 23. do dito mez, e anno fez o Condestavel doaçaõ do Convento à dita Ordem, (naõ havendo até alli declarado para quem o fundara, o que dizia no seu testamento, que entregou depois ao mesmo Fr. Affonso) com as rendas, e condiçoens, que nella se referem, e era huma dellas o poder assistir, em quanto vivesse, na cella, que nelle havia feito para si, como tudo consta da Escritura feita nas notas do Tabelliaõ Gomes Martins, assignada aos 28. do dito mez, (em que os Religiosos tomaraõ posse do Convento) e tambem da Patente, que nesse dia passaraõ os Padres ao Condestavel, para ser perpetuo Administrador, naõ só das rendas desta nova Casa, mas tambem da de Moura, com superioridade, e mando sobre todos os Religiosos de ambas, e com outras regalias mais, que podem verse na dita Patente, que começa: *Fr. Alphonsus de Alfama, Sacræ Paginæ Doctor, &c.* a qual foy assignada pelo mesmo Provincial, e mais Definidores, e se guarda com a dita Escritura no Archivo do Convento do Carmo de Lisboa, do que tudo faz mençaõ o Reverendo Padre Fr. Manoel

Quando fez o Condestavel a doaçaõ do Convento.

Patente, que lhe passaõ os Padres.

noel de Sá, nas Memorias, que escrèveo deste; he sem questaõ, que todos estes actos foraõ anteriores ao da sua entrada; e sendo elles sem hesitaçaõ alguma feitos no anno de 1423. como se mostra nos Documentos referidos, mal podia o que foy precisamente posterior a ambos, fazerse no anno de 1422. que dizem estes Escritores, e muito menos, ajustar a idade de sessenta e dous annos no de 1423. como querem os outros, nascendo o Condestavel no de 1360. aos 24. de Junho, como fica dito. E supposto que o Reverendo Jorge Cardoso, no Commentario ao dia 12. de Mayo, quer que nelle morresse o Condestavel, (a quem seguem tambem alguns Authores, e hum delles ingenuo) refutando a opiniaõ de morrer no primeiro de Novembro; como a inverosimilidade de tomar o Habito no anno de 1422. fica taõ conhecida, tambem a poderá ter o dia da sua morte, e por consequencia os annos de idade, que lhe dá este Author, fazendo-o de setenta e dous quando morreo, e com quasi dez de Habito; procedendo, quanto a mim, esta equivocaçaõ do tempo, que o Condestavel, antes de tomallo, assistio com os Religiosos, que havia no Convento, dispondo, e aperfeiçoando todas as obras delle, e ensayando-se com huma vida regulada, e penitente, para a que depois seguio, e observou, naõ só Monastica, mas Santa. Naõ me canço em ponderar outras opinioens totalmente improvaveis, como a de Fr. Marcos de Guadalaxara, que diz, que o Condestavel morrera no anno de 1440. porque notoriamente he falsa.

*Agiol. Lusit.* tit. 3. pag. 214. & seqq.

*Thesouro Espiritual*, cap. 9. fol. 361.

864 Morreo em fim este famoso Heroe, e nas suas

Morte do Condestavel, suas Exequias, e sepulturas.

ſuas Exequias aſſiſtiraõ ElRey, e os Infantes, toda a Nobreza, e Clero, e ſe fizeraõ com tal magnificencia, que até aquelle tempo naõ ſe haviaõ viſto ſemelhantes, em peſſoas, que naõ foſſem Reaes. Deu-ſelhe por jazigo huma ſepultura raza, no meyo da Capella môr do meſmo Convento, aonde eſteve quaſi hum ſeculo, reſplandecendo ſempre com milagres; e dalli o transferiraõ para hum ſoberbo tumulo de marmore, que mandou para eſte effeito ſua quarta neta, a Rainha de Caſtella D. Joanna, mulher de Filippe o Fermoſo, e filha ſegunda dos Reys Catholicos D. Fernando, e D. Iſabel; o qual ſe collocou em huma Capellinha, que para eſte fim ſe fez da parte da Epiſtola, aonde hoje eſtá huma pedra branca, com a Cruz das ſuas Armas.

865 Neſte lugar eſteve até o anno de 1548. em que ſe trasladou o cadaver, e o tumulo, para a parte do Euangelho, dentro do Presbyterio, aonde agora ſe acha, com mayor perfeiçaõ, e grandeza; e como a deſcripçaõ delle, além de a fazerem os meſmos Jorge Cardoſo, e Fr. Manoel de Sá, e outros muitos Eſcritores, deve tratalla com mayor individuaçaõ o Academico, que a faz de Lisboa, à ſua elegancia deixo eſta incumbencia, como tambem o deſcrever a mageſtoſa fabrica da Igreja, e Moſteiro, em que ſó tocarey nos capitulos ſeguintes, em que hey de tratar das fundaçoens do meſmo Condeſtavel.

Quando ſe fez a ſegunda trasladaçaõ do corpo do Condeſtavel, ſe fez tambem a dos oſſos de ſua mãy, e para onde.

866 No tempo, em que ſe fez eſta ſegunda trasladaçaõ dos ſeus oſſos, ſe fez tambem a primeira dos de ſua mãy, Eyria Gonçalves do Carvalhal, da Capella dos

dos Fieis de Deos, (que hoje he da Senhora da Boá Morte) aonde a havia mandado enterrar ſeu filho, para outra junto do ſeu meſmo tumulo, dentro da Capella môr, com o ſeguinte Epitafio: *Aqui jaz a muito honrada, e virtuoſa Dona Eiria Gonçalves, Madre do Santo Conde, que mandou fazer eſte Moſteiro.*

867 Tudo iſto conſta de Memorias do meſmo Convento, por Documentos irrefragaveis, que totalmente repugnaõ, e contradizem o que eſcreve hum Hiſtoriador taõ exacto, como Fr. Franciſco Brandaõ, na ſexta parte da Monarchia Luſitana, dizendo, que eſta trasladaçaõ ſe fizera no anno de 1585. e que a dita Senhora morrera no de 1441. quando conſta, que ambas foraõ feitas no Priorado do Padre Fr. Diogo de Brito, que foy deſde 1545. até 1548. e tambem, que quando morreo eſta Senhora, a mandara ſepultar ſeu filho na dita Capella. E falecendo elle no anno de 1431. mal podia ſer o que ordenaſſe, nem ainda o primeiro jazigo de ſua mãy, que conforme eſte grande Author, morreo dez annos depois do filho, no de 1441. que fica referido.

Liv. 18. cap. 40. pag. 174.

868 Era tal a veneraçaõ, que ſe tinha às heroicas cinzas do Condeſtavel, que ElRey D. Duarte lhe offereceo huma lampada de prata, para arder ſempre diante da ſua ſepultura, a qual ſe acha lançada no livro das deſpezas da Caſa Real, e carregada ao Theſoureiro dellas, por confiſſaõ ſua, com eſtas palavras: *Comprei huã alampada de prata, q̃ V. A. offereceo ao corpo do ſanto Condeſtavel.* E eſta addiçaõ, com as mais, eſtava rubricada por ElRey no dito livro, que ficou em po-

Manda ElRey D. Duarte huma lampada de prata para a ſua ſepultura.

der de Amador do Prado de Mesquita, Cavalleiro Portuguez, como diz Rodrigo Mendes Sylva, na vida do mesmo Condestavel; e no seu tempo se conservava ainda na Livraria de D. Manoel Corte-Real, segundo Marquez de Castello-Rodrigo, que o houve com grande diligencia, e o tinha com igual estimação, como refere este mesmo Author.

*Vida do Condestavel, fol. 71. vers.*

---

## CAPITULO CL.

### *Das fundaçoens do Condestavel.*

869 ASsim como ElRey, depois de alcançada a famosa vitoria nos campos de Aljubarrota, cuidou logo em desempenharse dos votos, que fizera antes de ganhalla, edificando, além de outros muitos, o sumptuoso Mosteiro da Batalha, assim o Condestavel se dispoz tambem logo a cumprir os seus, fundando além de outros mais, o magnifico Templo de *Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo*, que fica dito, e a Ermida de *Nossa Senhora da Vitoria*, que agora direy. No mesmo lugar em que esteve arvorada a Bandeira do Condestavel, quando se deu a sobredita batalha de Aljubarrota, mandou este fazer huma Igreja, ou como gratidaõ, ou como promessa, a qual dedicou à Virgem Maria, cuja Imagem trazia pintada na mesma Bandeira; e como nesta se pintara tambem a de S. Jorge, fez collocar de vulto ambas as Imagens na dita Igreja, do que sem duvida procedeo o ter esta commum-

Fundaçoens do Condestavel.

Ermida de Nossa Senhora da Vitoria, vulgarmente chamada de S. Jorge.

commummente a invocaçaõ do Santo, que naõ menos persuade a que antigamente se fazia do seu nome ao romper das batalhas, sendo o de S. Jorge igualmente observado entre os Portuguezes, que o de Santiago entre os Castelhanos; e assim a opiniaõ de que assim se chamava, se acha taõ estabelecida desde aquelles tempos, que em huma Memoria, naõ só antiga, mas de credito, se lê o seguinte: *Na estrada meya legoa àlem da Villa da Batalha, está huã Ermida da invocaçaõ de Saõ Jorge com seo Ermitaõ, a q se dá de ordinaria hum moyo de trigo, o qual tem cuidado da Igreja, e de ter sempre agoa para os passageiros. No dia do Santo vaõ em procissaõ a ella os moradores de Porto de Mós, Aljubarrota, e Batalha com todo o Clero, Religiosos, e Cameras destas Villas a cantar Missa com Sermaõ. Esta Ermida mandou fazer o Condestable Nuno Alvres Pereira, em graças, e memoria da victoria q naquelle sitio tiveraõ os Portuguezes dos Castelhanos, em os 14. de Agosto de 1385. e porq se tem por certo q nesta batalha assistio aos Portuguezes o Santo em seo favor, a mandou fazer da sua invocaçaõ.* Memoria antiga.

870 *No anno de 1430. aos 23. dias de Agosto se lançou a primeira pedra desta Ermida, e foy bento tudo pelo Prior da Igreja de Saõ Pedro da Villa de Porto de Mós, q entaõ era, por huã Provisaõ do Bispo de Lisboa D. Joaõ, o q tudo consta de papeis q estaõ no Cartorio da dita Igreja de Saõ Pedro.*

871 *Os Duques de Bragança tiveraõ sempre grande cuidado de q naõ faltassem os clerigos de Porto de Mós, e seo districto, assim no dia do Santo, como nos da Assumpçaõ da Senhora, em cujo dia sae a procissaõ de Nossa Senhora,*

*ra, e no de Santiago, em q se faz outra q sae de São João, e nestes dias ha só Missa rezada, e dia de São Jorge sae a procissão da Igreja de São Pedro.*

872 *A Capella mor desta Ermida he de abobada, o altar mor tem a imagem da Senhora de vulto, nos dous colatraes, em hum está a imagem de vulto de São Jorge acavallo, e no outro huã Cruz de pao.*

873 Com toda esta miudeza se acha esta Memoria, que conforma com a tradição, mas não com a verdade, porque o contrario consta da Inscripção da mesma Igreja, que sobre a porta della se lê em letra Gothica, e diz o seguinte : *Era de mil quatro centos e trinta, e hum annos Nuno Alvares Pereira mandou fazer esta Capella à honra da Virgem Maria : porq em o dia q se fez aqui a batalha, q ElRey de Portugal houve com ElRey de Castella, esteve neste lugar a bandeira do Condestabele.* O que tambem persuade estar no Altar môr a Imagem de Nossa Senhora, e a de S. Jorge fóra da Capella em hum collateral, mostrando assim, que a sua principal Dedicação não foy a de S. Jorge.

Inscripção da Igreja.

874 Tambem contra a opinião de alguns, que dizem, que esta Ermida se não fundara de novo no tempo do Condestavel, mas que só se reedificara, me foy preciso fazer outra indagação, confirmada por testemunho do Padre Francisco Craveiro, Vigario actual da Igreja de Santa Maria dos Mortinhos, da Villa de Porto de Moz, (no qual destricto fica esta Ermida) que por escrito eu tenho, e me remetteo o Illustrissimo Bispo de Leiria D. Alvaro de Abranches, e em huma, e outro se acha, que a tal Ermida nunca fora reedificada,

reedificada, o que bem ſe demoſtra, principalmente na Capella môr, aſſim nas figuras, e caracteres do pavimento, como das paredes; e muito melhor nos cordoens, que ſahem dos quatro cantos da Capella, e vaõ a unirſe no remate da abobada, os quaes, como tambem as outras pedras, que ſe diviſaõ por dentro, e por fóra da Capella, ſaõ de lavores taõ primoroſamente obrados, que certificaõ com a ſemelhança, ſerem obra dos meſmos officiaes, que fizeraõ o Templo da Batalha; e finalmente, naõ ha tradiçaõ de que ſe reedificaſſe, nem de que antes, que o Condeſtavel a fundaſſe naquelle ſitio, houveſſe nelle Igreja alguma, ſendo tudo huma campina raſa, que dando lugar a ſe formar o Exercito, deu occaſiaõ, como ſe tem dito, a ſe fazer a Ermida.

---

## CAPITULO CLI.

*Em que ſe continûa a meſma materia das ſuas fundaçoens.*

875 NAõ menos principal deſempenho da ſua gratidaõ foy a Ermida de Noſſa Senhora, que o Templo do Carmo, que fundou tambem o Condeſtavel, e he a materia do preſente capitulo. Igreja, e Convento do Carmo. Teve principio eſta obra no anno de 1389. impetrada licença do Papa Urbano VI. por Breve ſeu, com data de 8. de Dezembro de 1386. o qual começa: *Piis fidelium votis, &c.* Para aſſiſtirem a ella, vieraõ do Convento de Moura alguns Religioſos graves, e entre elles

elles o Doutor Fr. Affonſo de Alfama, em que ſe falla a traz no cap. 149. e como eſta continuaſſe, e tambem a ſua aſſiſtencia, no anno de 1404. aos 28. de Julho na Villa de Almada, doou o Condeſtavel ao Convento as fazendas, que ſe declaraõ na Eſcritura dellas, feita nas notas de Martim Vicente, para o que pedio faculdade a ElRey, que diſpenſando nas Leys em contrario, lha concedeo, por carta ſua, paſſada em Lisboa aos 10. do dito mez, e anno, dezoito dias antes deſta doaçaõ, que depois confirmou o Papa Joaõ XXIII. por Breve de 15. de Agoſto de 1413. o qual principia: *Sinceræ devotionis affectus, &c.* Cujos originaes ſe guardaõ no Archivo do Convento, e as copias tiradas em publica fórma nos do Cabido, e Senado da Camera de Lisboa.

Doaçaõ, que lhe fez o Condeſtavel.

876 Depois diſto, no anno de 1423. eſtando feita a Igreja, e parte do Convento, fez o Condeſtavel (como fica dito) doaçaõ delle à Ordem do Carmo, com as meſmas rendas, que antes lhe conſignara, governando a Igreja de Deos o Papa Martinho V. de quem mereceo a meſma approvaçaõ, que primeiro conſeguira delRey para doallo, e do Pontifice ſeu anteceſſor para enriquecello; ao qual deixou tambem riqueza incomparavelmente mayor, e mais precioſa, na Sagrada Reliquia do Santo Lenho, que lhe dera ElRey D. Joaõ, e ſe tomara a ElRey de Caſtella na batalha de Aljubarrota, o qual elle havia tirado da Sé de Burgos para trazer comſigo, como ſe diz no cap. 256. num. 1427. e ſe guarda com a veneraçaõ devida neſte Convento, como tambem o Relicario, que o meſmo Condeſtavel trouxe ſempre ao peſcoço nas campanhas,

Doa o Convento à Ordem do Carmo.

Doalhe o Santo Lenho, e outras Reliquias.

nhas, e que em varios apertos, e necessidades tem obrado prodigios, e milagres. Assim tambem lhe deu outras Reliquias mais de grande devoçaõ, o que tudo se fez por Escrituras publicas, cujas copias se achaõ no Archivo do mesmo Convento, e juntamente os Breves, que ficaõ apontados.

877 De tudo o referido neste, e no outro capitulo, saõ Authores em todo, ou em parte os Chronistas da mesma Ordem, Fr. Joaõ Bautista Lezana, no quarto tomo dos seus Annaes; Fr. Diogo de Coria, na Chronica geral da Religiaõ; Fr. Simaõ Coelho, na particular desta Provincia; Fr. Thomás Serracino, no Menologio Carmelitano; Fr. Manoel Romaõ, nas Antiguidades do Carmo; Fr. Miguel de la Fuente, no Compendio Historial da Ordem; Fr. Marcos Guadalaxara, no Thesouro Espiritual; Fr. Francisco Voersio, na vida de Henrique Sylvio; Fr. Luiz Munhoz, no Propugnaculo de Elias; Fr. Pedro da Cruz Zuzarte, no Jardim de Varias Flores, e na Regra dos Terceiros do Carmo; Fr. Daniel da Virgem Maria, no segundo tomo do Espelho Carmelitano; e no Carmelo Lusitano, Fr. Jorge Cotrim; e finalmente, Fr. Antonio de Escobar, na vida do mesmo Condestavel, que intitulou El Heroe Portuguez; como tambem dos outros Escritores, na vida do mesmo Heroe, Rodrigo Mendes Sylva, Francisco Rodrigues Lobo, Fr. Domingos Teixeira, e o Academico Antonio Rodrigues da Costa; e além destes, Fernaõ Lopes na delRey D. Joaõ o I. Manoel de Faria e Sousa, no segundo tomo das suas Europas; o Licenciado Jorge Cardoso, no terceiro do

Authores, que fallaõ nesta materia.

do ſeu Agiologio, no dia 12. de Mayo; o Padre Antonio de Vaſconcellos, na ſua Anacephaleoſe; o Padre João de Mariana, no cap. 4. liv. 21. da ſua Hiſtoria de Heſpanha; Abraham Bzovio, no tom. 16. dos Annaes Eccleſiaſticos, ad ann. 1431. e aſſim meſmo outros muitos.

Outras fundaçoens do Condeſtavel.

878 Além deſtas duas fundaçoens da Ermida de *Noſſa Senhora da Vitoria*, e do Templo do *Carmo*, que ſe tem referido, fez mais o Condeſtavel a Igreja Parochial da Villa de Monſarás, com a invocação de *Noſſa Senhora da Lagoa*, e outra da meſma invocação na Villa de Portel; a de *Santa Maria dos Martyres*, em Eſtremoz, que alguns dizem havia começado ElRey D. Fernando; a de *Noſſa Senhora da Conceição*, (que outros chamaõ de *Santa Maria*) em Villa-Viçoſa, aonde tambem reparou o Convento de *Santo Agoſtinho*, ao qual fez de novo a Capella môr, ampliado depois, e ennobrecido pelos Duques de Bragança, ſeus ſucceſſores, que o fizeraõ auguſto depoſito de ſuas illuſtres cinzas; a de *Noſſa Senhora do Alcance*, junto a Mouraõ, (que depois foy de Agoſtinhos Deſcalços, e hoje he de Clerigos Regulares, que vieraõ ha poucos annos da ſerra da Tominha) em deſempenho de huma vitoria, que alli conſeguio; e a de *Noſſa Senhora da Orada*, na Villa de Souzel, (que outros querem foſſe nos campos de Alcaraviſſa, e que a Igreja de Souzel foſſe outra, dedicada tambem a Noſſa Senhora) em memoria de huma batalha, que milagroſamente venceo naquelle ſitio, aonde, antes que a déſſe, eſteve em oração. Na ſua quinta de Camarate edificou a Ermida de *Noſſa*

*Senhora*

*Senhora do Soccorro*, que depois foy romaria de grande devoçaõ; e que por sua morte ficou aos Religiosos do Carmo, aonde hoje está o seu Convento. Assim tambem em outras partes renovou, e fabricou algumas Igrejas, e Ermidas, que naõ declaraõ os Escritores, e só dizem, que foraõ muitas, como se lê na mayor parte dos referidos, e especialmente em Fernaõ Lopes, Rodrigo Mendes Sylva, Fr. Domingos Teixeira, e tambem no Padre Fr. Antonio da Purificaçaõ, na segunda parte da Chronica dos Eremitas de Santo Agostinho, e no Padre Antonio Carvalho, no segundo tomo da Corografia Portugueza.

---

## CAPITULO CLII.

*Em que se referem outras acçoens heroicas da sua vida, com a supplica para a sua Beatificaçaõ.*

879 NEstas sumptuosas, e continuas fabricas de grandeza, e piedade, gastou a mayor parte da sua vida, como tambem em toda ella exercitou os actos mais heroicos de Christandade, e religiaõ, que desde a sua puericia praticou, ainda mais, que aprendeo, no uso das virtudes, naõ só moraes, mas Christãas, principalmente nas duas taõ principaes, como a caridade, e a castidade, observada esta de tal sorte, que sem quebrar já mais a conjugal, até deste consorcio muitas vezes se abstinha; e aquella, chegando a dar aos pobres até o de que necessitava para o seu sus- Descripçaõ do seu caracter.

tento, como lhe succedeo em algumas occasioens, que lhe foy preciso comprar para a sua mesa o paõ, que nunca vendeo, e sempre distribuhio, estendendo-se a tanto a sua liberalidade, que naõ satisfeito com sustentar, e vestir a todas as pessoas necessitadas das suas terras, e a todos os Soldados pobres, que com elle militaraõ, em hum anno, que Castella padeceo fome, deu de comer a quatrocentas pessoas, que de lá vieraõ, e de baixo do seu abrigo se refugiaraõ; e neste exercicio perseverou até a morte, ainda depois de tomar o Habito, repartindo sempre com os pobres desse pouco, que tinha, e fazendo vida de verdadeiro Religioso, até quando o naõ era, levantando-se a Matinas pela meya noite, rezando as Horas Canonicas, e o Officio Divino todos os dias, jejuando, além dos que determina a Igreja, tres cada semana, e ouvindo em cada hum duas Missas, e tres aos Sabbados, Domingos, e Dias-Santos, naõ faltando à oraçaõ mental, que todos os dias tinha, quando, e como podia; confessando-se muitas vezes cada anno, ainda que commungando só quatro, pelo Natal, nas Paschoas da Resurreiçaõ, e Espirito Santo, e no dia da Assumpçaõ de Nossa Senhora, deixando de o fazer mais vezes, pelo respeito, que tinha ao Soberano mysterio de taõ Augusto Sacramento, de que era taõ devoto, que até nas campanhas celebrava o seu dia, trazendo sempre comsigo certo numero de Sacerdotes honestos, e bem procedidos, (como tambem eraõ todos os seus criados) que tratassem do culto da sua Capella, (que teve sempre com grande pompa ornada) e nella exercitassem os

Divinos

Divinos Officios, a que elle aſſiſtia com a mayor devoçaõ, e pontualidade, ſendo igual a ſua vigilancia no ſerviço de Deos, que em evitar as ſuas offenſas nos outros, impedindo todo o trato, ou amiſade illicita, naõ ſó aos ſeus domeſticos, mas aos ſeus Vaſſallos, fazendo-os apartar della, ou pela ſeparaçaõ, ou pelo Matrimonio, ou obrigando-os a ir viver a outras terras; o que tambem obſervou nas campanhas, naõ permittindo ſemelhante companhia a nenhuma peſſoa. Neſtas obſervou tambem huma tal moderaçaõ nas vitorias, como igualdade nos deſpojos, naõ ſeguindo aquellas por vingança, ou com ira; e repartindo eſtes pelos Soldados, que com elle os ganharaõ, ſem que para ſi tiraſſe mais, que a gloria deſte deſprezo, da qual até o fazia como terrena. Com tanta ſuavidade inſtruhia aos ſeus na militar diſciplina, que parecia natureza o que era obediencia; e naõ diſpenſando nos mais leves deſcuidos, eraõ recebidos ſem queixa os mais graves caſtigos, ſendo os que ſempre deu com mayor ſeveridade, os que cahiaõ ſobre alguns ſacrilegios. Naõ permittia ſe fizeſſe nem a mais leve deſattençaõ ao ſexo feminino, como bem moſtrou, quando hum Capitaõ ſeu com alguns Soldados, ſaqueando huma Aldea, lhe trouxeraõ entre outros prizioneiros huns noivos, que eſtavaõ para receberſe; e elle depois de ſe certificar, que os naõ haviaõ offendido, naõ ſó lhes deu liberdade, mas os acompanhou até a meſma Aldea, e tambem à Igreja, aonde deixando-os caſados, lhes deu algumas peſſas de valor, que ainda o tinhaõ mayor na candidez do ſeu animo; excedendo com ca-

ridade Chriſtáa ao meſmo Scipiaõ Africano, quando nos deſpojos de Carthagena, vendo prizioneira huma moça ſummamente fermoſa, elle a mandou guardar com toda a decencia, e depois a entregou a ſeus pays, e a Luceyo ſeu eſpoſo, que era Principe de alguns Povos de Celtiberia, em cujas vodas aſſiſtio, e lhe fez grandes honras, dandolhe o meſmo preço do reſgate, que por ella lhe davaõ, como traz Franciſco Soares Toſcano, nos Parallelos dos Varoens illuſtres, a fol. 30. acçaõ, que tanto lhe louvaõ, Livio, Plutarco, Valerio Maximo, e outros muitos Authores. No governo Civil teve a meſma regularidade, fazendo obſervar as Leys do Principe, ſem faltar à de Deos, exercitando ſempre a mais recta juſtiça, ſem nunca deixar de attender à piedade, e perdoando ſempre os aggravos proprios, acodindo aos alheyos; nos conſelhos foy o mais prudente, e por iſſo foraõ ſempre os mais acertados; nas execuçoens o mais prompto, e por iſſo tambem as mais efficazes. Finalmente, foraõ ſempre as ſuas acçoens as mais ajuſtadas, como quem as conſultava com Deos, primeiro que as obraſſe; e por iſſo as acertou até a ultima hora, que teve de vida, para as obrar, coroando as de toda ella, com a diſpoſiçaõ para huma tal morte, que em fim lhe ſegurou viver ſempre glorioſo na eternidade, com a certeza tanto mais, que pia, quanto perſuade a commua acclamaçaõ de Santo, que tem, e ſempre teve, verificada nos milagres continuos, que Deos tem obrado, e obra pela ſua interceſſaõ, (entre os quaes ſó de mortos reſuſcitou nove) ſendo eſtes, juntos com a ſua exemplar vida, os prin-

cipaes

cipaes fundamentos da ſupplica, que os Tres Eſtados do Reyno fizeraõ à Santidade de Urbano VIII. para beatificallo, quando ſe congregaraõ nas primeiras Cortes, que houve depois da feliz Acclamaçaõ do Senhor Rey D. Joaõ o IV. no anno de 1641. e primeiro do ſeu reynado; a qual ſupplica ſe repetio depois ao Papa Clemente X. pelos Biſpos do Reyno, nas Cortes, que ſe celebraraõ no anno de 1674. com o Memorial ſeguinte:

*Zuzarte, no Jardim de Var. Flor.* cap. 10. fol. 109. num. 152. *Daniel da Virgem Maria, no Eſpelho Carmelitano*, trat. 2. part. 2. fol. 1083. num. 3801.

*Beatiſſime Pater*

880 *Portugalenſes Epiſcopi, in hac Ulyſſipponenſi Curia ad expedienda publica totius Regni negotia congregati, ad ea præcipue animum intendentes, quæ fidelium animos in virtutum exempla erigant, & Romanæ Eccleſiæ ſplendorem adaugeant, Beatitudini veſtræ reverenter exponunt, quod ejuſdem Regni Comeſtabilis Domnus Noneus Alvares Pereira Regia ſanguine, factiſque præclare geſtis illuſtris, & multò ampliùs vitæ ſanctimonia, & virtutum claritate inſignis, omnibus etiam majorum ſtatum exempla reliquens, ultimum clauſens diem, migravit è vita. Poſt cujus obitum ad illius ſepulchrum multitudo fidelium per multa tempora diuturno concurſo convenit, illius Sanctitatem communi plauſu celebrans, ita ut ab omnibus cognomento Sanctus appelletur, & non niſi Comes Sanctus ſoleat nuncupari: ejus interceſſione omnes in neceſſitatibus, & gravioribus anguſtiis invocabant: nec vana fuit ſpes, nam de Altiſſimo petitionem optatum conſequebantur effectum, volente Domino ſui ſervi merita decorare. Liquet in omni virtutum genere ſe indefeſſe exercuiſſe: profundiſſimam amplexus fuit humilitatem, ita ut magnificam mundi pompam renuntians,* Idem ibidem.

*Carmelitarum*

*Carmelitarum Conventũ Olyssipponensem à fundamentis magnis sumptibus erexit, & ibidem habitum sumpsit: nec Prælati suasiones valuerunt, ut ad Sacerdotis, nec etiam ad Choristæ statum professionem vellet emittere, tanto munere se reputans indignum: quinimò nec Fratris Laici, sed Semifratris, seu Donati officio contentus in prædicto Conventu fuit professus, in quo tam arctam paupertatis normam observavit, ut etiam limitata portione in Conventu à se fundato, & copiosis redditibus à se locupletato, se indignum censens, quotidianum panem à Christi fidelibus ostiatim vellet emendicare: à quo proposito Serenissimus Oduardus Rex eum avertit, moderatam eleemosynam, ad parcissimam sustentationem designans. In obedientia fuit mirabilis, in pœnitentiis rigidissimus, Deique meditatione assiduus. Charitatis erga Deum, & proximum innumera sunt exempla, aliarumque virtutum, quibus omnibus clarissimè enituit. Proceribus mundi, Dynastis, imò & Regibus virtutum documenta, & exempla ministrans, pariterque Religiosis arctioris observantiæ normam præstans; quapropter vestram Beatitudinem humiliter precamur ut litteras remissoriales dignetur concedere, ut virtutes, miracula, cæteraque hujus clarissimi Viri opera examini tradantur, ut Sanctorum numero adscribi valeat, ex quo fidelium mentes exemplum, & Ecclesia capiant splendorem. Ulyssippone die .... Maii, ann. 1674. —*

*Beatissime Pater*

*Ad Sanctitatis vestræ pedes provoluti D. Verissimus Archiepiscopus Primás; Martinus Episcopus Egitanensis; Joannes Episcopus Visensis; Petrus Episcopus Leyriensis; Alexander Episcopus Elvensis; Petrus Episcopus*

*copus*

*copus Algarbiorum; Petrus Episcopus Constantiensis; Fr. Ludovicus Episcopus Titopolitanus; Fr. Christophorus Episcopus Martyriensis; Ludovicus Episcopus Lamecensis.*

---

## CAPITULO CLIII.

*Em que, além do caracter do Condestavel, se refere o seu casamento, e filhos que teve, com as copias de algumas cartas suas.*

881 Foy o Condestavel de mediana estatura, teve o rosto comprido, a cor branca, os olhos pequenos, mas vivos, e nas outras feiçoens proporcionado; na saude, e nas forças era robusto, e sem que as debilitasse tanto militar trabalho, só duas vezes padeceo enfermidades, mas estas foraõ graves. Casou com D. Leonor de Alvim, como se diz no cap. 121. num. 737. e della teve dous filhos, que morreraõ meninos, e huma filha, chamada D. Brites Pereira, mulher do Conde D. Affonso, filho natural delRey D. Joaõ o I. dos quaes nasceo D. Isabel, que o foy tambem do Infante D. Joaõ, seu tio; e D. Affonso, Conde de Ourem, e Marquez de Valença, homem de grande juizo, e muitas experiencias, que exercitou, e conseguio na jornada de Alemanha, conduzindo a Infanta D. Leonor, mulher do Emperador Federico III. por ordem de seu irmaõ, ElRey D. Affonso V. e na parte do Mundo, que depois correo; e D. Fernando, Conde de Arrayolos,

Feiçoens do Condestavel.

Seu casamento.

Filhos que teve.

E netos com quem casaraõ.

Arrayolos, e Barcellos, e de Ourem, pela morte do irmaõ, e tambem Marquez de Villa-Viçosa, e Duque de Bragança, que casou com D. Joanna, filha de D. Joaõ de Castro, Senhor do Cadaval, dos quaes descende toda a Nobreza da Europa, e a mayor parte dos Monarchas della.

882 Teve o Condestavel particular affecto a sua neta D. Isabel, como se mostra em huma carta de sua letra, e sinal, que se guarda no Cartorio do Convento do Carmo de Lisboa, e diz no sobrescrito o seguinte:

Carta do Condestavel a sua neta D. Isabel.

883 *A S.ra Dona Zavel minha netinha faga Deos santa.* E dentro: *Ninguna razom tenedes para renhirme, porq hei graõ prazer de letras bosas leer. Os dis atras ube huma bosa q me foi tragida por bemtura, e senom bos foi respondida nom foi memga de bomtade, mas de mui poca saude q para ello tube. escreber á Fernando más abomdo bos nom faga tenerdevos em o logo de q mas a el q a bos hei dafeisom, e se bem lo veredes acharedes, q quamtas minutas minhas ha, tamtas som so arenhilo, q ca bem serto saõ trabeso he; mas bos minha linda como non abedes q bos posa emendar avido a lo q memga ha dello, y nom leixo de bos querer como a bida, agora minha linda lo fago a bos só por darbos comtemto, em q los otros o semtaõ nom leixedes de me fager o q ate aqui, porq semdo los huũs, e los otros pedasos dalma em bos o ssemelho somdes la bosa madre em lo q como ela fagedes, e non digo al, senom embiarbos la minha bemsom; e la de deos bos cubra minha linda. Carmo a XI davril de 1429 —*

*Bejovos las maõs*

*Nuno de Santa Maria.*

No

884 No mesmo Archivo se conserva tambem outra carta sua, toda por elle escrita, a seu genro o Conde de Barcellos, arguindo-o de entender com algumas pessoas, a quem elle deixara parte dos seus bens; e nella mostra igualmente o seu zelo, e a sua inteireza; diz ella assim no sobrescrito:

885 *Ao Comde de barcelos meo Sñor.*

E dentro: *Sñor, ante q̃ todo bejo as bosas maõs, e me emcomendo mui na bosa merse, como aquel q̃ sempre munto prese; magoado dis ha me tem o nom ber letra bosa, ca serto saõ Sñor, abedes saude dabomdo; nom lo era asim ante q̃ bos alizedes a Vimaroens, e la q̃ de sobra emtomses era de menga ora hei, e la muntos daqueles ante q̃ tomase este biber, q̃ tarde foi, leixei com repairos para bem pasarem, o q̃ más bibesem; e bem bos acordais Sñor, q̃ ante todo olhei bem por bos, e pela bosa casa, e logo por meos netos, e do q̃ meu era bem parti, nom leixamdo de a todos bem comtemtar. Em las doaçons q̃ o Carmo ha nom som de vinclo, nom porq̃ o Doitor pedro estems bem lo vido, e defeisom fei todo a boso aprazimento i ante delrey meu Sñor me fager Comdestabre dos seus regnos, bem abia eo ja Sñor de bens do Sñor, e a meu carrego estaba acordarme daqueles q̃ muntas bezes tubierom las bidas em graõs peligros por mi, e pelo serbiso delrey meu Sñor, agora q̃ saõ ja cos pes no emterro, me marteira munto, ber q̃ bos Sñor, los nom leixades em pas, aber lo q̃ les dei de bom grado q̃ meu era, pesquisandole lo q̃ boso nom e, mas seu, porq̃ se lo de, e para bem, porq̃ se lo debia, e dende q̃ finados forem, nom a bos, nem a meus netos ade hir, senom ao mosteiro do Carmo don ede biber, mas q̃ bos pensades: Olhai bem Sñor lo q̃ fagedes que e bum grão de-*

Outra a seu genro D. Affonso.

*deserbiso a deos, q̃ quem na terra nom compre nom entra no Ceo: eo nom ei pes ja para ir berbos, q̃ a berbos so por isto lo figera, e sabede q̃ no q̃ poso bos sirbo q̃ e pedir ao Sñor deos, e a sua santa madre olhe pela bosa casa, e amente amem. Carmo VI de janeiro do anno do Sñor de 1430.* —

*Bejovolas maõs Sñor.*

*Nuno de Santa Maria.*

---

## CAPITULO CLIV.

*De algumas acçoens famosas em armas de Vassallos Portuguezes, durante a guerra de Castella, e de algumas entradas, que naquelle Reyno se fizeraõ.*

886 PAreceome neste lugar, em que se trata dos Varoens illustres, naõ passar em silencio as acçoens militares, ainda que poucas, (por naõ trazerem mais os Escritores) de alguns Portuguezes, que por ellas mereceraõ tambem o mesmo titulo; sem embargo de pertencerem ao livro das Guerras, em que tambem se vem outras, e de que as separey por mais particulares. Por omissaõ dos mesmos Historiadores deixo de referir, quem fossem por seus ascendentes os Cavalheros em que fallo, nesta, e em outras partes, cuja advertencia entendi ser preciso fazer, antes de escrever delles.

887 Quando o Condestavel determinou certa entrada em Castella, entre as pessoas de valor conhecido, que chamou para o acompanharem, foy hum delles

dèlles hum Cavalhero, chamado Antaõ Vaſques, o qual eſtava em Lisboa, e naõ pode vir a tempo de achar aínda o Condeſtavel no Alentejo; e chegando a Eſtremoz, intentou ir buſcallo, a qualquer parte aonde eſtiveſſe no paiz inimigo; porém o Governador daquella Praça lho naõ permittio, por ordem, que nella deixara o meſmo Condeſtavel, para que ninguem o ſeguiſſe, attendendo ao perigo a que ſe expunhaõ, eſtando naquella Fronteira o Meſtre de Alcantara, com muita gente, que podia opporſelhe. Antaõ Vaſques vendo fruſtrado o ſeu deſejo, e naõ querendo malograr a ſua vinda, paſſou a Evora com os poucos, que trazia, e mandou lançar bando, para que os que quizeſſem acompanhallo, ſe vieſſem unir com elle àquella Cidade, que elle naõ ſó lhes daria a parte, que lhes coubeſſe de tudo o que tomaſſem, mas até da ſua repartiria com elles, como fez com effeito, chegando para iſto a vender a ſua prata, com que aſſim lhe chegaraõ trezentos homens, e com outros, que lhe vieraõ de Béja, e de outras partes, pode fazer quatrocentos Infantes, dezaſeis homens de armas, vinte Béſteiros, e quarenta Ginetes, com que paſſou para Serpa, para dahi fazer a ſua entrada. Neſte tempo chegou a Elvas o Condeſtavel, e conſtando do intento de Antaõ Vaſques, alguns daquelles Fidalgos, que com elle vinhaõ, lhe pediraõ licença para tambem o acompanharem; e aſſim o foraõ buſcar a Serpa, Alvaro Vaſques de Alemquer, Ayres Martins Gaviaõ, Joaõ Eſteves Correa, e outros mais até oito. Antaõ Vaſques lhe agradeceo, e eſtimou a ſua vinda, ainda que naõ pelo numero, pela

Como Antaõ Vaſques fez a ſua entrada em Caſtella.

Fidalgos, que o ſeguem

qualidade ; e com todos ſahio de Serpa huma terça feira à noite, e marchando ſem ſerem ſentidos, chegou a Aroche, dalli nove legoas ; e em quanto Lopo Affonſo, Adail, correo com a Cavallaria a campanha, arrimou Antaõ Vaſques as eſcadas, que levava ao muro, porém defendido logo, naõ tiveraõ os noſſos lugar de ganhallo ; e aſſim ſe retiraraõ, e uniraõ com Lopo Affonſo, que trazia já baſtante preza de gados, e alguns prizioneiros.

Vaõ ſobre Aroche.

E ſobre Cortegana.

888 Dalli partiraõ todos para a Villa de Cortegana, e ſaqueando de caminho alguns lugares, chegaraõ aos arrabaldes da Villa, que quizeraõ defenderlhe os ſeus moradores, mas carregando-os os noſſos, ſe recolheraõ ao Caſtello, de donde capitularaõ o ſalvar as vidas, e fazendas, a troco de certas couſas, que nos prometteraõ, e a que depois faltaraõ ; porque o ſeu intento era ſó ſuſpender a execuçaõ militar, em quanto aviſavaõ a Aracena, que lhe ficava viſinha, para que os ſoccorreſſe, como logo fizeraõ ; e Antaõ Vaſques duvidando da ſua ſynceridade, naõ ſó teve o cuidado neceſſario no ſeu campo toda aquella noite, mas em deitar na manhãa ſeguinte partidas pelas eſtradas, que em fim lhe trouxeraõ prizioneiro o portador do aviſo, que trazia por repoſta, o aſſinarlhes certo lugar, aonde ſe ajuntaſſem, e nos inveſtiſſem ; o que viſto por Antaõ Vaſques, foy ao Caſtello, e chamando o Alcaide, lhe perguntou ſe queria cumprirlhe o que lhe promettera, e recuſando-o elle na eſperança do ſoccorro, entaõ lhe poz à viſta o homem, e lhe diſſe, que pois o tratara com aquelle engano, alli meſmo queria dar ao portador

Engano dos ſeus moradores.

dor o porte da carta; e mandandolhe cortar a cabeça, voltou para a Villa, que inteiramente foy destruida, e o arrabalde queimado, e trazendo comsigo muitos gados, e prizioneiros, foy dormir dalli meya legoa, aonde acharaõ dous homens, que sendo examinados, se soube serem exploradores, que vinhaõ a descobrir o poder dos nossos, com a certeza de que o inimigo nos buscava; e Antaõ Vasques em alviçaras da nova, deu a hum a liberdade, para que lhe fosse dizer como os esperava, e o outro levou comsigo, para lhe ensinar o caminho mais breve de poder achallos. Castigo com que se lhe corresponde.

889 No dia seguinte, que era quinta feira, pareceo a Antaõ Vasques esperallos com mayor segurança da parte de Portugal, e andando para isto mais de cinco legoas, dispoz o seu campo, e repartio os postos necessarios, com a vigilancia, que pedia hum combate no paiz inimigo; e como para este fim se havia passado huma ribeira, que ficava no caminho, e a guarda della tocou naquella noite a Joaõ Esteves Correa, elle a passou da outra parte, a ver se via o inimigo, e a poucos passos, que tinha dado, ouvio hum grande tropel de cavallos, e alarido de vozes, que eraõ dos Castelhanos, e escondendo-se entre humas mattas, pode quando passaraõ, introduzirse entre elles; e como sabia alguma cousa da lingua, dizia poucas palavras, com que pode disfarçarse, e saber de mais perto o seu designio, que era em fim de atacarnos; e como foy manhãa, e nos avistaraõ, se formaraõ em batalha, o que vendo Antaõ Vasques, dispoz tambem a sua, e Joaõ Esteves, metendo pernas ao cavallo, sahio de entre elles, Dispoem-se Antaõ Vasques para o combate. Industria, e valor de Joaõ Esteves.

elles, dizendolhe de caminho algumas graças, que elles ſentiraõ muito, e muito mais a induſtria, que com elles uſara; e elle então foy para Antaõ Vaſques, que o recebeo com grande carinho, e em agradecimento da boa nova, que lhe trazia, de que o inimigo aceitava a batalha, lhe deu depois hum fermoſo cavallo.

Atacaõ-ſe ambos os campos.

890 Formados ambos os campos, e ſendo tanto mais numeroſo o do inimigo, como eſte eſtava na ſobida de hum monte, foy neceſſario ganhalla primeiro, o que naõ deu pequeno trabalho; e ficando igual o terreno, ſe avançaraõ com grande força, e adiantando-ſe Antaõ Vaſques, e ſete companheiros, com as lanças nas mãos, derrubaraõ logo outros tantos paveſados, (que eraõ os que tinhaõ eſcudos com que ſe cobriaõ) e unindo-ſelhes entaõ toda a noſſa vanguarda, foy carregada de ſorte a dos contrarios, que roto em fim aquelle ſeu primeiro formidavel corpo, começaraõ a deſordenarſe, e por conſequencia a confundirſe, e retirarſe, aſſim, eſte como todos os mais de que ſe compunha aquelle ſeu Exercito; em cujo alcance foraõ os noſſos, aprizionando, e matando todos os que achavaõ, ficando da ſua parte cento e quarenta prizioneiros, duzentos e quarenta mortos, e innumeraveis feridos, ſem que nos cuſtaſſe mais, que a vida de hum Soldado, e tres mais, que ficaraõ com algumas feridas, mas naõ de perigo. Recolheraõ ſe entaõ a Serpa, trazendo comſigo mil porcos, quatro mil vacas, e cinco mil ovelhas, que ſe repartiraõ igualmente, reſervando Antaõ Vaſques para ſi os cavallos, e beſtas de carga, que

Retira-ſe o inimigo, e com que perda.

Preza que fazem os noſſos.

que tambem tomaraõ; e como entre os prizioneiros havia alguns de groſſos cabedaes, foraõ importantes os ſeus reſgates; e aſſim coroou Antaõ Vaſques a ſua entrada em Caſtella.

891 Depois deſta entrada, houve outra, naõ menos bem ſuccedida, que fizeraõ Diogo Nunes de Serpa, Gonçalo Vaſques de Mello, o Moço, Alcaide mór deſta Villa, e Alvaro Mendes de Béja, com noventa Lanças, dez Béſteiros, e cem Infantes, os quaes divididos, entraraõ por tres partes em Caſtella, e unidos outra vez com as grandes prezas, que traziaõ, foraõ acometidos do inimigo, com poder taõ ſuperior, como o de oitocentos Infantes, cem Béſteiros, ſeſſenta Ginetes, e trezentas Lanças, e dandolhe batalha, conſeguiraõ huma tal vitoria, que em meya hora, que durou o conflicto, morreraõ dos Caſtelhanos duzentos, ſeſſenta e ſeis, e foraõ prizioneiros doze; ficando ſó morto da noſſa parte o Commendador Vaſco Eſteves, e ferido Diogo Lopes Sarracinho; conduzindo muito para eſte bom ſucceſſo o penſamento, em que entraraõ os noſſos, de levar cada hum por diviſa hum raminho de Troviſco, porque como os Caſtelhanos diſcorreraõ o meſmo, e ſe diſtinguiraõ com o meſmo final, miſturados depois huns, e outros, elles eraõ os meſmos, que nos offendiaõ, e que nos guardavaõ, ou os que por naõ offenderſe a ſi, nos defendiaõ a nós, ſem que militaſſe a meſma razaõ para os noſſos, que como taõ poucos, podiaõ conhecerſe.

Entrada, que fazem outros.

Vitoria, que alcançaõ.

Acaſo digno de reparo.

CAPI-

## CAPITULO CLV.

*Sobre a mesma materia.*

892 TOmando a voz de Castella muitas Praças, e governando Villa-Viçosa Garcia Pires do Campo, Claveiro da Ordem de Aviz, que fora criado da Rainha D. Leonor, entrou o Mestre em alguma desconfiança da sua fidelidade, e assim encomendou o dito governo ao Commendador môr Vasco Porcalho, e lhe mandou, que logo depozesse o seu antecessor, e para mayor segurança, foy com elle Alvaro Gonçalves Coitado, pessoa muito confidente do Mestre, e natural da mesma Villa, para assistir nella com huma companhia de trinta Cavallos. Este Alvaro Gonçalves era muito amigo de Pedro Rodrigues, Alcaide môr do Alandroal, pessoa naõ menos fiel, e amante do serviço do Mestre.

Entrada, que fazem em Castella Alvaro Gonçalves Coitado, e Pedro Rodrigues.

893 Assentaraõ pois ambos, que haviaõ de fazer huma entrada em Castella, que até alli se naõ tinha feito, nem intentado por aquella parte, com receyo de Pedro Rodrigues da Fonseca, que estava em Olivença com quinhentos Cavallos, com que tinha naõ só temerosa, mas sogeita toda aquella Fronteira de Portugal, e segura a de Castella, de qualquer invasaõ, que se intentasse. Ajustada esta empreza, e determinado o dia de executarse, sahio Alvaro Gonçalves com os seus trinta Cavallos, e cento e cincoenta Infantes, de Villa-Viçosa,

Viçosa, e Pedro Rodrigues com cincoenta Infantes, e quinze Cavallos do Alandroal, e unidos ambos, passaraõ de noite o Guadiana, e sem que fossem sentidos, entraraõ em terras de Castella, aonde ao amanhecer tomaraõ todo o gado de Garcia Gonçalves de Grijalva, que era muito, e todas as egoas, e creaçoens, que no campo se achavaõ, e prenderaõ com elle todos os Pastores, e Vaqueiros, que o guardavaõ, que eraõ quatorze, e só escapou hum, que foy dar a noticia a Villanova del Fresno, que lhe ficava mais perto, para que os soccorressem.

894 Alvaro Gonçalves, e Pedro Rodrigues mandaraõ entaõ conduzir a preza pela Infantaria, com escolta de dez Cavallos, e elles ficaraõ a traz com os Bésteiros, e o resto da Cavallaria, se a caso fossem acometidos; mas naõ achando quem lhes fizesse embaraço, vieraõ para Portugal, com mil e quatrocentas vacas, seiscentos novilhos, e vinte e seis egoas, com alguns potros, e repartindo igualmente a preza pelos Soldados, tiraraõ o quinto para o Mestre, porém este o deu ao mesmo Alvaro Gonçalves, que tambem o fez repartir pelos seus, com a mesma igualdade, reservando só para si as egoas, e potros, que mandou para a sua quinta de Benavente.

Recolhem-se com grande preza.

895 Depois disto, soube Pedro Rodrigues, que o Commendador môr Vasco Porcalho se communicava com Pedro Rodrigues da Fonseca, em deserviço do Mestre, de que deu logo parte a Alvaro Gonçalves Coitado, que achando-se na Praça com o mesmo Vasco Porcalho, ao tempo, que lhe chegou a noticia, naõ

Descobre-se a traiçaõ de Vasco Porcalho, e o prende Alvaro Gonçalves Coitado.

quiz perder a occasiaõ de prendello, e assim fallando secretamente com os da Villa, fez guardar as portas com alguns Soldados, para que naõ sahisse, e mandou para as do Castello dez escudeiros armados para que naõ entrasse, e a toda a pressa avisou a Pedro Rodrigues ao Alandroal do que tinha obrado, o qual veyo logo com dez Cavallos, e todos os Infantes, que pode trazer comsigo, e chegando a Villa-Viçosa, foy introduzido por huma porta da Torrẽ, que Alvaro Gonçalves já tinha ganhado; e como estiveraõ juntos, foraõ para os Paços da Ordem, aonde o Commẽndador já estava com quinze escudeiros, trinta Soldados, e dez Bésteiros para defenderse, e a rua bem intrincheirada, porém como a gente era muita, porque o Povo todo seguia aos dous, que hiaõ gritando: *Morra, morra o traidor, e quantos o seguem, que nos queria vender a ElRey de Castella*; romperaõ as trincheiras, e quizeraõ porlhe fogo às casas. Vendo isto o Governador, e entrandose de algum receyo, pedio seguranças para haver de fallar com Alvaro Gonçalves, e tendo-as, lhe disse: *Que naõ sabia porque razaõ intentava infamallo prendendo-o, e privando-o do lugar em que o Mestre o pozera, e de que lhe dera homenagem, o qual naõ havia de approvar acçaõ taõ arrebatada, contra hum criado seu, e seu Freire, que sempre lhe fora leal, e de cujo aggravo elle lhe pederia conta.*

Amotina-se o Povo.

896 Alvaro Gonçalves lhe respondeo: *Que se elle padecia alguma infamia, era só a que elle mesmo se punha com o seu procedimento; que nenhum dos que alli vinhaõ pertendia mancharlhe o credito com prendello, e privallo do posto, que o Mestre seu Senhor lhe dera, mas que todos queriaõ*

*riaõ ſegurar para eſte aquella Praça, e impedir que elle tiveſſe occaſiaõ de a entregar a ElRey de Caſtella, de quem havia já tres mezes, que comia ſoldo, como a elles lhes conſtava, e do trato, que elle tinha com Pedro Rodrigues da Fonſeca, com o qual ajuſtara o darlhes poſſe della naquelle meſmo dia, mas que primeiro a haviaõ elles de tomar pelo Meſtre, principalmente do Caſtello, que elle logo lhes mandaſſe entregar, ou o reduziriaõ a cinzas com todos os mais, que eraõ complices neſta conjuraçaõ.*

897 Vaſco Porcalho quiz dar ſuas deſculpas, mas naõ ſendo admittidas, antes creſcendo mais a furia do Povo, foy obrigado a entregallo, para o que mandou hum criado da ſua confiança, com ordem para que lho deſſem, proteſtando primeiro a força, e violencia com que o entregava. Em fim, o Caſtello ficou em poder de Alvaro Gonçalves, e o Commendador ſahio naõ ſó fóra delle, mas da Praça, com todos os ſeus; e aquelle entaõ lhe fez quebrar a ponte, e entaipar a porta, que ſahia para a Villa, fazendo commua a ſerventia de ambos. O Commendador com os que o ſeguiaõ, ſe veyo queixar ao Meſtre, e de tal ſorte ſoube affectar a ſua innocencia, e fingir as ſuas deſculpas, que elle as creo, antes que as verdades, com que Alvaro Gonçalves, e Pedro Rodrigues lhe deraõ conta deſte ſucceſſo; e aſſim foy outra vez admittido à ſua graça, aſſiſtindolhe com a meſma familiaridade; e hum dia tendo o Meſtre jantado, e dandolhe agua às mãos o Commendador, reveſtio eſte mais que nunca o ſemblante de huma tal triſteza, que advertindo-o aquelle, lhe diſſe: *Que ſe naõ entriſteceſſe, que elle o reſtituiria ao*

Entrega em fim o Caſtello Vaſco Porcalho.

Sahe da Praça, e queixa-ſe ao Meſtre, que naõ ſó o admitte à ſua graça, mas lhe reſtitue o ſeu governo.

*ſeu lugar, e com mayor credito, que antes lho conferira; e que ſe naõ queixaſſe de Alvaro Gonçalves, e Pedro Rodrigues, porque tudo o que obraraõ, foy por entenderem era ſeu mayor ſerviço, mas que elle lhes eſcreveria a ſeu favor, e que ſe até alli fiara muito delle, dalli por diante ainda fiaria mais, por que naõ era de crer, que hum ſeu Freire, e Cavalleiro, e tanto ſeu obrigado, lhe foſſe taõ ingrato, e desleal; pois ſe aſſim ſuccedeſſe, ſeria o mais infame homem do Mundo; o que naõ eſperava, nem Deos permittiſſe, que elle com taõ indigna acçaõ manchaſſe a ſua fama, a ſua honra, e a ſua conſciencia.*

898 Vaſco Porcalho a eſtas razoens do Meſtre ſe moſtrou muy agradecido, e lhe beijou a maõ por tantas merces, e recebendo as cartas em ſeu abono para Alvaro Gonçalves, e Pedro Rodrigues, e para os do Conſelho, partio para Villa-Viçoſa, e pouſou com todos os que o acompanhavaõ no Convento de Noſſa Senhora do Amparo de Frades Pauliſtas, que entaõ era fundado no termo deſta Villa, aonde eſteve até o anno de 1590. em que ſe começou a edificar o que hoje tem dentro, e he dos melhores, que ha nella. Daqui mandou primeiro a carta a Pedro Rodrigues, para que lhe facilitaſſe a entrega da outra a Alvaro Gonçalves, pois eſte tinha tapadas de pedra, e cal todas as portas da Villa; e aſſim Pedro Rodrigues lhe foy fallar por hum poſtigo, que ſó deixara aberto debaixo da Torre, aonde elle aſſiſtia, o qual eſtava com grandes guardas, e por elle entrou; e conferindo ambos as ordens do Meſtre, vendo que eraõ de ſer reſtituído o Caſtello a Vaſco Porcalho, com grande ſentimento, naõ ſó ſeu, e do Conſelho, mas de toda a Praça, lhe foy entregue.

Parte com as cartas para Villa-Viçoſa.

Entra no Caſtello com ſentimento de todos.

CAPI-

## CAPITULO CLVI.

*Como Vasco Porcalho, depois que tornou para Villa-Viçosa, prendeo aleivosamente a Alvaro Gonçalves, e entregou a Praça a ElRey de Castella; e como depois Pedro Rodrigues combateo os Castelhanos, e livrou das suas mãos a Alvaro Gonçalves.*

899 ENtrou Vasco Porcalho em Villa-Viçosa, e lhe foy entregue outra vez o Castello; e como o seu fim era de o dar aos Castelhanos, começou logo a dispor tudo o que podia conduzir para este effeito: e como a primeira diligencia era congraçarse com Alvaro Gonçalves, e Pedro Rodrigues, como o Mestre tambem lhe encomendara, e a elles escrevera, tratou de exercitar a sua cautela, insinuando-se na sua amisade, e approvando tudo o que elles obraraõ, como tambem a defensa da Praça, para a qual mostrou, que lhe eraõ necessarias algumas obras mais, que com effeito fez, e ajuntou todos os instrumentos offensivos, e defensivos, que pode haver, e os distribuhio pelas muralhas, e mais partes, que podiaõ ser acometidas, dizendo, que assim lho havia ordenado o Mestre.

Finge-se amigo de Alvaro Gonçalves, para melhor lograr o seu intento.

900 Neste tempo nasceo hum filho a Alvaro Gonçalves, do qual para mayor vinculo da sua amisade foy Padrinho Vasco Porcalho, a cuja funçaõ veyo tambem Pedro Rodrigues; e depois que todos cearaõ juntos,

juntos, e se foy este para o Alandroal, recolhendo-se Alvaro Gonçalves para a sua Torre, que ainda conservava, Vasco Porcalho, fingindo querer estar mais tempo com elle, o veyo acompanhando, e se deteve a conversar com elle, até que chegando cincoenta Escudeiros, e duzentos Soldados, que tinha no Castello escondidos, o prendeo, e a sua mulher, filhos, e criados, e os mandou a todos para o Castello, roubandolhe primeiro tudo o que tinhaõ em casa; e entaõ facilitou a entrada a mais duzentos Castelhanos, que estavaõ fóra emboscados, e ao primeiro crepusculo do dia, mandou levantar Bandeira por ElRey de Castella, dizendo, *Castilla*, *Castilla*.

Prende-o aleivosamente, e entrega a Praça a ElRey de Castella.

901 Quando os moradores viraõ, e ouviraõ taõ indigno objecto, e taõ inopinado accento, foy tal a consternaçaõ, e receyo, que todos sem mais demora abriraõ o postigo da Villa, e fogiraõ para Borba, naõ só os Paisanos, mas até os Soldados, o que Vasco Porcalho naõ impedio, antes o estimou, para assim ficar a Praça mais segura, e livre de alguma interpreza. Depois disto poz todo o cuidado em fazer a Pedro Rodrigues toda a má visinhança, em quem achava a mesma correspondencia, ainda que com inferior poder, por cuja causa se padecia no Alandroal grande falta de mantimentos, naõ tendo já outro paõ, que o que faziaõ de bolotas.

Fogem os moradores para Borba.

902 O Mestre sentio muito este successo, e com mayor razaõ sendo elle a causa, ou o instrumento delle, com a nimia credulidade, que teve com o Commendador, em materia, em que, senaõ a desconfiança, a cautela,

Sente o Mestre esta noticia.

cautela, devia prevalecer no ſeu animo, pois ha caſos, em que tambem he prejudicial, e culpavel a magnanimidade. Entaõ eſcreveo a Pedro Rodrigues, agradecendolhe o bem, que ſe houvera, e recomendandolhe o cuidado da Praça em que eſtava, ainda que para elle era ocioſa eſta advertencia, como tambem para Nuno Alvares o haver de ſoccorrello, como logo fez com alguns Cavalleiros eſcolhidos, quaes eraõ Affonſo Pires Magro, que depois governou Villa-Viçoſa, Lourenço Martins do Tojal, Gonçalo Colaço, Lourenço Pires Cinza, Gonçalo Lourenço de Sampayo, e outros, pedindolhe juntamente fizeſſe toda a diligencia por ſaber para onde, e quando levavaõ de Villa-Viçoſa Alvaro Gonçalves, e que a todo o riſco viſſe ſe o podia tirar das mãos dos Caſtelhanos.

Eſcreve a Pedro Rodrigues, e a Nuno Alvares para que o ſoccorra.

903 Vaſco Porcalho depois deſta prizaõ, deu logo conta a ElRey de Caſtella, e lhe perguntou o que queria, que fizeſſe de Alvaro Gonçalves; e lhe veyo ordem para o remetter para Olivença, com toda a ſegurança, a Pedro Rodrigues da Fonſeca, a quem tambem eſcreveo ſobre iſto, mandando toda a gente neceſſaria para a ſua conducçaõ, e para as mais hoſtilidades, que podeſſem fazer; da qual vinhaõ por Cabos os Commendadores môres de Alcantara, e Calatrava.

Aviſa Vaſco Porcalho a ElRey de Caſtella, e gente que eſte lhe manda.

904 Chegados eſtes a Villa-Viçoſa, determinaraõ ſaquear o termo de Evora, e ſua Comarca, para o que ſahiraõ huma noite com duzentos Infantes, e cem Cavallos, e o correraõ, e deſtruhiraõ todo; e trazendo em ſua companhia hum moço, natural de Borba, chamado Rodrigo Valejo, que era criado de hum Caſtelhano,

Saquea-ſe o termo de Evora.

telhano, que ſe chamava Diogo Gonçalves Maldonado; eſte apartando-ſe occultamente dos companheiros, foy a toda a preſſa ao Alandroal, dar conta a Pedro Rodrigues de tudo o que paſſava, o qual com eſta noticia ſe alegrou muito, e os que com elle eſtavaõ, principalmente os que ſahiraõ de Villa-Viçoſa, por terem alguma occaſiaõ de ſe vingarem do roubo, que Vaſco Porcalho lhes fizera, dando todos os ſeus bens aos que ſeguiraõ o partido de Caſtella; e aſſim com igual diligencia, que alvoroço, ſahiraõ do Alandroal ſetenta Infantes, e vinte e ſeis Cavallos, levando Pedro Rodrigues comſigo a Rodrigo Valejo, para lhe moſtrar o caminho, que trazia o inimigo; e com eſta direcçaõ buſcaraõ hum ſitio por onde elle havia de paſſar, o qual pelo retirado os deixava occultos, e pelo eſtreito os fazia defenſaveis. Aqui ao romper da manhãa fizeraõ alto, pondo duas ſentinellas avançadas, com as quaes ficou Pedro Rodrigues para deſcobrir o campo; e ſendo já meyo dia, appareceraõ os Caſtelhanos, conduzindo a numeroſa preza de cinco mil ovelhas, cinco mil e quinhentas cabras, com ſeſſenta homens, que as guardavaõ, e traziaõ prizioneiros.

Dá parte diſto Rodrigo Valejo a Pedro Rodrigues.

Sahe eſte do Alandroal, e com que gente.

Sitio em que ſe alojaõ.

905 Chegando perto deſte ſitio, a ſua Cavallaria, que vinha a traz de guarda, vendo que para a parte de Redondo eſtava alguma gente, deixou a eſtrada, que trazia, e foy fazer huma eſcaramuça à roda da Villa. Pedro Rodrigues quando vio iſto, diſſe para os companheiros: *Agora he tempo, amigos, de darmos ſobre os que ficaraõ, antes que ſe ajuntem.* E approvado o parecer por todos, ſe dividiraõ, e por duas partes os acometeraõ

Acaſo favoravel aos noſſos.

Inveſtem aos inimigos.

acometeraõ com tanta violencia, que logo feriraõ mortalmente a cinco de cavallo, dos dez, que ſómente traziaõ a diante, e a cincoenta e tres Infantes, que ſe lhe ſeguiaõ. Os outros com o ſuſto, e com o medo, ſem mais outra conſideraçaõ, ou diſcurſo, deſampararaõ a preza, e fogiraõ para huma ſerra, que lhes ficava viſinha, deixando tambem na ſua liberdade os ſeſſenta prizioneiros, que unidos aos Portuguezes, lhe ſeguiraõ o alcance, em que os Caſtelhanos deixaraõ cento e vinte e tres, entre prizioneiros, e mortos. Pedro Rodrigues com os cinco cavallos, que tomara, montou cinco Soldados Infantes, e os armou com as armas dos meſmos, que nelles vinhaõ, e aſſim ficou com trinta e hum Cavallos. Os outros cinco, que eſcaparaõ, foraõ a todo o galope dar aviſo de tudo aos que andavaõ divertidos naquella eſcaramuça, os quaes ficaraõ muy ſentidos, e voltando logo para o lugar do conflicto, occuparaõ hum alto, e ficaraõ obſervando os noſſos; Pedro Rodrigues, que os vio aſſim parados, antes que elles conheceſſem melhor as ſuas poucas forças, tomou o acordo de inveſtillos, e ordenando à Infantaria, que deixou formada, que ſe naõ moveſſe, e ſó ſe elles vieſſem carregados, deſpediſſe entaõ as ſuas ſettas, e dardos contra a Cavallaria inimiga, partio para ella, chamando *S. Jorge*; e elles, que tinhaõ igual deſejo do combate, appellidando *Santiago, e Caſtilla*, naõ ſó os receberaõ, mas os buſcaraõ. Ao primeiro encontro perderaõ muitos as lanças de ambas as partes, e obraraõ com as eſpadas o que ſe podia eſperar de taes Soldados; mas travada a peleja, como elles eraõ mui-

Deixaõ eſtes a preza.

Perda que tem no alcance.

Acode a ſua Cavallaria, e ſe bate com a noſſa.

Perigo em que se acha, e a soccorre a Infantaria com grande successo.

tos, hiaõ ficando cercados os nossos, o que vendo a Infantaria, sem embargo da ordem, que tinha, (que tambem às vezes a desobediencia he fidelidade) partio a soccorrellos, e a taõ bom tempo, e com taõ bom successo, que descomposta a Cavallaria inimiga, obrigou aos seus Cabos a deixar o campo. Vendo isto Lourenço Martins do Tojal, e Gomes Lourenço de Sampayo, disseraõ hum para o outro: *Vamos a estes Commendadores, pois os conhecemos, que se nos naõ escapem*; e partindo a traz delles, como para recolherem os seus, hiaõ com mais demora, poderaõ romper por todos, e chegar a tirallos das sellas; mas sendo soccorridos por tantos, mataraõ aos nossos os cavallos, e elles tambem foraõ mortos, se Pedro Rodrigues lhes naõ acodira, e os livrara, com que se coroaraõ os gloriosos combates daquelle dia, e elle entaõ veyo conduzindo a preza recuperada, até o Alandroal, e tirando só para os feridos, e doentes trezentas cabras, e cem carneiros, deu o mais a seus donos, que de boa vontade lhe offereciaõ tudo. Entaõ fez resenha da gente, que trazia, e achou que nenhuma lhe faltava, e que só vinhaõ feridos vinte e cinco Soldados Infantes, e onze de Cavallo; huns, e outros sem perigo. Dos Castelhanos morreraõ os primeiros cinco, e ficaraõ prizioneiros nove, com cujos cavallos se poderaõ bem supprir os dous, que mataraõ aos Portuguezes.

Valor notavel de dous Portuguezes.

Recolhe-se Pedro Rodrigues com toda a preza.

906 Depois deste feliz successo, naõ tardou muito em lhe dar Deos outro semelhante, (que quando a causa he justa, sempre se tem a Deos da sua parte) porque dalli a huns dias, teve aviso Pedro Rodrigues por

Tem aviso de quando se leva para Olivença Alvaro Gonçalves.

por huma eſpia, que eſtava em Villa-Viçoſa, de que no ſeguinte ſe levava para Olivença a Alvaro Gonçalves. Com eſta noticia, diante do meſmo homem, que lha trouxe, chamou elle os companheiros, e conferiraõ o modo com que podiaõ livrallo, e reſolveraõ, que naquella noite ſe foſſem emboſcar em hum Pinhal viſinho, accommodado para ſemelhante empreza, e que a meſma eſpia tornaſſe para dentro da Praça a obſervar a fórma, e hora em que o levavaõ, e que de tudo lhe foſſe dar parte ao meſmo Pinhal, para onde Pedro Rodrigues partio ao Sol poſto, com os dezaſeis Cavalleiros, que lhe mandou Nuno Alvares, e com quinze eſcudeiros ſeus, e cincoenta Infantes; e tomando o caminho de Eſtremoz, depois de bem noite voltou pelo mais deſuſado, que pode, a meterſe no Pinhal, aonde eſperaraõ pelo aviſo do homem; e ſendo paſſada muita parte della, ſem que elle appareceſſe, nem peſſoa de que ſe podeſſe tomar lingua, entraraõ em alguma deſconfiança ſe ſeria traiçaõ, ou engano o tal aviſo; e vendo Lourenço Martins, e Gomes Lourenço, que convalecidos já das ſuas feridas, acompanhavaõ a Pedro Rodrigues, o cuidado com que elle eſtava, ſe lhe offereceraõ para irem com dous Soldados mais a eſta diligencia; e ſahindo todos quatro, chegaraõ até quaſi às portas da Villa, e adiantando-ſe os dous Soldados, viraõ ſahir muita gente de pé, e alguma de cavallo, e ao meſmo tempo vinhaõ para elles dous homens, da parte donde haviaõ ficado Lourenço Martins, e Gomes Lourenço, os quaes ſe lançaraõ a elles, e os prenderaõ, quando já os dous Soldados chegavaõ

Parte com os ſeus a livrallo, e o que ſe obra.

com a noticia de que Alvaro Gonçalves ficava de caminho para Olivença; e mandando-os outra vez observar o numero da gente, e o caminho, que seguiaõ, vieraõ dizer a Pedro Rodrigues tudo o que passava, e trouxeraõ comsigo os dous prizioneiros, aos quaes se começava a fazer perguntas, quando chegou a espia porque se esperava, e pouco depois os dous Soldados, que todos conferiraõ em que eraõ noventa Cavallos, e sessenta Infantes, os quaes trazia de escolta, capitaneada pelos dous Commendadores, que bem fóra de semelhante cillada, vieraõ a cahir nella, e sendo acometidos pelos Portuguezes, ao principio sustentaraõ o encontro, e com prudente, e valeroso acordo disseraõ para os seus, que queriaõ saber a causa daquella alteraçaõ: *No es nada Señores.* Mas naõ bastando o seu exemplo, e as suas vozes, a animallos, e detellos, se pozeraõ em tal consternaçaõ, que parecendolhes mais segura a retirada a pé, do que a cavallo, muitos largaraõ os em que vinhaõ, e se embrenharaõ nos mattos, e como era de noite, a mesma retirada era precipitaçaõ.

Acomete os inimigos, e em fim os desbarata.

907 Hum Cavalleiro Castelhano, logo quando começou o conflicto, entendendo, que Alvaro Gonçalves dera aos seus este aviso, lhe deu com a lança huma tal pancada, que o derrubou da mulla em que hia, dizendolhe: *O' treidor, tu nos has vendido!* E sem duvida, que no chaõ o mataraõ, se a mesma mulla lhe naõ servira de escudo, (pois elle se naõ podia valer de outro, indo prezo com cadeas, e algemas) e ao mesmo tempo Pedro Rodrigues, e os companheiros, naõ

Perigo em que se vê Alvaro Gonçalves.

naõ feriſſem de ſorte nos contrarios, que pondolhe em deſordem a Cavallaria, e a Infantaria em fuga, como tambem os dous Commendadores, naõ cuidaſſem mais em livrarſe a ſi, que em offender aos outros. Pedro Rodrigues, retirado o inimigo, todo o ſeu cuidado era, achar Alvaro Gonçalves, e vendo que naõ apparecia, começaraõ a chamallo; mas elle cuidando ſerem os Caſtelhanos, naõ queria reſponderlhes, até que chamando-o tambem Gomes Lourenço, e conhecendo-o pela falla, ſe lhe deſcobrio, e elle o ſoltou, e deu o ſeu meſmo cavallo, em que o ajudou a montar; e huma lança, que alli achou no campo, como tambem achou o melhor cavallo dos Caſtelhanos, em que vinha o Commendador de Calatrava, em que elle ſe poz, e ambos foraõ buſcar Pedro Rodrigues, que com a ſua viſta teve duplicados os jubilos; e aſſim meſmo todos os companheiros, e deraõ por bem padecidos todos os ſuſtos, e trabalhos da noite, vendo logrado o unico fim de taõ arriſcada empreza, o que elle com affectos, e palavras lhe agradecia, e gratificava.

Livraõ-no em fim os noſſos, e como foy deſcoberto.

908 A eſte tempo era grande o alvoroto, que havia na Villa, cuidando ſer Nuno Alvares, que vinha ſobre ella; mas como o intento de Pedro Rodrigues era ſó a liberdade de Alvaro Gonçalves, conſeguida ella, ſe recolheraõ, e repartiraõ os deſpojos, que foraõ dezaſeis cavallos, ſeis mullas pequenas, e tres mayores, vinte e cinco beſtas de carga, e todas as armas, e equipagens das peſſoas principaes, que alli vinhaõ, de que tambem ficaraõ nove prizioneiros; e entaõ eſte aceitandolhe ſó oito cavallos, que lhe deu, deſpedindo-ſe

Alvorota-ſe a Villa.

Vay para Eſtremoz Alvaro Gonçalves, e vem Pedro Rodrigues para o Alandroal.

do-ſe delle, partio para Eſtremoz, acompanhado dos dezaſeis eſcudeiros, que de lá tinhaõ vindo; e Pedro Rodrigues, chegando ao Alandroal, paſſou a Soldados de cavallo, nos oito, que lhe ficaraõ, a oito Soldados Infantes, que mais o mereciaõ.

---

## CAPITULO CLVII.

*Como depois diſto livrou tambem Pedro Rodrigues a Alvaro Gonçalves, de que o prendeſſe Vaſco Porcalho, e de outros ſucceſſos mais entre eſtes dous Cabos.*

909 QUando Vaſco Porcalho ſoube, que ſe tinha livrado Alvaro Gonçalves, e que os Commendadores foraõ desbaratados, teve grande ſentimento, e como por zombaria diſſe para os que eſtavaõ preſentes: *Na verdade, que eſtranho como em tantas ſahidas, que tendes feito, me naõ vindes pedir o quinto das prezas! e a graça he, que ſempre brigais com poder muito ſuperior ao do inimigo, e ſempre ficais vencidos! Quanto deſta ſorte, ſegura tem ElRey de Caſtella a conquiſta de Portugal?* Depois diſto, querendo dever à fortuna algum bom ſucceſſo, e ſabendo pelos ſeus confidentes, que em certa noite havia de paſſar Alvaro Gonçalves de Eſtremoz para Borba, mandou quarenta Cavallos, e trinta Infantes eſperallo ao caminho, com ordem para que vivo, ou morto lho trouxeſſem. Pedro Rodrigues tendo diſto noticia, chamou logo a Conſelho, e lhe pedio a todos os ſeus pareceres, que unindo-ſe em

Argue Vaſco Porcalho aos ſeus de cobardes.

Intenta outra vez prender Alvaro Gonçalves.

em que fosse livrallo, elle lhes agradeceo esta boa vontade, e lhes insinuou novamente, que naõ era justo deixarem prender a quem tanto lhes custara; e que assim se aparelhassem para acompanhallo, porque elle determinava logo ir soccorrello.

910 Prevenidos, e montados todos com a mayor brevidade, sahiraõ do Alandroal, e foraõ a hum lugar chamado Montalvaõ, aonde lhe diziaõ, que Vasco Porcalho mandava fazer a emboscada; e como os Castelhanos já lá estavaõ, e tinhaõ duas sentinellas para lhe darem aviso da chegada de Alvaro Gonçalves, sabendo que era Pedro Rodrigues, deraõ parte aos seus, que com tal pressa se retiraraõ, que quando elle chegou, já os naõ vio; e assim voltou para Estremoz, a tempo, que Alvaro Gonçalves sahia para Borba, e contandolhe o perigo de que outra vez o livrara, depois de receber os devidos agradecimentos de taõ repetidos beneficios, ajustaraõ ir ambos no outro dia, como foraõ, e antes de sahirem da Praça, mandaraõ descobrir a campanha por dous Soldados principaes, que encontrando dez Cavallos inimigos, foraõ seguidos delles até as portas da Villa, e naõ podendo chegarlhe, tomaraõ entaõ vinte bois, que alli andavaõ pastando, o que sendo visto por Alvaro Gonçalves, e Pedro Rodrigues, os investiraõ, e cobraraõ o gado; e elles se foraõ retirando com menos pressa do que costumavaõ, a fim de levarem os Portuguezes à emboscada, que lhe tinhaõ prevenido, mas sendo primeiro descoberta dos nossos, foraõ os Castelhanos acometidos, e postos em fogida, deixando por despojo sete mullas

Soccorre-o novamente Pedro Rodrigues, e fogem os Castelhanos.

mullas do Commendador Vasco Porcalho, que comsigo traziaõ, e entaõ foraõ para Borba.

Vay em fim para Borba Alvaro Gonçalves.

911 Desenganado este de melhorar de fortuna, escreveo a Olivença a Pedro Rodrigues da Fonseca, pedindolhe, que pois se achava com mayor poder, mandasse infestar a campanha do Alandroal, de cuja visinhança recebia consideravel damno; e que estivesse certo, que os da Villa naõ deixariaõ de sahir em os vendo, e assim dispozesse alguma emboscada, em que podesse colhellos, e que elle o ajudaria com tudo o que tivesse.

Escreve Vasco Porcalho a Olivença, para que venhaõ sobre o Alandroal.

912 Em quanto se levava este recado, mandou elle correr o campo por vinte Cavallos, que achando pastando alguns jumentos, os levavaõ comsigo, mas sahindolhe alguns Paisanos, os recuperaraõ. Os Castelhanos retirados a Villa-Viçosa, disseraõ a Vasco Porcalho, que naquella fórma naõ tornariaõ elles a correr a campanha, pois se viraõ seguidos de tal sorte, que senaõ fosse a ligeireza dos cavallos, lá ficariaõ todos por seus hospedes. Vasco Porcalho querendo com o seu exemplo ensinar aos seus Soldados a despicarse alguma vez de tantos infortunios, sahio huma madrugada de Villa-Viçosa com cento e cincoenta Cavallos, e duzentos e cincoenta Infantes, e se foy emboscar perto do Alandroal, aonde chamaõ o Pinheiro, e dahi mandou vinte Cavallos, sendo já dia claro, que fossem até as portas da Villa, e fizessem preza em tudo o que descobrissem, sem receyo de que lho disputassem, porque elle os soccorreria quando fosse necessario. Com esta confiança, tomaraõ junto à Villa setenta cabras,

O que os Castelhanos dizem a Vasco Porcalho, e o que elle obra.

bras, e ſahindo a tirarlhas Pedro Rodrigues, com dez Cavallos, e ſetenta e cinco Infantes, em quanto eſtes cobravaõ a preza, correo elle com aquelles por outra parte, para lhes tomar o paſſo, e aſſim foy elle meſmo o que ſe introduzio na emboſcada, ſem que os Caſtelhanos o levaſſem a ella. Eſtes entaõ com taõ deſigual, e ſuperior poder, vieraõ carregando os noſſos dez Cavallos de modo, que os fizeraõ retirar com alguma deſordem, que lhes ajudou a noſſa Infantaria, que tambem com elles fez a meſma retirada; e ainda que às portas da Villa ſe detiveraõ, e pelejaraõ, foraõ obrigados a recolherſe dentro, aonde entrando miſturados com os Caſtelhanos, naõ fora menor o ſeu perigo, ſe poſta em armas a Villa, naõ receaſſem eſtes naõ poderem ſahir della, e ſe naõ ſatisfizeſſe Vaſco Porcalho com eſte bom ſucceſſo, em deſconto dos maos, que tantas vezes tivera. Com tudo, ſendo taõ grande o exceſſo, naõ lhe correſpondeo o deſtroço, porque dos Portuguezes, ainda que feridos muitos, houve ſó cinco mortos, e dos Caſtelhanos morreraõ dous homens, e quinze cavallos. Entaõ Pedro Rodrigues para animar os ſeus, lhes diſſe: *Amigos, tal vay de guerra; e oitenta e cinco deixarem o campo a quatrocentos, bem ſe póde fazer ſem vergonha; e aos que morreraõ em defenſa da Patria, Deos lhes dará o premio.*

Cahe Pedro Rodrigues em huma cillada, de que ſe retira com alguma perda.

Palavras ſuas para animar os ſeus.

913 Pedro Rodrigues da Fonſeca, naõ ſe eſquecendo do aviſo de Vaſco Porcalho, agora com mayores eſperanças repetido, intentou ſoprender o Alandroal, e matar, ou prender Pedro Rodrigues, para o que ſahio de Olivença com duzentos Cavallos, e tre-

Sahe Pedro Rodrigues da Fonſeca com intento de prender, ou matar a Pedro Rodrigues, e o que diz aos ſeus.

zentos Infantes, e veyo de noite porſe junto do Moſteiro de S. Braz, huma legoa daquella Villa, e ahi communicou aos ſeus o ſeu deſignio: *E o quanto ſeria do agrado delRey, e ſegurança das ſuas tropas, o livraremſe de hum tal inimigo como Pedro Rodrigues, o que então lhes não ſeria difficil, pois Vaſco Porcalho já lhe havia deminuido as forças, e quebrantado os brios; e que aſſim foſſem alguns delles junto às portas da Villa, e rebanhando o gado, que achaſſem, fizeſſem que tomavaõ o caminho de Terena, e que ſahindo os de dentro os affaſtaſſem della o mais, que podeſſem, para que elle, vindo pela outra parte, tiveſſe lugar de os meter no meyo, e prender, ou matar a Pedro Rodrigues, com que a Villa ſem duvida lhe ſeria entregue.*

Dizemlhe eſtes; que chame a Vaſco Porcalho, o que elle recuſa.

914 Approvaraõ todos eſte ſeu projecto, mas julgavaõ preciſo fazello preſente a Vaſco Porcalho, para que tambem os ajudaſſe, e dirigiſſe, como taõ bom Cavalleiro, e experimentado; porém Pedro Rodrigues da Fonſeca lhes diſſe: *Que elles naõ haviaõ miſter ſoccorro, e que eſta gloria a queria elle ſó para ſi, e para elles.* Com eſta reſoluçaõ eſcolheo quarenta Cavallos dos melhores, e lhes repetio, e recomendou o que fica dito, e elles partiraõ logo. Pedro Rodrigues naquella manhãa tinha mandado deſcobrir o campo por dous Cavalleiros, que vendo os Caſtelhanos, fizeraõ ſinal de rebate, com que os da Villa ſahiraõ logo a pé com lanças, e dardos, e todas as mais armas, que lhes miniſtrava o furor, e a ira, ſem embargo, que Pedro Rodrigues lhes quiz embaraçar a ſahida; mas vendo-os já empenhados com o inimigo, os veyo ſoccorrer com

dez

dez Cavallos, e com tal força carregou aos Castelhanos, que elles naõ só naõ poderaõ sustentar o combate, mas nem fazer a retirada, como estava disposta, porque seguidos tambem da sua Infantaria, vieraõ todos de mistura cahir na cillada de Pedro Rodrigues da Fonseca, que naõ esperando semelhante successo, se achava desprevenido, e com a sua gente desmontada, a qual com este repentino acometimento, sem discernir se eraõ os seus, se os inimigos, entendendo ser estes, se pozeraõ em fogida, e com tal pressa, que muitos deixaraõ os cavallos, e correraõ a pé, com terror verdadeiramente panico, em que os acompanhou tambem Pedro Rodrigues da Fonseca, que se retirou com os que tomaraõ o caminho de Olivença, aonde houve alguns, que naõ chegaraõ senaõ dahi a dous dias. Neste encontro ficaraõ mortos dos Castelhanos quatorze, e treze cavallos, fóra nove, que se tomaraõ. Dos Portuguezes foraõ feridos treze, e morto hum, trazendo os outros muitas lanças, e dardos, que acharaõ no campo, com que se recolheraõ para a Villa, e deraõ a Deos as graças de taõ milagroso successo.

Encontro que tem Pedro Rodrigues com os Castelhanos, e como estes em fim se retiraõ.

## CAPITULO CLVIII.

*Como Payo Rodrigues Marinho prendeo a Gil Fernandes d'Elvas; e da entrada, que este fez em Castella com outros successos mais.*

Vay Gil Fernandes d'Elvas fallar a Payo Rodrigues Marinho a Campomayor, e elle aleivosamente o prende.

915 QUerendo o Mestre reduzir ao seu serviço Payo Rodrigues Marinho, escreveo a Gil Fernandes d'Elvas, Governador desta Praça, para que da sua parte fosse fallarlhe, e lhe fizesse os partidos, que julgasse necessarios, se quizesse entregarlhe a de Campomayor, que governava; e Gil Fernandes partio logo com cincoenta Soldados, e chegando à Villa, mandou dizer a Payo Rodrigues: *Que quizesse sahir fóra do Castello, e vir fallarlhe, porque tinha, que communicarlhe hum negocio importante, para o que dispozesse todas as seguranças, que lhe parecesse.* Ao que lhe respondeo: *Que elle naõ sahia do Castello, mas que viria fallarlhe à porta, e podia levar comsigo dez homens de armas, e que fossem sem receyo, porque elle lhes dava todo o seguro debaixo da sua fé, e palavra*; que jurou, e prometteo guardar, e o mesmo fez Gil Fernandes, que com esta segurança escolheo dez companheiros, e foy para o Castello, aonde já achou à porta Payo Rodrigues, e chegando a fallarlhe, fez este, que o abraçava, e lhe lançou sobre o hombro hum braço, e com a outra maõ lhe tomou a espada, dizendolhe: *Vós estais prezo.* Foy isto feito taõ de repente, e sem esperarse, que

que Gil Fernandes ſe naõ pode valer, nem valerlhe os companheiros, e muito menos tendo Payo Rodrigues muita gente comſigo, que havia prevenido para eſta aleivoſia, de que tambem naõ poderaõ eſcapar cinco delles, que foraõ Gonçalo Caſco, Martim Vaſques, e Gil Lourenço ſeus primos, e outros dous mais, que todos ficaraõ prezos com Gil Fernandes; e os outros cinco correraõ para os outros, que eſtavaõ fóra, os quaes todos admirados de acçaõ taõ infame, voltaraõ para Elvas, aonde foy igual o ſentimento da ſua prizaõ ao goſto da ſua liberdade, quando depois a comprou elle por duas mil dobras, de que deu fiadores, para poder ſer ſolto; e para cuja ſatisfaçaõ deraõ os ſeus moradores naõ ſó o dinheiro, e peſſas com que ſe achavaõ, mas até os Clerigos as Cruzes das Igrejas, (que taõ bem quiſto era, e taõ amado) o que Gil Fernandes naõ quiz aceitar, mas cortando na meſma quantia a Affonſo Sanches, e Sancho Sanches, que fizera prizioneiros em Arronches, pagou com elles a Payo Rodrigues, e ficou livre da prizaõ, e do empenho.

Como ſe livra, e o que obraõ os moradores de Elvas.

916 Depois diſto ajuntou Gil Fernandes todos os ſeus amigos, e com eſtes, e com parte da guarniçaõ da Praça, fez cento e vinte Cavallos, e quatrocentos Infantes; e paſſando por Olivença, e Alconchel, chegou a Xerez, de donde trouxe huma grande preza de gados, com muitos prizioneiros, e recolhendo-ſe para Portugal, lhe ſahiraõ ao encontro os moradores daquelles lugares viſinhos, com os de Xerez, que por todos ſeriaõ trezentos Cavallos, com muita Infantaria, e os cercaraõ em hum lugar, chamado Maceira das Porcas,

Faz eſte huma entrada em Caſtella com bom ſucceſſo.

Porcas, aonde os companheiros disseraõ a Gil Fernandes: *Que bem sabia, que a diante tinha Pedro Rodrigues da Fonseca, e Payo Rodrigues Marinho, que se lhe unira em Olivença, e que ambos tinhaõ setecentos Infantes, e trezentos Cavallos, que sem duvida lhe haviaõ de disputar a passagem, e muito mais se se ajuntassem com estes, que o buscavaõ, e que assim os atacasse logo, antes que se unissem, porque sobre ser mais facil o vencellos separados, que juntos, se estes ficassem vencidos, tal vez, que os outros se naõ quizessem expor ao mesmo successo.* Gil Fernandes approvou o conselho, e deu sobre os Castelhanos com tal actividade, que os desordenou, e poz em fogida, e os outros com esta noticia naõ se atreveraõ a acometello, com que veyo livremente a Elvas com todo o gado, que era tanto, que a quem queria tomar algum delle, naõ lhe era prohibido.

917 Estas, e outras entradas em Castella fizeraõ Pedro Rodrigues, è Gil Fernandes com a mesma fortuna, até que este a teve de encontrarse com Payo Rodrigues, (ainda que algum tempo depois) e prendello, onde por outros foy morto; o que passou nesta fórma.

Encontro de Gil Fernandes com Payo Rodrigues, em que este fica morto.

918 Mandou hum dia Payo Rodrigues vinte Cavallos à campanha de Elvas, e sahindo Gil Fernandes com cincoenta, os fez retirar, deixando quatro prizioneiros, e depois se deteve, esperando que Payo Rodrigues viesse soccorrellos, como veyo, com oitenta Cavallos, e chegando à vista dos nossos, ficou parado em hum alto, junto a huma ribeira, e nesta suspensaõ esteve quasi hum quarto de hora; e entaõ lhe disse hum Biscainho,

Biſcainho, que ſe chamava Pedro Fernandes, que em outro lugar achey Pedro Gonçalves: *Se eu podera aconſelharvos, diſſera, que naõ pelejaſſeis com Gil Fernandes.* Ao que reſpondeo Nuno Fernandes Cogominho: *Naõ eſtá mao o conſelho! de ſorte, que nós ſomos oitenta homens, todos praticos na guerra, e bem montados; e elles ſaõ cincoenta, e taes como Joaõ Ruivo, e Affonſo das Vacas, e outros, por quem ſe póde dizer, ladraõ, e ſeu irmaõ, e vós dizeis, que naõ pelejemos! pois eu vos digo, que ſe Payo Rodrigues deixa perder eſta occaſiaõ, que tarde terá outra taõ boa como eſta.* A eſtas palavras lhe diſſe Pedro Fernandes: *Por certo, que os Cavalleiros, que eu vejo com Gil Fernandes, naõ ſaõ da caſta, que vós dizeis, Nuno Fernandes: Payo Rodrigues fará o que lhe parecer, que eu ſó digo, que naõ hey de fogir do campo.* Nuno Fernandes era homem de valor, e experiencia, e tinha grangeado grande credito com Payo Rodrigues, o qual, ſem reſponder nada, ouvio as razoens de todos; até que Gil Fernandes inferindo a cauſa deſta indifferença, diſſe para os ſeus: *Affaſtemonos hum pouco, para que pareça, que nos retiramos, que elles nos buſcaráõ.* E aſſim ſuccedeo como elle o premeditou, pois a penas abalaraõ daquelle lugar, quando Payo Rodrigues ganhando-o, os inveſtio; porém Gil Fernandes tomando outra eminencia, ſe poz igual com elle, e travada a contenda, Payo Rodrigues meteo a lança em Affonſo Eſteves com tanta força, que paſſandolhe a cota de armas, o penetrou até os bofes, e cahio morto. Ao meſmo tempo Gil Annes, primo de Gil Fernandes, enriſtou a lança contra Payo Rodrigues, e de hum bote della o

lançou

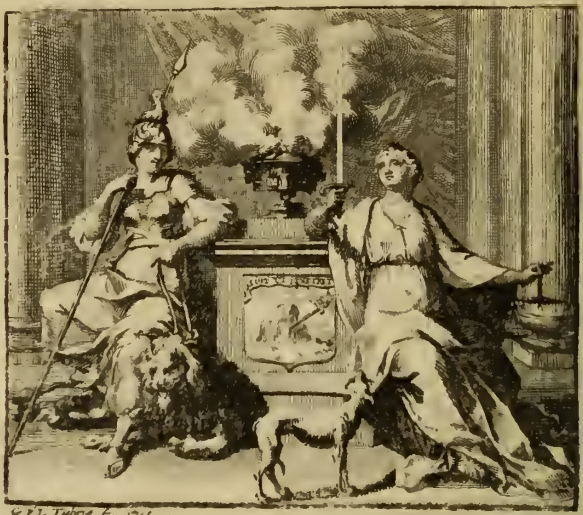
lançou fóra do cavallo. A isto acodiraõ os seus, e vendo-o em terra, fizeraõ o mesmo a Gil Annes, com o que se continuou a peleja, mas já menos vigorosa da parte dos Castelhanos, por lhe constar, que Payo Rodrigues estava prizioneiro, até que afrouxando de todo, se pozeraõ em fogida. Entaõ Gil Fernandes, encomendando a guarda delle a dous Cavalleiros, lhes seguio o alcance; e sendo hum delles Martim Vasques, a quem elle prendeo com os outros quatro em Campomayor, e que tambem comprou o seu resgate, como Gil Fernandes, lhe disse vendo-o naquelle estado: *Que he isso Payo Rodrigues; agora pagareis vós o que nos fizestes.* E como elle lhe respondesse com alguma aspereza, e descomedimento, e tambem Nuno Fernandes Cogominho, e Alvaro Rodrigues, lhes cortaraõ a todos tres as cabeças, e Martim Vasques se recolheo com ellas para Elvas, cuja vista foy para os seus moradores hum gostoso espectaculo. Gil Fernandes quando veyo, e o soube, lho estranhou ao principio, mas depois ouvindo as suas razoens, lhe disse: *Andar, dos inimigos os menos.* Nesta escaramuça ficaraõ dos Castelhanos, entre prizioneiros, e mortos, vinte e cinco, em que entrava aquelle Biscainho, que aconselhava a Payo Rodrigues, que naõ pelejasse com Gil Fernandes, que presago o coraçaõ, parece que lhe vaticinava o perigo proprio no escarmento alheyo.

919 Estas, e outras acçoens igualmente valerosas, e recomendaveis obrou Gil Fernandes, no largo espaço de tempo, que levou esta porfiada guerra de Castella, e Portugal, das quaes algumas dellas poderáõ

ráõ encontrarſe no diſcurſo deſtas Memorias, principalmente, quando os Caſtelhanos vieraõ ſitiar Elvas; e naõ podendo levalla, enfurecido ElRey, mandou cortar as mãos a hum Portuguez, que prendera, e o remetteo a Gil Fernandes, com hum recado ſeu, de que faria o meſmo a todos os mais, que achaſſe da meſma Cidade, ao que elle lhe reſpondeo com dous Caſtelhanos, aſſim meſmo decepados, que tambem lhe mandou com outro recado, que melhor póde verſe no cap. 243. num. 1346.

920 Tambem para coroa deſtas, e de outras ſemelhantes acçoens memoraveis, ainda que em peſſoa differente, naõ he menos digna de memoria a acçaõ de certo Abbade de Bouro, (a que naõ diz o nome Fr. Bernardo de Brito, quando na Chronica de Ciſter, liv. 5. cap. 6. traz eſte ſucceſſo) que no tempo delRey D. Joaõ o I. fazendo os Caſtelhanos huma entrada por Entre Douro e Minho, miſturados com os Gallegos, e vindo por terras do tal Abbade, eſte ajuntando ſeiſcentos homens, Vaſſallos ſeus, e os mais delles Béſteiros, ſe poz em cillada junto a hum paſſo eſtreito; e chegando a elle os inimigos, fez ſinal aos ſeus Soldados para que os acometeſſem, o que eſtes fizeraõ com tal valor, e fortuna, que ſendo aquelles muitos mais em numero, ficaraõ inteiramente vencidos, e deſbaratados, perdidas todas as ſuas Bandeiras, e mortas, ou prizioneiras muitas peſſoas principaes, que entre ellas vinhaõ; o que ſabendo ElRey, mandou por Nuno Alvares agradecer da ſua parte eſte ſerviço ao dito Abbade, e confirmandolhe os ſeus privilegios (de

que alguns delles faz mençaõ o meſmo Fr. Bernardo de Brito ) lhe paſſou Carta de Capitaõ môr de todas as ſuas terras , que o meſmo Author nomea , com faculdade para diſpor nellas livremente tudo, o que podeſſe pertencer ao dito cargo , de cujas preeminencias , e juriſdicçoens trata mais largamente o Padre Antonio Carvalho , no primeiro tomo da ſua Corografia Portugueza , a paginas 255. 257. e 258.



# MEMORIAS,

## PARA A VIDA DO CONDE D. PEDRO DE MENEZES, primeiro Capitaõ, e Governador da Cidade de Ceuta.

## CAPITULO CLIX.

*Em que se trata assim da sua qualidade, e casamentos, como das suas primeiras acçoens no dito governo.*

921 DEPOIS que ElRey D. Joaõ o I. coroou as suas illustres acçoens com a conquista de Ceuta, e que aceitando, e agradecendo ao Conde D. Pedro de Menezes a generosa offerta de ficar com o governo da Praça, de que tantos se escusaraõ, lhe deixou para a sua assistencia dous mil e quinhentos homens, e

Fica o Conde D. Pedrõ de Menezes governando Ceuta, e com que gente.

entre elles muitas pessoas principaes, e de valor conhecido, que obraraõ o que a diante referirey, ainda que summariamente, como tambem faço do que toca às proezas do dito Conde; o qual era Conde de Vianna, e de Villa-Real, e em Castella, (aonde foy com seu pay) Conde de Aylon, e Aguilar, filho de D. Joaõ Affonso Tello de Menezes, Conde de Vianna, por merce delRey D. Fernando, Senhor de Alvito, Villanova de Anços, e de outras Villas, que lhe trouxe em dote sua mulher D. Mayor Portocarreiro, filha de Joaõ Rodrigues Portocarreiro, Senhor de Villa-Real, e de outras muitas terras, que foy casado com D. Maria Vasques; o qual D. Joaõ Affonso Tello era filho de outro do mesmo nome, irmaõ segundo de D. Martim Affonso Tello de Menezes, pay da Rainha D. Leonor. Casou o Conde D. Pedro a primeira vez com D. Margarida de Miranda, filha de D. Martinho, Arcebispo de Braga, tronco dos Mirandas; de quem teve a D. Brites de Menezes, que casou com D. Fernando de Noronha, filho terceiro do Conde de Gijon, que foraõ troncos da Casa de Villa-Real, e da dos Condes de Valladares, que hoje illustremente permanece; e a D. Leonor, que foy segunda mulher de D. Fernando, terceiro Duque de Bragança. Casou segunda vez com D. Brites Coutinho, filha de Fernaõ Martins Coutinho, Senhor de Mafra, de quem teve a D. Isabel, mulher de D. Fernando de Vasconcellos, filho de D. Affonso de Cascaes, e depois de Joaõ Freire de Andrade, Senhor de Alcoitim. Casou terceira vez com D. Filippa Coutinha, filha do Marichal Gonçalo Vasques Coutinho,

Quem era o dito Conde.

Seus casamentos.

Coutinho, a qual morreo no mar, indo para Ceuta, e della naõ teve filhos. Casou quarta vez com D. Ginebra Pereira, filha herdeira do Almirante Carlos Pessanha, de que tambem naõ houve successaõ. Teve naturaes de Isabel Domingues, por alcunha a Pixegueira, criada de sua primeira mulher, ao grande D. Duarte de Menezes, tronco das Casas dos Condes de Tarouca, que hoje existe com a varonia dos Sylvas, e da de D. Diogo de Menezes, Veador da Casa da Rainha; e a D. Joanna, mulher de D. Affonso de Bivar, Fidalgo Castelhano; e a D. Isabel, mulher de Ruy Gomes da Sylva, Alcaide môr de Campomayor, em que tantas vezes se falla nestas Memorias; e a D. Aldonça, que primeiro casou com Ruy Nogueira, e depois com Luiz de Azevedo, Védor da Fazenda delRey D. Affonso V.

*Prevençoens, que para a sua defensa faz elle na Praça.*

922 Tanto que o Conde D. Pedro se vio constituîdo em taõ arriscado, como importante emprego, começou logo a exercitar a sua obrigaçaõ, com tanta exacçaõ, e cuidado, que naõ perdoando a diligencia, ou vigilancia alguma, foy sempre na que teve na Praça o mais incançavel; e repartindo logo os principaes postos della pelas pessoas de mayor esforço, e confiança, lhes recomendou, naõ só que os defendessem, e pelejassem, como delles se esperava, quando a occasiaõ o pedisse, mas que se abstivessem, e refreassem o seu mesmo valor, e o dos seus Soldados, nas em que fossem provocados pelo inimigo para sahir da Praça, o que totalmente lhes prohibia, sem que precedesse ordem sua; e a mesma advertencia fez a todos, depois

Sentimento de alguns, que ficaõ nella.

pois de consolar a alguns, na profunda tristeza, em que os deixara a ausencia dos companheiros; fazendo entaõ os seus precisos effeitos a em que viaõ, que ficavaõ, assim por parte da amisade, e da Patria, como tal vez do sangue.

923 Naõ se enganou o Conde na invasaõ, que esperava dos Mouros, porque juntos todos os que se acharaõ capazes de tomar armas, logo na manhãa do dia seguinte vieraõ sobre a Cidade, e vendo pouca gente nos muros, por andar muita della occupada em dispor os seus alojamentos, se atreveraõ a pôr fogo a huma porta, a que acodiraõ alguns dos nossos, que levados da ira, e impulso da vingança, sem esperar ordem do Conde, sahiraõ a contender com elles, em que se travou huma rija escaramuça, sempre delles vigorosamente sustentada, pelo esforço de hum Mouro, que os capitaneava, que naõ menos illustre, que valeroso, igualava a grandeza do espirito ao agigantado do corpo; mas arremeçandolhe huma lança com igual violencia, que fortuna, hum escudeiro do Infante D. Henrique, chamado Martim do Algarve, lha pregou no peito, de donde arrancando-a elle mesmo, fez com ella tiro ao outro escudeiro, e com tanta força, que lhe cravou o escudo no braço; porém como estas já lhe faltavaõ, exalados os espiritos pela mortal ferida, veyo a cahir morto; o que visto pelos seus, intentaraõ vingarlhe a morte com a sua indignaçaõ; e querendo exercitalla nos nossos, com mayores, ou mais nobres impulsos, acharaõ taõ constante resistencia, que passando a castigo da sua arrogancia, os obrigou a cede-

Primeiro assalto, que lhe daõ os Mouros, e como se retiraõ.

Valentia, e morte de hum Mouro.

rem,

rem, e voltarem as coſtas; e naõ foraõ ſeguidos, porque o Conde acodindo àquelle lugar, fez recolher os noſſos, a quem novamente recomendou, que ſe abſtiveſſem de ſemelhantes exceſſos.

Retiraõ-ſe em fim eſtes.

Nova advertencia do Conde.

924 Os Mouros, ainda que eſcarmentados, ficaraõ advertidos para continuarem os aſſaltos, e nos provocarem a ſahir a elles, e nos fazerem affaſtar da Praça com a ſua retirada, até que alguma vez, ou carregandonos, ou divertindonos, ſe podeſſem introduzir nella, e a ganhaſſem da meſma ſorte, que a tinhaõ perdido; o que aſſim repetiraõ muitos dias, ſem que os noſſos excedeſſem as ordens do Conde; o qual depois, que deixou guarnecida, e reparada a Praça, como neceſſitava, vendo que aquelles Cavalheros ſentiaõ, naõ poder ſahir della, ſe prevenio, e os licenciou para huma ſortida, que em fim teve effeito pela porta, em que eſtava o Capitaõ Joaõ Pereira, que com ſetenta eſcudeiros foy o primeiro, que travou a contenda, que depois ſe reforçou de ambas as partes, ſendo já os Mouros mil, e os noſſos trezentos; até que creſcendo aquelles, e querendo o Conde moſtrarlhes, que os naõ temia, deixando bem guardadas as portas, ſahio com as peſſoas principaes, que o acompanhavaõ, e foy tambem ſobre elles, os quaes deixando mil dos ſeus em cillada, ſe foraõ retirando até nos meter nella; e como eſtes tinhaõ determinado acometer primeiro as portas da Cidade, a ver ſe as achavaõ deſprevenidas, o fizeraõ logo, que os noſſos ſe apartaraõ dellas; mas ſendo rebatidos os Mouros, ſe apartaraõ, e nos inveſtiraõ entaõ pel[illegible] coſtas, com que ſe accendeo mais

Induſtria dos Mouros nos ſegundos aſſaltos.

Como o Conde ſe previne para elles.

Sortida dos noſſos, e ſucceſſo della.

perigoſo

perigoso o combate, que em fim se separou, ficando mortos trinta e cinco Mouros, e muitos mais feridos, e dos nossos só morto hum Judeo, e ferido Joaõ Pereira gravemente pela garganta, de que lhe procedeo ter sempre preza a falla em toda a sua vida. Acharaõ-se neste conflicto Gonçalo Nunes Barreto, Pedro Gonçalves Malafaya, Lopo Vasques de Castellobranco, Gil Lourenço d'Elvas, Fernaõ Furtado, Luiz de Ataide, Alvaro Mendes Cerveira, Ruy Gomes da Sylva, Luiz Alvares da Cunha, Joaõ Barreto, Mendo Seabra, Diogo de Seabra, e outros, que todos deraõ repetidas provas do seu grande esforço, assim na peleja, como na retirada, que fizeraõ com tanto acordo, e valentia, que poderaõ recolherse à Cidade sem mais perda, que a referida.

Pessoas, que alli se acharaõ.

## CAPITULO CLX.

*Como o Conde se acautelou para outra sahida, e como fez cortar todas as arvores, que cercavaõ a Praça; e dos mais combates, que depois houve.*

925 RETirado o Conde à Cidade, e ensinado com este successo a fazer com mais cautela as suas sahidas, hum dia em que naõ esperava Mouros, foy com a gente necessaria, e quatorze Cavallos, que só tinha na Praça, a cortar os arvoredos, que a cercavaõ, e que foraõ a causa de se naõ descobrir aquella emboscada; e juntamente fez, que se demolisse naõ só

Faz o Conde cortar os arvoredos circumvisinhos, e porque.

só o Palacio, que alli fóra tinhaõ os Reys de Fez algum tempo, e em que entaõ recolheraõ a sua gente; mas todas as casas, e muros, ou vallados dos quintaes, e hortas circumvisinhas; o que se executou, ainda que com trabalho, sem opposiçaõ, em quanto durou o dia. Sentiraõ os Mouros este destroço, como cousa tanto sua; e para vingarse, foraõ sobre a Cidade, que combateraõ vinte dias continuos, mas com mais detrimento seu, que fruto; e como elles se achavaõ sem quem os governasse, e tumultuariamente faziaõ estes assaltos, buscaraõ para seu Capitaõ hum Mouro chamado Abú, de notorio valor, e illustre sangue, o qual estimando este emprego, teve varias escaramuças com os Christãos, porém de pouca importancia, até que armandonos outra cillada, estiveraõ estes muy perto de perderse, pelo grande numero de Mouros, que havia concorrido; e finalmente nos retiramos com grande trabalho, e naõ pequena perda, matandonos Martim Gomes, e Joaõ de Souro, e dous Moços do Monte do Infante D. Henrique, além de alguns feridos, em que entrou tambem Luiz Vasques da Cunha, que neste dia se singularizou muito, como tambem Luiz Alvares da Cunha, Ruy Gomes da Sylva, Pedro Lopes de Azevedo, Pedro Gonçalves Malafaya, Gil Lourenço d'Elvas, Joanne Annes Rapozo, Alvaro Annes de Carvalho, Joaõ Pereira, Alvaro Mendes de Béja, e Ruy Mendes seu filho, Pedro Affonso, criado delRey, e outros.

Sentimento dos Mouros, e vingança, que intentaõ, e Capitaõ que buscaõ.

Escaramuça, que houve com alguma perda nossa.

Pessoas, que nella se acharaõ.

926 Como os Mouros ficaraõ vangloriosos deste successo, persuadiraõ a Abú, que tornasse sobre a Ci-

Nova escaramuça dos Mouros, e morte de Almançor.

dade, o que elle fez em companhia de ſeu ſobrinho Almançor, Mouro naõ menos valeroſo, que corpulento; e com muito mais gente, que as primeiras vezes, armou outra emboſcada, mas aviſados os noſſos aſſim das ſentinellas, como do proprio eſcarmento, naõ chegaraõ a encontrarſe, o que vendo os que a armavaõ, ſahiraõ a aſſaltar a porta de Alvaro Mendes, porém o Conde, que junto da Cidade os eſperava, os acometeo com tal esforço, que fazendo-os retroceder, foraõ buſcar a ponte, aonde ſe embaraçaraõ de ſorte, que nella perdeo a vida Almançor, contendendo depois ſobre quem lha tirara Pedro Vaſques Pinto, e Rodrigo Affonſo Giraõ, que cada hum delles o attribuhia a ſi. Deſta perda moſtraraõ os Mouros grande ſentimento, e querendo ſatisfazerſe della, voltaraõ ſobre os noſſos, e ſendo ſoccorridos cada vez mais de gente, foy preciſo o retirarnos, naõ querendo apurar mais as forças, e menos a fortuna. Deſenganados da ſua, ſe recolheraõ os Mouros, e vendo, que eraõ inuteis todas as ſuas diligencias, e que cada dia lhes eraõ mais cuſtoſas, fizeraõ Conſelho ſobre o que fariaõ; e depois de varios debates, e pareceres, hum Mouro naõ menos antigo, que grave, os diſſuadio de continuarem naquella empreza, pois lhe faltavaõ os meyos para ella, cuja providencia, e cuidado ſó tocava ao ſeu Soberano, e naõ a elles; quanto mais, que ſe elles meſmos com Cabo, com preſidio, e com tudo o neceſſario para a defenſa daquella Praça, a perderaõ em hum dia, como faltandolhe entaõ tudo, a poderiaõ cobrar? e muito menos, eſtando já nella fortificados os Chriſtãos;

*Vingança, que intentaõ, e como ſe lhes fruſtra.*

*Conſelho, que fazem.*

tãos; e que aſſim era de parecer, que ficando Abú com os Soldados, que já tinha, e que depois lhe vieſſem para proſeguir a guerra, os outros ſe paſſaſſem a viver nas Aldeas circumviſinhas, como logo fizeraõ. Reſoluçaõ, que tomaõ.

927 Retirados os Mouros, naõ deſcançou muito tempo o Conde D. Pedro, porque no ultimo de Novembro do meſmo anno de 1415. ſabendo que todos os dias vinhaõ às hortas viſinhas alguns Soldados inimigos, a ver ſe podiaõ colher algum dos noſſos, mandou a Affonſo Bugalho, e ao *Almocadem* (que em Arabigo ſignifica Capitaõ, ou guia do Exercito) com cincoenta homens a eſperallos, advertindo-os do que haviaõ de fazer, e por onde ſe haviaõ de retirar, quando lhe foſſe preciſo haver de ſoccorrellos; o que elles aſſim cumpriraõ, e mataraõ alguns Mouros; e a naõ ſe querer tomar vivo o cavallo, em que vinha Abú, que era fermoſiſſimo, ou a conhecerſe, que elle era o que o montava, naõ eſcapara de prizioneiro; de que os noſſos ficaraõ depois grandemente ſentidos, quando o ſouberaõ, e hum Mouro dos que cativaraõ, o diſſe ao Conde D. Pedro, como tambem, que o intento dos ſeus era deterſe por aquelles contornos, até que ElRey de Fez vieſſe ſobre a Cidade. *Almocadem*, que cargo ſeja. Sahida, que fazem os noſſos. Prizioneiros, que trazem.

928 Depois diſto ſabendo o Conde, que em hum lugar viſinho, chamado *Valdelaranjo*, havia ſó vinte Mouros, e que delle podiaõ trazer grande ſacco, chamou a Conſelho, e propondo o invadillo, naõ ſó por eſta cauſa, mas por ir pouco a pouco affaſtando-os da Cidade, ſe reſolveo, com o parecer de Gonçalo Nunes Barreto, (que depois foy do Conſelho del- Vaõ ſobre *Valdelaranjo*.

Rey, e homem de grande capacidade) que se mandassem cem homens escolhidos a esta interpreza, os quaes com o segredo, e cautela necessaria, chegaraõ ainda de noite ao lugar, que naõ estava descuidado, antes postos em armas os que nelle viviaõ, convocaraõ os visinhos, que concorreraõ logo em sua defensa, e já o acharaõ rendido, e saqueado; mas naõ perdendo por este acaso os brios, e apontando já a primeira luz do dia, vieraõ carregando com grande furia os nossos, que defendidos dos Bésteiros, se poderaõ retirar com trabalho, mas em fórma, até que soccorridos de Gil Lourenço d'Elvas, e depois do mesmo Conde D. Pedro, se recolheraõ à Praça com grande preza de gados, e outros despojos, custandonos só o sangue de alguns feridos, em que entrou hum escudeiro chamado Gomes Martins; e dos Mouros, além dos feridos, ficaraõ oito mortos.

Como saõ recebidos.

Preza com que se recolhem.

## CAPITULO CLXI.

*Em que se continuaõ os assaltos, e sortidas da Praça.*

929 ENtre os lugares, que os Mouros tinhaõ junto da Cidade, era o mais principal o valle de *Bulhoens*; e como nelle se alojassem tambem as pessoas mais principaes, incitados os Portuguezes com esta noticia, cuidaraõ em tomallo, para que se offereceraõ Alvaro Mendes, e Joaõ Pereira, pedindo o primeiro mil homens, e o segundo seiscentos; mas como isto

Cuidaõ em ir ao valle de *Bulhoens*.

isto fosse muita gente, naõ chegou a resolverse o Conde. Neste mesmo tempo succedeo, que ajuntando-se o Almocadem Affonso Munhoz, e Alvaro Guizado, Gomes Fernandes, Joaõ Fernandes, e Lourenço Carvalho, os quaes todos costumavaõ explorar a campanha, propozeraõ entre si obrar alguma acçaõ digna do seu valor, e naõ trabalhar só para os outros, que sempre se arrogavaõ a gloria de todas; e vindolhe ao pensamento o mesmo lugar de *Bulhoens*, havida licença do Conde, se uniraõ até duzentos para executalla, e tomando lingua da gente, que o lugar teria, acharaõ, que seriaõ cento e cincoenta homens de peleja, em que elles até no numero os excediaõ; com que determinado o dia da sahida, e estando fóra já das portas, se contaraõ só cem, que os outros, ou embaraçados, ou arrependidos, naõ quizeraõ acompanhallos; mas elles, ainda que taõ diminutos, nem por isso desistiraõ da empreza, e assim tomando nos seus affectos, e deprecaçoens por melhores companheiros a S. Jorge, e Santiago, se pozeraõ a caminho; e como o lugar era dalli duas legoas, deixaraõ em distancias proporcionadas algumas sentinellas, para que sendo necessario, avisassem ao Conde. Como se executa.

930 Chegaraõ em fim ao lugar, e sendo ainda de noite, esperaraõ que amanhecesse, e entrando-o derepente, foy tal o desacordo dos seus moradores, que todos se pozeraõ em fogida, menos trinta e sete, que ficaraõ mortos, e cinco prizioneiros; com que saqueado o lugar, e recolhido o gado, se vieraõ retirando os nossos; mas seguidos de Abú, que logo ao primeiro

aviso

aviſo ſe poz em marcha, com os Mouros com que ſe achava, e concorrendo muitos mais de outras partes, teriaõ aquelles o ultimo perigo, ſenaõ foſſem ſoccorridos da Praça, porque aviſadó o Conde por huma das ſentinellas, mandou a Gonçalo Nunes Barreto, a Pedro Gonçalves Malafaya, e Joanne Annes Rapozo, que foſſem ajudallos, e elle fez logo o meſmo, travando-ſe, depois de ſe ajuntarem todos, huma bem renhida eſcaramuça, que cuſtou aos Mouros muitos mortos, e naõ menos feridos, como tambem ficaraõ feridos alguns dos noſſos, porém ligeiramente.

931 Para deſcançar de tanto trabalho, mandou o Conde ſuſpender as ſortidas; porém inſtado dos que coſtumavaõ deſcobrir a campanha, os deixou alguns dias alargarſe mais nella, em que naõ houve couſa de importancia, e ſó ſe aprizionaraõ huns tres Mouros pequenos, e quatro mayores, que diſſeraõ, que no lugar de *Caſtellejo*, que era mais forte, havia cento e quarenta Soldados de preſidio, mas que naõ ſeria difficil o ganhallo; e querendo o Conde aproveitarſe deſta noticia, a conſultou com Alvaro Mendes Cerveira, e Gonçalo Nunes Barreto; e approvada por elles a ſua expediçaõ, a encomendou a Ruy Gomes da Sylva, e Joaõ Pereira, ou como dizem outros, a Lopo Vaſques Portocarreiro, e Pedro Vaſques Pinto, com ſeiſcentos homens, em que entravaõ Martim da Camara, e Alvaro Guizado, Lopo Vaz de Caſtellobranco, e outros Cavalleiros principaes, a que elle meſmo fazia a eſcolta, ſenaõ a retaguarda; e aſſim em huma ſegunda feira 8. de Fevereiro de 1416. ſahiraõ todos da Praça,

Vaõ ao lugar de *Caſtellejo.*

ça, e chegaraõ de madrugada ao lugar de *Castellejo*, que achando-se descuidados os Mouros, e pondo-se em fogida, foy logo saqueado, recolhendo os nossos hum grosso despojo, e numeroso gado; mas naõ tanto a seu salvo, que na retirada os naõ acometesse Abú com hum grande troço de gente, a que foy preciso acodir o Conde; e com effeito, depois de huma porfiada contenda, se separaraõ os Mouros, deixando cento e vinte mortos, e oitenta prizioneiros, que com a grande preza deste dia trouxeraõ os nossos para a Praça, aonde a primeira acçaõ do Conde foy dar a Deos publicamente as graças por taõ feliz successo.

Como he entrado, e despojo que trazem, e com quanto perigo.

Perda grande dos Mouros, e piedade do Conde.

932 Depois disto, tornaraõ os Mouros com muita mais gente a emboscarse junto da Cidade, e os nossos com este aviso sahiraõ della, armandolhes outra cillada, e começaraõ a combaterse, até que naõ se logrando nenhuma, pelejaraõ descobertos; e achando-se neste conflicto Ruy Gomes da Sylva, Alvaro Annes de Carvalho, Pedro Lopes de Azevedo, Gil Lourenço d'Elvas, Pedro Gonçalves Malafaya, Affonso Vasques Corte-Real, e outros, chegou a elles montado em hum fermoso cavallo Luiz Vasques da Cunha a offerecer-selhe por companheiro, que pelo ser do mesmo modo em tudo, até obrou a famosa acçaõ de deixar o cavallo, e se pôr a pé, como elles; mas sendo cada vez mayor o poder do inimigo, foy preciso ao Conde vir a soccorrellos com quatrocentos Bésteiros, ateando-se entaõ mais cruento o conflicto, que em fim veyo a separarse com morte de oitocentos Mouros,

Novo successo ainda mais milagroso para os nossos, e de mayor perda dos Mouros.

ros, e outros tantos feridos, ſem que morreſſe alguem da noſſa parte.

933 Nem por lhe cuſtarem taõ caros os combates, deixavaõ os Mouros de repetillos, fazendo a bem ajuſtada conta, de que a elles por mais, que morreſſem, naõ lhe faziaõ falta, e a nós por poucos, que foſſem os que nos mataſſem, ſendo muitas vezes, nos dariaõ huma perda naõ ſó ſenſivel, mas irreparavel, naõ tendo taõ facilmente donde recuperallos; e aſſim paſſado algum tempo, tornaraõ ſobre a Cidade, porém o Conde naõ quiz taõ cedo ſahir a combatellos, e ſó no mez de Abril, andando à forragem vinte Cavallos noſſos, foraõ acometidos por muitos mais do inimigo, que os carregou até quaſi as portas da Cidade, o que vendo o Conde, ſahio della com poucos, que o ſeguiraõ; e encontrando aos Mouros, ſe meteo entre elles, ſó com hum companheiro, a que as Chronicas injuſtamente roubaraõ o nome, mas pelo que diz Franciſco Soares Toſcano, a fol. 92. e 93. dos Parallelos dos Varoens illuſtres, ſe infere ſer Martim Vicente de Vaſconcellos, que certamente o ſoccorreo depois neſte meſmo conflicto, quando matando os Mouros o cavallo ao Conde, e tendo-o quaſi cativo, elle com valeroſa ouſadia, rompendo por todos, ſe deſceo do em que hia, e o fez montar nelle, e ajudado entaõ já de Luiz Vaſques da Cunha, e ſeu irmaõ, e Ruy Gomes da Sylva, o poderaõ livrar de morto, ou prizioneiro, bem que naõ de ferido; mas ſervindolhes de novo eſtimulo para a vingança aquelle meſmo ſangue, que derramava o Conde, voltaraõ com taõ arrebatada furia ſobre

Diſcurſo, que faziaõ os Mouros.

Novo combate, e de grande perigo para o Conde.

Acçaõ famoſa de Martim Vicente de Vaſconcellos, e de outros Fidalgos.

ſobre os Mouros, que deſcompoſtos eſtes, poderaõ abrir caminho naõ ſó ao caſtigo delles, mas à ſua ſegurança, pondo-os em fim em vergonhoſa fuga, depois que vencido o eſtreito paſſo em que nos eſperaraõ, e vendo, que alguns Portuguezes mais ſe haviaõ unido aos noſſos, naõ quizeraõ, que lhes cuſtaſſe mais vidas a ſua obſtinaçaõ, ſendo o primeiro, e principal inſtrumento deſte ſucceſſo Martim Vicente, no ſoccorro do Conde, e no eſtrago dos inimigos; por cuja acçaõ famoſa, como affirma eſte Author no lugar citado, referindo-ſe a huma carta (que elle diz, que lera, e que eſtava em poder de ſeus deſcendentes) do meſmo Conde, aſſignada pela ſua maõ, e ſellada com as ſuas Armas, eſcrita em Ceuta aos 18. de Setembro, do anno de 1419. lhe fez eſte merce, de que no Eſcudo das ſuas miſturaſſe as delle, que eraõ as de Villalobos; e que dalli por diante ſe chamaſſe tambem com eſte meſmo appellido, impondo grandes penas, e maldiçoens a qualquer deſcendente, que lho contradiſſeſſe; e aſſim deſde entaõ, em memoria deſte beneficio, ſe meſclaraõ as Armas do Conde com as de Vaſconcellos, do dito Martim Vicente, que já naquelle tempo era das Familias conhecidas, e antigas do Reyno, a quem El-Rey D. Joaõ havia deixado em Ceuta por ſeu Contador da Fazenda, em cuja Praça elle ſervio ſempre com armas, e eſcudeiros à ſua cuſta, e ſempre com igual valor, e fidelidade. Deſte Cavalhero he hoje legitimo deſcendente por linha direita, ainda que feminina, (por ſe achar a maſculina extincta) Joaõ de Sampayo Cogominho e Vaſconcellos, morador em Vianna de

Como lhe agradece o Conde.

Quem era Martim Vicente, e quem he hoje ſeu deſcendente legitimo.

Alentejo, aonde tem o ſeu ſolar; o qual novamente verificou eſta ſua deſcendencia em hum pleito, que trouxe com a Coroa, ſobre huma Capella, que lhe tirou, e que por engano ſe havia incorporado nella, que o dito Martim Vicente havia inſtituîdo no anno de 1448. como conſta do ſeu meſmo teſtamento, que anda junto aos autos, (que eu vî) e do Acordaõ da Relaçaõ de Lisboa, proferido em 29. de Abril de 1724. em que ſe julgou ao dito Joaõ de Sampayo eſta Capella, e Morgado, como deſcendente legitimo do Inſtituidor, a quem, e na qual ſuccede ſeu filho Antonio de Sampayo Cogominho e Vaſconcellos, Miniſtro, que ſeguindo as letras, com igual procedimento à ſua qualidade, eſtá hoje no ſerviço delRey.

O que obrou Fernando Alvares Cabral.

934 Neſta meſma peleja ſe houve tambem com ſingular valor (como depois fez em todas) Fernando Alvares Cabral, Védor, que era da Caſa do Infante D. Henrique, em cuja Galé vinha, e de donde foy para Tarifa, quando ſe tomou Ceuta, pelo juſto receyo, que houve de eſtar ferido de peſte, como ſe diz no cap. 306. num. 1681. e de cujo mal foy Deos ſervido livrallo, para depois dar a vida (ſempre no ſeu ſerviço) no infelice cerco de Tangere.

O que cuidaõ, e reſolvem os Mouros.

935 O Conde, retirados os Mouros, veyo para a Cidade, igualmente louvado, que arguido dos ſeus, por obrar hum tal exceſſo, e ſe expor a taõ grande perigo; do qual eſcarmentado, deixou alguns dias de ſahir da Praça; e os Mouros attribuindo iſto às ſuas feridas, e por conſequencia ſuppondo-o impedido para defendella, determinaraõ o vir logo expugnalla; e aſ-

ſim

ſim o ſeu General Abú, puxando por todos os que podiaõ tomar armas naquella Comarca, e convidando a dous Mouros os mais poderoſos della, chegou a ajuntar mil e quinhentos Cavallos, e quinze mil Infantes, com os quaes ſe foy chegando à Praça, e diſpondo as ſuas cilladas, para quando os noſſos ſahiſſem della, foy o Conde aviſado, e ordenando as ſuas para eſperallos, mandou adiantar alguns Soldados, que os provocaſſem, e elles, que naõ ſuppunhaõ a noſſa prevençaõ, e ſe fiavaõ no ſeu poder, aſſim que os deſcobriraõ, os acometeraõ, e retirando-ſe os noſſos até os meterem na ultima emboſcada, ſahiraõ todos, e deraõ ſobre elles com tanta força, que vencidos mais do ſuſto, que do ferro, começaraõ naõ ſó a ſuſpenderſe, mas a deſcomporſe; e o Conde aproveitando-ſe entaõ deſte ſeu receyo, fez recolher os noſſos à Cidade, ſatisfazendo-ſe com poder fazello, ſem mais perda, que a de cinco Soldados, que excedendo as ordens, ſe meteraõ entre os inimigos, mais a roubar, que a ferir, levados menos da gloria, que da ambiçaõ, que vieraõ a pagar com as vidas; ſendo tantas as que perderaõ os Mouros, como ſe póde entender de huma contenda taõ premiditada, e delles taõ mal defendida. Entre os noſſos ſe ſingularizaraõ neſte dia Joaõ Pereira, Ruy Vaſques, Martim de Caſtro, Ruy Velho, Diogo Gil, Joaõ Eſteves o Gago, Lopo Vaz de Caſtellobranco, e os eſcudeiros do Infante D. Henrique, e do Conde de Barcellos, como tambem os criados do Conde, que ſómente com noventa Cavallos, e alguma Infantaria, pode reſiſtir a hum taõ numeroſo Exercito.

Poder, que eſtes trazem, e o que com elle obraõ.

Como os vence o Conde.

Peſſoas, que ſe ſingularizaraõ neſta acçaõ.

## CAPITULO CLXII.

*Em que se continûa a mesma materia.*

936 JÁ eraõ passados dez mezes depois de tomada Ceuta, quando o Conde teve noticia de que na Aldea de *Albegual*, naõ muy longe da Cidade, viviaõ muitos Mouros ricos, e principaes, que fiados nas muitas sentinellas, que tinhaõ, e na grande vigilancia com que a guardavaõ, se davaõ por taõ seguros, que naõ queriaõ ter pessoa mayor, que os capitaneasse, nem se persuadiaõ, que nella haveria quem os invadisse; e assim aquelles contornos eraõ os mais abundantes de gado de todo o genero, circunstancia, que tambem instigava os desejos do Conde, para haver de saquear esta Aldea; e communicando com as pessoas principaes este designio, e approvado por todas, sahio de Ceuta huma noite, com cento e cincoenta Cavallos, e duzentos Infantes, e chegando de madrugada ao lugar, lhe sahiraõ ao encontro cem Soldados de pé, que tinha de presidio, e naõ querendo contender com os nossos de Cavallo, se meteraõ em hum matto visinho, e acometendo-os os nossos, foy o primeiro Pedro Lopes de Azevedo, a quem se lhe atascou o cavallo em hum atoleiro, de donde naõ podendo tirarse, foy morto pelos Mouros, e tambem junto a elle Vasco de Riocaldo, escudeiro de Pedro Gomes de Avreu. O Conde, ouvida esta desgraça, mandou cercar

Vay sobre a Aldea de *Albegual*, e o que nella obra.

Mortes de Pedro Lopes de Azevedo, e Vasco de Riocaldo.

cercar os Mouros, com ordem para matar a todos, e de facto morreraõ noventa e oito, e os dous os deixou vivos para tomar delles lingua, como fez logo, e soube, que o lugar estava deserto, e que os que nelle moravaõ, havia quatro dias tinhaõ passado para outro, o que se verificou depois, entrando nelle os nossos; com o que foy preciso ao Conde o retirarse, trazendo comsigo aquelles dous cadaveres, para lhe dar em Ceuta sepultura, como deu com effeito, e a Pedro Lopes com a distinçaõ devida à sua pessoa, cuja falta causou a todos grande sentimento, e muito mayor a seu irmaõ Martim Lopes, em que igualmente o acompanhou o Conde.

Traz o Conde os corpos comsigo para Ceuta.

937 Era já Abril de 1417. quando este tendo aviso certo, de que os Mouros (que pelo que depois se soube, constavaõ de vinte e cinco mil Infantes, e dous mil Cavallos) com numeroso Exercito vinhaõ sobre a Cidade, se preparou como convinha; e supondo que elles, como era Quaresma, escolheriaõ para o assalto o dia de sesta feira Santa, quando os nossos estivessem occupados nos Divinos Officios, ou quando descançassem do trabalho do dia, e noite antecedente, cuja presumpçaõ se confirmava com alguma noticia, mandou, que em todo aquelle tempo se tivesse, mais que em outro, a cautela, e vigilancia, que se fazia precisa em semelhante caso; o que lhe naõ valeo pouco, porque os Mouros ao amanhecer do dito dia foraõ vistos dos muros; mas como estes estavaõ bem guarnecidos, e os postos mais importantes occupados por pessoas de valor, e confiança, quaes eraõ Fernaõ Barreto, Alvaro

Vem os Mouros com grande poder sobre a Cidade.

Como se previne, e se defende o Conde.

varo Affonſo de Negrelos, Ruy de Souſa, Gil Lourenço, e outros, foraõ os Mouros rebatidos, e rechaçados com ſettas, e armas de arremeço, de ſorte, que gaſtaraõ todo o dia neſta operaçaõ, ſem que della tiraſſem mais fruto, que os muitos mortos, e feridos, que tiveraõ, em que entrou o meſmo Abú ſeu Cabo, que a naõ ſer ſoccorrido, ficara entre os primeiros; perdendo nós ſómente hum *Almocadem*, homem de grande esforço, e hum dos oito eſcudeiros, com que alli ſervia Ruy Mendes Cerveira, irmaõ de Alvaro Mendes, que neſte dia ſe portou com igual valor ao ſeu ſangue, como já havia moſtrado nas guerras de Inglaterra, e França.

Perda dos inimigos.

938 Paſſada a noite com a vigilancia neceſſaria, tornaraõ no outro dia os Mouros, mas com o meſmo, e peor ſucceſſo, porque em fim ficaraõ com muitos mais feridos, e mortos, e alguns delles principaes, com que de todo ſe retiraraõ, matandonos ſómente Pedro Annes Catalaõ, e ficando ferido hum Soldado, a quem pegou fogo na polvora, que comſigo trazia. O Conde agradeceo a todos o bem, que ſe houveraõ, e no dia ſeguinte ſahio fóra da Praça a fazer recolher alguns deſpojos, que os Mouros deixaraõ, e as quatro eſcadas, que traziaõ para ſobir os muros.

Com outra mayor tornaõ ſobre a Cidade, e ſe retiraõ.

939 Depois diſto, aproveitando-ſe o Conde do ſeu deſacordo, mandou correr as Aldeas viſinhas, para que deputou Alvaro Mendes Cerveira, Ruy de Souſa, Gil Lourenço d'Elvas, Pedro Vaſques Pinto, Joanne Annes Rapozo, e Joaõ Ferreira, com trezentos e trinta Infantes, e onze Cavallos, e elle com os que lhes reſtavaõ,

Sortida, que fazem os noſſos, e bom ſucceſſo della.

reſtavaõ, lhes foy ſegurar a retirada, quando os Mouros houveſſem de atacallos; porém elles o naõ fizeraõ, antes ſe foraõ das Aldeas; e como quando os noſſos chegaraõ, era já tarde, e o gado eſtava fóra, ſe tomaraõ ſem contradiçaõ oitocentas cabeças, além do muito paõ, e vinho, legumes, e roupas, que trouxeraõ das Aldeas, com alguns prizioneiros, que dellas naõ ſahiraõ.

940 Pouco tempo depois deſte ſucceſſo, mandou o Conde ſaquear outros lugares por ſeu tio Luiz de Ataide, eſcudeiro do Infante D. Pedro, e por Pedro Gomes de Avreu, que era hum Fidalgo, em que ſe falla acima, e que voluntariamente veyo ſervir naquella Praça, com muita gente ſua, aos quaes acompanharaõ Affonſo Marques, Ruy de Souſa, Gil Vaſques Portocarreiro, e Lopo Vaſques, e Diogo Vaſques ſeus irmãos, Gonçalo Vaſques Ferreira, Joaõ de Beça, Mem Soares, Pedro Affonſo, Lourenço Annes de Moraes, Joaõ Rodrigues Godinho, Nuno Martins, Martim do Pomar, e Gil Alberto, Fidalgos Aragonezes, e Joaõ da Villa, que antes ſó com tres companheiros, indo com outros deſcobrir a campanha, havia ficado nella, e tomado algumas linguas, que trouxera ao Conde, que depois de dar a ſeu tio Luiz de Ataide para eſta facçaõ duzentos e vinte Infantes, e cincoenta Cavallos, deixou para ſi trinta, que com alguns Soldados mais lhe ſegurava a eſcolta; mas ſobrevindo huma furioſa tempeſtade de trovoens, e chuva, com que ſe eſtremeciaõ os ares, e inundavaõ os campos, ſe ſepararaõ alguns dos companheiros de Luiz de Ataide,

Outra igual, e mais importante, ſem embargo de huma grande tempeſtade.

Ataide, mas naõ obstante esta falta, e cessada a tormenta, proseguio a empreza, que com esta demora deu lugar aos Mouros terem della aviso, e despejando as casas, retirarem-se aos mattos, aonde investidos dos nossos, foraõ despojados de tudo o que levavaõ, e trazendo alguns delles prizioneiros, se recolheraõ à Praça, com mais de quatrocentas cabeças de gado.

---

## CAPITULO CLXIII.

*Em que se prosegue o mesmo.*

Novo encontro com os Mouros, e como.

941 AOs 9. de Mayo seguinte, sahindo Joaõ Munhoz com doze companheiros, a descobrir o campo, viraõ quasi duzentos Cavallos, que vinhaõ em marcha; e dando aviso ao Conde, este se prevenio logo, e deixando guarnecida a Praça, foy com cem, que alli tinha, a encontrarse com os do inimigo; e para se certificar do numero delles, mandou reconhecellos por Martim do Pomar, Gonçalo Vasques Ferreira, Lopo Vasques Portocarreiro, e seu irmaõ Diogo Vasques, Fernaõ Rodrigues de Buarcos, Ruy Vasques Alcaforado, e Diogo Gil, Estribeiro do mesmo Conde: juntamente emboscou em hum valle a Joaõ Lopes de Azevedo, Ruy Pereira, e Martim de Castro, com vinte e seis escudeiros, e por sua atalaya poz a Martim Vicente; e avistando-se os Mouros, se achou ser muito mayor o numero, pois eraõ quinhentos Cavallos, com que foy necessaria mayor cautela, e cuidado

cuidado, para que os noſſos ſe naõ deſmandaſſem; e como aquelles viraõ os primeiros, correraõ de tropel ſobre elles, e ſahindo os da cillada, ſe travou huma forte eſcaramuça, que durou a manhãa toda, com morte de alguns ſeus, em que entrou o ſeu Cabo, que naõ era menos, que hum Infante, do que elles moſtraraõ notavel ſentimento; mas naõ foy iſto ſem que tambem o tiveſſemos da morte de tres eſcudeiros do Conde, Soldados dignos de toda a eſtimaçaõ, além de outros menos conhecidos, que tambem nos mataraõ. E porque neſte dia naõ houveſſe ſómente eſta deſgraça, nos cativaraõ nove homens, que tinhaõ pedido licença a Joaõ Pereira para irem a *Bulhoens*, e vindo a terra huma lancha de Mouros, os tomou a todos, ſem terem lugar de livrarſe, ou reſiſtirſe; havendo tambem precedido o infortunio, de que ſahindo a explorar a campanha Alvaro Guizado, e Bento Fernandes, com alguns companheiros, e chegando a *Angra*, os ſentiraõ os Mouros, e dando cincoenta ſobre elles, lhes mataraõ quatro, em que entrou Bento Fernandes, pagando com a vida a ſua confiança, quando naõ quiz retirarſe a tempo, como lhe dizia Alvaro Guizado, que pode eſcapar dentro no matto, ſó com dous homens, de donde depois ſahiraõ com grande trabalho, dahi a alguns dias.

Perda ſua, e tambem noſſa.

Prizaõ de alguns noſſos.

Morte de Bento Fernandes.

942 Naõ eraõ paſſados muitos, quando os noſſos Soldados, que andavaõ forrageando, com trinta Cavallos de eſcolta, foraõ aviſados das ſentinellas, que apparecia o inimigo; e dando parte ao Conde, diſpoz eſte logo tudo o neceſſario, e com os Cavallos, que

Vem outra vez os Mouros, e ſahe o Conde.

lhe ficavaõ, e alguma Infantaria, ſahio da Praça, acompanhado de Ruy Gomes da Sylva, Luiz Vaſques da Cunha, Lopo Vaz de Caſtellobranco, e outros, naõ ſó para fazer recolher o gado, que já andava fóra, mas os que forrageavaõ, de que eraõ guardas Gonçalo Nunes Barreto, Fernaõ Gomes de Lemos (que depois foy Senhor de Goes) e Joaõ Pereira, que já vinhaõ carregados dos Mouros, e naõ eraõ menos de trezentos Cavallos, e doze mil Infantes; porém Alvaro Mendes, que alli ſe achava, ſe lhe oppoz gritando, que voltaſſem a elles, e ſoccorridos dos que trazia o Conde, lhes fizeraõ roſto, de ſorte, que matandolhes vinte e cinco, ou trinta, todos os outros nos deraõ as coſtas, ainda que à cuſta de nos matarem hum eſcudeiro de Fernaõ Gomes, e os cavallos a Fernaõ Rodrigues, eſcudeiro delRey, e a Gonçalo Fernandes, eſcudeiro do Infante D. Duarte, e ferirem tambem a Mem Soares. Retirados os Mouros, ſoube depois o Conde, como elles eraõ muitos mais dos que ſe diſſe, e que com elles vinha o ſeu Capitaõ Abú, com intento de fazer prizioneiros todos os da forragem; como tambem lhes conſtou por aviſos certos, que ElRey de Granada, à inſtancia do de Fez, ſe prevenia para acompanhallo, e virem ambos a ſitiar a Praça, como ſe dirá adiante.

*Sorrida da Praça, e combate, que ſe lhe ſeguio.*

943 Depois diſto, ſabendo o Conde, que em certo lugar viſinho havia cem homens com pouca defenſa, mandou a Pedro Bugalho, com cento e vinte, para que o ſaqueaſſe; mas achando-o deſerto, por ſe haverem antes retirado a outro mais forte, ao recolherſe os noſſos, foraõ aſſaltados de hum grande numero

mero de Mouros; e ainda que com brevidade os ſoccorreo o Conde, houve huma rija eſcaramuça, em que ſe acharaõ Pedro Vaſques Pinto, Joanne Annes Rapozo, Vaſques Domingues, Gonçalo Nunes Barreto, Gil Lourenço d'Elvas, Luiz Vaſques da Cunha, Luiz Alvares da Cunha, Ruy Gomes da Sylva, Pedro Gonçalves, Joaõ Pereira, Alvaro Mendes Cerveira, Ruy Mendes ſeu filho, Lopo Vaz de Caſtellobranco, Alvaro Affonſo, Luiz Annes, Joaõ Ferreira, Joaõ Marçal, e outros; a muitos dos quaes mataraõ os cavallos, e tambem ao Conde, que por eſta cauſa, e por ſe achar ferido em huma perna, lhe foy preciſo retirar à Cidade.

Peſſoas, que ſe acharaõ nelle.

---

## CAPITULO CLXIV.

*Sobre a meſma materia.*

944 AOs 14. de Junho do meſmo anno, tocava a eſcolta da forragem a Lopo Vaz de Caſtellobranco, e tendo naquelle dia vindo ver ao Conde Gonçalo Fernandes Tavares, morador em Tarifa, e hum filho de Joaõ Rodrigues Cómitre, quizeraõ eſtes ir em ſua companhia; mas havendo ſinal de rebate, ſe ſuſpendeo a forragem, e o Conde entaõ mandou explorar o campo pelo meſmo Lopo Vaz, e Mem Soares, e elles ſahiraõ com quinhentos Infantes, e alguns Cavallos, em que hiaõ Ruy de Souſa, Lopo Vaſques Portocarreiro, Gonçalo Vaſques Ferreira, Gon-

Novo combate com os Mouros, e peſſoas, que nelle ſe acharaõ.

çalo Nunes Barreto, Fernaõ Barreto, Alvaro Mendes, Joaõ Pereira, Luiz de Ataide, Lopo Vasques, Fernaõ Gomes, Ruy Gomes, Luiz Vasques da Cunha, Ruy Mendes, Luiz Alvares, Joaõ da Veiga, Diogo Alvares, filho de Alvaro Rodrigues, Diogo Vasques, Artur Marques, Affonso Vasques da Costa, Gonçalo Affonso de Larim, Diogo Fernandes Homem, Gomes Dias, escudeiro do Infante D. Henrique, Gonçalo Annes, escudeiro de Luiz de Ataide, e outros, com os quaes foraõ tambem os dous, que tinhaõ vindo de Tarifa, e repartidos como convinha, atacaraõ os Mouros de sorte, que em pouco espaço de tempo, como elles traziaõ pouca Cavallaria, voltaraõ as costas, deixando cincoenta e sete prizioneiros, e muitos mais mortos, e ficando-o da nossa parte só sete cavallos.

Valor de Martim Lopes de Azevedo.

945 Aos 20. de Agosto teve aviso o Conde, por Joaõ de Alvarenga, que em certa paragem tinha visto oitenta atê cem Mouros, e mandando atacallos por Martim Lopes de Azevedo, cujo valor se distinguia sempre entre os outros, naõ teve lugar mais, que de matar dous delles, e os outros se valeraõ da fragosidade do terreno, para seguirem a fuga.

Manda o Conde tomar linguas, por lhe faltarem noticias do inimigo, e o que obraõ os nossos.

946 Passado algum tempo, e vendo o Conde, que lhe faltavaõ noticias do inimigo, que por muitas vias à custa da propria fazenda procurava, mandou a Pedro Vasques Pinto, e Joaõ Rodrigues Godinho, com vinte e tres escudeiros, a tomar alguma lingua; e passando estes o valle do *Negraõ*, sendo de madrugada, viraõ sahir da Aldea de *Albergar* hum moço com quantidade de gado, que trazia a pastar; e Diogo Vasques

Portocarreiro,

Portocarreiro, que ficava mais perto, o prendeo logo, e os outros conduziraõ o gado para a Cidade; mas ſabendo-ſe no lugar o roubo, ſahiraõ delle onze Cavallos, e mais de oitenta homens para recuperallo, mas os noſſos mandando-o diante com alguma guarda, fizeraõ alto a eſperar o inimigo, e eſte vendo a noſſa reſoluçaõ, ſuſpendeo a marcha, e ſó nos veyo obſervando a noſſa, quando nos retirámos; mas de modo, que ſó ficou ſendo teſtemunha do ſeu eſtrago.

947 Na noite de 9. de Dezembro, mandou o Conde a humas Aldeas, além da *Agua de Ramel*, ao meſmo Joaõ Rodrigues Godinho, e Martim do Pomar, com alguns Cavallos, em que eſte Fidalgo naõ quiz ir, ſenaõ a pé, para melhor moſtrar o ſeu esforço, de que neſta Praça deu taõ aſſinaladas, e repetidas provas; e o Conde os ſeguio com a gente, que julgou neceſſaria para eſta operaçaõ, a qual naõ teve effeito, porque as guias erraraõ o caminho, a que deu occaſiaõ o tenebroſo, e tempeſtuoſo da noite, com que foy preciſo voltar para a Cidade, o que o Conde fez, requerido pelos companheiros; e como era já dia claro, quiz ver ſe vinhaõ todos, e achou, que lhe faltavaõ Ruy Gomes da Sylva, Luiz Vaſques da Cunha, e Lopo Vaſques de Caſtellobranco; e fazendo diligencia por ſaber delles, ſoube, que como mais praticos na terra, unidos com Joaõ Rodrigues Godinho, que trazia comſigo oitenta Soldados, e doze eſcudeiros, tinhaõ ido às Aldeas, de que ainda tiraraõ quarenta vacas, e matando quatro Mouros, aprizionaraõ dous velhos; e eſperando por elles, ſe recolheraõ todos.

Sortida, que ſe malogra, e porque.

Como depois ſe rèpete, e por quem.

Pouco

Acçaõ louvavel de dous Cavalleiros, e facçaõ em que se achaõ.

948 Pouco tempo havia, que tinhaõ vindo militar em Ceuta dous Cavalleiros de notoria nobreza, e valor conhecido, quaes eraõ Estevaõ Soares de Mello, e Ruy Vasques de Castellobranco; e como desejosos de ganhar honra, pediraõ licença ao Conde para sahirem da Praça a alguma facçaõ, e como este lho permittisse, e lhes désse para isso trinta Cavallos, elles lhes pediraõ mais gente, e o Conde, ainda que contra as ordens Reaes, lhes concedeo mais quinze, com sessenta Infantes, para irem à Aldea de *Albergar*, de donde havia taõ pouco tempo se trouxera aquelle gado, e lhes nomeou por companheiros a Ruy Mendes de Brito, e Duarte de Brito, Pedro Dias, e Gomes Dias, Diogo Alvares, e Alvaro Tristaõ, Fernaõ Carvalho, e Joaõ de Queiroz, e outros escudeiros, assim dos Infantes, como tambem do Conde, e com elles Martim do Pomar, com que vinhaõ a fazer cincoenta de Cavallo; e sendo guia de todos Affonso Marques, errou o caminho, e gastando nelle a noite, quando chegaraõ à Aldea, era já de dia, e os Mouros em os vendo, a largaraõ logo, menos seis, que alli morreraõ, e assim tomaraõ cento e oitenta e tres cabeças de gado grosso, e algum miudo; mas recolhendo-se com elle, e indo muy chea a ribeira, que haviaõ de passar, tiveraõ nella grande trabalho, em que se houve com notavel esforço Lopo Vasques Portocarreiro, que foy o primeiro, que se lançou à agua, guiado de huma vaca, e depois fez passar os outros, sendo o ultimo de todos Fernaõ Gutterres, escudeiro do Conde, que depois de fazer rosto aos Mouros, que tinhaõ concorrido, vendo-os

Valerosa acçaõ de Lopo Vasques Portocarreiro.

Outra igual de Fernaõ Gutterres.

do-os parados, lhe foy preciso lançarse à agua, e ainda que sabia nadar, como vinha armado, foy duas vezes ao fundo, aonde naufragara, se elle neste perigo naõ tivera o acordo, a segunda vez, que surgio acima, de pegarse a huma lança, que lhe deitaraõ, e com que sahio a terra. Porém os Mouros cobrados da primeira indifferença, e vendo a nossa oppressaõ, se quizeraõ valer della, e passando o porto, se ajuntaraõ; e os nossos, antes que se unissem tambem os que vinhaõ concorrendo, os atacaraõ logo, e elles apoderados de novo temor, e susto, se foraõ retirando, e nós tambem seguindo, em que lhe matámos, e ferimos muitos, com que totalmente nos deixaraõ, e assim podémos recolher a preza; o que succedeo em 3. de Fevereiro do anno seguinte de 1418. no qual se veyo offerecer ao Conde, para servir com elle, Reymaõ de Corelhas, Fidalgo Catalaõ, o qual vinha de França com duas Galés, aonde tambem servira, e o Conde estimando como devia o soccorro, lhe agradeceo como pode a fineza.

Acçaõ generosa de Reymaõ de Corelhas.

949 Depois disto, vendo ElRey de Fez o pouco, que se utilizavaõ os Mouros nestes combates, mandou hum grande Capitaõ seu com muita gente, para virem a Ceuta, porém como a mais della era bisonha, e levantada por força, se tumultuaraõ no caminho, e mataraõ o Cabo, de que ElRey se sentio muito, e esteve para vir elle mesmo com todo o seu poder, o que sem duvida fizera, ou tivera feito, senaõ foraõ primeiro as grandes desunioens do seu Reyno, em que alguns queriaõ nomear outro Rey; e entaõ, a noticia, que lá corria

Intentos delRey de Fez, e porque sem effeito.

corria ( ainda que falſa ) de que ElRey de Portugal eſtava preparando huma Armada, para vir elle meſmo ſoccorrer a Cidade.

---

## CAPITULO CLXV.

*Em que ſe continûa a meſma.*

*Vid. Severim Not. de Port. pag. 44. e Nobil. Port. pag. 124.*

950 SEndolhe preciſo a Gonçalo Nunes Barreto vir a Portugal, a negocios de importancia, ficou ſubſtituindo o ſeu lugar de *Adail* ( officio celebre em Africa, e que algum tempo ſe uſou em Portugal ) ſeu cunhado Alvaro Affonſo de Negrelos, por merce do Conde; e eſperando eſte delle a meſma obſervancia das ſuas ordens, que experimentara ſempre em Gonçalo Nunes, eſte o fez tanto pelo contrario, que hum Domingo de Julho, dando licença o Conde para irem a buſcar fruta todos os que quizeſſem, pois eſtava ſegura a campanha; e achando-ſe nella hum pouco de feno, quiz mandar queimallo, mas elles lhes diſſeraõ, que melhor ſeria trazello para a Praça, o que ſeria facil, ficando junto à agua, donde podia vir em barcas; e como iſto ſe ajuſtaſſe para o dia ſeguinte, Alvaro Affonſo ſem eſperar as ordens, nem as horas, que ſe tinhaõ diſpoſto, e deſtinado, como tinha as chaves das portas, por ſer *Adail*, as abrio de noite, e mandando por mar huma barca, foy elle por terra ſó com hum eſcudeiro do Infante D. Henrique, chamado Gonçalo Vaſques, e chegando aô lugar aonde eſtava o feno, e deſembar-

Deſordem, e deſgraça do *Adail* Alvaro Affonſo.

desembarcados os que tinhaõ ido diante, e os que em outra barca mandara Luiz Vasques da Cunha, começavaõ a carregallo, a tempo, que sahindolhes de repente cento e cincoenta Mouros de pé, e quinze de Cavallo, foy tal o susto, e desacordo de todos, que Gonçalo Vasques deixando o cavallo, se lançou ao mar, e Alvaro Affonso, vendo que naõ podia tornar para Ceuta, foy para terra dos mesmos Mouros, parecendolhe, que de noite poderia sahir della, a quem acompanharaõ mais quatro, que seguidos por elles, foraõ logo mortos, pagando assim com a vida Alvaro Affonso a sua desobediencia, e os outros se recolheraõ às barcas, e deraõ aviso ao Conde, que mandou logo noventa Cavallos a ver se achavaõ alguma gente escondida no matto, e naõ a havendo, se recolheraõ; e elle entaõ cuidou em resgatar Affonso Munhoz, (que tambem era *Adail*) e os outros companheiros, que sahindo com elle a correr a campanha, pouco tempo havia tinhaõ sidos cativos, quando por erro, e conselho de Affonso Marques os fez seguir diverso caminho do que levavaõ, e em que vieraõ a cahir nas mãos dos Mouros, que logo a muitos delles tiraraõ as vidas; sendo em fim resgatados os outros a diligencias, e despeza do Conde, que para este fim, nem a huma, nem a outras perdoava.

Cativeiro do *Adail* Affonso Munhoz, e generosidade com que o Conde o resgata, e a seus companheiros.

951 O mesmo teve, que fazer o Conde com seu proprio genro, Ruy Gomes da Sylva, quando vendo o perigo em que estava Fernaõ Barreto, filho de Gonçalo Nunes Barreto, (que sahindo da Praça a divertirse com hum galgo, na fé de estar seguro o campo, se af-

Faz o Conde o mesmo a seu genro Ruy Gomes da Sylva, que por huma acçaõ heroica ficou prizioneiro.

faſtou tanto della, que foy aſſaltado pelos Mouros) ſe arrojou a defendello, com a pouca gente com que ſe achava, em que ſem poder livrar ao outro da morte, perdeo a liberdade; mas na ſua prizaõ conſervou tal ſegredo, e aſſim ſoube diſſimular a ſua peſſoa, que nunca os Mouros o tiveraõ, ſenaõ pela mais ordinaria, com que pode ſer reſgatado por inferior preço; porém quando viraõ a eſtimaçaõ com que os noſſos o recebe-raõ, accuſaraõ a ſua ignorancia, que com tudo naõ foy inutil ao que o teve cativo, porque ſuccedendolhe depois o meſmo, e ſendo tambem prizioneiro de Ruy Gomes, eſte o tratou de ſorte, que o Mouro deu por bem empregado todo o bom tratamento, que lhe fizera.

Acçaõ generoſa do meſmo.

Vaõ os noſſos ſaquear *Almarça.*

952 Tendo o Conde noticia, que no lugar de *Almarca* havia pouca defenſa, e que ſe foſſem cem homens por terra, e huma Fuſta por mar, com outros tantos, ſe poderia ſaquear livremente, ſe reſolveo a mandar por mar os duzentos, à ordem de Joaõ Alvares Pereira, e à de Gonçalo Vaſques Ferreira cem, que foſſem por terra; e ſuccedendo, que no meſmo dia caſualmente ſe aquartelaſſem nelle cento e cincoenta Infantes, e cem Cavallos, que tinhaõ vindo em ſoccorro delRey de Fez, e deſpedidos por elle, voltavaõ para as ſuas terras, ao ſahir do lugar, aviſtando alguns dos noſſos, (que os outros eſtavaõ divididos em duas cilladas) os acometeraõ logo, porém cahindo nellas, ſe pozeraõ em fogida, deixando ſete mortos, e tres prizioneiros, com todas as beſtas de carga da ſua bagagem, que naõ eraõ poucas, por virem entre aquella gente muita de diſtinçaõ; e querendo Gonçalo Vaſ-

Felicidade com que o conſeguem, e vencem ao inimigo.

ques

ques, que se recolhesse o despojo nas Fustas, e elles se retirassem, naõ o pode conseguir, por quererem antes trazello os outros por terra nas mesmas bestas; mas conduzindo-as com menos cautela, e com mais vagar do que era necessario, foraõ no caminho acometidos dos Mouros, que cobrados do seu desacordo, vieraõ a cobrar juntamente a honra, e a fazenda; e como nos acharaõ descuidados, e desaprecebidos, nos mataraõ, e prenderaõ quarenta e dous homens; e Gonçalo Vasques, vendo que naõ podia conduzir prizioneiros, nem cavallos, mandou matar a todos, e fazendo sinal a Joaõ Alvares para que com os seus o seguisse, se recolheraõ às Fustas, com grande trabalho, e naõ menor perigo, sendo este o mais fatal dia, que tiveraõ os nossos, e que lhes podera ser o mais felice, se a inveja, ou a ambiçaõ, naõ fizera em alguns seus nocivos effeitos.

Ambiçaõ, ou descuido com que o perdem, e ficaõ muitos prizioneiros, e mortos.

953 Passando-se algum tempo, sem que se soubessem os intentos dos Mouros, determinou o Conde fazer huma entrada nas suas terras, e acompanhado das pessoas principaes, que alli se achavaõ, penetraraõ cinco legoas do paiz, sem opposiçaõ, nem preza de importancia; e assim se recolheraõ, sem penetrar tambem os seus designios, e nesta acçaõ acompanhou ao Conde hum grande Senhor de Alemanha, que era tio do mesmo Emperador Sigismundo, o qual com muitos Cavalheros, e criados veyo àquella Cidade a armar alguns delles Cavalleiros, como fez, e entaõ se praticava, e foy assistido do Conde com aquella grandeza, e attençaõ, que se devia à sua pessoa, até que voltou para a sua terra.

Vay o Conde em pessoa ao paiz inimigo, mas com pouco fruto.

Acompanha-o hum grande Senhor de Alemanha.

## CAPITULO CLXVI.

*Como se deu principio ao cerco de Ceuta, e das cousas, que nelle houve.*

Primeiro sitio de Ceuta.

954 QUasi tres annos havia, que se tomara a Cidade de Ceuta, havendo no discurso delles as correrias, e combates, que se tem referido, sem que os Mouros podessem vir a porlhe sitio, pelas dissençoens, que entre elles passaraõ, principalmente ElRey de Fez com seu irmaõ, que pertendia o Reyno, e o trouxe inquieto em quanto lhe durou a vida, que elle finalmente lhe tirou; e ElRey de Marrocos com hum Grande do seu Reyno, que se lhe rebellara, e que por poderoso, naõ podia castigallo; e assim por mais instancias, que fez ElRey de Granada, como o mais prejudicado na visinhança desta Praça, nunca pode persuadillos à sua conquista; porém agora, que socegadas estas turbulencias, teve elle mais acçaõ para repetilla, e elles menos desculpa para deixalla, junto o poder de todos, e assentadas as condiçoens de que no caso, que se tomasse, ficaria Ceuta a ElRey de Granada, e a seus successores, dandolhe elle aos dous igual equivalente, se resolveraõ em fim a vir sitialla; e assim appareceraõ sobre ella hum Domingo 11. de Agosto de 1418. e o Conde, que havia dias tinha noticia da sua vinda por Gonçalo Esteves Tavares, morador em Tarifa, se começou a prevenir, e fez recolher as atalayas,

Diligencias delRey de Granada para elle.

Como, e quando se lhe poem.

Como o Conde se previne.

layas, e guarnecer os poſtos mais importantes; e como ainda ſe naõ deſcobria todo o poder do inimigo, mandou a Diogo Vaſques Portocarreiro por mar a hum ſitio eminente, a ver o que lhe parecia, e elle lhe trouxe por repoſta, que a gente era tanta, que naõ podia numerarſe; entaõ o Conde fez ſahir alguns Béſteiros, e Cavallos, governados por Joaõ Lopes de Azevedo, os quaes entretiveraõ o dia com algumas eſcaramuças, até que a noite os fez recolher à Cidade, e os Mouros aos ſeus alojamentos, os quaes no dia ſeguinte ſe vieraõ chegando para ella; e o Conde depois de diſcorrella toda, mandou por guarda da *Almina*, a Fernaõ Barreto ſeu ſobrinho, com ſeſſenta Cavallos, e outros tantos Béſteiros, em que entravaõ o meſmo Joaõ Lopes de Azevedo, Ruy Vaz Pereira, Martim de Caſtro, Joaõ da Coſta, Affonſo Marques, e outras peſſoas principaes, com ordem para ſe opporem a qualquer deſembarque; e ordenou, que ſahiſſem quinze Cavallos a eſcaramuçar com o inimigo, a fim de o trazer junto dos muros, de donde os tiros lhe fizeſſem damno, como fizeraõ, matando alguns delles, o que durou até à noite, revezando-ſe os noſſos como perto da Praça; e os Mouros entaõ lhe diziaõ, *que eſperaſſem, que elles lho pagariaõ como vieſſe a Armada*; e o Conde, certificado da ſua vinda, dobrou todas as rondas, e vigias do mar, e elle meſmo andou toda a noite obſervando as da terra, o que lhe foy bem neceſſario neſta, e na ſeguinte, em que os Mouros naõ ceſſaraõ de correr os muros, como tambem de dia, no qual começou a apparecer a Armada, e elle entaõ na certeza do combate, que lhe era

Primeira eſcaramuça dos noſſos.

Diſpoſiçoens do Conde.

era inexcusavel, com rosto alegre, e sereno fallou a todos, animando-os para esperallo, e segurandolhes, que em tudo lhes seria fiel companheiro, e que estivessem certos do soccorro, porque elle já tinha avisado a ElRey, o qual era sem duvida os naõ deixaria perecer, nem tambem de os premiar, além de terem sempre certo o premio eterno, contendendo pela Fé, e pela exaltaçaõ do nome de Deos; com cujas palavras conceberaõ todos grande esforço, e se offereceraõ para dar as vidas nesta justa defensa.

Como anîma aos seus.

955 Junto à Praça havia hum valle muito delicioso, chamado de *Bulhoens*, em que já se tem fallado, aonde os Mouros tinhaõ suas Quintas, e Jardins, e aonde costumavaõ vir a divertirse; nelle havia huma Torre sobranceira ao mar, de bastante força, a qual com aquellas Quintas tinha ElRey dado a Joaõ Pereira, a quem elle as pedira, e nella tinha o presidio necessario, aonde elle mesmo assistia muitas vezes; porém sendolhe preciso vir ao Reyno, a deixou encomendada a Fernaõ Gonçalves d'Arca, Alcaide môr de Tavira, que nella se achava só com nove homens, quando vieraõ os Mouros; e ou fossem, que por serem taõ poucos, ou por algum engano, (como outros dizem) foy entrada a Torre, ficando prizioneiros todos os que alli estavaõ; sobre cujo resgate veyo logo fallar ao Conde hum Mouro, que dilatando-se na conferencia mais do que os seus queriaõ, o mandaraõ retirar, e elles se foraõ avisinhando aos muros, sem embargo das settas, que delles se despediaõ, e quasi todas se empregavaõ; e como carregassem com mayor poder sobre a porta da

De quem era a Torre de *Bulhoens*, e como os Mouros a tomaraõ.

Chegaõ-se estes à Praça, e como esta se defende.

da *Barreira*, mandou o Conde diſparar a artilharia, que nella tinha, e apanhando-os juntos, fez nelles grande eſtrago, e foraõ tantas as mortes, que elles em fim ſe affaſtaraõ; e neſta occaſiaõ obraraõ, como ſempre, Gil Vaſques, Joaõ da Veiga, Fernaõ Rodrigues de Buarcos, Affonſo Prego, Diogo Vaſques Portocarreiro, Gomes Fernandes, Diogo Gil, Eſtribeiro do Conde, Alvaro Mendes, e ſeu irmaõ, e outros.

956 Na meſma manhãa ſahiraõ da enſeada, em que ſe tinhaõ metido, as embarcaçoens dos Mouros, e vieraõ ſobre a *Almina*, e fazendo a ſua viſta alguma alteraçaõ nos noſſos, ſabendo-o o Conde, veyo a ſocegallos, e novamente lhes ordenou naõ deixaſſem os ſeus poſtos, nem diſparaſſem ſenaõ com a certeza de empregarem os tiros, e que eſtiveſſem certos, que elle os ſoccorreria, e na praya de *Almina* naõ faltaria quem embaraçaſſe o deſembarque aos Mouros, como depois fizeraõ os Béſteiros, que a primeira vez totalmente lho impediraõ; porém carregando todos, naõ ſó contra a praya, mas ao meſmo tempo pela parte da terra contra as muralhas, ſe deu hum geral, e furioſo aſſalto, ſendo o mais forte contra a Torre de Fez, e ſobre huma das *Couraças*, que defendia Gonçalo Velho, criado do Infante D. Henrique, (que depois foy Commendador de Almourol, e da Ilha de Santa Maria) o qual depois de ſuſtentar muito tempo o combate, e naõ ſe achar já ſenaõ com hum ſó Béſteiro, lhes foy preciſo deixar o lugar, e fazerſe forte em huma ladeira, até que ſoccorrido do Conde, ainda que à cuſta do ſeu ſangue, tornou a cobrar o poſto, que reforçado com

Chega a deſembarcar a ſua Armada.

Da-ſe hum aſſalto geral.

com mais gente, defendeo todo o dia; e o Conde entaõ veyo acodir a outros, que naõ menos neceſſitavaõ de igual ſoccorro, em que naõ deſcançava, ſendo tal o goſto dos que lhe aſſiſtiaõ, que até as mulheres, deſmentindo o ſexo, e tal vez o trage, ajudavaõ, e concorriaõ para a defenſa da Praça, que até à noite foy aſſaltada dos Mouros, que em fim ſe retiraraõ com mayor perda, que reputaçaõ.

Retiraõ-ſe em fim os Mouros.

## CAPITULO CLXVII.

*Em que ſe continûa a meſma materia.*

957 NO outro dia, que era quarta feira, ſuſpendendo os Mouros algum tanto os combates, mandou o Conde fazer algumas obras para defenſa da praya, e fez ſahir da Praça Affonſo Prego, e Joaõ Moreno com alguns Cavallos a eſcaramuçar com os Mouros, a fim de os trazer a tiro das muralhas, o que com effeito ſe conſeguio, com perda conſideravel da ſua parte. Neſte meſmo dia ſe achou menos hum Mouro principal, que era prizioneiro de Nuno de Goes, o qual fogio por hum cano, e deu conta aos outros do eſtado da Praça, o que o Conde naõ deixou de ſentir, como tambem o engano, que, a inſtancia dos Mouros, fez com capa de amiſade Joaõ Eſteves Serrabodes, que foy cativo em *Bulhoens*, a Lourenço Affonſo, que hia por mar a deſcobrir as Fuſtas dos Mouros, que em fim o cativaraõ, e lhe tomaraõ a ſua; e quando os

Segunda retirada com igual perda.

Foge hum Mouro principal da Praça.

Engano, que nos fez Joaõ Eſteves.

Prizaõ de Lourenço Affonſo, e da ſua Fuſta.

os Mouros ſouberaõ, pelo que havia fogido, a occupaçaõ dos noſſos, quizeraõ vir outra vez deſembarcar na *Almina*, mas defendida a praya, houveraõ de retirarſe.

958 Na quinta feira, que era dia da Aſſumpçaõ glorioſa de Noſſa Senhora, em que os Mouros nas ſuas Profecias achavaõ, que haviaõ de entrar a Cidade, correraõ para ella com todo o ſeu poder, por terra, e por mar, e foraõ com igual esforço recebidos, e rechaçados, ſendo a *Couraça* nova a mais rijamente combatida, porém nunca entrada; e aſſim tambem a Torre de Alvaro Mendes; e como por toda a parte nos aſſaltavaõ os Mouros, reforçando ſempre os ſeus, vendo a ſua pertinacia alguns dos noſſos Béſteiros, como gente ordinaria, deſampararaõ o muro, e foy neceſſario ſupprirem a ſua falta alguns eſcudeiros, que alli ſe achavaõ, aos quaes o ſangue, e o valor enſinava o que nelles naõ era, nem podia ſer officio, e de tal modo o exercitaraõ, que os Mouros ſe detiveraõ; e guiados entaõ pelo Mouro, que havia fogido, foraõ buſcar o cano, porque cabiaõ dous homens em pé, e emparelhados, e com effeito o entrariaõ, ſe Affonſo Pires, eſcudeiro do Conde, que alli acaſo eſtava, ſe lhe naõ oppozera, e matara o primeiro; mas ſobrevindo os outros, lhe ſuccedera o meſmo, ſe lhe naõ acodira hum homem, que com huma ſó maõ, que tinha, deu lugar a que elle cobraſſe a ſua lança, que lhe haviaõ ganhado os Mouros, e foſſe ferindo nelles, ajudado já de outros, com que os Mouros ſe tornaraõ por onde vieraõ.

Vem os Mouros ſobre a Cidade, por mar, e por terra.

Deſampararaõ o muro alguns Béſteiros, cuja falta ſupprem os eſcudeiros.

Buſcaõ os Mouros o cano, e ſaõ rebatidos.

Valor de Affonſo Pires.

Esforço de Martim de Castro.

959 Martim de Castro, vendo, que em huma parte do muro haviaõ já sobido os Mouros, saltou nelle, e o defendeo com valor igual ao seu sangue; mas já neste tempo haviaõ elles desembarcado, e vencido toda a opposiçaõ dos nossos, e os do muro com esta noticia alguns delles começaraõ a temer, que lhes succedesse o mesmo na Cidade; e o Conde sabendo isto, mandou alguns escudeiros seus para aquella parte, e passando por elles, lhes deu a entender, que elle mesmo ordenara os deixassem vir a terra para os colher juntos, e naõ lhe ser necessario dividir a sua gente; e elles animados entaõ com estas palavras, cobraraõ novo esforço, e o Conde mandou logo por Joaõ Soares dizer isto mesmo a todos para confortallos, o que elle executou com promptidaõ, e actividade, igual ao desejo de exercitarse no serviço delRey, e tambem de huma Senhora, a quem pertendia, e galanteava.

Industria de que se val o Conde.

Como lhe aproveita.

960 Naõ aproveitou pouco esta industria do Conde, porque com este aviso se esforçaraõ todos, e assentiraõ menos aos pensamentos, que lhes fazia ter hum taõ furioso, e terrivel combate. Neste mesmo tempo chegou Martim Vicente de Vasconcellos, e disse ao Conde, que eraõ necessarios no muro mais Bésteiros, e com effeito foy com alguns Gil Affonso; e o Conde disse a Gonçalo Vasques, que se a maré désse lugar, sahisse pela porta do mar, com Joaõ Lopes de Azevedo, Ruy Vasques Pereira, e outros, a dar sobre o inimigo, o que elles fizeraõ com taõ feliz successo, que obrigando a recolher os Mouros às suas Fustas, e naõ podendo estas sahir por estar em seco, ficando expostos

Sahem os nossos pela porta do mar, e daõ sobre o inimigo, que em fim se retira com grande perda.

aos

aos noſſos tiros, poucos foraõ os que alli eſcaparaõ de feridos, ou mortos. Naõ foy menor o eſtrago pela parte da terra, em que ſe contendia taõ valeroſamente, que em fim os Mouros foraõ cedendo dos combates, e affaſtando-ſe pouco a pouco dos muros; e ſabendo em fim o ſucceſſo da Armada, ſe houveraõ de retirar com grandiſſima perda, que depois lamentaraõ, naõ menos, que a da Cidade. Neſta, como já diſſe, ſe portaraõ com coraçoens varonis até as mulheres, entre as quaes ſe ſingularizaraõ Leonor Affonſo, mulher de Lopo Martins, e Catharina de Santiago, mulher ſolteira, as quaes ambas mataraõ, e feriraõ por ſuas mãos alguns Mouros, naõ fallando na mulher de Ruy Gomes, que ao ſeu lado o ajudou ſempre em todos os combates. Durou eſte todo o dia de Noſſa Senhora, em que ella quiz fazer verdadeira, naõ a eſperança dos Mouros, mas a noſſa experiencia, ſendo ſempre fauſto eſte dia, e a ſua Veſpera para ElRey D. Joaõ o I. como ſe vê em muitas partes deſtas Memorias. Nelle obraraõ proezas todos eſtes Cavalheros, que tendo o melhor exemplar no Conde, deixaraõ rubricadas até com o ſeu ſangue tantas, e taõ raras façanhas. Naõ foy o deſpojo grande, que a ſua bagagem era de pouca importancia, e ſó nos deixaraõ as eſcadas, que naõ poderaõ levar, as quaes parece, que foraõ feitas de propoſito para o intento, por ſerem de altura proporcionada aos muros; e porque nos naõ aproveitaſſemos da lenha, que tinhaõ junta, lhe pozeraõ fogo, e com iſto em fim ſe retiraraõ; e como a Armada eſtava ſobre ferro, na meſma paragem em

Mulheres, que ſe ſingularizaraõ neſta defenſa.

Dia ſempre feliz para ElRey.

Deſpojo do inimigo.

 que

que primeiro ſe havia eſcondido, mandaraõ fóra huma Fuſta, que o Conde quiz, que Joaõ Soares tomaſſe, o que por culpa dos que governavaõ a ſua, naõ teve effeito. Naõ ſuccedeo aſſim a Diogo Vaſques, que ſahindo à meſma diligencia, lhes tomou duas lanchas, que eſtavaõ entre huns penedos; e outra, que hia à véla, ao ver os noſſos, encalhou em terra.

Tomaõ-ſelhe duas lanchas.

## CAPITULO CLXVIII.

*Do que paſſou o Conde com os Mouros, depois de retirados.*

961 Etirados os Mouros, logo no outro dia fez o Conde reparar os muros, e ſem embargo do trabalho paſſado, ſe ordenou, e diſpoz tudo o que pareceo conveniente para a defenſa da Praça, em que o Conde ſó parece, que achava deſcanço na meſma fadiga, a que tambem o obrigava, naõ ſó a ſua prevençaõ coſtumada, mas a noticia, que tivera de que aquelles haviaõ de vir outra vez ſobre a Cidade. Depois diſto lhe enviou com carta ſua o Alcaide de *Alcacer* os prizioneiros, que lhe tomara, deſculpando-ſe de o naõ ter antes feito; e com eſtes vieraõ tambem dous Mouros, aos quaes o Conde tratou com muita benignidade, e fallou no reſgate de Ruy Gomes da Sylva, e dos mais, que lá tinhaõ ficado; e como elles menos obſervantes da ſua Ley, naõ duvidaraõ beber vinho, o Conde aproveitando-ſe da occaſiaõ, e fazendolhe varias

Tem o Conde noticia de que os Mouros tornaõ ſobre a Cidade.

rias promessas, pode saber delles o que se determinava sobre Ceuta, que era tornarem à mesma empreza, para que já ficavaõ prevenindo-se; e entaõ soube tambem, que os que a combateraõ, passavaõ de cento e vinte mil homens, e que se acharaõ mortos no campo tres mil, além dos feridos, que eraõ innumeraveis, cuja noticia havia já mandado ao Conde Ruy Gomes da Sylva.

Como, e porque vias se confirma.

Perda com que elles se retiraõ a primeira vez.

962 Tendo o Conde esta certeza, avisou logo a ElRey por dous criados seus de confiança, e intelligencia; e para irem com mais brevidade, os passou a *Tarifa* Diogo Vasques na sua Fusta, e Fernaõ Gomes levou na sua a *Alcacer* os Mouros, e de caminho encontrando huma delRey de Granada, em que hia o seu Embaixador para Fez, a seguio, e tomou, com algumas cartas, que nella deixaraõ os Mouros, com a pressa com que saltaraõ em terra, pelas quaes se certificou dos seus intentos o Conde; e para mais segurarse, mandou a Diogo Vasques, que como pratico no paiz, fosse ver se podia tomar alguma lingua, e elle com effeito trouxe cinco almocreves, que hiaõ carregados com farinhas, pelos quaes se inteirou de todos os seus designios, e soube, que se ajustara o tratado entre os dous Reys, e que Zalá Benzalá se havia feito vassallo delRey de Granada, e outras cousas mais sobre esta materia, de que tambem avisou a ElRey, que quando recebeo as suas cartas, estava doente, e fóra de Lisboa, e assim encomendou aos Infantes D. Duarte, e D. Henrique, aviassem logo o soccorro, como fizeraõ, e o mesmo D. Henrique pedio licença a seu pay para ir levallo,

Avisa o Conde a ElRey.

Manda este logo prevenir o soccorro.

Pede licença para levallo o Infante D. Henrique, que ElRey lhe concede, e se naõ effeitua.

vallo, que lhe foy concedida, e a ſeu irmaõ o Conde de Barcellos; e eſtando para partirem, veyo noticia de que os Mouros ſegunda vez ſe haviaõ retirado, com que entaõ por voto do Infante D. Duarte ſe mandaraõ ao Conde ſeiſcentos homens, entre os quaes hiaõ D. Fernando de Noronha, que depois foy Conde de Villa-Real, e genro do meſmo Conde D. Pedro, como ſe diz a diante, Pedro Vaſques, e Joaõ Vaſques, filhos de Joaõ Vaſques, que havia vindo de Inglaterra, aonde militara com grande valor, Joaõ Pereira, chamado da Maõ, Ruy Borges de Souſa, e Luiz Gonçalves, que depois foy Rico-Homem, e Védor da Fazenda, Vaſco Martins d'Albergarſa, Joaõ de Almeida, e outros muitos eſcudeiros eſcolhidos, indo por Cabo de todos D. Joaõ de Noronha, irmaõ de D. Fernando, os quaes dentro em tres dias chegaraõ a Ceuta; para onde depois tambem foraõ do Algarve Carlos Peçanha, filho do Almirante, e Affonſo Vaz da Coſta, levando comſigo toda a gente, que poderaõ, como já haviaõ feito do Porto Fernaõ de Sá, ſeu Alcaide môr, Diogo Soares, e outros.

*Soccorro, que ſe lhe manda, e qual.*

963 Eſtando juntos todos, como o ſeu deſejo era exercitarem o ſeu esforço, ſentiraõ muito naõ ter occaſiaõ de moſtrallo; e ſendo já paſſado hum mez ſem novo rebate, alguns houve, que entenderaõ, que o trabalho do primeiro ſitio deixara ao Conde com tanto receyo do ſegundo, que ſó com eſte motivo ſolicitara o ſoccorro; e em fim lhe diſſeraõ os mais delles, que queriaõ vir para o Reyno, e elle lhes reſpondeo com todo o ſocego, que faziaõ bem, pois ſendo já quaſi Inverno,

*O que ſentem, e murmuraõ do Conde.*

*Querem em fim voltar para o Reyno.*

verno, ſe deſvaneciaõ os temores de os Mouros tornarem; e elles, que niſto meſmo ſe confirmavaõ, deraõ logo ordem a embarcarſe, principalmente por ſe aproveitarem do vento Levante, que corria, e com que ſó podiaõ vir para Portugal; mas Deos, que ordenava outra couſa, foy ſervido voltallo ao Poente, (que he o contrario, e ſaõ os dous com que ſe navega aquelle Eſtreito) com que os deteve alguns dias, eſperando ſe viraſſe; e neſte tempo appareceo huma noite ſobre certo monte hum grande fogo, que durou quatro horas; e como o ſinal, e o ſitio era conhecido do Conde, pelo qual tinha aviſos certos da vinda dos Mouros, ſe começou a prevenir logo, e feito Conſelho, ſe ajuſtou aviſarſe a D. Joaõ de Noronha, para que deſembarcaſſe a gente, que com eſte recado começou a murmurar do Conde com mayor ſoltura, dizendo, que elle com qualquer fogo, que viſſe dos Paſtores, naõ ſó ſe inquietava a ſi, e aos que com elle eſtavaõ, mas tambem a ElRey, e ſeus Vaſſallos, e outras couſas ſemelhantes, de que brevemente ſe deſenganaraõ, quando no outro dia viraõ ſahir da bahia de Gibraltar ſeſſenta e quatro vélas, entre Galés, Galeotas, e Fuſtas, e outras embarcaçoens, as quaes vieraõ até a ponta de *Almina*; e como aquella gente era toda de Granada, e pratica na guerra, e traziaõ por Capitaõ hum Mouro valeroſo, e experimentado, que ſe chamava Muley Zaide, por conſelho deſte ſe moſtrou querer deſembarcar naquella parte, para que a ella acodiſſem os noſſos, e que entaõ elle com o reſto da gente iria tomar terra no porto do *Barbaçote*.

Como o tempo lho impede, e depois o inimigo.

Vem os Mouros ſobre Ceuta.

Induſtria de que uſaõ.

Com

964 Com esta resolução, e fingimento deu fundo a Armada em *Almina*, e o Conde repartindo a sua gente, perguntou a D. Joaõ de Noronha, em que lugar queria, que o pozesse, pois elle o naõ tinha alli senaõ como companheiro no governo daquella Praça; e D. Joaõ com a modestia, que lhe dictava o seu grande nascimento, por ser (como filho do Conde de Gijon) neto de dous Reys D. Fernando de Portugal, e D. Henrique II. de Castella, lhe respondeo, que elle naõ viera alli para mandar, senaõ para obedecer, e que com muito gosto faria tudo o que lhe ordenasse; entaõ o Conde depois de lhe agradecer acçaõ semelhante, lhe nomeou o mesmo posto de *Almina*, sobre que estavaõ os Mouros, como lugar mais honroso, por mais arriscado, ao que entaõ parecia, e depois se verificou, como se dirá a diante.

Acçaõ generosa de D. Joaõ de Noronha.

965 Partio D. Joaõ para o lugar destinado, e com elle foraõ, além dos que o acompanhavaõ, Pedro Vasques de Almada, e seu irmaõ Luiz Vasques da Cunha, Affonso Pereira, Joaõ Pereira Agostim, o filho do Almirante, Alvaro Barreto, Martim de Castro, Martim Lopes de Azevedo, e outros; e os Mouros entaõ, vendo a mayor força dos nossos sobre a *Almina*, vogaraõ com as suas Galés para a *Conraça*, que investiraõ com grande poder, e violencia; porém sendo rechaçados, e vendo Muley Zaide, que naõ podia ganhar terra por aquella parte, deixando nella a gente necessaria, foy com duas Galés rodeando o monte, até que livremente pode saltar nelle, e quando os nossos o advertiraõ, já haviaõ desembarcado mil e quinhentos homens,

Saltaõ os Mouros em terra.

mens, que o hiaõ ſobindo. Entaõ ſe apartou dos outros Luiz Gonçalves de Albergaria, com Joaõ das Aguias, Affonſo Pereira, e Nuno de Barros, que ſe achavaõ montados, e rebatendo os Mouros, mataraõ logo quatro; e como eſtes ao primeiro impulſo ſe affaſtaſſem, e os noſſos os ſeguiſſem, quando quizeraõ voltar, naõ acharaõ por onde, porque coberto o caminho de Barbaros, lhes foy preciſo fazello, rompendo por todos, e recolherſe às portas da Cidade, aonde já ſe haviaõ retirado D. Joaõ, e ſeus companheiros, impelido de taõ numeroſa copia de combatentes, porém naõ o fizeraõ tanto a ſeu ſalvo, que naõ cuſtaſſe a vida a Joaõ das Aguias, que logo alli foy morto, e ferido Affonſo Pereira, e Nuno de Barros, a quem mataraõ o cavallo; o que vendo D. Joaõ, ſahio outra vez aos Mouros, e matou logo ſete, à cuſta do ſeu illuſtre ſangue, que derramou por huma grande ferida, de que depois morreo em *Almodovar*; e como eſtes cada vez mais creſciaõ, tendo livre o deſembarque, foy preciſo a D. Joaõ recolherſe à Cidade, levando muitos feridos, e alguns mortos; e ſuppoſto, que a perda dos Mouros foſſe muito mayor, pelo ſeu grande numero era quaſi inſenſivel.

Valor de quatro Cavalleiros, e morte de Joaõ das Aguias.

Fica D. Joaõ ferido, de que depois morre.

## CAPITULO CLXIX.

*Em que se prosegue a mesma materia, até os Mouros levantarem o sitio, e chegarem os Infantes.*

966 OS Mouros, que combatiaõ por terra, sabendo que era ganhada a *Almina*, cobraraõ novo esforço, e assim como quem tinha já esperanças certas da vitoria, assaltaraõ taõ furiosa, e porfiadamente a Praça, que os nossos por muitas vezes a viraõ perdida, e debilitadas as forças com taõ continua fadiga, ainda se viaõ mais cançados no espirito, assombrando-os tanta multidaõ de Barbaros, que enchiaõ a terra de modo, que parecia, que ella os estava reproduzindo. Só o Conde com o semblante sempre alegre, e risonho, naõ cessava de animar os seus, e pondo em Deos as suas esperanças, estimava o perigo para assim mais realçar o milagre. Em fim, cançados já os Mouros de combater, ou de se revezar, foraõ afrouxando o combate, que durou com o mesmo furor desde as dez horas da manhãa, até as tres da tarde; e recolhendo os mortos, e feridos, deixaraõ por aquelle dia a peleja, que continuaraõ com o mesmo vigor no seguinte, principalmente os da parte de *Almina*, como mais destros no militar exercicio, e que tinhaõ certezas de levar a Cidade. Os da parte da terra, vendo, que naõ podiaõ ganhar os muros, fizeraõ conduzir duas Bombardas, que assestaraõ contra elles, e conhecendolhe

Suspendem os Mouros o combate daquelle dia.

nhecendolhe o Conde o intento, fez armar dous engenhos contra as taes Bombardas, e carregando-os logo, fez obſervar o tempo em que elles queriaõ diſparallas, e com pontaria certa contra ellas, mandou dar fogo com taõ feliz ſucceſſo, que empregando o tiro em huma, a deixou em pedaços, matando juntamente o Meſtre, com que os Mouros naõ quizeraõ uſar da outra.

Como o Conde lhe impedo as Bombardas.

967 Vende-ſe o Conde cercado, e com tanto aperto, por via de Tarifa o fez ſaber a ElRey, que logo deu ordem a novo ſoccorro, com o Infante D. Henrique; e como neſtes dias em que teve o aviſo, durava ainda o nojo pela morte de D. Brites Gonçalves de Moura, que havia falecido em hum delles, e como Senhora taõ grande, tinha naõ ſó recolhidos muitos Fidalgos, com quem aparentava, mas occupados outros, que haviaõ ido acompanhar o ſeu corpo à Villa de Sarzedas, aonde tinha o ſeu jazigo, ſe lhe mandaraõ proprios, e a outros tambem, que haviaõ de embarcarſe; e ſabendo-o o Infante D. Pedro, que eſtava nas ſuas terras, veyo pela poſta com tençaõ de ir com elles, ſem que ElRey o ſoubeſſe, temendo lhe negaria a licença, ſe lha pediſſe; mas querendo como Principe Catholico confeſſarſe antes, veyo a dizer quem era, e o Frade inadvertidamente, em hum Sermaõ, que depois fez ao Povo, encomendando a Deos o bom ſucceſſo deſta expediçaõ, nomeou eſpecialmente ao Infante, como quem ſabia, que havia de ir a ella, e que eſtava na Cidade, com que a eſte lhe foy preciſo deſcobrirſe, e declararſe com ſeu pay, que ul-

Aviſa o Conde novamente a ElRey, que lhe manda novo ſoccorro, com o Infante D. Henrique.

Vem o Infante D. Pedro das ſuas terras para o meſmo effeito, e porque o naõ teve.

timamente lhe negou a licença, e a seu irmaõ D. Duarte, que pedia a mesma, e só lhes foy permittido, e mandado, que fossem para o Algarve, para dahi administrarem o que lhes parecesse necessario; e que o Infante D. Henrique, com o Infante D. Joaõ, que entaõ tinha já dezoito, ou dezanove annos, fossem com o soccorro a Ceuta, o que assim se executou, como filhos taõ obedientes, e chegando ao Cabo de S. Vicente, acharaõ huma embarcaçaõ de Mouros, carregada de trigo, que tomaraõ, e que depois lhes foy muy conveniente.

Tomaõ no Algarve huma embarcaçaõ de Mouros.

968 O Conde, vendo-se cada vez mais apertado, e duvidando se o aviso, que mandou a ElRey, lhe fora dado, se resolveo a fazerlhe outro por Affonso Garcia de Queiroz, em huma Fusta das melhores, que tinha, e com bastante gente, o qual partio logo, e desembocando o Estreito, deu vista da Esquadra de navios Portuguezes, que em razaõ do tempo naõ podiaõ entrallo; entaõ Affonso Garcia disse aos companheiros a felicidade da sua viagem, pois com taõ pouco trabalho havia conseguido o que buscava, e encaminhando a Fusta para o navio em que vinhaõ os Infantes, foy a bordo delle, e contandolhe o estado em que ficava a Praça, elles estimaraõ o vir ainda a tempo de soccorrella, e castigar o atrevimento daquelles Barbaros; e fazendo logo Conselho, se assentou, que naõ convinha desembarcar de noite, e juntamente se ajustou a fórma do desembarque; e como o vento era contrario, tiveraõ mais trabalho, e passando por *Tarifa*, foraõ logo vistos de *Gibraltar*, aonde ElRey de Granada estava

Tardando o soccorro, torna o Conde a avisar a ElRey.

Encontra-se o soccorro.

Entra o Estreito, e como os Mouros à sua vista levantaõ o sitio.

va para embarcarse, e vir ao cerco; e sentindo como devia este soccorro, quiz fazer sinal delle aos que estavaõ no sitio; e assim mandou logo accender varios fogos, que os sitiadores interpretaraõ indicio da sua vinda, e com que mais se animaraõ a combater a Praça, mas repetindo-se aquelles por todas as partes, e duvidando da causa, mandaraõ ao Castello de *Almina* descobrir o Estreito, para ver se havia algum navio, e apparecendo dous nossos, se lhes fez sinal com dous fogos, que era o que se tinha dado, para que se fizesse hum fogo por cada navio, o que assim se continuou até doze; e vendo o explorador, que eraõ muitos mais, naõ se cançou em os contar, antes accendendo muitos fogos juntos por todas as partes, quiz mostrar, que eraõ tantos, que naõ podia numerallos. Entaõ os Mouros com esta certeza ficaraõ taõ consternados, principalmente os que estavaõ da parte de *Almina*, que Muley Zaide vendo o seu desacordo, mandou logo, que as Galés, e Fustas, que se achavaõ no *Barbaçote* dobrassem o cabo do monte, e viessem todas receber os Mouros, que podessem; porém ellas pela mesma causa se naõ atreveraõ a fazello, e só huma veyo vogando para onde as mandavaõ, porque as outras se aparelhavaõ para irem para *Gibraltar*, querendo antes salvarse a si, que aos outros.

Desacordo com que se retiraõ.

969 O Conde inferindo da perturbaçaõ dos Mouros, lhe chegara o soccorro de Portugal, recomendou novamente a defensa dos muros, mandando, que de nenhuma sorte deixassem estes, para sahir àquelles, que ainda que desordenados, eraõ taõ numerosos,

Recomenda o Conde a guarda dos muros, sem embargo da ida dos Mouros.

merosos, que poderiamos incorrer o perigo só na multidaõ; mas elles impacientes desta demora, cuja observancia deixou fiada o Conde ao cuidado de D. Joaõ de Noronha, e ao seu respeito, de tal modo o importunaraõ, que por naõ lhes fazer mayor a culpa na desobediencia, involuntariamente lhes houve de dar licença. Entaõ Muley Zaide, como Capitaõ experto, formou a sua gente, e os esperou no campo, querendo antes morrer com honra, que salvarse sem ella, e recebendo os nossos com valor, e socego, se accendeo huma taõ dura peleja, que reforçados sempre os Mouros, foy preciso aos nossos recolherem-se às portas da Cidade, e repetindo-se a contenda, foraõ segunda vez rechaçados, e recolhidos, ficando livremente o campo aos Mouros, como senhores delle.

Sahem os nossos, e saõ duas vezes rechaçados.

970 O Conde, deixando ordenado tudo o que pertencia à defensa da Praça, veyo outra vez a *Almina*, e vendo aquelle socego, e naõ sabendo o que tinha passado, disse a D. Joaõ, que investisse os Mouros, que se retiravaõ, e ajuntando-se todos, os atacaraõ, mas elles ainda terceira vez nos voltaraõ o rosto, e renovaraõ o conflicto, em que houve de ambas as partes mortos, e feridos, em que entraraõ Fernaõ Rodrigues de Buarcos, homem principal, e que tinha grandemente servido naquella Cidade, como tambem Diogo Vasques Portocarreiro, e Fernaõ Rodrigues do Cadaval, que todos tres morreraõ dentro em poucas horas, e Vasco Martins de Albergaria ficou gravemente ferido, e Soeiro da Costa, hum Fidalgo da Casa do Infante D. Duarte, que perdeo a maõ esquerda, o qual ainda

Sahem outra vez os nossos juntos com o Conde, e se atea huma dura peleja com perda de ambas as partes.

Pessoas, que nella se singularizaraõ.

ainda que ſem ella, moſtrou igualmente depois o ſeu valor em muitas occaſioens, e foy em fim Alcaide môr de Lagos. Outros muitos Fidalgos, que as Chronicas naõ nomeaõ, ſe ſingularizaraõ naquelle dia, obrando proezas raras, que ainda conſerva a fama, os quaes, como todos os outros, foraõ competentemente remunerados delRey, e dos Infantes, a quem nunca eſqueceraõ taõ relevantes ſerviços, e muito menos os do Conde, que naquella occaſiaõ ſe portou com tal valor, que quebrada a lança, e morto o cavallo, ainda aſſim continuou na peleja, com tanta actividade, como ſe lhe naõ fizera falta, até que ſoccorrido com outro, eſtreou nova lança no peito dos inimigos, que em fim ſe hiaõ retirando ſem ſaber para onde. Alli morreo Muley Zaide, que até perder a vida, naõ faltou à ſua obrigaçaõ, e hum ſobrinho delRey de Granada, que com elle vinha, e juntamente os ſeus melhores Soldados, cujo Exercito pereceo quaſi todo, porque naõ tinhaõ em que ſalvarſe, pois os navios, e Galés ſe haviaõ já ido, e ſó ficara huma, ſobre que carregou tanta gente, que o Patraõ della chegou a cortar as mãos dos que nella ſe pegavaõ, por naõ encherſe mais, e haver de alagarſe; e aſſim ſó com cincoenta peſſoas paſſou a *Gibraltar*; e os Mouros, que eſtavaõ na praya, vendo partir as outras, lhe gritavaõ, para que os eſperaſſem, e era tanta a ſua deſeſperaçaõ, e deſacordo, que muitos ſe lançavaõ à agua em que morriaõ, e outros podendo defenderſe, ſe offereciaõ aos golpes, buſcando como remedio anticipada a morte. Os navios como menos ligeiros, parecendolhe, que ſeria mais ſeguro paſſarem

Morre Muley Zaide, e ſe retiraõ os Mouros, que naõ tendo para onde, quaſi todos perecem.

passarem de noite para *Gibraltar*, foraõ lançar ferro da mesma parte de *Almina*, naquella Costa, que lhe fica fronteira, e he povoada de Mouros, ainda que de outro dominio, o que lhe era mais facil, como tanto mais perto; mas alguns se enganaraõ, porque sentidos dos nossos, foraõ em fim tomados, para se lhes continuar por mar, e por terra o seu infortunio.

Tomaõ-selhe alguns navios.

Desembarcaõ os Infantes no Porto delRey, e agradecem ao Conde, e aos outros o seu serviço.

971 Chegados os Infantes ao Porto delRey, avisaraõ ao Conde, que logo veyo recebellos com todas as pessoas de distinçaõ, que com elle estavaõ, às quaes, e com muita especialidade ao mesmo Conde, agradeceraõ elles o bem, que tinhaõ servido; e vendo cheyo o campo daquelles cadaveres, pelo seu numero justamente julgaraõ a sua opposiçaõ; e montando nos cavallos, que se lhes preveniraõ, vieraõ para a Cidade, aonde entraraõ aquelle dia novecentos e oitenta e seis prizioneiros, fóra outros muitos, que se naõ souberaõ, e que alguns escondiaõ, por livrarem o quinto delRey, sendo, que neste dia deu livremente o Conde a cada hum todos os que tomaraõ, naõ fallando em outros, que depois se vieraõ offerecer voluntariamente aos nossos, por se remirem à fome, e necessidade em que se achavaõ, e tambem à morte, que recebiaõ de alguns dos nossos, aonde quer que os topavaõ; e tanto estimavaõ, que antes os cativassem, que a huma mulher se vio levar tres prizioneiros, que ella só fizera.

Perda consideravel dos Mouros.

Os mortos foraõ innumeraveis, e nunca se pode saber com certeza quantos tinhaõ faltado, mas he sem duvida, que das pessoas principaes poucas ficaraõ vivas, sendo esta a perda mais consideravel delRey de Granada

da. Os Mouros do Sertaõ quando viraõ o destroço dos outros, se recolheraõ a elle, deixando tambem morto o seu Capitaõ Abú, e outras pessoas de igual qualidade; e este fim veyo a ter hum taõ decantado sitio, em que os Mouros estiveraõ quatorze dias, cujo despojo querendo o Conde repartillo igualmente por todos, o Infante D. Henrique mandou, que cada hum ficasse com o que havia tomado, e tambem os prizioneiros.

Retiraõ-se os do Sertaõ.

---

## CAPITULO CLXX.

*Como os Infantes foraõ com o Conde para a Cidade, e o que depois obraraõ.*

972 CHegados os Infantes a Ceuta, foraõ logo à Igreja Matriz dar a Deos as graças por tantos, e taõ grandes beneficios, como lhes havia feito; e sahindo della, chegou ao Infante D. Henrique o Conde D. Pedro, e posto de joelhos, lhe offereceo as chaves do Castello, que elle lhe naõ tomou, antes lhe pedio que o guardasse, como até alli tinha feito, que he o com que elle, e ElRey seu pay se satisfaziaõ, e que a elle, e seu irmaõ naõ faltaria aonde ficassem. Entaõ o Conde lhes fez novas instancias, para que lhe concedesse a honra de querer ser seu hospede, e o Infante D. Joaõ; e elles vendo a efficacia dos seus rogos, lho permittiraõ, entendendo, que seria por pouco tempo, visto os Mouros se terem retirado com tamanha perda; mas com tudo, naõ foy taõ pouco, que

Vaõ os Infantes dar as graças a Deos.

Offerece o Conde as chaves do Castello ao Infante, que elle lhe naõ aceita.

naõ fossem tres mezes, nos quaes o Conde lhes assistio, e às suas familias, com huma tal grandeza, que bem podia competir o liberal com'o valeroso, dando tambem de comer a todos aquelles Fidalgos, que os acompanhavaõ, que eraõ muitos, e além disto, dando a alguns delles presentes de grande valor, com que deixou famosa a sua generosidade.

973 O Infante D. Henrique, vendo que em todo aquelle tempo naõ tivera occasiaõ de exercitar o seu esforço, por estar já levantado o sitio de Ceuta, e os Mouros naõ tornarem sobre a Praça, e querendo mostrallo na conquista de *Gibraltar*, mandou prevenir tudo o necessario para emprendella, porém pondo em Conselho esta resoluçaõ, quasi todos foraõ de parecer contrario, por muitas, e justificadas razoens, que nisto davaõ; e naõ desistindo o Infante do seu intento, e estando já para executallo, lhe sobreveyo huma tal tormenta, que as nossas Galés foraõ dar a Cabo de *Gata*, aonde estiveraõ detidas quinze dias por causa do tempo, e quando poderaõ tornar para Ceuta, já ahi havia cartas delRey, em que mandava aos Infantes, (conhecendolhe o genio) que logo voltassem para o Reyno, a cujas ordens elles obedeceraõ, e se embarcaraõ; mas armando-se outra tormenta mayor, que a primeira, foraõ todos dar às *Algeziras*, aonde deitaraõ ferro, e estando sobre elle no mesmo perigo, quiz livrarse deste Ruy Gomes de Azevedo, Alcaide môr de Alemquer, e deixando o navio, sahio no seu batel, mas foy tanta a gente, que nelle entrou, que o meteraõ no fundo, aonde todos se perderaõ. Alvaro Vaz de Almada, com

Intenta o Infante ir sobre *Gibraltar*.

Tormenta, que o desvanece.

Chama-os seu pay.

Embarcaõ-se, e lhe dá outra tormenta, com que os mais dos navios se perdem.

com outros Fidalgos ſahiraõ em outro batel, porém com melhor ſucceſſo, porque poderaõ ir a terra, e ſalvarſe em *Tarifa*; mas como o batel naõ podeſſe tornar com a tempeſtade, e o navio ficaſſe ſobre pedras, ſe perdeo com toda a gente, que nelle eſtava. O em que vinha Diogo Soares de Albergaria, e outro do Commendador de Almada, com grande trabalho eſcaparaõ, e a gente, que nelles vinha, ſahindo em terras de Mouros junto a *Tarifa*, aonde em fim chegaraõ, morrendolhe ſó hum homem com o exceſſivo frio, que fazia, pois elles por naõ ſerem ſentidos, naõ quizeraõ fazer fogo, para ſe repararem delle. Os Infantes com outros navios levaraõ diverſos rumos, e em fim, depois de varios trabalhos, vieraõ dar ao Algarve, de donde com ſeus irmãos ſe recolheraõ a Portugal, e ſó antes de haver noticia delles, o navio de Bernardim de Barbuda tomou porto em Lisboa, e indo elle fallar a ElRey, lhe perguntou eſte por ſeus filhos, e naõ lhe dando reposta competente, o arguhio muito de que os deixaſſe, e ſe recolheſſe a Lisboa, ſem elles, ou ſem novas ſuas.

Chegaõ em fim [...] fantes a Lisboa, e [...] guns navios.

---

## CAPITULO CLXXI.

*Como o Conde D. Pedro teve noticia de que ElRey de Granada queria vir em peſſoa ſobre Ceuta, e porque naõ teve effeito eſta reſoluçaõ.*

974. ELRey de Granada, quando ſoube da perda da ſua gente, teve grande ſentimento, e

Cuida ElRey de Granada de vir sobre Ceuta em pessoa.

cuidou em vir elle em pessoa à mesma empreza, pòis ainda se achava com forças para isso, e as Galés, que lhe faltassem, pediria a ElRey de Tunes, que naõ deixaria de darlhas, nem o de Fez de atacar por terra a Praça, principalmente estando esta desprevenida, e descuidada, na fé, de que taõ cedo naõ tornariaõ sobre ella, e havendo-se retirado, ou perdido a Armada; porém oppoz-se a este designio com razoens muy solidas, e verdadeiras hum Alcaide velho, que se achava presente, e era Governador de *Almeria*, a quem seguiraõ alguns, ainda que poucos, porque os mais conhecendo a inclinaçaõ delRey, todos se vestiraõ de lisonja, para apoyalla, e seguilla, o que em fim naõ teve effeito com as novas dissençoens, que houve em Fez, com a morte, que ElRey deu a certo Grande da sua Casa, ou porque tal vez melhor aconselhado o de Granada, cahiria no absurdo, a que até o levava o mesmo escarmento, que foy bastante a fazer com que os Mouros nunca mais se ajuntassem, ao menos em tanto numero.

Desvanece-se o intento.

975 O muito tempo, que havia, que os Mouros tinhaõ deixado Ceuta, e o socego com que nella se vivia, senaõ nos tinha descuidados, ao menos naõ tinhamos a mesma prevençaõ; e assim aproveitando-se desta nossa confiança hum Mouro, chamado *Abderramen*, que entre elles era tido por santo, naõ podendo fazer impressaõ nos animos dos seus naturaes as suas instancias, passou a terras mais distantes, e alli introduzio nos daquelles Povos, ainda mais rusticos, que Infieis, o desaggravo da sua naçaõ, e juntos mil Infantes, e cem Cavallos, marcharaõ para Ceuta, vindo diante

Ajuntaõ-se alguns, que vem sobre Ceuta.

*Abderramen*

*Abderramen* prégandolhes, e ſegurandolhes a ſua ſalvaçaõ aos que morreſſem neſta juſta empreza; e chegando já perto da Cidade, foraõ ſentidos de algumas eſcutas, que o Conde aquella noite tinha mandado fóra, mas querendo eſtas darlhe aviſo, ſe encontraraõ com as dos Mouros, que ſendo tantos mais, que os noſſos, os obrigaraõ a retiraremſe a huma Torre, que no caminho eſtava, aonde foraõ cercados, e combatidos, até que vindo o dia, e vendo as atalayas o ſeu perigo, fizeraõ o ſinal coſtumado, ao qual ſahio o Conde com trinta e cinco Cavallos, (que ſó entaõ havia na Praça) e cem Infantes, com que ſe travou huma bem diſputada eſcaramuça; porque os Mouros deſejoſos da vingança, e ſuperiores em forças, naõ duvidaraõ eſperar, e receber os noſſos, até que depois de quatro horas de peleja, ſe retiraraõ, deixando duzentos mortos, e quarenta e cinco prizioneiros, morrendo ſó tres da noſſa parte, em que entraraõ Alvaro Pinto o Moço, e outros dous eſcudeiros, e ficaraõ alguns feridos.

Encontro com os noſſos, e os Mouros ſe retiraõ depois de quatro horas de peleja.

*976* Depois diſto, tocando a eſcolta da forragem a Ruy Gomes da Sylva, (já livre do cativeiro) o qual tambem ſe achou no conflicto paſſado, ſahio com vinte Cavallos, e mandando deſcobrir a campanha, ſem que ſe viſſem Mouros, de repente ſe vio cortado com outros cem Cavallos, e mil Infantes, de ſorte, que já naõ pode voltar para a Cidade; mas como advertido, e valeroſo ſe recolheo a outra Torre, em que eſtava hum eſcudeiro noſſo, chamado Joaõ Preto, o qual a havia pedido a ElRey, para a manter, e dalli aviſar ao Conde de tudo o que houveſſe; e como eſtiveraõ dentro,

Valor, e advertencia de Ruy Gomes da Sylva.

tro, deixados os cavallos, dos quaes morreraõ quatro, ſe pozeraõ em defenſa, e ainda que os Mouros fizeraõ todo o esforço por entrar a Torre, nunca o conſeguiraõ, até que aviſado o Conde, ſahio com os poucos Cavallos, que lhe reſtavaõ, e com quinhentos Infantes, e com grande trabalho chegou a ſoccorrellos; e os Mouros entaõ deſconfiando do ſucceſſo, recuſaraõ a batalha, e ſe recolheraõ à ſerra, levando alguns feridos, e deixando outros mortos.

---

## CAPITULO CLXXII.

*Como com a morte delRey de Granada ſe deſvaneceraõ os ſeus intentos, e do choque, que houve com os Mouros, que vieraõ ſobre a Praça, como tambem do recado, que o Conde mandou a Zalá Benzalá, e da ſua primeira vinda a Lisboa.*

977 NEſte tempo, que já eraõ paſſados quatro annos depois dos ſitios de Ceuta, e depois dos quaes houve ſó alguns choques de menos importancia, eſtando ainda ElRey de Granada com tençaõ de vir ſobre a Cidade, lhe ſobreveyo a morte, com que acabaraõ todos ſeus penſamentos, e tambem nos outros as eſperanças, a que os animava a ſua ſuggeſtaõ; com que vendo-ſe mais deſcançado o Conde, cuidou com mais vagar, e ſocego em reparar a Praça, e a pôr no melhor eſtado de defenſa; e ſuccedendo, que huns coſſarios Caſtelhanos, que infeſtavaõ aquelles mares, nos

Morte delRey de Granada.

nos haviaõ feito alguma hostilidade, mandou ElRey armar algumas naos de guerra, das quaes foy por Cabo D. Fernando de Noronha, em que já se tem fallado, o qual casou depois com D. Brites, filha mais velha do Conde D. Pedro, a quem succedeo no governo de Ceuta, depois da sua morte; a este acompanhavaõ tambem D. Fernando de Castro, governador da Casa do Infante D. Henrique, e outras pessoas illustres, as quaes depois de andarem muitos dias, sem verem os taes cossarios, desembarcaraõ em Ceuta; e estando já de volta para o Reyno, no dia 24. de Junho de 1423. teve o Conde aviso por hum Mouro, a quem tinha comprado para esta diligencia, que no dia seguinte haviaõ de vir muitos sobre a Cidade; e o Conde depois de ordenar o que convinha à sua defensa, mandou chamar aquelles Senhores, que haviaõ desembarcado, e lhe participou a noticia, que tivera, e elles estimaraõ acharse ainda alli para o acompanharem, e os Mouros vieraõ com effeito no dia 25. trazendo oitenta e cinco Cavallos, e mil e seiscentos Infantes; e como os nossos tinhaõ guarnecido hum alto fóra da Praça, aonde os esperavaõ, naõ estando ainda todos juntos, e sem ordem do Conde, sahio a encontrar os Mouros hum Fidalgo chamado Gil Annes de Freitas, ao qual podera custar a vida esta temeridade, se lhe naõ acodira logo hum seu escudeiro, e depois o Conde com toda a sua gente, sem embargo de que a sua demasia, e desobediencia merecia menos compaixaõ; e como com esta desordem se travou intempestivamente a peleja, naõ pode o Conde deixar de carregallos com o poder, que tinha, que

Prepara ElRey algumas naos contra os cossarios.

Tem o Conde aviso da vinda dos Mouros, e se vale dos Fidalgos, que foraõ contra os cossarios.

A temeridade de hum Cavalhero fez entrar na peleja antes de tempo.

que os Mouros receberaõ com igual resoluçaõ, e esforço, durando largo espaço a contenda; mas como os nossos eraõ quasi todos pessoas de distinçaõ, e valor conhecido, atacaraõ com tanta força aos contrarios, que em fim fizeraõ voltar as costas com precipitada fuga à sua Cavallaria; e a Infantaria, vendo a fogida, voltou tambem as suas, e se recolheo às Quintas visinhas, aonde o Conde fez assaltallos nellas, de sorte, que foraõ obrigados a deixallas, e buscar os mattos, até aonde os nossos os hiaõ matando sem piedade, nem resistencia, ainda que algumas vezes nos fizeraõ rosto, que a sustentallo, nos podera sahir mais custosa a vitoria, ou a permittir o Conde, que os nossos Infantes penetrassem os mattos, como elles queriaõ; e assim ferindonos só vinte pessoas, mas naõ mortalmente, deixaraõ duzentos e oitenta e quatro mortos, e quarenta e cinco prizioneiros, cuja desigualdade bastantemente mostra, ou o valor, ou o milagre.

Fogem em fim os Mouros, e os nossos os seguem.

Perda com que se retiraõ.

Fidalgos, que mais se singularizaraõ nesta, e nas outras occasioens.

978 Neste dia se singularizaraõ Fernaõ Soares de Albergaria, Fernaõ Camelo, Lopo de Albuquerque, a quem mataraõ o cavallo, e feriraõ em huma perna, Ruy Gomes da Sylva, que foy o que livrou de matarem a Lopo de Albuquerque, D. Fernando de Noronha, que depois no mar fez as mesmas proezas, que na terra, e Pedro Gonçalves, cujas façanhas neste dia, sobre as muitas, que tinha obrado em outros, mereceraõ hum tal louvor do mesmo Conde, que chegou a confessar publicamente, que nenhum o excedera, nem igualara, o que assim mesmo fez presente a ElRey por carta sua, recomendandolhe o justo premio de

de taõ relevantes ſerviços, a que ſó podiaõ aventajarſe os do Conde, que naõ ſó neſta occaſiaõ, mas em todas, obrou com igual valor, que diſciplina, com igual prudencia, que generoſidade, e para logo moſtralla com eſte Fidalgo, o armou Cavalleiro, e fez todas aquellas honras, que mereciaõ as ſuas acçoens, continuadas, ou repetidas, naõ ſó neſte Reyno, mas no de Caſtella, no ſerviço delRey D. Joaõ o II. na guerra, que teve com os Mouros de Granada.

979 Achava-ſe em Arzila Zalá Benzalá, a quem tinha cercado ElRey de Fez por certas differenças, que tiveraõ; e ſabendo o Conde do aperto em que eſtava, por voto de Pedro Gonçalves, mandou a elle meſmo, com ſeu irmaõ, e Ruy Gomes, para que foſſem fallarlhe, propondolhe o partido de ajudallo, ſe elle lhe entregaſſe para ElRey de Portugal aquella Praça; e quaſi o meſmo recado determinava mandar a ElRey de Fez, ajudando-o a tomar a Cidade, ſe elle lhe déſſe para o meſmo Rey a Villa de Alcacer, e certa quantia de dinheiro; e chegando a Arzila Pedro Gonçalves, e os companheiros, ſouberaõ como dous dias antes ſe havia levantado o cerco, com grande perda dos ſitiadores; entaõ pois ſe viaõ já empenhados naquella diligencia, diſſeraõ, que vinhaõ alli mandados pelo Conde para lhe offerecer da ſua parte o ſoccorro de que neceſſitaſſe, no aperto em que ſe achava, a que o perſuadia a fama das ſuas acçoens, e o illuſtre da ſua peſſoa, a que elle correſpondeo com huma repoſta naõ ſó digna de quem elle era, mas de tal Embaixada, e taes Embaixadores; e aſſim os recebeo, e tratou com agra- Recado, que o Conde manda a Zalá Benzalá. Sua repoſta.

do, e grandeza, mandandolhe hum copioſo refreſco, com que elles voltaraõ para Ceuta, ſabendo de caminho por hum Cativo noſſo, que os Mouros naõ poderiaõ taõ cedo buſcarnos, nem combaternos, pelas guerras domeſticas, que traziaõ todos.

Vem o Conde D. Pedro a Lisboa, e fica governando Ceuta Ruy Gomes da Sylva.

980 Com eſta certeza, o Conde, havendo já nove annos, que governava Ceuta, importandolhe vir a Lisboa, mandou por Martim Vicente de Vaſconcellos, e Joaõ Rodrigues Godinho pedir licença a ElRey, que lha concedeo logo, e ordenou, que lhe foſſe huma Galé muito bem eſquipada, e com muy boa gente para vir nella; e elle deixou encomendado o governo da Praça a Ruy Gomes da Sylva, (em quem tantas vezes ſe tem fallado) Alcaide mór de Campomayor, e Ouguela, (o qual a eſte tempo era já caſado com D. Iſabel ſua filha natural) por concorrerem nelle todos os requiſitos de valor, prudencia, e qualidade, ſervindo por ſeu filho D. Duarte de Menezes, (que depois foy terceiro Conde de Vianna) que pela ſua menoridade (pois ainda naõ tinha cumpridos dez annos) naõ podia exercitar eſte cargo, de que ſó tinha o titulo.

Chega o Conde a Setuval, de donde paſſa a Liſboa, e he conduzido a Almeirim por ordem delRey, que alli ſe achava, e lhe fez grandes honras, e tambem ſeus filhos, e naõ menos merces, e aos que com elle vinhaõ.

981 Naquella viagem padeceo o Conde huma grande tormenta, com que chegou milagroſamente a Setuval, com a Galé meya aberta, aonde ElRey, que entaõ eſtava em Almeirim, o mandou buſcar logo, conduzido a Lisboa por toda a Nobreza, que convidou Alvaro Vaz de Almada, depois Conde de Abranches, indo buſcallo à praya em Prociſſaõ todas as Religioens, e Clero, de donde caminhou para a Sé a dar

graças

graças a Deos, e aonde ElRey lhe tinha prevenido alguns cavallos ſeus, ricamente ajaezados, e outros para a ſua familia; e aſſim partio logo para Santarem, e na Azambuja achou varios Fidalgos, que aſſiſtiaõ a ElRey, os quaes por ordem ſua vinhaõ acompanhallo; e chegando elle à Villa, ſahio fóra della hum largo eſpaço, a buſcallo, o Infante D. Duarte, e o conduzio aos ſeus Paços, aonde eſteve com o Infante, e foy ſeu hoſpede; e no dia ſeguinte paſſou o Tejo, e foy a Almeirim beijar a maõ a ElRey, que veyo fóra da ſua antecamera para recebello, e lhe fez aquellas grandes honras, de que elle ſe fazia acredor com os ſeus muitos ſerviços; e juntamente lhe fez merce de Villa-Real, que he huma das melhores de Traz os Montes, e lhe deu com ella o titulo de Conde, porque ainda que elle antes o foſſe, como tinha ido com a Condeſſa ſua irmãa para Caſtella, a qual ſeguia as partes do marido, e ambos o partido da Rainha D. Leonor, e de ſua filha a Rainha D. Brites, ficou perdendo os titulos, e bens, que tinha em Portugal, e que o meſmo Rey D. Joaõ lhes reſtituhio depois, quando elles vieraõ outra vez para o Reyno; e aſſim tambem fez outras merces ao Conde, e aos que com elle vinhaõ, e da meſma ſorte lhas fizeraõ os Infantes, com que todos juſtamente ficaraõ ſatisfeitos.

982 Nove mezes havia, que o Conde eſtava em Portugal, em cujo tempo naõ houvera novidade alguma em Ceuta, quando tendo aviſo de Ruy Gomes da Sylva, de que ElRey de Tunes ſe preparava para vir ſobre a Praça, ſe deſpedio delRey, (a quem logo

Depois de nove mezes parte outra vez para Ceuta, aonde chega com feliz viagem.

que chegou, fez a offerta de alguns Mouros, e peſſas, naõ ſó de valor, mas de grande eſtimaçaõ, que tambem repartio pelos Infantes, e peſſoas particulares, com aquella proporçaõ, que pedia a deſigualdade dellas) e com ſeu beneplacito, armou os navios de que neceſſitava, e com muito boa gente, em que entrava o meſmo D. Fernando de Noronha, e D. Sancho ſeu irmaõ, Ruy Nogueira, e outros, ſe fez à véla, e com feliz viagem chegou a Ceuta, aonde ſoube, que ElRey de Tunes naõ viera, por lhe impedir o paſſo ElRey de Fez, que com elle eſtava em diſcordia; e naõ tendo elle outro caminho, e inſtando em ſeguillo, houve entre elles huma grande batalha, em que ficaraõ muitos mortos, e feridos, e por cuja razaõ naõ tendo effeito a ſua vinda, ficou deſaſſombrada a Cidade, na qual o Conde foy recebido como era deſejado, porque ainda que Ruy Gomes da Sylva fizeſſe tudo o que devia a bom Capitaõ, conſervando a Praça ſem temor, nem perigo, com tudo, o amor, que todos tinhaõ ao Conde, fazia, que deſejaſſem viver debaixo do ſeu dominio. Tomado outra vez o governo, fez as diligencias coſtumadas para ſaber os intentos do inimigo, e confirmando-ſe na cauſa, que deteve a ElRey de Tunes, e que ſuſpendia aos outros para qualquer hoſtilidade, naõ ſendo alli neceſſarios aquelles Fidalgos, que com elle tinhaõ vindo, e chamando-os o Infante D. Duarte, tornaraõ para o Reyno, e o Conde ficou continuando no ſeu governo, com o cuidado, e vigilancia, que coſtumava.

He recebido na Praça com grande applauſo.

CAPI-

## CAPITULO CLXXIII.

*Como outra vez os Mouros vieraõ sobre Ceuta, e se retiraraõ com perda.*

983 COmo o Conde, sem embargo do socego em que se achava, e do pouco movimento, que os Mouros faziaõ, se naõ descuidava de lhe observar os passos, e os intentos, soube, que sobre a Cidade haviaõ de vir alguns, que com effeito vieraõ em Fevereiro de 1425. e esperando-os com alguma prevençaõ, os desbaratou, e venceo com perda de muitos, que deixaraõ mortos nos mattos, aonde se recolheraõ, e que o inculto delles embaraçou para os seguirem, e saberse os que foraõ. Neste conflicto se houveraõ com muito valor Martim da Camera, Lourenço Carvalho, Joaõ Preto, Lopo Vasques Portocarreiro, Ruy Gomes, Diogo Gil, o Estribeiro do Conde, e hum escudeiro do Infante D. Henrique, chamado Martim Affonso.

Vem os Mouros outra vez a Ceuta, e se retiraõ com perda.

984 Poucos dias depois deste successo, teve o Conde noticia, que os Mouros tornavaõ; e mandando explorallos por Diogo Gil, Gonçalo Lucio, e Pedro Affonso, seus escudeiros, se recolheraõ sem descobrir mais, que dous homens, e dalli affastados, com que o Conde, naõ fazendo sinal algum as atalayas, e sendo já alto dia, entendeo, que naquelle estava livre de assaltos, e assim mandou sahir a pastar o gado; e como os

Tornaõ os Mouros com melhor successo, e levaõ novecentas cabeças de gado.

os Mouros viraõ o nosso descuido, ou a nossa confiança, e que na Torre de Joaõ Preto naõ havia gente, porque o Conde a mandara tirar, naõ podendo alli sustentarse, pela distancia em que ficava, se vieraõ chegando à atalaya do caminho, aonde estavaõ quatro homens, porém entaõ dous delles tinhaõ passado para outra, e hum dos outros sahio a buscar lenha, com que ficou hum sómente, que naõ teve lugar de fazer nada, e só Vasco Fernandes de Barros, que estava noutra parte, deu o primeiro sinal de rebate, com que o companheiro se recolheo ao seu posto, e sendo os dous acometidos dos Mouros, se defenderaõ de modo, que estes em fim os deixaraõ, ainda que muy feridos, e acometendo a ponte, lhe sahio ao encontro o Conde com Ruy Gomes da Sylva, com Joaõ de Ataide, que depois foy Senhor de Penacova, com Gonçalo Murzelo, Gil Simoens, Joaõ Rodrigues Trigueiros, Ruy Pires de Tavora, Joaõ Rodrigues Godinho, Palamedes Vasques da Veiga, e outros, em que entravaõ tres escudeiros do Infante D. Duarte, e alli houve huma cruel escaramuça, em que de ambas as partes ficaraõ muitos feridos, e alguns mortos, sendo hum dos nossos Joaõ Rodrigues Godinho; e como os Mouros tinhaõ em cillada dous mil homens, concorrendo todos, nos foy preciso recolher à Praça, e elles satisfeitos com este successo, se retiraraõ, levando novecentas cabeças de gado grosso, que o miudo naõ o quizeraõ.

Valor notavel de dous Soldados.

985 Depois disto, desejando o Conde ter noticias mais certas dos designios dos Mouros, e tendo tres Cativos, que haviaõ recebido a nossa Ley, se fiou delles,

les, mandando-os como praticos no paiz a explorar o inimigo, porém dous destes, fazendolhe saudades a sua Patria, tanto que lá se viraõ, deraõ aviso aos outros, e lhe descobriraõ a sua commissaõ; e entaõ se resolveo, que hum delles viesse dar parte ao Conde, de que em certo sitio havia muito gado, e com pouca defensa, para que vindo elle, ou mandando, cahissem na emboscada, que se lhe havia de armar; e communicando elles isto ao companheiro (chamado já Pedro Annes) elle com mais, e melhor Fé, que de Mouro, dissimulando o seu intento, approvou o conselho, mas representoulhes, que o Conde naõ havia de crer, senaõ fosse a elle, e que assim se quizessem, seria quem lhe levasse o aviso, no que os dous convieraõ, e entaõ veyo dar parte ao Conde de tudo o succedido, com que pode livrarse de taõ grande perigo. Porém os Mouros dando-se por injuriados de se naõ lograr este engano, dahi a poucos dias vieraõ a Ceuta, com cem Cavallos, e dous mil e quinhentos Infantes, e o Conde sahindo a escaramuçar com elles, os veyo trazendo para junto da Praça, aonde dos muros lhe chegavaõ as béstas, cujos tiros naõ poderaõ sofrer, e em fim se resolveraõ a retirar.

Aleivosia de dous Mouros, e lealdade de outro.

Vem sobre Ceuta alguns Mouros, e se retiraõ.

986 Neste mesmo tempo Affonso Annes Rebello, escudeiro do Conde, que já fora cativo, e sabia os passos da terra, lhe pedio licença para ir com outro observar os postos, em que pastavaõ certos gados do inimigo; e trazendo depois de quatro dias esta noticia, e tambem a da pouca guarda, que tinhaõ, se ajuntaraõ em Ceuta vinte e sete Cavallos, e alguns Soldados de pé,

pé, para esta interpreza; porém observando elles muito mal as ordens, e naõ fazendo reparo em dous homens, que acharaõ, foraõ ao lugar destinado para fazerem a espera, e entrando tambem (sem que os vissem) os dous, que se encontraraõ, por ser muito de noite, foraõ os Mouros avisados, e prevenindo-se com toda a brevidade, sahiraõ seiscentos homens contra os nossos, que vendo-se acometidos, se formaraõ o melhor, que poderaõ, e fizeraõ rosto ao inimigo, e com os de pé no centro, se vieraõ retirando com tal valor, e fortuna, que salvaraõ todos os Cavallos, e onze Infantes, ficando doze prizioneiros, e quatro mortos, além de tres feridos. Nestes mesmos dias foy o Conde acometido por seiscentos Cavallos, que vinhaõ sobre a Cidade, porém com a morte de tres dos Mouros, e cinco feridos, se retiraraõ, sem fazer mais, que alguma hostilidade na campanha.

Choque com os nossos, que por algum descuido he força retirarnos com alguma perda.

---

## CAPITULO CLXXIV.

*De outros encontros mais, que houve com os Mouros, e do successo delles.*

987 ERa já o mez de Mayo do anno seguinte de 1426. quando tocando a guarda da forragem a Pedro Vasques Pinto, sahio elle com seus sobrinhos Nuno Pinto, e Alvaro Pinto, a quem acompanhavaõ Affonso Vasques Vinagre, Pedro Affonso, Pedro Teixeira, Lopo Vasques, escudeiro do mesmo Pedro Vaz Pinto,

Pinto, e outros, que o Conde mandara com alguns carros para trazerem lenha, os quaes, carregados estes, e vindo só diante dous Cavalleiros, os conduziaõ para a Cidade, entendendo, que vinhaõ seguros; mas sahindolhe ao caminho cento e cincoenta *Almogavares*, (que eraõ aquelles, que dormiaõ pelos mattos, e nunca se desarmavaõ) e vendo só os dous, que precediaõ aos carros, os investiraõ, e feriraõ alguns bois; mas sahindolhe os outros Cavalleiros, que os seguiaõ, e elles naõ esperavaõ, se travou hum perigoso combate, porque como o caminho estava tomado com os carros, e era este, naõ só estreito, mas declive, fazia-se preciso aos nossos andarem rodeando-os para se ajuntarem, porque na fé de que naõ apparecia inimigo, vinhaõ mais affastados; e os Mouros vendo-se acometidos, coroado hum cabeço, se fortificaraõ, mas os nossos Cavallos, a pezar da sua resistencia, os romperaõ, o que lhes causou hum tal desacordo, que naõ só se desordenaraõ, mas fogiraõ. Já neste tempo se sabia na Cidade o successo, que tocando a rebate as atalayas, deraõ occasiaõ ao Conde a sahir com o pequeno resto dos Cavallos, que tinha, porém quando chegou, já aquelles se haviaõ retirado, e elle entaõ fez recolher todos os seus, e vendo, que lhe faltava Affonso Annes, que se havia metido no matto com algumas feridas, o fez buscar de sorte, que se naõ foy sem elle; e de caminho acharaõ tambem tres Mouros escondidos, os quaes trouxeraõ para a Cidade, sobre a qual pouco depois vieraõ outros, até duzentos, e se foraõ sem fazer nada.

*Almogavares*; que Mouros eraõ.

Encontro, que tem os nossos com os Mouros, e como estes se retiraõ.

988 Na noite de 18. de Agosto mandou o Conde as suas espias ( ou escutas, como entaõ se chamavaõ ) para explorarem a campanha, e naõ sentindo rumor algum de inimigos, deu ordem para que se fizesse a lenha de que necessitava; e sendo já meyo dia, começaraõ a apparecer os Mouros, e elle entaõ, sahindo primeiro Pedro Teixeira, Alvaro Pinto, Joaõ Vasques, e Ruy Gomes, a ver que gente eraõ, e certificado da que traziaõ, mandou diante doze Cavallos, em que entravaõ o mesmo Pedro Teixeira, Gomes Martins de Moscoso, e Diogo Lopes de Faro, que depois foy Commendador de Castro Marim, Gonçalo Vasques, e outros, os quaes tiveraõ com elles huma forte escaramuça, em que morreraõ alguns delles, e em fim se retiraraõ, seguindo-os sempre os mesmos, até se recolherem aos mattos, e tambem Lopo Vasques Portocarreiro, Gomes Martins Contador, Heitor Nunes, e quatro mais, que a muitos delles tiraraõ as vidas. Aos outros, que tomaraõ o caminho de Bulhoens, seguio o Conde com dez Cavallos, e tambem Ruy Gomes da Sylva, mas sahiraõlhe ao encontro cento e trinta Mouros, que naõ como fogidos, mas como desesperados, pelejaraõ por hum largo espaço; e estes eraõ os que haviaõ cercado quatro espias nossas, que se fizeraõ fortes em huma Torre, em que se defenderaõ, até os Mouros lhe porem fogo às portas, porém isto mesmo lhes servio de defensa, porque nem huns podiaõ sahir, nem outros entrar; e tambem suspendeo a resoluçaõ de dous delles, que se queriaõ entregar aos Mouros, aos quaes neste conflicto soccorrera o Conde.

Segundo encontro com mayor perda sua.

Gonçalo

989 Gonçalo Vaſques Ferreira, e Joanne Mendes, por outra parte ſeguiraõ outros, e tambem Eſtevaõ Annes, Cavalleiro do Infante D. Henrique, ao qual matandolhe o cavallo, o prenderaõ, mas acodindo o Conde, o deixaraõ. Naõ teve o meſmo ſucceſſo Alvaro Pinto, que cahindo com elle o cavallo, ficou morto, como tambem Alvaro Mendes, que ficou ferido; e como os Mouros viraõ, que nada baſtava a fazer, que os deixaſſemos, e que tinhaõ impedida toda a retirada, fizeraõ fio para tomarem hum caminho muy eſpeſſo, que hia para a atalaya da Palmeira; e o Conde entendendolhe o deſignio, mandou a Ruy Gomes da Sylva, que lhe ſahiſſe diante, o que elle fez logo com Palamedes Vaſques, Pedro Vaz Pinto, e Fernaõ Barreto, os quaes, ſem embargo dos cavallos eſtarem taõ cançados, executaraõ de modo as ordens do Conde, que os Mouros ſe acharaõ novamente cortados, e muito mais, quando nos viraõ ſoccorridos por Gonçalo Vaſques Ferreira, Fernaõ Martins do Carvalhal, Vaſco Fernandes de Barros, Joanne Mendes, Nuno Pinto, Lopo Vaſques do Couto, e outros, e tomando hum acordo notavel, ſe oppoz cada hum delles a cada hum dos noſſos; e em quanto ſe vencia eſte embaraço, que ſe tirou com a morte de todos, tiveraõ lugar os outros de fogirem; mas como hiaõ a pé, foraõ logo alcançados do Conde, e dos que os ſeguiaõ, e naõ ficou algum delles com vida.

Morte de Alvaro Pinto.

Total deſtroço dos Mouros.

990 Deſembaraçado o campo por eſta parte, e vindo já recolhendo-ſe o Conde, depois de armar Cavalleiros naquelle meſmo lugar a Ruy Gomes da Sylva,

va, a Palamedes Vasques, a Fernaõ Barreto, que bem o mereciaõ, vio, que hum grande numero de Mouros vinha direito a elle; mas como achassem, que os esperava para recebellos, amedrentados dos successos presentes, se retiraraõ a parte taõ fragosa, que os deixámos. Por outra parte, andando Lopo Vasques Portocarreiro, e Affonso Botelho com oitenta pessoas, buscando os que se tinhaõ escondido no matto, lhe sahiraõ ao encontro muitos delles pedindo misericordia, e alguns dos nossos de menos nobreza os trataraõ mal de mãos, e palavras, de que Lopo Vasques os reprehendeo muito, ainda que elles nem por isso se emendaraõ; com que em fim se tornaraõ para os mattos, aonde sendo seguidos, e ametade mortos, a desesperaçaõ deu aos que ficaraõ novos alentos, e sahindo entaõ fóra, ganharaõ hum oiteiro, aonde se fizeraõ fortes, porém Gonçalo Vasques indignando-se ainda mais contra os nossos, por deixarem ganhallo, os investio com tanta violencia, que matou logo hum delles, mas ferido o cavallo em duas partes, o perdeo, como tambem perderaõ os seus Pedro Vasques Pinto, e Palamedes Vasques, ao que acodindo Gonçalo Marcello, escudeiro do Infante D. Duarte, com alguma gente de pé, foy soccorrido Lopo Vasques, que combatendo novamente os Mouros, os obrigou a deixar o cabeço, e dividirse em duas partes, na nova retirada, e seguindo elle a que lhe pareceo, que levava mais gente, meteo no primeiro de tal sorte a lança, que naõ pode tirallа, e puxou pela espada, com a qual cortou a cabeça a outro, porém mataraõlhe tambem o segundo cavallo,

Varios successos mais.

cavallo, e o feriraõ a elle em huma maõ: nisto chegou Affonso Botelho, a quem havia succedido o mesmo com a lança, e com a espada, que a Lopo Vasques, ao qual naõ só elle soccorreo neste perigo, mas tambem Gastaõ da Ilha, e depois delle o Conde, que querendo alli logo armallo Cavalleiro, e tambem a Gonçalo Vasques, elles o recusaraõ, esperando merecer esta honra em outras occasioens, e assim armou sómente a Pedro Vasques Pinto, e a Nuno Pinto, seu sobrinho. Alli appareceo tambem coberto de sangue inimigo, que elle derramara, Joaõ Garcia de Contreiras, hum Fidalgo, que morava em Tavira, e assim mesmo outros, que se naõ nomeaõ por omissaõ, ou descuido dos Escritores, os quaes todos obraraõ neste dia singulares proezas; e os Mouros em fim se tornaraõ a retirar aos mattos.

991 Ainda o Conde se naõ satisfazia com as que tinha obrado, e queria, que de novo se buscassem aquelles, mas cançada a gente, e muito mais os cavallos, que escaparaõ de feridos, ou mortos, lhe aconselharaõ, que se retirasse, e elle seguindo o conselho, veyo para a Cidade, trazendo comsigo trezentos prizioneiros, e deixando duzentos e vinte mortos. Dos nossos morreraõ tres, Alvaro Pinto, hum criado de Ruy Gomes, e hum Bésteiro; e ficaraõ feridos Nuno Vaz Pinto, primo de Alvaro Pinto, que só com quinze annos de idade, quando o achou morto, prometteo de vingallo, ou de morrer com elle, e metendo-se pelo matto, matou a hum Mouro, de quem recebeo huma ferida em hum pé, e hum Moço da Camera do Conde,

Conde, que matou outro, e ficou tambem ferido; hum Pagem do dito com melhor fortuna andou no mesmo alcance, como tambem Pedro Pestana, que cada hum matou seu Mouro, e assim mesmo dous filhos de Vasco Martins de Barros, que acima se nomea. Recolhido o Conde à Cidade, soube como aquelle Mouro, que entre elles era tido por santo, e que já outra vez viera com outros, fora agora o Capitaõ destes, que naõ eraõ taõ poucos, que naõ fossem dous mil, porém elles para encobrir a perda, que tiveraõ, e para mostrarem, que esta lhes naõ servia de embaraço, no dia seguinte tornaraõ sobre a Praça com trezentos Infantes, e quarenta Cavallos; e como os nossos, sobre serem poucos, estavaõ os mais delles feridos teve poucos capazes com que sahir o Conde, e assim depois de huma breve escaramuça, se separaraõ, e os Mouros se foraõ.

---

## CAPITULO CLXXV.

*Em que se continûa a mesma materia.*

992 AOs 4. de Janeiro de 1429. querendo Martim Affonso de Miranda sahir a divertirse fóra da Cidade, mandou, com licença do Conde, por quatro Cavallos descobrir a campanha; e dividindo-se dous para cada parte, lhe sahiraõ a huns delles alguns Mouros, os quaes a todo o galope poderaõ recolherse à Praça, e os outros dous naõ podendo fazer o mesmo, lhes

lhes foy preciso largar os cavallos, e esconderse até poder salvarse, como depois fizeraõ, levando hum só comsigo, que o outro o tinhaõ os Mouros tomado. No dia seguinte o mesmo Martim Affonso, parecendolhe já livre a campanha, sahio a fazer lenha, mas a poucos passos se vio acometido de quatro mil Mouros, que com a grande chuva, e serraçaõ do dia, naõ poderaõ ser vistos, senaõ já junto a elle, o qual, e os que o acompanhavaõ se vieraõ retirando, e tocando-se a rebate, sahio logo o Conde, e vendo, que tres dos nossos, que ficaraõ atraz, estavaõ em perigo de serem cativos, ou mortos, mandou soccorrellos por D. Duarte seu filho, que entaõ começava a exercitarse nestes recontros; e elle obrou de maneira, que naõ só livrou os Soldados, mas tambem fez huma volta com os contrarios, em que lhe matou quatro, e se veyo retirando sem perda alguma; mas vendo, que Martim Affonso andava por outra parte envolto com os Mouros, partio a ajudallo, e com taõ boa fortuna, que sem embargo da sua multidaõ, lhe viraraõ as costas, e os nossos foraõ matando nelles até a ponte quebrada, que era em grande distancia da Praça; e como alli hiaõ todos os Cavallos, que tinhamos, que seriaõ até quarenta, ficou só o em que estava o Conde, que com a gente de pé andava por outra parte, aonde foy acometido por setenta Cavallos, e elle chamando por Santiago, os atacou de sorte, que fizeraõ o mesmo, que os outros, e entaõ os seguio até perto dos Alemos, que era distante, tambem sem perda sua; e voltando para onde andava seu filho, e Martim Affonso, e outros, lhe

*Valor notavel de D. Duarte, filho do Conde, a primeira vez, que sahio a campanha.*

*Aperto em que se vê o Conde, e esforço com que procede.*

lhe disserão estes o bem que elle procedera, e como era razaõ, que alli mesmo se lhe désse algum genero de agradecimento, cuja noticia estimou o Conde como pay; e por fazer o que se lhe pedia, e o seu amor desejava, o armou logo Cavalleiro, e juntamente a Pedro Teixeira, e Gil Vasques, irmaõ de Vasco Annes Corte-Real. Os Mouros entretanto, postos sobre hum oiteiro, estavaõ lamentando a sua desgraça, vendo fazer aquellas honras à custa do seu sangue, que naquelle dia derramaraõ tanto, que passaraõ de quatrocentos e cincoenta os mortos, em que entravaõ cem de Cavallo, ficando prizioneiros só quatro.

Arma Cavalleiro ao filho.

993 Depois que o Conde venceo taõ milagrosamente os inimigos, naõ deixaraõ estes de inquietallo em outras occasioens, que por serem de menos importancia, se naõ referem, até que aos 14. de Agosto de 1430. vieraõ sobre a Cidade quatrocentos Cavallos, e mil e seiscentos Infantes, do que tendo o Conde noticia, mandou Alvaro Gil seu escudeiro, que fosse a certa paragem ver se os descobria, o que elle fez logo, e se recolheo à Praça com a certeza de que elles vinhaõ sobre ella: entaõ lhe pedio Joaõ Pereira, que lhe désse licença, e a Ayres da Cunha, Affonso da Cunha, e Alvaro Mendes, para irem ver quantos eraõ, e o Conde lha negou, parecendolhe entaõ a sahida naõ só intempestiva, mas perigosa; mas elles lhe fizeraõ taes instancias, que houve de concederlha com certas restricçoens, que elles naõ observaraõ, antes levando comsigo mais onze pessoas, provocaraõ os Mouros, que vendo a grande desigualdade, os carregaraõ logo, e mataraõ

Vem os Mouros em grande numero outra vez sobre a Praça.

Temeridade, e desobediencia de alguns Cavalleiros.

mataraõ Ruy Mendes, e a naõ ser soccorridos os outros, tambem ficaraõ mortos, o que o Conde duvidou algum tempo, querendo, que com as vidas pagassem a sua desobediencia; mas sendo instado por seu filho, e genro, houve de condescender aos seus rogos, e acometendo os Mouros, e chamando tambem por Santiago, os feriraõ taõ rijamente, que depois de largo espaço em que se defenderaõ, se foraõ pouco a pouco retirando, até que de todo nos viraraõ as costas, fogindo inteiramente toda a sua Cavallaria; e ficando a Infantaria exposta aos nossos golpes, foy tanta a mortandade, que se naõ podia andar pelas estradas cheas de cadaveres. D. Fernando, e D. Duarte, que neste dia obraraõ destemidamente, estiveraõ com algum aperto, principalmente o primeiro, que cançandolhe o cavallo, ficou immovel no meyo dos inimigos, até que o soccorreo o Conde com outro cavallo, e foraõ novamente seguindo a retirada dos Mouros até o porto de Leaõ, em que o Conde lhe mandou fazer alto; e recolhendo a sua gente, de que naõ faltou mais, que Vasco Annes, armou logo Cavalleiros a dous Fidalgos Catalaens, que alli tinhaõ vindo para este effeito; e depois delles a Joaõ Garcia de Contreiras, Joaõ Rodrigues Portocarreiro, Diogo Affonso Leitaõ, Gonçalo Vasques do Rego, e Fernaõ Gomes de Monte-Agudo, e Rodrigo Amado, escudeiros do Conde, os quaes prenderaõ hum Mouro de cavallo, de gentil presença, e muito bem tratado; e sendo levado ao Conde, lhe perguntou quem era, e elle lhe respondeo, que era hum homem, que vivia das suas fazendas, em

Perigo em que se vem, e como o Conde os soccorre.

Retiraõ se com perda consideravel.

Aperto em que se vê D. Fernando, a quem soccorre o Conde.

Arma Cavalleiros alguns Fidalgos.

Milagrosa conversaõ de hum Mouro.

hum lugar junto a Tangere, e que viera a esta guerra só para salvarse, o que entendia Deos lhe concedera, pois naquelle combate lhe abrira os olhos para conhecello, vendo que assim, que o Conde chamara por Santiago, se enchera o ar, e a terra de Cavalleiros, vestidos todos de branco, contra os quaes naõ havia resistencia; e que assim elle desde aquella hora cria na nossa Ley, que a vozes confessava, e que nella esperava morrer, e salvarse, para o que já dalli pedia o Bautismo. Disse isto com tantas veras, que ao Conde, e aos outros pareceo animallo nos seus bons intentos, e assim o conduziraõ com mais agrado, que aos outros prizioneiros, que seriaõ cincoenta, e seiscentos e vinte mortos, como depois se soube, e entre aquelles algumas pessoas principaes, e de que se podia esperar importantes resgates. Levou o Conde comsigo o corpo de Ruy Mendes, que era filho de Mem Rodrigues de Vasconcellos, e por sua mãy muito parente do Condestavel; com este foy tambem o cadaver do outro escudeiro, que morreo no conflicto; e repartida igualmente a preza dos Mouros, deu os que lhe tocavaõ a seu genro D. Fernando de Noronha, que vinha para Lisboa. Neste dia succedeo huma cousa notavel, e foy, que indo Affonso da Cunha no alcance do inimigo, lhe cahio da maõ a espada, e vendo hum Mouro dos que hiaõ fogindo, lhe pedio, que lha désse, o que pontualmente fez logo, e elle em agradecimento desta acçaõ, lhe deu lugar a poder escaparse.

Acçaõ notavel de outro.

CAPI-

## CAPITULO CLXXVI.

*Em que se refere o mais, que houve nestes annos até a morte delRey; e como o Conde tornou a Lisboa, e ficou governando seu filho D. Duarte.*

994 PAssou o anno de 1431. sem cousa memoravel, e em Março de 1432. tendo o Conde noticia, que appareciaõ Mouros, mandou a elles seu filho, acompanhado de seu primo Pedro Portocarreiro, de Affonso da Cunha, Ayres da Cunha, Fernaõ Barreto, Pedro Vasques Pinto, Gonçalo Vasques Frazaõ, Joaõ Garcia de Contreiras, Luiz Domingues, Luiz Affonso Negro, Gil Rodrigues, Diogo Affonso, Gil Vaz da Costa, Joaõ Gonçalves de Aragaõ, e outros bons escudeiros, que faziaõ por todos noventa Cavallos, e mil e seiscentos Infantes, os quaes partiraõ todos da Cidade ainda taõ de noite, que naõ os sentiraõ os Mouros, e poderaõ chegar a humas Aldeas ao romper da manhãa, as quaes entraraõ, e saquearaõ sem opposiçaõ alguma, e matando dezanove pessoas, trouxeraõ cento e vinte e seis bois, fóra os novilhos, com que se recolheraõ, sem mais perda, que de dous cavallos, hum, que foy morto, e outro, que fogio do caminho, porque os Mouros naõ obstante, que tocaraõ a rebate, e nos vieraõ observando a marcha, nunca se atreveraõ a atacarnos. Sortida, que faz D. Duarte com feliz successo.

995 Depois disto, vendo o Conde a frouxidaõ

Vem o Conde a Lisboa, e fica governando seu filho D. Duarte.

com que estes se portavaõ, e as poucas vezes, que nos acometiaõ, importandolhe tornar a Lisboa, deixou em seu lugar a seu filho D. Duarte, e para sua direcçaõ, e conselho, naõ só os Fidalgos já nomeados, mas outros mais; ficando recomendado o governo da sua casa, e fazenda a sua filha D. Leonor, de cuja grande capacidade podia justamente fialla, como depois lhe mostrou a experiencia, quando se recolheo à Praça.

Determinaõ os Mouros acometer a Praça.

996 Como nesta havia muitos Mouros, e estes ordinariamente faziaõ aviso aos seus de tudo o que nella passava, souberaõ estes logo, que o Conde era partido; e parecendolhe, que no governo do filho, como de taõ poucos annos, poderiaõ ser melhor succedidos, que no do pay, hum delles, homem poderoso, e naõ de menor resoluçaõ, que riqueza, escolhendo cem Cavallos, que o acompanhassem, chamou a todos a hum lugar separado, aonde lhes declarou o seu intento, que era de ir sobre Ceuta, porque estando ausente o Conde, e sendo o filho taõ orgulhoso, como pedia a sua pouca idade, era certo, que em vendo algum delles, havia de sahir com os seus; e faltandolhe a sciencia militar do Conde, e tal vez a sua fortuna, podia esperarse ficar vencido, e por consequencia ganhada a Cidade. Todos entaõ approvaraõ este seu parecer, e alli se determinou o dia em que haviaõ de vir, no qual, como era já tarde, foraõ descubertos das nossas atalayas, e D. Duarte sendo logo avisado, montou a cavallo com mais quarenta, e deixando prevenido tudo, lhes disse: *Que elle alli naõ estava mais, que para obede-*

Attençaõ, que D. Duarte tem com os seus.

*obedecerlhes, e fazer o que a elles lhes parecesse mais acertado, que he o para que seu pay alli o deixara; e que assim dissessem o que devia obrarse.* Elles entaõ lhe agradeceraõ muito esta sua attençaõ, e por conselho seu, mandou cinco Cavallos a descobrir o campo, os quaes vieraõ taõ carregados dos Mouros, que se salvaraõ pela ligeireza dos cavallos; e D. Duarte entaõ sahio a recolhellos, e se oppoz à passagem dos contrarios, porém aconselhado dos seus, fez que se retirava, para os trazer mais perto da Praça, como em fim conseguio, e elles attribuhindo a temor a volta dos nossos, os vieraõ seguindo, e gritando, como elles costumaõ, quando se julgaõ vitoriosos; porém D. Duarte tanto, que os teve no lugar, que queria, chamando por Santiago, virou sobre elles com tanta força, que logo morreraõ quatorze, e espantados, ou detidos com taõ repentino assalto, que elles naõ esperavaõ, naõ tiveraõ resoluçaõ para se opporem, ou nos fazerem rosto, antes divididos em dous troços, correraõ desordenadamente, cada hum para sua parte, sempre seguidos dos nossos, até que chegando ao Castellejo os poucos, que escaparaõ, mandou tocar a recolher D. Duarte, trazendo comsigo vinte e tres cavallos, e alguns prizioneiros, ficando os mais delles mortos, em que entrou aquelle Mouro, que os capitaneava, o qual veyo a morrer a sua casa, e antes de acabar a vida, recomendou aos seus, que naõ cuidassem mais na conquista de Ceuta, pois era certo, que poder superior a defendia, à vista de taõ pasmosos succeßos; e que se se contassem os Mouros, que tinhaõ sido mortos, e prizioneiros, depois

O que se resolve sobre a sua defensa.

Succeßo milagroso pela nossa parte.

O que sobre estes disse hum Mouro.

pois que se perdeo a Cidade, bem se poderiaõ povoar outras muitas.

997 Vendo D. Duarte, que o Ceo favorecia os seus designios, e desejando engrandecer o nome de Deos, e ganhallo tambem igual ao que tinha seu pay, em cujo desejo o acompanhavaõ todos aquelles Cavalheros, especialmente Affonso da Cunha, e Ayres da Cunha, mandou ao Adail com seis Almocadaens a inquirir, e explorar alguma cousa, em que podesse exercitar o seu valor; e estes lhe vieraõ dizer, como em huma Aldea visinha havia cincoenta Cavallos, que a guardavaõ, com o desvanecimento de que até alli naõ foraõ acometidos; entaõ D. Duarte disse aos dous irmãos Affonso, e Ayres da Cunha, que se fossem emboscar junto daquella Aldea, e que elle o faria tambem em outra visinha, como fez logo com alguns, que o seguiraõ, e elles foraõ como se lhes mandava, com Pedro Vasques Pinto, e outros Cavalleiros até trinta e nove; e feita a sua cillada, sahio hum Mouro com quatro bois, que elles lhe tomaraõ, e como era já dia, e o Mouro fogindo, deu aviso aos outros, sahiraõ todos os que poderaõ, contra os nossos, que fazendo, que se retiravaõ, os vieraõ trazendo até aonde estava D. Duarte, que deixando-os passar, lhes sahio pelas costas com vinte e cinco Cavallos, e duzentos Infantes; e os Mouros vendo-se cortados, porque os outros lhe tinhaõ virado os rostos, quizeraõ ganhar hum oiteiro, o que naõ conseguiraõ, deixando neste recontro cento e trinta mortos, e vinte e cinco prizioneiros, sendo hum daquelles hum Mouro principal, que alli vivia, e por

Outro feliz successo, que alcança D. Duarte.

por cuja direcçaõ elles se governavaõ; os nossos perderaõ treze cavallos, sem que nenhum dos que os montavaõ, ficasse nem ao menos ferido.

998 Como o desejo de D. Duarte era o que se tem insinuado, soube pelos Almocadens, que em huma Aldea, chamada *Alfagueja*, se desposavaõ humas pessoas naturaes, e principaes della, e que estando quasi todos divertidos nas vodas, vagava sem defensa o gado, que havia nella; e assim depois de communicar aos seus o designio de ir rebanhallo, sendo approvado por elles, sahio só com os que havia de Cavallo, e a toda a pressa foy sobre aquella Aldea; mas sendo já meyo dia quando chegou a ella, e achando já recolhido o gado em hum curral, fez desmontar a todos os companheiros, para o deitarem fóra, o que elles logo fizeraõ, e elle entaõ o mandou conduzir por quinze Cavallos, servindo com o resto de retaguarda; e achando no valle do Negraõ duzentos Mouros de pé, parou para ver o que faziaõ, e vendo que elles naõ abalavaõ, e que era já noite, veyo para a Cidade, com trezentos e quarenta bois, cujo successo foy já no anno de 1433. em que ElRey morreo. Outro igual.

999 Poucos dias depois soube D. Duarte, que em outra Aldea, chamada *Belvazem*, estava hum irmaõ de Abú, com muitos Mouros, para certa operaçaõ; e sahindo com sessenta Cavallos, e duzentos e sessenta Infantes, partio a buscallos, e chegando ao amanhecer sobre elles, os achou intrinxeirados, e com esta ventagem se defenderaõ algum tempo, e o que bastou para se porem todos os mais em salvo; e assim saquearaõ Outro semelhante.

livremente

livremente a Aldea, a que pozeraõ fogo, trazendo della ainda cento e cincoenta vacas, com que D. Duarte se veyo retirando; e vendo juntos os Mouros na passagem, intentou investillos, porém elles cedendo do intento, que tinhaõ de atacarnos, deraõ lugar a que os nossos se recolhessem sem opposiçaõ, nem perda.

---

## CAPITULO CLXXVII.

*Do que obrou D. Duarte em Ceuta, depois da morte delRey, e até a vinda de seu pay.*

1000 AInda que daqui por diante naõ seja eu obrigado a dar conta dos successos desta Praça, por pertencerem estes ao reynado delRey D. Duarte, sendo já morto ElRey D. Joaõ seu pay, com tudo, por acabar com as acçoens, e vida do Conde D. Pedro, que comecey a escrever, direy brevemente o que entaõ nella houve. Depois que D. Duarte se recolheo, vitorioso sempre, do sacco de tantas Aldeas, soube, que na de *Bobmim* havia boa preza, e que só tinha a difficuldade de alguns passos estreitos, e fragosos, que era necessario primeiro facilitaremse; e mandando fazello pelos Gastadores, que hiaõ diante, elle os seguio detraz; e como nisto se gastou muito tempo, além de ser muy longe, chegaraõ já de dia ao lugar, que acharaõ com muitos vallos, e defensas, prevenidos, como escarmentados do que viaõ succeder aos visinhos,

Outro mais importante.

visinhos, e assim se oppozeraõ aos nossos com resoluçaõ mayor da que se suppunha; porém D. Duarte pondo diante os Bésteiros, e vindo os Mouros juntos, e desarmados, naõ houve tiro, que se naõ empregasse, de que elles já temerosos, e amedrentados, começaraõ a inquietarse, e D. Duarte antevendo o seu receyo, fez dar sinal pelos Trombetas para que os acometessem, o que todos fizeraõ, e elles se retiraraõ às mesmas Aldeas, aonde se fortificaraõ; porém os nossos ajuntando a lenha, que alli havia, lhe pozeraõ fogo, com que alguns delles pediraõ partido, ficando prizioneiros; e outros, que poderaõ escaparse, faziaõ sinal aos visinhos para que os soccorressem; mas sendo já o dia muy crescido, mandou D. Duarte tocar a recolher, e vendo juntos alguns Mouros em hum passo estreito, os fez desembaraçallo pelos Bésteiros, com que em fim pode retirarse à Praça com vinte e sete prizioneiros, duzentas e dez cabeças de gado grosso, e cento e oitenta miudo, além de muita roupa, e alfayas, que poderaõ conduzir, cujo successo foy já no anno de 1434. estando ainda em Lisboa o Conde D. Pedro, aonde casou quarta vez com huma filha do Almirante Manoel Pessanha, por cuja causa se deteve mais tempo, e para onde mandou depois, que se recolheo à Praça, os dous irmãos Affonso, e Ayres da Cunha, com aquella recomendaçaõ, que pediaõ os seus grandes serviços, que ElRey lhes premiou como elles mereciaõ, ainda que o lograraõ pouco tempo, por morrerem logo.

## CAPITULO CLXXVIII.

*De alguns successos, que houve em Ceuta, depois que o Conde se recolheo a ella.*

Outro entrando já o Conde em Ceuta, e com o mesmo successo.

1001 ESTando o Conde outra vez em Ceuta, e chegando alli Alvaro Vaz de Almada, filho de Joaõ Vaz de Almada, em que tantas vezes se tem fallado nestas Memorias, que com tres navios andava a corso naquelles mares, aonde tomara tres embarcaçoens de Mouros, estimou o Conde grandemente o vello, e para lhe mostrar a sua boa vontade, o convidou, e aos Fidalgos seus companheiros para jantarem com elle; e estando todos em terra, começaraõ as atalayas a tocar a rebate, e logo o Conde teve aviso, dos Mouros, que vinhaõ, que eraõ dous mil Infantes, e quatrocentos Cavallos; e estimando assim o Conde, como os mais a occasiaõ, que se lhes offerecia, de mostrar cada hum o seu esforço, sahiraõ a encontrallos, o que elles naõ recusaraõ, fiados nos muitos, que eraõ, e assim oppondo-se aos primeiros dos nossos, feriraõ gravemente a Tristaõ do Valle, escudeiro do Infante D. Joaõ, o que vendo o Conde, os carregou com o poder, que trazia, e elles se defenderaõ por muito tempo com a mesma resoluçaõ, em que de ambas as partes se obraraõ proezas, e Alvaro Vaz passando de valente a temerario, se meteo de sorte entre os Mouros, que cercado delles, ainda que valerosamente se portava,

naõ

naõ poderia ſahir vivo, ſe o Conde obſervando o ſeu perigo, naõ correra a ajudallo; e animando novamente os ſeus, e chamando por Santiago, cahiraõ com mayor força ſobre elles, e matando alguns, intimidaraõ todos, que em fim ſe foraõ pouco a pouco retirando, e os noſſos os ſeguiraõ até lugar ſeguro de alguma emboſcada, em cujo alcance, além de alguns prizioneiros, morreraõ trinta e cinco de cavallo, que os de pé naõ ſe acharaõ neſte conflicto; e eſte foy o ultimo, em que conſta ſe achaſſe peſſoalmente o Conde D. Pedro.

1002 Depois deſte ſucceſſo, vieraõ a Ceuta dous Fidalgos moços de grande ſer, e honra, os quaes eraõ Ruy Dias de Souſa, filho do Meſtre da Ordem de Chriſto D. Lopo Dias de Souſa, e Gonçalo Rodrigues de Souſa, filho de Ruy de Souſa, aquelle Cavalhero, que na tomada de Ceuta obrou com valor taõ deſuſado, junto àquelle poſtigo, que olhava para o mar, que por eſta acçaõ ficou denominando-ſe dalli por diante com o ſeu meſmo nome, aos quaes o Conde recebeo com agrado, e grandeza, principalmente ao filho do Meſtre, a quem devia a educaçaõ; e como eſte deſejava dar algumas provas do ſeu valor, pedio ao Conde lhe diſpozeſſe occaſiaõ de poder moſtrallo, e elle por lhe fazer o goſto, mandou a Martim da Camera, e outros, que foſſem a huma Aldea junto a Tetuaõ, e obſervaſſem tudo o que nella havia; e elles o fizeraõ com taõ boa fortuna, que depois de oito dias, vieraõ dar parte ao Conde do deſcuido dos Mouros, e do modo com que podiaõ buſcallos, e elle mandou

Outro mais conſeguido por ſeu filho D. Duarte, e outros Cavalheres.

logo prevenir algumas barcas para ir parte da gente a certa paragem, aonde ſe havia de incorporar com a que hia por terra, de que era Capitaõ ſeu filho D. Duarte, e eraõ todos os Cavalleiros da Praça; e chegando ao tal lugar, já lá eſtavaõ os outros, mas como era ainda muito de noite, eſperaraõ, que amanheceſſe, e mandaraõ diante as eſcutas para ver o que achavaõ, as quaes paſſando por huma terra ſemeada de milho, em que aſſiſtia hum Mouro, que a guardava dos porcos, que lha deſtruhia, e cuidando ſer eſtes, começou de gritar para eſpantallos, e os noſſos, que o ouviraõ, juſtamente entenderaõ, que os haviaõ ſentido; e aſſim ſem mais demora foraõ todos para a tal Aldea, e naõ ſe enganaraõ, porque o Mouro eſcapando às eſpias, que quizeraõ prendello, deu aviſo com as ſuas vozes às Aldeas viſinhas, de donde concorreo muita gente, e como praticos no paiz, ſe foraõ pôr em hum ſitio eſtreito, por onde tinhamos de paſſar, porém os noſſos os forçaraõ nelle de ſorte, que lhes foy preciſo deixallo, e retirarem-ſe a ſuas caſas, aonde entrámos envoltos com elles, matando, e prendendo todos os que foy poſſivel, e indo aos curraes para tirar o gado, ſe naõ achou o que ſe ſuppunha, porque advertidos alguns Mouros, lhe haviaõ antes aberto as portas, e aſſim veyo ſó conduzindo-ſe o que pode acharſe, e era iſto taõ de noite, que ao romper da manhãa, tinhaõ os noſſos já feito huma legoa de marcha. Entaõ mandou D. Duarte ſegurar hum paſſo eſtreito, que havia na retirada, e ao ſahir do Sol, viraõ junto a ſi vinte Mouros de cavallo, e quaſi dous mil de pé, e os noſſos ſem fazer

caſo

caſo delles, ſe vieraõ recolhendo ſempre em fórma, até pôr em ſeguro a preza; e aſſim, que o eſteve, voltaraõ ſobre elles com tal violencia, que deſordenados, fogiraõ logo todos os de Cavallo, deixando expoſta aos noſſos golpes a ſua Infantaria, de que morreraõ noventa e cinco; e ſe D. Duarte prudentemente ſe naõ acautelara no alcance, temendo, que o cançaſſo dos cavallos lhe pozeſſe em contingencia a vitoria, ſe acaſo a deſeſperaçaõ dos Mouros lhes fizeſſe voltar as caras, poucos ſeriaõ os que ficaſſem com vida; e aſſim continuando a marcha, reparou, que lha vinhaõ obſervando outros tantos Cavallos, porém chegando ao lugar do conflicto, e encontrando tantos corpos mortos, ſe ſuſpenderaõ; e D. Duarte aproveitando-ſe deſte acaſo, naõ ſó conduzio livremente o gado, que trazia, mas tambem o que achou no caminho, que fazia por todo, além de vinte porcos, trezentas e vinte cabeças de gado groſſo, e duzentas e dez do miudo, e com tudo ſe recolheo à Cidade, fóra da qual o veyo eſperar ſeu pay, e aos mais, que o ſeguiaõ, agradeceo a todos o bem, que ſe houveraõ, como elles mereciaõ.

## CAPITULO CLXXIX.

*Em que ſe continûa a meſma materia.*

1003 ENtre os Fidalgos da primeira nobreza, que vieraõ a eſta Praça, foy hum delles D. Sancho de Noronha, irmaõ de D. Fernando, ao qual creara, Paſſa a ſervir em Ceuta D. Sancho de Noronha com cincoenta Cavallos.

creara, e amava muito ElRey D. Duarte, e como este pela sua pouca idade, até aqui naõ tivera occasiaõ de fazer publico o seu natural esforço, para manifestallo, pedio licença a ElRey para ir servir a Ceuta, para onde partio no anno de 1435. levando comsigo cincoenta companheiros, e todos com cavallos, que já faziaõ o numero de duzentos; e como entaõ na Praça naõ havia noticia de que os Mouros emprendessem alguma hostilidade, tiveraõ por culpavel o ocio todos aquelles Fidalgos, principalmente D. Sancho, que com o fervor da idade ainda sentia mais aquelle socego; e como o ir sobre alguma Aldea, era fazer o mesmo, que tinhaõ feito os outros, cuidou na interpreza de *Tetuaõ*, como Praça forte, e murada, para o que pedio faculdade ao Conde, que por condescender com este seu desejo, lha deu, e o advertio para a cautela de que necessitava, e mandou com elle seu filho, e outros Cavalleiros, que como mais praticos no paiz, e experimentados na guerra, podessem dirigir com acerto esta expediçaõ, e estando prompto tudo, sahiraõ de Ceuta com cento e cincoenta Cavallos, e trezentos Infantes, aos 15. de Outubro, do dito anno, e marchando com todo o segredo até a meya noite, entaõ se apearaõ para os cavallos comerem, e elles descançarem; e neste tempo ouviraõ algumas vozes, e viraõ varios fogos, e D. Sancho perguntou o que seria aquillo, e huns disseraõ, que podiaõ ser Pastores, que costumavaõ fazellos, outros, que eraõ sinaes, que faziaõ os Mouros, por nos terem sentido, e que se assim fosse, naõ faltaria trabalho, pois aquella terra sobre ser

Cuida-se na empreza de *Tetuaõ*, que em fim se resolve.

Poder com que sahem.

[S]aõ sentidos dos Mou[ros].

muy

muy copiosa de gente, a tinha exercitada nesta, e em outras guerras; entaõ D. Duarte com hum sorriso modesto lhes disse, se callassem; e chamando à parte as pessoas mais principaes, que alli vinhaõ, e ouvindo-os sobre esta materia, lhes pedio seu conselho, e alguns delles disseraõ, que o successo era muy duvidoso, porque aquelles Mouros estavaõ avisados, e por consequencia apercebidos, que a terra era fragosa, e os passos de muito perigo, com que ainda, que quizessemos obrar alguma cousa, nos seria muy difficil; mas que já, que alli estavamos, naõ eraõ razaõ, que voltassemos, e que deixassemos de obrar com o mesmo valor, que até aqui tinhamos mostrado nas mais arduas emprezas, e que assim lhes parecia, que encomendandonos a Deos, em cuja causa andavamos, fossemos a diante, com a vigilancia, e cuidado de que se necessitava, que se houvessemos de perder as vidas, fosse com honra, com cuja resoluçaõ se conformaraõ os outros; e entaõ D. Duarte mandou montar a Cavallaria, e foraõ caminhando para a Cidade, e antes de chegar a ella, como era já dia, viraõ juntos os Mouros, que em fim vieraõ disputarnos o passo, no qual houve huma rija escaramuça, que custou a vida a Joaõ Gonçalves, escudeiro de D. Sancho, e pessoa de conhecido valor; porém vencido este primeiro embaraço, e chegando às portas da Cidade, em que alguns bateraõ com as lanças, naõ trazendo instrumentos de expugnaçaõ, e concorrendo sobre elles todo o poder dos Mouros, pareceo uniformemente a todos, que nos retirassemos, pois dalli naõ podiamos passar, e fazendo-o,

Conselho, que faz D. Duarte, e o que se vota.

Prosegue-se a empreza.

Mataõ a Joaõ Gonçalves.

Retiraõ-se os nossos.

zendo-o, ainda que involuntariamente D. Duarte, e D. Sancho, vieraõ buſcar o porto, aonde ficaraõ as barcas, o qual era dalli duas legoas, como tambem Tetuaõ diſtava dez de Ceuta. Os Mouros vendo, que hiamos buſcar a praya, correraõ logo a ella, e naõ ſó a cobriaõ, mas os montes, e valles por onde paſſavaõ. D. Duarte vendo diante toda aquella multidaõ de Barbaros, diſſe a D. Sancho, que foſſe com a Infantaria fazer, que ſe embarcava, que elle com a Cavallaria hia atacar os Mouros, aſſim para divertillos, como para que elles naõ entendeſſem, que lhe fogiaõ, o que aſſim meſmo ambos executaraõ; e os Mouros como viraõ os muitos, que lhe hiaõ cuſtando a ſua oppoſiçaõ, a foraõ fazendo com menos vigor, até que à cuſta do ſeu ſangue, e da noſſa fadiga, a deixaraõ de todo. Entaõ diſſeraõ aquelles Fidalgos, que vinhaõ com D. Sancho, que pois elle obrara naquelle dia o que todos tinhaõ viſto, que era razaõ ſe armaſſe Cavalleiro, e elle pedio a D. Duarte lhe fizeſſe eſta honra, e recuſando-o eſte, com a attençaõ, e modeſtia de querer, que ſeu pay foſſe quem o armaſſe, ſe vio inſtado de ſorte, que houve de fazello alli meſmo, com goſto univerſal de todos; e dando à véla os que vinhaõ por mar, que era toda a Infantaria, vieraõ por terra os Cavallos, ſem terem encontro, que lhes detiveſſe a marcha, nem mais perda, que a de hum homem, que ſe chamava Joaõ Garcia, além de Joaõ Gonçalves, e deixando os Mouros innumeraveis mortos, e feridos.

Eſperaõ-nos os Mouros.

Acomete-os D. Duarte, e em fim ſe retiraõ com perda.

Arma-ſe Cavalleiro D. Sancho.

Recolhe-ſe à Armada com a Infantaria, e os Cavallos por terra.

1004 Como a inveja he vicio commum, alguns a tiveraõ do bom ſucceſſo de D. Sancho, e naõ menos

Inveja, que ſe apodera de alguns Fidalgos.

nos de D. Duarte, ao qual, como viaõ, que ſe aventajava a todos, naõ quizeraõ acompanhallo em nenhuma outra empreza, e neſta inacçaõ eſtiveraõ dous mezes, até que conhecendolhes ſuas tençoens D. Duarte, mandou Vicente Pires a *Beneguará*, huma Aldea perto de Tetuaõ, para que a exploraſſe, como elle fez, e o aviſou de tudo, com cuja certeza ſe reſolveo a aſſaltalla; e mandando por mar a gente, que lhe pareceo, foy por terra com cincoenta Cavallos, de eſcudeiros eſcolhidos, aſſim ſeus, como de ſeu pay; e antes de partir, mandou convidar D. Sancho, que por comprazer aos companheiros, ſe eſcuſou de o ſer ſeu; e elle ſahio huma tarde, (fazendo os que ficavaõ grande zombaria deſta ſua ida) e foy amanhecer junto a hum monte, viſinho da Aldea, aonde eſteve eſcondido, até as dez horas do dia, e entaõ ſabendo pelas ſuas eſpias, que os Mouros na certeza de naõ terem rebate, ſe haviaõ eſpalhado por varias partes, e deixaraõ com pouca gente a Aldea, cahiraõ ſobre ella, e a entraraõ ſem reſiſtencia, levando trezentas cabeças de gado groſſo, e quinze prizioneiros; e querendo ſahir della, acharaõ vinte e cinco Cavallos com muita gente de pé, que ſe lhe oppunha, porém D. Duarte ſem alteraçaõ alguma, diſſe a quatro de Cavallo, que conduziſſem a preza, e elle com os mais atacou os Mouros, e matando Fernaõ Rodrigues de Vaſconcellos, neto de Mem Rodrigues de Vaſconcellos, Meſtre de Santiago, a hum Mouro, que lhe ſahio ao encontro, com a ſua morte ſe ſuſpenderaõ os outros, e com grande ſentimento ſe retiraraõ, com que D. Duarte pode livre-

Conhece-a D. Duarte, e toma nova empreza.

Eſcuſa-ſe D. Sancho de acompanhallo, e porque.

Executa-a D. Duarte; e com feliz ſucceſſo.

mente ſeguir o ſeu caminho; e nelle meſmo armou Cavalleiros a Fernaõ Martins, e Gil Vaſques da Coſta, pelo bem, que haviaõ obrado naquella expediçaõ.

Arma Cavalleiros a Fernaõ Martins, e Gil Vaſques.

1005 Já neſte tempo deſenganados os Mouros de todo o bom ſucceſſo, nos propozeraõ tregoas, porém com taes condiçoens, que ao Conde naõ pareceo conveniente aceitallas. Depois diſto, no anno de 1436. reſgatando o Conde hum Cativo noſſo, ſoube delle, que o fora de hum Mouro principal, e rico, que morava junto ao campo de *Benamadem*, o qual com todos os daquella Aldea eſtavaõ ſem receyo algum de ſerem invadidos, pela defenſa, que lhe faz hum rio, que divide o campo; porém, que ſe elle quizeſſe, lhe enſinaria parte por onde ſe podeſſe entrar nas meſmas caſas do Mouro, ſem perigo algum. O Conde eſtimou a noticia, e querendo logo aproveitarſe della, chamou ſeu filho, e o encarregou da empreza, mandando com elle Ruy de Mello, que depois foy Almirante, Joaõ de Albuquerque, Senhor de Angeja, e Ruy da Cunha, que tambem depois foy Prior de Guimaraens, os quaes havia pouco tempo, que tinhaõ vindo a ſervir na Praça, e aſſim eſtimaraõ muito ter occaſiaõ de moſtrar o ſeu preſtimo. Com elles foraõ por terra duzentos e dez Cavallos, e por mar trezentos Infantes, que à hora deſtinada ſe acharaõ todos juntos no ſitio, que ſe lhes apontara, e encaminhando-os o Cativo ao rio, lhes enſinou o vao, que primeiro, que todos paſſou D. Duarte; e ſeguindo-o os demais, chegaraõ ao amanhecer às caſas do Mouro, que ſentindo o rumor dos noſſos, montou a cavallo, e conduzindo a ſua gente,

Nova empreza a que vay D. Duarte, dirigido de hum Cativo noſſo, que ſe havia reſgatado, e com o meſmo bom ſucceſſo.

gente, deu ſinal à dos lugares viſinhos, accendendo fogos; e D. Duarte ſem alteraçaõ alguma fez, que primeiro ſe rebanhaſſe o gado, e repartindo na guarda deſte, e na da campanha a gente neceſſaria, inveſtio com a que lhe ficara, os Mouros, que com nova induſtria tinhaõ ordem daquelle, para fazerem toda a diligencia por nos matarem o Cabo, que era D. Duarte, e elle entaõ quiz ſeguirlhe o conſelho, fazendo muito pelo matar primeiro; e aſſim eſperou encontrallo, e com tanta vehemencia lhe arremeçou a lança, que atraveſſandolhe o corpo, lhe quebrou dentro, e logo cahio morto; e os outros com a ſua falta perderaõ tanto o alento, que ſe foraõ mais deſpenhando, que fogindo, por hum aſinhal abaixo, aonde morreraõ oitenta e quatro, ſeguidos ſempre dos noſſos; entre os quaes ſe diſtinguiraõ neſte dia, além dos já nomeados, Diogo da Cunha, e Alvaro da Cunha ſeu irmaõ; e fogidos os Mouros, mandou D. Duarte recolher o gado, que eraõ novecentas e vinte cabeças, e com eſte, e cincoenta e dous prizioneiros, que fizera, ſe poz em marcha; e chegando ao porto, mandou paſſar o vao, o que ſe fez ſem alguma oppoſiçaõ, porque ainda, que os Mouros tinhaõ alli concorrido, quando viraõ a noſſa Cavallaria, naõ ſe atreveraõ a acometella, e aſſim veyo para a Cidade, aonde fóra della os eſtava eſperando o Conde, que ſabendo o ſucceſſo, deu as graças delle a quem as devia, que era o Senhor dos Exercitos, ſendo tanta a ſua alegria, que chegou a expreſſalla com lagrimas.

## CAPITULO CLXXX.

*Do mais, que ſuccedeo até a morte do Conde.*

Vem os Mouros ſobre Ceuta com grande poder, e em fim ſe retiraõ ſem effeito.

1006 TEndo ElRey de Fez repetidas noticias de taõ infauſtos ſucceſſos, hum Vaſſallo ſeu, e ainda ſeu parente, diſſe hum dia na ſua preſença, e dos ſeus Cortezoens, ſe haveria alli quem quizeſſe ſeguillo, porque elle deſejava ir a Ceuta viſitar a D. Duarte; e como o lugar da pergunta fazia certa a repoſta, lhe diſſeraõ todos os que alli ſe achavaõ, que elles eſtavaõ promptos para acompanhallo, e determinado o dia, eſcolheo mil Cavallos, em que entravaõ os Mouros principaes do Reyno; e ſem mais gente de pé, que a neceſſaria para o ſeu ſerviço, vieraõ com todo o vagar, e ſocego, como convinha, para naõ chegarem cançados; e como o Capitaõ, ſobre ſer illuſtre, era valeroſo, e ſciente na guerra, diſpoz tudo com grande acerto, e cuidado, e depois de emboſcar novecentos Cavallos em duas cilladas, mandou deſpir os cem Soldados, que ficavaõ, e veſtillos nos trages de gente ordinaria, e tirar aos cavallos os arreyos, que traziaõ para melhor disfarçallos, e que aſſim ſe foſſem chegando à Praça, e diſcorreſſem o campo, como gente temeroſa, que vinha mais para ver, que para pelejar; e que ſe os noſſos ſahiſſem, como ſuppunha, ſe vieſſem retirando até os meter nas emboſcadas; e naõ ſahindo, que foſſem provocallos, e fizeſſem o meſmo; mas

mas quando elles chegaraõ, já eſtavaõ fóra os que hiaõ deſcobrir a campanha, com que logo ſe travou entre elles huma leve contenda; e tocando-ſe a rebate, ſahio logo D. Duarte, com Ruy da Cunha, Ruy de Souſa, o Almirante, Diogo da Cunha, Alvaro da Cunha; Gonçalo de Souſa, Joaõ Fernandes d'Arca, e todos os outros Fidalgos, e Cavalleiros, que alli ſe achavaõ, e incorporados com os primeiros, foraõ ſeguindo os Mouros, que ſe hiaõ retirando até os levar à primeira cillada, que conſtava de quatrocentos Cavallos; e D. Duarte quando vio eſtes, e obſervou a ouſadia com que nos atacavaõ, ſuppoz, que havia outra, e tal vez de mayor numero, como de facto era; e entaõ prudentemente começou a fazer recolher os ſeus, o que lhe naõ deu pequeno trabalho, mas teve a fortuna de que em huma volta, que fez contra os Mouros, lhes matou dezaſete, e entre elles hum Mouro da primeira diſtinçaõ, como ſe inferio do grande ſentimento, que elles moſtraraõ da ſua morte, a qual lhe deu Ruy da Cunha; e tambem o ſeu Cabo teve hum encontro com Ruy Fernandes, eſcudeiro do Almirante, que lhe faltou pouco para lhe fazer ſeguir o meſmo caminho do companheiro; mas eſcapando deſte, naõ quiz eſperar outro, e ſe poz em fogida, com todos os ſeus; e como os noſſos, indo no ſeu alcance, ſe eſqueceraõ da cautela, que deviaõ ter na ſegunda cillada, ſem duvida cahiriaõ nella, ſe Deos os naõ livrara, pois naõ ſó ouviraõ repetidas vezes huma voz, que nunca ſe ſoube de quem foſſe, e que lhes dizia, que voltaſſem, e naõ foſſem para diante, porque certamente teriaõ

grande

grande perigo; mas de repente ſe condenſou no ar huma nevoa taõ eſpeſa, que naõ ſe viaõ huns aos outros, com que D. Duarte pode livremente retirarſe, ſem que os Mouros o viſſem. Alli entaõ armou Cavalleiros ao Almirante, e D. Diogo da Cunha, e outros, pelas grandes proezas, que obraraõ em taõ deſigual combate, que nos naõ cuſtou mais, que a vida de hum Cavalleiro Polaco, criado do Infante D. Pedro, com quem viera de Alemanha, ao qual chamavaõ Mattheus, que de tal ſorte ſe meteo pelos contrarios, que ſem poder ſer ſoccorrido, o mataraõ, depois de obrar aquellas grandes façanhas, que os meſmos Mouros depois confeſſaraõ. D. Duarte, aſſim que chegou à Cidade, foy logo a pé, e deſcalço dar a Deos as graças de taõ manifeſto milagre, com cujo exemplo fizeraõ todos o meſmo.

1007 Neſte meſmo anno de 1436. determinava ElRey D. Duarte a jornada de Tangere, a que haviaõ de ir ſeus irmãos os Infantes D. Henrique, e D. Fernando, da qual deu conta ao Conde D. Pedro por carta ſua, e elle ſe lhe offereceo para acompanhallos, com quatrocentos Cavallos, e mil Béſteiros, e ElRey lho agradeceo muito; e attendendo aos ſeus annos, e achaques, naõ conſentio, que elle foſſe, mas ſó ſeu filho, que com effeito foy com a gente promettida, ſendo já no anno de 1437. mas antes, que partiſſe, quiz o Conde, que elle obraſſe alguma acçaõ digna de quem elle era, e da gente, que tinha; e como alli naõ havia empreza de tanto credito como a de Tetuaõ, já outra vez deſvanecida, partio D. Duarte ſobre eſta Cidade,

Dá ElRey conta ao Conde da jornada de Tangere, e elle ſe offerece com muita gente, e ElRey lha aceita, e a ſeu filho.

Vay eſte primeiro ſo[illegible] Tetuaõ, e a ſaquea, [illegible]queima, achando-a d[illegible]mparada.

Cidade, que ainda que taõ populosa, como os Mouros andavaõ amedrentados, e sabiaõ o poder, que tinhamos junto, quando tiveraõ noticia, que a nossa marcha se dirigia a ella, a desampararaõ, tirandolhe tudo o precioso, que poderaõ levar comsigo; e quando os nossos chegaraõ, e viraõ fechadas as portas do Castello, lhe pozeraõ fogo, como tambem às casas, depois de saqueallas, e demolindo, e derrubando as Torres, e muros della, se recolheraõ; e nesta expediçaõ se achou tambem D. Fernando de Menezes, primo do mesmo D. Duarte.

1008 Em Setembro do mesmo anno, estando já os Infantes sobre Tangere, e com elles D. Duarte, enfermou gravemente o Conde seu pay, que mandou pedir ao Infante D. Henrique, lhe quizesse dar licença, para poder vir vello naquella ultima despedida, o que elle fez com muito pezar seu, a rogos, e persuasoens do Infante; e achando já o Conde nos derradeiros alentos da vida, depois de lhe tomar a bençaõ, e ouvir da sua boca saudaveis documentos, que naquella precisa hora lhe dictava o seu amor, e a sua Christandade, lembrando-se já só desta, e voltado todo a Deos o coraçaõ, lhe entregou o espirito, com geral edificaçaõ, e sentimento de todos.

*Vem assistir à morte de seu pay.*

*Morre em fim o Conde D. Pedro.*

1009 Foy sepultado na Sé de Ceuta, e dahi transferido para o Convento dos Eremitas de Santo Agostinho de Santarem, fundaçaõ de seu avô o Conde de Ourem D. Joaõ Affonso Tello de Menezes, para onde se lhes trasladaraõ os ossos, nos principios do reynado de D. Affonso V. sendo ainda Regente do Reyno o Infante

*Sua sepultura, e trasladaçaõ.*

fante D. Pedro, o qual, e tambem ElRey, lhe fizeraõ grandes honras na sua trasladaçaõ, devidas todas às suas memorias, e aos seus merecimentos. Na sua sepultura se lhe gravou o seguinte Epitafio:

Seu Epitafio.

*Aqui jaz o muyto honrado, muy nobre, e muy fidalgo Senhor, Dom Pedro de Menezes, Conde, q̃ foy de Viana, e primeiro Capitaõ, e Governador, q̃ foy na Cidade de Cepta Alferes mor do muyto alto poderoso, e muyto excellente S.or Dom Duarte, pela graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve, e Senhor da dita Cidade, filho q̃ foy de Dom Joaõ Affonso Tello de Menezes, Conde q̃ foy de Viana, e Senhor de Penella, Miranda, Alvito, e Villanova, e Neto q̃ foy de Dom Joaõ Affonso Tello de Menezes, Conde q̃ foy de Ourem, e da Condessa Dona Guiomar de Ferreira sua molher, bisneta q̃ foy dElRey D. Sancho de Castella, q̃ este Mosteiro edificaraõ, o qual Conde Dom Pedro a dita Cidade de Cepta huã so em Africa por Christãos possuida, com muyta descriçaõ vinte e dous annos governou, e contra os Mouros Infieis muy esforçadamente defendeo, e os conquistou por mar, e por terra, e fez afastar, e por força leixar grande parte dos termos della: onde por sua defensaõ, e da dita conquista fez muytas pelejas, em ellas sempre vencedor, e nunca vencido: de q̃ a dita Cidade ouve sempre em seu tempo gloria de vencimento, os Mouros temor, e os ditos Reynos grande louvor: Finouse em a dita Cidade aos vinte e dous de Setembro com seu proprio entender, bom, e Catholico*

*Christaõ*

*Christaõ ataa morte, muy esforçado Cavalleiro, a seu Rey natural muy verdadeiro, fiel, e leal, no anno de Nosso Senhor de mil e quatrocentos e trinta e sete.*

---

## CAPITULO CLXXXI.

*Das cousas pertencentes ao mar, no governo do Conde D. Pedro.*

1010 COmo as acçoens do Conde D. Pedro no tempo do seu governo de Ceuta, naõ se limitaraõ às que obrou em terra, e ficaõ referidas, mas tambem às que os seus Capitaens obraraõ no mar, se devem à sua disposiçaõ, e diligencia, me pareceo preciso dizer summariamente algumas mais dignas de memoria, e em capitulos separados, assim por serem menos, e independentes das outras, como por lhes naõ quebrar o fio da narraçaõ, as quaes saõ as seguintes. Logo que o Conde D. Pedro se encarregou do governo desta Praça, mandou fazer huma Fusta grande, de dez bancos, a qual sahio muy ligeira, assim a remos, como à véla, e a primeira vez, que foy ao mar, levou por Capitaõ Affonso Garcia de Queiroz, Fidalgo valeroso, e pratico na guerra dos Mouros, dos quaes desejava tomar vingança, pelo mao tratamento, que lhe deraõ, quando esteve cativo; e assim sahio de Ceuta com taõ boa fortuna, que encontrou junto a Cadiz huma embarcaçaõ destes, que vinha de Alcacer para Gibraltar

Arma o Conde huma Fusta para ir ao mar contra os Mouros, e quem vay nella.

braltar com carga de trigo, cevada, legumes, e ſeis cavallos, e quatorze homens de guarniçaõ, os quaes ſe entregaraõ ſem reſiſtencia, e Affonſo Garcia conduzio tudo para a Cidade, e o Conde lhe agradeceo, e aos companheiros o ſucceſſo, e os mandou outra vez correr a Coſta, o que elles fizeraõ com igual vontade, e ventura, porque na madrugada do outro dia, encontraraõ, e renderaõ outra embarcaçaõ mayor, e mais rica, por vir carregada de panos de ouro, e ſeda, e outras mercadorias naõ menos precioſas, que foraõ avaliadas em dez mil coroas, a qual vinha de Malaga para Tangere; e como era perto de terra, poderaõ eſcapar os Mouros, que ſó dous ficaraõ prizioneiros, e com ella ſe recolheo Affonſo Garcia a Ceuta; e deſcançando por ordem do Conde alguns dias, ſoube, que na enſeada de Gibraltar ſe eſtava carregando huma barca de importantes fazendas; e armando a ſua Fuſta, deu ſobre ella de noite, e ainda que achou baſtante reſiſtencia, e lhe diſputou mais de huma hora o renderſe, porque ſobre os Mouros ſerem muitos, eraõ ſoccorridos, e eſtavaõ armados, com tudo, bem que à cuſta do ſeu ſangue, e dos companheiros, e da vida de Payo Gonçalves, eſcudeiro do Conde, (que naquelle dia, em quanto eſta lhe durou, obrou acçoens dignas de eterno louvor) a entrou, e rendeo, cativando vinte e quatro Mouros, que ainda nella eſtavaõ, que os outros ſe deitaraõ ao mar, e como taõ perto da terra, ſe ſalvaraõ nella, menos cinco, que depois morreraõ das feridas, que levavaõ; e aſſim Affonſo Garcia trouxe para Ceuta a barca, e fazendas, que eraõ precioſiſſimas,

Toma-ſe outra de Mouros.

Sahe outra vez Affonſo Garcia, e toma ſegunda.

Rende huma barca, em que morre Payo Gonçalves, eſcudeiro do Conde.

cioſiſſimas, e até ſe mandava baſtante dinheiro em moedas de ouro, e prata, do que tudo ſe fez preza, e o Conde agradeceo, como devia, a todos taõ importantes ſerviços, ſendo os de Affonſo Garcia com taõ fauſtos exordios, preſagio feliz dos bons ſucceſſos, que depois teve, desbaratando, e rendendo os dous grandes coſſarios, que ſe armaraõ em Tangere, aos quaes cada hum por ſua vez cativou, e tomou as ſuas Fuſtas, moſtrando em todos os combates igual valor, que fortuna, para que já ſe enſayara, quando por ordem do Conde rompeo a Armada inimiga, para vir a Lisboa dar parte do ſitio de Ceuta, que lhe tinha poſto a meſma Armada, o que em fim executou ſem perigo.

Outras proezas de Affonſo Garcia.

1011 Vendo o Conde a neceſſidade, que tinha de trazer no mar mais Fuſtas, deu ordem a fazellas; e depois que ſe achou com as que baſtavaõ a combater com as dos Mouros, mandou nellas a Diogo Vaſques Portocarreiro, a Fernaõ Barreto, Fernaõ Gonçalves d'Arca, Martim de Caſtro, Joaõ Pereira, Joaõ da Veiga, Martim do Pomar, e Joaõ da Cellanova, Affonſo Mendes, Nuno de Goes, e outros, os quaes pelejaraõ de ſorte com os Mouros, que lhe tomaraõ huma Fuſta, e as outras ſe recolheraõ aos ſeus portos, com grande perda.

Faz o Conde mais Fuſtas, que combatem, e vencem as dos Mouros.

1012 Depois diſto, mandou o Conde armar as Fuſtas, que tinha, em que entravaõ as duas de Joaõ Pereira, e foy o meſmo Diogo Vaſques, com Gonçalo Vaſques Ferreira, Martim de Caſtro, Lourenço Annes, Joaõ Martins, Bento Sanches, e outros Cavalleiros, com ordem para irem a corſo a Malaga, e

Vaõ as Fuſtas a Malaga, e fazendo dar a coſta duas embarcaçoens de Mouros, lhe tomaõ huma barca.

Joaõ Martins quiz primeiro na ſua Fuſta ir à bahia de Gibraltar, e lhe ſuccedeo taõ bem, que achando nella huma barca com quinze Mouros, depois de huma dura peleja, a rendeo, e os cativou, e entaõ ſe foy incorporar com os companheiros; e indo todos na volta de Malaga, viraõ huma Fuſta pequena, carregada de louça, a qual ſeguiraõ, e fizeraõ encalhar em terra; e ainda que alli havia quinze Cavallos, e quarenta Infantes, que vieraõ defendella, com tudo, foy tomada, e trazida a Ceuta; e encontrando no caminho as Galés Venezianas, folgaraõ eſtas muito de ver aquellas prezas; e deſta vez naõ obraraõ mais nada, que fazer dar à coſta huma barca de Mouros, junto à praya de Tangere.

Vaõ a huma empreza, que ſe deſvanece, e de caminho tomaõ muito pano de linho, e algum gado.

1013 Entre os Mouros, que trouxeraõ cativos, vinha hum, que diſſe a Diogo Vaſques, que ſe lhe déſſe liberdade, lhe enſinaria parte em que podeſſe fazer huma grande preza; e armando elle a ſua Fuſta, e outra Fernaõ Gutterres, foraõ ao lugar apontado, mas ſendolhes contrario o vento, chegaraõ taõ tarde, que foraõ primeiro viſtos dos Mouros, com que ſe deſvaneceo aquella empreza, porém elles naõ querendo baldar a ſua diligencia, e ſabendo, que em certo porto havia embarcaçoens com fazendas, foraõ ſobre elle, e achando poſtas em terra para carregarſe muitas peſſas de pano de linho, depois de huma leve defenſa, poderaõ trazer para as ſuas Fuſtas duzentas e vinte e ſete peſſas, com que ſe fizeraõ à véla para Ceuta; e vindo ao longo da Coſta, viraõ nella, que andava paſtando algum gado, e ſahindo a terra, tomaraõ parte delle, e com tudo ſe recolheraõ à Cidade.

CAPI-

## CAPITULO CLXXXII.

*Em que se continûa a mesma materia.*

1014 COmo a Praça de Ceuta era a chave do mar Mediterraneo, vinhaõ a ella todas as embarcaçoens, que cursavaõ contra os Mouros; e assim chegou àquella Praça huma Galeota de Cartagena, cujo Capitaõ se chamava Joaõ Requelme, o qual pedio ao Conde lhe désse outra por companheira, para buscarem os Mouros, em cuja demanda vinha; e o Conde mandou armar a Fusta de Diogo Vasques, e sahindo ambos, andaraõ tres dias sem verem inimigo, até que topando huma Galé de Mouros, a tomaraõ, e lhes fizeraõ dar à costa huma barca, e roubaraõ outra, o que tudo foraõ vender a Tunes, e pôr em resgate os Cativos; e partida igualmente a preza, veyo Diogo Vasques com o seu quinhaõ para Ceuta. Tendo o Conde noticia, que em Alcacer se preparava outra Fusta para Gibraltar, e juntamente duas barcas com bestas, e fazendas para ElRey de Fez, mandou armar as de Diogo Vasques, e Lourenço Annes, e lhes encomendou a diligencia de esperallas; porém por descuido de Lourenço Annes, naõ poderaõ tomar mais que huma barca, que enviaraõ para Ceuta, de donde mandou tambem o Conde a Martim do Pomar, e Joaõ Pereira, com as suas Fustas, em seguimento das dos Mouros; e em fim lhe tomaraõ huma, com

Preza, que faz Diogo Vasques, e hum Capitaõ de Cartagena.

Outras prezas, que se fazem.

carga

carga de valor, com a qual se recolheraõ à Praça.

Tomaõ os Mouros huma barca em Ceuta.

1015 Achava-se no porto de Ceuta huma barca de hum Mercador, chamado Alvaro Pires, a qual os Mouros huma noite tomaraõ; e sentindo o Conde mais, que a perda, a ousadia, e sabendo a parte para onde se levara, mandou com ordem de recuperalla huma Galé, e duas Fustas, as quaes chegaraõ aonde a barca estava, mas taõ guardada, e defendida, assim no mar, como por terra, que as Fustas, que como mais ligeiras, poderaõ chegar primeiro, lhes foy forçoso affastaremse, e com alguns feridos; mas soccorrendo-os a Galé como mais possante, se retiraraõ os Mouros, havendo antes descarregado a barca, e encalhando-a em terra, de que os nossos naõ poderaõ trazer mais, que alguns fragmentos, que servio de pasto alguns dias ao fogo; mas discorrendo a Costa, viraõ outra embarcaçaõ mais pequena, que alli estava ancorada, e a tomaraõ, e trouxeraõ comsigo.

Manda o Conde buscalla, e o que se obra.

Manda o Conde sobre Larache: quem vay, e o que se obra até a destruirem, e queimarem, tirando-se hum grande despojo.

1016 Chegou a Ceuta hum Capitaõ Castelhano, pratico naquelles mares, e fallando com o Conde, lhe insinuou este o desejo, que tinha de destruir Larache, Cidade principal no Reyno de Fez, situada sobre o rio Lixa, na Provincia de Asgar, e lhe pedio o seu conselho nesta materia, e a sua direcçaõ, como quem havia ido alli muitas vezes; e facilitandolhe o Castelhano a empreza, lhe rogou o Conde se quizesse encarregar della, e duvidando-o este, naõ pelo receyo dos Mouros, mas do seu Rey, que tinha paz com elles, lhe disse, que por servillo, o que podia fazer, era dar as instrucçoens necessarias à pessoa, que se lhe nomeasse;

measse;

measse ; e chamando o Conde a Affonso Martins Cayado, que era Tenente da sua mesma Galé, homem tambem pratico, e valeroso, e muito capaz de semelhante expediçaõ, com os avisos do Castelhano, e as noticias, que elle já tinha, por ter ido àquella Cidade, tomou à sua conta a empreza, e logo se começou a prevenir para ella, como tambem Diogo Vasques, e ambos, antes de partirem, chamaraõ os companheiros, que eraõ Joaõ Barreto, Alvaro Pires, Lourenço Annes de Padua, Pedro Ximenes, e outros, cada hum na sua Fusta; e assim a elles, como aos mais propozeraõ este designio, e lhes pediraõ o seu voto, e o seu beneplacito; mas como elles naõ sabiaõ ainda as razoens, que moveraõ ao Conde, nem se havia as noticias necessarias do estado, e situaçaõ da Praça, duvidaraõ de poder lograrse; mas segurandolhes Affonso Martins, e Diogo Vasques, as boas disposiçoens, que havia para conseguirse, se foraõ aparelhar logo, e partiraõ todos para o lugar destinado para o desembarque, menos Pedro Ximenes, que foy primeiro a outra parte; mas faltandolhe o vento, houveraõ de buscar outro porto, e saltando em terra, se encaminharaõ para a parte arruinada das muralhas, que o Castelhano lhes dissera; mas sendo sentidos, acodiraõ os Mouros à sua defensa, mas por mais, que fizeraõ, naõ deixaraõ de ser rebatidos, e entrados, aonde os nossos obraraõ proezas, e heroicidades, que forçaraõ os Mouros a deixar a Cidade, ficando nella muitos mortos, e levando muitos mais feridos, a qual se entregou ao sacco dos Soldados, que foy taõ copioso, que se encheraõ as Fustas todas,

das, de ſorte, que foy neceſſario aos Capitaens defenderem o meterſe mais carga, pelo evidente perigo a que ſe expunhaõ. Depois diſto, foy Diogo Vaſques buſcar o Caſtello, e achando-o fechado, pode romper huma parede por onde entrou, e os que o acompanhavaõ, e eſtando ainda nelle alguns Mouros, fogiraõ pela porta da Traiçaõ, por onde haviaõ ſahido os outros, e Diogo Vaſques fez entaõ fechalla, por naõ ſahirem mais, ou por naõ entrarem, e ſaqueandoſe o Caſtello, ainda nelle ſe acharaõ couſas de mayor preço; e ficando Affonſo Martins em guarda do mar, para que ſe naõ embarcaſſe mais nada, que o que vieſſe do Caſtello, foraõ Diogo Vaſques, Alvaro Pires, Lourenço Annes, e outros, a porlhe fogo, e a muita parte da Cidade, que ſe reduzio a cinzas; e como alli havia muito gado, depois de recolherem o que podiaõ, mataraõ o outro, como tambem os cavallos, que naõ poderaõ conduzir; e eſtando embarcado todo eſte deſpojo, appareceraõ da parte de Arzila alguns Mouros, que naõ chegaraõ a tempo, e ſó da parte da terra vieraõ huns cinco Cavallos, e ſeſſenta Infantes; mas diſparandolhes huma peça, e matando hum delles, fogiraõ os outros, com que os noſſos poderaõ livremente largar as vélas, e fazer viagem; e eſtando para ſahirem, veyo Pedro Ximenes com huma Fuſta de Mouros, que havia tomado, na qual trazia alguns Cativos, e aſſim juntos todos, vieraõ para Ceuta, aonde os recebeo o Conde como elles mereciaõ.

Sahe Pedro Ximenes com duas Fuſtas, e depois de varios ſucceſſos temerariamente morre no ultimo delles.

1017 Liſongeado com o bom ſucceſſo deſte dia, ſahio dahi a poucos outra vez Pedro Ximenes com duas

duas Fuſtas, e ſaltando em terra de Mouros, encontrou cinco, que rendeo logo, e ſabendo por elles, que a traz vinhaõ mais vinte, que eraõ o Alcaide de Anafe, com quatro de cavallo, e quinze de pé, os eſperaraõ, e inveſtiraõ os noſſos; e ſeguindo-os perto de huma legoa, pois ſe pozeraõ em fogida, ainda poderaõ aprizionar ſeis; e tornando para o porto, viraõ vir tres Cavalleiros com dous criados a pé, os quaes eraõ hum Mouro principal, que trazia comſigo hum Mercador Genovez, com algumas fazendas, e como vinhaõ deſprevenidos, e foraõ de repente aſſaltados, os prenderaõ ſem reſiſtencia, excepto outro criado, que ficava a traz, e tambem hum dos de cavallo, que poderaõ eſcaparſe, com que os noſſos dando por bem empregado o trabalho do dia, ſe recolheraõ às ſuas Fuſtas, e levando ferro, quizeraõ fazer aguada em hum porto viſinho, e como era de noite, deu em hum banco de area a Fuſta de Pedro Ximenes, e de ſorte abrio, que foy preciſo paſſarſe logo a gente à de André Martins, que vinha na outra, e trazella à toa, até aquelle lugar, aonde reparados o melhor, que foy poſſivel, diſſe eſte a Pedro Ximenes, que bem viaõ o como eſtavaõ, e tambem era de crer, que os Mouros foſſem aviſados pelos que fogiraõ, e que tornaſſem com muito mayor poder, que a elle lhe parecia, que vieſſem para Ceuta, e por entaõ naõ quizeſſem tentar mais a fortuna. Porém Pedro Ximenes lhe reſpondeo, que queria ver os que eraõ, e niſto o aviſaraõ as noſſas eſpias como appareciaõ trinta Cavallos, e dez de pé, pela parte da terra, e pela do mar trezentos; e inſtando novamente

André Martins, para que se retirassem, elle naõ só o naõ fez, mas antes sahio em terra com quatorze homens, a pelejar com os Mouros, que como eraõ tantos, os cercaraõ, e alli pereceraõ, como tambem os outros da sua mesma Fusta, que por ficar em seco poderaõ colhellos, e só se salvaraõ alguns na de André Martins, que como nadava, e se defendia com varias settas, e tiros, se pode livrar do mesmo perigo, em que acabou temeraria, e imprudentemente Pedro Ximenes, e vinte e cinco Portuguezes, que com elle se acharaõ; e os outros recolhidos a Ceuta, deraõ noticia ao Conde deste infeliz successo, que elle sentio por dobrado motivo.

Preza, que fazem Affonso Garcia, e Pedro Palhaõ.

1018 Para haver de emendallo, mandou o Conde Affonso Garcia de Queiroz na sua mesma Fusta, com outra de Pedro Palhaõ, para irem a Alcacer, aonde sabia se armavaõ certas barcas para levarem trigo a Gibraltar; e encontrando só huma, a tomaraõ logo com oito Mouros, porque os outros, que trazia (e eraõ por todos quinze) se lançaraõ à agua, e nella pereceraõ; e esta barca era do Alcaide desta mesma Cidade.

---

## CAPITULO CLXXXIII.

*Em que se prosegue a mesma materia, e successos do mar.*

Sahe Gonçalo Vasques, e acomete huma Galé de Mouros com temerario arrojo, que em fim tem feliz successo.

1019 SAhindo na sua Galeota Gonçalo Vasques Ferreira a correr a Costa, avistou outra, que lhe pareceo de Mouros, e como estava em grande

distancia

diſtancia, foy a reconhecella, ſem embargo de ſer advertido pelos companheiros, que o naõ fizeſſe, porque ainda que o foſſe, era muito mayor, que a ſua, e como tal podia vir armada, e ſer cuſtoſo o combate; porém Gonçalo Vaſques deſprezando o conſelho, e contra a opiniaõ de todos, mandou vogar para ella, a qual aſſim, que vio a noſſa reſoluçaõ, e obſervou a pouca força da Galeota, fez que ſe eſcondeſſe a guarniçaõ da ſua, e apparecendo ſó ſeis, ou ſete Mouros, ainda deu mais confiança a Gonçalo Vaſques para abordalla, como fez logo, e entaõ aquelles, ſahindo todos os oitenta, que eraõ, travaraõ huma taõ dura, e porfiada contenda, que depois de cuſtar muito ſangue, chegou a derrubar Gonçalo Vaſques, aonde cahido, fora morto, ſe o naõ ſoccorrera hum Béſteiro, que lhe deu lugar a levantarſe, e tornar ao conflicto, do qual o diſſuadiaõ os ſeus, vendo a deſigualdade da peleja; mas elle increpando-os deſte receyo, os obrigou a perſiſtirem nella, e com tanta melhor fortuna, que havendo mais de huma hora, que durava, foraõ os Mouros rendidos com morte de quinze delles, e os demais prizioneiros com a Galé em que vinhaõ, que logo ſe conduzio para Ceuta, aonde foy grande o alvoroço, e naõ menos a eſtimaçaõ da preza, ganhada com tanta honra, e trabalho.

1020 Depois diſto, ſahindo Joaõ de Cordova, Capitaõ de huma Galé de Cartagena, a dar caça a huma barca de Mouros, por mandado do Conde, eſta ſe foy amparar de tres Fuſtas ſuas, as quaes à viſta dos noſſos, ſem embargo de ſerem tantas, ſe naõ atreve-

raõ a investillos, e Joaõ de Cordova os esperou largo tempo, até que se recolheo à Cidade; e dando conta ao Conde do que passara, mandou este armar mais duas Fustas, a de André Martins, e a de Affonso Garcia, e nellas foraõ Fernaõ Barreto, Joaõ Rodrigues Godinho, Pedro Vasques Pinto, e outros escudeiros de sua casa, e mandou tambem na sua barca a Joaõ das Aguias, e deu ordem, que ficassem todos fóra da enseada, aonde estavaõ as Fustas dos Mouros, e que Joaõ de Cordova entrasse nella, e visse se podia trazer a traz de si os inimigos, sendo só tres as Fustas, que elle dizia; e sendo mais, que lhe fizesse aviso para vir soccorrellos com as que lhe ficavaõ; e indo Joaõ de Cordova como se lhe ordenara, teve occasiaõ de tomar huma dellas, que havia sahido a reconhecello, retirando-se as outras outra vez aos seus portos. O mesmo successo teve tambem Joaõ das Aguias, que sahindo depois com Joaõ de Cellanova, e Martim do Pomar, tomaraõ huma barca com cinco Mouros, e a levaraõ para Ceuta.

Toma Joaõ de Cordova outra Fusta aos Mouros.

1021 Gonçalo Velho, Fidalgo de valor, e experiencia, que depois foy Commendador da Ordem de Christo, desejando servir a Deos, e a ElRey, armou à sua custa huma Galé na Cidade do Porto, e partio para Ceuta, aonde andava a corso dos Mouros, aos quaes tomou varias embarcaçoens; e unindo-selhe outra Galé de Alicante, foy convidado por dous Fidalgos Castelhanos, Gonçalo, e Joaõ de Saavedra, que tinhaõ cada hum sua, para huma empreza em terra de Mouros, e de caminho o tentaraõ com grandes promessas

Arma Gonçalo Velho huma Galé à sua custa.

Tentaõ-no os Castelhanos, e elles lhes responde com brio heroico.

messas da parte delRey de Castella, para que elle quizesse ficar em seu serviço; porém elle com resoluçaõ, e brio Portuguez, lhe respondeo de sorte, que os dous se naõ atreveraõ mais a fallarlhe em semelhante materia; e cuidaraõ só na expediçaõ para que o tinhaõ chamado, a qual naõ teve effeito por culpa do Adail, que ignorando, ou errando o caminho, chegaraõ a horas, que o naõ eraõ já de poder conseguirse; e assim a trocaraõ por outra, indo a huma Aldea rica, mas populosa, que estava no caminho; e querendo entralla Gonçalo Velho com os seus, que seriaõ por todos noventa e sete, acharaõ nos Mouros grande resistencia; e como estes tinhaõ o abrigo de hum monte visinho, em que haviaõ posto todo o seu precioso, e nelle tambem se refugiavaõ, por ter este difficeis, e ignoradas veredas para penetrarse, nos sahiaõ ao encontro com mais actividade; e como nelle se ateava a peleja, recebeo Gonçalo Velho hum golpe na cabeça com tanta violencia, que o fez rodar o monte, e da ferida veyo depois a perder a vista de hum olho; e tambem alli logo perdera a vida, se hum escudeiro seu, chamado Joaõ de Almeida, com prompta resoluçaõ o naõ soccorrera, e o naõ livrara dos terriveis golpes de hum Mouro, com o que elle lhe deu, taõ violento, que lhe levou hum braço, com parte das espadoas, de que logo morreo; e entaõ Gonçalo Velho se levantou, e vendo, que os seus se retiravaõ, e o poder dos Mouros cada vez mais crescia, se valeraõ de huns vallados aonde melhor podiaõ defenderse, ao menos, mais tempo; e estando neste aperto, appareceraõ os Castelhanos, que tinhaõ

O como obra nesta expediçaõ.

Como lhe vale hum escudeiro seu.

tinhaõ ido por outra parte; e os Mouros tanto, que os viraõ, se recolheraõ ao monte, deixando exposta a Aldea à furia dos nossos, que depois de saquealla do que ainda lhe ficara, lhe pozeraõ fogo, e vieraõ embarcarse só com hum Soldado morto, mas com muitos feridos; e entaõ os Saasvedras depois de agradecer a Gonçalo Velho o bem, que se houvera em taõ perigosos combates, se recolheraõ às suas Fustas, e seguiraõ outro caminho.

Como em fim os Mouros se retiraõ, e à Aldea se lhe dá sacco.

---

## CAPITULO CLXXXIV.

*Em que se continûa a mesma materia.*

1022 VEndo os Mouros os repetidos damnos, que recebiaõ no mar, e pelo mar se participavaõ à terra, se resolveraõ a fabricar mais Fustas, e alguns navios, principalmente em Tangere; e sabendo o Conde, que em Malaga se carregavaõ algumas barcas com fazendas, ainda que tambem sabia, que cruzavaõ os mares as suas Fustas, mandou armar tres; e porque André Martins, e Affonso Garcia estavaõ doentes, nomeou em seu lugar a Martim Vasques Pestana, seu criado, e homem destemido, e Alvaro Fernandes Palenço, naõ menos ousado, e pratico nos conflictos navaes; e com este foy Alvaro Fernandes do Cadaval, igualmente valeroso; e instruhidos do que haviaõ de obrar, sahiraõ huma noite de Ceuta, e passando Bulhoens, viraõ ao longe alguns pequenos faroes,

Fabricaõ os Mouros mais Fustas, e alguns navios.

faroes, de que inferiraõ ſerem os inimigos, e chegando mais perto, encontraraõ com ſeis Fuſtas de Mouros, cujos Capitaens eraõ entre elles os mais famoſos, e atrevidos, os quaes aſſim, que nos conheceraõ, nos inveſtiraõ, e atracaraõ, e afferrando huma Fuſta, a que chamavaõ o Rapozo, que eſtava de fóra, topou com tal força a ſua proa no bordo da Fuſta dos Mouros, que com o impulſo daquelle movimento cahiraõ ao mar a mayor parte delles; mas ſendo ſoccorrida por outra, ſe travou com ambas huma dura peleja, como tambem ſe combatia nas outras, até que entrada a principal dos Mouros, ſe lançaraõ ao mar os que eſcaparaõ ao ferro, naõ ficando nella mais, que tres homens, e nenhum na primeira; e ficando aſſim quaſi igual a contenda, tornaraõ as quatro dos Mouros a atracar o Rapozo, e como nella vinhaõ gentes principaes, foy cruel o conflicto; e ficando a geito a Pedro Affonſo, e a outro eſcudeiro o ſaltar em huma, o fizeraõ com tal reſoluçaõ, que ambos ſós levaraõ até o maſtro os Mouros; mas vendo eſtes, que eraõ vencidos ſó de dous homens, (porque os outros os naõ ſeguiraõ quando ſaltaraõ) tornaraõ ſobre elles, e matando a Pedro Affonſo, pode acolherſe à ſua Fuſta o companheiro; e os Mouros ſem embargo do ſeu mayor poder, ſe pozeraõ em retirada, levando além dos affogados, e mortos, muitos feridos, em que os noſſos lhe naõ foraõ deſiguaes, pois a penas houve Portuguez, a que naõ cuſtaſſe ſangue o combate.

Tem ſeis Fuſtas ſuas huma dura peleja com tres noſſas, que fazem em fim retirar os Mouros, ainda que com a morte de hum noſſo eſcudeiro.

1023 Depois deſte ſucceſſo, tomaraõ as Fuſtas do Conde huma de Mouros, e Luiz Gonçalves, (que

Toma-ſe huma Fuſta aos Mouros, e huma Carraca.

depois

depois foy Védor da Fazenda ) vindo de Ceuta para Portugal, tomou no caminho huma Carraca, com taõ precioſa carga, que foy baſtante a viver ſempre rico.

1024 Pouco depois ſahiraõ de Ceuta tres Fuſtas, a de Alvaro Fernandes Palenço, a de Alvaro Affonſo, e a de Lopo Dias, ou Martim Fernandes, as quaes vendo junto a Larache huma barca grande de Mouros, a inveſtiraõ, porém ella largando as vélas, e tomando as armas, ſe hia defendendo, e andando; e como eſtava bem guarnecida, e naõ pode ſer afferrada, foy neceſſario, que ſe lhe pozeſſe diante a Fuſta mais pequena, em quanto as duas mayores prolongavaõ por ella, e alli entaõ ſe começou huma cruel peleja, que durou muito tempo, até que ſendo morto o que a governava, ſe renderaõ os Mouros, e nella foraõ achados cincoenta e ſeis, que trouxeraõ cativos, com muitas roupas, e mercadorias importantes, cuſtandonos ſó a vida de hum Soldado, além dos feridos, que foraõ muitos, mas naõ de perigo.

Toma-ſelhe huma barca grande com fazendas.

1025 Tendo noticia o Conde de que as Fuſtas dos Mouros haviaõ de ir a terras de Caſtella, mandou preparar tres das ſuas, de que eraõ Capitaens André Martins, Alvaro Affonſo de Aguiar, e Alvaro Fernandes do Cadaval, e chegando a Cadiz, aviſtaraõ huma grande Fuſta, a qual acometeraõ, e ella logo ſe quiz pôr em retirada, porém ſendo ſeguida, ſe poz em defenſa, até que ferido o Cabo, antes de renderſe, obrou huma tyrannia muy propria da ſua barbaridade, porque trazendo entre os Chriſtãos cativos dous Portuguezes, chamou a hum delles, e o matou elle meſmo, e tomada

Toma-ſe outra Fuſta.

da a Fuſta, ſe acharaõ nella quarenta e tres Mouros.

1026 Eſtava cativo em Alcacer Fernaõ da Sylva, criado do Infante D. Duarte, (do qual ſendo já Rey, foy ſeu Eſtribeiro mòr, como tambem delRey D. Affonſo V.) e como o Conde deſejava ſempre remir os prizioneiros, e tinha tanto mayores eſtimulos para o fazer a eſte Fidalgo, aſſim pela ſua peſſoa, e merecimentos, como pela eſtimaçaõ, que delle fazia o Infante, tratou de mandar reſgatallo com mais quinze Portuguezes, que lá ſe achavaõ; e tendo já promptas as Fuſtas para eſta diligencia, chegaraõ a Ceuta quatro de Cartagena, cujos Cabos diſſeraõ ao Conde, que haviaõ viſto ſeis de Mouros, e que lhe pediaõ mandaſſe com elles as ſuas para combatellas; e elle nem crendo, nem duvidando, lhes diſſe, que o faria, ſe elles vieſſem no partido de meter nas ſuas alguma gente noſſa, como elles tambem fariaõ nas do Conde; porém os Caſtelhanos naõ convindo neſta condiçaõ, ou por menos ſynceridade, ou por outra cauſa, ſe foraõ embora; e o Conde com eſta noticia ſuſpendeo o reſgate, até ſe certificar daquelle aviſo; e tendo-o do meſmo Fernaõ da Sylva, de que alli naõ andavaõ Fuſtas do inimigo, ſe reſolveo a mandar quatro das ſuas, em que hiaõ Pedro Vaſques Pinto, que era Cabo de todas, Alvaro Affonſo, Alvaro Fernandes Palenço, Lopo Vaſques Portocarreiro, André Martins, Gonçalo Vaſques Frazaõ, Alvaro Fernandes do Cadaval, Joaõ das Aguias, e outros bons eſcudeiros, e hia tambem em huma barca pequena Joaõ Affonſo de Villaverde, e foraõ todos prevenidos para qualquer encontro; e ſahindo de Ceuta,

*Azurara, vida do Conde D. Pedro*, part. 2. cap. 20.

ta, chegaraõ junto a Alcacer, de donde Pedro Vasques mandou diante Alvaro Fernandes do Cadaval a descobrir o porto, com ordem, para que achando Fustas, virasse ao mar, e lhe fizesse aviso, com o sinal, que entaõ lhe apontara, o que Alvaro Fernandes fez logo, que descobrio cinco Fustas de Mouros, tres de quinze bancos, e duas de quatorze, as quaes eraõ das melhores, que elles tinhaõ, e nellas vinhaõ os Capitaens mais valerosos, e experimentados, com muita, e boa gente. Entaõ Pedro Vasques incorporando-se com as outras, fez a todos aquellas advertencias, que julgou necessarias; e fazendo-se mais ao mar em razaõ do vento, foraõ vogando todos para as Fustas dos Mouros, os quaes, assim que viraõ, que os nossos os buscavaõ, vieraõ a esperar tres, e afferrada a principal do inimigo (que era de Gibraltar, e trazia muita mais gente, que as outras) por Lopo Vasques, e Pedro Vasques, foy entrada, sendo os primeiros, que nella saltaraõ Alvaro Pinto, e Affonso Garcia, e neste encontro esteve muy arriscado Lopo Vasques, que com duas pedradas, que lhe deraõ no rosto, e na cabeça, o deitaraõ aos pés, porém soccorrido dos companheiros, e os Mouros combatidos de ambas as partes, se lançaraõ quasi todos ao mar, desamparando a Fusta. André Martins, e Gonçalo Vasques atracaraõ huma, mas acodindo outra, houveraõ de pelejar muito tempo sem desigualdade; o mesmo succedeo a Alvaro Fernandes, e Joaõ Affonso com as que combateraõ, até que soccorridos de Palenço, e do mesmo Pedro Vasques, se renderaõ, lançando-se tambem à agua; e neste conflicto

Peleja famosa no mar.

cto foy duas vezes derrubado Gonçalo Vasques, porém sem perigo. O mesmo successo teve a quarta Fusta, que tambem foy ganhada; e só a mais pequena, que ficou mais a traz, vendo rendidas as quatro, vogou para terra, aonde encalhou; e os nossos naõ cuidando nella, trataraõ de conduzir as outras, e apanhar os Mouros, que andavaõ pela agua, dos quaes, e dos que estavaõ nas Fustas, trouxeraõ comsigo duzentos e dezaseis, e entre elles os principaes Capitaens, que as governavaõ, e deixaraõ mortos duzentos e dezoito, escapando a nado dezanove, o que tudo soube depois o Conde de pessoa de todo o credito; e este fim teve aquelle combate.

---

## CAPITULO CLXXXV.

*Em que se dá fim a esta materia, e se trata da má visinhança, que nos faziaõ os Castelhanos, e se nomeaõ alguns Portuguezes, que militaraõ em Ceuta.*

1027 ANdando Alvaro Affonso cruzando aquelles mares, encontrou huma barca pequena de Mouros, que hia para Gibraltar, e acometendo-a, a tomou logo, porque os mais delles se lançaraõ ao mar, e só se acharaõ nella quatro, ou seis cavallos, com alguns mantimentos, que trouxeraõ para Ceuta.

1028 Depois deste successo, naõ deixou de ter outro igual o mesmo Alvaro Affonso, encontrando outra barca de Mouros, mais rica, e mais possante, a

qual ſe poz em alguma reſiſtencia, até que ſendo entrada, ſe lançaraõ ao mar, deixandonos a preza, que com a meſma facilidade ſe conduzio à Praça, aonde o Conde lhe agradeceo taõ bem ſuccedidos encontros, o que muito mais lhe mereceo depois em companhia de André Martins, pois aviſtando huma Fuſta de Mouros, em que vinha hum grande corſario, a ſeguiraõ logo; e elle conhecendo ſerem Chriſtãos, e vendo-ſe alcançado, virou a proa a elles, e ſe poz em defenſa, como homem experto, e valeroſo, até que ſendo ferido, e conhecendo, que naõ podia eſcapar de morto, ou prizioneiro, e trazendo dous noſſos comſigo, chamou a hum delles, e o matou com as ſuas proprias mãos, tomando anticipada vingança da ſua morte, que taõ juſtamente lhe foy dada, e a muitos dos ſeus, ficando os mais cativos, e reſgatando-ſe o Chriſtaõ, que ficara, e o corſario trazia, a quem naõ chegou a extenderſe a ſua barbaridade. Outros varios ſucceſſos de menos importancia deixaõ de referirſe, e tambem pela meſma razaõ de que me naõ pertencem. Neſte meſmo tempo chegaraõ alli as Galés de Veneza, com outras fazendas, que o Conde lhe comprou, e ficando remediado, foraõ elles ſatisfeitos.

1029 Pouco o eſtavaõ os noſſos da viſinhança dos Caſtelhanos, os quaes, ſem embargo da utilidade, que lhe fazia Ceuta, com a diverſaõ de Granada, naõ ſó nunca nos deraõ ajuda, mas em tudo o que podiaõ nos faziaõ a mayor hoſtilidade, chegando a armar ciladas, e cativar paiſanos, com eſcandalo da natureza, e da hoſpitalidade, como ſuccedeo no anno de 1430. em

Traiçoens, e hoſtilidades, que nos fazem os Caſtelhanos.

em que duas Galés suas, de que eraõ Capitaens Gonçalo de Quadros, e Affonso d'Eça, foraõ a Ceuta, e furtiva, e traidoramente tomaraõ alguns homens, (como tambem fizeraõ no mar) e persuadiraõ outros, para que deixassem o serviço delRey de Portugal, e passassem para o de Castella, cuja proposta foy de todos taõ mal recebida, que nem foy escutada, porque increpando aos authores de huma tal infamia, ainda antes de se declararem com a sua repulsa, lhe deraõ o castigo; e tambem a reposta.

1030 Finalmente, com a morte do Conde cessaraõ as suas proezas, e a occasiaõ de referillas; mas porque he razaõ, que se digaõ as pessoas, que com alguma especialidade o ajudaraõ, e concorreraõ para ganhar, e merecer tanta gloria, nomearey as principaes, que se acharaõ na conquista, e defensa de Ceuta, além das que já disse, e ficaraõ nella quando partio ElRey, e saõ as seguintes: Ruy Gomes da Sylva, Pedro Gonçalves, e Luiz Gonçalves, filhos de Gonçalo Pires, Pedro Gomes de Avreu, Joaõ Lopes, Pedro Lopes, e Martim Lopes, filhos de Lopo Dias de Azevedo, Gonçalo Velho, que depois foy Commendador da Ordem de Christo, como fica dito, Gil Lourenço d'Elvas, Affonso Vaz da Costa, Luiz Alvares da Cunha, e Lopo Vaz, e Luiz Vaz seus irmãos, os quaes todos lá faleceraõ; Joaõ da Veiga, e seus irmãos, Lopo Alvares de Moura, Luiz de Ataide, Alvaro Mendes Cerveira, e Ruy Mendes seu irmaõ, Joaõ Vaz da Costa, Alvaro Affonso de Negreiros, Ruy de Sousa, Fernando Alvares, que matou o primeiro Mouro de

Pessoas principaes, que se acharaõ na guerra de Ceuta.

Cavallo,

Cavallo, que morreo em Ceuta; Diogo Alvares Cabral, Fernando Gralho, Pedro Vaz de Caſtellobranco, Eſtevaõ Soares de Mello, Ruy Vaz de Caſtellobranco, Ruy Vaz Pereira, Diogo Alvares, Fernaõ de Sá, Martim de Caſtro, Fernaõ Gomes de Lemos, Fernaõ Gonçalves d'Arca, Diogo Soares de Paiva, Joaõ de Cellanova, e Martim do Pomar, Cavalleiros Catalaens, e outros, que aqui ſe naõ referem, e que ſe poderáõ achar no diſcurſo deſtas Memorias. E concluindo o que pertence a eſta conquiſta com a morte tambem de D. Duarte de Menezes, direy ſómente, por tocar eſta acçaõ a outro reynado, que elle coroou as ſuas com huma morte, que ſendo certamente glorioſa para o Mundo, por chegar a perder a vida por ſalvar a do ſeu Rey, piamente ſe póde crer, que o ſeria tambem para o Ceo, vindo a perdella pela dilataçaõ da Fé, e pela honra de Deos.

MEMO-

# MEMORIAS,
## EM QUE SE RELATAM AS EMBAIXADAS,
## que houve no reynado delRey D. Joaõ o I. e tambem a materia dellas.

### CAPITULO CLXXXVI.
### *Das primeiras Embaixadas a Inglaterra.*

1031 SENDO o Meſtre de Aviz eleito Defenſor do Reyno, começou a cuidar na conſervaçaõ delle; e vendo, que ainda que os mais dos Povos eſtavaõ à ſua obediencia, naõ tinhaõ a diſciplina militar de que neceſſitavaõ, recorreo a ElRey de Inglaterra Ricardo II. pedindolhe licença para aliſtar no ſeu

Primeira Embaixada a ElRey de Inglaterra.

ſeu Reyno alguns Soldados veteranos, e praticos na guerra, e para iſto mandou a Londres Lourenço Martins, criado ſeu, e de toda a ſua confiança, que havia ſido ſeu primeiro Ayo, como a quem devia a ſua primeira creaçaõ, o qual depois foy Alcaide môr de Leiria, e a Thomás Daniel, Inglez de naçaõ, e em quem tambem elle ſe fiava, e ambos partiraõ logo, ſahindo de Lisboa no fim de Dezembro de 1383. em cujo mez, e anno tinha ſido eſta ſua eleiçaõ.

Segunda Embaixada ao dito Rey.

1032 Pouco depois deſtas, ſe reſolveo o Meſtre a mandar outras peſſoas de mayor graduaçaõ, com plenos poderes para ajuſtarem em ſeu nome, tudo o que lhes pareceſſe conveniente aos ſeus intereſſes; e aſſim foraõ nomeados D. Fernando Affonſo de Albuquerque, Meſtre da Ordem de Santiago, que ſendo Alcaide môr de Palmella pela Rainha D. Leonor, por queixas, que della teve, ſe paſſou ao ſerviço do Meſtre, com todos os que o ſeguiaõ; e como por haver ſido feitura ſua, e ſeu cunhado, ou de ſeus irmãos os Condes de Barcellos, e de Neiva, podia deixar algum eſcrupulo a ſua fidelidade, ſe aconſelhou ao Meſtre, que o occupaſſe neſta Embaixada, porque além de a authorizar mais com a ſua peſſoa, era conveniente affaſtallo de alguma occaſiaõ, em que, lembrado do que devia à Rainha, quizeſſe pagarlho com ajudar, ou concorrer para os intereſſes de ſua filha; e porque tambem ſe ſeguraſſe a deſconfiança, que podia haver de Lourenço Annes Fogaça, Chanceller môr delRey D. Fernando, e que naõ ſó havia tambem ſervido à Rainha D. Leonor, mas a ſeu genro ElRey de Caſtella,

la., o qual da mesma sorte se havia passado para Portugal, se lhe nomeou por companheiro na mesma Embaixada; e o Mestre, antes de elle partir, o armou Cavalleiro, para de alguma sorte o affeiçoar mais ao seu serviço, fiando entaõ da grande pessoa de hum, e das muitas letras de outro, o bom exito desta negociaçaõ.

1033 E porque melhor se veja a grande nobreza deste Fidalgo, era D. Fernando de Albuquerque filho de D. Joaõ Affonso de Albuquerque, o do *Ataude*, e de D. Isabel de Menezes: por seu pay neto de Affonso Sanches, Conde, e Senhor de Albuquerque, o qual era filho illegitimo delRey D. Diniz, e casado com D. Theresa Martins de Menezes, filha do Conde D. Joaõ Affonso de Menezes, que passando a Portugal, por alguns desgostos, que teve em Castella, o mesmo Rey D. Diniz o fez Conde de Barcellos, e seu Mordomo môr, e foy o primeiro Conde, que houve neste Reyno, e este titulo o mais antigo delle; do qual era mulher D. Theresa Sanches, filha bastarda delRey D. Sancho III. de Castella, e IV. de Leaõ. Por sua mãy era o dito D. Fernando neto de D. Tello, filho de D. Affonso, chamado Infante de Molina, que tambem era filho do Infante D. Affonso, Senhor de Molina, e de Mesa, consogro do mesmo Rey D. Sancho, e filho delRey D. Affonso X. de Leaõ, e da Rainha D. Berenguella; o qual D. Affonso, chamado Infante de Molina, foy casado com D. Theresa Alvares, filha de D. Pedro Alvares de Asturias; e seu pay o Infante D. Affonso, o foy com D. Mayor Affonso de Menezes, filha de D. Affonso Telles de Menezes de Cordova,

Quem era D. Fernando de Albuquerque.

como tambem D. Tello casou com D. Maria, filha do Infante D. Affonso, que tambem era filho delRey D. Affonso III. de Portugal, e da Rainha D. Brites.

1034 Partiraõ em fim estes Ministros, e tiveraõ taõ feliz viagem, que em oito dias, e quasi ao mesmo tempo, que os primeiros, chegaraõ a Plemuth, e dalli tomando postas, passaraõ a Londres, e fallaraõ a ElRey, de quem foraõ bem recebidos, e do Duque de Lancastre, que só para este fim veyo à Corte, estando naquelle tempo ausente della; e porque da pessoa do Duque fica dito o que basta, quando trato de quem era a Rainha D. Filippa, no cap. 57. e dos fundamentos porque elle pertendia ter direito aos Reynos de Castella se diz o que he bastante no cap. 243. direy agora o que aqui só pertence, que he a materia desta sua Embaixada.

1035 Era a substancia della, representar a ElRey, *Como o Mestre de Aviz fora eleito por acclamaçaõ dos Povos Defensor, e Regente do Reyno de Portugal, naõ havendo nelle outra pessoa Real, a quem tocasse a successaõ do Sceptro, por se achar prezo por ElRey de Castella o Infante D. Joaõ, e detido o Infante D. Diniz, ambos filhos delRey D. Pedro, e herdeiros da Coroa, que aquelle Rey pertendia usurpar, com o pretexto das condiçoens do seu casamento com a Infanta D. Brites, as quaes elle por tantos modos tinha violado. Que neste aperto, e nesta necessidade naõ tiveraõ os Povos outro remedio, nem outro recurso, que o da pessoa do Mestre, que assim por ser filho do mesmo Rey D. Pedro, como pelas suas partes, e virtudes, era só o que podia amparallos, e defendellos, conservando, e segurando*

Substancia da Embaixada.

*gurando o Reyno das invasoens de seus inimigos, para o que implorava agora o seu favor, e o seu patrocinio. Que pozesse na sua alta, e Real consideraçaõ os damnos, que se seguiaõ naõ só a Portugal, mas a Inglaterra, se ElRey de Castella cingisse mais esta nova Coroa, pois unidas, e augmentadas com as forças deste Reyno as suas, nenhumas bastariaõ a competillas, nem a contrastallas, e ficariaõ totalmente desvanecidas, por impossibilitadas, as justas pertençoens do Duque de Lancastre, legitimo successor daquella Monarchia, que para mais difficultarlhe a posse, se havia confederado com os Francezes, declarados, e antigos emulos da grandeza Britanica. Que assim lhe pedia licença para fazer no seu Reyno algumas levas de gente à sua custa, e que todo o favor, que achasse no seu Real, e generoso animo, seria igualmente reconhecido, que gratificado, em qualquer occasiaõ, que podesse mostrar o muito, que lhe devia, como tambem na presente, se o Duque de Lancastre se quizesse aproveitar della, pondo logo em execuçaõ os seus justos designios, na conquista daquelle Reyno, por tantos titulos seu, para a qual o Mestre lhe daria os meyos, e soccorros necessarios, de que elles lhe fariaõ todas as seguranças, conforme as suas instrucçoens, e juntamente ajustariaõ a liga, que parecesse conveniente a ambos, para estabelecimento de huma firme, e perpetua amisade.*

1036 Naõ desagradaraõ estas razoens a ElRey; e propondo-as no seu Conselho, foraõ sobre ellas differentes os votos: *Parecia a huns, que naõ convinha empenhar as armas a favor do Mestre, a quem faltavaõ forças para sustentarse, pois assim vinhaõ a tomar sobre si todo o pezo da guerra, em que sempre arriscavaõ, quando naõ os*

**Propoem-na ElRey no seu Conselho, e seus pareceres.**

 *interesses,*

*interesses, o credito: e isto em tempo em que a tinhaõ com França, e qualquer leve diversaõ das suas armas, poderia ter muy graves consequencias. Além de que, naõ deixaria de julgarse imprudencia occupar aquellas com os estranhos, e taõ affastados, tendo taõ perto em que empregallas por conveniencias proprias.*

1037 Entendiaõ outros: *Que era descredito da sua grandeza negar hum taõ pequeno soccorro a hum Principe, que o solicitava, com taõ justo fim, como a conservaçaõ, e defensa de hum Reyno, que a violencia, e a tyrannia cuidava em fazer seu, e que tal vez chegaria a conseguir, se as suas armas deixassem de o ajudar; quanto mais, que neste soccorro tinha a naçaõ Ingleza a justa gloria, de que a buscaraõ para o seu patrocinio, e podia ter a conveniencia de que juntas humas armas, e outras, naõ só segurassem ao Mestre a Coroa Portugueza, mas facilitassem ao Duque a conquista da Castelhana, que por tantos titulos lhe pertencia.*

Resoluçaõ delRey.

1038 Conformou-se ElRey com este parecer, como taõ proprio da sua inclinaçaõ, e da sua generosidade; e permittio, que os Embaixadores levantassem a gente, que quizessem, sendo tanto para com estes o affecto dos Inglezes, que alguns houve, que lhes emprestaraõ dinheiro para as levas, ainda que as primeiras naõ poderaõ ser grandes, por ter ido a Calés ajustar huma tregoa com ElRey de França o Duque de Lancastre; porém por naõ dilatar as que haviaõ feito, se resolveraõ os Embaixadores em mandallas para Portugal; e assim ordenaraõ a Lourenço Martins, que as conduzisse a Plemuth, e ahi as embarcasse para o Reyno; e com ellas vinhaõ tambem tres Cabos principaes,

Levas de gente, que vem para Portugal.

paes, a que me pareceo roubo o callarlhes os nomes; dous Inglezes, chamados hum *Eleiſabri*, e outro *Triſinga*, e hum Cavalleiro Gaſcaõ, que ſe chamava *Gilbode Monferro*; e Lourenço Martins naõ ſó os conduzio, e embarcou com toda a mais gente, como ſe lhe ordenara, mas os acompanhou atè Lisboa, de que o Meſtre de Santiago, e Lourenço Annes formaraõ grande queixa, por lhe naõ dar parte deſta reſoluçaõ.

1039 Recolhendo-ſe outra vez à Corte o Duque de Lancaſtre, houve novas reclutas com melhor ſucceſſo, porque foraõ amparadas da ſua protecçaõ, a que o perſuadiraõ as razoens dos noſſos Miniſtros, entaõ com mayor efficacia *repreſentandolhe evidentemente os ſeus intereſſes, ſe ſe reſolveſſe a paſſar a Portugal, que naquella conjunctura naõ ſeriaõ difficeis de lograrſe, pelos fundamentos já referidos, e ponderados entaõ com novas circunſtancias, que deixàraõ na ſua grande comprehenſaõ.* Porém ainda que o Duque aſſim o reconheceſſe, naõ teve effeito a ſua jornada ſenaõ dahi a annos, como ſe dirá em ſeu lugar; e ſó eſcreveo ao Meſtre de Aviz, agradecendolhe o ſeu affecto, e boa vontade, e ElRey lhe fez o meſmo, cuja carta traz Fernaõ Lopes a pag. 87. da primeira parte da ſua Chronica, cap. 48. como tambem outra taõ celebre, como rara, eſcrita a D. Fr. Joaõ d'Ornellas, Abbade de Alcobaça, por Gonçalo Domingues, Conego de Lisboa, depois que aqui chegou o primeiro ſoccorro de Inglaterra, a qual ſe achará no cap. 242. num. 1344.

Como eſtas ſe augmentaõ.

Eſcrevem ElRey, e o Duque ao Meſtre de Aviz.

1040 Como os noſſos Miniſtros viaõ, que para continuarem os ſoccorros, era neceſſaria a ſua aſſiſten-

cia

Como se dilataõ em Londres os nossos Ministros, e daõ parte a ElRey da acclamaçaõ do Mestre, e da vitória alcançada contra ElRey de Castella.

cia em Londres, foraõ ficando na mesma Corte, até se fazerem as de Coimbra, em que o Mestre foy acclamado Rey, a qual noticia lhes mandou este logo, com mayores, e novos poderes para qualquer ajuste, e elles a participaraõ a ElRey, e ao Duque de Lancastre, que a estimaraõ muito, como tambem a que poucos mezes depois lhes trouxeraõ da vitoria alcançada contra os Castelhanos, na celebre batalha de Aljubarrota; e como estes successos davaõ mais forças, e melhor occasiaõ para poderem renovar com mayor instancia a sua proposta, poderaõ tambem insinuar, e repetir com mais confiança, e efficacia as conveniencias della, assim a hum, como ao outro, e juntamente à Duqueza, que naõ conduzio pouco para o seu bom effeito, porque o Duque seu marido, obrigado do seu conselho, e persuadido das razoens dos nossos Ministros, lhes prometteo reduzir a ElRey seu sobrinho ao seu mesmo parecer, o qual, depois de ponderado maduramente este negocio no seu Conselho, destinou aos nossos Ministros (já entaõ com caracter de Embaixadores) dous Conselheiros seus, com hum grande Legista, para conferirem, e tratarem esta materia, que depois de varios debates, e opposiçoens, veyo a concluirse, fazendo-se hum Tratado de confederaçaõ, e aliança entre as duas Coroas, com as condiçoens, que podem verse na copia, que vay escrita a Documentos, num. 32. e para com mais brevidade dar principio a esta expediçaõ, mandou o Duque pedir ao Mestre, já entaõ Rey de Portugal, algumas Naos, e Galés para transporte da sua gente; e a esta diligencia veyo

Repetem as instancias para a liga.

Consegue-se com effeito.

Pede o Duque de Lancastre a ElRey de Portugal Naos, e Galés para a sua vinda, e as que elle lhe manda.

veyo hum Cavalhero Inglez, que fallou a ElRey, quando ainda eſtava no ſitio de Chaves, de donde lhe mandou logo preparar ſeis Galés, e doze Naos, e nomeou por Cabo de todas a Affonſo Furtado, que depois em quanto viveo, occupou o meſmo cargo, ſendo Capitaõ môr do mar.

---

## CAPITULO CLXXXVII.

*De outras Embaixadas mais a varios Principes; e algumas, que lhe mandaraõ.*

1041 DEpois de acclamado o Meſtre Rey de Portugal, requerendo-o aſſim toda a Nobreza, e Povo, foraõ mandados a Roma D. Joaõ Biſpo de Evora, e Gonçalo Gomes da Sylva, a impetrar da Santidade de Urbano VI. a diſpenſaçaõ de que neceſſitava, pelos impedimentos da ſua illegitimidade, e da ſua Profiſſaõ; e eſtando a graça feita, o Papa a ſuſpendeo, falſamente informado, de que iſto era contra o goſto delRey de Inglaterra. Vaõ Embaixadores a Roma.

1042 Mandou outra vez ElRey o meſmo Biſpo, e em lugar de Gonçalo Gomes da Sylva, foy o Prior da Alcaçova de Santarem, Joaõ Affonſo, filho de Affonſo Eſteves d'Azambuja; e naõ poderaõ alcançar do meſmo Pontifice o expedirſe as Bullas, e ter effeito a graça concedida. Segunda Embaixada.

1043 Morto Urbano VI. lhe ſuccedeo no Pontificado Bonifacio IX. ao qual mandou ElRey por ſeus Embaixa- Terceira Embaixada.

Embaixadores ao meſmo Prior Joaõ Affonſo, entaõ já Biſpo de Sylves, e com elle Joaõ Rodrigues de Sá, que em fim conſeguiraõ a dita graça; e trazendo comſigo as Bullas, ſe leraõ, e publicaraõ na Igreja da Sé de Liſboa, eſtando preſentes D. Joaõ, Biſpo da meſma Cidade, com o ſeu Deaõ, e Cabido; e além deſtes, o Biſpo do Porto D. Joaõ, o Chanceller môr Lourenço Annes Fogaça, Martim Affonſo Valente, Lourenço Eſteves d'Azambuja, e outras muitas peſſoas de diſtinçaõ, aſſim Eccleſiaſticas, como Seculares, além de muitos Cidadãos, e innumeravel Povo, que aſſiſtiraõ, e concorreo a eſte acto, que ſe fez em Domingo 9. de Julho da Era de 1428. que reſponde ao anno de 1390. prégando neſta ſolemnidade, com a ſua coſtumada elegancia, Fr. Rodrigo de Cintra, Religioſo Franciſcano, naõ menos Prégador, que Letrado, de cuja publicaçaõ o meſmo Lourenço Annes Fogaça, em nome delRey, Joaõ Domingues, Theſoureiro môr da dita Sé, em nome do meſmo Cabido, e Fernando Alvares, Procurador da Cidade, em nome de todos os ſeus moradores, pediraõ a Joaõ Rodrigues, Notario publico, que preſente eſtava, lhes déſſe a cada hum delles os traslados neceſſarios, como em fim lhes deu, para inteiro credito deſte meſmo acto, o qual, com a copia das Bullas deſta diſpenſaçaõ, ſe achará a Documentos, num. 9. fielmente tirada do ſeu original.

*Bullas para a diſpenſaçaõ delRey, que ſe publicaõ na Sé.*

1044 Tambem depois da meſma acclamaçaõ, eſtando ElRey ainda em Coimbra, lhe vieraõ fallar dous Enviados de Genova, ſobre as duas naos da ſua Republica, que foraõ reprezadas no porto de Lisboa, ao

*Fallaõ a ElRey dous Enviados de Genova, e para que.*

ao tempo do ſeu ſitio, e lhe repreſentaraõ a perda dos ſeus generos, que lhe haviaõ tomado, e deviaõ reſtituir-ſelhe; ao que ElRey lhes reſpondeo com tal affabilidade, que foraõ taõ pagos da repoſta, como ſe já o foſſem da reſtituiçaõ.

1045 Quando o Duque de Lancaſtre chegou a Galliza, e deu parte a ElRey de Portugal da ſua chegada, mandou eſte comprimentallo por Vaſco Martins de Mello, e Lourenço Annes Fogaça, que com elle havia vindo de Inglaterra, e ſe recolhera à ſua Patria com os Navios, e Galés Portuguezas, que tinhaõ ido para a gente de tranſporte.

Manda ElRey a Galliza comprimentar o Duque de Lancaſtre, e por quem.

1046 Mandou depois ElRey ao Arcebiſpo de Braga D. Lourenço, a Vaſco Martins de Mello, e Joaõ Rodrigues de Sá, todos peſſoas ingenuas, para tratarem com o Duque o caſamento de ſua filha D. Filippa, que com effeito ajuſtaraõ, e depois conduziraõ, e trouxeraõ comſigo no anno de 1386.

Vaõ ſegundos Miniſtros ao meſmo Duque, e para que.

1047 Mandou tambem ao meſmo Duque o Doutor Gil Docem, queixando-ſe do embaraço, que lhe diziaõ ſe lhe fizera em Roma, por parte de Inglaterra, ſobre a ſua diſpenſaçaõ, como fica dito; o que foy certamente engano, conforme a repoſta do Duque, que traz Fernaõ Lopes, na ſegunda parte da ſua Hiſtoria, a pag. 272. em que dá a ElRey toda a ſatisfaçaõ ſobre eſta materia, e juſtificando, ao contrario, como ſempre interpozera os ſeus rogos a favor del-Rey.

Vay terceiro, e a que.

1048 Depois que o Duque de Lancaſtre, deixando feitas as pazes com ElRey de Caſtella, voltou

para Inglaterra, e ElRey de Portugal, desembaraçado algum tanto da guerra, que o opprimia, se achava dispondo as cousas, que tocavaõ ao governo do Reyno; parecendo aos Genovezes, que era boa occasiaõ para repetirem a importancia dos seus generos, em que acima se falla, lhe mandaraõ novos Enviados, com a mesma commissaõ; e ElRey os recebeo com igual benignidade, que os primeiros; e ainda que com poucos meyos para este effeito, lhes mandou pagar logo tudo o que lhes devia, que era sessenta mil dobras, em que foraõ reputadas as fazendas, que se lhe tomaraõ; e elles se deraõ por totalmente satisfeitos, o que assim se fez no anno de 1387.

Vem a ElRey novos Enviados de Genova.

1049 No anno de 1389. estando ElRey em Entre Douro e Minho, teve Embaixadores delRey de Castella, que foraõ Fr. Fernando de Ilhescas, Religioso Franciscano, seu Confessor, e os Doutores Antaõ, ou Antonio Sanches, e Pedro Sanches, os quaes ajustaraõ com elle huma suspensaõ de armas por alguns mezes, como se diz no cap. 190. num. 1082.

Vem Embaixadores de Castella.

1050 No mesmo anno tornaraõ os mesmos Ministros a ratificar, renovar, e ampliar as tregoas, que agora se fizeraõ por seis annos, ajustando-as, e assignando-as por parte delRey de Portugal, o Prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Camelo, e Lourenço Annes Fogaça, o que se fez a 29. de Novembro do dito anno, como se traz no mesmo capitulo.

Tornaõ os mesmos.

1051 No anno de 1393. mandou ElRey D. Henrique III. de Castella, ou com a sua voz os seus tutores, e Ministros, nomeados por ElRey seu pay no seu testamento,

Manda outros ElRey D. Henrique.

teſtamento, durante a ſua menoridade, por Embaixadores a ElRey de Portugal, o Biſpo de Siguença D. Joaõ, Pedro Lopes de Ayala, e o Doutor Antonio Sanches, para fazerem a paz; e ElRey lhes nomeou por Conferentes ao Prior D. Alvaro Gonçalves Camelo, e ao Doutor Joaõ das Regras; e naõ ſe podendo concluir as pazes, fizeraõ huma tregoa de qüinze annos, da qual ſe trata no meſmo cap. 190. num. 1083.

1052 No anno de 1396. ſendo tres já paſſados depois do ajuſte da tregoa, vendo ElRey de Portugal, que o de Caſtella naõ cumpria, ou fazia cumprir as ſuas condiçoens, principalmente na entrega dos prizioneiros, e ſatisfaçaõ dos bens, que ſe haviaõ tomado, lhe mandou dizer por Joaõ de Alpoem, inſigne Letrado, *que pois ſe lhe faltara ao que lhe promettera, que naõ eſtranharia, que buſcaſſe com as armas a ſua ſatisfaçaõ*; e ainda que elle quiz darlha, moſtrando, que deſejava executar o capitulado, para que mandou à Torre de Moncorvo, aonde ElRey eſtava, os Doutores Antonio Sanches, e Pedro Martins, com tudo, nunca teve effeito, e ſó o teve a interpreza de Badajoz, que ElRey lhe tomou para ſatisfazerſe, como ſe refere no livro das guerras, cap. 282. num. 1555.

Vaõ, e vem de huma, e outra parte Miniſtros.

1053 Depois de tomada Badajoz, mandou ElRey de Portugal juſtificarſe com o de Caſtella, por Affonſo Vaſques, Commendador da Horta-Lagoa; e naõ ſe dando elle por ſatisfeito, mandou logo no meſmo anno a Garcia Gonçalves de Grijalva, e aos Doutores Pedro Sanches, e Antonio Sanches, pedir a El-

Repetemſe com ſegunda occaſiaõ as meſmas diligencias.

Rey a ſatisfaçaõ deſte inſulto; e como cada qual inſiſtiſſe na que ſe lhe devia, por mais que ſe repetiraõ as conferencias, naõ poderaõ ter effeito, e ſe tornou à guerra; e eſte Garcia Gonçalves era Marichal de Caſtella, e o meſmo, que ficou prizioneiro em Badajoz com o Governador, e o Biſpo, aos quaes ElRey mandou ſoltar logo, que tomou a Cidade, retendo ſó eſta, em quanto ſe lhe naõ cumpriaõ as condiçoens da tregoa.

Manda ElRey de Caſtella propor nova tregoa.

1054 Quando ſe tomou Tuy, mandou ElRey de Caſtella propor ao de Portugal huma nova tregoa, ou paz, para que veyo ao Porto a fallarlhe Micer Ambroſio de Marines, hum Genovez, que andava no ſeu ſerviço, homem de boa capacidade, e de quem ſe podia fiar o bom ſucceſſo de qualquer negocio, o que foy no fim do anno de 1398. e depois em 2. de Fevereiro do anno ſeguinte de 1399. vieraõ a ajuſtalla o Condeſtavel de Caſtella, Ruy Lopes de Avalos, o Meſtre de Santiago, D. Lourenço Soares de Figueiroa, Micer Ambroſio, e o Doutor Pedro Sanches; e na raya de ambos os Reynos, junto a Olivença, começaraõ as ſuas conferencias com o Condeſtavel de Portugal, D. Nuno Alvares Pereira, com o Biſpo de Coimbra D. Joaõ d'Azambuja, e com os dous famoſos Letrados Ruy Lourenço, e Alvaro Pires Eſcolar; e depois de gaſtarem nove mezes neſtes ajuſtes, ſe ſepararaõ ſem concluſaõ alguma.

1055 No anno ſeguinte de 1400. continuando a guerra, e deſvanecida a empreza de Alcantara, e levantado o ſitio, ſe tornou a fallar em pazes, e ElRey de

de Portugal mandou a Segovia, aonde eſtava o de Caſtella, por ſeus Embaixadores ao meſmo D. Joaõ d'Azambuja, entaõ já Arcebiſpo de Lisboa, a Joaõ Vaſques de Almada, e ao Doutor Martim Docem, e chegaraõ àquella Cidade no primeiro de Junho; e fallando a ElRey, ſe lhes propozeraõ condiçoens taõ novas, que foy preciſo a Martim Docem, vir peſſoalmente a Lisboa; e voltando a Segovia, depois de varios debates, ſe ajuſtou huma tregoa de dez annos, a qual póde verſe no cap. 191. num. 1085. a que pertence.

Faz o meſmo ElRey de Portugal, e vindo os Miniſtros de Caſtella ſe faz tregoa de dez annos.

---

## CAPITULO CLXXXVIII.

*Em que ſe continûa a meſma materia.*

1056 MOrto Ricardo II. de Inglaterra, e ſuccedendolhe no Throno Henrique IV. cuidou ElRey de Portugal em ratificar com elle o Tratado de confederaçaõ, e aliança reciproca, que tinhaõ feito, para o que mandou a Londres o ſeu Alferes môr Joaõ Gomes da Sylva, e o Doutor Martim Docem, os quaes em fim o confirmaraõ, e ampliaraõ com as condiçoens, que podem verſe na ſua copia, a Documentos, num. 34. em 16. de Fevereiro de 1404.

Ratifica ElRey o Tratado de aliança com ElRey de Inglaterra Henrique IV.

1057 Neſte anno, ou no ſeguinte trataraõ os meſmos Miniſtros na dita Corte, acompanhados entaõ de Joaõ Vaſques de Almada, que nella aſſiſtia, o caſamento de D. Brites, filha natural delRey D. Joaõ, com

Ajuſta-ſe o caſamento de D. Brites, filha del-Rey, com o Conde de Arondel.

com D. Thomás, Conde de Arondel, do ſangue Real de Inglaterra, o que em fim ajuſtaraõ com as condiçoens, que ſe referem no lugar a que tocaõ, no cap. 48. num. 304.

1058 Para eſte meſmo fim vieraõ tambem a Liſboa Joaõ Huelcitſyra, Cavalleiro da Caſa do Conde, e ſeu principal Procurador, e o Doutôr Meſtre Joaõ, com hum eſcudeiro mais, os quaes, depois de fallar a ElRey, foraõ beijar a maõ à Condeſſa, e reconhecella por ſua ama, e Senhora; e depois ſe celebraraõ os deſpoſorios: porém o matrimonio naõ pode conſummarſe, ſenaõ no anno ſeguinte de 1405.

Vem a Lisboa Procuradores do Conde.

1059 Neſte meſmo anno, diz Fr. Luiz de Souſa, na Hiſtoria de S. Domingos, part. 2. liv. 2. cap. 4. e 5. que ElRey D. Joaõ mandara por ſeu Embaixador a Roma, a negocios de ſumma importancia, ao ſeu Confeſſor Fr. Vicente de Lisboa, em que ſe falla no cap. 110. num. 644. o qual naõ chegara a executar eſta commiſſaõ, por morrer no caminho, ainda que no livro citado, cap. 5. deixa eſte meſmo Author duvidoſo o anno da ſua morte, dizendo primeiro a fol. 64. que fora no de 1401. e no ſeu Epitafio, que traz a fol. 65. que havia ſido no de 1405. como tambem refiro no cap. 110.

Manda ElRey Embaixador a Roma.

1060 No anno de 1408. à inſtancia da Rainha D. Catharina de Caſtella, que com ſeu cunhado o Infante D. Fernando, e os Miniſtros nomeados no cap. 165. num. 977. governavaõ o Reyno, na menoridade delRey D. Joaõ o II. ſeu filho, mandou ElRey por ſeus Embaixadores para os tratos da paz, ao Arcebiſpo

Miniſtros de Caſtella a Portugal para o ajuſte da paz.

po de Lisboa D. Joaõ d'Azambuja, a Martim Affonſo de Mello, e ao Doutor Gil Martins, os quaes, entre Caſtello-Rodrigo, e S. Felices, conferiraõ com D. Joaõ, Biſpo de Siguença, com D. Pedro Viegas, Alcaide môr de Cordova, e com o Doutor Pedro Sanches, que vieraõ por parte de Caſtella; mas pela exorbitancia das propoſtas, que eſtes fizeraõ, ſe naõ pode fazer nenhum ajuſte.

1061 Depois diſto, repetindo a Rainha as meſmas inſtancias, e ultimamente por Joaõ Rodrigues, ſeu criado, e Arcediago de Gordon, tornou ElRey a mandar outros Miniſtros, que foraõ Joaõ Gomes da Sylva, e os Doutores Martim Docem, e Fernaõ Gonçalves Beliagoa; e depois de muitas altercaçoens, e de ſe ter nellas gaſtado muito tempo, por reſoluçaõ da Rainha, e do Infante D. Fernando, com todos os do ſeu Conſelho, no anno de 1411. ajuſtaraõ a paz, com as condiçoens, que ſe referem no cap. 192. num 1087.

Manda a Rainha novos Miniſtros, e ſe ajuſta a paz.

1062 No anno de 1412. em que começou o Concilio Conſtancienſe, ou no ſeguinte de 1413. mandou ElRey por ſeus Embaixadores ao dito Concilio D. Fernando de Caſtro, e Alvaro Gonçalves de Ataide, primeiro Conde d'Atouguia, e o mayor Heroe daquelles tempos, com os Doutores Gil Martins, e Pedro Velaſco, como dizem Von Horrt no ſeu *Magnum Concilium Conſtancienſe*, tom. 3. pag. 52. e o Author do *Propugnaculum Luſitaniæ*, a pag. 213.

Embaixadores de Portugal ao Concilio de Conſtancia.

1063 No anno de 1413. mandou ElRey o Priòr do Crato D. Alvaro Gonçalves Camelo, e o General d'Armada Affonſo Furtado, por Embaixadores a D. Branca,

Embaixadores à Rainha de Sicilia, e a que.

Branca, Rainha de Sicilia, viuva do Principe de Aragaõ D. Martinho, *desculpando-se de naõ aceitar o casamento, que ella lhe mandara propor, da sua pessoa com o Infante D. Duarte, por quanto se lhe havia fallado antes no da Infanta D. Catharina, irmãa delRey de Castella, sobre que ainda naõ havia tomado resoluçaõ; porém que nesta duvida, elle lhe offerecia a seu filho segundo o Infante D. Pedro, quando ella se dignasse de o receber por esposo*; o que tudo ElRey fazia para dar pretexto à expediçaõ de Ceuta, e poder mandar observar o porto, e a Cidade, como elles fizeraõ. Mas a Rainha, alheya deste designio, respondeo aos Embaixadores, *que ella cuidaria nesta materia*; e tendo por menos decente para a sua pessoa o casamento de hum Infante, que naõ era herdeiro do Reyno, se desculpou tambem com ElRey, na reposta, que depois deu aos Embaixadores, dizendo: *Que por horas naõ podia tomar resoluçaõ sobre o seu estado, por lhe occorrerem alguns negocios de novo, a que era preciso acodir primeiro*; e com isto se despediraõ della.

Outros ao Duque de Borgonha, e para que.

1064 No anno de 1414. mandou ElRey, para o mesmo fim de córar esta empreza, a Fernaõ Fogaça, Védor da Casa do Infante D. Duarte, por Embaixador ao Duque de Borgonha, Conde de Flandes, a quem tocavaõ os Estados de Hollanda, queixando-se de que os seus navios haviaõ tomado alguns dos nossos, e pedindolhe satisfaçaõ delles, com alguns ameaços, havendo antes prevenido ao Duque da causa desta demonstraçaõ; e segurandolhe agora o satisfazerlhe toda a despeza, que elle fizesse a este respeito, em armarse para defenderse.

No

1065 No meſmo anno, com o receyo da Armada, que fazia ElRey de Portugal, lhe mandou o de Caſtella, ou a Rainha ſua mãy, que ainda em ſeu nome governava o Reyno, por ſeus Embaixadores ao Biſpo de Mondonhedo, e a *Diac*, ou *Dia* Sanches de Benavides, ( cujo nome *Dia*, he o que depois ſe chamou Diogo, de que ſe formou o patronimico *Dias* ) pedindolhe a confirmaçaõ das pazes, que elle ſem duvida alguma ratificou logo, e aſſinou debaixo de juramento, ( como tambem ſe fez em Caſtella ) deixando com eſta ſolemnidade ſatisfeita, e livre de cuidado aquella Monarchia; e tambem aos ſeus Miniſtros com a grandeza da hoſpedagem, que lhes fez, e joyas, que a ambos deu, dos quaes ſó o Biſpo voltou ao Reyno, por haver morto neſte, Dia Sanches. Embaixadores de Caſtella a Portugal.

1066 No dito anno mandou tambem ElRey D. Fernando de Aragaõ os ſeus Embaixadores, a ſegurarſe de algum receyo, que tambem lhe cauſavaõ eſtas preparaçoens, os quaes foraõ recebidos delRey de Portugal com igual grandeza, que carinho; e naõ menos ſatisfeitos, que os outros, voltaraõ para a ſua Corte, como de huns, e de outros ſe trata nas Memorias da tomada de Ceuta, cap. 295. num. 1616. Outros delRey de Aragaõ.

1067 No fim do meſmo anno, ou no principio do ſeguinte de 1415. mandou tambem Embaixadores ElRey de Granada a Portugal, pedindo a ElRey a ſua amiſade, ou algum genero de ſegurança, na conſternaçaõ, em que o punhaõ tantos apreſtos de guerra, conſtandolhe pelas repoſtas das outras Embaixadas, que eſte naõ era contra os Principes viſinhos, e da Outros delRey de Granada.

Christandade; e naõ podendo alcançar delRey reposta positiva, recorreraõ à Rainha, e ao Infante D. Duarte com largas promessas da parte delRey seu amo, para que huma, e outro intercedessem com ElRey a favor da sua commissaõ; mas foraõ logo respondidos como podia esperarse de huma Rainha taõ santa, e taõ prudente, e de hum Principe taõ virtuoso, e taõ sabio; com que totalmente desenganados da sua pertençaõ, tornaraõ para Granada, satisfeitos só da grandeza com que foraõ recebidos, e hospedados.

---

## CAPITULO CLXXXIX.

*Em que se prosegue, e se dá fim à mesma materia.*

Ministros delRey de Portugal ao de Aragaõ.

1068 NO anno de 1415. depois da tomada de Ceuta, mandou ElRey a Joaõ Escudeiro, seu criado, e depois a Alvaro Gonçalves da Maya, seu Védor da Fazenda na Cidade do Porto, para participarem a ElRey D. Fernando de Aragaõ a noticia daquella conquista, e lhe offerecerem aquella Praça, para porto, e quartel das suas tropas, se elle quizesse emprender a de Granada.

Outros a ElRey de Castella.

1069 Tambem ElRey mandou logo a mesma noticia ao de Castella; porém as Historias naõ nomeaõ quaes fossem os Ministros, que lha levaraõ.

Outros ao mesmo.

1070 No anno de 1418. mandou ElRey propor, ou ratificar as pazes com Castella, por Joaõ Gomes da Sylva, e os Doutores Martim Doeem, e Fernaõ Gon-

çalves

çalves Beliagoa, que no de 1411. as tinhaõ feito com a Rainha, e ſeus tutores; porém eſtes ſe deſculparaõ, para naõ confirmallas, por naõ ter ainda chegado El-Rey aos quatorze annos.

1071 No ſeguinte de 1419. em que elle os cumpria, tornaraõ os meſmos Miniſtros à meſma diligencia, e elle os deſpedio, dizendo: *que os ſeus nos traria õ a repoſta*; que naõ mandou ſenaõ no anno de 1422. por Affonſo Garcia, Deaõ de Santiago, (que Duarte Nunes chama D. Affonſo de Cartagena, Deaõ de Segovia) e por Joaõ Affonſo de Çamora, ſeu Eſcrivaõ da Camera, porém, como o principal ponto das ſuas inſtrucçoens era dilatarem o ajuſte, durou a contenda até muita parte do anno ſeguinte de 1423. em que ElRey de Caſtella claramente naõ quiz ratificar as pazes ajuſtadas pela Rainha; e ſó ſe fizeraõ com limitaçaõ de tempo, e com as condiçoens, que ſe referem no cap. 192. num. 1087.

Outros ao meſmo, depois dos quaes vieraõ alguns ſeus.

1072 Depois diſto mandou ElRey de Portugal a Caſtella a D. Fernando de Caſtro, e ao Doutor Fernando Affonſo da Sylveira, pay de D. Joaõ Fernandes da Sylveira, primeiro Baraõ de Alvito, com eſpecial commiſſaõ para lá aſſignarem, e ſe apregoarem as ditas pazes, o que ſe fez na Cidade de Avila, aonde ElRey aſſiſtia, o qual para o meſmo effeito mandou tambem outra vez a Lisboa ao Deaõ, e Joaõ Affonſo de Çamora, o que igualmente ſe fez no meſmo anno de 1423.

Embaixadores de huma, e outra parte, para aſſignarem as pazes.

1073 Paſſado algum tempo, e vendo-ſe ElRey de Caſtella embaraçado com as guerras domeſticas

Embaixador de Caſtella a Portugal.

com os Infantes ſeus irmãos, e temeroſo dos Aragonezes, vendo, que ElRey de Portugal ſe queixava de elle lhe ter faltado à nomeaçaõ dos Juizes para ſe ajuſtar a ſatisfaçaõ dos damnos, que haviaõ recebido os Vaſſallos de huma, e outra Coroa, mandou para eſte effeito terceira vez a Portugal o Deaõ de Santiago.

Embaixador de Portugal a ElRey de Aragaõ, e a que fim.

1074 No anno de 1428. mandou ElRey por ſeu Embaixador à Mageſtade de D. Affonſo V. de Aragaõ, cognominado o Magnanimo, a fim de ajuſtar o caſamento da Infanta D. Leonor, ſua irmãa, que tambem o era de D. Joaõ, naquelle tempo Rey de Navarra, e dos outros Infantes de Aragaõ, todos filhos de D. Fernando, decimoſexto Rey daquelle Reyno, e Segundo do nome, com o Infante D. Duarte, o Arcebiſpo de Lisboa D. Pedro de Noronha, peſſoa taõ qualificada, que era neto delRey D. Fernando de Portugal, por ſua filha natural a Condeſſa D. Iſabel, que caſou com D. Affonſo, Conde de Gijon, e de Noronha, nas Aſturias, (troncos, de que procedem illuſtriſſimas Familias) filho baſtardo delRey D. Henrique II. de Caſtella, (mas de mãy nobiliſſima) por onde tambem era ſeu neto; o qual, achando a ElRey D. Affonſo em Valença fazendo Cortes, naõ ſó ajuſtou eſte caſamento, com as condiçoens, que ſe trataõ na vida delRey D. Duarte, mas, com Procuraçaõ ſua, ſe recebeo com a Infanta, e a conduzio ao Reyno, como melhor póde verſe na ſua vida.

Miniſtros de Portugal a França, e para que.

1075 No meſmo anno de 1428. foraõ a França D. Alvaro, Biſpo do Algarve, com o Doutor Fernando Affonſo da Sylveira, a introduzir, e tratar o caſamento

mento da Infanta D. Isabel, com o Duque de Borgonha, Filippe III. do nome, cognominado o *Bom*, como consta de hum manuscrito antigo, que tem o Marquez de Valença, e me communicou o Reverendissimo Padre D. Manoel Caetano de Sousa, hum, e outro nossos dignissimos Academicos.

1076 No anno de 1429. mandou o mesmo Duque de Borgonha por seu Embaixador a ElRey de Portugal, Adriano de Thoulongeon, Senhor de Mornay, Gentilhomem da sua Camera, ou seu Camereiro môr, a fim de ajustar o casamento da Infanta D. Isabel, para o que veyo duas vezes a Lisboa, e o Duque estimou muito a conclusaõ delle, e lhe deu grandes premios por este serviço. O que assim traz Luiz Gollut nos seus Annaes, ou Memorias de Borgonha, no liv. 10. cap. 63. pag. 725.

Embaixada do Duque de Borgonha a ElRey.

1077 No mesmo anno de 1429. mandou ElRey de Portugal por Embaixadores a ElRey de Castella, Martim Gonçalves de Ataide, e Nuno Martins da Sylveira, Fidalgos de grande talento, e authoridade, offerecendo-se por medianeiro para ajustar as differenças, que entre elle, e seus irmãos havia; e tambem para com os Reys de Aragaõ, e Navarra, aos quaes já ElRey pelos mesmos Ministros havia feito esta proposta, e elles se haviaõ comprometido nelle; e o mesmo recado se deu a ElRey de Castella da parte dos Infantes D. Duarte, e D. Pedro, aos quaes elle agradeceo este zelo, e respondeo a ElRey, que elle lhe mandaria noticia individual das razoens da sua queixa, para que assim soubesse como havia de entrar nesta mediaçaõ.

Embaixadores de Portugal a Castella, Aragaõ, e Navarra.

No

Embaixadores de Castella a Portugal, e para que.

1078 No anno de 1430. estando ainda por ajustar estas differenças, parecendo a ElRey de Castella, que podia ser meyo de concluir algumas, que a Rainha de Aragaõ D. Leonor sua sogra, que vivia em hum Mosteiro de Medina del Campo, viesse para o de Tordesilhas, e lhe entregasse as Fortalezas, que tinha naquelle Reyno, lhe fez violentamente obrar huma cousa, e outra, de que ella se queixou a ElRey de Portugal seu tio, o qual logo mandou ao de Castella representar esta queixa, a que elle lhe deu cabal satisfaçaõ; e a mesma lhe mandou insinuar, e repetir, por D. Pedro Lopes de Ayala, seu Aposentador môr, e pelo Doutor Diogo Gonçalves Franco, Ouvidor do Conselho Real de Castella, os quaes vieraõ logo a Portugal com esta commissaõ, e com a de o informarem de todas as duvidas, que tinha com os Reys de Aragaõ, e Navarra, como lhe promettera.

Embaixadores de Portugal a Castella, aonde se detem atè o ajuste da paz.

1079 No anno de 1431. mandou ElRey de Portugal a Palença, aonde estava o de Castella, por seus Embaixadores Pedro Gonçalves Malafaya, e Luiz Gonçalves, ambos irmãos, e do seu Conselho, e com elles foraõ o Doutor Ruy Fernandes, e o Secretario Ruy Galvaõ, para ver se podiaõ persuadir a paz perpetua, que solicitava; e depois de varias conferencias com o Conde de Benavente, e os Doutores Pedro Annes, e Diogo Rodrigues, se retiraraõ sem poder ajustarse. Tornaraõ depois a Cordova, aonde ElRey se achava, o qual lhe respondeo: *que naõ estava em tempo de cuidar mais, que na guerra dos Mouros de Granada, para onde partia*; e Pedro Gonçalves por naõ tornar lá

terceira

terceira vez, lhe disse: *que o queria acompanhar nella*, como acompanhou; e tanto que vieraõ, lhe pedio a ultima reposta na materia das pazes; e em fim, depois de varios debates, se veyo a ajustar a paz perpetua entre as duas Coroas, a qual juraraõ logo ElRey de Castella, e o Infante D. Henrique, successor do Reyno; e os nossos Embaixadores se obrigaraõ a que ElRey seu amo, e o Infante D. Duarte fizessem o mesmo, dentro de dez dias, depois que da parte delRey de Castella fosse para isso requerido, o que assim prometteraõ, e assignaraõ, em virtude das suas Procuraçoens; e assim a esta diligencia se mandou logo a Portugal ao Doutor Diogo Gonçalves Franco, que levou confirmado, e assignado por ElRey, e o Infante o Tratado da paz, que se publicou em hum, e outro Reyno com universal, e incrivel contentamento de todos os Vassallos, no fim do dito anno.

1080 No de 1432. mandou outra vez ElRey a Pedro Gonçalves Malafaya a Salamanca, para ver se podia compor as discordias, que mais que nunca se haviaõ ateado entre ElRey de Castella, e o Infante D. Henrique de Aragaõ, com a prizaõ de seu irmaõ o Infante D. Pedro; e tanto cooperou para ajustar huns, e outro, que ElRey, e o Infante D. Henrique, ou com Procuraçaõ sua o mesmo Pedro Gonçalves, assignaraõ hum Tratado de paz com certas capitulaçoens em Ciudad Rodrigo, e o Infante D. Pedro foy solto, e entregue a seu tio o Infante D. Pedro de Portugal, de donde partio para Aragaõ, acompanhado até o Algarve de Nuno Martins da Sylveira, e summamente obrigado

Novo Embaixador a Castella, que faz a paz entre este, e os Infantes de Aragaõ.

gado a ElRey, e ao Infante D. Duarte ſeu cunhado; ſendo eſta a ultima acçaõ da generoſidade delRey, com que, à cuſta de tanta fadiga, e deſpeza, conciliou a amiſade deſtes Principes, naõ ſó para ſi, mas para ElRey de Caſtella.

Embaixador de Portugal ao Concilio da Baſilea.

1081 No anno de 1433. em que ElRey morreo, havia mandado ao Concilio da Baſilea por ſeu Embaixador ao Biſpo de Viſeu, D. Luiz de Amaral, como diz Manoel Severim de Faria, nas Noticias de Portugal, a pag. 267. e Fr. Antonio da Purificaçaõ, na Chronica dos Eremitas de Santo Agoſtinho, part. 2. liv. 7. tit. 4. fol. 246. §. 3. diz tambem, que ElRey já tinha mandado ao meſmo Concilio ao Padre Fr. Alvaro de Lisboa, ſeu Confeſſor; ainda que iſto padece huma grande inveroſimilidade, porque no meſmo lugar diz tambem eſte Author, que o meſmo Rey mandara depois no anno de 1430. (que foy o em que começou o dito Concilio) a eſte Religioſo, com o meſmo caracter de Embaixador à Curia Romana, como conſta da carta delRey para o Papa Martinho V. eſcrita em Almeirim aos 15. de Mayo do dito anno, que o meſmo Author tranſcreve.

MEMO-

# MEMORIAS,
## EM QUE SE REFEREM AS TREGOAS, e pazes, que se fizeraõ no dito reynado.

### CAPITULO CXC.

*Das tregoas, ou pazes, que houve com Castella, e as que se quebraraõ.*

1082 NO principio do anno de 1389. fez ElRey tregoas por seis mezes com ElRey de Castella, sendo mandados pela sua parte, Fr. Fernando de Ilhescas, seu Confessor, e Religioso Franciscano, com os Doutores Pedro Sanches, e Antaõ, ou Antonio Sanches; e concluîdas ellas, e toma- Primeiras tregoas com Castella por seis mezes.

da Tuy, tornaraõ os meſmos Miniſtros, no meſmo anno, a renovallas, e ampliallas por mais tempo, como fizeraõ por ſeis annos, incluindo-ſe os tres, que a diante ſe referem, em que tambem entrou ElRey de Portugal, ajuſtando-as, por parte deſte, o Prior D. Alvaro Gonçalves Camelo, e Lourenço Annes Fogaça, Chanceller mór, as quaes ſe aſſignaraõ em 29. de Novembro do dito anno de 1389. que reſponde à Era de 1427. na Villa de Monçaõ, da Provincia de Entre Douro e Minho, deixando lugar para tambem entrarem nellas, ſe quizeſſem, a ElRey de Inglaterra, (a quem ſempre ſe deu conta de todas, e ſe ajuſtaraõ com o ſeu beneplacito, entrando elle em algumas) por parte de Portugal, e aos de França, e Suecia, pela de Caſtella, como amigos, e aliados de huma, e outra Coroa, da meſma ſorte, que pouco tempo antes as haviaõ feito ElRey de Inglaterra, e o de França, por tres annos, com a meſma declaraçaõ de poderem entrar nellas os Reys ſeus confederados. Eraõ as principaes condiçoens deſta tregoa: *Que ceſſaſſem totalmente as hoſtilidades de ambas as partes por mar, e por terra; e que ElRey de Portugal largaſſe Salvaterra, e Tuy, e o de Caſtella, Noudar, Olivença, e Mertola, que ainda conſervava no Alentejo, e Caſtello-Rodrigo, Caſtello-Mendo, e Caſtello-Melhor na Beira; e que para ſegurança deſtas capitulaçoens ſe entregaſſem logo, como em refens, ao Prior do Crato a Villa do Sabugal, e a Cidade de Miranda, que tambem eſtavaõ ainda ſogeitas ao dominio Caſtelhano.* E neſta meſma fórma ſe ratificaraõ depois, e aſſignaraõ por ambos eſtes Monarchas, que naõ ſó inteiramente

Segundas tregoas por ſeis annos.

Condiçoens dellas.

mente

mente as cumpriraõ, mas as ampliaraõ, como direy agora.

1083 Acabada a tregoa dos primeiros tres annos, no de 1393. estando ainda na sua menoridade ElRey D. Henrique, por conselho dos seus Ministros, e curadores, que eraõ D. Pedro Tenorio, Arcebispo de Toledo, D. Joaõ Garcia Manrique, Arcebispo de Santiago, D. Gonçalo Nunes de Gusmaõ, Mestre da Ordem de Calatrava, Joaõ Furtado de Mendoça, Mordomo môr delRey, (naõ fallando no Marquez de Vilhena, e no Conde de Niebla, que ainda que tambem eraõ tutores, naõ estavaõ presentes quando se tomou esta resoluçaõ, em que tambem convieraõ depois) e juntamente por voto de quasi todos os Grandes do Reyno, e de alguns Procuradores de Cortes, que naquella se achavaõ, mandou propor a ElRey de Portugal a paz taõ pertendida, attendendo naõ só politicamente ao estado em que o Reyno se via, mas Catholicamente ao pouco direito, que em si considerava, naõ sendo elle filho da Rainha D. Brites, (que he a que podia querer tello ao nosso) mas sim da Rainha D. Leonor, filha delRey D. Pedro IV. de Aragaõ, e primeira mulher delRey D. Joaõ seu pay; e assim nomeou por seus Plenipotenciarios, para este ajuste, a D. Joaõ, Bispo de Siguença, a Pedro Lopes de Ayala, Alcaide môr de Toledo, e ao Doutor Antonio Sanches, os quaes chegando a Portugal, foraõ bem recebidos delRey, que logo lhes deu por Conferentes ao Prior do Crato, e ao Doutor Joaõ das Regras; e naõ podendo ainda ajustarse a paz, se fez huma tregoa de quinze

Terceira tregoa por quinze annos, e suas condiçoens.

quinze annos, com as mesmas condiçoens da primeira; e além destas, se conveyo, *em que ElRey de Castella largasse Sabugal, e Miranda; que se soltassem os prizioneiros de huma, e outra Coroa, e que para a diligencia de buscallos, se deputasse certo numero de Frades Dominicos, e Franciscanos, de ambas as naçoens, que em hum, e outro Reyno solicitássem a sua liberdade; e que duvidando darlha qualquer pessoa, que os tivesse em sua casa, de qualquer qualidade, que fosse, se recorresse aos meyos da Justiça, e naõ bastando, seriaõ os mesmos Reys obrigados, por especial ordem sua, a fazer entregallos; e naõ o executando dentro de seis mezes, que se assignaraõ de termo para a sua entrega, pagaria cada pessoa, que os retivesse, por cada prizioneiro mil dobras cruzadas,* (valia cada huma duzentos e setenta reis) *e naõ as satisfazendo dentro de dous mezes, seria executada nos bens, que se lhe achassem; e por quanto durando as primeiras tregoas, se fizeraõ alguns roubos, e reprezalias nos bens de huns, e outros Vassallos, se nomeassem Juizes arbitros, que conhecessem da sua importancia, e os mesmos Reys, quando naõ bastassem os seus Ministros, fariaõ com que do modo, que fosse possivel, se satisfizessem. Que ElRey de Castella naõ poderia ajudar, ou soccorrer a Rainha D. Brites, nem os Infantes D. Joaõ, e D. Diniz, ou seus herdeiros, e quaesquer pessoas, que pertendessem a Coroa Portugueza. E que para segurança, e firmeza destas, e das outras condiçoens desta tregoa, daria em refens ElRey de Castella doze Fidalgos principaes do seu Reyno, e o de Portugal seis, e além destes, daria tambem aquelle dous Cidadoens dos mais nobres de cada Cidade, e hum sómente este; os quaes todos ficariaõ em poder do Prior D. Al-*

*Cunha, Histor. Eccles. de Lisb.* part.2.cap.20. fol. 103.

Refens de huma, e de outra parte.

*D. Alvaro Gonçalves, a quem feriaõ entregues*, (como de facto foraõ, e elle os levou para o Caftello de Santarem, de que era Alcaide môr) *e fe trocariaõ com outros iguaes de quatro, em quatro annos, por naõ fer jufto, que os mefmos eftiveffem detidos em todos os quinze.* E porque he razaõ, que fe faiba quaes foraõ os Fidalgos Caftelhanos, que para cá vieraõ, faõ elles: Hum filho baftardo do Conde D. Affonfo, outro do Conde de Niebla, chamado Pedro Nunes, Pedro Tenorio, e Joaõ de Arelhano, fobrinhos, aquelle, do Arcebifpo de Toledo, e efte, do de Santiago, filho legitimo de fua irmãa D. Tareja Sueiro; hum fobrinho do Meftre de Santiago, filho legitimo de feu irmaõ; outro do Meftre de Calatrava, filho legitimo de feu irmaõ Alvaro Nunes de Gufmaõ; Iñigo de Mendoça, filho legitimo de Joaõ Furtado; hum filho legitimo de Diogo Lopes de Zuñiga; outro do Marichal Diogo Fernandes; outro de Sancho Fernandes de Tovar; outro de Joaõ Gonçalves de Avelhaneda; e outro de Martim Fernandes Portocarreiro. Os Portuguezes, que para lá foraõ, faõ os feguintes: Hum filho legitimo do Meftre de Aviz, Fernaõ Rodrigues de Siqueira; outro de Martim Vafques da Cunha; outro de Gonçalo Vafques Coutinho; outro de Joaõ Affonfo Pimentel, Senhor de Bragança; outro de Gonçalo Vafques de Mello; e outro de Fernando Alvares de Almeida, Védor da Cafa Real. Naõ fallando nos filhos dos Cidadoens de hum, e de outro Reyno, a que as Chronicas naõ trazem os nomes; e com efta differença fe ajuftaraõ as tregoas naquelle tempo, que poderaõ

Fidalgos Caftelhanos.

Fidalgos Portuguezes.

raõ fazerse com mais ventagem nossa, se ElRey D. Joaõ fosse mais ambicioso de gloria; mas como Principe justo, só attendeo ao que era concernente à razaõ, para que em tudo obrasse justificado.

---

## CAPITULO CXCI.

*Em que se prosegue a mesma materia.*

Quebraõ-se as tregoas, e faz-se nova convençaõ, que tambem naõ dura.

1084 QUebradas as tregoas de quinze annos; por ElRey de Castella faltar às suas principaes condiçoens, e tomada a Cidade de Badajoz por ElRey de Portugal, até o inteiro cumprimento dellas, se ajustou outra nova convençaõ, e foy: *Que aquelle désse a este cincoenta mil dobras, dentro em certo tempo, e lhe pagasse a despeza, que fizera na tomada da Cidade; que entregasse todos os prizioneiros, dando por cada hum, que se retivesse, trezentas dobras; que restituisse as naos Genovezas, que tomara, com toda a sua carga, ou a importancia della; e que perdoasse as quantias, que se tinhaõ julgado aos Castelhanos nas sentenças alcançadas contra alguns Portuguezes.* Estas capitulaçoens, além das primeiras, foraõ assignadas, e juradas por El-Rey, e os Grandes, mas taõ mal guardadas, como as outras, pelo que ElRey de Portugal lhe foy tomar Tuy, e com este successo se resolveo em fim o de Castella a fazer huma firme, e verdadeira paz; e conhecendo o talento de Micer Ambrosio de Marines, em que se falla no cap. 187. num. 1054. o mandou fallar com

Toma ElRey a Cidade de Tuy.

com ElRey à Cidade do Porto, aonde ſe achava, no fim do anno de 1398. o qual o recebeo com grandeza, e agrado; e como o Genovez trazia poderes baſtantes para aſſignar huma tregoa de mez e meyo, para neſte tempo ſe nomearem Juizes arbitros, que decidiſſem, ou ajuſtaſſem eſtas differenças, convindo ElRey niſſo, nomeou por ſua parte o Condeſtavel, e o Biſpo de Coimbra D. Joaõ d'Azambuja, que depois foy Cardeal, com os dous famoſos Letrados Ruy Lourenço, e Alvaro Pires Eſcolar; e pela de Caſtella ſe nomearaõ o Meſtre de Santiago D. Lourenço Soares de Figueiroa, o Condeſtavel D. Ruy Lopes de Avalos, Adiantado de Murcia, e Camereiro mòr delRey, o Doutor Pedro Sanches, e o meſmo Micer Ambroſio, a quem primeiro nomeou ElRey de Portugal. Diſpoſta aſſim eſta materia, partio o Genovez para Caſtella, a dar parte a ElRey do effeito da ſua negociaçaõ, de que elle já tinha noticia, e agora lhe approvou novamente; e por ordem ſua, no dia prefixo para ſe dar principio a eſta pratica, que era o de 8. de Fevereiro do anno ſeguinte de 1399. ſe acharaõ na raya de ambos os Reynos, junto a Olivença, os Miniſtros nomeados, trazendo cada hum dos partidos cincoenta Cavallos de eſcolta, que ficaraõ à viſta dos Conferentes, em proporcionada diſtancia, e além deſtes, dous mais, todos armados, os quaes eraõ ſó os que haviaõ de acompanhallos ao lugar das conferencias. Neſta fórma Nuno Alvares, e o Biſpo levaraõ comſigo a Gonçalo Annes de Avreu, e Pedro Annes Lobato, (deixando a Martim Gonçalves do Carvalhal em Olivença,

Novas propoſtas de Caſtella, e por quem.

Peſſoas nomeadas para eſte ajuſte, e o que ſe fez.

Fórma das conferencias.

vença, com a gente necessaria para qualquer successo) e os Castelhanos fizeraõ o mesmo, e juntos todos em hum pequeno Ilheo, que havia no meyo da ribeira de Valverde, em que se fallaraõ, tiveraõ as suas primeiras vistas; e depois de varias cortezanias, deraõ principio às suas conferencias, para as quaes se prorogou o tempo das tregoas, ajustando-as por nove mezes, em que se repetiraõ aquellas, e se fizeraõ novas propostas, mas todas sem fruto, pela exorbitancia com que os Castelhanos as alteravaõ; e em fim se passou o tempo determinado sem conclusaõ alguma, porque ElRey de Castella, ou arrependido, ou mal aconselhado, estava de differente acordo, do que antes mostrara, e naõ querendo convir nos meyos proporcionados para a paz, deu occasiaõ a se tornar à guerra.

Tem principio estas, mas em fim sem effeito.

1085 No anno seguinte de 1400. desvanecida a empreza de Alcantara, se tornou a tratar de novas tregoas, ou pazes, e ElRey de Portugal mandou por seus Embaixadores ao de Castella, a D. Joaõ d'Azambuja, entaõ já Arcebispo de Lisboa, a Joaõ Vasques de Almada, e ao Doutor Martim Docem, os quaes chegaraõ a Segovia (aonde ElRey estava) no primeiro de Junho; e depois de varias propostas, e contendas, foy preciso ao Doutor voltar a Portugal, para fallar a ElRey, de que resultou fazerem-se alguns Conselhos na sua presença; e tomada a resoluçaõ, que pareceo conveniente, tornou Martim Docem, e com effeito se fez huma tregoa de dez annos, com as condiçoens seguintes, de que algumas saõ as mesmas, que as primeiras: *Que nem ElRey de Castella, nem seus herdeiros, fariaõ*

Falla-se outra vez em pazes, e vaõ a Castella Ministros de Portugal.

Faz-se tregoa de dez annos.

Suas condiçoens.

*fariaõ guerra a Portugal, por parte da Rainha D. Brites, nem dos Infantes D. Joaõ, e D. Diniz, nem consentiriaõ, que se fizesse, antes se opporiaõ a isso com todo o seu poder; que reciprocamente se entregariaõ todas as terras, que se haviaõ tomado, como eraõ, a Castella, Badajoz, Tuy, Salvaterra, e S. Martinho; e a Portugal, Bragança, Vinhaes, Miranda, Penamacor, Penagarcia, Segura, e Noudar; e que esta entrega se faria na fórma seguinte: que, depois de publicada a tregoa, se désse em refens ao Condestavel, as pessoas de D. Alvaro Peres de Gusmaõ, Justiça mayor de Sevilha, o Marichal Diogo Fernandes, Alcaide môr de Cordova, e Gomes Soares, filho mais velho de D. Lourenço Soares de Figueiroa, Mestre de Santiago; e que dentro em vinte dias depois desta entrega, ElRey de Portugal a fizesse ao dito Mestre, da Cidade de Badajoz, e que dahi a dous mezes a faria este de Bragança, Vinhaes, e Noudar, excepto as muniçoens de guerra, e boca, que os Castelhanos lhe tivessem metido; e que estando de posse destas terras os Portuguezes, dahi a vinte e cinco dias o Condestavel désse no mesmo sitio em que os recebera, os refens dos tres Fidalgos nomeados, e ElRey dentro de hum mez entregasse ao Mestre de Santiago tres Cavalheros do seu Reyno, que seriaõ Joanne Mendes de Vasconcellos, irmaõ de Mem Rodrigues de Vasconcellos, Mestre de Santiago de Portugal, Gonçalo Pereira, filho mais velho de Joaõ Rodrigues Pereira, e Vasco Fernandes Coutinho, filho primogenito de Gonçalo Vasques Coutinho, Marichal do Reyno, no mesmo lugar, em que se entregaraõ os primeiros; e que deste dia até quarenta seguintes, se nos désse Miranda, Penamacor, Penagarcia, e Segura; e destoutro a hum mez, se*

*lhes daria Tuy, Salvaterra, e S. Martinho; e entregues elles das terras, que eraõ ſuas, ſe nos reſtituiſſem os tres Fidalgos referidos, tambem na meſma parte; e que neſte dia, e hora ſe lhes déſſe tambem Iñigo de Mendoça, Gonçalo de Zuñiga, e todos os outros Cavalheros Caſtelhanos, que ainda havia vivos, e ficaraõ em refens, quando ſe ajuſtou a tregoa dos quinze annos; e feitas todas eſtas entregas, ſe ſoltaſſem logo todos os prizioneiros em hum, e outro Reyno, como eſtava capitulado; e que para ſe conſeguir a paz, que ſe deſejava, depois de cumpridas as condiçoens deſta tregoa, ſe limitava o tempo de ſeis mezes, para ſe nomearem as peſſoas, que haviaõ de tratalla.* Porém iſto por alguns inconvenientes naõ chegou a ter effeito, ſenaõ na menoridade delRey D. Joaõ o II. e regencia da Rainha D. Catharina, viuva delRey D. Henrique, e irmãa da Rainha D. Filippa, a qual trabalhou tanto para ajuſtalla em vida do marido, e a effeituou entaõ, aſſiſtida do Infante D. Fernando ſeu cunhado, ambos Tutores, e Curadores delRey menino. Mas com tudo, eſte Tratado ſe publicou logo, até nas Cortes eſtrangeiras, como conſta do que refere o ſeguinte Eſcritor.

1086 Bernardo Girardo, no livro, que intitulou *Eſtado dos negocios de França*, no liv. 3. diz aſſim, na lingua Franceza antiga: *L' an.* 1403. *quelques Gentilſhomes Eſpagnols porterent a la dicte Cour, untraicte de paix, & amitiè faict entre les deux Roys de Caſtille, & de Portugal, pour eſtre publiè en la dicte Cour ahuys, ou verts, les chambres aſſemblees, & fut faaict, & demenderent acte de la publication quils, porterent en leur pays. Quelques uns diſent. qù ils porterent auſſi unformulaire de juſtice,*

*ce, & de police, & du reglement des finances, pour avoir ſur iceluy l' avis de la dicte Cour.* Vem a dizer, *que huns nobres Heſpanhoes no anno de* 1403. *levarão ao Parlamento de Pariz hum Tratado de paz, e amiſade entre os Reys de Portugal, e Caſtella, para ſer publicado no Parlamento, e que aſſim ſe fizera, e que ſe lhe dera o acto da publicação, e o trouxerão para o ſeu paiz; e que ſe dizia, que trouxerão tambem hum formulario da juſtiça do governo politico, e de regular a fazenda, para acerca delle ouvirem o parecer do Parlamento.* Se eſtes Gentishomens erão Portuguezes, ou Caſtelhanos, o não declara o Author.

---

## CAPITULO CXCII.

*Em que ſe continûa, e ſe dá fim à meſma materia das pazes com Caſtella, e ſe faz menção da liga de Inglaterra.*

1087 MOrto ElRey D. Henrique em 25. de Dezembro de 1407. e ficando ſeu filho D. João de vinte e dous mezes, como elle deixou nomeados por ſeus Tutores, e Regentes do Reyno a Rainha ſua mulher, e ſeu irmão o Infante D. Fernando, e eſtes, principalmente a Rainha, tiverão ſempre deſejo de fazer a paz com Portugal, mandou pedir a ElRey nomeaſſe peſſoas, que podeſſem tratalla; e ajuſtado o lugar de conferirem, forão da parte deſte o Arcebiſpo de Lisboa, D. João d'Azambuja, Martim Affonſo de Mello, e o Doutor Gil Martins; e pela de Caſtella vierão D. João Biſpo de Siguença, D. Pedro

Propoem-ſe outra vez as pazes.

Quaes forão os Conferentes.

Viegas, Alcaide môr de Cordova, e o Doutor Pedro Sanches; mas como estes nunca cederaõ das suas pertençoens, se dissolveo o congresso, sem conclusaõ alguma; porém a Rainha, que certamente a desejava, e via irse passando o tempo sem fruto, tornou a pedir a ElRey, mandasse outra vez os seus Ministros, de que elle se escusou, com a justa desculpa das muitas vezes, que tinhaõ ido debalde, entendendo, que o pedirlhos era só com o designio de ganhar tempo, como havia experimentado, porque depois de se apregoarem as tregoas de dez annos, tinhaõ passado quatro, quando só se haviaõ destinado seis mezes, para este mesmo effeito, sem que já mais chegasse a poder tello; como tambem naõ teve em outros tantos annos, com a opposiçaõ, que fizeraõ os Grandes ao governo da Rainha, e creaçaõ delRey, que obrigou ao de Portugal a declararse a favor da cunhada; e depois com as exorbitantes propostas, que os seus Ministros lhe faziaõ, para o ajuste da paz; porém como ella a desejava tanto, instou terceira vez com ElRey de Portugal para a pratica della, segurandolhe, que entaõ teria o pertendido effeito, para o que mandou a Lisboa Joaõ Rodrigues, Arcediago de Gordon, de quem ella muito se fiava, o qual fallando a ElRey, o persuadio de sorte, que lhe prometteo mandar logo pessoas capazes desta convençaõ, e em fim, mandou depois o seu Alferes môr, Joaõ Gomes da Sylva, e os Doutores Martim Docem, e Fernaõ Gonçalves Beliagoa, os quaes foraõ recebidos da Rainha com grandes demonstraçoens de agrado, e naõ menos do Infante D. Fernando, e da Corte toda;

Naõ chegaõ a ajustarse, e o que nisto se obra.

Tornaõ a proporse, e por quem.

Ministros de Portugal, e o que se confere.

toda; e conferindo depois com os Miniſtros, que ſe lhes deputaraõ para eſte ajuſte, ainda que os principaes pontos delle eſtavaõ concordados, com tudo, ſe altercaraõ outros de novo, principalmente ſobre a obrigaçaõ, que ſe nos impunha de ſoccorrermos aquelle Reyno com certo numero de Galés, e de gente, contra os Mouros, que depois de levarem muito tempo, ſe perdera todo, ſe os noſſos Miniſtros particularmente naõ fizeraõ ſaber à Rainha todas as duvidas, que detinhaõ, e difficultavaõ a concluſaõ deſte negocio, e ella naõ tomara por ſua conta o facilitallas, como fez, e o Infante ſeu cunhado; e aſſim hum Domingo, depois de veſpera, aos 14. de Junho de 1411. os mandou vir à ſua preſença, e na dos Biſpos de Palença, e Segovia, do Almirante D. Affonſo Henriques, de Diogo Lopes Zuñiga, e de outros muitos Fidalgos, lhes diſſe: *Que ella pelo ſocego dos ſeus Eſtados, pelo bem de ſeu filho, e por deſcanço ſeu, havia trabalhado com os do ſeu Conſelho, e com os Grandes do Reyno, e ſeus Procuradores, principalmente com ſeu cunhado o Infante D. Fernando, para haverem de concederlhe a paz como elles a pediaõ.* E elles lhe reſponderaõ com o preciſo obſequio, e devido agradecimento, a taõ feliz noticia; e como o Infante ſe naõ achava preſente, o foraõ logo buſcar ao ſeu quarto, e lhe renderaõ as merecidas graças, o qual, diante de Joaõ Alvares Oſorio, Guarda môr delRey, de Joaõ Affonſo, Secretario da Rainha, e de alguns Fidalgos mais, que alli com elle eſtavaõ, confirmou, e ratificou o meſmo, que diſſera a Rainha; e em fim, ficou ajuſtada ſolemnemente a paz entre as duas Coroas,

Reſoluçaõ ſua.

Ajuſta-ſe a paz, e quando.

Falla da Rainha.

O que obraõ os noſſos Miniſtros.

roas, com as condiçoens ſeguintes, além das que ſe haviaõ incluido nas tregoas: *Que ElRey de Portugal perdoaſſe, e admittiſſe os Portuguezes, que no tempo delRey D. Fernando paſſaraõ ao ſerviço de Caſtella, e depois da ſua acclamaçaõ o naõ reconheceraõ por ſeu legitimo Senhor, e lhes reſtituiſſe os ſeus bens patrimoniaes, perdendo ſó os que foſſem da Coroa; e que ſó neſte indulto naõ entrariaõ os que lhe beijaraõ a maõ, e depois de o reconhecerem, o deſampararaõ; e que ElRey de Caſtella faria o meſmo com os Vaſſallos, que houveſſem vindo para Portugal. E da meſma ſorte, que os Portuguezes, que em Caſtella tiveſſem alguns bens, no tempo, que ſe começou a guerra, lhes foſſem reſtituidos, ou remunerados, como tambem aos Caſtelhanos alguns, que em Portugal lhes ficaſſem; e finalmente, que nenhum dos Reys poderia, por nenhum caminho, ajudar os pertenſores de qualquer das Coroas, antes reciprocamente ſoccorreria hum ao outro, e o defenderia de qualquer inimigo, havendo entre ambos huma firme paz, e perpetua amiſade.* Ajuſtadas as condiçoens referidas, e faltando ſó aſſignarſe eſte Tratado, ſe entrou na duvida de quem o havia de aſſignar por ElRey, naõ tendo eſte ainda ſete annos de idade; e aſſim os noſſos Miniſtros communicaraõ eſta materia com o Biſpo de Çamora, e o Doutor Pedro Annes, e ſe aſſentou, que a Rainha, e o Infante, como tambem os Prelados, e Grandes do Reyno o aſſignaſſem, obrigando-ſe todos, debaixo de juramento, a que ElRey aſſim o cumpriria, e aſſignaria com as meſmas condiçoens, em chegando aos quatorze annos; e aſſim ſe fez, e concluhio em 31. de Outubro, do anno de 1411. até quando levou a deciſaõ deſta

Condiçoens da paz.

Duvidas para aſſignarſe.

O que ſe reſolve.

desta ultima duvida. E por dizer tudo o que pertence a esta materia, chegando ElRey aos quatorze annos, no de 1419. foraõ fallarlhe os mesmos Embaixadores, e pedirlhe quizesse assignar aquelle Tratado, (como já se havia requerido no de 1418. o que se naõ fez com o pretexto de naõ estarem ainda os quatorze annos cumpridos) e elle por algumas razoens particulares, duvidou de fazello; e como neste tempo era já morta a Rainha, e tambem o Infante, sendo já Rey de Aragaõ, ainda este negocio teve menos Procuradores, e esses que havia, menos efficazes, com que os nossos Ministros voltaraõ para Portugal sem conseguirem mais, que algumas esperanças; mas reflectindo melhor nas consequencias desta duvida ElRey, ou os seus Conselheiros, vieraõ depois a Portugal da sua parte, Affonso Garcia, Deaõ de Santiago, ou D. Affonso de Cartagena, Deaõ de Segovia, e Joaõ Affonso de Çamora, Escrivaõ da sua Camera, e em fim ajustaraõ com ElRey a fórma, que havia de ter o de Castella para o seu juramento, e ratificaçaõ das pazes, e com esta certeza mandou o de Portugal a Avila, aonde aquelle estava, a D. Fernando de Castro, do seu Conselho, e ao Doutor Fernando Affonso da Sylveira, os quaes trouxeraõ juradas, e ratificadas as mesmas capitulaçoens, que ElRey assignou no ultimo dia de Abril do anno de 1423. só com a alteraçaõ de lhe limitar o ultimo cumprimento dellas até os 6. de Março de 1434. Porém tres annos antes de se acabar este prazo, foraõ a Castella Pedro Gonçalves Malafaya, e Luiz Gonçalves, (que primeiro haviaõ ido à mesma diligencia

Duvidas depois para ratificarse.

Como se desvaneceraõ.

Confirmaõ-se as pazes, e quando.

gencia com o Doutor Ruy Fernandes ) ambos irmãos, e do Conſelho delRey de Portugal, e com elles foraõ tambem o meſmo Ruy Fernandes, e o Secretario Ruy Galvaõ, e poderaõ conſeguir delRey de Caſtella o fazerſe huma paz perpetua, que em ſua vida foy religioſamente obſervada, a qual ſe aſſignou em Medina del Campo, aos 30. de Outubro de 1431. ratificada depois por ElRey de Portugal em Almeirim, aos 17. de Janeiro de 1432. como tambem pelo de Caſtella, para mayor ſegurança; e entaõ ſe deſobrigaraõ os Reys da reciproca ſatisfaçaõ das dividas dos Vaſſallos, e de todas as mais condiçoens, que ainda podiaõ alterar a boa harmonia de huma ſyncera, e verdadeira amiſade, o que tudo melhor póde verſe nos Tratados deſta paz, a Documentos, num. 36. e em todos os mais, que ſe lhe ſeguem, e contém a meſma materia até num. 37. extrahidos todos dos originaes da Torre do Tombo, donde ſe copiaraõ.

Faz-ſe em fim huma paz perpetua.

1088 Além deſtas tregoas, e pazes, que ficaõ referidas, fez ElRey D. Joaõ o I. hum ſolemne Tratado de aliança com Ricardo II. Rey de Inglaterra, aſſignado por eſte, e por ſeus Procuradores, para iſſo deputados; e aſſim meſmo pelos delRey de Portugal, que ainda eſtavaõ naquelle Reyno, e tinhaõ eſta commiſſaõ, os quaes eraõ D. Fernando Affonſo de Albuquerque, e Lourenço Annes Fogaça, em que largamente ſe falla no cap. 186. aonde tambem ſe refere a grande qualidade do primeiro, a qual liga, e ſuas capitulaçoens, ſe podem ver a Documentos, num. 32. na copia tirada do ſeu original Latino, que

Faz ElRey liga com o de Inglaterra Ricardo II.

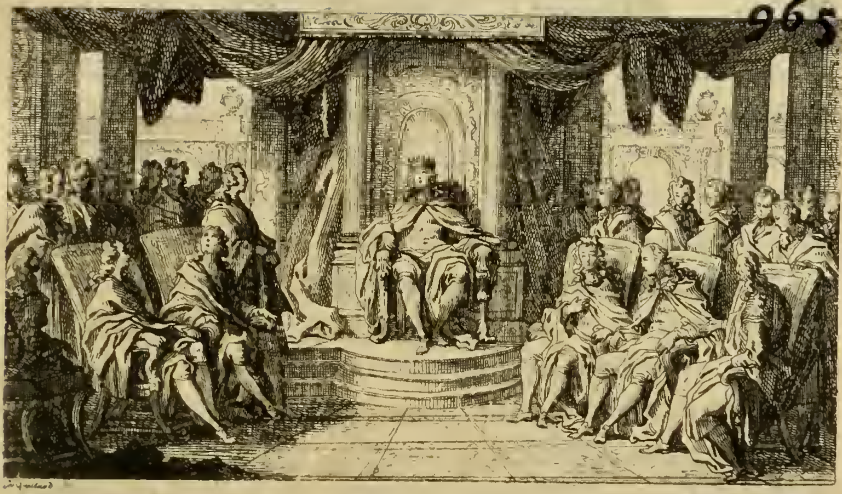
que he ſó o que ſe acha na Torre do Tombo, donde me foy entregue.

1089 A meſma liga fez ElRey, depois da morte de Ricardo II. com Henrique IV. ſeu ſucceſſor, o qual naõ ſó confirmou todas as condiçoens da primeira; mas ainda de algum modo as ampliou, em 16. de Fevereiro de 1404. como conſta da copia, que vay tambem junta a Documentos, num. 34. trasladada de outro ſemelhante original Latino, que ſó ſe deſcobre no meſmo Real Archivo, para cujo effeito mandou ElRey de Portugal a Londres por ſeu Embaixador a Joaõ Gomes da Sylva, e em ſua companhia o Doutor Martim Docem, os quaes com a ſua actividade, e diligencia deraõ taõ boa conta da ſua commiſſaõ, que em fim a concluiraõ com igual ſatisfaçaõ de ambas as Coroas; e juntamente participaraõ ao meſmo Rey de Inglaterra as tregoas, que ſe tinhaõ ajuſtado com Caſtella, em que elle tambem havia entrado, como depois reciprocamente entraraõ em todas as que ſe fizeraõ, (o que aſſim meſmo já ſe praticara com ſeu anteceſſor em todas as tregoas, e pazes do ſeu tempo) para o que de hum, e outro teve ElRey varias cartas com eſta faculdade, que melhor podem verſe nas copias de duas dellas, a Documentos 33. e 35. (além de outras muitas, que ſe guardaõ na dita Torre) ambas do ſeu proprio original Latino, em cuja lingua eſtaõ eſcritos todos eſtes actos; e nellas ſe moſtra naõ ſó o devido agradecimento deſtes Principes, mas tambem a grande attençaõ para com eſte Monarcha, com o qual a tiveraõ ſempre todos os que concorreraõ no ſeu

**Faz a meſma com Henrique IV.**

feliz reynado, conſeguida até dos meſmos, a quem a emulaçaõ, ou a inimiſade, fazia disfarçar o temor com o deſprezo, e o odio com a juſtiça; e ſe até dos meſmos inimigos ſabia o ſeu nome conciliar reſpeito, que faria dos parciaes, e amigos, em quem a experiencia dos beneficios deſempenhava ſempre a utilidade das confederaçoens, taõ exactamente da ſua parte obſervadas em todos os ſeus artigos, que ſem nunca chegar a quebrantallos, muitas vezes paſſava a mais, que cumprillos; porque naõ ſatisfeita a ſua generoſidade com a meſma ſatisfaçaõ da ſua palavra, punha por obra oa que naõ ſó naõ era obrigado, mas ainda, com detrimento proprio, naõ faltava ao que podia ſer de conveniencia alheya, ſoccorrendo a huns, mediando entre outros, e utilizando a todos.

MEMO-



# MEMORIAS,

## EM QUE SE TRATAM DAS CORTES, QUE ELREY FEZ; em que tempo, e adonde; e juntamente de algumas acçoens suas até a morte delRey D. Joaõ o II. de Castella, e tregoa com Portugal.

## CAPITULO CXCIII.

*Do que pertence às Cortes.*

Cortes; que se fazem, e aonde.

1090 AS primeiras Cortes, que houve, foraõ as de Coimbra, na Era de 1423. que responde ao anno de 1385. nas quaes aos 6. de Abril foy acclamado Rey o Mestre de Aviz, e nellas depois de acclamado, se trataraõ as materias, e se fizeraõ as merces, que vaõ tocadas nos capitulos 40. até 43. e

trazem mais por extenſo Fernaõ Lopes, nos primeiros quatro capitulos da ſegunda parte da Chronica deſte Rey; e Duarte Nunes de Leaõ no cap. 48. da ſua. Na meſma Cidade de Coimbra fez ElRey outras Cortes na Era de 1432. e nas ſeguintes de 1433. 1434. e 1436. Fez outras em Braga na Era de 1425. que reſponde ao anno de 1387. e foraõ as ſegundas, que houve ſobre tributos, e negocios militares; e outras depois na Era de 1400. Fellas em Lisboa na Era de 1427. que reſponde ao anno de 1389. na de 1448. 1450. e 1451. Fellas em Evora na Era de 1429. e na de 1446. Em Leiria na de 1439. que reſponde ao anno de 1401. quando foy jurado o Infante D. Duarte, por morte de ſeu irmaõ o Infante D. Affonſo. Fellas em Viſeu no fim da Era de 1429. na de 1430. e na de 1457. Em Eſtremoz na de 1454. Em Guimaraens na de 1439. Em Santarem na de 1430. 1438. 1441. e 1456. Em Elvas no anno de 1399. e aſſim tambem outras mais, que ſe naõ declaraõ aonde foraõ feitas, nem tem a legalidade das referidas, que todas conſtaõ das Chronicas, e das Cameras do Reyno, e muitas da de Lisboa, e de alguns dos livros da Chancellaria delRey.

CAPI-

## CAPITULO CXCIV.

*Como depois que o Duque de Lancaſtre voltou para Inglaterra, deixando ajuſtada a paz com Caſtella, eſtabeleceo ElRey de Portugal algumas Leys, e o mais, que obrou durante eſta tregoa.*

1091 PArtido o Duque de Lancaſtre para Londres, e ceſſado algum tanto o rumor da guerra, quiz ElRey de Portugal empregar o breve tempo, que tinha livre, nos negocios civîs; e para melhor fórma do governo, e boa adminiſtraçaõ da juſtiça, por conſelho, e diſpoſiçaõ do Doutor Joaõ das Regras, promulgou algumas Leys taõ juſtas, como neceſſarias. ( naõ fallando na que naõ publicou, e lhe ficou na mente, e por iſſo chamada Mental, que depois poz em praxe ElRey D. Duarte ſeu filho ) Foy huma dellas determinar as partes, ou quinhoens, que a cada hum tocava nas prezas maritimas, ſobre que havia grandes duvidas, e contendas; cuja repartiçaõ, conforme a graduaçaõ de cada hum, foy taõ proporcionada, como póde verſe em Fernaõ Lopes, e Duarte Nunes, que trataõ com individuaçaõ eſta materia.

Promulga algumas Leys.

*Fern. Lop.* part. 2. cap. 127. pag. 284. e 285.

*Duart Nun.* cap. 72. pag. 262. & ſeqq.

1092 Naõ foy menos util a Ley, que tambem publicou, ſobre as Sentenças, e Eſcrituras, que ſe tinhaõ dado, e feito no tempo do governo delRey de Caſtella, nas terras, que eſtavaõ por elle, principalmente em Santarem, aonde havia eſtabelecido a fórma

ma de despacho, pelas pessoas deputadas para o seu expediente; porque os que as tinhaõ a seu favor, as defendiaõ por válidas, fundados em que se proferiraõ, e lançaraõ por Ministros, e Officiaes Portuguezes, e alguns, que já o haviaõ sido delRey D. Fernando, e finalmente, conforme o estylo, e Ordenaçoens do Reyno; e os que nellas eraõ prejudicados, as reputavaõ por nullas, e defectuosas, porque ainda que os Ministros, e Officiaes fossem Portuguezes, naõ o era o Rey, nem reconhecido pelos Povos, mas só aceito de alguns, mais por medo, que por amor, mais por violencia, que por vontade; e que assim naõ deviaõ ter validade, nem observancia os seus Decretos, nem as resoluçoens dos seus Ministros, que fundados no direito do Rey, que de nenhuma sorte o tinha, he que as promulgavaõ. ElRey entaõ nesta grande indifferença dos seus Vassallos, com approvaçaõ dos do seu Conselho, tomou o meyo mais acertado, mandando, que todos os negocios, que ficaraõ pendentes desde que entrou em Portugal ElRey de Castella, tornassem ao seu primeiro estado, e se julgassem como entendessem os seus Ministros, pois a elle, antes como Regente do Reyno, e depois como seu verdadeiro Rey, só lhe tocavaõ as suas decisoens. Além desta Ley, fez outras muitas, e de algumas consta pelos Documentos do Senado da Camera, que vaõ copiados a num. 37.

1093 Neste tempo, retendo ainda ElRey em si o Mestrado de Aviz, e desejando dallo a Mem Rodrigues de Vasconcellos, ou ao menos solicitarlho, havendolho assim antes insinuado, se naõ atreveo a fazello,

zello, por ſaber, que Fernaõ Rodrigues de Siqueira, Commendador môr da ſua Ordem, o pertendia, e que Fernando Alvares de Almeida, Commendador de Jurumenha, que era Claveiro da meſma Ordem de Aviz, e Védor da ſua Caſa, ſenaõ cuidava no meſmo, ao menos deſejava, que o foſſe Fernaõ Rodrigues, para aſſim poder elle ter aſcenſo a Commendador môr; e vendo ElRey, que naõ podia contentar a todos, ſendo todos benemeritos deſta merce, tomou o expediente de deixar totalmente livre na eleiçaõ dos Freires a do ſeu Meſtre; e entaõ, com pluralidade de votos, foy eleito Fernaõ Rodrigues de Siqueira, do que ſe ſentio Mem Rodrigues de Vaſconcellos, lembrado da promeſſa delRey, porém eſte o ſatisfez com lhe fazer dar o Meſtrado de Santiago, (de mayor honra, e rendimento) ſem embargo de eſtar já provido em Ruy Freire, filho de Nuno Freire de Andrade, Meſtre, que foy da Ordem de Chriſto, e Ayo do meſmo Rey, a quem era taõ obrigado; e aſſim o contentou tambem com lhe dar as rendas de Palmela, e Arruda.

Notavel attençaõ del-Rey.

He eleito para Meſtre de Aviz Fernaõ Rodrigues de Siqueira.

1094 Neſte meſmo tempo (naõ ſe diz porque motivo) D. Pedro de Caſtro, filho do Conde D. Alvaro Pires de Caſtro, que com Joaõ de Baeça fogiraõ de Torres Vedras, pela traiçaõ, que ſe ſoſpeitava tinhaõ elles armado contra ElRey, lhe mandou pedir licença para tornar para o ſeu ſerviço, e que para penhor da ſua fidelidade, lhe entregaria logo a Villa de Salvaterra, que ElRey de Caſtella lhe havia dado; e ElRey lha concedeo, e veyo para Portugal, como tambem D. Pedro da Guerra, filho do Infante D.

Paſſaõ-ſe a Portugal D. Pedro de Caſtro, e D. Pedro da Guerra.

Joaõ,

Joaõ, aos quaes ElRey recebeo com agrado, e lhes fez depois merces, e a todos os mais, que à ſua imitaçaõ quizeraõ tambem ſervillo.

Vem tambem o Infante D. Diniz, e ElRey o recebe com agrado.

1095 Depois da vinda deſtes Fidalgos, ſoube ElRey, que ſeu irmaõ o Infante D. Diniz, (já livre da prizaõ) tivera alguns deſgoſtos com ElRey de Caſtella, e buſcava aſylo em Portugal; e podendo mais com elle as razoens do ſangue, que as da politica, e as do amor, que as da conveniencia, lhe mandou prevenir a hoſpedagem, e ſahio a eſperallo meya legoa fóra da Cidade, o qual ſó vinha acompanhado de cinco, ou ſeis criados; e chegando elle aos pés delRey, lhe quiz beijar a maõ, mas naõ lho conſentio, até que inſtado novamente do Infante, naõ ſó lha deu, mas os braços, recebendo-o com todas as demonſtraçoens de carinho, que cabiaõ na Mageſtade. Depois, pelas repetidas inſtancias, e repreſentaçoens dos ſeus Miniſtros, que temiaõ, que a ſua vinda podeſſe excitar alguma alteraçaõ nos animos ſeus affeiçoados, ou de ſeu irmaõ, intentando ſubſtituir nelle o direito, que lhe conſideravaõ ter ao Reyno, cuja inclinaçaõ naõ deixaria de fomentar por todos os caminhos ElRey de Caſtella, para aſſim ver ſe podia introduzir huma guerra civil, com que dividido o noſſo pouco poder, totalmente ſe diminuiſſe, e anniquilaſſe; perſuadido ElRey deſta zeloſa advertencia, para conciliar ambos os extremos, e prevenir o receyo, que ſe lhe propunha, ſem faltar ao amparo de quem o buſcava, ſe reſolveo a mandallo para Inglaterra, com as aſſiſtencias neceſſarias para poder viver naquelle Reyno, como quem elle era; porém

O que ſe repreſenta a ElRey.

Manda-o depois para Inglaterra.

porém o Infante, ou timido, ou queixoſo, depois de embarcado, retrocedeo a viagem, e voltando para Portugal, o cativaraõ huns corſarios Bretoens, os quaes ſabendo, que era irmaõ delRey, lhe pediraõ pelo ſeu reſgate cem mil francos de ouro, (valia cada franco mais de huma pataca) e elle tambem eſcreveo a ElRey ſeu irmaõ para que lhe valeſſe, porém ElRey mais impoſſibilitado, que offendido, ſe eſcuſou de fazello. Entaõ os corſarios vendo, que da ſua prizaõ naõ tiravaõ mais fruto, que a deſpeza, que com elle faziaõ, o pozeraõ na ſua liberdade, e tornou para Caſtella, aonde foy bem recebido, deixando entaõ mais ſoſpeitoſos os ſeus intentos na vinda a Portugal.

Retrocede a viagem, e he cativo dos Bretoens.

Poſto em ſua liberdade, torna para Caſtella.

## CAPITULO CXCV.

*Do caſtigo, que ElRey deu a Fernando Affonſo, ſeu Cameriſta, por continuar no trato com huma Dama do Paço, depois de repetidos aviſos.*

1096 COmo ElRey cuidava tanto no credito de ſua Caſa, zelava muito a honra das ſuas criadas; e ſabendo, que huma Senhora das principaes della, tinha poſto os olhos em Fernando Affonſo, ſeu Cameriſta, e muito ſeu privado, o qual era irmaõ de Joaõ Affonſo de Santarem, moço de gentil preſença, e igual diſcriçaõ, de que ella ſe achava reciprocamente correſpondida, o chamou varias vezes, e o advertio deſta culpa, pedindolhe, ou mandandolhe, ſe abſti-

Culpa, e caſtigo notavel de Fernando Affonſo.

vesse della, senaõ queria cahir na sua indignaçaõ. Elle entaõ lhe pedio licença para ir cumprir certa romaria, na qual pela distancia, que era, havia de gastar alguns dias, e ElRey lha concedeo; e como tinha indicios para entender, que era fingida, e que tomava hum taõ santo pretexto para o seu peccado, cuidou em averiguallo; e sabendo, que o tempo, que havia de gastar na jornada, estivera sempre em casa desta Senhora, o dissimulou de sorte, que quando elle chegou a fallarlhe, o recebeo sem demonstraçaõ alguma de queixa; mas como com a dissimulaçaõ crescia, naõ só o excesso, mas a infamia, foy preciso a ElRey despedillo do seu serviço, e mandarlhe, que naõ tornasse mais ao Paço; e elle abusando da sua paciencia, e favor, se foy outra vez meter em casa da dita Senhora. ElRey, que entaõ com mayor causa, tinha mais cuidado, e vigilancia no que elle fazia, foy logo avisado de que elle lá estava; e sem perder tempo, o mandou buscar à sua presença por alguns criados, e entregando-o a Gil Annes, Corregedor da Corte, este o levou prezo, mas ignorando a culpa, e lembrando-se do seu valimento, naõ foy com tanta cautela, que elle chegando às Portas d'Alfofa, naõ podesse escaparse, e meterse em Santo Eloy, e fechando as da Igreja, se dava por seguro naquelle Sagrado; mas ElRey, assim que Gil Annes lhe deu conta do successo, o arrebatou de sorte o impulso da colera, ou o zelo da justiça, que assim como estava descomposto, e só vestida huma roupa, (eraõ horas de sésta) sahio a pé, e correndo, seguido só de alguns criados, que alli se achavaõ, e veyo às portas

portas da Igreja, e vendo-as fechadas, mandou, que lhas abrissem; e Fernando Affonso, entrando ElRey, sobio ao Altar môr, e se abraçou com a Imagem de Nossa Senhora, de donde ElRey o mandou tirar, e levar com mais segurança para a cadea; e sentenciado o crime, foy queimado na Praça do Rocio, sem que lhe valesse o dizer elle, com beneplacito da mesma Senhora, que estava casado com ella, nem bastassem a fazer perdoarlhe, os rogos, e intercessoens de toda a Corte, e o que mais he, nem a sua propria inclinaçaõ, e amor, que lhe tinha; porque prevaleceo em fim a observancia da justiça, e honra da sua Casa, a todos os outros affectos, em cujo castigo tomaraõ todos, com razaõ, exemplo, e escarmento. Ella tanto, que soube da morte de Fernando Affonso, temendo entaõ a sua, mandou saber delRey se tinha a mesma sentença; e elle lhe respondeo, que naõ queria della mais vingança, que a sua propria deshonra, e que sendo quem era, ficasse reputada com huma tal infamia; e assim logo a despedio do Paço, e ella foy para Castella, aonde estava sua mãy.

---

## CAPITULO CXCVI.

*Das Cortes, que ElRey de Castella fez em Guadalaxara, e do que se tratou nellas.*

1097 ENtrando o anno de 1390. certamente fatal para Castella, pela desestrada morte do seu

Faz ElRey de Castella Cortes em Guadalaxara.

Rey, fez este Cortes em Guadalaxara, e nellas se queixaraõ alguns dos assistentes do pouco credito da naçaõ, com que se fizeraõ as tregoas com Portugal, restituindo-selhe tantas Praças, por duas só, que se largaraõ; e ElRey se desculpou com as despezas, que com ellas fazia, e poucos meyos com que se achava; e que o seu intento só era refazerse de forças, para novamente continuar a guerra, e que a este fim he que só os chamava, para que aliviando-se os Povos dos tributos impostos, se considerasse o meyo mais suave de se proseguir a seu tempo, e conseguir esta empreza. E na verdade, que este era só o seu designio, pois o ardente desejo de vingança, era nelle o mesmo, que havia sido; e por esta causa instituhio novas Ordens Militares, em que haviaõ diversas divisas para Fidalgos, e Cavalleiros, as quaes publicou, e repartio em 25. de Julho do mesmo anno, dia de Santiago, na Igreja Cathedral da Cidade de Segovia, para incitar melhor os animos dos seus Vassallos; e assim tambem perdoou a todos os criminosos do Reyno. E como todo o seu cuidado era a conquista de Portugal, antes de entrar nas Cortes, chamou particularmente a alguns Fidalgos mais da sua confiança, e lhes communicou em segredo o pensamento, que tinha, de renunciar o Reyno em seu filho, o Infante D. Henrique, reservando só para si alguma parte delle, em quanto naõ conseguisse o fim deste seu novo arbitrio; pois sendo a principal causa porque os Portuguezes lhe negavaõ a obediencia, o receyo de se unirem ambos os Reynos, se vissem, que elle já naõ tinha o de Castella, naõ duvidariaõ

Institue novas Ordens Militares, e a que fim.

Proposta delRey, que fez a alguns Fidalgos, e que se lhe naõ approva.

dariaõ darlhe o de Portugal. E que se lhe dissessem, que o Infante naõ tinha ainda idade competente (por ter só onze annos) para o governo, que isto podia supprirse, nomeando elle Ministros, que lhe assistissem, e com elle despachassem, durante a sua menoridade; e que assim lhes pedia, que sem affeiçaõ, nem lisonja lhe déssem o seu parecer, de que tanto necessitava, em materia taõ grave; e elles tomando tempo para responderlhe, lhe disseraõ uniformemente as razoens, que havia em contrario desta sua resoluçaõ, as quaes traz Fernaõ Lopes na segunda parte da Chronica delRey D. Joaõ o I. de Portugal, a pag. 311. e nas seguintes, as quaes tambem refere o Chronista de Castella D. Affonso Nunes de Castro, na Chronica dos tres Reys D. Pedro, D. Henrique, e D. Joaõ o I. impressa em Pamplona, no anno de Christo de 1591. a pag. 207. e nas que se seguem; aonde tambem póde verse a materia destas Cortes, de que elle trata largamente, e saõ dignas de lerse.

---

## CAPITULO CXCVII.

*Da morte delRey de Castella, e de algumas cousas mais até a nova tregoa com Portugal.*

1098 ACHava-se ElRey de Castella em Alcalá de Henares, celebre Cidade de Castella a Nova, distante de Madrid seis legoas, para a parte de Guadalaxara, quando succedeo chegarem alli alguns Cavalleiros

Cavalleiros Catholicos, descendentes dos que foraõ cativos na perda delRey D. Rodrigo, os quaes viviaõ no serviço delRey de Marrocos, e este lhes dera liberdade às instancias do mesmo Rey D. Joaõ; e como vinhaõ montados em cavallos fermosissimos, e elles eraõ destrissimos em mandallos, quiz ElRey vellos fazer hum dia aquelle exercicio; e destinada a manhãa de hum Domingo 9. de Outubro, do dito anno de 1390. depois de ouvir Missa, sahio ElRey pela porta, que chamaõ de Burgos, acompanhado de toda a Casa Real, e mais Nobreza, e Povo, que haviaõ concorrido a ver aquelle festivo espectaculo, que elle quiz fazer mais famoso, sendo o primeiro, que medisse o campo, passando huma carreira; mas como era desigual o terreno, tropeçou o cavallo, e cahio com tal violencia, que despedaçandolhe o corpo, lhe fez render o espirito. A toda a pressa foraõ logo acodirlhe todos os que alli foraõ testemunhas deste funesto caso; e o Arcebispo de Toledo, que chegou primeiro a elle, ainda que o achou já sem vida, dissimulou por accidente a morte; e impedindo aos outros o vello, lhe fez armar huma tenda no mesmo campo, aonde se lhe poz a cama, e chamou logo os Medicos, disfarçando com os remedios a perda, e enganando com as apparencias a esperança, até que naõ podendo encobrir mais tempo a fatalidade, depois de escrever às Cidades, e Villas do Reyno o successo, e lhes recomendar a fidelidade para o Principe seu filho, e avisar a Rainha, que estava em Madrid com os Infantes, (a qual veyo logo assistir ao corpo de seu marido) fez conduzir,

Morte infeliz delRey de Castella, e como, e quando succede.

Disfarça-se ao principio.

zir, e expor o cadaver na Capella do Biſpo da meſma Cidade, de donde depois ſe transferio para a Igreja de Santa Maria Mayor de Toledo, e foy ſepultado na meſma Capella, que ſeu pay ElRey D. Henrique alli edificara. Eſte foy o fim delRey D. Joaõ o I. na flor da ſua idade, em que ainda naõ contava perfeitos trinta e tres annos, nem doze do ſeu reynado, vindo a morrer taõ deſgraçadamente entre os ſeus, e no ſeu meſmo Reyno, havendo eſcapado à morte, a que ſe arriſcou tantas vezes no eſtranho, entre o furor das armas de ſeus inimigos.

Publica-ſe em fim, e para onde ſe leva.

1099 Grande foy a conſternaçaõ dos Povos com eſta noticia, e muito mayor o ſentimento da Rainha, como a mais prejudicada neſta falta; mas attendendo à conſervaçaõ do Reyno, ainda que naõ era ſeu filho o Infante D. Henrique, por naſcer do primeiro matrimonio, com tudo, tratou de eſtabelecerlhe o governo, com os Tutores, e Miniſtros nomeados no teſtamento delRey, os quaes eraõ D. Pedro Tenorio, Arcebiſpo de Toledo, D. Joaõ Garcia Manrique, Arcebiſpo de Santiago, D. Gonçalo Nunes de Guſmaõ, Meſtre de Calatrava, Joaõ Furtado de Mendoça, ſeu Mordomo môr, o Marquez de Vilhena, e o Conde de Niebla; mas como o Duque de Benavente, e outros Senhores mais, ou queixoſos de naõ governarem, ou emulos dos que governavaõ, ſe naõ ſatisfizeſſem com eſta diſpoſiçaõ, alteraraõ totalmente a boa harmonia, a que a hiaõ reduzindo a Rainha, e ſeus Miniſtros, para que tambem concorria a boa indole delRey, que com capacidade anticipada aos annos, cada dia

Sentimento dos Povos, e da Rainha.

Miniſtros do Deſpacho.

Sua oppoſiçaõ.

dia mostrava mayor aptidaõ para o governo; e como este com tantas inquietaçoens domesticas dentro do proprio Reyno, mal podia acodir à conquista do alheyo, cuidaraõ todos em fazer a paz com Portugal, ou ao menos huma tregoa mais firme, como em fim concluîraõ, e se póde ver no livro a que pertence, no cap. 190. num. 1083.

Tregoa com Portugal.

## CAPITULO CXCVIII.

*Como depois da tregoa com Castella, e ajustadas as differenças com o Condestavel, cuidou ElRey de Portugal outra vez no governo do Reyno, e como reformou a Casa Real.*

1100 AJustadas as tregoas de dez annos com Castella, que foraõ mais firmes, que as que se haviaõ feito por tempo de quinze, e juntamente as differenças delRey com o Condestavel, e tambem o casamento de sua filha D. Brites, com o Conde D. Affonso, filho delRey, cuidou este no estabelecimento das suas Leys, e bom regimen dos seus Reynos, para bem dos quaes se ordenou em Cortes, que naõ obstante terem cessado as armas, se conservassem sempre tres mil e duzentas lanças, distribuidas algumas dellas pelos Mestres das Ordens Militares, e pessoas de mayor graduaçaõ, que igualmente seriaõ obrigadas a ter sempre prompto certo numero de tropas, para que a todo o tempo, que fosse necessaria,

O que se ordena em Cortes em Portugal.

ſaria, ſe achaſſe diſpoſta, e prevenida a defenſa; reſolução tão acertada; como preciſa, pois com a juſta regularidade, não ſó a neutralidade, mas tambem a paz, deve ficar armada.

1101 Feitas as contas às rendas do Reyno, que refere com individuação Fernão Lopes, na ſegunda parte da ſua Chronica, cap. 203. pag. 459. e ſendo grandes as deſpezas da Caſa Real, reformou ElRey eſta, e ſe reduzirão os criados della a muito menor numero, com a proporção, e igualdade devida ao decóro da Mageſtade, e a fazer mais ſuave o gravame dos Povos; attenção, que ſempre deveo a ElRey o mayor cuidado. Reforma-ſe a Caſa del-Rey.

1102 A' Rainha tambem ſe limitou o numero de criadas, ficandolhe quatro Donas, e quatorze Damas, (tendo até alli vinte e cinco) além da Camereira môr; e a eſte reſpeito todas as outras de inferior condição. E a da Rainha.

1103 Tambem então ſe tirarão aos Infantes as mulheres, que lhes aſſiſtião, a que chamavão Covilheiras, e tinhão o exercicio, que ſe refere no cap. 118. num. 720. e ſe lhes nomearão eſcudeiros, que em ſeu lugar tiveſſem o meſmo miniſterio de os veſtir, e tratar da ſua roupa, e veſtidos. E como feita a conta aos ordenados da familia Real, e aos mais gaſtos della, com eſte abatimento, ſe podia aliviar aos Povos de alguma parte dos tributos, que pagavão, ſe lhes tirou a terça parte das cizas, e ainda com tudo iſto, ficavão livres a ElRey dez mil dobras, para gaſtos ſecretos; que aſſim ſabia regular ElRey, não ſó os que pertencião à ſua peſſoa, mas os que tocavão aos ſeus Vaſſal- Tirão-ſe as Covilheiras. Diminuem-ſe os tributos.

los, dandolhes com o ſeu exemplo occaſiaõ de reformarem as ſuas familias, e aliviando a todos na parte, que podia, das contribuiçoens impoſtas no aperto das guerras.

1104 E como pertence a eſtas a materia, que ſe ſegue, depois de tantas, e taõ varias, que tenho referido, e por ſer privativamente ſua, ſe manda eſcrever em livro ſeparado, que poderá fazer outro igual, ou mayor volume, dou fim a eſte, ſogeitando tudo o que diſſe, à irrefragavel cenſura da Igreja Catholica; como ſeu obedientiſſimo filho.

# FIM.